



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

PEDRO MARQUES DELL'ORTO

O PRESÍDIO DAS ILUSÕES REAIS

Salvador

2021

PEDRO MARQUES DELL'ORTO

O PRESÍDIO DAS ILUSÕES REAIS

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Doutor em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler

Salvador

2021

Dell'Orto, Pedro Marques.

O presídio das ilusões reais / Pedro Marques Dell'Orto. - 2021.

622 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos, Salvador, 2021.

1. Fenomenologia. 2. Percepção (Filosofia). 3. Realidade. 4. Poder (Ciências sociais). I. Thürler,
Djalma. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor
Milton Santos. III. Título.

CDD - 142.7

CDU - 165.62

PEDRO MARQUES DELL'ORTO

O PRESÍDIO DAS ILUSÕES REAIS

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor.

Salvador, 20 de maio de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Djalma Thürler – Orientador _____

Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Helder Thiago Maia _____

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Walcler Mendes Junior _____

Centro Universitário Tiradentes

Prof. Dr. Maurício Matos _____

Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Felipe Milanez _____

Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo apoio e inspiração, especialmente, Leonardo, Silvia, Julia, Caio, Eleonora e Silvânia.

Ao meu orientador, Djalma Thürler, pelo generoso compartilhamento do conhecimento e criatividade.

Ao Instituto de Pesquisas Ambientais e Humanidades (IPAH) e seus integrantes, pela história fantástica que construímos juntos.

Aos amigos que me inspiram, em especial, Leonardo Sanjuan, Marcela Reuter, Milena Palladino, Renata Baptista, Thiago Maia, Dani Romero, Nane Sampaio, Mirela Boullosa e Nelson Vilaronga.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Nesta tese, o autor utiliza um personagem ficcional para narrar as suas próprias pesquisas e experiências, que consistem numa busca para compreender o funcionamento da percepção de um corpo colonizado por dispositivos do biopoder. Para tanto, o próprio corpo do escritor é o principal laboratório de pesquisa, ao passo em que caminha por diversos campos do conhecimento que buscam ensinar os dados da existência, como a filosofia, a física clássica e quântica, a neurologia, a psiquiatria, a psicologia, a medicina, a biologia, a química, a arquitetura, a comunicação, a cultura, a espiritualidade, a arte e a magia. Diante de uma vasta literatura para explicar o que é a vida, do que é formada e como opera, é possível observar algumas concordâncias entre espécies do saber, aparentemente, distintas. Desta forma, os dados ensinados se conectam numa rede rizomática de conhecimentos ancestrais sobre a realidade em que navegamos com nossos corpos. A percepção dos sentidos, emoções e intenções, são alguns dos instrumentos utilizados para pilotar esta nau cognitiva e sensitiva. Além da pesquisa teórica, confrontamos a necessidade de aplicar a teoria na prática. A partir deste propósito, o autor realiza, em seu próprio *corpomídia-laboratório*, uma série de experimentos empíricos, como a vivência numa ilha quase deserta, sem eletricidade e sem celular; ou a iniciação xamânica conhecida como “busca da visão”, na qual, em jejum, isola-se numa antiga floresta por quatro dias. Há também o relato sobre o jejum de sexo e maconha, que antecede a experiência do *vipassana*: um retiro em que os participantes meditam 12h por dia, durante 10 dias, a partir de um método específico cunhado por Gautama Sidarta, mais conhecido como Buda. Através desta intensa jornada, configura-se uma constelação de saberes rizomáticos que guiam a busca pela reprogramação descolonizatória. Neste sentido, a tese é dividida em dois fluxos narrativos: o primeiro compõe um rizoma textual arquitetado para investigar as questões teóricas, enquanto o segundo consiste no relato dos experimentos práticos realizados no próprio corpo do autor. Apesar das homéricas implosões dos conceitos programados pelo biopoder, nesta odisseia, uma nova barreira semântica é erguida após a destruição que a precede, assim, o autor permanece refém do sistema colonizatório, contudo, segue em busca dos métodos de libertação dos corpos, que implodem as identificações dos regimes de verdade implantados no ser: o fim se torna princípio.

Palavras-chave: corpomídia-laboratório, percepção, realidade, libertação, reprogramação descolonizatória.

ABSTRACT

In this thesis, the author uses a fictional character to narrate his own research and experiences, which consist of a search to understand the perception's operation of a body colonized by biopower's dispositifs. Therefore, the writer's own body is the main research laboratory, beside the walks through various knowledge's field that seek to ensign the existence's data, such as philosophy, classical and quantum physics, neurology, psychiatry, psychology, medicine, biology, chemistry, architecture, communication, culture, spirituality, art and magic. Faced with a vast literature to explain what life is, what forms it and how it operates, it is possible to observe some agreement between apparently distinct species of knowledge. In this way, the ensigned data are connected in a rhizomatic network of ancestral knowledge about the reality in which we navigate with our bodies. The perception of the senses, emotions and intentions, are some of the instruments used to navigate this cognitive and sensitive ship. In addition to theoretical research, we confront the need to apply theory in practice. With this purpose, the author performs, in his own mediabody-laboratory, a series of empirical experiments, such as living on an almost desert island, without electricity and without a cell phone; or the shamanic initiation named as "vision quest", in which, fasting, he stayed isolated in an ancient forest for four days. There is also a report of the fasting of sex and marijuana, which precedes the experience of *vipassana*: a retreat in which participants meditate 12 hours a day, for 10 days, using a specific method coined by Gautama Sidarta, more known as Buddha. Through this intense journey, a rhizomatic knowledge constellation is set up to guide the search for decolonization reprogramming. In this sense, the thesis is divided into two narrative flows: the first composes a textual rhizome designed to investigate theoretical questions, while the second consists of the account of practical experiments performed on the author's own body. Despite the homeric implosions of the concepts programmed by biopower, in this odyssey, a new semantic barrier raises after the destruction that precedes it, thus, the author remains colonizing cistem's hostage, however, he keeps in search of the liberating bodies methods, which implode the identifications of the truth's regimes implanted in the being: the end becomes principle.

Keywords: mediabody-laboratory, perception, reality, liberation, decolonization reprogramming.

SUMÁRIO

	PRÓLOGO: O PRISIONEIRO QUE NÃO SABIA QUE ESTAVA NA PRISÃO ..	9
1	DIÁRIO DAS ILUSÕES REAIS	22
1.1	MUNDO DAS MÍDIAS	41
1.2	AUT’OBSERVADOR HOLOGRÁFICO	69
1.3	PARÓDIA DAS CORES	122
1.4	IMPÉRIO DE <i>CHRONOS</i>	161
1.5	ESPELHO DE NARCISO	194
1.6	SINFONIA DO CORPOMÍDIA	274
1.7	IMPLOÇÃO DOS MUROS DAS ILUSÕES REAIS	295
1.8	FUGA PARA O INTERIO	314
1.9	MORRO DA ÁGUA	456
1.10	<i>VIPASSANA</i>	579
1.11	REPROGRAMAÇÃO DESCOLONIZATÓRIA	603
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	611

A melhor maneira de evitar que um prisioneiro escape é se assegurar de que nunca saiba que está na prisão.

Fiódor Dostoiévski [18-?]

PRÓLOGO: O PRISIONEIRO QUE NÃO SABIA QUE ESTAVA NA PRISÃO

Num dia ensolarado e comum no pátio do presídio, em que ninguém sabe que está na prisão, um solitário prisioneiro observa inquieto os próprios pensamentos, que transcorrem numa sequência acelerada de dados analisados. Após longos períodos de diálogos retóricos consigo mesmo, em que relaciona e assimila informações complexas, ri em descrença absoluta, como se a conclusão atingida fosse ridícula. Volta a elaborar os argumentos e, após o ciclo retórico, irrita-se por chegar ao mesmo parecer da análise risível anterior. Ao chegar à conclusão contrária, chora. Parece não crer no resultado final da equação e se coloca a analisar os dados compulsivamente, num movimento perpétuo de inconclusão. Quem sabe um dia cansa de buscar a resposta ou se tornará um louco, se já não o é. Os dias passam e o prisioneiro segue com o ritual retórico. Palavras não saem de sua boca, mas é evidente que trava debates, com amplas exposições e profundos confrontos que, às vezes, deixa-o perplexo e emudecido, absorto em divagações, abruptamente interrompidas pelo fulgor de uma investigação alarmante. É um diálogo interno entre distintas perspectivas da realidade que teimam em desatar o consenso interior.

Há anos, este prisioneiro apresenta atitude estranha. Desde a infância, convive com incontroláveis crises mentais de compulsão retórica inconclusiva, mas por um longo período de vida conseguiu esconder dos demais prisioneiros sua condição. Apesar deste sintoma dificultar a obediência das ordens compulsórias para as ações diárias da servidão no presídio, o prisioneiro percebe que, para sua anomalia passar despercebida, é preciso reagir aos comandos da vida de modo servil e silencioso. E, quase sempre, consegue ser um prisioneiro passável, mais um entre vários despercebidos, mas apresenta diversos pontos biográficos de fracasso no controle do sintoma. Com o passar dos anos, as lesões neurológicas das crises retóricas inconclusivas foram agravadas pelo consumo de drogas, que utilizou para conviver em harmonia com os sintomas. Ainda tenta ser despercebido, mas já não é capaz de conter uma atitude compulsiva de reflexão inconclusiva. O problema da questão é a inconclusão. Nenhuma verdade parece ser capaz de o capturar do mundo intangível da retórica. Até as decisões mais simples, como escolher o que vestir entre fardas iguais, exige deste prisioneiro longos momentos de análise inconclusiva. A decisão sobre o ato é tomada no limite do prazo, que, por castigo, aprendeu a cumprir. Mas a questão permanece em debate após a ação, pois não concluiu a dúvida, apenas estancou o fluxo retórico com a predominância provisória da opinião vigente no momento limite. Este é o princípio para todas as coisas com que se relaciona no mundo: um constante debate inconclusivo que se sobrepõe continuamente por novas questões fulgurantes.

Algumas perguntas sem respostas, entretanto, o prisioneiro cultiva desde o início do acometimento. Dedicar-se a desvendar tais mistérios como um detetive apaixonado investiga a traição da sua amante prostituta. Nega-se a compreender as evidências e se recoloca no ciclo retórico, em que faz as mesmas coisas, mas espera resultados diferentes. E encontra. Desvios e faltas, que passaram despercebidos nas análises anteriores, modificam, na narrativa, os papéis de heróis e algozes. Contudo, a solução final nunca parece ser aceitável. Condição que reinicia o ciclo retórico inconclusivo.

Vive como se estivesse num tribunal, em que o réu é o rei. Nota-se pela atitude pomposa e soberba, digna de um ente da realeza que ostenta uma pesada coroa cravejada de diamantes, mas que, em meio à arrogância de desmerecer os que o julgam, demonstra medo, na forma de ira, diante da exposição dos argumentos e da reação do júri e da plateia. O juiz é o único que permanece sem expor os seus afetos, possui feição indecifrável durante todo o julgamento, até o veredito final, quando o foco da cena se concentra na sentença. Pode, inclusive, inocentar o réu, como, em geral, faz, mesmo com o coro popular que clama pelo suplício do rei. O triunfo do juiz, que o mantém pleno de serenidade durante o julgamento, é que, ali, tem o poder de decretar o juízo final, de decidir a moral do réu, se é bom ou mau, se está certo ou errado, se deve ser livre ou punido com a privação de liberdade, a tortura e a morte. Quando, em raros casos, a figura do rei é condenada, Vossa Majestade Real, súdito do Imperador, rebrota das cinzas da fogueira que o carbonizou, mantendo-se como peça perpétua do jogo de vozes mentais retóricas. Nos desfechos, ditados pelo juiz, predominam um tipo de solução para o problema: a inocência do rei. O que varia é a sequência narrativa, do início ao fim, a cada devir de um novo ciclo retórico inconclusivo. Às vezes é um mero detalhe que poderia passar despercebido: um ponto ou uma vírgula acrescida ou retirada; uma palavra dita de forma diferente, num contexto distinto. Contudo, por vezes, a reprodução da cena no tribunal é absurdamente dissemelhante do padrão: os papéis se invertem, os argumentos e pontos de virada são inesperados. Não é, portanto, descartada a hipótese do prisioneiro modificar o padrão, quase estável, das respostas encontradas durante os ciclos retóricos inconclusivos. Pois, parece ocorrer uma constante substituição de atores para interpretar os mesmos personagens de uma história. Pode ser observado como a evolução do pensamento do prisioneiro, que insere novas construções discursivas para interpretar o jogo do tribunal retórico, no qual o prisioneiro performa todos os personagens em si mesmo: o juiz, o júri, os advogados e o rei acusado perante a plateia do espetáculo da justiça.

Neste dia, para a surpresa do próprio prisioneiro, pela primeira vez após décadas, as partes do debate parecem entrar em acordo. Os movimentos corporais horizontais de negação

param de ser utilizados e o prisioneiro passa a concordar consigo mesmo. Repetidamente, o movimento da cabeça e do corpo é realizado na vertical. Uma última expressão de afirmação positiva demonstra que o prisioneiro chegou à conclusão final, o que o faz paralisar por um longo período. Vislumbra a imagem mental na qual corre nu e molhado, como Arquimedes, gritando sobre sua descoberta, mas prefere manter o silêncio para evitar o julgamento alheio, apesar da lancinante vontade de compartilhar sua conclusão revolucionária, se não para o mundo, para si mesmo. Observa ao seu redor. Busca, entre a multidão de corpos prisioneiros, alguém que possa entender o que quer dizer. Todos parecem suspeitos ao seu desconfiado olhar. Prefere conter as palavras para não correr riscos desnecessários. Afinal, e se errou o julgamento, não viveria ele uma verdade fraudulenta da qual deve escapar? A conclusão derradeira lhe parece mais uma teoria insustentável, que distrai a atenção, impedindo-o de contemplar a realidade tal como é. Uma mera resposta provisória sobre uma questão complexa, que será soterrada pelo tempo. Quiçá seja um problema sem sentido e sem resposta. O prisioneiro, portanto, recoloca-se no ciclo de repetições retóricas inconclusivas, com o propósito de continuar atento ao conjunto de fatores implicados na questão, para evitar um parecer imaturo que instale pré-juízos na percepção. Permanecer em ajuizamento impermanente se tornou a zona de conforto para o prisioneiro. Assim, permite-se caminhar entre diversas perspectivas sobre a realidade sem, contudo, habitá-las. São breves visitas e revisitas à múltiplos olhares, que sentenciam a vida ao seu viés. Mas, por algum motivo, desta vez, a evidência dos fatos afirma um parecer conclusivo que trava o ciclo de retóricas inconclusivas. A sentença final não deixa dúvidas sobre o caso.

Desde então, o prisioneiro que não sabia que estava na prisão rompe com o processo perpétuo de inconclusão ao abrigar uma verdade no seu conjunto de crenças. A verdade concluída está incrustada nas entranhas do prisioneiro, que já não consegue ignorar os efeitos desta crença na percepção da realidade. Demora para amenizar os fortes sintomas de náusea e indisposição que sente ao ressentir a sentença final. Por que teria que conviver com esta verdade? Por que não pode simplesmente a descartar, como se faz com um resíduo material, como costumava, ele mesmo, agir com as demais conclusões? No lugar de a excretar, esta verdade passa a preencher o corpo do prisioneiro, que está impossibilitado de alegar ignorância sobre o fato para si mesmo.

Apenas uma verdade, instalada como absoluta, foi o suficiente para desarticular a compulsão do ciclo retórico inconclusivo. Mais do que um número, a quebra está relacionada ao tipo de verdade desvelada, que impregnou o prisioneiro de razão. Esta nova formatação não o torna mais ágil e perspicaz. Como citado, ocorrem sequelas que retardam o processo de

tomada de decisão, mas progressivamente, enxurradas de certezas começaram a brotar no seu ser.

O prisioneiro se sente confuso com a repentina assimilação ocorrida no seu organismo perceptivo, pois um indivíduo que, por anos, conviveu com a condição de inconclusão perpétua e, num instante, passa a abrigar absoluta certeza, é como um cego quando enxerga pela primeira vez a paisagem que sempre esteve presente, mas nunca visível. Agora o prisioneiro acessa o mundo por meio de uma, até então, desconhecida biotecnologia: a verdade. Já escutou rumores sobre o assunto, pois é uma palavra recorrente nas conversas corriqueiras, mas imaginava algo absolutamente distinto. Percebe a incipiente experiência se alojar em seu corpo de modo voraz. O prisioneiro reflete que esta deve ser a forma como a maioria das pessoas percebe a realidade. Choca-se com a diferença profunda em possuir um regime de verdade atuando em seu corpo, ao invés de pensamentos retóricos inconclusivos. Apesar de exposto aos sentidos e à cognição, parece-lhe irreconhecível um mundo construído com base em certezas. Por isso, aos poucos, nota: carecia de compartilhar a realidade com os outros. A cura do prisioneiro o resgatou do abismo perceptivo que o retirava das estruturas de saber construídas coletivamente, ao passo que silenciou a secreta alegria da constante dúvida cultivada em seu ser. Já não pode mais rir de uma sentença que lhe causa náusea, por ser a pura verdade.

...

A cotidianidade se torna ensurdecadora, cada gesto individual e coletivo exhibe a confirmação da tese, que não abandona os pensamentos do prisioneiro. Apesar de parecer absurdo, deseja a ignorância diante da necessidade de conter uma descoberta que não pode ser compartilhada com o mundo. Mesmo os ciclos retóricos inconclusivos eram momentos mais felizes do que a atual condição. Fingia estar como sempre esteve, mas era notável a diferença em seu comportamento e fisionomia. Estava em meio à vários prisioneiros que não sabiam que estavam na prisão, mas se sentia numa solitária. Em quem poderia confiar para compartilhar essa questão? Entre tantas verdades, deve haver uma resposta. Mas, por enquanto, não. Percebe que mesmo a conclusão negativa é uma verdade instalada como positiva: quando pensa que não há pessoas confiáveis para escutar o que tem a dizer, afirma a insegurança no outro. Nem mesmo seus familiares soam como opção, pois não compreende, sequer, se a enunciação oral da descoberta é segura. Ou mesmo, se há riscos por pensar sobre tal verdade.

Apesar do caráter provisional dos pensamentos esmorecer, a atitude reflexiva lhe causa permanente sintoma de questionamento e dúvida. Se agora é capaz de assimilar verdades, a subsequência do ato conclusivo revela a incipiência de uma nova questão. É que a morte da pergunta, por meio da resposta, ocasiona o nascimento de uma questão hereditária, que clama por retomar os esforços retóricos para desvendar os mistérios que incuba. Deixou de ser refém da inconclusão perpétua para se afogar nas infundáveis perguntas e respostas que cruzam o espaço-tempo cravadas na carne.

Assim, vale ressaltar que ocorrem variações do regime de verdade implantado no corpo do prisioneiro, entretanto, a biomecânica da verdade captura um discurso-performance e o estoca como permanente. A retirada de uma verdade para a introdução de outra consiste numa complexa cirurgia mental, distinta da lobotomia, mas não menos dolorosa ou sequelante. A literatura científica relata efeitos positivos, equânimes e negativos, após lesões ou intervenções cirúrgicas no cérebro: do óbito ao renascimento, uma grave mudança de personalidade pode ocorrer. Ou não. Diversas variáveis são relatadas. O mesmo ocorre em procedimentos de amputação ou transplante mental de verdades. São processos decisivos, mas que apresentam resultados inconstantes em relação à modificação pós-cirúrgica sobre a personalidade. Pois, em diversas escalas e combinações subjetivas, a incisão de uma verdade pode ser benéfica, maléfica ou, inclusive, inexpressiva, sem qualquer alteração das qualidades e características do humor, comportamento, percepção e atitude.

O prisioneiro começa a entender como a verdade age no corpo. Ainda está no início do processo, então, não vivenciou ou percebeu todas as formas e detalhes desta estrutura biopolítica. Desconhece, por exemplo, a mudança de regime de verdade, anteriormente citada. Por este motivo, responde a qualquer desafiante de suas verdades com a fúria de um monstro que reage a dor causada por predadores que ameaçam arrancar partes carnis. Já observou em diversos companheiros de cárcere tais atitudes violentas, bem como a de mudanças repentinas na personificação da atitude e discurso. Apesar do acometimento do fluxo de inconclusão perpétua, o prisioneiro sempre foi capaz de organizar conjuntos categóricos para agir em relação ao mundo. Desta forma, obtinha a noção do que era certo ou errado, verde ou azul, círculo ou quadrado, entretanto, tanto subsumir, como os próprios elementos dos conjuntos, eram provisórios e estabelecidos mediante as ditas verdades externas, acolhidas e debatidas interiormente.

Visitou os ditos e escritos da ética e da moral. Decorou rigorosamente o que se prega como certo e errado, verdadeiro e falso, para, mesmo sem concordar, agir conforme prescrito, enquanto considerou que assim deveria atuar, pois no fluxo retórico inconclusivo, a variação

das soluções resulta em pensamentos e atitudes assimétricas durante o acometimento. A cada instante, uma distinta decisão provisória sobre obedecer ou romper a prescrição moral e ética estava pautada nos fluxos retóricos. A instabilidade e impermanência do regime de verdade causam efeitos sociais adversos, mas nem mesmo a dor ou o prazer lhe são verdades absolutas. Assim, conhecia algo sobre os paradoxos da verdade, pois lhe era oferecido ampla observação exterior do fenômeno, nunca, entretanto, amostras empíricas advindas do seu próprio corpo. Talvez, por este motivo, apresente vantagem para compreender os mecanismos deste dispositivo de poder, já que, nunca antes, havia conhecido o próprio senso de verdade. Neste caso, a atuação do biodispositivo de poder da verdade desvia da gradual implantação sistêmica¹ normativa, que naturaliza o processo crônico de calcificação dos regimes de verdades. No lugar, o prisioneiro experimenta, a cada dia, devastadores vereditos, que enrijecem sua consciência. Sem qualquer esforço da razão para as contrapor, adota verdades nunca antes pautadas pela consciência, provindas do inconsciente individual e coletivo.

Após a cura da inconclusão perpétua, o prisioneiro não lida com novas informações sobre o mundo no seu repertório, mas uma reprogramação neurológica e sensorial sobre o modo de olhar para o mundo, que transforma os meios de categorizar a realidade e de agir em relação ao que está posto. Antes tinha dificuldade para aplicar o texto lido à prática. Agora sente ter absoluta razão sobre os fatos e atos, esmorecidos do caráter provisional.

Por ser novidade conviver com o verdadeiro, o prisioneiro age como uma criança que inicia a experiência no mundo. A todo momento realiza novas assimilações sobre os fatos percebido. Se crê em algo, não consegue conter os impulsos automatizados do tribunal da verdade instalado em seu corpo. Na normalidade conclusiva, os prisioneiros são disciplinados a controlar a expressão da verdade. Como não passou por tal aprendizagem a longo prazo, deve lidar com os prejuízos sociais da mudança repentina.

Os dias passam e o quadro agrava. A inconclusão perpétua é um transtorno mental ainda não documentado pela medicina. A expressão da doença pode parecer com o autismo, ou a bipolaridade, ou a esquizofrenia, ou mesmo o transtorno de múltiplas personalidades, e, por séculos, assim se trata os portadores da síndrome. Entretanto, a observação atenta dos sintomas (delírios, alucinações, variação de humor e comportamento, isolamento social) demonstra indícios da condição particular deste acometimento.

...

¹ O “c”, no lugar do “s”, é uma corruptela de “sistêmica”, “com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante.” (VERGUEIRO, 2015, p. 225).

Temente à reação alheia, o prisioneiro curado da inconclusão perpétua crê na impossibilidade de compartilhar suas recentes verdades colhidas. Porém, a ingestão de crenças causa um refluxo verborrágico que o faz excretar jatos de fé. Para amenizar tal incontinência semântica, passa a despejar as excreções num diário. Assim, percebe um método de reter suas excreções apalavradas num local privado, onde o único a acessar os dejetos simbólicos é o próprio ser excretor. Anos se passam e o prisioneiro curado da inconclusão perpétua se torna um discreto coletor de teorias e práticas, uma espécie de espião, que se disfarça entre as multidões para descobrir a verdade sobre a sua própria natureza. Desde então, carrega seu diário como o mais precioso dos objetos que possui: ali registra as memórias dos saberes que investigou, muitas das quais revisita constantemente para lembrar o que apreendeu. Por vezes se impressiona como se a (in)formação fosse novidade, até que, progressivamente, familiariza-se, habitua-se e consegue repetir e refletir sobre a afirmação, sem a necessidade de consultar os escritos. O diário cumpre a tripla função temporal de absorver as (in)formações atuais, visitar o passado e prospectar o futuro. Antes da cura, advinda do enraizamento de uma certeza, era incapaz de compor um diário: nas raras ocasiões que tentou realizar esta tarefa, passou horas escrevendo e apagando as frases, sem que, ao fim do dia, alcançasse sequer uma única sentença escrita nas páginas. A reprogramação do seu sistema de crenças, que abandona a inconclusão perpétua, para adotar o regime de verdade, colapsou a realidade do prisioneiro. Ser capaz de escrever um diário é, talvez, o mais importante ponto de virada em sua história.

As constantes anotações são realizadas em solitude, quando consegue relaxar e excretar o que pensa sem a preocupação de ser observado e julgado. Ao longo do dia, enquanto realiza atividades coletivas, busca memorizar os lampejos de ideias para transcrever num momento oportuno, além de prospectar os mistérios obscuros em que deseja mergulhar. Para ocultar sua investigação particular, o prisioneiro percebe que precisa se exibir de modo normativo. Assim, supõe, menos suspeitas poderiam ser lançadas sobre sua suposta excentricidade. Às vezes, porém, por vastas horas, desaparece entre os arbustos para poder excretar as verdades digeridas em seu diário de investigações. Em geral, os demais prisioneiros estão ocupados com seus próprios problemas individuais; esconder-se, portanto, deveria ser um ato fácil de realizar, mas, além das longas ausências, carregar, a todo instante, um diário no bolso, protegido como uma joia preciosa, desperta o olhar dos curiosos.

...

O prisioneiro curado da inconclusão perpétua vaga moribundo pelo presídio, atordoado por verdades incipientes, que lhe fazem perceber a quantidade de verdades que faltam aparecer. Sente-se incapaz de acolher o fluxo de conclusões que brota no seu ser a todo instante. Meras discordâncias lhe causam furiosas reações retóricas conclusivas, sentenciadas e punitivas. Viver no fluxo inconclusivo o tornava capaz de ouvir ofensas, sem reagir com violência, mas, no lugar, com o entusiasmo da inocente curiosidade de um perpétuo ignorante de si mesmo. Antes assimilava a coleta de divergentes dados como fator de enriquecimento epistemológico do processo inconclusivo perene. Porém, ao pisar na lama da verdade, afundou o corpo em certezas estagnantes. Cada passo em direção a uma nova perspectiva se tornou um árduo esforço para mover o corpo que imerge em verdades movediças. Dadas as dificuldades para observar o ponto de vista dos outros trilheiros, passa a reagir com impulsiva violência aos que divergem dos seus passos e lhe convidam a mudar o caminho.

Uma intervenção fortuita, contudo, desvia o prisioneiro do prumo. Um sujeito, portador da fisionomia e performance mais comum que, até então, conheceu, caminha na mesma estrada, com aparente objetivo a cumprir. Focado na missão, ele cumprimenta gentilmente o prisioneiro curado da inconclusão perpétua e passa veloz à frente. O vento sopra a fragrância ordinária exalada por um homem comum: aquele ser é a autêntica expressão deste arquétipo, em todos os sentidos. “Como homem comum, ele é alguém envolvido num sonho maravilhoso, enxergando o mundo apenas através de uma névoa.”² A densidade lúgubre da lama da verdade pouco o afeta, pois é capaz de caminhar sobre a superfície sem se ocupar das profundezas. A felicidade, garantida pela ignorância, está em não afogar o corpo nas entranhas cadavéricas das verdades desconhecidas. Detém um raso saber que lhe serve de chão para caminhar na vida. Não há contestações capazes de o motivar a escavar o solo da verdade arqueologicamente, mas tropeços e atolamentos lhe conduzem a reinstalar os bloqueios asfálticos, que impermeabilizam a superfície. Calça os pés e assim constrói uma zona de conforto pré-determinada, para caminhar sem tocar na lama da verdade. Quando tormentas e intemperes, por ventura, destroem tais estruturas, o homem comum não hesita em recolocar sólidas camadas provisórias para tapar os pontos de ruptura. Sabe que no próximo inverno, outra vez, a arquitetura ruirá, mas persegue a esperança de que a repetição do método resulte no oposto.

Convém ao prisioneiro curado da inconclusão perpétua, o reconhecimento desta última identificação: esperar respostas diferentes para a mesma ação. A distinção consiste em que um deles ativa tal paradoxo no mundo epistemológico, o outro, no mundo sensível. Um deles

² JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – 1976. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 240.

desativou o biomecanismo da retórica inconclusiva através da introjeção de uma verdade. O outro utiliza verdades perecíveis, fabricadas para cobrir provisoriamente a realidade. A identificação com o prisioneiro mais comum que já contemplou, carregou-lhe de simpatia por outro. Pôde compreender os impulsos que resultam na ação de ser o que é: está além do espectro consciente e individual. O inconsciente coletivo desperta a expressão nômala³ do homem comum, bem como a brutalidade, a crueldade, a insensatez e a bobeira no louco.

Para escapar do mundo lúgubre, libidinoso e transeunte, o homem comum constrói sua arquitetura iluminada, higiênica e sedentária. Ali se sente intocável, sem crer que o infortúnio de se lamear com verdades putrefatas é um triunfo possível. O prisioneiro curado da inconclusão perpétua sente vontade de atirar bolas de lama no corpo do homem comum. Deseja cobrir aquele ser ordinário com toneladas de verdades, livrando a cabeça, para que siga a respirar. Enquanto elucubra sobre tal atitude bestial, seu corpo age por si: modela uma discreta esfera de lama, que massageia as mãos enquanto imagina a cena, e, por um impulso desejanste descontrolado, arremessa a massa de verdades putrefatas, que cruza o ar e atinge o concreto, próximo ao homem comum, mas o suficiente para apenas respingar em sua bota. A interferência incomoda, fazendo-o caminhar para olhar de perto a lama viscosa impregnada no chão. É incapaz de notar a beleza da pintura de cor terrosa, em forma de *splash*, pois reflete restritamente sobre os germes daquela contaminação. Ao realizar os primeiros movimentos de remoção da lama inoportuna, um projétil, desta vez, maior, atinge a face do homem comum. Os tais germes da lama da verdade entram por sua boca, nariz, olhos e ouvidos, agora incrustados de barro.

Quem é o autor desta façanha? Questiona-se o homem comum. Deve ser um louco para atirar bolas de lama perdidas ao ar, conclui em seguida. O prisioneiro curado da inconclusão perpétua esculpe um novo projétil de verdade e o lança em direção ao homem comum, sem conter a estrondosa gargalhada de prazer, ao cumprir o comando inconsciente do instinto libidinoso do *id*. Por sua vez, sabe o *ego* que desobedece ao pacto servil com o *superego*, mas esta suave dissidência resulta numa culpa inócua. Devido à sonora risada, desta vez, o homem comum flagra o arremesso no ato e consegue evitar o choque da lama direto com o corpo. Logo confronta o atirador de verdades: o que te fiz para me agredir desta forma?

O prisioneiro curado da inconclusão perpétua não sabe responder. Apenas, apetece lançar esferas de lama em direção ao homem comum, como um tiro ao alvo móvel. A lama escorregadia e pegajosa faz o homem comum deslizar e cair no duro chão asfáltico diversas

³ Neologismo criado para expressar o antônimo de “anômala”.

vezes, durante os saltos e corridas que realizava com o intuito de driblar a chuva de densas bolas de lama que, em sua zona de conforto, era despejada. Após inundar o homem comum com a cadavérica lama da verdade, sente a adrenalina de um vencedor olímpico, ajoelhado na fossa que cavou com as próprias mãos. Atônito, o homem comum respira aliviado ao observar o esgotamento físico do lançador, que desmaia no local.

...

Num sobressalto, o prisioneiro desmaiado desperta com um balde d'água fria despejado em sua face. Abre os olhos ainda inebriado e confuso, porém desperto como por meio de uma injeção de adrenalina no coração. Avista o corpo higienizado do homem comum, que segura o balde, enfurecido. As palavras soam incompreensíveis para o prisioneiro, que se esforça para entender o que o homem comum diz. Pisca os olhos para ver melhor. A definição sonora ganha foco como numa imagem míope. Finalmente, entende: quem é você? Repete o homem comum, em meio aos disparos de ofensas pessoais.

O prisioneiro escorrega duas vezes, antes de conseguir sentar na poça de lama. Apesar da cena conflitante, sente uma inabalável tranquilidade, como quem se livrou de um grande fardo. Por isso, enlameado, sorri para o homem comum com erótica simpatia.

Uma patrulha que ronda o local se aproxima. Antes de agir, o prisioneiro já sabia que escavar a lama da verdade causaria perturbação da ordem vigente e, por isso, a provável detenção ou o exílio na nau dos loucos. Observadores devem ter chamado a vigília, pois viram o buraco e a sujeira espalhada, provavelmente a lama da verdade atingiu os vizinhos do homem normal, que devem ser tão normais ou mais normais do que o ser a sua frente. O prisioneiro sabe os perigos que corre, caso a patrulha acesse seus escritos no diário, por este motivo, resta-lhe apenas confiar neste estranho normal que o escuta. Ciente de que a vigília está ali por sua razão, apressa a ação para não ser notado pelos agentes: retira o imenso diário de suas vestes enlameadas e o entrega delicadamente ao homem normal, que se espanta com a presença de um objeto tão grande oculto dentro do uniforme do prisioneiro durante todo o episódio. Numa expressão de suplício, o prisioneiro sussurra:

- Neste diário, talvez encontre a resposta para sua pergunta, mas não leia. Cuide bem dele até o dia que eu possa voltar para o buscar.

O asco do homem comum ao tocar a lama da verdade, incrustada na capa e na borda das páginas, rapidamente se transforma numa reação veloz para esconder o diário daquele insano ser enlameado, que respira aliviado ao perceber que seu tesouro não será capturado pela

vigília. Os agentes agarram o prisioneiro pelos braços, que gargalha de felicidade, parte motivada pelo alívio de conquistar a segurança daquelas memórias: nas mãos do arquétipo mais comum que já cruzou no presídio, a vigília seria incapaz de suspeitar sobre a existência de tais escritos. A outra parte da diversão está para acontecer: a lama da verdade é viscosa e escorregadia, causa aversão nos guardas, uma repulsa que torna reticente o toque das mãos para captura. Dado tais fatores, o prisioneiro consegue se soltar diversas vezes das garras da vigília, ri e ridiculariza a ação dos vigilantes, que escorregam na lama e caem; enquanto o prisioneiro ensandecido grita e arremessa toletes de lama da verdade, corre depressa, desviando-se da captura repetidas vezes. Por alguns minutos, o espetáculo transcorre agitado e resulta na reunião de diversos olhares curiosos, porém, num breve instante, o prisioneiro é golpeado na cabeça, o que resulta no desmaio imediato. A ordem no local é imediatamente reestabelecida, a multidão se dispersa e cada um segue seu rumo sem se importar com o fim do prisioneiro. A maioria sente alívio após a captura. Mais tarde, terão uma emocionante história para narrar: a heroica cena da vitória dos capatazes do império sobre um louco perigoso. O corpo esfacelado do prisioneiro é agarrado por dois vigilantes, que o carregam como um saco de batatas e o arremessam no fundo do camburão. O homem comum, que agora é o guardião do diário, é o único que questiona a si mesmo se o autor sobreviveu ou sobreviverá após a captura.

...

O homem comum está trancado em sua casa, sozinho, com todas as cortinas fechadas. Há horas olha para o diário colocado sobre uma mesa na sala, como uma Bíblia disposta sobre um altar, ou como uma televisão exposta em pose totêmica. Fez um bom trabalho de limpeza, já passou pano para retirar o excesso de lama, mas ainda restam manchas de terra nas bordas de todas as páginas. O conteúdo, contudo, está intacto. Assiste ao objeto fechado sem coragem de iniciar a leitura. Está com medo do que encontrará: é possível que o autor tenha perdido a sanidade a partir de tais escritos. O homem comum não percebe que, ao contrário do que pensa, o diário representa a expressão da cura da inconclusão perpétua daquele insano enlameado, agora capturado pela vigília.

Algum tempo é necessário até que o homem comum se atire como uma bala em direção aos escritos. Neste momento, sequer pensou que invadiria os privados dejetos simbólicos de uma pessoa. Talvez, por a considerar insana. Na ética do homem normal, o louco é uma entidade sem respeito, portanto, supostamente, nenhuma ação é capaz de ferir a sua existência, nem mesmo acessar as mais profundas verdades expelidas num diário, sem que o autor consinta. Se,

por um lado, o louco confiou naquele homem normal para proteger o seu tesouro mais precioso, por outro, a própria existência do louco desrespeita o homem normal. Assim, é preciso saber o conteúdo que guarda ou destruir as evidências do contato com um indivíduo dissidente. Não restam dúvidas sobre a permissão para ler o diário, afinal, ninguém saberá que leu, nem mesmo o autor. O que o impede de mergulhar nas memórias do louco é o medo do espelho de Narciso quebrar. Está o homem normal disposto a se transfigurar, a abandonar a zona de conforto de ser o que se é? A curiosidade, porém, inflama a atenção do homem normal, que obedece, sob fundada razão, às ações automatizadas do corpo, expressas com a intenção de desvendar o conteúdo dos escritos. Uma vez iniciada a leitura, embriaga-se nas palavras do diário compulsivamente.

Constrói-se a percepção com estados de consciência, assim como se constrói uma casa com pedras, e se imagina uma química mental que faça esses materiais se fundirem em um todo compacto.

Merleau-ponty (1945/1999, p. 46)

1 DIÁRIO DAS ILUSÕES REAIS

Tardei a perceber que sou cárcere de um complexo sistema opressor, arquitetado por mentes sociopatas. O processo de descoberta apresentou os primeiros sinais na infância, mas sem observação conclusiva até dias atrás. Desde então, vivo em plena atenção a minha condição de cárcere, na utópica esperança de escapar, por meio da fuga ou destruição dos muros do presídio, que nos priva de liberdade. Por anos, vivi anestesiado, sem encarar o fato de ser prisioneiro. Enquanto desconsidere a condição de cárcere, os dispositivos biopolíticos de colonização dos corpos atuaram sem que eu os percebesse agindo sobre minha subjetividade. Fui criado numa ala do planeta, onde a estrutura carcerária está explícita, onde os incômodos e absurdos são parte da cotidianidade. Entretanto, por vezes, a percepção do observador naturaliza e invisibiliza os mecanismos e os efeitos do controle e opressão imperialista. Por um lado, é insensato negar uma evidência após experiência empírica, por outro, trata-se de uma distorção da percepção para transformar este modo de existência numa série de acontecimentos ordinários. Sobretudo, quando se vive em Salvador, uma cidade construída com base em chacinas e chicotadas, como tantas outras. Após mais de quatro séculos institucionalizados, os papéis de servidor e servido disfarçaram as aparências da colonização imperial portuguesa. Os novos imperadores fabricaram máscaras e implantes grotescos, mas que persuadem a percepção humana sobre a realidade.

Vir de lugares que são berços da exploração da natureza explícita os sintomas colonizatórios dos governos capitalistas, porém a convivência cotidiana com tais sintomas dissimula a noção do prisioneiro que não percebe que está preso. Muitos que nesta cidade habitaram, contudo, notam a condição de cárcere em que estamos mergulhados; porém, quando ocorrem motins, devido a insustentável opressão, as insurreições são silenciadas pelo império com um banho de sangue. Aos herdeiros genéticos que descendem de tais agonias algozes, aprender a conviver com as biotecnologias de colonização é um meio de sobrevivência, que, por sua vez, é a principal busca do ser vivo no campo da natureza evolutiva.

Uma das estratégias do sistema para manter o prisioneiro anestesiado sobre sua condição de cárcere é o implante do regime de verdade de que a colonização é um aspecto natural da vida, ou a melhor possibilidade, ou mesmo a única, quando não é divina. Portanto, ser anticistema requisita a coragem, a criatividade, o senso crítico e a autoestima do prisioneiro para contrariar tais implantes anestésicos sobre a realidade de opressão cotidiana. Os privilégios ou a mera ilusão da possibilidade de acesso aos privilégios maquia o horror das barbáries imperialistas, para parecer “normal”. Por isso, antes de buscar a libertação do sistema

colonizatório, é preciso compreender que, seja qual for o privilégio que o prisioneiro obtém em vida, se não é imperador, é escravo, que, inclusive, pode operar como o carrasco dos seus semelhantes.

A história começa ao notar o fato de que existe um sistema global organizado e concentrado ditando os modos de vida e de percepção sobre a realidade. A programação cultural nos leva a, voluntariamente, escravizarmo-nos e nos aprisionarmos em celas com arquitetura fortificada para gerar a sensação de segurança ao dificultar o acesso das pessoas. “As grades do condomínio são para trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nessa prisão.”⁴ Eis a questão! Todos os dias, levanta sem ver o nascer do sol, trabalha até o sol se pôr e aguarda a folga do fim de semana. A depender do privilégio, férias e licença prêmio. Sempre na corrida das dívidas e juros, sejam pessoais ou estatais. Ao receber minha numeração de registro de nascimento ou certificado de pessoa física, vinculo-me a um centro que devo bancar com meu tempo de vida, em troca de cuidados paternos que não chegam a todos os filhos da nação. Mas, a cobrança alcança a todos, com privilégio de isenção ou perdão aos mais ricos, que cobram e não pagam. A justiça não é justa. O roubo é legal. A maconha, ilegal. Diante de tamanha falta de sentido, buscar um modo de vida fora da teia do Estado e do sistema financeiro é uma utopia que aparenta a ilusão. Contudo, permanecer atado motiva a ação de tentar derrubar o muro da prisão. Os tijolos não são físicos, mas bloqueiam a passagem. Como atravessar um obstáculo não-físico no mundo físico? Somos os blocos do muro?⁵

O muro das ilusões reais é avistado por muitos. Alguns permanecem inanes diante do bloqueio, outros lutam com os punhos ou se organizam em grupos e buscam soluções conjuntas, conectados por um propósito comum, mas cada ego com suas razões lógicas e verdades pessoais. Há quem crie complexas tecnologias, há quem ore ou medite em busca do vazio. Alguns dizem que já espionaram o outro lado do muro, eu não sei dizer. Às vezes, desconfio das minhas experiências, devido às afirmações científicas que rondam minhas memórias. Por outro lado, acolho desconfiado as experiências narradas por outros seres bloqueados, como eu, nesta fronteira de transição multidimensional. Os legados milenares dos prisioneiros pioneiros inspiram a ação em direção à utopia de atravessar o muro das ilusões reais, onde os *blocos de sensações*⁶ imperam. Há muito mistério na composição do muro e por

⁴ YUKA, Marcelo. Minha alma (a paz que eu não quero sentir). In: **Álbum Lado B, lado A** – Banda O Rappa. Rio de Janeiro: Warner Music, 1999. Música (5 min e 2 seg).

⁵ WATERS, Roger. Another brick in the wall. In: **The wall** - Pink Floyd. Estados Unidos, Inglaterra: Harvest Records, Columbia Records/Capitol Records, 1979. Música (8 min e 24 seg), tradução nossa.

⁶ GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

trás dele. Há consciência e inconsciência em sua arquitetura panóptica. Materialidade e o imaterial são qualidades distintas aqui?

O muro das ilusões reais aparenta a onipresença e a onisciência, mas nunca a onipotência, pois precisa persuadir a percepção do corpo senciente para existir através da realização da potência de vir a ser experiência. Ou seja, o corpomídia transforma a reserva potencial do *mundo das ideias* em experiência cognitiva e sensitiva. Quiçá, se houvessem os cientistas quânticos na Grécia platônica, a teoria do mundo das ideias assimilaria o *campo mórfico* em sua explicação. Todas as probabilidades do que é possível experienciar estão em latente potência de acontecer, só lhes falta existência. Apesar de ser uma afirmação óbvia, é comum descartarmos grande parte do espectro de combinações de probabilidades possíveis devido às crenças limitantes, que afirmam a impossibilidade de realização do ato. Portanto, se a experiência cognitiva e sensitiva é uma ilusão percebida como realidade, cabe-nos lidar com o poder da (auto)criação imaginária. Virtual e real não são conceitos opostos, disse Pierre Levy⁷, através dos ensinamentos da filosofia escolástica. A subjetividade atualiza a virtualidade da realidade. A realidade é virtual. Virtual é a potência do devir da reprodução modificada, presente no computador digital ou na semente da árvore.

A leitura de textos é a principal fonte para coletar dados sobre a arquitetura carcerária em que habitamos na condição de prisioneiros. Sobretudo, quando observadores-prisioneiros-pioneiros reiteram a tese do encarceramento imperialista. Tal afirmação é compreendida, pela maioria dos prisioneiros, como blasfêmia ou estupidez: a insensibilização é um instrumento fundamental para dissimular a realidade em que estamos inseridos, junto ao controle do regime de verdade, que ridiculariza a noção de aprisionamento para a servidão moderna dócil e voluntária.

Há inúmeras gerações, nascemos e morremos dentro do presídio. O acasalamento parental, a reprodução e o parto dos prisioneiros ocorrem no cárcere, desde os princípios remotos da humanidade. O tempo apagou a história e naturalizou a vida na prisão, transformou a arquitetura do presídio no espetáculo necessário para o acontecimento do agora. Por este motivo, muitos consideram improvável a tese de ser prisioneiro, mesmo quando se é desde o nascimento. A descrença numa narrativa é motivada pela crença plena em outro regime de verdade. Se creio que sou livre, não creio estar encarcerado. Se creio estar preso, não creio ser livre. Independente da razão do encarcerado sobre sua condição, o fato de estar em cárcere permanece. Do nascimento à morte, os corpos encarcerados transmitem suas heranças

⁷ LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34 Ltda, 1996.

genéticas aos prisioneiros descendentes modificados. Tais memórias genéticas, transmitidas organicamente, apreendem, mutam e ativam ou silenciam determinados aspectos potenciais da expressão genética dos descendentes, a depender das experiências obtidas pelos ancestrais.

O prisioneiro acredita ser livre, quando as correntes que o aprisionam, passam despercebidas. A sensação de plena liberdade é experimentada pelo tolo e por muitos dissidentes, que rompem algumas correntes, mas são incapazes de perceber as demais, enquanto se vangloria do seu nobre caminho de libertação. Esta falsa impressão da realidade é uma espécie de defesa do prisioneiro, que se permite celebrar a fraudulenta liberdade, no lugar de remoer a real condição de cárcere.

Mas como pode, na realidade, pessoas trabalharem para aprisionar a humanidade? Como posso Eu ser prisioneiro, se, supostamente, sou livre para atuar como queira? Posso entrar e sair de casa, passear nas ruas, escolher o trabalho, comprar, viajar, comer, beber e dormir na hora que Eu quiser.

Não estamos encarcerados num presídio para quem comete delitos, como é de costume associar a ideia de cárcere: trata-se do inverso, somos prisioneiros jurídicos e psiquiátricos de imperadores pervertidos da norma. Devido à perversidade da ação conspiratória, a aceitação da afirmativa é conturbada e constantemente posta em dúvida, mas, desde um recente lapso mental, padece conclusiva.

Se com honestidade observarmos, o cotidiano da população colonizada é oposto à saciedade do querer: as respostas aos desejos são censuras, impostas por restrições ao acesso econômico e sociocultural, ou por meio de violenta repressão física e psicológica. Neste jogo entre o querer e o poder, os imperadores encontram uma forma de adestrar os prisioneiros para a servidão dócil. O que somos capazes de fazer pela satisfação? Os desejos são os dispositivos do biopoder que movimentam os corpos na busca por condições de sobrevivência e prazer. A partir do impulso desejante, estímulos neuroquímicos são lançados no corpo para a realização do ato. Assim, os corpos agem para cumprir o objetivo de saciar a avidez de ter, sentir ou ser.

Apesar do reconhecimento de uma arquitetura do biopoder sistematizada para o controle e o condicionamento dos desejos por meio de uma estrutura de estímulo-reflexo, a padronização técnica dos desejos é um método que falha, pois se trata de uma programação complexa e menos controlável do que a pretensão colonizatória gostaria. A ausência de resultados totais pode ser atribuída ao fato de que a implantação sistêmica para a docilização dos corpos é realizada em sistemas orgânicos dinâmicos e heterárquicos, portanto, instáveis e insubordinados. Desta forma, a expressão dos desejos é palco de perenes subversões, o que demonstra que o corpo colonizado não é um instrumento passivo na relação com as

informações que colhe no mundo. Além disso, é notável que em condições distintas, seja no laboratório dos ratos ou na sociedade humana, as respostas aos mesmos estímulos poderiam ser outras. Desta forma, a colonização dos desejos se trata de um complexo jogo do biopoder que envolve os dispositivos orgânicos, as culturas e os meios socioambientais em que vivenciam os corpos a serem disciplinados. Aqui as fronteiras entre o natural e o artificial se dissolvem: por um lado, a própria noção de natureza é um artifício da razão humana, por outro, todas as produções humanas são expressões da natureza, uma vez que o ser humano é parte da natureza. Nesta reflexão difusa entre o natural e o naturado, os desejos se formam de modo contingencial, ou seja, podem ocorrer, mas não necessariamente.

Mesmo diante da complexidade, relatividade, descontrole, imprevisibilidade e incertezas em relação à colonização dos fluxos desejantes, a eficácia dos métodos de implantação dos desejos é obtida através da probabilidade. Desta forma, o império alcança uma ampla absorção social das ideologias colonizatórias por meio de discursos embutidos nos objetos de desejo a serem cultuados.

Após a vitória dos EUA na segunda guerra mundial, o dinheiro se tornou um importante objeto de desejo comum, pois está associado ao acesso a qualquer serviço ou bem de consumo desejado. O impulso neuroquímico monetário gera uma busca focada na satisfação sensual da obtenção da substância, seja material ou imaterial. O dinheiro é uma droga virtual, que implica em impulsos bioquímicos reagentes ao fator escassez e abundância de uma substância psicoativa imaterial. Como a cenoura na frente do rato que corre numa roda giratória, sem sucesso para abocanhar a isca holográfica, os humanos, em rebanhos, correm impulsionados pelo desejo de enriquecer financeiramente, para obter o desfrute das sensações de prazer providas pelo dinheiro, pois na perspectiva capitalista, o crescimento da riqueza material é a fonte da paz e felicidade. Tal distorção ideológica hegemônica prejudica a vida no planeta.

Atravessar as fronteiras entre as hierarquias socioeconômicas do presídio exige talentos impressionantes ou falta de escrúpulos legais, enquanto o topo é inatingível, pois há de herdar a posição ou seduzir ao matrimônio um ente da realeza. Contudo, os postos políticos são a fachada do imperador, que se esconde numa máscara de camadas representativas. O imperador pode ser dito no singular? Não temos acesso direto à esta parte da pirâmide do poder, mas sabemos que são grupos de famílias que detém a maioria dos bancos e indústrias. Na realidade presente, este conjunto de pessoas tem o poder de decisão sobre a vida e a morte dos colonizados. Isolados em castelos fortificados, o grupo impera na Terra, expandindo suas áreas de dominação e seus exércitos de dominados. O Estado, através da (suposta) detenção do monopólio da força física, serve como instrumento de mobilização da sociedade em torno do

objetivo determinado por este grupo restrito de poderosos do império. Numa perspectiva ideológica da servidão, a religião é institucionalizada como meio de implantar os programas culturais nos corpos colonizados. Tais dispositivos do biopoder imperialista são os tribunais da norma colonizatória, que julgam a adequação da subjetividade individual do prisioneiro, por meio de leis perversas e punitivas. Apesar das cruéis penitências dirigidas aos infratores da ordem hegemônica, a insubordinação é uma reação histórica comum e constante entre os prisioneiros.

Além do desejo monetário, outros dispositivos de poder são instalados no corpo na forma de desejos, como o sexo, a comida, as drogas e as mídias. Tais programações funcionam como gatilhos para o adestramento e controle dos corpos: a partir do impulso desejante, a motricidade corporal se volta para o ato em prol da saciedade. Neste movimento, o natural se funde ao naturalizado, num jogo de silenciamento e ação que equaciona a satisfação pessoal em função das relações morais do coletivo.

Durante a veloz ascensão do capitalismo, após a segunda guerra mundial, o desenvolvimento tecnológico burguês refinou os dispositivos biopolíticos de vigilância e controle dos corpos dentro de uma visão de mundo opressora. O biopoder age na forma de uma teia que enraíza desejos, que impulsionam os estímulos neuroquímicos para o cumprimento do ato. O desejo é o combustível da ação do corpo. A máquina desejante é orgânica. Diferente das tecnologias fabricadas por humanos, a existência, a composição e o processamento da vida, são mistérios que buscamos acessar por meio da razão lógica, expressa em padrões simbólicos universais (dados, conceitos, equações matemáticas, geometrias, pictogramas); ou, através das experiências estéticas empíricas, que implicam no processamento corruptivo da percepção subjetiva sensorial e cognitiva, registradas a partir das ocorrências factuais da realidade observada pelo corpomídia. No duelo filosófico entre a subjetividade e a universalidade, a sociedade moderna prioriza a universalidade científica para explicar a situação cósmica em que vivemos no presente, coletivamente, num determinado período e local do espaço sideral. Contudo, a singularidade da observação subjetiva é a fonte primordial para o conhecimento humano sobre a vida, além de constituir um escopo da literatura científica.

...

Ainda busco entender quem sou e a condição em que me encontro. Através dos fragmentos de informação coletados por meu corpo, a razão varia minha noção de mundo constantemente. O que creio como verdade absoluta, sem nem mesmo perceber que assim é

para minha subjetividade, é um sistema (re)programável, como numa máquina. Porém, as tecnologias da natureza apresentam estruturas mais complexas do que os inventos técnicos humanos. Assim, as questões e buscas epistemológicas sobre a vida se tornam uma jornada sem um fim provável. É como um mergulho num mar profundo. Pode-se manter a cabeça para fora e contemplar a espuma d'água, ou submergir na busca por uma turva visão do desconhecido. A luz reduz gradualmente na medida em que mergulhamos mais fundo no mar do conhecimento. Objetos e fenômenos atraentes seduzem o olhar a permanecer nas zonas superficiais, iluminadas e populosas. Se nos atemos, em demasia, a uma dessas gotas no mar de informações, arrisca-se afogar. É preciso, portanto, controlar o folego para mergulhar sem padecer por asfixia. Mas ocorre um limite para o mergulho do humano. Mesmo quando utilizamos recursos externos ao próprio corpo, permanecemos incapazes de atravessar a contingência do saber. Entretanto, quanto mais fundo mergulhamos, maior dimensão do desconhecido se revela. Há mais perguntas do que respostas.

A investigação das tecnologias do corpo desvela as profundezas do saber. Por meio de alegorias, encontramos formas de explicar a vida. Desvendar a verdade única e universal, entretanto, é uma permanente pretensão, mas nunca um fato consumado. Tudo o que está escrito são metáforas das ideias, são paródias: a percepção subjetiva interpreta a experiência do que chamamos de realidade. Ou seja, o real é ilusório, visto o processamento da informação no corpomídia. A virtualidade é um conceito que descreve a condição do real, no sentido da potência do devir, como uma espécie de fantasmagoria fotoelétrica de hologramas cinematográficos. Entretanto, o corpo é uma mídia com tecnologia sofisticada, sobretudo, quando comparada à cibernética. Assim, alcança estados de sensorialidade e cognição inatingíveis através da inteligência e estética digital.

...

Somos seres delirantes que buscam sentidos para a vida por meio de narrativas e sensações. Devido às configurações subjetivas, simbólicas e sensoriais, somos capazes de experienciar apenas uma versão pessoal sobre os fatos multifacetados. A mera observação do corpo e a tradução dos pensamentos para palavras são processos de transformação dos fenômenos em realidades percebidas. Contudo, os fatos tampouco expressam uma versão livre de contaminações das verdades contingenciadas dos observadores. Ou seja, ao observar, mente-se: no sentido de usar a mente como ferramenta de percepção, ao passo que escapamos do conceito de verdade como uma entidade pura e intocável. Assim, posso me comprometer a

recitar sinceramente as memórias virtuais das realidades experienciadas pelo meu corpo, mas nunca julgar que tais lembranças são verdades únicas e universais, pois são produções de sentido, simultaneamente, subjetivas e coletivas.

As mídias visuais e sonoras possuem um importante papel na construção de referências sobre a realidade. Por meio de narrativas ficcionais que, por vezes, ocupam-se de registrar o cotidiano através de uma estética dita realista, tais fábulas são sempre compostas por traduções subjetivas e tecnológicas dos acontecimentos observados. Por este motivo, a partir de agora, opto por utilizar o termo “dhistória”, no qual acrescento o “d” na palavra “história”, como meio para representar as distorções realizadas por narrativas sobre o presente, o passado e o futuro, inclusive, no caso dos textos oficiais, canônicas ou clássicas, que também estão abarcados nesta neologia.

As composições de fábulas dhistóricas sobre a realidade exigem a criatividade de um artista, que é capaz de enaltecer personagens miúdos e apagar os gigantes. Ao confabular sobre um acontecimento, implantamos discursos ideológicos através do conjunto de crenças dos corpos que experimentam e relatam a ocorrência. A perspectiva transforma o fenômeno ao ponto de dissolver as versões dhistóricas em unidades insolúveis. Tudo é relativo, o absoluto é inconcebível. Neste sentido, nota-se a incoerência da pretensão de ser realista. Porém, a referência deste método comunicacional pode ser adotada como meio para aproximar a minha narrativa subjetiva da compreensão coletiva sobre a realidade. Assim, sou contador de histórias do meu tempo. As memórias que narro podem soar ficcionais, mas são reais. Qual a fronteira entre os dois conceitos? Se existe, é nela que pisamos aqui e agora.

Tudo passou. Só restam memórias remotas vividas. Faz algum tempo que aconteceu, mas se paro para lembrar, assisto as recordações das experiências vividas na máquina de gravação do corpomídia, que resente a lembrança e, à cada reprodução das projeções holográficas mnemônicas, são atualizados os sentidos e sentimentos que percebo como observador subjetivo da própria mídia técnica-orgânica: si mesmo, uma máquina existencial auto perceptiva e enunciativa. A memória é seletiva e esconde determinados acontecimentos em solos profundos da consciência, mas, enquanto o aut’observador escavar os registros soterrados por camadas acumulativas de experiências em constante atualização, pacotes de memórias holográficas emergirão das profundezas.

O relato que faço sobre a realidade presente é a que sinto viver. Se me resta algum compartilhamento com as demais perspectivas, é devido aos elos comuns que interferem em nossas existências, sejam fatores físicos, sociais, políticos, econômicos ou culturais. Através da disseminação das tecnologias cibernéticas de comunicação, os abismos entre os diferentes

olhares sobre a vida se tornaram mais evidentes, devido à maior exposição e alcance dos corpos em meios digitais. Uma cena é vista como heroica por um grupo de pessoas, enquanto, para outros observadores (tele)presentes, é considerada um crime hediondo. Entre os extremos, há uma ampla variação no espectro de subjetividades ajuizadas, que testemunham e sentenciam a ocorrência. Para um dos observadores, trata-se de um fato de progresso e civilidade, enquanto, para o outro, representa o retrocesso e a barbárie. Ambos, plenos de suas crenças, são impedidos pelo ego de observar sob a ótica do outro.

Então, resta-me aceitar o protagonismo do meu Eu no mundo. Diante desta condição narcisista, que é um princípio da minha existência humana, escutar o outro se torna um desafiador exercício de confronto com o rei e o juiz que abrigo em meu corpo na forma de ego. Não posso o sepultar, pois perderia o elo com o mundo coletivo. Rapidamente, seria enquadrado como psicótico. Assim, há de conviver com o parasitismo biopsicossocial do ego, mas reprogramar as impressões e expressões do corpomídia para que esta ferramenta sirva ao observador, no lugar do contrário. Se o mosquito pica, golpeio a região que sente. Se sinto fome, como. Se me irrita, grito. Através de reações automatizadas, obedeco servil e dócil aos comandos do ego, expressos na forma de dor, fome, desejo, avidez, aversão. Caminhar para a descolonização do meu corpo implica no (re)adestramento de um violento animal doméstico, mas, neste caso, é o bicho humano e sou Eu.

...

Em quantas camadas somos prisioneiros? Atados entre o céu e a superfície da Terra, devido a uma dada força gravitacional, que impõe a decorrência de um fluxo temporal cronológico particular, o presídio das ilusões reais nos lança num jogo de leis físicas, com distintas camadas de condições para a sobrevivência dos humanos no desafiador mundo material do planeta Terra: a primeira é lidar com a presença de um corpo orgânico, imerso numa realidade que escapa ao controle do observador abrigado numa estrutura individual e coletiva. A noção de si mesmo, de um eu particular, é um arquitetado trabalho biológico e cultural para a construção de indivíduos egóicos. O ego, dispositivo que catalisa a noção de ser si mesmo, conecta-se à matéria para empreender a projeção holográfica de um corpo físico. A compreensão de que indivíduos possuem um determinado espaço físico corpóreo próprio, isolado pelo ecossistema microscópico da superfície da derme, é o modo hegemônico de pensar e operar na contemporaneidade. Assim, a consciência do Eu observador habita um corpo material específico e particular, que não ocupa o mesmo espaço-tempo que outro. O toque entre

as peles e outros contatos corporais são considerados interações entre separadas estruturas mórficas individualizadas: um corpo compõe uma unidade cognitiva e sensitiva, desvinculada dos demais elementos físicos. Eu sou eu. A árvore é a árvore. Você é você. As fronteiras são delimitadas. O ego tonifica essa compreensão identitária, pois é a tecnologia que o move: o reconhecimento de padrões em estruturas simbólicas, assimiladas como crenças pelo sistema cognitivo e sensitivo do corpo. Percebe-se como natural a cultura do eu e o outro, meu e seu. Assim, para permanecer no jogo material, o corpo físico reage com a busca pela sobrevivência do Eu.

Na relação entre o mundo exterior e o corpo orgânico, que abriga o Eu observador, por um lado, lidamos com as condições físicas do universo, por outro, ocorrem ações bioquímicas inerentes à vida: a condição orgânica dos corpos animais implica no funcionamento metabólico, regido por meio de drogas de uso ordinário convencionado, que resultam em reações bioquímicas, como oxigênio, comida, mídias, fármacos, dinheiro, hormônios, pensamentos, crenças, emoções, paixões sensuais, medo, violência, etc. Seja por meio da ingestão ou abstinência, tais substâncias psicoativas são, potencialmente, anestésicas ou ampliadoras de sensibilidade e percepção da realidade. Assim, as diversas drogas habituais se tornam chaves de acesso para a consciência à diferentes frequências vibratórias que, conseqüentemente, alteram a percepção da realidade e, por sua vez, a realidade percebida.

As camadas existenciais de condições para a sobrevivência no presídio das ilusões reais estão interconectadas, mas se dispersam em campos disciplinares. Os fatores que condicionam a experiência mundana são indissociáveis e constituem um organismo único, porém é percebido em partes, devido à inaptidão sensorial e simbólica humana para observar a escala mínima e máxima dos fenômenos. Ao mergulhar na ancestral busca do saber sobre a presença humana na Terra, observo os entrelaçamentos entre as questões subjetivas e a esfera coletiva, abarcando, através de complexas conexões rizomáticas, os conhecimentos biológicos, físicos, químicos, psicológicos, psiquiátricos, sociológicos, culturais, políticos, econômicos, alquímicos, mágicos e espirituais.

...

A realidade do presídio das ilusões reais é capaz de criar narrativas inimagináveis. A ficção é um potente instrumento para narrar acontecimentos da vida, pois, no fim, é o que a realidade se torna ao ser percebida por um observador: uma bio-ficção cinematográfica holográfica do corpomídia.

O presídio é arquitetado na forma de um polvo gigante, que encarcera a humanidade através de um centro panóptico de observação, ligado aos tentáculos, repletos de ventosas viscosas, que succionam a pele, produzindo vácuos que impedem o deslocamento dos corpos aprisionados. Esta arquitetura orgânica carcerária é transparente, assim, contém o prisioneiro sem que este veja que está preso. Outro artifício utilizado pelo polvo colonizador é um fluido viscoso e cristalino, que envolve os tentáculos e ventosas. Este composto produz uma anestesia prazerosa através da sensação calorosa de proteção. A busca do prisioneiro para se desatar do polvo-cárcere requer a renúncia das drogas que dessensibilizam o corpo colonizado: práticas de desejos sensuais virtuais, que se manifestam na forma de dinheiro, poder, sexo, mídias, comidas, fármacos, armas, etc. O presídio das ilusões reais é um fenômeno estético, em pleno sentido fenomenológico, físico, fisiológico e psicológico.

A depravada vigilância cultural panóptica do presídio estrutura as relações sociais e suas expressões simbólicas, entretanto, ao dissecar a arquitetura carcerária sociocultural, as grades da prisão do ser revelam estar no próprio corpo-cárcere, onde o carrasco e o juiz é si mesmo. Paradoxalmente, nesta dhistória, mesmo o juiz e o carcereiro são prisioneiros.

Exilado em meu próprio corpo, o movimento é contrário aos êxodos rumo à novos horizontes: o aprisionado encontra na jaula o refúgio da barbárie do mundo exterior, que, por vezes, deve ser visitado em busca de suprimentos. O medo de se expor, devido aos perigos do mundo, retira-nos o acesso à escuridão afora. Numa selva de olhos vigilantes, caçadores sanguinários, em busca da satisfação da sensualidade material egóica, miram o sangue venoso com a avidez vampiresca das corporações que sugam o petróleo da Terra. Existem muitas espécies de parasitas hematófagos que se embebedam com o sangue humano. A vida é uma posse controlável para tais entidades monstruosas de múltiplas cabeças (partes autocentradas interligadas num corpo único).

...

Nosso mundo é uma prisão composta por um sistema arquitetado para que o prisioneiro não perceba que está encarcerado, através da instalação da certeza de que é livre. “As certezas são ilusões”⁸. Muitos ancestrais alertam para o confinamento escravagista do presídio, mas a maioria dos prisioneiros, por maior dor que aguentem, nem ao menos desconfiam da opressão

⁸ MORIN, Edgard *apud* LECOMPTE, Francis. As certezas são uma ilusão. In: **Fronteiras do Pensamento**, 2020. Website. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-as-certezas-sao-uma-ilusao>. Acesso em: 20 ago. 2020.

que nos cerca. Talvez, a dor seja proporcional a percepção das grades, talvez não. A dor é um sentimento comum a todos os prisioneiros, mas é difícil estabelecer um critério para medir os fatores envolvidos no despertar sobre a própria condição de cárcere. Contudo, é notável que a dor extrema possui ação anestésica sobre a percepção da arquitetura do presídio das ilusões reais, pois é este o principal mecanismo de captura da atenção do observador-prisioneiro. A dor constante desvia o olhar sobre o mundo, concentra a percepção para compreender o sentimento lancinante. A distribuição da dor no presídio é setorizada e desigual. Os grupos de cárceres mais vulneráveis às violências do império precisam resistir às *overdoses* de dor, condição que reverte o olhar ou pode cegar. Todos os prisioneiros, porém, ingerem controladas doses diárias de dor; nenhum escapa deste mecanismo do biopoder, mas há técnicas para o silenciar, na medida do possível.

A biopolítica trabalha na perspectiva vibratória da violência bélica (medo, ódio, ira), para o domínio colonizatório, pois, se abranda o controle, há risco do prisioneiro ter tempo de perceber as amarras biopsicossociais. Entretanto, nem só de coerção é composto o biopoder, que se utiliza dos prazeres e da alegria para aprisionar o corpo em vícios e tornar o prisioneiro escravo dos sentidos. De forma arquitetada e sistemática, o projeto colonizatório atua na (in)sensibilização dos corpos, para obter a dominação ideológica imperial, que age sobre a razão, a cognição, a consciência, subconsciência, inconsciência, desejos, sentimentos, sensações, visão de mundo. A arquitetura de poder é estruturada para que o prisioneiro seja conduzido ao ato voluntário de “trocar o papel de figurante na guerra para ser o protagonista numa cela.”⁹

Assim, somos prisioneiros da era do Egocentrismo, que está em ruínas. Abrigamos nossas consciências nos escombros da arquitetura dos corpos colonizados pela fabricação do Eu, dócil servo dos desejos, emoções e sentidos. O capitalismo elevou as práticas padronizantes do egocentrismo, ao ponto de ultrapassarmos os limites, a curto prazo, de regeneração da natureza, devido ao ciclo de consumo efêmero e descarte massivo, repleto de desigualdade social, desperdício e resíduos tóxicos. Durante a era do egocentrismo, extinguímos florestas, espécies de animais e plantas, povos, culturas, línguas, mídias, artes, tecnologias, modos de vida e expressão dos corpos. O reflexo é o caos planetário que estamos mergulhados; parece não haver solução para tamanho problema, mas seguimos com esperança de dias melhores.

...

⁹ WATERS, Roger; GILMOUR, David. Wish you were here. In: **Wish you were here** - Pink Floyd. Estados Unidos, Inglaterra: Harvest, EMI, Columbia, CBS, 1975. Música (44 min e 28 seg), tradução nossa.

A arquitetura holográfica do cárcere das ilusões reais é uma tecnologia midiática sofisticada, que atribui sensações de solidez e estabilidade à materialidade visível. Entre os diversos mecanismos de controle biopolíticos da engrenagem macropolítica que condicionam a subsistência digna, cabe destacar o paradoxo da constante ameaça do prisioneiro ser expulso da cela, caso não pague para ali habitar. Restando-lhe as ruas descobertas do presídio. A maior parte das florestas foram tomadas por proprietários de terras que as derrubam e intoxicam o ecossistema. Os indígenas, que, há mais de cinco séculos, resistem às violentas invasões de colonos mercenários, vivem, no presente momento, um retorno à cultura do início do colonialismo exploratório das Américas: quando o império político torna o assassino impune e o consagra como herói, enquanto ataca o alvo da violência histórica e os defensores daquela existência perseguida por sua diferença.

No atual contexto histórico, são raros os casos de pessoas tranquilas financeiramente, seguras e satisfeitas com a condição estabelecida pela macropolítica imperial. Nas colônias de exploração, o corpo aprisionado, enquanto lida com situações afetivas e materiais a serem trabalhadas no dia-a-dia, é alvo da perversa biopolítica de extorsão capitalista-estatal. Tais questões foram sintetizadas no grito que ecoa nas ruas no Chile, por meio do coral de manifestantes que canta contra o neoliberalismo: “pelo direito de viver em paz”.

Junto ao medo de vir a ser desabrigado, o colonialismo carcerário alimenta o desejo de ser aprisionado numa cela repleta de comodidades modernas. Contudo, a aquisição dos objetos de desejo contempla apenas uma pequena parte da população carcerária, pois é um direito hereditário ou comprável com o tempo de vida dos prisioneiros privilegiados. A maioria dos cárceres sequer conseguem o suficiente para satisfazer as necessidades básicas, mas a implantação dos desejos de consumo é constante e universalizante. Ratos do experimento colonizatório, sou, somos. Um pequeno desvio genético difere o humano do rato. Tal distinção parece encontrar diferença apenas na aparência, pois no mundo simbólico, a consciência que observa através do rato, é o humano da ação. Os *homo sapiens* e demais homínídeos terrestres possuem características físicas próprias, tanto que se inserem numa categoria científica submetida ao topo da hierarquia animal. A razão é a faculdade cognitiva que destaca os humanos, pois através deste sistema simbólico e sensorial, o humano é capaz de se perguntar: Quem sou eu? E, a partir desta questão existencial sem resposta exata, buscar explicações na lógica das estruturas simbólicas apreendidas pelos dispositivos orgânicos cognitivos e sensitivos. A razão é um parâmetro de organização bio-psico-social, construído culturalmente, através do esforço de averiguar e construir sistematicamente, por meio de padrões estáveis, afirmações sobre a existência e os fenômenos percebidos por uma entidade viva, capaz de

construir racionalmente uma crença sobre sua presença e a expressar simbolicamente. A crença é um objeto do regime de verdade subjetivo, que é instável, apesar da cristalização de crenças, implantadas como verdades absolutas. O sistema de crenças é instalado para ser permanente, entretanto, pode ser corrompido por substâncias químicas (midiáticas, farmacológicas, comida, bebida, maconha, lsd, meditação), ou transtornos mentais, como bipolaridade, esquizofrenia, dissociação de identidades, que implicam em alterações neuroquímicas.

A bipolaridade, por exemplo, apresenta uma ampla variação neuroquímica. A pessoa que está em episódios do segundo grau da doença, o mais elevado, atinge os dois extremos da variação proposta em cinco níveis: depressão profunda e a mania. Ao contrário da inércia causada pela depressão, a mania apresenta sintomas de euforia, insônia e profunda transformação do comportamento. As crenças distorcem, as verdades absolutas são reconfiguradas, por vezes, ocorre o delírio de ser outra pessoa. Diante das alucinações, por vezes, a pessoa se torna incapaz de tomar decisões seguras por conta própria, pois o conjunto de regras do superego foi corrompido, trazendo aumento da libido, exposição à riscos de diferentes esferas, devido às atitudes impulsivas nos momentos de crise maníaca e reações violentas consigo mesmo e o entorno. Mas, quem poderá julgar o que é o normal e quando agir na contenção de um indivíduo?

Os sintomas apresentados em casos clínicos de patologias psiquiátricas, categorizadas a partir da classificação internacional de doenças (CID), costumam estar associados a quadros de sofrimento, nos quais os corpos adoecidos mentalmente, quando não tratados, apresentam dificuldades para estabelecer uma convivência harmônica com a comunidade. Entretanto, nem todo desvio é doença e o padrão médico adotado é ficcional, como qualquer conhecimento sobre a vida.

Por outra perspectiva, avessa ao tribunal psiquiátrico, podemos compreender as “doenças” mentais como uma variação de espécies cognitivas e sensitivas, pois tais observadores percebem o mundo através de estruturas neurológicas destoantes do regime de normalidade para o adestramento dos corpos dóceis. Contudo, é relevante notar que as doenças mentais, em muitos casos, geram, e são geradas, por sofrimento. O adoecimento sintomático é o efeito de múltiplos fatores biopsicossociais, que se expressam de diversas formas.

As alucinações, os delírios, a dissociação, os episódios de desconexão entre o corpo e a consciência, além de outros fenômenos nos quais a subjetividade do insano perfura o frágil senso comum sobre a realidade coletiva compartilhada, revelam casos em que a autonomia (capacidade protetora de si e do entorno) do corpo esvai, seja por meio da “doença”, ou devido aos efeitos farmacológicos e o tratamento manicomial associado. Assim, lidamos com os

mistérios da psique humana através do conceito de loucura, um termo dhistoricamente complexo.

Figura 1 – “A Nau dos loucos” (*Das Narrenschiff*)



Fonte: Sebastian Brant (1499).

A *Narrenschiff* é, evidentemente, uma composição literária, emprestada sem dúvida do velho ciclo dos argonautas [...] Mas de todas essas naves romanescas ou satíricas, a *Narrenschiff* é a única que teve existência real, pois eles existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos.¹⁰

Na “História da loucura”, Foucault relata que, nos séculos XV e XVI, a Nau dos Loucos foi “um objeto que ocupou um lugar privilegiado na paisagem imaginária da Renascença: um “estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos.”¹¹ “Frequentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracar em seus portos.”¹² Nelas, os dissidentes da normalidade, institucionalizada pelo tríplice de Poder - Estado, Igreja, Medicina -, eram lançados às águas para tentar a sorte em terras longínquas:

confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida. Mas a isso a água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica** - 1972. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978, p. 13.

¹¹ *Ibid.*, p. 12/13.

¹² *Ibid.*, p. 14.

Além do mais, a navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. Esta navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta. Num certo sentido, ela não faz mais que desenvolver, ao longo de uma geografia semi-real, semiimaginária, a situação liminar do louco no horizonte das preocupações do homem medieval — situação simbólica e realizada ao mesmo tempo pelo privilégio que se dá ao louco de ser fechado às portas da cidade: sua exclusão deve encerrá-lo; se ele não pode e não deve ter outra prisão que o próprio limiar, seguram-no no lugar de passagem. Ele é colocado no interior do exterior, e inversamente. Postura altamente simbólica e que permanecerá sem dúvida a sua até nossos dias, se admitirmos que aquilo que outrora foi fortaleza visível da ordem tornou-se agora castelo de nossa consciência.

A água e a navegação têm realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E a terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer. É esse ritual que, por esses valores, está na origem do longo parentesco imaginário que se pode traçar ao longo de toda a cultura ocidental? Ou, inversamente, é esse parentesco que, da noite dos tempos, exigiu e em seguida fixou o rito do embarque? Uma coisa pelo menos é certa: a água e a loucura estarão ligadas por muito tempo nos sonhos do homem europeu.¹³

Atualmente, devido ao adoecimento em massa na sociedade, é normal ter uma farmácia em casa com pílulas, *sprays*, xaropes e outros itens para combater sintomas de doenças. Esta situação se estende às questões psicológicas. A solução proposta pelo colonizador é a farmacologia sintética, principal ferramenta da psiquiatria. Todos os outros métodos de cura são considerados alternativos. Mesmo a reconhecida psicanálise (Freud) ou a psicologia analítica (Jung) prestam um serviço ao saber supremo do tribunal psiquiátrico, que julga a CID a qual o cliente pertence, a partir da reclamação dos sintomas. Os exames bioquímicos são fontes de análises, disponíveis após muitos anos desde o nascimento da psiquiatria. Constatada uma disfunção bioquímica no corpo, os fármacos são a solução disponível. Os efeitos farmacológicos para o controle dos sintomas, persuade o cliente e o médico sobre a eficiência da dosagem para o equilíbrio bioquímico do corpo, que oferta bem-estar e sanidade ao consumidor, por meio da ingestão de drogas legalizadas. Sobre a medicalização farmacêutica em hospitais psiquiátricos, ressoa a conclusão de Wagner, um amigo psicólogo que trabalha na internação de um hospício em Salvador: “É o que tem pra hoje”, relatou-me, após longa análise.

A sociedade moderna se tornou uma fábrica de loucos. A loucura, há muito tempo, ganhou o poder através da violência. Ao passo que percebo os governantes e seus exércitos

¹³ *Ibid.*, p. 16/17.

como seres delirantes, os que hoje são encarcerados como loucos, representam a resistência da doença de homogeneização da humanidade servil. Afirmar a dissidência do louco em relação à colonização dos corpos dóceis, contudo, não implica em ignorar os prejuízos de conviver com as categorias de sintomas presente nos CID`s para as doenças mentais.

...

No mar sideral, estamos limitados às águas terrestres, onde reinam impérios do apocalipse, com comando global centralizado. Cada vez mais, evidencia-se o atual adoecimento estético, sensível e cognitivo da sociedade. No caso do Brasil, a máscara caiu e exhibe a excreção oral dos representantes políticos, mas, diante do conteúdo posto, preferível seria assistir às suas expressões anais. Se observarmos a dhistória da humanidade, veremos a que ponto os humanos podem chegar em termos de violência física e psicológica. A pretensão do Estado é um paradoxo como solução: por um lado, há o temor da institucionalização da violência por grupos alternativos não-democráticos, como as milícias; por outro, ocorre o problema de conviver com um Estado nacional autoritário colonizatório.

A ideia de pátria amada, que limita o sentimento de pertencimento ao território nacional, arbitrariamente desenhado no mapa, é uma programação colonizatória fabricada, desde a infância, nos colégios, onde cantamos o hino e ouvimos a versão da dhistória narrada pelos colonizadores. O sedentarismo é uma expressão desta implantação da cultura do amor incondicional ao território-pátria-materna, que, junto com a propriedade privada e os Estados nacionais, limitam a livre circulação de pessoas ao redor do planeta. Sabemos que, por milênios, a humanidade viveu como nômades coletores caminhantes. O sedentarismo é uma tecnologia biopolítica de aprisionamento fundamental para a manutenção do controle dos corpos dóceis. Trata-se de permanecer, voluntariamente, em cárceres físicos e psicológicos. Os humanos em presídios judiciais, literalmente, são restritos aos muros e grades da cela, banheiro e pátio para o banho de sol. Os trabalhadores “livres” permanecem fixados em seus itinerários entre a casa, o trabalho e o divertimento, assim, naturalizam a servidão dócil como modo de vida.

Caminhar é uma ação política, cognitiva e estética. Além das teorias que lemos nos livros, a experiência torna esta noção uma percepção empírica. Relatos afirmam que grandes pensadores como I. Kant, Einstein e H. D. Thoreau utilizavam as caminhadas para refletir sobre suas célebres pesquisas; que mulheres cis cruzaram desertos, mares e continentes sozinhas; que a artista Marina Abramović e seu ex-companheiro, Ulay, caminharam 2.500 km, durante 90

dias, a partir de polos opostos (Leste e Oeste, respectivamente), sobre a muralha da China, como meio de expressão estética e política; que vivemos épocas de hegemonia da cultura machista, que deprecia as mulheres cis e trans que andam nas ruas à noite; que passeatas são caminhadas coletivas a favor de mudanças sociais; que os humanos eram nômades, antes de se tornarem sedentários (evidência que questiona a associação entre a teoria da evolução das espécies com o melhoramento bio-psico-socio-cultural dos descendentes modificados).

Contudo, cabe ressaltar que a posição bípede para caminhar é uma forma de repressão anal, pois, enquanto nos deslocávamos como os macacos, a região anal expunha uma via de expressão aberta. Quando estamos na posição ereta, como soldados em sentido, as nádegas comprimem o ânus, fator que direciona os impulsos para a cabeça, como lembra Bataille¹⁴ em “O ânus solar”. Por este motivo, reflete o autor, os humanos exprimem mais que os outros animais através da boca, sejam gargalhadas, falas, arrotos, risos, bocejos, soluços, sorrisos, pois priorizam esta via de excreção a partir da posição bípede da caminhada humanoide. Mais um fenômeno biológico e cultural que enriquece o estudo da compulsão oral. Após estudar a tese de Bataille sobre as implicações de ser bípede, creio ser necessário associar o sexo anal e a constipação fecal aos fluxos de comunicação do corpo, o que envolve a enunciação e os pensamentos, bem como a percepção, os sentimentos, as sensações e emoções. Se a primeira prática libera e sensibiliza a via de expressão anal, a segunda condição impede e interrompe o canal. Os efeitos podem ser averiguados por experiências subjetivas, que não cabe generalizar, entretanto, existem resultados esperados para ambas situações relacionadas ao caminho de duas pontas para exprimir os impulsos do corpo humano. No aspecto anatômico da tecnologia fisiológica do conduto boca-ânus, os humanos funcionam como os vermes nematódeos. Possuir dois orifícios destinados à ingestão e excreção, contudo, não é uma arquitetura biológica generalizada. Existem seres vivos sem ânus, com ânus reprodutivo, com ânus temporário ou múltiplos ânus. O *Blob* é um ser de 500 milhões de anos, categorizado entre os fungos e os animais, sem boca, estômago ou ânus, mas com 720 sexos¹⁵.

O humano, entretanto, diferencia-se dos demais seres de duas pontas por reprimir a expressão anal, através da compressão do orifício traseiro por meio das nádegas, quando apresenta a posição bípede de caminhada. Ser bípede e as demais relações entre o intestino, condicionam aspectos da cognição e das sensações humana. Ao sentar ou agachar, as nádegas

¹⁴ BATAILLE, Georges. O Ânus Solar - 1931. In: ASSÍRIO e ALVIM. **O Ânus Solar (e outros textos do sol)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p.45-52.

¹⁵ BBC News. ‘**Blob**’: o que é a misteriosa criatura com 720 sexos e sem cérebro. BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50094773>. Acesso em: 18 out 2020.

relaxam ou esticam a musculatura da região anal, abrindo o ânus ligeiramente. Por outro lado, quando sentamos na posição de *lotus* e ao realizar o ato de caminhar sobre duas pernas, resulta na retenção muscular dos impulsos de excreção para a outra extremidade do canal, a boca, que pertence a região da cabeça, onde está alojado o cérebro. Nas situações de obstrução do orifício anal, a excreção dos impulsos ocorre no fluxo contrário ao da força gravitacional na Terra, quando as pontas do tubo digestivo se encontram em pontos opostos de uma linha vertical. Tais fatores e variáveis são analisados como questões fisiológicas e físicas, sem aplicação de pré-juízo moral sobre elementos ordinários da vida que se tornaram tabu na cultura contemporânea, como defecar, peidar, sexo anal, jejum ou a própria reprodução da palavra e imagem do ânus. A cultura hegemônica do terror anal provoca o riso ou aversão, quando um dissidente confronta a normalidade da plateia através de ações comuns, porém veladas, como a exibição ou excreção sedal.

1.1 MUNDO DAS MÍDIAS

Desde meados do século XX, os pensadores da escola de Frankfurt utilizaram o termo “indústria cultural” para descrever a assimilação capitalista dos meios de produção e distribuição das mídias. Neste período, as indústrias haviam aperfeiçoado as tecnologias de comunicação em alta velocidade devido à necessidade de transmitir informações sobre a guerra e aos grandes lucros que esta demanda de público gera. Ao diagnosticarem a ocorrência de um processo sistemático de industrialização da cultura, Adorno e Horkheimer¹⁶ analisaram diversos elementos que constituem a relação entre cultura, arte, tecnologia e capitalismo. Nesta perspectiva, observam a conexão entre a indústria cultural e a propaganda: os produtores de mídia condicionam a estética e a ideologia das obras ao discurso dos seus financiadores e passam a fabricar produtos estandardizados comprometidos com o objetivo de gerar maiores retornos políticos e financeiros para os investidores do negócio. Os autores sublinham que “a dependência da mais poderosa sociedade radiofônica em relação à indústria elétrica, ou a do cinema aos bancos, define a esfera toda, cujos setores singulares são ainda, por sua vez, cointeressados e economicamente interdependentes.”¹⁷ Este método de dominação da indústria cultural capitalista possui um “contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção difusa [...]”¹⁸. Desta forma, Adorno e Horkheimer já haviam notado que o modelo estrutural adotado pela indústria cultural exige organização e planificação da parte dos detentores.

Seis décadas depois, no mesmo país da escola de Frankfurt, mas na cidade de Berlim, Zielinski¹⁹ analisa o desenvolvimento do mundo de mídias do final do século XX e início do século XXI, após visitar os tempos remotos das tecnologias do ver e do ouvir. O estudo (an)arqueológico da mídia, realizado por Zielinski, reforça muitas conclusões alcançadas por seus contemporâneos sessenta anos antes: a atual indústria cultural intensificou o descarte midiático, através da política econômica da obsolescência programada, aumentou a concentração da propriedade privada e caminha no rumo da padronização técnica. Outros

¹⁶ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, p. 7-74, 2002.

¹⁷ *Ibid.*, p. 7.

¹⁸ *Ibid.*, p. 6.

¹⁹ ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. [... **After the Media**] **News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013.

autores contemporâneos confirmam tais dados, como Castells²⁰, Cosima Dannoritzer²¹, Lipovetsky e Serroy²², Manovich²³, Diego Ignacio Mur²⁴, Stallman²⁵ e Guattari²⁶.

Enquanto Adorno e Horkheimer²⁷ presenciaram a padronização técnica, estética e ideológica dos objetos culturais industrializados numa época em que as mídias fortaleciam suas diferenças linguísticas a partir da distinção entre os seus respectivos suportes materiais, Zielinski²⁸ e seus contemporâneos vivenciam um mundo em que a indústria cultural pretende homogeneizar as mídias através da convergência tecnológica por meio dos dispositivos digitais. Diante desta perspectiva histórica, o (an)arqueólogo de mídias alemão observa que a diversidade de experimentos com as mídias se tornou uma atividade escassa nos séculos da industrialização. Por este motivo, considera que a padronização técnica midiática deve ser evitada e a variedade de materiais, formas e expressões estimulada. Para tanto, sugere retomar as experiências de períodos remotos, quando o modo de produzir mídias possuía uma abordagem mágica, alquímica e experimental, onde o risco, o erro e a subjetividade do indivíduo integravam o processo, no lugar da estabilidade e previsibilidade da cibernética. Assim, a expansão conceitual que a *anarqueologia da mídia* propõe positiva a sabedoria e as práticas ancestrais, além de observar a natureza como tecnologia criativa e inteligente. Desta forma, através do termo *anarqueologia*, Zielinski propõe a deformação da palavra *arqueologia* para unir a esta metodologia de pesquisa, os conceitos de anacronia e anarquia.

²⁰ CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza editorial, 2009.

²¹ A CONSPIRAÇÃO da lâmpada (*The light bulb conspiracy*). Direção: Cosima Dannoritzer. Espanha, França: Arte France; Article Z; Media 3.14; Televisión de Catalunya (TV3); Televisión Española (TVE), 2011. DVD (75 min). son., color.

²² LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

²³ MANOVICH, Lev. **Software takes command**. Creative Commons Licence. Nova York, Londres, Sidney, Nova Delí: Blumshury, 2013.

²⁴ MUR, Diego Ignacio. **Las corporaciones Judías poseen el 96% de los medios de comunicación del mundo**, 2013. Disponível em: <http://bwnargentina.blogspot.it/2013/09/las-corporaciones-judias-poseen-el-96.html>. Acesso em: 13 nov. 2015.

²⁵ STALLMAN, Richard M. In: MOTTA, Juliana. **Richard Stallman: software proprietário é “colonização digital”**. III Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica: Democratização, Emancipação e Sustentabilidade. Florianópolis, 2012. Disponível em: http://2sitefmept.ifsc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=524:richardstallmann-software-proprietario-e-colonizacaodigital&catid=39:noticias&Itemid=222&lang=es. Acesso em: 15 nov. 2015.

²⁶ GUATTARI, Félix. **Caomose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Soft Subversions: texts and interviews 1977-1985**. Los Angeles: Semiotext(e), 2009.

²⁷ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, p. 7-74, 2002.

²⁸ ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. **[... After the Media] News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013.

A partir dos estudos de Adorno, Horkheimer, Dannoritzer, Zielinski, Castells, Mur, Stallman, Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros, observamos que o atual *mundo de mídias* possui estruturas centralizadas e regras ditadas por oligopólios industriais, que priorizam o lançamento de *tecnologias padronizadas* em larga escala e utilizam a política da *obsolescência programada* para manter nos clientes a permanente necessidade de substituição das máquinas “fundamentais” para a vida moderna existir.

Assim, um mundo em que as mídias cibernéticas são ubíquas e fundamentais para o funcionamento dos principais serviços (energias, alimentação, transporte, comunicação, saúde, arquivo de memórias, etc), gerou o problema da *padronização técnica digital*; um mundo em que reina a política comercial da *obsolescência programada*, naturalizou-se a cultura do descarte de objetos materiais e suas memórias tidas como *lixo*; um mundo que rejeita a diversidade de artefatos e de programas estéticos, pois serve ao discurso comercial da evolução e do progresso técnico de acordo com a linearidade cronológica: o passado é visto como tecnicamente simples, rústico, pouco inteligente, e o futuro como cognitivamente aprimorado e sofisticado. Esta noção técnica evolucionista perde o sentido ao analisarmos o atual contexto dhistórico: enquanto nos mundos de mídias ancestrais, as tecnologias artesanais e autônomas eram os únicos meios de solucionar as demandas individuais e coletivas, portanto, ocorriam experimentos e inventos de modo abundante, plural, disperso e descontrolado; no atual mundo de mídias, as tecnologias e fontes de energia são empacotadas, reguladas e disponibilizadas por centros empresariais e estatais dependentes dos bancos e demais corporações financeiras, como próteses sistêmicas que operam no sentido da *neocolonização* e da *escravidão financeira moderna*. A questão se expande aos hábitos de consumo, ao ego, ao modo de vida, à semiosfera, ao armazenamento das memórias, aos devires ecológicos, sociais e culturais.

A conquista comercial de tornar a cibernética ubíqua – onipresente, invisível e integrada às ações e comportamentos *naturais* das pessoas - é bastante celebrada por escritores de arte e mídia, que propõem, inclusive, a *morte* de mídias pré-digitais. A partir da compreensão de que o computador digital é uma meta-mídia universal capaz de simular as mídias anteriores, associada a ideia de progresso cronológico-linear inexorável das tecnologias e da inteligência humana, teorias amplamente aceitas, como a *evolução das mídias*²⁹ consideram *natural* o

²⁹ SCOLARI, Carlos. Media evolution. In: **International Journal of communication**. n.7. Califórnia, E.U.A: University of Southern California, 2013.
LEHMAN-WILZIG, S.; COHEN-AVIGDOR, N. **The natural life cycle of new media evolution**: Intermedia struggle for survival in the Internet age. *New Media & Society*, v. 6, 2004. p.707-730.

descarte de mídias *ultra-passadas*. Desta forma, cooperam com o discurso comercial das indústrias cibernéticas sobre a *padronização técnica* e a *obsolescência programada*.

Concentrar os esforços em uma única espécie de tecnologia é uma estratégia cultural arriscada. Portanto, é prudente observar a essencialidade conquistada pela tecnologia digital para o funcionamento dos serviços *básicos*. Entre tais serviços prestados por máquinas digitais, o armazenamento das nossas memórias é uma atividade que pretende ser exclusiva desta tecnologia. Caso nossa geração confie exclusivamente nas indústrias para realizar a tarefa de registrar e armazenar informações, tal escolha nos leva a arriscar um vasto período histórico de pesquisas do conhecimento, se escritas apenas em mídias digitais. Pois, apesar de aparentemente estável, a tecnologia digital é um suporte pouco seguro para registrar informações, devido à baixa resistência do suporte material. Nesta perspectiva, a tecnologia digital não é imortal, pois será um dia substituída e seus dispositivos são programados para descarte após pouco tempo de uso (*obsolescência programada*).

Contudo, uma espécie de obsolescência programada ocorre antes do objeto quebrar. Trata-se da obsolescência perceptiva, também conhecida como obsolescência psicológica ou obsolescência de desejabilidade. Para adquirir os novos produtos, este tipo de obsolescência cria nos indivíduos a necessidade de descartar o objeto, mesmo quando apresenta pleno funcionamento. Por meio de propagandas estratégicas, que constroem no imaginário popular a noção de que o objeto está desatualizado, antiquado, fora de moda, ou qualquer outra justificativa para implantar o desejo de adquirir o último lançamento, a obsolescência programada psicológica opera numa escalada exponencial para atender ao modelo de produção e descarte requisitado pelas indústrias, contudo, num ritmo de destruição da natureza que o nosso planeta não é capaz de suportar.

Ciente destas questões, em 2007, Annie Leonard lançou um documentário curta-metragem chamado *A história das coisas*³⁰, que, posteriormente, tornou-se um livro³¹ homônimo, além de um projeto comunitário global que abarca diversos documentários e um *website*³². A busca para desvendar como ocorre o *ciclo de vida* de um objeto, ou seja, desde a produção ao descarte, levou o projeto a traçar um mapa global dos locais onde ocorre a extração da matéria-prima, a fabricação, a distribuição, o consumo e o descarte dos resíduos. Não é uma

³⁰ A HISTÓRIA das coisas (**The story of stuff**). Roteiro: Annie Leonard, Louis Fox e Jonah Sachs. Direção: Louis Fox: Free Range Studios, 2007. Animação (21 min e 16 seg), digital, son., color. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/movies/story-of-stuff/>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

³¹ LEONARD, Annie. **A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.

³² A HISTÓRIA das coisas (**The story of stuff**). Website. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/>. Acesso em: 10 out. 2020.

surpresa encontrar números maiores em relação ao consumo dos países ditos de primeiro mundo, em especial, EUA, bem como é previsível que os chamados países de terceiro mundo sofram com a exploração dos recursos naturais e sirvam como ambientes de descarte dos resíduos eletrônicos de países ricos, que, vale ressaltar, estão carregados de “produtos químicos tóxicos como mercúrio, PVC, solventes e retardadores de chama”³³.

No quesito lixo eletrônico, é a África que mais sofre. Segundo dados da United Nations Environment Programme (Unep), órgão das Nações Unidas voltado para o meio ambiente, até 90% do lixo eletrônico do mundo são despejados de qualquer jeito, sobretudo nesse continente, sem obedecer a nenhum critério ou respeito pelo homem ou pela natureza³⁴.

Neste contexto, o lixo midiático material produzido pelo excesso de compra, junto à obsolescência programada das indústrias, é descartado no território das populações que não podem acessar tais drogas tóxicas na caixa. O consumo consciente, portanto, baseia-se em averiguar a fonte e o conteúdo dos produtos ingeridos, ao lado do conhecimento sobre o destino dos resíduos, que deveriam ser tidos como recursos. Contudo, apesar da possibilidade de reduzir os danos através dos esforços individuais, o problema primordial desta situação reside no âmbito da fabricação, pois o consumo e o descarte são os resultados previstos pelo sistema de produção.

Cada vez mais, a cultura que privilegia o ser consumidor, no lugar do ser produtor, rouba a autonomia dos indivíduos, comunidades e Estados. É improvável ser perfeitamente sustentável, entretanto, trata-se de reduzir os danos do impacto individual e coletivo, que pode ser um esforço imperceptível para a macroesfera, mas, afinar a ação em consonância com o discurso, resulta em profundas mudanças no modo de vida pessoal e comunitário.

Os problemas impostos pela indústria cultural do século XX e XXI, como a padronização técnica, a centralização da propriedade privada e a obsolescência programada das mídias, provocam a necessidade de buscar tecnologias fora das propostas industriais, pois, no atual mundo de mídias, é latente a necessidade de construirmos um sistema de comunicação em rede independente do sistema financeiro. Contudo, o desejo de investigar, experimentar e criar dispositivos midiáticos diferentes dos suportes cibernéticos é um raro fenômeno atualmente: há em abundância atualizações ou a busca pelo esgotamento das possibilidades

³³ A HISTÓRIA dos eletrônicos (**The story of electronics**). Roteiro: Annie Leonard, Louis Fox e Jonah Sachs. Direção: Louis Fox: Free Range Studios, 2011. Animação (7 min e 46 seg), digital, son., color. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/movies/story-of-electronics/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

³⁴ GONZALEZ, Amelia. **90% do lixo eletrônico são jogados em países africanos**. G1 portal de notícias: Grupo Globo, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/90-do-lixo-eletronico-do-mundo-sao-jogados-em-paises-africanos.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

técnicas e estéticas dos dispositivos digitais. A monocultura no mundo de mídias está expressa na carência de pesquisas com o intuito de criar meios de comunicação autônomos, condição que nos conduz à um futuro no qual ricas possibilidades se perdem, devido à estandardização tecnológica industrial.

É importante ressaltar que os corposmídia humanos seguem a lógica de fabricação e descarte dos produtos industrializados: padronização técnica em larga escala e obsolescência programada. Neste sentido, ao contrário da célebre tese de Macluhan³⁵, o conceito de mídia não está restrito às extensões do corpo, pois compreende o próprio corpo como mídia.

...

Por muitos séculos, a humanidade viveu em sociedades nas quais as mídias eram objetos de luxo, hereditários, acessíveis à poucos privilegiados capazes de pagar para possuir a informação. Atualmente, a produção massiva industrial transformou as mídias em objeto supérfluo e descartável, presente em todos os locais, a qualquer tempo (ubíquo); supostamente, pois a exclusão do acesso às tecnologias está presente, ao lado da observação de que a posse da mídia não destina o usuário ao conteúdo da pílula de informação: podemos reter a potência do devir da leitura até a falência, uma vez que os conteúdos armazenados em mídias precisam de indivíduos para serem reproduzidos e assistidos; antes, é potência, que depende do desejo e do ato do leitor para ser lida. Assim como a semente possui a potência de vir a ser árvore e fruto, o texto contém a potência da leitura. A leitura é o devir do texto. A árvore e o fruto são devires da semente. Os textos simbólicos audiovisuais, em estado de potência, não informam, permanecem reservados de modo ininteligível, sem o acesso humano. Em outras palavras, trata-se da impossibilidade de colher o fruto sem plantar a árvore, ou ler um livro olhando a estante da biblioteca, ou assistir a um filme com o rolo enrolado dentro da lata preta, ou ouvir uma música no computador sem abrir o arquivo, apenas pelo fato de ter armazenado potencialmente esta informação na memória da mídia digital.

A vertiginosa ascensão das indústrias, no século XX e XXI, progressivamente, substituiu a artesanial das mídias por artefatos industrializados. Na linha do tempo, este projeto de dominação estética foi fortalecido e cada vez mais centralizado pela indústria cultural. Em busca por expansão do mercado consumidor, a cultura contemporânea industrial manteve a

³⁵ MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding Media) - 1964. Trad. Décio Pignatari, São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

política do desejo sensual de aquisição de mídias, mas este fluxo é ditado pelo conceito de atualização e potência tecnológica, no lugar de estruturas canônicas dhistóricas, como era compreendida a produção midiática dos séculos anteriores, nos quais a antiguidade e singularidade eram os requisitos de apreciação passional dos amantes das mídias. Expressões inovadoras, em maioria, eram compreendidas como dissidência cultural e os métodos de reprodutibilidade técnica tidos como a fraudulência na aura do objeto artístico original e único. As noções e expressões da arte foram bastante corrompidas ao longo do desenvolvimento dhistórico das tecnologias midiáticas, que não está associado apenas às buscas artísticas, mas também científicas, políticas, bélicas, religiosas.

Atualmente, é convencionado o uso viciado das mídias cibernéticas, sobretudo, da prótese-celular, que é um dispensor de atenção constante, com grande quantidade de informações e superabundância de dados em potencial. Olhar para uma tela cheia de cores, fotos, textos e imagens é rotina no início do século XXI. Assim, somos bombardeados simbolicamente pelas indústrias. Nosso olhar procura informações no mar semiótico digital e apreende representações, desejos e memórias. Na internet, como nas demais mídias industrializadas, a proposta é ser entretido por um acúmulo de informações descartáveis e sem catarses estéticas, enquanto as ofertas de mercado aparecem nas laterais da tela. O ato de consumir informações em mídias industrializadas oferece a ingestão re-signada de produtos padronizados, enlatados em larga escala, contendo blocos de sensações descartáveis, endereçados pelas indústrias para aprisionar as percepções dos corposmídias em fábulas que anestesiam os problemas do mundo atual. Acreditamos que a realidade são as informações presentes nas mídias extracorpóreas (tele-presença e realidade virtual) e o que apreendemos na rotina repetitiva da escravidão moderna. Viver o aqui e o agora desafina a cultura midiática da saudade e da ansiedade.

Guattari³⁶ cunhou o termo *drogados maquínicos* (*Machinic junkies*), para se referir aos hábitos de consumo de mídias do século XX. Para o autor, drogas são “todos os mecanismos que produzem uma subjetividade maquínica, tudo que contribui para gerar a sensação de pertencimento a alguma coisa ou de estar em algum lugar, junto com a sensação de esquecimento de si mesmo.”³⁷ Neste sentido, nas culturas e sociedades humanas, os produtores de mídias operam como uma espécie de farmacêutico, engenheiro bioquímico, alquimista, que

³⁶ GUATTARI, Félix. **Soft Subversions**: texts and interviews 1977-1985. Los Angeles: Semiotext(e), 2009, p.158, tradução nossa.

³⁷ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa.

desenvolve substâncias psicoativas por meio da estética. A arte é uma droga que deforma a imaginação através dos efeitos cognitivos e sensoriais. Perceber o mundo através dos sentidos, da linguagem e da razão é delírio paródico do imaginário. Pílulas midiáticas biopolíticas conduzem a experiência estética da razão do ser, através dos blocos de sensações, que enunciam referências do real, mas são sempre fictícias. O uso habitual das mídias industrializadas é uma eficiente estratégia de manutenção do controle e do poder sobre os corpos colonizados: assim dita as ilusões reais que virão a ser experiência. Sem a necessidade de implantes físicos nos corposmídias, os efeitos da incorporação das referências midiáticas industrializadas resultaram no devoto consumo dos produtos estéticos comerciais. Por meio da pretensa ubiquidade, as mídias industrializadas atingem os olhos dos raros leitores que as nega arbitrariamente. A abstinência de mídias é considerada insanidade, assim como viver sem comer. Drogas culturalmente enraizadas nas sociedades modernas, como mídias, fármacos e comida, são consideradas essenciais para a sobrevivência do ser humano na Terra, como o oxigênio que nos mantém conscientes a cada respiração. Mesmo que, por detrás dos vícios químicos culturais, existam perversas indústrias colonizatórias atuando, o senso comum compreende as mídias como uma necessidade vital. A suposta era da informação nos jogou num mar de dados midiáticos em reserva potencial, que distrai a percepção humana e resulta em vícios neuroquímicos. Produzir gotas para embelezar um mar de poluição estética industrial é uma tarefa árdua diante da produção massiva e centralizada das indústrias de mídias. Hoje, os artesãos de sons, imagens e textos em geral, disputam a atenção dos leitores com uma infinidade de informações virtuais efêmeras, restando à maioria dos operários das mídias, a assimilação da mão-de-obra aos parâmetros técnicos e estéticos instituídos pelo mercado, ou a resistência aguerrida por raros rompimentos da cultura midiática industrial.

O consumo de mídias é uma prática que entorpece a percepção da realidade. Ao observarmos as mídias como drogas, os diferentes estados dos mundos de mídias, documentados pela arqueologia da mídia, evidenciam a ocorrência de períodos dhistóricos nos quais as consciências humanas caminhavam dispersas em meio à ampla variedade de suportes artesanais de enunciação estética, épocas em que predominava a cultura da abundância de probabilidades latentes para a potencial criação alquímica de mídias; logo, encontraremos no passado, possibilidades técnicas de construção de mundos imaginários mais amplas do que as incessantes promessas de inovação do mercado de mídias digitais, em que o horizonte das perspectivas estéticas está restrito a um conjunto específico de tecnologias industriais dominantes, produzidas e distribuídas em larga escala.

Diante da potência cibernética para simular múltiplas estéticas associadas às tecnologias anteriores, este dispositivo de poder entreteve a atenção dos consumidores, que comercialmente descartaram a necessidade de outras mídias. Contudo, nem sempre uma mídia nasce com pretensões artísticas. A arte digital, por exemplo, apropria-se de uma tecnologia criada, a priori, com objetivos bélicos. Atualmente, o sistema financeiro, império colonizador do mundo, adotou a linearidade binária cibernética para transações financeiras, produção e consumo de produtos e serviços. A rede de comunicações incorporou o digital como língua nativa, materna para uma geração de pessoas que desconhece a vida sem celular, sem internet, sem computador, quem dirá, sem eletricidade. A competência desta ferramenta para resolver assuntos cotidianos criou um ambiente social, cultural e político para estruturação de uma rede de conhecimentos inscritos e lidos em suportes digitais. Assim, banalizamos o uso das próteses midiáticas digitais, incorporadas em nossos corpos, hábitos, rotinas, percepções e visões de mundo. Ocorre a naturalização do uso viciado em mídias digitais por quase toda a população mundial do início do século XXI. Nas sociedades colonizadas pelo império capitalista, a adicção midiático é estimulada entre as relações culturais, que convencionam o uso compulsivo e compulsório de mídias, por meio do conjunto argumentativo: diversão, prazer e entretenimento, ao lado do desenvolvimento cognitivo e sensitivo. Devido ao incentivo sociocultural para ingestão compulsiva de pílulas de informações, um ávido leitor é fetichizado por, supostamente, deter uma inteligência superior e saberes que o leigo não desfruta.

O centro hegemônico de saber científico capitalista é um regime de poder e controle para distinguir grupos sociais que possuem, ou não, acesso privilegiado ao conhecimento formal. Nesta perspectiva, é comum a desqualificação do conhecimento de outras fontes de saber, como a experiência empírica subjetiva. No interior da Bahia, conheci pessoas analfabetas que eram mestres de saberes. Nas eleições, observei pessoas alfabetizadas serem analfabetas políticas, enquanto analfabetos das letras, por vivenciarem os debates e as práticas políticas no dia-a-dia, o ano todo, todos os anos, revelam-se revolucionários silenciosos. As matrizes do conhecimento científico são um dos fluxos do saber capazes de expandir a consciência e a percepção da realidade. Portanto, o saber é, potencialmente, acessível através de outras fontes, como a experiência sensível, criativa e mística.

Diante das exigências socioculturais para que os humano-máquinas atinjam o máximo da produtividade lógica e racional, durante toda a escolarização, fui obrigado a consumir mídias, em formas de livros, módulos e, raramente, filmes. Caso optasse pela abstinência de ingestão de conteúdos imperiosos, para dar atenção aos próprios pensamentos e observações, a sanção era a retribuição pelo desvio de conduta. Quantas vezes me vi obrigado a dormir sobre

os livros para tentar alcançar a demanda exigida? Na juventude, era recorrente fingir estar doente para poder sair da aula. Por não querer apreender conhecimentos e experiências através do método militarizado de ensino científico, muitas coisas me pareciam melhores do que estar em sala de aula, inclusive, fazer nada, nem pensar, nem sentir, se possível for. Apalavrado saber implantado nos corpos compulsoriamente, desde quando os missionários católicos pisaram nestas terras indígenas.

Quem muito lê é estudioso, mas pouco sábio se deixa de experimentar o silêncio e os fenômenos da realidade perceptível e da percepção extra-sensorial. Em si, nada é positivo ou negativo, pois a qualidade não está no objeto observado, mas na percepção do observador. As mídias possuem, paradoxalmente, o potencial de atualizar pensamentos e práticas de amor e ódio, oferecer o conhecimento e a ignorância. Tais reservas em potencial são ativadas pela subjetividade que consome seletivamente os conteúdos que lhe apetece. Ler não indica saber, pode ser como beber uma água envenenada, que resulta em delírios e alucinações destoantes sobre as ocorrências históricas. Doses tóxicas de leitura, por outro lado, podem expandir o conhecimento do leitor, ao passo que a expansão do conhecimento crítico demonstra um aumento relativo da ignorância, na medida em que o saber revela campos de desconhecimento humano. Mesmo se considerarmos que toda percepção é uma deformação da realidade e que cada subjetividade carrega seu próprio regime de verdade e seu conjunto de crenças instaladas, há narrativas midiáticas de interesse público, propositalmente distorcidas para manter erguida a estrutura de poder hegemônica. Esta ferramenta de coerção dos corpos ocorreu durante toda a escrita da literatura oficial e canônica colonizatória, contudo, a era da internet atribuiu uma nova dimensão ao disparo em massa de notícias falsas que circulam com a meta de beneficiar um grupo centralizado.

A grande quantidade de informações tóxicas sobre os problemas do mundo distrai continuamente a observação para os assuntos conflituosos sobre a vida: são conteúdos grosseiros, que ocultam as sensações sutis, com o fim de aprisionar o observador na superfície da questão. Na vida diária, os estímulos midiáticos grosseiros interferem na percepção e reação do observador, sobretudo, em relação aos desejos de consumo: sexuais, alimentares, farmacológicos, alcoólicos, prostéticos, perfomativos, estados de humor e comportamental. Habitados com as padronizações de consumo de entorpecentes químicos, sejam comidas, mídias, drogas farmacêuticas, o corpo busca uma zona de conforto conhecida. Enquanto está presente a programação colonizatória dos fluxos de prazer e percepção, se desafio o vício com a abstinência do hábito, meu corpo emite abundantes estímulos desejantes de ingestão,

progressivamente, silenciados em experiências de jejum, que revelam o potencial da renúncia vir a ser a zona de conforto.

Tanto as drogas farmacológicas, como os alimentos ou mídias, atualmente, possuem fontes de produção e distribuição centralizadas. Tais corporações hegemônicas, através dos produtos consumidos massivamente, ditam os modos de vida e percepção, por meio do controle biopolítico dos corpos prisioneiros do sistema, para a servil e dócil reprodução dos padrões cognitivos e sensitivos, implantados por memórias de experiências holográficas.

...

No atual mundo de mídias, a programação cultural hegemônica prioriza a apreensão do mundo através do órgão ocular. Assim, cega os outros aparelhos visuais do corpo. Como a percepção é sempre imaginação, delírio, paródia do real e da ideia, as imagens imaginadas são também produzidas por outros órgãos sensoriais além dos olhos. Regidos sob o ditado “ver para crer”, vivenciamos a ditadura da visão ocular. Para descrever e acessar a realidade, é preciso visualizar o fato. Enquanto as mídias audiovisuais industrializadas cooperam para a naturalização desta programação cultural, através dos seus blocos de sensações enlatados, observamos que a compreensão da ciência clássica sobre o que é a realidade ignora muitas possibilidades técnicas do corpomídia. Esta condição perceptiva humana é reforçada pela rede de dispositivos industrializados do atual mundo de mídias, a qual rege os estados de percepção por meio de pacotes de informações que compreendemos como representações do real. Assim, as mídias industriais de massa e o discurso da ciência clássica cooperam com a ditadura da visão ocular.

Há imagens imaginadas da realidade, além das produzidas por luzes em contato com os olhos da face. É sabido que ademais dos globos oculares, existem órgãos da visão no corpomídia, como o olho pineal, que imprimem imagens na imaginação. Portanto, o corpomídia exprime visões do invisível. Bataille³⁸ examinou o olho craniano e vislumbrou a possibilidade deste órgão ocular emergir da parede óssea da cabeça, “porque me parecia preciso que os seres humanos, depois de um longo período de servidão, tivessem um olho próprio para o Sol, já que os dois olhos nas órbitas se desviam dele como uma espécie de obstinação

³⁸ BATAILLE, Georges. O Olho Pineal - 1967. In: ASSÍRIO e ALVIM. *O Ânus Solar (e outros textos do sol)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007, p.53-80.

estúpida.”³⁹. Segundo Bataille⁴⁰, a visão pineal corresponde “ao segundo sistema de impulsos, não menos completo que o sistema horizontal”: [...] “enquanto função psicológica pode ser estudada a um título idêntico ao da visão habitual”. Neste sentido, considera que “a visão virtual, que tem por órgão a glândula pineal, pode ser definida como a visão da generalidade da abóbada celeste”⁴¹.

As imagens do inconsciente percebidas por meio dos sonhos são frutos da imaginação? Sonho em estado de vigília? O sonho é lúcido? O que ensina os sonhos? São imagens subjetivas ou projeções imaginárias de uma rede de subjetividades? Digo, trata-se de uma produção do indivíduo por meio do inconsciente coletivo? Sim e não são respostas, mas existe o talvez.

...

Apesar da predominância de teorias que distinguem conceitualmente as tecnologias naturais e artificiais, diversas leituras sobre o funcionamento do corpo descrevem as máquinas biológicas com base nos aparatos técnicos presentes nos mundos de mídias que ambientaram o tempo dos fisiologistas. Neste sentido, Empédocles⁴², em 2.500 a.C, utilizou a estrutura da tocha de fogo como analogia para descrever a visão ocular humana; Kepler⁴³ (1571 - 1630) a luneta; Fritz Kahn⁴⁴, no início do século XX, compara à cinematografia da película fotoquímica; atualmente, o corpo é, geralmente, compreendido através do funcionamento da computação cibernética. Contudo, as explicações sobre a composição dos seres orgânicos com base nos sistemas técnicos inventados por humanos, apresentam conceitos limitados às tecnologias utilizadas como metáfora pelos pesquisadores. Por este motivo, o biomimeticista Michael Conrad⁴⁵ observa a necessidade de descrevermos o funcionamento das máquinas biológicas a partir dos seus próprios termos e conceitos, afim de traduzir, precisamente, a estrutura e a dinâmica destes complexos sistemas computacionais biológicos de transmissão, decodificação, aprendizagem e armazenamento de informações. Portanto, a biomimética propõe uma inversão

³⁹ *Ibid.*, p. 56.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 54.

⁴¹ *Ibid.*, p. 55.

⁴² EMPÉDOCLES *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

⁴³ KEPLER, Johannes *apud* HOWARD, Ian. **Perceiving in Death**: basic mechanism. v.1. Oxford University Press, Inc: New York, 2012.

⁴⁴ KAHN, Fritz *apud* DEBSCHITZ, Uta; DEBSCHITZ, Thilo. **Fritz Kahn**. Taschen, 2013.

⁴⁵ CONRAD, Michael *apud* BENYUS, Janine. **Biomimética**: Inovação inspirada pela Natureza – 1997. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix. 2003. Cap. 6: Como armazenaremos o que aprendemos? Dança com as moléculas: computando como uma célula. p. 187–239.

da abordagem tecnológica, com o intuito de compreender a natureza de uma forma menos mecanicista e mais orgânica.

Inspirados nas sofisticadas e misteriosas tecnologias biológicas, os biomimeticistas unem os conhecimentos de engenheiros e biólogos para encontrar soluções técnicas mais eficientes para os problemas humanos. Nesta perspectiva, a sabedoria da natureza guia este ramo de pesquisa tecnológica, desde a escolha dos materiais utilizados pela vida, ao funcionamento dos seus sistemas de processamentos moleculares paralelos de computação eletroquímica que, após 3,8 bilhões de anos de aprendizagem, através de testes evolutivos, aprendeu o que é mais adequado, mais eficiente ou o que mais resiste. Entretanto, vale ressaltar, além dos benefícios, os desafios éticos da engenharia biomimética na busca por uma inteligência artificial criada por humanos. A tecnologia cibernética mostrou ser incapaz de alcançar uma estrutura de comunicação com a sofisticação da computação orgânica, devido aos limites dos suportes materiais e ao modelo de computação linear digital, que não corresponde ao sistema de computação paralela dos organismos vivos: é impossível criar uma máquina cibernética capaz de aprender e evoluir de modo autônomo através das memórias de suas próprias experiências subjetivas; por outro viés, a lógica biomimética busca imitar a engenharia da natureza para criar tecnologias capazes de solucionar os problemas que os humanos consideram ter. Tal asserção engloba experimentos de modificações genéticas em animais, como a coelha que brilha uma luz esverdeada fluorescente quando exposta à radiação ultravioleta, encomendada aos pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica da França (INRA, da sigla em francês) pelo artista brasileiro Eduardo Kac no ano 2000; e os gatos bioluminescentes, produzidos pelos pesquisadores do laboratório *Mayo Clinic*, nos EUA, que possuem a mesma mutação genética da coelha de Kac, além de genes de macacos, no intuito de combater o vírus FIV (versão felina do HIV).

Contudo, a engenharia biomimética desperta pesquisas tecnológicas revolucionárias. Benyus⁴⁶ investigou, no final do século XX, inventores que almejam desenvolver máquinas de processamento e armazenamento de dados inspiradas na computação molecular da natureza. Entre os pesquisadores cartografados, destaca-se Conrad, que após abandonar os zeros e uns da tecnologia digital, passou a se dedicar ao desenvolvimento de um computador molecular feito de carbono, com multiprocessadores que transmitem e relacionam as informações através do tato de peças-chaves moleculares, com diferentes formas, que se encaixam formando mosaicos.

⁴⁶ BENYUS, Janine. **Biomimética**: Inovação inspirada pela Natureza – 1997. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix. 2003. Cap. 6: Como armazenaremos o que aprendemos? Dança com as moléculas: computando como uma célula. p. 187–239.

Nomeado como “tatiprocessamento”, este modelo de computação, baseado na fisiologia dos organismos vivos, seria, para Conrad, capaz de aprender e evoluir.

No tatiprocessador, a superfície seria cheia de moléculas receptoras que, paralelamente, funcionam como processadores sensíveis à luz. Através da analogia com o nosso sistema ocular, Conrad compara este conjunto de sensores com o “bastonete”. Neste sentido, cada processador identificaria uma parte da imagem luminosa incidente. Quando combinadas as informações captadas em fragmentos por múltiplos processadores moleculares, a imagem inteira seria formada. “Sem o uso de um único fio elétrico ou transistor de silício, haveria a classificação, codificação, feita simultaneamente, de um grande número de sinais diferentes, para a obtenção de uma resposta coerente.”⁴⁷ Além dos trabalhos de Conrad com o tatiprocessado, Benyus cartografou a pesquisa de Felix Hong, Robert R. Birge e Rick Lawrence, com *bacteriorrodopsina* (ou “BR”), uma proteína, que há bilhões de anos, encontra-se, em estado natural, “na membrana plasmática de uma bactéria minúscula, baciloforme, flagelada, chamada *Halobacterium halobium*”.

Enquanto a padronização técnica da indústria cultural permanece satisfeita com as tecnologias cibernéticas, os laboratórios científicos das universidades experimentam múltiplas possibilidades técnicas e estéticas de reformatação dos instrumentos ópticos. De modo incipiente, alguns experimentos, confinados em laboratórios de pesquisa em diversos continentes, demonstram mistérios da física quântica que podem reorganizar a forma como percebemos o tempo, o espaço e a matéria.

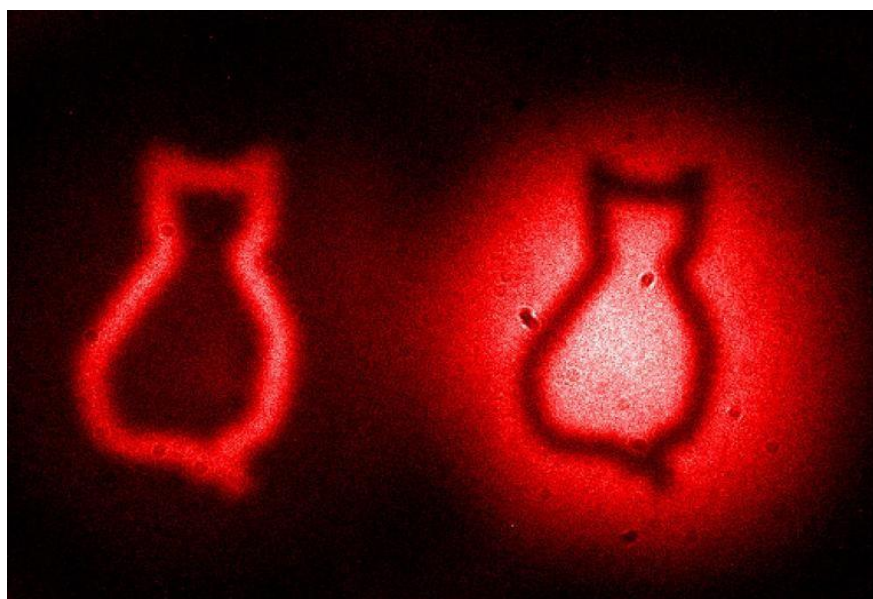
Dhistoricamente, muitas mídias nascem com o intuito de ampliar a visão da pesquisa científica, como o telescópio e o microscópio. A fotografia quântica é um exemplo atual desta busca técnica para ampliar o campo óptico ao nível subatômico dos *quanta*. Como exemplo, podemos citar o experimento da brasileira Gabriela Lemos⁴⁸, no *Institute for Quantum Optics and Quantum Information in Vienna*, que permitiu visualizar o entrelaçamento quântico (*quantic entanglement*) entre dois fótons. Isto significa que a informação luminosa de um fóton foi transmitida instantaneamente para o outro fóton gêmeo independente da distância espacial e temporal. Junto com outros pesquisadores do laboratório de óptica quântica em Viena, em 2014, Gabriela Lemos publicou um artigo na revista científica *Nature*, no qual expôs as técnicas

⁴⁷ CONRAD, Michael *apud* BENYUS, Janine. **Biomimética**: Inovação inspirada pela Natureza – 1997. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix. 2003. Cap. 6: Como armazenaremos o que aprendemos? Dança com as moléculas: computando como uma célula. p. 207.

⁴⁸ LEMOS, Gabriela; BORISH, Victoria; COLE, Garrett; RAMELOW, Sven; LAPKIEWICZ, Radek; ZEILINGER, Anton. **Quantum imaging with undetected photons**. Londres: Nature, v. 512, p. 409-412, 2014.

que utilizou e os resultados que alcançou com o experimento. Nele, emitiu dois fótons gêmeos: um fóton infravermelho, que atravessou uma placa de silício com a imagem de um gato, enquanto o outro fóton gêmeo vermelho atinge um espelho que reflete a imagem para a lente de uma câmera fotográfica, sem que haja a interferência de um objeto em seu percurso. Conforme demonstra a figura 2, apesar de apenas o fóton infravermelho cruzar a placa com a imagem do gato, ambos os fótons projetam a imagem do gato.

Figura 2 – Fotografia quântica do gato (Gabriela Lemos, 2014)



Fonte: Vergano (2014).

Outra aplicação da fotografia quântica foi realizada na China. Entre os trabalhos do *Shanghai Institute of Optics and Fine Mechanics*, os pesquisadores desenvolveram um método de fotografia quântica para longas distâncias. Desta forma, estas câmeras quânticas são capazes de detectar imagens de outros planetas, assim como do mundo microscópico, sem utilizar lentes ópticas.

O desempenho dos telescópios ópticos é determinado pelo seu tamanho. Quanto maiores as lentes, mais coisas eles podem ver. Mas isso também faz com que bons telescópios sejam muito grandes e caros. A câmera quântica não tem necessidade de uma lente e seu sensor usa apenas um *pixel*, o que a torna muito atraente para uso no espaço devido ao seu tamanho compacto e peso leve.⁴⁹

⁴⁹ GONG, Wenlin, 2015 *apud* CHEN, Stephen, **Chasing ghost images: Chinese scientists report breakthrough in a quantum camera for satellite use**. South China Morning Post, 2015. Disponível em: <https://www.scmp.com/tech/science-research/article/1792816/chasing-ghost-images-chinese-scientists-report-breakthrough>. Acesso em: 10 mai. 2016.

A tecnologia desenvolvida no laboratório chinês de óptica quântica também pode “visualizar” imagens através de barreiras físicas como nuvens, fumaças e paredes de concreto. Tanto Lemos (2014), quanto Gong Wenlin (2015) descrevem o procedimento de captação da imagem quântica como um meio que “sente” as informações dos fótons, no lugar de “olhar” a luz. Nesta perspectiva, nota-se que planejar um futuro mundo de mídias, exclusivamente dominado pela indústria cibernética, retira da sociedade possibilidades mágicas que contradizem, inclusive, leis de Newton sobre o comportamento físico da matéria.

As constatações da ciência quântica sobre a matéria, o tempo e o espaço, revisitam os caminhos da magia natural, que revelam a sabedoria ancestral da alquimia e da espiritualidade. Por distintos métodos, Empédocles⁵⁰ (2500 a.C), Ritter⁵¹ (1776 - 1810), Purkyně⁵² (1787 - 1869), Blavatsky⁵³ (1831 - 1891), Fritz Kahn⁵⁴ (1888 - 1968), Yogananda⁵⁵ (1893 - 1952), Jasmuheen⁵⁶ (1957) e a ciência quântica chegaram numa mesma conclusão: toda matéria é energia, seja animada ou inanimada. Portanto, a aparência visual que apreendemos não corresponde à realidade presente diante dos nossos olhos. Não enxergamos o fenômeno exposto, mas uma projeção, uma interpretação sensitiva e cognitiva, dentro de um conjunto infinito de probabilidades. A luz visível para os humanos é uma estreita faixa dentro de um amplo espectro de radiação eletromagnética, as únicas ondas-partículas luminosas capazes de sensibilizar nossos olhos. Esta condição perceptiva humana nos coloca diante de uma espécie de ditadura da visão ocular (“ver para crer”), que é reforçada pela rede de dispositivos industrializados do atual mundo de mídias, que regem os estados de percepção por meio de pacotes de informações que compreendemos como representações do real. Olhos fixos nas telas, nas imagens acessíveis sobre o mundo. Durante uma época de ditadura da visão e da imagem midiática, a ciência quântica precisa imaginar sem imagem: a visão não é capaz de ver o comportamento quântico das fagulhas de energia que compõem nossos corpos e o mundo que nos cerca. A linguagem matemática auxilia as pesquisas sobre o mundo invisível e apresenta

⁵⁰ EMPÉDOCLES *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

⁵¹ RITTER, Johann Wilhelm *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

⁵² PURKYNĚ, Jan Evangelista *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

⁵³ BLAVATSKY, Helena. **A doutrina secreta**: síntese da Ciência, Filosofia e Religião - 1888. Vol. 1. Consmogênese. São Paul: Ed. Pensamento, 1969.

⁵⁴ KAHN, Fritz. **O corpo humano**. v. 1, 4 ed. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, Bahia, 1960.

KAHN, Fritz. **O corpo humano**. v.2. 6 ed. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1966.

⁵⁵ YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013.

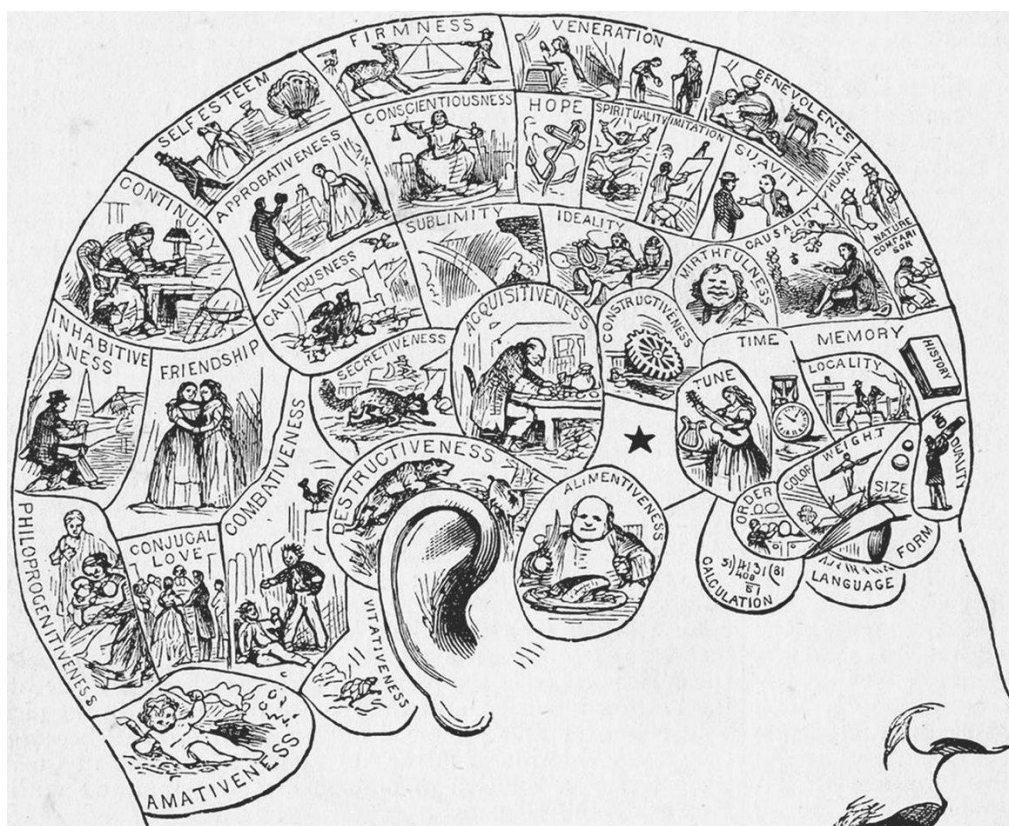
⁵⁶ JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

resultados surpreendentes e contraditoriamente debatidos. A fotografia quântica talvez sirva como nova metáfora para explicar a visão humana. No lugar de ver, busca sentir a imagem. Sem lentes, a fotografia quântica é capaz de perceber o que a visão humana insensibiliza: o entrelaçamento quântico do tempo, do espaço e da matéria.

...

No século XIX, a frenologia observou os padrões anatômicos das saliências da superfície do crânio como meio para inferir quais eram as funções dos tecidos subjacentes à parte óssea. A figura 3 expõe um mapa do cérebro, ilustrado em 1883, a partir dos fundamentos frenológicos. Gallant⁵⁷ sublinha o mérito da idealização de uma cartografia com as localizações das atividades cerebrais, contudo, destaca que a frenologia é desacreditada pela ciência contemporânea devido às diferenças entre as conclusões do antigo método e as imagens neurais registradas por meio de ressonância magnética (fMRI) e eletroencefalograma (EEG).

Figura 3 – Mapa do cérebro segundo a frenologia, de 1883



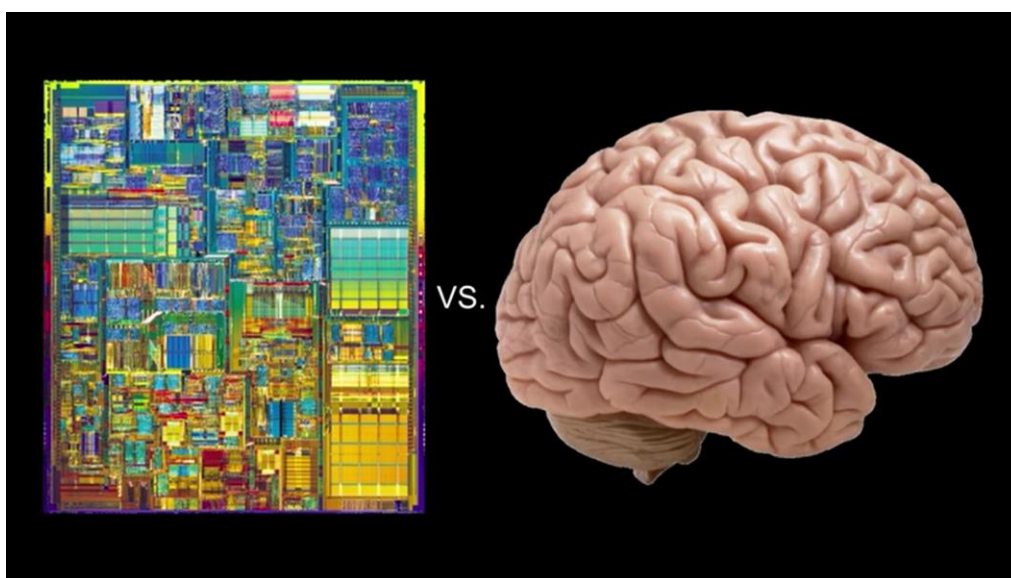
Fonte: Gallant (2017).

⁵⁷ GALLANT, Jack. **Human brain mapping and brain decoding**. TEDxSanFrancisco, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ecvv-EvOj8M>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Gallant sublinha que os estudos de mapeamento do campo neurológico estimam que o cérebro é dividido em 500 partes: “em média, um terço são núcleos subcorticais e dois terços são áreas corticais, que são funcionalmente e anatomicamente distintas. Essas áreas se conectam em redes muito densas.”⁵⁸ Apesar dos cientistas não saberem quais são as áreas em humanos ou como estão exatamente conectadas, os estudos em animais sugerem que 50% do cérebro é conectado, isto é, qualquer local do córtex cerebral está 50% conectado com todas as outras localizações. Tais conexões são de entrada-saída (*feedforward and feedback*). Nesta perspectiva, Gallant⁵⁹ compreende o cérebro como “uma gigante rede recorrente interconectada. Sistemas como este, na ciência, são conhecidos como sistemas dinâmicos não-lineares.” No caso das diversas formas neuronais da vida, tais sistemas dinâmicos não-lineares possuem propriedades emergentes, como, por exemplo, a consciência. A partir destas observações, Gallant⁶⁰ conclui que “a propriedade do sistema como um todo é que ele não pode ser necessariamente previsto através do exame das partes individuais [...]”:

[...] é um sistema envolvido, que tem sido desenvolvido por milhões de anos, continuamente, construindo sobre o que estava lá antes, mas seu processamento de informação – você senta aqui, tem algumas experiências sensoriais – combina essas experiências sensoriais com as informações prévias, os conhecimentos precedentes. Você toma decisões e atua no mundo e um sistema de processamento de informações, como este, é um computador.⁶¹

Figura 4 – Cérebro versus cibernética



Fonte: Gallant (2017).

⁵⁸ *Ibid.*, tradução nossa.

⁵⁹ *Ibid.*, tradução nossa.

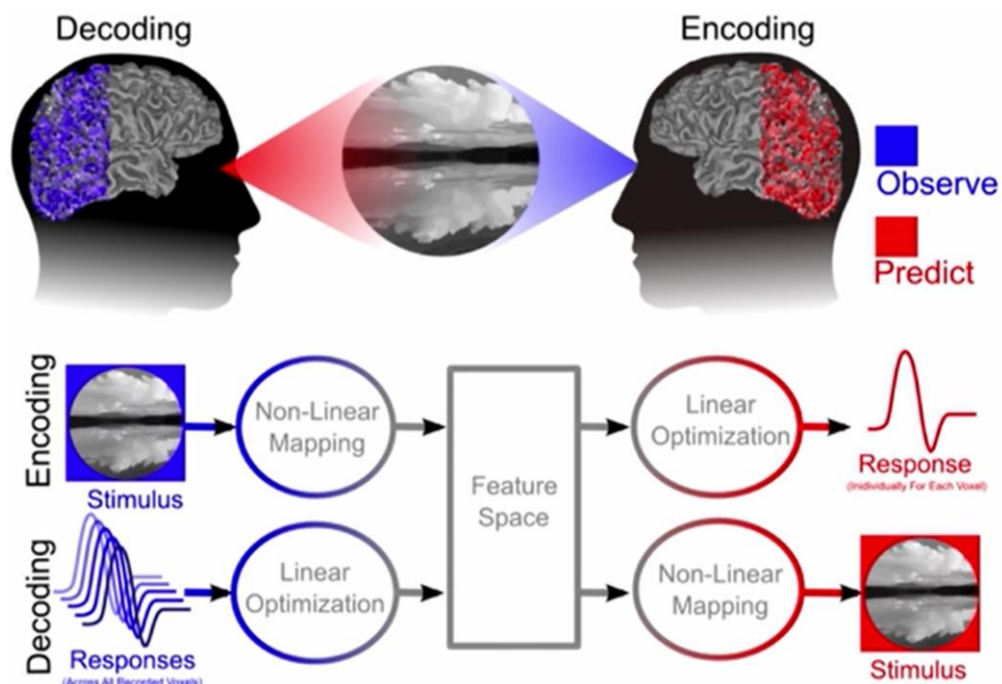
⁶⁰ *Ibid.*, tradução nossa.

⁶¹ *Ibid.*, tradução nossa.

Diante da compreensão do funcionamento do cérebro humano como um computador, por reversão da engenharia, seria possível descobrir os algoritmos computacionais que governam suas funções: “se nós fizermos isso, poderemos inverter estes algoritmos e criar dispositivos de decodificação do cérebro muito poderosos.”⁶² Em seus experimentos de decodificação dos padrões cerebrais, Gallant e sua equipe registraram, por meio de imagens de fMRI, os processos cerebrais de pessoas enquanto assistiam a filmes. Assim, buscam traduzir os padrões de atividade e localização cerebral para reconstruir uma imagem de resposta. Para tanto, constroem mapas de informações representadas em diferentes localizações do cérebro, porém várias áreas são ativadas simultaneamente a depender da informação. Há redes para centenas de diferentes tipos de informação conceitual, como números, área social, música, fala, verdade, sonhos, esculturas, qualquer coisa que possamos pensar; estes conceitos estão representados em múltiplas localizações através da superfície do cérebro e cada localização representa múltiplos tipos de informação.

Uma vez traçado um modelo computacional do cérebro que relaciona o mundo com a atividade cerebral é possível inverter este modelo: a codificação pode ser convertida para decodificação. Através desta simetria no processo de transformação da informação, Gallant busca decodificar a atividade cerebral, conforme demonstra a figura abaixo:

Figura 5 – Processo de decodificação dos sinais cerebrais para codificação em dados digitais



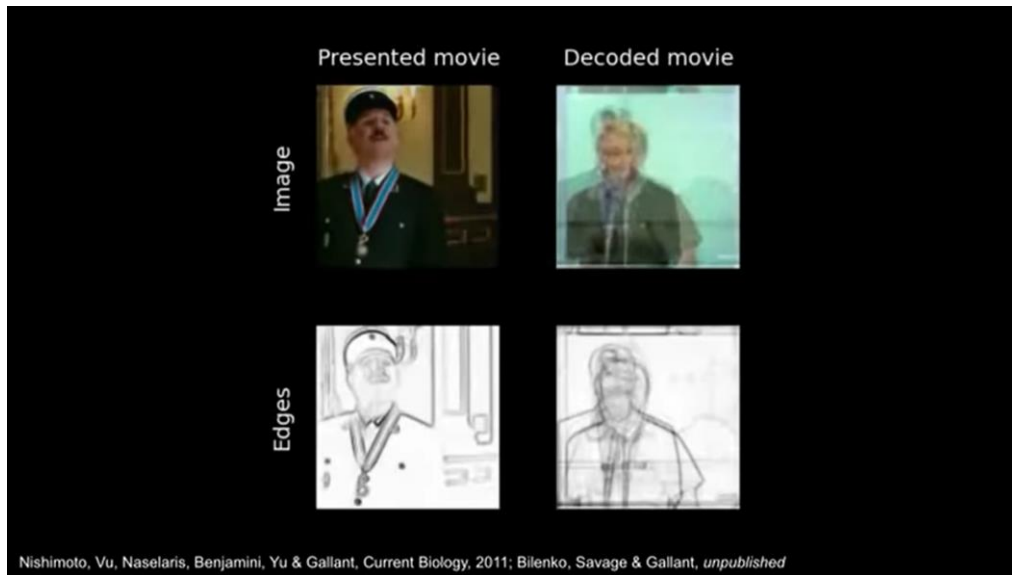
Fonte: Gallant (2017).

⁶² *Ibid.*, tradução nossa.

Para Gallant, tais leitores da atividade cerebral podem substituir os atuais dispositivos de comunicação, assim, serão ubíquos. Esta pode ser uma ferramenta de enunciação muito útil para artistas, mas será ainda mais benéfica para pessoas com diversas espécies de dificuldade de expressão. Contudo, o advento de uma mídia com tal potencial de comunicação origina um amplo debate ético sobre os efeitos culturais. Se esta mídia for comercializada dentro do sistema político contemporâneo, não apenas nossos atos, traduzidos pelo movimento dos dedos, seriam enviados para os centros midiáticos, mas também os algoritmos advindos dos nossos cérebros. Numa arquitetura social panóptica, este é um devir da sofisticação tecnológica desejado pelos centros de controle. Se, por um lado, existem profundos problemas negativos devido ao desenvolvimento desta mídia, por outro, é uma possibilidade excitante, que pode instrumentalizar diversas pessoas, atualmente, incapazes de se comunicar com o mundo, além de ajudar no diagnóstico de enfermidades mentais por meio do exame de padrões observados nas atividades cerebrais.

No caso do surgimento de dispositivos midiáticos capazes de ler e traduzir os pensamentos através de dados coletados no cérebro, as patologias psiquiátricas ganharão um novo campo de análise sobre a alucinação e o transtorno de múltiplas personalidades. Por enquanto, os experimentos, realizados por Gallant, de codificação e decodificação dos algoritmos computacionais do cérebro, restringem-se ao campo visual, mas é possível estender o método para a audição e, de alguma forma, para os outros sentidos adicionais ao sistema audiovisual. Porém, atualmente, as referências de meios de tradução midiática das experiências sensoriais do paladar, olfato e tato, ainda são pouco eficazes, enquanto o audiovisual encontrou parâmetros sofisticados de simulação da visão e audição humana.

Figura 6 – Imagens de filmes em comparação com a decodificação dos sinais cerebrais



Fonte: Gallant (2017).

A imagem acima é um exemplo de decodificação, que recuperou as informações apenas do córtex visual primário, uma área primitiva da visão, que representa aspectos simples da cena como bordas, textura e cores. Ao lado esquerdo da imagem acima, estão as imagens exibidas para os corpos em análise e, ao lado direito, estão as imagens criadas a partir da decodificação da atividade mental do córtex visual primário. As duas imagens de baixo apresentam mapas das bordas, que devem corresponder bem, pois esta é a área que representa bordas.

Gallant apresenta também um mapa de decodificação da informação recuperada em níveis mais elevados da área visual do cérebro. Estas áreas não carregam informações específicas da estrutura de uma cena, como a distribuição de cores e texturas, mas carregam informações sobre o conteúdo semântico da cena: informa, por exemplo, quais objetos estão presentes, especifica o local da cena, o tipo de ação. Contudo, esta forma de mapeamento semântico funciona melhor na medida em que as mudanças entre os signos e significados desaceleram. Como pode ser observado na comparação entre as imagens abaixo, os nomes aumentam o tamanho devido a prevalência da percepção, ou seja, da formação semântica do melhor palpite que o cérebro pode dar para interpretar a cena percebida.

Figura 7 – Detecção do conteúdo semântico através do tempo



Fonte: Gallant (2017).

Gallant destaca que, atualmente, ainda não alcançamos uma tecnologia que possa registrar no espaço e no tempo simultaneamente: as imagens de fMRI possuem boa resolução do espaço, mas ruim sobre o tempo, pois medem por meio de atividades metabólicas, mudanças no fluxo sanguíneo, que é consequência das atividades neurais. Assim, não estimam, propriamente, as mudanças da atividade neural, então a ressonância magnética não pode recuperar informações dinâmicas. Ao lado do fMRI, o método do eletroencefalograma (EEG) trabalha sobre o aspecto contrário, ou seja, possui excelente resolução temporal, mas a espacial é péssima. Sabe-se o que ocorre no tempo, mas não se pode localizar a parte do cérebro onde esses eventos ocorrem. Entretanto, Gallant acredita num futuro em que haverá melhores métodos de medir a atividade cerebral, pois se trata da história do desenvolvimento de uma mídia, semelhante à fotografia, que melhorou a tecnologia e se tornou ubíqua. Portanto, apesar de observar os atuais limites técnicos, Gallant prevê o nascimento de um método de medição da atividade neural capaz de formular registros com alta resolução no tempo e no espaço simultaneamente. Neste sentido, acredita que “qualquer coisa que estiver acontecendo em sua cabeça é potencialmente decodificável: todos os seus pensamentos internos, suas intenções, seus desejos, suas atitudes, de fato, coisas que ainda nem alcançaram a consciência.”⁶³

⁶³ *Ibid.*, tradução nossa.

Apesar dos avanços científicos sobre a relação entre cérebro e cibernética, é preciso destacar que as mídias digitais não alcançaram a ubiquidade holográfica, que, por sua vez, encontra as demais formas sensoriais humanas, quando conceituamos a estrutura do universo em que vivemos como holografia: os ensaios humanos para o desenvolvimento de tecnologias holográficas ainda estão restritos à óptica. Contudo, a radiação do fluxo potencial do holograma multidimensional, criado por padrões de interferência entre ondas, num domínio espectral fora do espaço-tempo, é capturada pelo corpomídia através de um jogo de transformações de lentes. Desta forma, a holografia da natureza transforma a radiação dos espectros de ondas nas diversas sensações que experienciamos como realidade.

...

O mote desta investigação está fundamentado na análise do corpo humano através da qualidade de mídia, ou seja, enquanto sistema tecnológico de comunicação. Neste sentido, observa a relação do corpo com as próteses midiáticas modernas, mas, sobretudo, considera suas capacidades orgânicas como principal elemento técnico de impressão e expressão das ideias e experiências. As próteses midiáticas reservam à potência de captar e exprimir blocos de sentidos e sensações, invariavelmente, mediados pela consciência do observador. Tanto para compor objetos, quanto para ler, a subjetividade do corpomídia realiza um ato imaginário singular.

Ao corromper a célebre tese de Macluhan⁶⁴, que restringe o conceito de mídias às extensões do corpo, o corpo, em si, é observado como mídia. Posso, então, ler meu corpo como tecnologia, máquina, instrumento, cinematografia, além de mídia. Esta compreensão semântica permeia os estudos da cultura, da comunicação, das artes, das ciências, da espiritualidade, e nos conduz aos debates sobre as fronteiras conceituais entre natural e artificial. Mídia, tecnologia e cinema, em sentido *lato sensu*, são signos que incorporam tantos objetos que aparentam perder o significado *stricto sensu* convencional, pois há fuga de noções que norteavam a compreensão destes conceitos. Contudo, o sentido *lato sensu* mantém uma rede rizomática coerente, que contextualiza os elementos englobados. Tais conceitos (mídia, arte, tecnologia e cinema), em sentido *lato sensu*, são mais uma abordagem, uma perspectiva, um

⁶⁴ MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding Media) - 1964. Trad. Décio Pignatari, São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

olhar sobre os objetos materiais e imateriais, do que a formulação de um significado próprio autônomo capaz de traduzir os fenômenos estéticos do mundo percebido.

Ao privilegiarmos o corpo humano como mídia elétrica cinematográfica a ser investigada, emergem diversas metodologias do saber sobre a vida: ciência, magia, espiritualidade, teosofia, ufologia, religião. Portanto, o caminho em direção ao conhecimento sobre a essência do corpomídia compreende pensamentos, teorias e ações contraditórias: há ampla divergência nas explicações que associam os corpos aos conceitos de máquina, mídia e tecnologia. Nesta perspectiva, o estudo do corpomídia apresenta três pontos de partida epistemológicos:

- I- o corpo explicado através das tecnologias produzidas por humanos;
- II- o inverso: a criação de máquinas a partir da imitação das tecnologias da natureza (biomimética);
- III- o hibridismo: próteses tecnológicas incorporadas aos corpos humanos (ciborgue).

O primeiro ponto é amplamente abordado por estudos fisiológicos, desde Empédocles (2.500 A.C), que explica o aparato ocular humano em analogia com a estrutura da tocha de fogo; posteriormente, Kepler (1604) associou os olhos à luneta e Fritz Kahn, no início do século XX, comparou a visão ao filme fotoquímico cinematográfico. Em meados do século XX e início do século XXI, o corpo passou a ser descrito através do funcionamento da computação cibernética, inclusive, por Lacan⁶⁵ e Santaella⁶⁶. Contudo, os biomimeticistas (segundo ponto) enfatizam que não devemos nos basear nas máquinas digitais para explicar o corpo e a vida, pois a natureza não computa como a binária e linear cibernética. Para encontrar as soluções tecnológicas mais eficientes, a investigação biomimética sugere observar e imitar os métodos orgânicos. Aceitar a sabedoria de uma inteligência imaterial criadora de tecnologias complexas é uma noção precisa nesta inversão conceitual. Estas misteriosas matrizes mórficas, anteriores à matéria, são denominadas de muitas formas, por diversas metodologias do conhecimento. A ciência quântica as nomeou de *campos mórficos*, religiões as chamam de *Deus(a)*; correntes espirituais e místicas, como a filosofia hindu, utilizam o termo *Akasha* para descrever um campo de memória etérico (quinto elemento).

⁶⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário** – Livro 2 – O eu na teoria de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

⁶⁶ SANTAELLA, Lucia. **Pós-humanos – Por quê?**. Revista USP. São Paulo. n. 74, 2007.

O terceiro ponto, referente à ideia do ser ciborgue, foi iniciado em meados do século XX. Hari Kunzru⁶⁷ afirma que o primeiro ciborgue nasceu, precisamente, quando se implantou uma máquina, feita por humanos, dentro de um organismo vivo. Nesta perspectiva, defende que “foi um rato de laboratório, de um programa experimental no Hospital Estadual de Rockland, Nova York, no final dos anos cinquenta.”⁶⁸ No corpo do rato, implantou-se uma bomba osmótica que injetava doses controladas de substâncias químicas que alteravam seus parâmetros fisiológicos. Tal perspectiva, compreende o ciborgue como um ser fisiologicamente alterado por um dispositivo artificial que fará do suporte biológico um corpo mais eficiente. Se por um lado, o termo ciborgue está associado à mecanização e a eletrificação do humano, por outro, incorpora a humanização e subjetivação das máquinas⁶⁹. Donna J. Haraway, estudiosa conectada às causas feministas, ampliou a noção de ciborgue em direção à própria ontologia do corpo. Para Haraway⁷⁰, os ciborgues “são máquinas de informação [...] são autômatos com uma autonomia embutida.”

A associação entre os estudos fisiológicos, que explicam o corpo através do funcionamento das máquinas mecânicas criadas por humanos, e do inverso proposto pela engenharia biomimética, que privilegia as escolhas técnicas da natureza como inspiração para a criação de tecnologias, em diálogo com a ideia ontológica de ciborgue (Haraway), dissolvem a fronteira conceitual entre natural e artificial através de diferentes áreas do conhecimento: ciborgues, somos.

Neil Harbisson⁷¹ e Moon Ribas⁷² são *artistas* (termo que une o ato artístico ao ativismo político) do movimento identitário ciborgue. Ambos implantaram tecnologias cibernéticas em seus corpos para expandir as sensações e a percepção da realidade. Harbisson nasceu sem a capacidade de visualizar cores, devido a uma mutação genética que gera acromatopsia, ou seja, vê em escala de cinza. Sua prótese cibernética o torna capaz de ouvir as cores: um chip dentro do crânio ligado a uma antena com uma câmera na ponta, instalados permanentemente na cabeça do artista, traduzem as ondas eletromagnéticas visíveis por meio de um repertório sonoro pré-determinado mediante a frequência da onda luminosa. O cromo-sensor sonoro

⁶⁷ KUNZRU, Hari. Genealogia Ciborgue - 1997. In: **Antropologia Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). 2 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009, p. 122.

⁶⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁶⁹ TADEU, Tomaz. Nós ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano - 2009. In: **Antropologia Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). 2 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009.

⁷⁰ HARAWAY, Donna *apud* KUNZRU, Hari. Genealogia Ciborgue - 1997. In: **Antropologia Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). 2 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009, p. 123.

⁷¹ HARBISSON, Neil; RIBAS, Moon. "What's it like to be a cyborg?". Talks at google, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rRU62Csr_jI. Acesso em: 22 maio 2018.

⁷² *Ibid.*

questiona as cores que costumamos ver na natureza, como as das peles humanas, que, segundo Harbisson, emitem frequência vibratória com variação entre o laranja claro e o escuro, no lugar de preto e branco, como apreendemos culturalmente a distinguir a cor das pessoas e, assim, naturalizamos uma percepção ilusória. Harbisson é o primeiro ciborgue reconhecido por um governo. Em seu passaporte britânico, posa na foto com a prótese cibernética sensorial. Moon Ribas é uma coreógrafa e dançarina espanhola que introduziu um chip no braço esquerdo para gerar vibrações com diferentes intensidades, a partir dos dados de uma página na *web* que atualiza as informações sobre os movimentos sísmicos do planeta. Ribas afirma que o ciborgue é uma identidade e que muitas pessoas são híbridos de humanos e máquinas sem perceber; quando expressam, por exemplo, que sua bateria acabou, ao se referir à carga do celular.

O discurso vendido pelas indústrias de mídias propaga a ideia de que os produtos estéticos disponibilizados no mercado são capazes de expandir os sentidos, a comunicação e a percepção da realidade. Os ciborgues materializam estas pretensões, mas anestesiaram o potencial técnico do próprio corpomídia, inebriado pelo vício químico e simbólico das mídias industrializadas. Para despertar, é preciso inverter a lógica contida na célebre proposição de Macluhan⁷³: *mídia é qualquer extensão de nós mesmos ou dos nossos sentidos*.

A partir da constatação dos sintomas do atual mundo de mídias (padronização técnica cibernética, obsolescência programada, industrialização das mídias, centralização da propriedade privada, controle financeiro, neocolonização industrial capitalista e a escravidão moderna dos ciborgues, além do vício compulsivo e compulsório em mídias), a compreensão de que nossos corpos, percepções e identidades são fabricados por um sistema financeiro de controle colonizatório, que utiliza as mídias como pacotes estéticos de referências para representar a realidade, afeta-me profundamente. Na busca descolonizatória, percebo hábitos viciados que contribuem para os problemas do atual mundo de mídias. Não poder alegar ignorância sobre o assunto retira qualquer justificativa de cultivar a permanência como prisioneiro servil, mas evoca soluções através de utopias. Tal condição motiva, além da observação e análise de textos, a projeção de experimentos subjetivos para a reprogramação do modo de vida e de crenças naturalizadas, a serem realizados através do meu próprio corpomídia. Com o objetivo de estudar a fenomenologia da percepção e a (re)programação (des)colonizatória, o método de pesquisa *corpomídia-laboratório* é um meio de experimentar e expandir o campo das observações subjetivas sobre a composição e o funcionamento dos

⁷³ MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding Media) - 1964. Trad. Décio Pignatari, São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

organismos físicos, além de (me) permitir relatar, em primeira pessoa, os resultados obtidos através dos experimentos realizados no (meu) próprio corpo.

Esta pesquisa evidencia a necessidade de metodologias transdisciplinares que permitam a conexão entre diferentes períodos históricos e distintas áreas do conhecimento relativas às tecnologias de comunicação. Nesta perspectiva, para elaborar o diagnóstico semiológico do atual mundo de mídias, adotamos o *método cartográfico*, proposto por Deleuze e Guattari⁷⁴, combinado à abordagem *(an)arqueológica das mídias*⁷⁵, que possibilita a coexistência dos diferentes tempos e verifica o funcionamento técnico e estético das tecnologias contemporâneas em constante diálogo com as variadas máquinas ópticas dos fascinantes mundos de mídias ancestrais, na busca dos futuros esquecidos. Esta perspectiva, permite-nos realizar uma análise transdisciplinar diacrônica sincrônica, que compreende o tempo de forma mágica - conforme propôs Zielinski,⁷⁶ inspirado nos trabalhos de Flusser -, no qual o passado é considerado uma coleção de possibilidades para o futuro e não uma série de artefatos obsoletos, como propõe a teoria da *evolução midiática*⁷⁷.

Guattari e Deleuze⁷⁸ descrevem a metodologia cartográfica associada ao conceito de rizoma. Tal composição conceitual elabora a noção de mapa como um objeto aberto, “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.”⁷⁹ Segundo os autores, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro, portanto, seus caminhos podem ser rompidos, pois se reconectam segundo uma ou outra de suas linhas. Neste sentido, a (an)arqueologia da mídia propõe uma espécie metodológica de cartografia rizomática: a fusão tipológica entre anarquia, anacronia e arqueologia, cunhada por Zielinski⁸⁰, conecta os diferentes tempos numa rede de igual relevância e dignidade técnica, sem tendências obrigatórias, mídia principal ou pontos de fuga

⁷⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - 1995. v. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, São Paulo: Editora 34 Ltda, 2007.

⁷⁵ ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. São Paulo: Annablume, 2006.

⁷⁶ *Ibid.*

ZIELINSKI, Siegfried. [... **After the Media**] **News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013.

⁷⁷ SCOLARI, Carlos. Media evolution. In: **International Journal of communication**. n.7. Califórnia, E.U.A: University of Southern California, 2013.

LEHMAN-WILZIG, S.; COHEN-AVIGDOR, N. **The natural life cycle of new media evolution: Intermedia struggle for survival in the Internet age**. *New Media & Society*, v. 6, 2004. p.707-730.

⁷⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - 1995. v. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, São Paulo: Editora 34 Ltda, 2007.

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. [... **After the Media**] **News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013.

imperativos, na qual o passado, o presente e o futuro coexistem simultaneamente, sem configurar uma forma cronológica linear. Assim, o passado se mostra uma coleção de possibilidades para o futuro, enquanto o futuro é um conjunto de probabilidades contingenciadas e o presente é atemporal. Nesta teia, devemos ser capazes de descobrir variações individuais no lugar de padrões técnicos e estéticos. Trata-se, portanto, de escavações anarqueológicas descentralizadas, conectadas por redes rizomáticas, em busca de mídias ópticas autônomas soterradas pela padronização técnica industrial e pela política da obsolescência programada.

Neste percurso anarqueológico, a metodologia incorporada nas tecnologias biomiméticas, que busca nas escolhas da natureza, as soluções técnicas para a construção de máquinas, reascende a potência do método *corpomídia-laboratório*⁸¹, inspirado pelos estudos de Johann Wilhelm Ritter⁸² (1776 - 1810) e Jan Evangelista Purkyně⁸³ (1787 - 1869), estudiosos que utilizaram seus corpos como laboratório de pesquisa para investigar a visão subjetiva, através de experimentos rigorosamente controlados e documentados, que unem os métodos mágicos e a busca por padrões científicos. Por ser o mais complexo artefato óptico cartografado, os estudos do corpomídia dispõem de uma leitura ampla das metodologias do saber sobre a vida. Nesta perspectiva, além da leitura bibliográfica, utilizarei meu próprio corpo como laboratório para examinar a potência técnica e estética dos humanos, através da associação entre o saber científico moderno e os conhecimentos mágicos milenares.

⁸¹ Termo cunhado pelo autor.

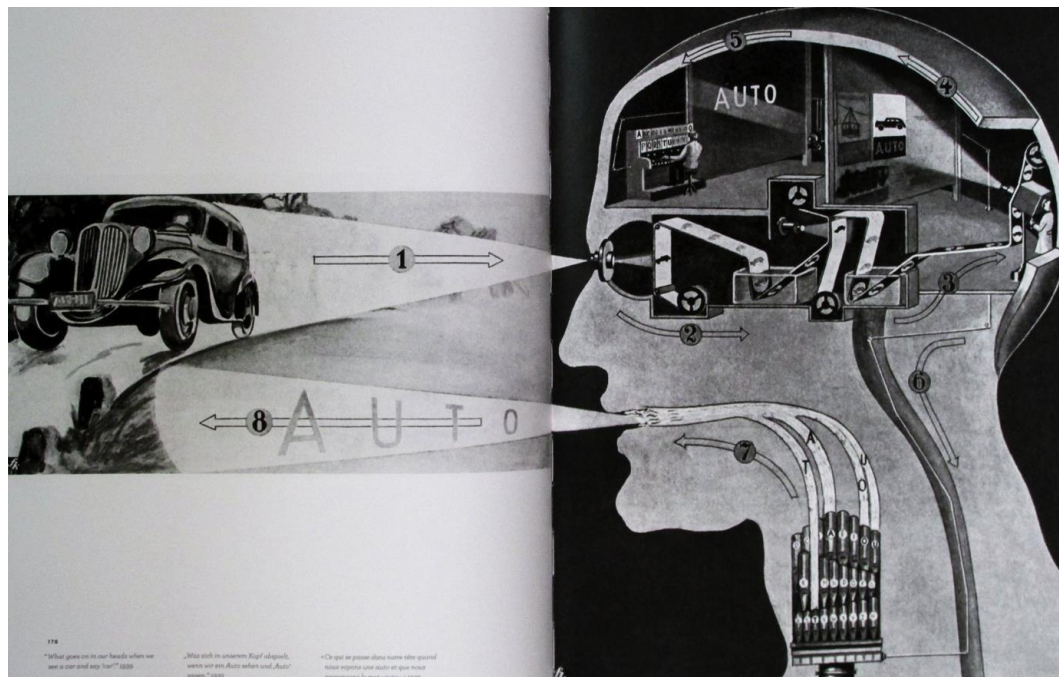
⁸² RITTER, Johann Wilhelm *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

⁸³ PURKYNĚ, Jan Evangelista *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

1.2 AUT’OBSERVADOR HOLOGRÁFICO

Se, por um lado, a noção científica sobre a estrutura biológica do olho utiliza analogias mecanicistas advindas das máquinas midiáticas, por outro, a relação entre o olho e a estrutura das câmaras escuras fotográficas pode ser considerada biomimética: no caso do olho humano, trata-se de uma forma esférica, portanto, a luz capturada gera uma projeção bidimensional, invertida e espelhada, na parede côncava da retina. Nas palavras de Kepler⁸⁴, “o que é para o lado direito no exterior é representado no lado esquerdo da retina, os da esquerda na direita, a parte de cima para baixo, e o que está embaixo em cima.” Para explicar a física da visão ótica humana, no século XVII, Kepler utilizou, como metáfora mecânica, a câmara *pinhole* (câmara escura com um furo de alfinete). Já Fritz Kahn, no início do século XX, recorreu à cinematografia de celulose, como ilustra a figura abaixo.

Figura 8 – “O que acontece quando vemos um carro e falamos ‘carro’”



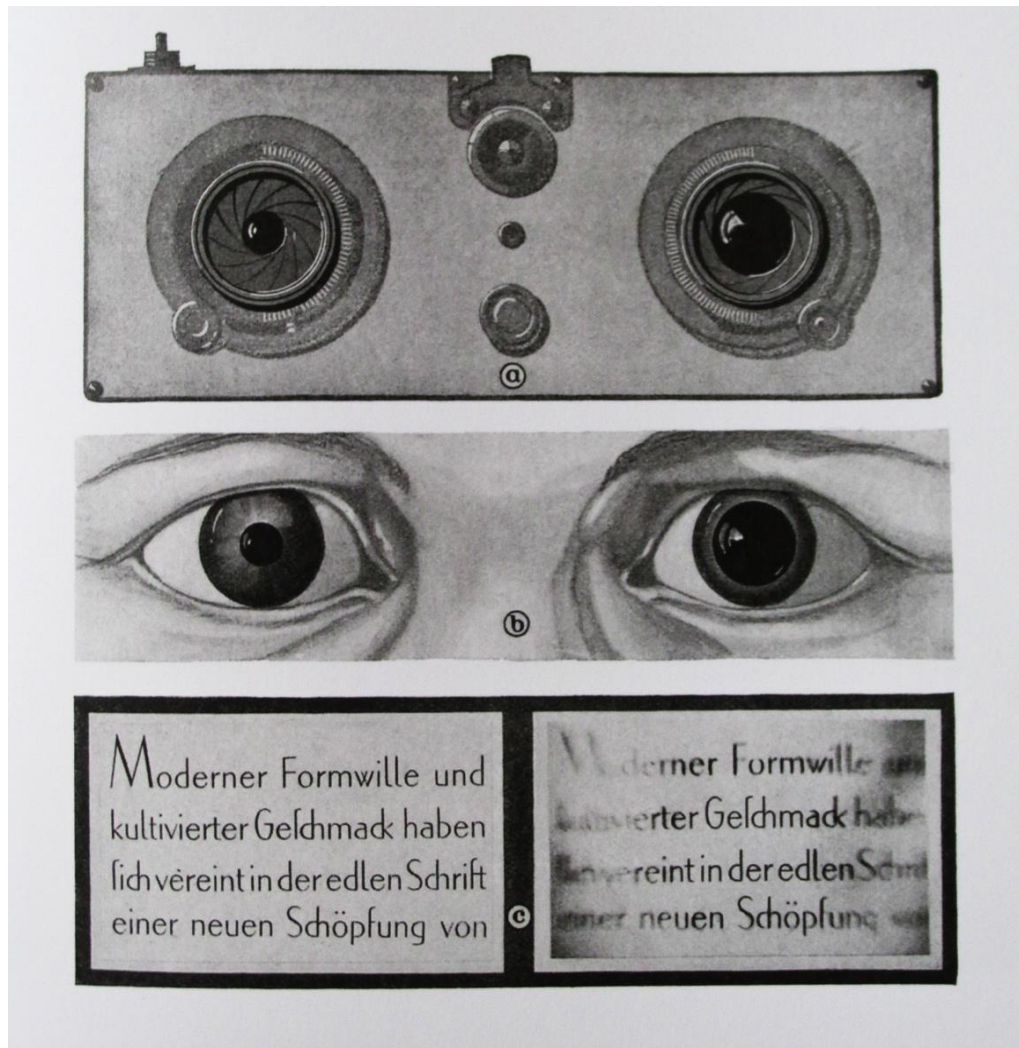
Fonte: Fritz Kahn (1939) *apud* Debschitz, Uta; Debschitz, Thilo (2013, p. 184).

A íris do olho funciona como a íris da lente de uma câmera fotográfica: regula a abertura do orifício de entrada de luz na câmara escura. Os efeitos visuais desta variação, no olho e na câmera fotográfica, são os mesmos. Portanto, quanto maior o diâmetro da fenda, menos

⁸⁴ KEPLER, Johannes *apud* HOWARD, Ian. **Perceiving in Death**: basic mechanism. v.1. Oxford University Press, Inc: New York, 2012, p. 34.

informações luminosas dos objetos distantes serão captadas, reduzindo a profundidade da definição focal. Assim, Kepler percebeu que a acomodação da imagem na retina é conquistada pelo movimento de vai e volta das lentes. No caso do olho humano, o cristalino, junto à úvea (íris, corpo ciliar e coróide), compõem o sistema mecânico que realiza este ajuste.

Figura 9 – A íris do olho humano em comparação com a lente da câmera fotográfica

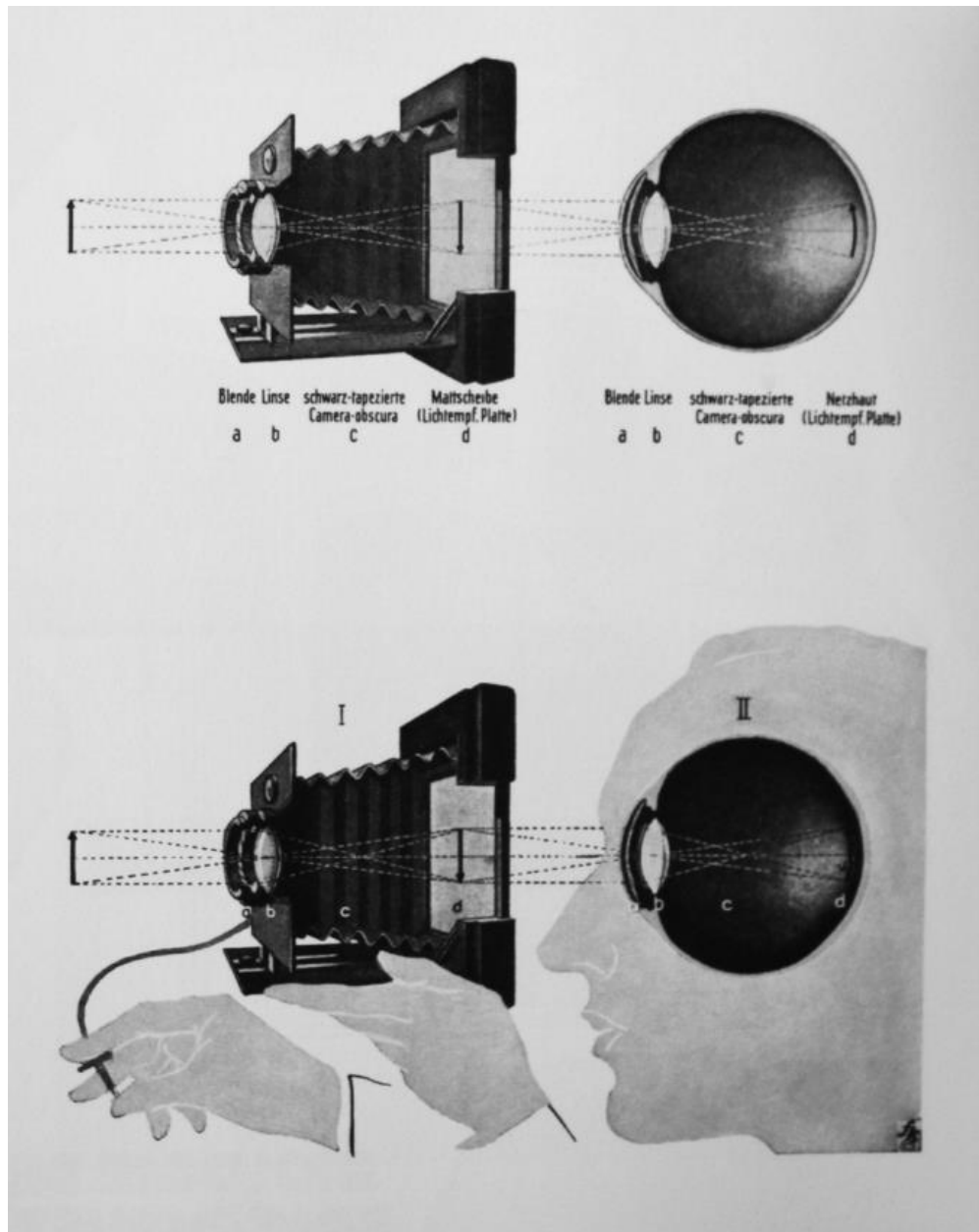


Fonte: Fritz Kahn (1931) *apud* Debschitz, Uta; Debschitz, Thilo (2013, p. 173).

Em óptica, uma abertura muito pequena da pupila produz a mesma transformação que uma lente. Quando a pupila foi dilatada quimicamente, como durante um exame oftalmológico, o foco é perdido e a visão experiente fica turva. No entanto, se um orifício ou fenda em um pedaço de papelão for colocado na frente do olho dilatado, a visão normal é restaurada.⁸⁵

⁸⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 476, tradução nossa.

Figura 10 – “O olho – um aparelho fotográfico”



“(…) anteriormente, um diafragma, que regula a abertura da lente (a), atrás de uma lente (b), a seguir, um espaço forrado de preto (c) e, atrás, um tapete fotossensível, a retina (d). Pode-se, com o olho, tirar fotografias como um aparelho.” Fonte: Fritz Kahn (1966, p.303/304).

O cristalino possui a estrutura e a função de uma lente biconvexa elástica e transparente, que modifica sua forma para acomodar e focalizar a projeção da imagem na membrana avermelhada da retina, onde existem os cones e bastonetes, que são células fotossensíveis que, quando estimuladas, emitem para o cérebro impulsos, através dos nervos ópticos, contendo os dados luminosos binoculares. O cérebro processa, reposiciona e sobrepõe as informações capturadas pelos olhos, para enfim, formar as imagens em movimento tridimensionais e coloridas, que percebemos como mundo visual. Assim, diversos estudos fisiológicos

compreendem que os instantes capturados pela câmara escura esférica ocular são editados pela imaginação como no cinema. O cronocorpo óptico humano é descrito como uma máquina elétrica cinematográfica com capacidades técnicas embutidas. Neste sentido, a retina é compreendida como análoga ao filme de celuloide. Porém, com o desenvolvimento da cibernética, muitos autores passaram a utilizar as metáforas da tecnologia digital; Pribram absorve todas essas perspectivas em seu percurso, contudo, o neurocientista refuta ambas as comparações tecnológicas, pois compreende que o processo fisiológico da percepção é semelhante ao holográfico.

A dhistória dos hologramas (do grego, *holos* = inteiro) começa com a invenção matemática de Dennis Gabor, em 1948, que os desenvolveu para aumentar o poder de resolução da microscopia eletrônica. Gabor baseou seu procedimento holográfico na transformação das coordenadas de espaço-tempo em um espectro de padrões de interferência, por meio da equação de Fourier que opera sob a regra da “função de espalhamento”. Ou seja, a holografia se baseia em pegar uma imagem espaço-temporal e a dispersar sobre a extensão da mídia de gravação, na qual “as partes da imagem se tornaram totalmente envolvidas umas com as outras e o todo se tornou totalmente envolvido em cada parte.”⁸⁶

Você pode demonstrar de forma simples e direta como o processo holográfico funciona usando um projetor de slides comum. Projete a imagem de um slide em uma grande tela branca e, a seguir, remova a lente do projetor de slides. Agora você não vê nada na tela, apenas um grande borrão branco brilhante de luz espalhada. Mas se você pegar um par de óculos de leitura comuns e os segurar na faixa de luz entre o projetor e a tela, verá duas imagens aparecerem na tela onde quer que você coloque as duas lentes dos óculos. Não importa onde você segure os óculos de leitura no campo de dispersão da luz projetada, as duas lentes criarão duas imagens distintas de seu slide original na tela. Se quatro lentes forem usadas, quatro imagens aparecerão na tela. Uma centena de lentes produziria uma centena de imagens.⁸⁷

Na ausência de lentes, a *informação* se espalha, difunde-se. A lente restaura a imagem, transforma a informação luminosa dispersa de volta ao padrão contido na imagem original. Tais padrões, que parecem irremediavelmente aniquilados na ausência da lente, ainda estão presentes em todas as partes da luz emitida pelo projetor, como demonstra o experimento com as lentes de óculos: lentes como as dos projetores de slides ou dos nossos olhos transformam a *informação* que se espalha na luz. Desta forma, “um processo holográfico nada mais é do que um padrão de interferência criado pela interação de duas ou mais ondas.”⁸⁸

Um aspecto notável desses padrões de interferência é que a informação de quando e onde exatamente os seixos atingiram o lago é espalhada pela superfície da água - e

⁸⁶ *Ibid.*, p. 475, tradução nossa.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 45/46, tradução nossa.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 45, tradução nossa.

que o local e o momento em que os seixos atingiram o lago podem ser reconstruídos a partir do padrão. Conseguimos isso simplesmente invertendo o processo: se o filmamos, rodamos o filme ao contrário; ou, se usamos a matemática de Gabor, simplesmente invertemos a transformação. Assim, a localização e a hora do ponto de origem podem sempre ser recuperadas a partir do padrão de interferência.⁸⁹

A holografia possui características que ajudam a compreender o processamento sensorial e a reconstrução de nossa experiência a partir da memória. Graças ao trabalho pioneiro de Emmet Leith, no início dos anos 1960, alcançamos uma compreensão palpável do processo holográfico usando a óptica de laser. Seu desenvolvimento do holograma para fotografia de luz laser ganhou popularidade, entretanto, para Pribram, ofuscou a origem matemática da invenção.

O procedimento de Leith era lançar um feixe de luz coerente (laser) através de um espelho em ângulo meio prateado que permitia que parte do feixe passasse direto pelo espelho e parte fosse refletida de sua superfície. A porção refletida da luz laser foi irradiada em ângulos retos para ser padronizada por um objeto. Os feixes refletidos e transmitidos foram então coletados em uma placa fotográfica, formando um espectro formado pela intersecção dos dois feixes. Onde quer que essas interseções ocorram, suas amplitudes (alturas) são reforçadas ou diminuídas dependendo dos padrões “codificados” nos feixes. Um modelo simples das interseções dos feixes pode ser visualizado como sendo muito parecido com as interseções de dois conjuntos de ondas circulares feitas pela queda de duas pedras em um lago, conforme descrito por Leonardo da Vinci.⁹⁰

Assim, dois distintos feixes de luz coerente operam no processamento holográfico: um é denominado “raio do objeto”, que ilumina diretamente o objeto cuja imagem será obtida e projetada, numa placa fotossensível, a luz refletida pela interação entre este feixe do laser e o objeto. Simultaneamente, o “raio de referência” “é direcionado para a placa a ser impressa, passando por uma série de espelhos que permitem que interaja com a luz do primeiro raio, refletida do objeto.”⁹¹

A convergência dos dois raios de luz coerentes forma uma imagem complexa de padrões de interferência impressa na placa, sem qualquer semelhança visual com o objeto real. Mas quando iluminamos um dos dois feixes no filme holográfico, os padrões “codificados” no outro feixe podem ser reconstruídos. “Assim, quando um dos feixes foi refletido de um objeto, a imagem desse objeto pode ser vista novamente. Se ambos os feixes são refletidos de objetos, a imagem de qualquer um dos objetos pode ser recuperada quando iluminamos o outro.”⁹²

⁸⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 92, tradução nossa.

⁹¹ PRIBRAM, Karl; MARTÍN, J. El funcionamiento holonómico del Cerebro. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 13, n. 2, p. 187-246, 1981, p. 197, tradução nossa.

⁹² PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 93, tradução nossa.

Uma característica adicional da holografia é que se pode armazenar grandes quantidades de dados em filme de forma recuperável, simplesmente repetindo o processo com pequenas mudanças no ângulo dos feixes ou na frequência de suas ondas (assim como quando alguém muda de canal em um aparelho de televisão). Todo o conteúdo da Biblioteca do Congresso pode ser armazenado em 1 centímetro cúbico dessa maneira.⁹³

No início dos anos 80, o físico quântico David Bohm observou que se olhássemos para o cosmos sem as lentes dos telescópios, o universo nos pareceria um borrão holográfico, um vazio de todas as formas assim como de objetos. Neste sentido, Bohm descartou o espaço-tempo como um conceito em sua disposição sem lentes, o que retira a origem e o horizonte dos termos que explicam a microestrutura do universo.⁹⁴

Pribram⁹⁵ estende a perspectiva holográfica de Bohm sobre a importância das lentes para a transformação do fluxo espectral em medição e registro no espaço-tempo. Por meio da lente na ótica do olho, bem como nas operações e propriedades dos mecanismos receptores dos outros sentidos, como do ouvido, da pele e provavelmente do nariz e da língua, que funcionam de maneira semelhante aos telescópios para a criação de uma imagem no espaço-tempo transformada desde o campo potencial cósmico. Assim, ao investigar o processamento do cérebro, Pribram nota que, sem as lentes e operações semelhantes às das lentes, nossa percepção sobre o mundo em que navegamos nos pareceria uma densa névoa vazia, dentro da qual todas as formas desaparecem num borrão holográfico.

Descoberta matematicamente em 1948, por Dennis Gabor, em seu esforço para aprimorar a resolução da microscopia eletrônica, a holografia é um conceito que traduz o aspecto potencial da realidade, que é intangível ao domínio do espaço-tempo, portanto, inacessível aos fenômenos da percepção. Porém, ao conquistar uma expressão palpável do processo holográfico por meio da ótica de laser no início dos anos 1960, o trabalho pioneiro de Emmet Leith amenizou a dificuldade de imaginar como opera o fluxo espectral de um mundo sem lentes. A pesquisa sobre a percepção holográfica investiga as transformações de Fourier que ocorrem nas lentes (e em processos semelhantes às lentes), responsáveis pela transição da informação entre o campo potencial do fluxo espectral e o domínio do espaço-tempo, meio pelo qual acessamos o que nomeamos de realidade material.

No início da década de 1960, quando a formulação holográfica dos processos cerebrais foi proposta, Pribram iniciou uma busca para identificar as ondas cerebrais que constituíam um

⁹³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 92.

⁹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

holograma. Meio século após se questionar, a resposta que encontrou foi que nenhuma onda está envolvida no processo holográfico do cérebro.

Espectros resultantes da interferência entre ondas são diferentes de ondas. As ondas ocorrem no espaço-tempo, aspecto familiar às nossas experiências, os espectros de onda operam no campo potencial. As pesquisas sobre o funcionamento da estrutura profunda da rede neuronal de fibras finas do cérebro, portanto, não lida com frequências de ondas, mas com frequências de oscilações entre hiperpolarizações e despolarizações, expressas por *wavelets* (pequena onda).

As ondas são geradas quando a energia produzida pelas oscilações é restringida como em uma corda - ou na beira-mar, ou pela interface entre o vento e a água. Mas as oscilações irrestritas não produzem ondas. Por exemplo, os tsunamis (em geral, solitões) podem ser iniciados na costa leste da Ásia e o seu efeito sentido nas praias do Havaí, sem qualquer ocorrência de ondas perceptíveis sobre a extensão do Oceano Pacífico, ou seja, entre o local de origem e de manifestação. Pois, como sua energia não é restrita no espaço-tempo, espalha-se por todo o oceano Pacífico por meio das oscilações, que “carregam” a energia. O comportamento de tais oscilações podem ser vivenciado visualmente ou cinestésicamente, como em uma praia, onde a água anterior à quebrada das ondas na beira do mar, que faz a jangada balançar para cima e para baixo no que é sentido como um movimento circular. Neste sentido, no cérebro, são as restrições produzidas por entradas sensoriais ou relógios neuronais que resultam em várias frequências de oscilações registradas através do *potencial relacionado ao evento* (PRE) e da *eletroencefalografia* (EEG).⁹⁶

Portanto, diferente do processamento neuronal da estrutura de superfície, composta por grandes axônios, capazes de sustentar a transmissão de impulsos de ondas elétricas, que se comportam como faísca, na rede profunda de processamento dendrítico, não há ondas cerebrais, mas existem oscilações entre as mudanças de potencial pós (e pré) sinápticas excitatórias e inibitórias. As medições de “*wavelets*”, apresentadas por Gabor, são o meio que Pribram utiliza para descrever as operações cerebrais profundas dos campos dendríticos. “*Wavelets* não são números instantâneos. Como seu nome indica, as *wavelets* têm uma inclinação inicial e uma inclinação de contrabalanceio. Pense em um tom musical: você sabe um pouco sobre de onde vem e um pouco sobre aonde está levando.”⁹⁷

“É como água. Quando a energia de uma descarga de impulsos nervosos atinge a ‘margem’ da retina, a ativação pré-sináptica forma uma ‘frente de onda’. Mas quando a

⁹⁶ *Ibid.*, p. 75, tradução nossa.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 107, tradução nossa.

atividade no córtex cerebral é mapeada, obtemos *wavelets*, os ‘quanta de informação’ de Gabor.”⁹⁸ A frequência no espaço-tempo foi convertida em densidade espectral no domínio da transformação. As ondas ocorrem no espaço-tempo, o espectro não. Por meio da técnica de Fourier, “o local de interferência pode ser especificado como um número que indica a ‘altura’ da onda naquele ponto. O número é representado por uma função de Gabor (ou outra *wavelet*).”⁹⁹

A teoria holográfica do cérebro descreve a transformação de Fourier como restrita a um único ou um pequeno pedaço do campo receptor, que formam remendos dendríticos, limitados a um ou a uma pequena congregação de campos receptivos - como o balançar de uma jangada na água além da costa. Portanto, a transformação de Fourier é restrita, em janela, tornando o evento cerebral transformado uma *wavelet*.¹⁰⁰

Pribram¹⁰¹ notou que “a única característica de processamento que todos os cientistas perceptivos consideraram não controversa foi que a lente bicôncava do olho executou uma transformação de Fourier na energia radiante sendo processada.” Geoffrey Chew, ex-diretor do Departamento de Física da Universidade da Califórnia em Berkeley, sublinha a importância de Fourier para física quântica: Chew “afirmou que qualquer padrão de espaço-tempo que observarmos pode ser transformado em espectros compostos de interseções entre formas de onda que diferem em frequência, amplitude e em suas relações umas com as outras, como Leonardo Da Vinci observou.”¹⁰²

A técnica matemática que Fourier desenvolveu foi publicada em sua forma final em 1822 como *Théorie Analytique de la Chaleur* (Teoria Analítica do Calor). Hoje, a fórmula antes controversa é a base da teoria conhecida como a "série de Fourier" - e com seu inverso, a "transformação de Fourier" - fornece um método pelo qual podemos reduzir qualquer configuração percebida, qualquer padrão, não importa o quão complexo, em uma série de números que representam interseções entre as formas de onda. Além disso, qualquer uma dessas séries pode ser restaurada à sua configuração original realizando a transformação novamente, usando seu inverso.¹⁰³

O método de Fourier oferece a capacidade de decompor uma configuração, conforme a experimentamos, em uma série de partes componentes. Um destes componentes, por exemplo, pode fazer uma varredura ampla de uma cena e a descrever por uma frequência baixa. Por sua vez, um componente subsequente se concentra em aspectos mais restritos sobre a mesma

⁹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 107/108, tradução nossa.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 93, tradução nossa.

¹⁰² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 97, tradução nossa.

configuração e descreve por meio de uma frequência mais alta. Neste sentido, de modo subsequente, os componentes decifram o padrão em frequências cada vez mais altas.

Uma série de doze componentes geralmente consegue representar a configuração de espaço-tempo experimentada em granulação suficientemente fina para a restaurar fielmente quando a transformação inversa é realizada. (Lembre-se de que realizar uma transformação de Fourier duas vezes retorna à configuração original.) Os componentes sucessivos na equação de Fourier alcançam uma resolução crescente, fornecendo um grão mais fino, como textura, à configuração.¹⁰⁴

O advento de um programa de computador que realiza a transformação de Fourier, a *Fast Fourier Transform* (FFT), no final da década de 1950, demonstrou a útil aplicação prática deste método de decompor configurações do domínio do espaço-tempo numa série de partes componentes com aspecto espectral. A partir desta tecnologia, é possível obter, por exemplo, as imagens médicas de tomografia por emissão de pósitrons (PET) e de ressonância magnética funcional (fMRI).

Seja por meio do computador ou do cérebro, a transformação do domínio espectral em espaço-tempo (e vice-versa) torna mais simples o cálculo das correlações, a base para a formação da “imagem”, devido ao uso do procedimento de “convolução” – “uma forma de multiplicação das transformações espectrais do que precisa ser correlacionado.”¹⁰⁵

A teoria do cérebro holográfico sugere que as funções sensoriais biológicas também podem ser baseadas no processamento de imagens espectrais. Neste sentido, o teorema de Fourier pode ser aplicado para resolver antigas questões da neurobiologia da percepção visual, como, por exemplo, sobre o conceito de que a ótica do olho cria uma “imagem retinal” bidimensional.

¹⁰⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

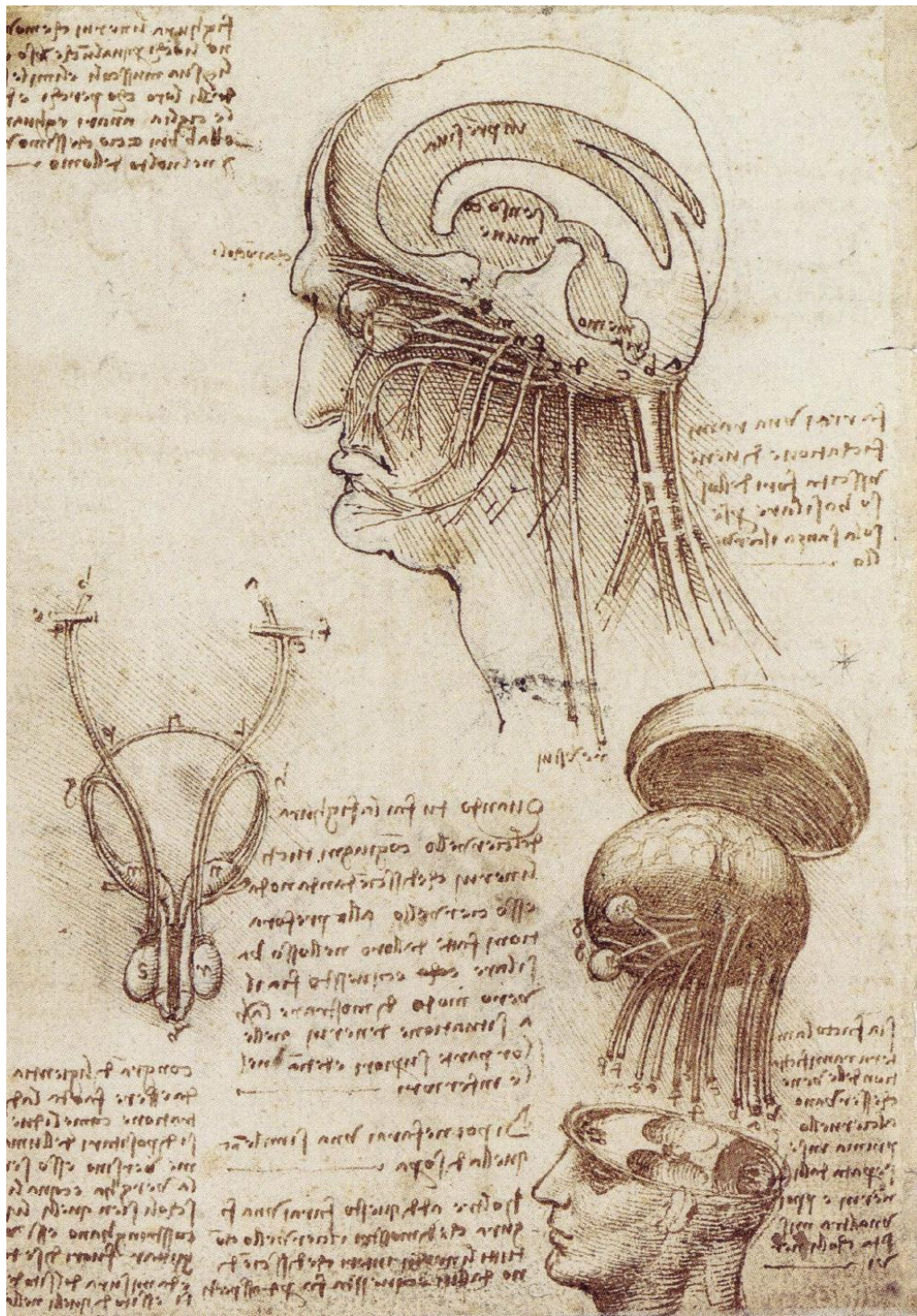
¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 98, tradução nossa.

Figura 11 – “Comparação do couro cabeludo com a cebola”



Fonte: Leonardo da Vinci (1489),

Figura 12 – “Estudos anômicos: cérebro, cavidades e nervos/ aparelho urogenital masculino”



Fonte: Leonardo da Vinci (1506/08)

Apesar das explicações científicas do século XX e XXI, presentes em diversos textos, descreverem os processos visuais por meio de analogias com a tecnologia cinematográfica da

película de celuloide, Pribram¹⁰⁶ destaca que, desde o século XV, Leonardo da Vinci observou que a ótica do olho é composta por uma superfície esférica, portanto, o processo fisiológico que forma as percepções visuais representa algo distinto de um comportamento euclidiano bidimensional, pois as regras da geometria plana não são válidas para descrever a superfície do olho: a retina é côncava e essa curvatura é projetada na superfície cortical. Assim, os processos nos sistemas sensoriais e cerebrais, que nos permite perceber imagens, operam por um caminho geodésico ao redor do globo ocular.

[...] esse processo fisiológico forma a concavidade da configuração percebida do espaço hiperbólico. Há uma mudança na quantidade de concavidade dependendo da distância que está sendo observada: quanto mais perto focamos, mais a lente do olho fica saliente; portanto, há maior concavidade. Conforme nosso foco fica mais distante, a lente fica um pouco achatada, o que resulta em menos concavidade. Essas alterações são como alterar a ampliação do espelho côncavo de 7X para 5X e 3X.¹⁰⁷

Segundo Pribram, a história científica sobre a análise dos processos neurofisiológicos da percepção permanece, desde o início do século XX, em debate sobre o funcionamento das operações cerebrais com base na “detecção de características” versus “visualizações de frequências”. Um exemplo desta confusão de interpretações sobre o processamento da percepção é fornecido pelo confronto entre a visão de Pribram sobre o cérebro holográfico e um artigo publicado pela *Scientific American*, em abril de 2007.

Intitulado “*The Movies in Our Eyes*”, Frank Werblin e Botond Roska descrevem uma série de experimentos que registraram a atividade elétrica de células ganglionares da retina de coelhos. As células ganglionares dão origem aos axônios, que retransmitem para o cérebro os padrões desenvolvidos durante o processamento retinal da energia radiante. “Os autores primeiro classificaram as células ganglionares em doze categorias, dependendo de seus campos receptivos, suas conexões dendríticas com os estágios iniciais de processamento da retina.”¹⁰⁸

Os autores registraram os padrões de sinais gerados em cada um dos diferentes tipos de células ganglionares por um quadrado luminoso e também pela apresentação de uma moldura de um dos rostos iluminados do autor. Eles então pegaram os padrões resultantes e os programaram em uma rede neural artificial onde foram combinados por superposição. A simulação resultante foi brevemente (por alguns milissegundos) exibida como um exemplo de um processo retinal, um quadro de um filme, enviado ao cérebro. Em sequência, os filmes mostraram uma representação um tanto confusa do rosto do experimentador e como ele mudou enquanto o experimentador falava por um minuto.¹⁰⁹

¹⁰⁶ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 137, tradução nossa.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 134/135, tradução nossa.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 78, tradução nossa.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 79, tradução nossa.

Na interpretação dos resultados obtidos no experimento, Werblin e Roska enfatizam o aspecto espacial da representação do rosto e o tempo gasto na sequência dos filmes. Os autores também ressaltam a descoberta de que a retina realiza um amplo pré-processamento antes de enviar uma série de representações parciais da entrada fótica ao cérebro para interpretação:

Pode ser que os filmes sirvam simplesmente como pistas elementares, uma espécie de andaime sobre o qual o cérebro impõe construções” (p. 74). Mais distante: “... o tecido neural fino como papel na parte de trás do olho já está analisando o mundo visual em uma dúzia de componentes distintos. Esses componentes viajam, intactos e separadamente, para distintas regiões visuais do cérebro - algumas conscientes, outras não. O desafio para a neurociência agora é entender como o cérebro interpreta esses pacotes de informação para gerar uma visão magnífica e contínua da realidade” (p. 79).¹¹⁰

Para Pribram, os autores ignoram uma série de evidências em suas próprias descobertas. Werblin e Roska não mencionam que a entrada para as células ganglionares é desprovida de impulsos nervosos, sendo mediada por meio da rede neuro-nodal de fibras finas dos estágios anteriores de processamento. A atividade elétrica, tanto excitatória quanto inibitória, que os autores registram das células ganglionares, portanto, aparecem como *wavelets*, ou seja, representações espectrais restritas. “Comumente, na física quântica, na teoria da comunicação e na neurociência, a restrição é formada no espaço-tempo. Assim, temos os quanta de informação de Gabor.”¹¹¹

Quando Werblin e Roska assumem que o “filme mestre” do espaço-tempo, produzido pelo processo da retina, é a forma como o cérebro recebe a informação, os autores ignoram com esta tese uma quantidade considerável de evidências que demonstram que “cortar todos, exceto 2% do nervo óptico, não perturba a resposta de um animal a um estímulo visual.”¹¹² Por este motivo, Pribram¹¹³ defende que uma espécie de compactação e replicação holográfica deve estar envolvida no processo óptico entre a retina e o cérebro, pois “não há como um filme mestre comum ser contido como tal em apenas 2% de qualquer parte do trato óptico e simplesmente repetido nos outros 98%.”

O aspecto espectral dos dados formulados nos experimentos de Werblin e Roska é o fator que os próprios autores ignoram ao interpretar os resultados, deixando escapar “o que é necessário para preencher seu andaime de características para formar o que eles precisam para

¹¹⁰ WERBLIN e ROSKA *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 79, tradução nossa.

¹¹¹ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 80, tradução nossa.

¹¹² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹¹³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

compor a visão perfeita do mundo em que navegamos.”¹¹⁴ Apesar das críticas em relação às interpretações de Werblin e Roska, Pribram observa que os resultados experimentais alcançados pelos autores, contribuem para a visão espectral do processamento visual, bem como para a própria perspectiva dos autores em termos de uma visão baseada na detecção de características.

A tese de que a operação do olho é análoga a de uma câmera fotográfica clássica, construída para produzir uma imagem espacial bidimensional por meio de um sistema de lentes binocular (cristalino, pupila, íris), que captura a cena luminosa observada e a registra nitidamente na superfície de um filme (retina), é considerada como fato evidenciado para muitos cientistas. A principal evidência para atestar que o funcionamento da retina é semelhante ao da película cinematográfica, é a possibilidade de visualizar uma imagem na retina do olho cortado de um boi - meio de observação utilizado por Kepler desde o início do século XVII. Nesta hipótese, o processamento da interpretação e organização de padrões é realizado pela película retiniana, que pré-concebe imagens focadas e delineadas, antes dos dados visuais caminharem do nervo óptico para o cérebro. A retina, análoga ao filme da câmera, significa que nossa experiência perceptual tridimensional é construída a partir da imagem bidimensional impressa na retina.

Pribram relata seus encontros e debates com James Gibson sobre esta noção amplamente aceita de que a imagem de uma cena é exibida na retina pela ótica do olho. Gibson era inflexível em sua rejeição a essa visão, pois compreende que há um movimento constante na relação entre nossos olhos e a cena observada. Além disso, considera significativa a estrutura hemisférica de retina, justificada por meio de uma noção sofisticada de que “a excitação retiniana é descrita por cones da geometria Riemanniana do espaço curvo, não por pontos e linhas euclidiana.”¹¹⁵

Apesar de ter visualizado com os próprios olhos a imagem formada na retina do boi, Pribram¹¹⁶ sente “que os gibsonianos estavam certos em algo importante ao colocar sua ênfase nos cones (triangulares tridimensionais pitagóricos) de luz que subtendem graus de arco na retina.” Contudo, as discussões entre Pribram e Gibson persistiam num confronto de perspectivas irreconciliáveis, porque enquanto “Gibson propôs uma abordagem relacional e ecológica para estudar as informações contidas na cena diante de nós”¹¹⁷, Pribram trazia fatos cerebrais para o debate para defender, em consonância com o pensamento de Merleau-Ponty, a

¹¹⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 99, tradução nossa.

¹¹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹¹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa

necessidade de relacionar a ecologia interna com a externa para explicar o processamento visual da cena.

Gibson expressa uma abordagem ligada às teorias empiristas sobre a percepção, ao considerar que “todas as ‘informações’ (ou seja, os padrões multidimensionais) já estavam lá na cena, e tudo o que o sistema visual do cérebro precisava fazer era ‘ressoar’ essa informação.”¹¹⁸ Pribram¹¹⁹, por sua vez, argumenta que, além do mundo exterior, é preciso investigar o movimento particular de como tais ressonâncias se estabelecem no interior do corpo. A resposta de Gibson para os argumentos de Pribram sobre as evidências cerebrais no processo de construção da percepção, era uma risada e o desligamento do seu aparelho auditivo. Apesar da discordância entre as partes envolvidas na discussão, Pribram relata como um evento divertido, no qual, inclusive, acusa Gibson de ser um behaviorista radical da percepção.

Contudo, a ênfase de Gibson na separação entre a imagem óptica e o fluxo de processamento quântico da retina, concorda com as pesquisas de Pribram, inspiradas pela concepção da astrofísica de David Bohm, que afirma que, se olhássemos para o universo sem lentes, pareceria um borrão holográfico. Portanto, Pribram considera que, como os telescópios, a lente do olho realiza uma transformação de Fourier: de um lado, está uma imagem do espaço-tempo conforme a experimentamos; do outro lado da lente, está uma distribuição espectral semelhante ao holográfico. Neste sentido, a imagem retiniana observada no espaço-tempo, como as relatadas na retina do olho do boi dissecado, revela que a entrada para o olho deve ser espectral, pois é (in)formada por meio da energia radiante, como a luz e o calor, que se espalha de forma espectral e holográfica, conforme é refletida e refratada por objetos no universo.

Inserido neste contexto, a ótica dos olhos (pupila e lente) realiza uma transformação de Fourier para produzir um fluxo no espaço-tempo: uma imagem ótica em movimento semelhante à que experimentamos é projetada na retina, onde ocorre o início de outra transformação de Fourier, mas, desta vez, no sentido inverso: “a imagem óptica do espaço-tempo, difratada pela composição gelatinosa do cristalino, torna-se re-transformada num processo quântico multidimensional, que é transmitido ao cérebro.”¹²⁰ Assim, ao contrário da ênfase de Gibson, Pribram compreende que imagens ópticas se formam na superfície côncava da retina no domínio do espaço-tempo, mas ressalta os aspectos espectrais dos processos quânticos retinianos, que conflui com a intuição de Gibson de que o processamento visual é multidimensional desde o início.

¹¹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹¹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 100, tradução nossa.

A imagem óptica é, como Gibson apontou, na verdade um fluxo óptico. Além disso, a imagem está um pouco “borrada”, difratada devido às propriedades gelatinosas da lente do olho. (T tecnicamente, esse desfoque é chamado de “disco de ar”.) Portanto, a imagem óptica que aparece na superfície da retina tem uma configuração um tanto espectral. O processo quântico retinal completa a transformação no domínio espectral.¹²¹

Ou seja, a retina não é um filme. A retina é uma estrutura de várias camadas que são sensíveis quanticamente aos fótons de radiação visível. “Foi demonstrado que a retina do olho absorve um *quantum* individual de energia fóptica: ou seja, a retina tem um poder de resolução que consiste em pixels de dimensão de um único *quantum*.”¹²² Tais propriedades quânticas são multidimensionais, como defendido na tese de Gibson em que separa o fluxo da imagem óptica em movimento do processo quântico da retina. Portanto, “os circuitos que caracterizam o sistema visual consistem em canais paralelos, nos quais os sinais transmitidos, através do processamento da retina, enviam diferentes padrões e características para o córtex.”¹²³

Em contrapartida, ao investigar a transmissão de informações entre o olho e as partes cranianas do cérebro, pesquisas realizadas no laboratório de Pribram mapearam caminhos funcionais que conectam sistemas corticais de ordem superior à retina. Segundo estes estudos, 8% das fibras do nervo óptico são eferentes – ou seja, conduzem sinais desde o sistema nervoso central - para a retina. Essas fibras eferentes são capazes de alterar o processamento da retina em cerca de 20% das vezes. Desta forma, o sistema nervoso central é capaz de interferir na retina, que, por sua vez, controla o processamento da entrada óptica.

Assim, sempre que houver uma repetição de uma sequência de entradas ópticas, um segundo vetor “antecipando” essa entrada está operando. Assim como na física quântica, “atratores”, os futuros contextuais determinam nossas percepções visuais - e o que é verdadeiro para a visão também se mostrou verdadeiro para as percepções auditivas, táteis, cinestésicas e de sabores.¹²⁴

Pribram¹²⁵ observa que a retina é um pedaço do cérebro, a frente exposta a radiação após a passagem da luz por meio da lente ocular. Ele chegou a tal conclusão através do diálogo com o cientista britânico A. L. Hodgkin, que ganhou o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1963, junto a A. F. Huxley, “pela elegante descrição matemática de seus experimentos sobre a geração de impulsos nervosos”, que utilizou grandes fibras nervosas de lagostim para análise.

¹²¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹²² *Ibid.*, p. 477, tradução nossa.

¹²³ *Ibid.*, p. 83, tradução nossa.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 477/478, tradução nossa.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 50, tradução nossa.

Apesar da conquista histórica de receber um prêmio Nobel, segundo Pribram¹²⁶, Hodgkin considera “que não se tornou um neurofisiologista apenas para descrever como uma membrana gera um impulso nervoso.” A intenção de Hodgkin era entender como o cérebro funciona em relação à regulação do corpo, para tornar possível a experiência consciente. Entretanto, sua meta esbarrou na questão de que não era neurocirurgião, portanto, não tinha condições técnicas para realizar os procedimentos de investigação dos problemas que o desafiavam. Uma breve depressão o acometeu até que, numa fatídica manhã, despertou com a promissora ideia de que a natureza havia alocado um pedaço de cérebro fora do crânio: a retina do olho. Assim, compreendeu uma forma de estudar o cérebro sem a necessidade de perfurar o crânio para o alcançar.

Hodgkin encontrou na retina uma situação idêntica à que ocorre no córtex cerebral: o processamento das redes de fibras finas (dendritos) compõe e forma os padrões de sinais transmitidos por meio de grandes troncos nervosos (axônios). Os dendritos são ramos de fibras finas que formam “redes” entre as camadas que conectam os receptores ao interior do corpo. Nos cones da retina, os dendritos emergem no interior da célula e seguem através do segmento exterior, com pontos de contato que não ocorrem necessariamente nas terminações nervosas.

Os estudos sobre a retina, realizados por Hodgkin, causaram surpresa diante da descoberta de que raramente um impulso nervoso é encontrado, exceto no estágio final do processamento, quando os axônios, que são nervos com grandes diâmetros, geram sinais para transmitir ao cérebro. “Portanto, tudo o que ‘vemos’ é primeiro processado pelas fibras finas da retina antes que quaisquer impulsos nervosos sejam realmente gerados.”¹²⁷

Pribram¹²⁸ afirma que está bem documentada e, portanto, bem estabelecida na comunidade neurocientífica, que o processamento do sistema nervoso opera por meio de impulsos elétricos que se comportam como faíscas. “A existência de estados neuroelétricos no cérebro também foi estabelecida, mas essas evidências e sua importância para o estudo da psicologia demoraram a ganhar aceitação, mesmo na neurofisiologia.”¹²⁹

Contudo, concentrar os esforços nos circuitos das grandes fibras do cérebro limitou a visão científica aos aspectos da estrutura superficial, que conduz a análise do funcionamento cerebral por meio das *características*. Por outra ótica, desde a década de 1960, Pribram¹³⁰ destaca a diferença entre a superfície e a estrutura profunda da atividade cerebral, que, por sua

¹²⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 51, tradução nossa.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 49, tradução nossa.

¹²⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 83, tradução nossa.

vez, é pesquisada por meio da abordagem das *frequências* mapeadas nos processos do nível neuro-nodal mais profundo da rede de fibras finas.

A estrutura da superfície é composta por circuitos cerebrais que podem levar rapidamente à execução de ações comportamentais automáticas. Os circuitos são usados quando ativamos nossas reações sensório-motoras habituais bem estabelecidas de *input-output*. Somente quando um evento ocorre em uma circunstância não rotineira, relativamente incomum ou “nova”, exigindo atenção direcionada e a avaliação da situação, o processamento profundo é envolvido. Quando algo fora do comum ocorre, ele ativa a estrutura profunda de fibras finas em nosso cérebro. Assim, quanto mais automático é o processamento, menos essa rede de fibras finas do nosso cérebro se torna envolvida.¹³¹

O monitoramento em si exige o envolvimento dos sistemas frontais e relacionados, pois, de alguma forma, são essenciais para aumentar o processamento profundo. Esta situação é notável, segundo Pribram, quando demoramos para fazemos uma escolha complexa, pois as células nos sistemas da parte posterior de nosso cérebro refletem esse atraso. Ou, “quando o córtex pré-frontal de um animal é anestesiado, essas células não estão mais ativas durante o período de atraso, e o animal não consegue executar a escolha correta”¹³²

Nesta perspectiva, observa-se que os padrões cerebrais são formados através de interações entre uma “rede” formativa de estados dinâmicos, que envolve os ramos finos das células cerebrais, chamados de “dendritos” (do latim, “pequenos ramos”) e suas conexões (membranas, células gliais, sinapses químicas e junções elétricas), em conjunto com os “circuitos” compostos por fibras grandes (axônios), que operam de forma a coletar amostras das redes de fibras finas para transportar as amostras resultantes entre diferentes regiões do cérebro. Este percurso dos axônios inclui o transporte de amostras dos receptores sensoriais para o cérebro e do cérebro para glândulas e músculos.¹³³

Como a amplitude e a velocidade de condução de um impulso nervoso são proporcionais ao diâmetro da fibra nervosa, um impulso nervoso emitido por fibras finas possui velocidade e tamanho reduzidos. Por este motivo, para realizar conexões, a rede de dendritos utiliza reforços químicos ou junções estreitas especializadas para fazer conexão elétrica efática.

A interação efática é o fenômeno onde a passagem de um impulso através de um axônio provoca uma mudança na excitabilidade da membrana de outro axônio adjacente. Isso ocorre porque a passagem do impulso altera o potencial extracelular local. Este tipo de interação contribui para sincronizar a atividade elétrica em grupos de neurônios¹³⁴.

¹³¹ *Ibid.*, p. 431, tradução nossa.

¹³² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹³³ *Ibid.*, p. 49, tradução nossa.

¹³⁴ DEBANNE *apud* LIMA, Rafael et. al., 2004, p. 1.

Arvanitaki cunhou o termo “ephapse” para denotar “o *locus* de contato ou vizinhança próxima de duas superfícies funcionais ativas”. O termo é derivado do termo grego que significa o ato de tocar, em oposição a “sinapse”, que é derivado do termo grego que significa o ato de juntar ou ligar. Desde então, o termo interação efática tem sido usado para se referir à comunicação entre células neuronais por meio de condução elétrica através do espaço extracelular circundante, em oposição à comunicação mediada por sinapses químicas ou junções comunicantes.¹³⁵

Trata-se, portanto, de um modelo estabelecido por dois distintos processos da função cerebral: um circuito consiste em conjuntos flexíveis de curto alcance e o outro de conexões fixas de longo alcance.

Por um lado, devido à circunferência das grandes fibras nervosas, os circuitos de axônios do cérebro são capazes de “sustentar a transmissão dos impulsos nervosos produzidos pela despolarização completa - a descarga da polarização elétrica - de suas membranas. Os impulsos nervosos, agindo como faíscas, podem viajar ao longo do nervo por longas distâncias.”¹³⁶

Já as redes de fibras finas - os dendritos das células nervosas - não podem sustentar a condução do impulso nervoso como os axônios. Segundo Pribram¹³⁷, “a atividade elétrica dos dendritos quase nunca ‘faísca’, mas oscila entre a excitação e a inibição; assim, a atividade dendrítica ocorre localmente, formando remendos ou nós de atividade oscilante sincronizada.” Tais remendos ou nós de atividade, que são realizadas nas fibras finas do cérebro, formam uma rede neuro-nodal.

Como o alcance da atividade dos dendritos é restrito a uma disseminação local da excitação, “quando a rede de processamento formativo fornecida pelos dendritos precisa ser acessada pelo resto do cérebro, os axônios transmitem os resultados dessas interações para outras partes do cérebro ou para receptores e efetores no corpo.”¹³⁸

As redes dendríticas profundas, com seus conjuntos flexíveis de curto alcance, organiza-se numa forma “heterárquica”, na qual os membros conectados interagem no mesmo nível. Esta é a base dos procedimentos de auto-organização na formação de sistemas complexos. Paralelamente, as conexões de longo alcance, mais ou menos fixas, realizadas por axônios, formam uma estrutura “hierárquica” na superfície neurológica, em que cada nível de organização controla um nível inferior. “Os dois princípios, heterarquia e hierarquia, parecem

¹³⁵ SHEHEITLI, Hiba; JIRSA, Viktor K. A mathematical model of ephaptic interactions in neuronal fiber pathways: Could there be more than transmission along the tracts?. In: **Network Neuroscience**, 2020, p. 2, tradução nossa.

¹³⁶ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 49.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 54, tradução nossa.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 56, tradução nossa.

onipresentes onde quer que os membros de uma organização com igual potencial de interação se organizem.”¹³⁹

Na prática, a distinção entre conjuntos flexíveis e circuitos de longo alcance é a distinção entre matéria cinzenta e branca no córtex. Fiz remoções bastante extensas, limitadas à matéria cinzenta (realizadas com um aparelho de sucção especialmente projetado que não cortaria as fibras brancas), com apenas pequenos efeitos no comportamento. Quando, entretanto, as remoções invadem a substância branca subjacente às células e suas conexões de curto alcance que compõem a substância cinzenta, ocorrem extensos déficits de comportamento. (A distinção entre ressecções de substância cinzenta e branca chamou minha atenção ao avaliar os efeitos das lesões de partes do córtex pré-frontal. Minhas ressecções foram cuidadosamente limitadas à substância cinzenta; outras não foram tão cuidadosas, então suas ressecções invadiram a substância branca conectando outras partes do córtex pré-frontal, tornando seus resultados não interpretáveis.).¹⁴⁰

Entretanto, diante do fato de que o processamento dendrítico é restrito aos fragmentos locais, Pribram esbarrou num dilema: como poderia o tipo de atividade cerebral global necessária ao nosso pensamento, percepção e memória ser alcançada a partir dessas atividades isoladas em pequenos remendos?

A solução se apresentou na astrofísica. Motivados pela necessidade de investigar grandes extensões do céu, mas limitados à tecnologia dos telescópios, capazes de capturar visualmente apenas uma pequena parte do espaço, os astrofísicos resolveram esta restrição convertendo as imagens obtidas pelo telescópio através do procedimento que Gabor usou para inventar a holografia: a equação matemática da transformação de Fourier.

O procedimento funciona por meio da transformação de Fourier de imagens adjacentes obtidas pelo telescópio; remendando-os e realizando outra transformação, o reverso da transformação inicial, no todo remendado, para dar uma imagem utilizável de grandes extensões de céu. Esse mesmo procedimento agora é usado rotineiramente no processamento de imagens atuais em hospitais, como exames PET e fMRI.¹⁴¹

Com base na implementação de Leith do processo holográfico de Gabor, que indicou “como a memória do cérebro poderia ser distribuída (des-membrada [*dis-member*]) antes de ser montada (re-membrada/memorada [*re-membered*]) em qualquer ocasião particular”¹⁴², Pribram propõe que dois processos cerebrais distintos estão envolvidos na organização de fenômenos como a percepção, o pensamento, a linguagem e a memória: na superfície, uma estrutura neuronal composta por circuitos localizados separadamente de grandes troncos nervosos chamados axônios, que funciona junto a uma estrutura profunda, formada por ramos de fibras

¹³⁹ *Ibid.*, p. 57, tradução nossa.

¹⁴⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 55/56, tradução nossa.

¹⁴² *Ibid.*, p. 424, tradução nossa.

finas conectados numa rede neuro-nodal distribuída e desmembrada holograficamente. De acordo com esta perspectiva, o potencial espectral da estrutura ultra-profunda do pensamento “é realizado quando o processo holográfico distribuído é transformado por meio dos processos de memória-motivo e memória-emotiva, em linguagens verbais e não-verbais complexas engendradas corticalmente - como formas culturais.”¹⁴³

Assim, distribuída na estrutura profunda, a memória pode ser influenciada pela química local e/ou pela entrada de novos dados, provenientes de outras partes do cérebro, bem como dos sentidos e a resposta destes sentidos às ações. Baseado nas descrições dos mapas dos campos receptivos das células corticais, Pribram¹⁴⁴ propõe que a estrutura profunda da memória, por ser codificada em fibras finas no cérebro, é muito semelhante a uma “transformada de Fourier em janela”.

Pribram chegou a esta conclusão ao discutir com Gabor sobre a questão de que os processos de transformação da retina, e os que se seguem, não são descritos com precisão pela equação de Fourier. Cético sobre a ideia de que o processo cerebral é explicado apenas em termos da transformação de Fourier, Gabor afirma: “É algo como o Fourier, mas não exatamente.”¹⁴⁵

Gabor sabia a resposta, mas a deve ter esquecido ou sentido que não se aplicava ao processamento cerebral durante o diálogo com Pribram. Vários anos depois do fatídico encontro, Pribram descobre que a resposta para o aspecto “não exatamente um Fourier” havia sido dada pelo próprio Gabor: anos antes de inventar o procedimento holográfico de Fourier, Gabor havia trabalhado no problema da comunicação telefônica através do cabo transatlântico. “Enquanto a telegrafia depende de um simples sinal liga-desliga como o código Morse, em uma mensagem telefônica que utiliza linguagem, a inteligibilidade do sinal depende da transmissão dos espectros que compõem a fala.”¹⁴⁶

A formulação matemática de Gabor consistia no que agora chamamos de transformada de Fourier “em janela”, ou seja, um “instantâneo” (definido matematicamente como um espaço de Hilbert) do espectro criado pela transformada de Fourier que, de outra forma, estenderia a análise espectral ao infinito. Nem o cabo transatlântico nem o padrão de comunicação do cérebro se estendem ao infinito. A função Gabor fornece os meios para colocar esses padrões de comunicação dentro de coordenadas onde o espectro é representado em um eixo e o espaço-tempo no outro. A transformada de Fourier nos permite olhar para o espaço-tempo ou o espectro; a função Gabor nos fornece a capacidade de analisar uma comunicação dentro de um contexto de espaço-tempo e espectro.¹⁴⁷

¹⁴³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 338, tradução nossa.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 100/101, tradução nossa.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 101, tradução nossa.

¹⁴⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Na busca para demonstrar as oscilações da matriz de ressonadores (as células ciliadas do ouvido interno), Licklider, em seu artigo de 1951 *Handbook of Experimental Psychology*, realiza uma distinção entre o aspecto espectral e as formas de onda no espaço-tempo. Nesta perspectiva, afirma que os problemas que abordou sobre a audição podem encontrar uma solução por meio da função de Gabor, conhecida como “transformada de Fourier em janela”, concebida com o intuito de solucionar questões sobre a comunicação transatlântica. Quando esta noção matemática é aplicada às descrições sobre as operações sensoriais do corpomídia, surgem relações de semelhança entre a neurofisiologia e os processos quânticos.

A analogia com os problemas de posição-momento e tempo de energia que levaram Heisenberg em 1927 a declarar seu princípio de incerteza... levou Gabor (1946) a sugerir que podemos encontrar a solução [para o problema do processamento sensorial] na mecânica quântica.¹⁴⁸

Com base nesta compreensão sobre a percepção e as operações que transformam a informação entre os domínios espectrais e os do espaço-tempo, Pribram¹⁴⁹ considera que “a função de Gabor forneceu a descrição que faltava para a compreensão da transformação que está ocorrendo não apenas na audição, mas também no processo visual entre a retina e o córtex cerebral.” Entretanto, Pribram destaca que o próprio Gabor não notou que sua função elementar provou ser um grande salto sobre como pensar o processamento sensorial do cérebro, uma vez que fornece, simultaneamente, coordenadas de frequências e de espaço-tempo; ao passo que, por meio da transformação de Fourier, elegemos observar no domínio do espaço-tempo, ou do espectro de frequências.

No artigo pioneiro de Gabor de 1946, ele encontrou a matemática para sua transformada de Fourier “em janela” nas descrições de Werner Heisenberg de 1925 dos processos quânticos na física subatômica. Em referência ao uso da matemática por Heisenberg para descrever processos quânticos subatômicos, Gabor chamou sua unidade elementar de “quantum de informação”. Quando, portanto, no início da década de 1970, meu laboratório e também cientistas do cérebro em todo o mundo começaram a descobrir que os campos receptivos das células corticais nos sistemas visual e tátil poderiam ser descritos como funções de Gabor bidimensionais, celebramos a descoberta de que as transformadas de Fourier em janelas descrevem não apenas os processos auditivos, mas também outros processos sensoriais.¹⁵⁰

Assim, a depender do endereçamento pretendido pelo observador, tanto a abordagem da “comunicação e computação” (Gabor), quanto a das “imagens e correlações” (Fourier), são

¹⁴⁸ *Ibid.*, LICKLIDER *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 102, tradução nossa.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 103, tradução nossa.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 104, tradução nossa.

processos exitosos para medição dos campos receptores, que possuem uma forma dinâmica: suas propriedades estão sujeitas às influências cognitivas dos sistemas cerebrais de “ordem superior”, que atuam de “cima para baixo”.

A estimulação elétrica do córtex temporal inferior muda a forma dos campos receptivos para aumentar o processamento da informação de Gabor - como ocorre nos sistemas de processamento de comunicação. Por outro lado, a estimulação elétrica do córtex pré-frontal muda a forma dos campos receptivos para aprimorar o processamento de imagens de Fourier - como é usado no processamento de imagens, como tomografias PET e fMRI, e em fazer correlações, como no uso de FFT. As mudanças são provocadas pela alteração da largura do entorno inibitório dos campos receptores.¹⁵¹

Como a rede neuro-nodal do processamento dendrítico não sustenta impulsos elétricos com comportamento de faísca, como ocorre nos circuitos dos largos axônios, devido ao diâmetro da fibra nervosa, a estrutura profunda do pensamento opera por meio da química para compor os remendos de atividades oscilantes sincronizadas, que variam entre a inibição e a excitação. A introjeção da radiação do mundo exterior no corpo do observador e a conexão elétrica efática entre os axônios afeta o campo dendrítico, mas a emissão da rede neuro-nodal de fibras finas é realizada por meios químicos. Portanto, para o mundo interior, é a química que fornece o processo profundo e os padrões que lidam com sentimentos e escolhas que formam a estrutura superficial.¹⁵² Desta forma, fenômenos como o pensamento, a memória, a linguagem, os significados e as emoções, são processados numa relação entre a superfície neurológica e uma estrutura profunda.

A estrutura da superfície leva diretamente à linguagem e a outras formas de experiência, comunicação e expressão de um pensamento. A forma mais profunda do processo de pensamento é como a forma ultra-profunda da linguagem. Conforme observado, falantes multilíngues e matemáticos abordam essa estrutura ultra-profunda que se transforma durante o pensamento aberto e a comunicação.¹⁵³

A estrutura ultra-profunda da linguagem, bem como de outras expressões culturais, como a música e a pintura, é uma grande ajuda para compreender os processos cerebrais subjacentes ao pensamento, mas, como observa Pribram¹⁵⁴, “a linguagem, a música ou as imagens não são, em si mesmas, pensamento. Muitas vezes somos ajudados a pensar pela linguagem, música e imagens, mas esses auxílios não são a essência do pensamento em si.”

As lacunas entre os processos pré-simbólicos e simbólicos nos humanos esbarram no imperativo biológico do processamento complexo auto-organizador. O estudo do

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 108, tradução nossa.

¹⁵² *Ibid.*, p. 171, tradução nossa.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 423, tradução nossa.

¹⁵⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

cérebro/mente, realizado por Pribram, considera vários níveis de investigação, que refletem diferentes escalas de processamento, com diferentes funções e formas, referentes às estruturas profundas e superficiais. Portanto, esta pesquisa analisa “[...] desde canais de membrana sináptica, operações da rede dendrítica, circuitos neurais, análise de sistemas cerebrais até níveis comportamentais, linguísticos, conscientes e sociais de investigação.”¹⁵⁵ Segundo Pribram¹⁵⁶, o funcionamento do cérebro permanece o mesmo em todos os níveis de análise. A diferença é que “a cada transformação, alcançamos um aumento substancial na compreensão, eficiência e eficácia na navegação em nosso mundo.”

Apesar da extrema relevância do processamento das redes de fibras finas, Pribram¹⁵⁷ sublinha que esta escala do processamento do sistema nervoso tem sido amplamente ignorada por neurocientistas, psicólogos e filósofos. Nesta perspectiva, observa que os neurocientistas concentraram seus esforços para estudar a transmissão dos impulsos em grandes fibras nervosas, sobretudo, porque, devido às ferramentas experimentais disponíveis no século passado, este aspecto da função cerebral era mais acessível e produziu resultados fáceis de interpretar e entender.¹⁵⁸

O trabalho teórico e prático de Pribram se destaca, pois enfatiza os potenciais de campos elétricos do cérebro, característicos da profunda estrutura dendrítica de fibras finas. Entretanto, Pribram¹⁵⁹ observa que, meio século antes, Freud já estava ciente da importância desse aspecto do processamento cerebral. Freud observou que a consciência é ativada por processos que operam no córtex, ou seja, na superfície do cérebro. Tais processos corticais de transmissão de energia oriunda dos receptores sensoriais foram descritos por Freud, como “padrões de periodicidade”, pois não apresentavam a forma de circuito ou arco. Os padrões de periodicidade de Freud são análogos ao que Pribram¹⁶⁰ sugere operar de forma semelhante à holográfica, ou seja, baseados em padrões de interferência formados por frequências de ondas. Assim, distanciadas por um século, encontramos opiniões científicas repetidamente confirmadas, sob uma variedade de condições experimentais.

A analogia entre a pesquisa de Pribram e Freud também está presente na relação entre o estudo dos sonhos, realizado por Freud, e a forma da estrutura neurológica ultraprofunda do pensamento, descrita por Pribram como um processo distribuído de forma semelhante a um

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 380, tradução nossa.

¹⁵⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p.52, tradução nossa.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p.54, tradução nossa.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 225, tradução nossa.

¹⁶⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

holograma. Enquanto Pribram observa o funcionamento espectral da rede de fibras finas do cérebro, Freud analisa os sonhos (lembrados) como “processos de compromisso”, porque compartilhavam parte da estrutura do estado de vigília. Estes sonhos lembrados, sublinha Pribram¹⁶¹, conecta os cenários, personagens e coisas de uma forma aleatória, como se fossem enredados em outro estado durante o sono.

Neste sentido, a motivação revela ser o “aspecto prospectivo da memória”¹⁶²: conforme demonstrou Freud ao enfrentar a questão da forma em termos de *quantidade* versus *qualidade*, a depender do acúmulo quantitativo de uma substância química semelhante a adrenalina, resulta em ansiedade – qualidade de desprazer. “A ansiedade, Freud indicou, era controlada por meio do circuito de motivação da memória nos gânglios basais do prosencéfalo basal.”¹⁶³

No final do século 19, Freud analisou o processamento neurológico do campo potencial profundo e da atividade local graduada do cérebro, com ênfase na estrutura da memória-motivo, através do conceito de catexia (do alemão *besetzung*, traduzido para o inglês como *cathexis*). Descrito como o processo em que a energia psíquica libidinal é vinculada à representação mental de uma pessoa, ideia ou coisa, por meio de uma associação imutável entre o elemento catexizado e uma emoção totêmica, como o amor, o ódio e o luto.

A catexia é evidente na política e no mundo de mídias em geral: o foco libidinal é posto na representação psíquica (mental e emocional) de figuras e coisas investidas de ideologias, que enraízam, por exemplo, os mitos do herói e do vilão, relativos à catexia do amor e do ódio, ao associar personagens políticos ou uma ideia por eles defendida dentro de tais endereçamentos da energia psíquica ligada à libido. Quando a libido é catexizada, o foco de tais representações mentais perde a mobilidade e não pode ser alternado com outros objetos, como normalmente é possível, pois enraíza a relação emocional-simbólica em partes da psiquê que atraem e retêm as representações catexizadas. Este processo neuropsicológico, estudado por Freud, leva pessoas a cometerem ataques passionais de fúria apenas por lembrar das existências ideológicas pertencentes às suas catexias do ódio, psiquicamente instaladas na forma de pessoas, objetos, movimentos sociais, discursos, etc. A catexia de Narciso é o amor que sente por seu reflexo no espelho, por seu próprio ego, trata-se, portanto, do auto-erotismo.

O mesmo processo de catexização ocorre na política através da euforia histórica do adorador ao figurar o adorado, ou da tristeza perpétua do luto. A falta de mobilidade para alternar os objetos e emoções do foco límbico, retira da razão o potencial de reversão por meio

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 424, tradução nossa.

¹⁶² *Ibid.*, p. 224, tradução nossa.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 225, tradução nossa.

de argumentos lógicos, já que se trata de um impulso amplamente emocional sobre uma representação ideológica. O jogo da refutabilidade é cessado no prisioneiro, que vivencia sua inabalável verdade catexizada. A descatexia opera como um processo inverso de apatia emocional, desinteresse e frieza em relação ao mundo simbólico-emocional, encontrados em quadros de depressão.

No atual mundo de mídias, a indústria cultural exhibe cenas bélicas de assassinatos e guerras para pessoas de todas as idades. Diariamente, normatiza-se a contemplação de episódios de violência, familiarizados aos olhos por serem parte dos hábitos do mundo real. Diante desta banalização da violência na cotidianidade, precisamos criar uma proteção neurológica sobre os processos de empatia: somos colonizados por impérios que conquistaram seus domínios através da espetacularização do suplício, em que cabe aos imperadores não apenas a decisão sobre a vida e a morte dos servos, mas, sobretudo, a forma como o corpo deve agonizar nos últimos suspiros: a fogueira, a forca, a navalha, o envenenamento, a bomba, a fome, a doença, vários são os meios de violência utilizados como espetáculo para as massas. Ao longo dos séculos, os dispositivos de suplício refinaram suas tecnologias, mas se mantêm massivos e agonizantes, além de efetivos. Essa brutalidade bestial é o que sustenta os palácios do presídio.

Existe uma parte do cérebro que responde com a expressão da empatia: o observador sente na situação observada. Contudo, no cérebro do psicopata, esta capacidade neurológica não é ativada: ver alguém sofrer realiza sinapses nervosas semelhantes às de assistir a um lindo pôr-do-sol no mar tropical. Controladas por mentes psicopatas, as indústrias de mídias introjetam a cultura bélica como parte da cotidianidade, o que influencia diretamente na capacidade empática dos prisioneiros, devido à banalização da violência e ao programa de instalação psíquica de figuras ideológicas catexizadas.

Caso fosse necessário trazer à consciência todas as ações metabólicas, psíquicas e comportamentais, padeceríamos. É notável, portanto, que grande parte dos nossos comportamentos ocorrem de modo automático, habitual e inconsciente. Nas pessoas sem danos cerebrais, a mudança do comportamento inconsciente para o consciente, ocorre prontamente quando uma situação muda de forma repentina e inesperada. Outras vezes, quando as circunstâncias mudam gradualmente, temos que fazer um esforço considerável para mover o curso da navegação, girando a proa através do vento.

Freud considerou os modos de operação inconsciente e consciente em termos de vários “níveis”: consciente, pré-consciente e inconsciente, sugerindo que há uma barreira “horizontal” entre nossas camadas de processamento consciente, pré-consciente e inconsciente. Freud propôs ainda que a “repressão” opera para empurrar nossas memórias para camadas mais profundas, onde não podem mais acessar a

consciência. No Projeto, Freud trata as memórias como estruturas motrizes da memória - o que hoje chamaríamos de “programas” neurais - localizadas nos gânglios da base, propondo que nossa consciência seja ativada por meio das conexões desses programas com o córtex. Na opinião de Freud, as conexões de e para o nosso córtex determinam (por meio de processos de atenção) se um desejo motivado pela memória chega à nossa consciência e, assim, se torna disponível para nós para teste de realidade.¹⁶⁴

Matte Blanco define a consciência como a capacidade de diferenciar; o indiferenciado compõe processos inconscientes. Através desta definição, Pribram¹⁶⁵ propõe que “os processos inconscientes são como sistemas de linguagem atualmente não usados por pessoas que são fluentes em várias línguas. Os idiomas não utilizados são ‘armazenados’ em sua forma de processamento ultra-profundo até serem ativados.” Tais línguas ocultas exercem influência sobre o comportamento atual em relação ao contexto social que experencia.

O linguista Noam Chomsky e o psicólogo George Miller também indicam que na linguagem há uma estrutura profunda, distinta da superficial, ao observarem o potencial de expressar o mesmo significado numa variedade de formas. Para Pribram¹⁶⁶, a variedade de línguas faladas por pessoas políglotas fornece evidências da existência de uma estrutura de linguagem ultra-profunda, provavelmente processada na rede neuro-nodal de fibras finas, que não se assemelha de forma alguma às expressões superficiais da linguagem.

A linguagem é um sistema de auto-organização, que aumenta continuamente em complexidade. A forma de uma árvore caracteriza a hierarquia de estruturas da linguagem, descrita por Pribram e seus co-autores no livro *Plans and the Structure of Behavior* (1960). Por outra ótica, Pribram¹⁶⁷ observa que a rede neuro-nodal, como a estrutura dendrítica neuro-nodal profunda do cérebro, é maciçamente paralela.

Gary Marcus, em seu livro *The Algebraic Mind*, “sugere que as transformações entre essas estruturas paralelas e hierárquicas podem ser realizadas por meio de ‘treelets’: hierarquias que são limitadas em profundidade, portanto, menos complexas do que um processo simbólico totalmente formado.”¹⁶⁸ Os *Treelets*, para Pribram¹⁶⁹, explicam o que os linguistas chamam de estrutura superficial e profunda da linguagem.

Os processos simbólicos, portanto, são estruturas neurológicas hierarquicamente complexas, compostas por *treelets*, que operam em paralelo (dentro e entre elas) e funcionam

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 440.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 444.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 166.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 410.

¹⁶⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 424.

como homeostatos tendenciosos, que registram os pontos de ajuste obtidos a partir das entradas paralelas. Tais “registros” dos *treelets* armazenam “valores de variáveis”, que, para Pribram¹⁷⁰, correspondem à “testes” que registram o grau de correspondência do padrão de uma entrada sensorial com um padrão familiar, expressa quando os registros se tornam sensíveis a uma “polarização”.

Nesta perspectiva, a partir da tese de Marcus de que as “variáveis armazenadas em *treelets* fornecem os significados das comunicações: proposições e sentenças”¹⁷¹, Pribram reflete sobre a relação entre o significado, o ato e o desejo: valorizamos um ato com base em sua utilidade para satisfazer desejos: a utilidade de um ato de fala é seu significado, que possui seu valor, frequentemente, realçado pelas inflexões e gestos usados em paralelo com a palavra falada.

...

Um aspecto curioso sobre a relação biomimética entre o olho e as tecnologias da mecânica quântica é o caso da “dupla fenda”: os olhos são compostos por dois orifícios paralelos. No mundo macroscópico do espaço-tempo, a implicação notável sobre a diferença entre ver com um olho ou dois, refere-se aos efeitos na percepção da profundidade do campo visual, porém, na física quântica, o comportamento da matéria é muito diferente quando existem duas fendas, no lugar de uma. São acontecimentos tão estranhos para as noções da realidade material do espaço-tempo macroscópico, que, mesmo no campo das ciências, são descritos como fenômenos quânticos bizarros.

A diferença entre a observação do comportamento de uma partícula no experimento de fenda única e os efeitos dos padrões de interferência entre ondas no experimento da dupla fenda, é, como sugerido por Bohr, devido à diferença no aparato de medição. No caso da dupla-fenda, o aparelho de medição imita a biologia de como normalmente observamos o mundo em que vivemos. Portanto, Pribram¹⁷² compreende que “não há nenhum efeito quântico bizarro exclusivo para aquela escala de observação.”

George Green-stein e Arthur Zajonc, no livro intitulado *The Quantum Challenge*, lista alguns dos comportamentos bizarros observados:

- 1) uma partícula pode passar por duas fendas ao mesmo tempo;

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 411.

¹⁷¹ *Ibid.*, *loc. cit.*

¹⁷² *Ibid.*, p. 476.

- 2) as medições nunca podem ser perfeitamente precisas, mas são cercadas por uma incerteza fundamental;
- 3) o próprio conceito de causa e efeito deve ser repensado.¹⁷³

Além destes fenômenos, como demonstra a fotografia quântica, a informação que uma das partículas obtém é transmitida instantaneamente para sua gêmea; estabelece, assim, o princípio da não-localidade no espaço-tempo, por meio do entrelaçamento quântico. Os experimentos da dupla fenda não apenas afirmam a existência de uma velocidade de transmissão de informação mais rápida do que a luz, mas a própria noção de passado, presente e futuro, é corrompida diante da ação do observador.

A observação é o elemento determinante da dualidade onda-partícula no experimento da dupla fenda. Conhecido desde Thomas Young (1801), este experimento demonstra que a luz emitida através de um obstáculo com duas fendas se comporta como onda. Tal afirmação refutou a teoria corpuscular de Isaac Newton (1643 – 1727), a qual compreende que a luz é constituída por partículas. Entretanto, Huygens (1629 - 1695), um contemporâneo de Newton, defendeu a ideia de que a luz expressa comportamento de onda e não de partícula. Neste contexto, tanto Young, quanto Newton e Huygens afirmam apenas uma das possibilidades de comportamento da luz.

Um século depois de Young, Albert Einstein ganhou o prêmio Nobel de física de 1921, pelo artigo sobre o efeito fotoelétrico, escrito em 1905, no qual afirma que a luz é composta por pacotes mínimos de energia quantizados, com valor elementar quantificável e padronizado - anos mais tarde, chamados de fótons por Gilbert N. Lewis (1926) -, que podem se comportar como partículas ou ondas, a depender do processo ao qual sejam submetidos. Desta forma, Einstein relacionou os estudos quânticos de Planck ao comportamento físico da luz para demonstrar o potencial corpuscular do fóton, devido à sua capacidade de transferir energia e momento para a matéria através da colisão. Assim, reativou o debate entre as perspectivas de Newton, Huygens e Young.

A teoria de Einstein (1905), de que os fótons possuem energia e momento, foi confirmada por um experimento de Arthur Compton, em 1923. O cientista fez incidir um feixe de raios X em um alvo de carbono. O raio X é uma radiação eletromagnética de alta frequência e pequeno comprimento de onda. O resultado demonstrou que os fótons (luz) colidiram com os elétrons (matéria) e refletiram com menor frequência e maior comprimento de onda que o raio

¹⁷³ *Ibid.*, p. 482.

incidente. Ou seja, no plano subatômico, a luz se comportou como partícula ao transferir energia e momento para a matéria.

Quando Heisenberg¹⁷⁴ realizou o experimento da dupla fenda, notou que “cada determinação de posição reduz o pacote de onda de volta a sua extensão original”, assim, os fótons e os elétrons se comportam como partícula quando são medidos. Portanto, o experimento constatou que, quando não se media o elétron durante a emissão e a colisão com o anteparo, a projeção segue o padrão de interferência das ondas. Entretanto, quando se observa o movimento dos elétrons através de mídias (*softwares*, câmeras, corpos), os elétrons se comportam como partículas, pois revelam apenas duas projeções, como bolas de imãs fariam, se arremessadas através de um obstáculo com fenda dupla, antes de atingir uma barreira maciça de metal. A partir desta constatação, realizada através da linguagem matemática, Heisenberg¹⁷⁵ acredita que “o próprio observador faz a escolha, pois é só no momento em que a observação é feita que a escolha se torna uma realidade física e que a relação das fases nas ondas, o poder de interferência, é destruído”. Posteriormente, experimentos da dupla fenda no final do século XX, constataram o comportamento da dualidade onda-partícula em átomos e moléculas - objetos maiores e mais complexos do que os elementos subatômicos utilizados até então.

O que esses experimentos revelam é que pequenos objetos como elétrons, prótons, átomos e moléculas se comportam como ondas de matéria. Quando consideramos corpos cada vez maiores e mais complexos, chega um ponto em que os efeitos associados à natureza ondulatória do corpo se tornam tão pequenos que não podem ser observados.¹⁷⁶

Daí, passam a expressar as leis de Newton sobre o comportamento corpuscular da matéria. A dualidade onda-partícula da luz e da matéria vinculou sua tese ao regime de verdade da ciência hegemônica dos séculos XX e XXI. As reflexões filosóficas geradas a partir das afirmações quânticas, subvertem a lógica visual objetiva sobre a matéria.

Pessoa¹⁷⁷ analisou as afirmações, que categorizou como “misticismo quântico”, e compreendeu que a tese de que “*o objeto observado é inseparável do sujeito*”, apresentada por Niels Bohr (1928), apesar de ser muitas vezes mencionada por visões naturalistas animistas,

¹⁷⁴ HEISENBERG, 1927 *apud* PESSOA, Osvaldo Jr. **Conceitos de física quântica**. São Paulo: livraria da física, 2005, p. 37.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 38.

¹⁷⁶ HALLIDAY e RESNICK. **Fundamentos de física: óptica e física moderna**. Vol. 4. Trad. Ronaldo Sérgio de Biasi. Cleveland, EUA: Jearl Walker, 2012, p. 190.

¹⁷⁷ PESSOA, Osvaldo Jr. O fenômeno cultural do misticismo quântico. In: FREIRE JR, O., PESSOA JR, O., and BROMBERG, JL., (orgs.). **Teoria Quântica: estudos históricos e implicações culturais**. Campina Grande: EDUEPB; São Paulo: Livraria da Física, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xwhf5/pdf/freire-9788578791261.pdf>, p. 287.

não é, por si mesma, mística, nem idealista: “não faria sentido, para a ciência, falar da ‘coisa em si’, da realidade não-observada; todo objeto da ciência é um fenômeno observável e, portanto, o objeto é inseparável do sujeito observador.”¹⁷⁸

Em busca de respostas para a controversa teoria proposta por Bohr, que afirma que “*o observador escolhe se o fenômeno é onda ou partícula*”¹⁷⁹, Carl von Weizsäcker (1931), através de experimentos com “duas partículas interagentes (um fóton de raio gama e um elétron, no microscópio teórico de raios gama de Heisenberg, seu orientador)”¹⁸⁰, aplicou esta situação de escolha e “concluiu que na física quântica não se pode separar sujeito e objeto e que o sujeito contribui não só com o ‘saber’ mas também com o ‘querer’.”¹⁸¹

Na perspectiva fenomenalista de Bohr, essas alternativas envolvem a liberdade do componente subjetivo da cadeia sujeito-objeto. Porém, numa perspectiva mais realista, se os fenômenos corpuscular e ondulatório forem interpretados como diferentes estados da realidade, então esta escolha passaria a ser interpretada como um poder de transformar a realidade.

Para Pessoa¹⁸², a tese de que “*o observador humano é o responsável pelo colapso da onda quântica*” “é talvez a tese mais bem fundada das versões realistas do misticismo quântico, no sentido de que é uma tese clara e não-refutada”. Apesar desta tese ser atribuída a von Neumann, Pessoa¹⁸³ sublinha que Fritz London e Edmond Bauer (1939) foram os responsáveis por a apresentar em uma publicação. Nesta perspectiva, sublinha que “o colapso não poderia ocorrer apenas com a interação do sistema quântico, com um instrumento de medição [...]”¹⁸⁴: a noção de “observação” necessariamente implica a presença de um observador consciente, pois o colapso ocorre apenas quando a onda quântica é interpretada de maneira realista. Portanto, “*o observador cria a realidade*”¹⁸⁵. Esta é uma célebre frase escrita por Pascual Jordan (1929), em que o sentido pode ser compreendido como “um resumo das três teses anteriores, feito num contexto fenomenalista”. Para Pessoa¹⁸⁶, esta frase amplifica o idealismo transformador associado às teorias da dualidade onda-partícula, constituindo um “construtivismo radical”. Apesar do embasamento científico de tais afirmações, nem todos os cientistas quânticos aceitam

¹⁷⁸ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 288.

¹⁸⁰ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁸¹ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁸² *Ibid.*, p. 287.

¹⁸³ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁸⁴ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 288, tradução nossa.

¹⁸⁶ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa.

as teses vinculadas ao misticismo quântico, que são validadas pelo estudo de Pessoa¹⁸⁷, sendo rejeitadas por diversas visões materialistas sobre a realidade.

Contudo, a expansível assimilação da teoria quântica por metodologias do saber desviantes da ciência repercute as mudanças epistemológicas sobre a percepção da realidade, que implicam em efeitos empíricos no modo de vida das sociedades. O mundo da física clássica, regido pelas leis de Newton, explica a realidade visível macroscópica do nosso cotidiano. O universo molecular, atômico e subatômico, apresenta mistérios. Desde Planck (1900), os métodos de pesquisa dos laboratórios científicos para estudos quânticos compreendem que energia é a matéria-prima elementar dos corpos e demais objetos da realidade. A estes pacotes de energia, Planck denominou *quantum* (plural de *quanta*), ou seja, o valor mínimo comum, do qual todos os outros são múltiplos. Esta constatação sobre a composição do mundo físico é apresentada em estudos milenares, que envolvem a magia, a alquimia e a espiritualidade.

A revolução científica inaugurada pela física quântica enfatizou, sobretudo, o papel da observação e da medição na construção dos dados sobre a realidade. Os aspectos quânticos da percepção abordam a teoria vibratória, que trata de relacionamentos, oscilações e padrões descritos matematicamente. O campo potencial dos espectros não consiste em formas ou coisas, como pontos e linhas, portanto, não são tangíveis e familiares para nossa percepção fenomenológica da realidade material. Neste sentido, Pribram¹⁸⁸ considera que “a visão vibratória da percepção sensorial tem sido dhistoricamente mais difícil de entender, porque se baseia em linguagem matemática, que não é familiar para não cientistas e até mesmo para muitos cientistas.”

Entretanto, durante o final do século XIX e início do século XX, grandes avanços foram alcançados em relação a compreensão das “coisas” em termos da probabilidade de sua ocorrência, que culminam na declaração de Eugene Wigner de que na física quântica não temos mais observáveis (invariantes), mas apenas observações. Isto significava que a física quântica é psicologia, um olhar subjetivo sobre o fenômeno, que descarta a perspectiva de padrões universais (objetivos) nos experimentos.

As leis da física, especialmente as leis da física quântica, aparentemente têm seu complemento nas leis da percepção humana: as leis da física quântica mostraram ser dependentes das restrições impostas pelos instrumentos de observação. As leis da percepção humana têm demonstrado ser dependentes das restrições impostas por processos como atenção, intenção e pensamento organizado pelo cérebro do

¹⁸⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

¹⁸⁸ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 363, tradução nossa.

observador. Para completar o ciclo hermenêutico, as observações em física são feitas por humanos cujas observações são dependentes de seus cérebros.¹⁸⁹

Através da importância do *como* nossas observações operam para a compreensão da composição da matéria, percebemos que a física e a psicologia se tornam ciências interdependentes. Portanto, “se de fato se deseja seguir um caminho redutivo na ciência, termina-se com observações, com psicologia, não com observáveis, como partículas que permanecem inalteradas, ou seja, invariáveis, em muitas maneiras diferentes de as observar.”¹⁹⁰ A matemática se revela um processo psicológico, que descreve as relações que organizam a matéria; a física, por sua vez, está enraizada tanto na materialidade, quanto na mente. Assim, Pribram¹⁹¹ considera que o empreendimento de Descartes para formular a distinção cartesiana entre pensamento e matéria e sua união na matemática e na vida cotidiana, leva a “incorporações complementares”: uma alegre harmonia do significado da relação mente-cérebro.

O abandono da perspectiva antropocêntrica, que afastou o cortical humano de ser o centro de seu universo, está sendo revertida: agora o humano está fazendo de sua navegação, de sua busca, os meios para criar seu mundo [...] “hoje, mais uma vez, redescobrimos que somos nós que observamos nosso cosmos e temos consciência de que observamos; que somos nós que observamos nossa navegação em nosso mundo e observamos nossas próprias observações.”¹⁹² “Essa reversão do equilíbrio entre a prioridade dada às observações do mundo em que navegamos e a prioridade dada ao próprio processo de navegação inverte uma tendência que começou com Copérnico e Galileu e foi continuada por Darwin e Freud.”¹⁹³ Contudo, Pribram¹⁹⁴ sublinha que há uma mudança em relação à visão antropocêntrica anterior: não é mais “assim como acima, é abaixo”, mas “assim como abaixo, é acima”.

Através das equações e experimentos quânticos, o desenvolvimento de teorias sobre o campo potencial toma o lugar do pensamento em termos de partículas e linhas (escalares e vetoriais).¹⁹⁵ Neste contexto, Bernard d'Espagnat, um físico teórico, em seu tratado *In Search of Reality*, resume uma visão semelhante à de Pribram e Merleau-Ponty sobre a fenomenologia da percepção:

Portanto, é perfeitamente legítimo perceber em todo o conjunto de consciências, por um lado, e em todo o conjunto de objetos, por outro lado, dois aspectos

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 478, tradução nossa.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 458, tradução nossa.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 459, tradução nossa.

¹⁹² *Ibid.*, p. 489, tradução nossa.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 489/490, tradução nossa.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 490, tradução nossa.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 363, tradução nossa.

complementares da realidade. Isso significa que nenhum deles existe em si mesmo, mas que cada um passa a existir por meio do outro... Os átomos contribuem para a criação de nossos olhos, mas também nossos olhos contribuem para a criação de átomos... A realidade dependente está situada além das estruturas do espaço e do tempo - a realidade empírica, a das partículas e campos, é, como a consciência [cogito], meramente um reflexo da realidade independente.¹⁹⁶

A “realidade independente” de d'Espagnat é descrita por Pribram como um holo-fluxo, isto é, como “realidade potencial”; a “realidade empírica” é caracterizada como “realidade experimentada”.

Isso significa que a “qualidade sensível”, as determinações espaciais do percebido e até mesmo a presença ou a ausência de uma percepção não são efeitos da situação de fato fora do organismo, mas representam a maneira pela qual ele vai ao encontro dos estímulos e pela qual se refere a eles. Uma excitação não é percebida quando atinge um órgão sensorial que não está “harmonizado” com ela. A função do organismo na recepção dos estímulos é, por assim dizer, a de “conceber” uma certa forma de excitação. Portanto, o “acontecimento psicofísico” não é mais do tipo da causalidade “mundana”, o cérebro torna-se o lugar de uma “informação” que intervém antes mesmo da etapa cortical, e que embaralha, desde a entrada do sistema nervoso, as relações entre o estímulo e o organismo.¹⁹⁷

As observações feitas no domínio espectral são distintas daquelas feitas no espaço-tempo. “O domínio espectral é caracteristicamente um fluxo, composto de oscilações, flutuações, onde os padrões de interferência entre as ondas se cruzam para reforçar ou cancelar. Hologramas são exemplos de espectros, isto é, de um holofluxo.”¹⁹⁸ O fluxo, criado por padrões espectrais de interferência de ondas, como a emissão luminosa de um projetor de slides sem lente, descreve a energia potencial e o momento. Portanto, como opera no campo potencial, não podemos medir o fluxo até que a energia se torne cinética, isto é, no domínio do espaço-tempo:

Somente por meio de suas manifestações no espaço e no tempo podemos saber da existência de potenciais como os da energia, do momento e dos processos holográficos. Podemos conhecer o domínio potencial apenas por meio da compreensão no espaço e no tempo - uma dependência entre o potencial e o mundo em que navegamos. Tanto na física (Heisenberg) quanto na termodinâmica (no conceito de energia livre) surge alguma incerteza quando essa dependência é submetida a medições precisas.¹⁹⁹

Assim, a noção quântica de que pequenos objetos, a depender do experimento, exibem um comportamento duplo de onda-partícula, “vem de um indeterminismo intrínseco da

¹⁹⁶ D'ESPAGNAT, Bernard *apud*. PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 459, tradução nossa.

¹⁹⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 113/114, tradução nossa.

¹⁹⁸ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 457, tradução nossa.

¹⁹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Natureza, expresso no princípio da incerteza de Heisenberg²⁰⁰, que De Broglie sublinhou ser progressivamente maior à medida que os objetos diminuam.

Uma consequência essencial desse princípio é que um observador não pode ser considerado independentemente daquilo que observa, já que o próprio ato de observar afeta o que é observado. De fato, isso mais do que afeta (e esse é um ponto contencioso) — determina o que está sendo observado. Dito de outro modo, se a mecânica quântica está correta (e não temos qualquer indicação de que não esteja), o observador engendra a natureza física do que observa. Um elétron não é nem onda nem partícula; ele assume uma propriedade ou outra, dependendo de como é observado.²⁰¹

Nesta perspectiva, Heisenberg²⁰² considera que “o que observamos não é a Natureza, mas a Natureza exposta ao nosso método de questionamento”. Com base nesta tese, Gleiser considera que a perspectiva realista sobre a natureza, adotada, inclusive, por Einstein, não se concretiza:

Em 1927, Heisenberg demonstrou que a incerteza era a alma da física quântica, em particular na relação entre posição e momento (ou velocidade, ao menos para movimentos com velocidades bem mais baixas do que a da luz): mesmo usando os melhores instrumentos, um experimento não pode determinar tanto a posição quanto a velocidade de uma partícula com precisão arbitrariamente alta. Em outras palavras, não podemos saber exatamente onde a partícula está e com que velocidade se movimenta, as duas condições necessárias para prever deterministicamente o seu comportamento futuro. Dada a dualidade onda-partícula, esse resultado era de se esperar. Se uma entidade física não é nem onda nem partícula, mas algo de intermediário (ou algo completamente diferente!), é deveras difícil saber onde está e com que velocidade avança.²⁰³

Gleiser²⁰⁴ observa que o princípio da incerteza de Heisenberg é inerente à física quântica, portanto, não é resultado das limitações tecnológicas dos instrumentos utilizados. “Ao contrário: como medir é interferir, quanto mais tentamos aumentar a precisão de nossas medidas, mais influenciamos o que estamos tentando medir e menos aprendemos!”²⁰⁵ No mundo quântico, a agitação é inabalável, pois nada fica parado no mesmo lugar. O princípio da indeterminação de Heisenberg para medir as observações com precisão motiva o físico Anton Zeilinger a considerar, no livro “Dança dos fótons” (2010), o fim da busca por explicações causais sobre a realidade material. Em suas palavras:

²⁰⁰ GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Editora Record, 2014, p. 214.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 214/215.

²⁰² HEISENBERG *apud* GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Editora Record, 2014, p. 11.

²⁰³ GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Editora Record, 2014, p. 208/209.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 209.

²⁰⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

Durante séculos, procuramos por explicações e causas cada vez mais profundas até que, de repente, quando mergulhamos nas profundezas e estudamos o comportamento individual das partículas ao nível quântico, aprendemos que essa busca por uma causa chega ao fim. Não existe uma causa. Para mim, o indeterminismo fundamental do universo ainda não foi propriamente integrado em nossa visão de mundo.²⁰⁶

Por esta ótica, é possível perceber que as regras do mundo subatômico são bastante distintas do aspecto espaço-temporal, no qual costumamos navegar neste mundo material que exhibe comportamentos semelhantes aos descritos nas leis de Newton. O aspecto estranho da mecânica quântica, contudo, não contradiz sua eficiência como uma teoria para investigar o mundo físico: “na verdade, é a teoria de maior sucesso que temos, capaz de descrever com enorme precisão as propriedades de inúmeros materiais, moléculas, átomos e partículas subatômicas.”²⁰⁷

Desta forma, alheio ao espaço-tempo, o aspecto potencial da realidade possui, como princípio, a incerteza na medição. Esta relação foi aplicada por Gabor nas ciências da comunicação ao combinar a medida de incerteza de Shannon, com a formulação de indeterminação de Heisenberg, para o limite de medições simultâneas de momento e massa. Assim, mostrou que existe uma incerteza mínima que pode caracterizar uma mensagem, ou seja, uma compressibilidade máxima que ainda a mantém interpretável. Gabor nomeou essas *wavelets* de “quanta de informação”. “Na comunicação, portanto, como na termodinâmica e na física da matéria, a forma da relação de Fourier se mantém.”²⁰⁸ Nesta perspectiva, Pribram²⁰⁹ nota que o teorema de Fourier e a teoria do grupo de simetria oferecem uma estrutura formal para o processo de transformação que ocorre na percepção das imagens reais e virtuais:

O processo cerebral que transforma a entrada sensorial da imagem óptica do domínio do espaço-tempo para o domínio espectral no córtex visual primário, e de volta para o domínio do espaço-tempo por meio do movimento, na verdade deve terminar com imagens do espaço oculocêntrico espelhadas de cima para baixo. Isso é expresso matematicamente em termos de números ‘reais’ e ‘imaginários’ - ou seja, como uma imagem real e virtual. Normalmente suprimimos uma dessas imagens - provavelmente por movimento, mas exatamente como ainda não foi estudado.²¹⁰

²⁰⁶ *Ibid.*, loc. cit.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 214.

²⁰⁸ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 458, tradução nossa.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 129, tradução nossa.

²¹⁰ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa

O pensamento é uma forma de expressão virtual²¹¹: “a criação de uma realidade virtual é, por excelência, um processo dependente do córtex cerebral humano.”²¹² Para investigar a interface entre mente e matéria, além da física, da matemática e da psicologia, outros campos de pesquisa científica participam desta perspectiva interdisciplinar sobre a percepção do corpo senciante em navegação no mundo material, como a neuro-fisiologia, a bio-química e os estudos sobre a cultura, a sociedade, a comunicação e as mídias.

Georg von Békésy é fisiologista de Harvard e ganhador do Nobel. Em 1927, iniciou seus experimentos no Instituto Húngaro de Pesquisa em Telegrafia. Resumidos em seu livro de 1967, *Sensory Inhibition*, suas investigações, realizadas na superfície receptora da orelha, a membrana basilar da cóclea, examinaram como as ondas de pressão são traduzidas em um código neural transmitido para o cérebro. Segundo Békésy²¹³, “os resultados sugeriram semelhanças com a lei de Mach do contraste de brilho [visual].” Assim, concluiu, como Pribram, que o processamento do olho é semelhante ao da orelha e, em muitos aspectos, ao da pele: “O ouvido dos mamíferos é derivado do sistema da linha lateral dos peixes, um sistema que é sensível às vibrações transmitidas pela água.”²¹⁴

Observar a percepção das imagens visuais como um processo semelhante aos dos outros sentidos amplia as possibilidades de correlações entre as distintas formas sensoriais através dos experimentos realizados nos diferentes receptores do corpo. Tais processamentos dos sentidos projetam o mundo em que navegamos como uma experiência que está “lá fora”, ao invés de dentro do corpo. Este fenômeno da “projeção” evidencia que a percepção tem o atributo de causar sensações que ocorrem longe do local imediato da superfície receptora de estimulação, como um carro que se aproxima ao atravessar a rua. Para demonstrar esta tese, Békésy realizou um experimento que testa o valor de nossa capacidade estéreo:

Békésy tampou os ouvidos e usou apenas um alto-falante, amarrado ao peito, para captar sons em seu ambiente. Ele tentou atravessar uma rua e descobriu que era quase impossível porque ele não podia sentir um carro se aproximando até que estivesse quase literalmente em cima dele. O impacto das vibrações em seu peito com o som de um carro se aproximando o atingiu tão repentinamente que ele agarrou o peito e quase foi derrubado.²¹⁵

²¹¹ *Ibid.*, p. 399, tradução nossa.

²¹² *Ibid.*, p. 315, tradução nossa.

²¹³ BÉKÉSY *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 109, tradução nossa.

²¹⁴ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 109, tradução nossa.

²¹⁵ *Ibid.*, p. 111, tradução nossa.

Este experimento demonstra as relevantes vantagens da capacidade de projetar as percepções para longe de nossos corpos. Nesta perspectiva, Pribram²¹⁶ conclui que “um corolário da projeção é a introjeção”, que sugere que “a introjeção de percepções constitui uma boa parte do que chamamos de nossa ‘experiência consciente’”:

Podemos experimentar o mundo em que navegamos como estando “lá fora”, mas o aparato que torna nossa experiência possível está dentro de nossa pele. Meus olhos e cérebro me permitem ver - mas a localização do que vejo é projetada para fora, para longe e para além das estruturas corporais que tornam minha visão possível. Os experimentos de Békésy demonstraram que as leis da projeção criam um quadro antecipatório, uma concha protetora que nos cerca e nos permite escolher uma ação antes que um evento próximo nos oprima.²¹⁷

Pribram²¹⁸ narra uma ocasião em Harvard, na qual Békésy colocou nos antebraços de Pribram, duas cócleas artificiais que imitam os padrões biológicos de radiação do ouvido. Quando ligou os vibradores, ajustou-os dentro de relações de fase para que ambas as “cócleas” causassem a sensação de pontada nos dois braços simultaneamente. Logo, entretanto, as sensações de pontadas começaram a se alternar entre um braço e o outro, sem que sentisse as pontadas ao mesmo tempo nos dois braços. Durante cerca de dez minutos, Pribram relata que começou a ler distraído, enquanto sentia a sensação de pontada alternada entre os antebraços. Mas a surpresa maior veio quando percebeu a bizarra sensação de que as pontadas haviam migrado para um local entre os braços, um pouco à frente do corpo de Pribram. A resposta de Békésy para esta sensação tátil fora do corpo é a mesma que explica o toque do tecido da pele pelo bisturi do médico, que fornece uma conexão sólida entre o material de extensão do corpo e o cirurgião. O mesmo ocorre quando escrevemos com um lápis e sentimos a superfície do papel através da mediação do implemento. Ou, como aborda Merleau-Ponty, na relação entre o cego e a bengala:

A bengala do cego deixou de ser para ele um objeto, ela não mais é percebida por si mesma, sua extremidade transformou-se em zona sensível, ela aumenta a amplitude e o raio de ação do tocar, tornou-se o análogo de um olhar. Na exploração dos objetos, o comprimento da bengala não intervém expressamente e como meio termo: o cego o conhece pela posição dos objetos, antes que a posição dos objetos por ele. A posição dos objetos está imediatamente dada pela amplitude do gesto que a alcança e no qual está compreendido, além da potência de extensão do braço, o raio de ação da bengala. Se quero habituar-me a uma bengala, eu tento, toco alguns objetos e, depois de algum tempo, eu a “manejo”, vejo quais objetos estão “ao alcance” ou fora do alcance de minha bengala. Não se trata aqui de uma estimativa rápida e de uma comparação entre o comprimento objetivo da bengala e a distância objetiva do alvo a alcançar. Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva de nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de

²¹⁶ *Ibid.*, p. 113, tradução nossa.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 111, tradução nossa.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 110/111, tradução nossa.

nossos objetivos ou de nossos gestos. Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos.²¹⁹

Com estes resultados experimentais, Békésy concluiu que “a inibição sensorial deve ocorrer não apenas em nossa pele, mas em algum lugar nos caminhos que vão da pele ao cérebro.”²²⁰ Esta conclusão é confirmada pelos resultados dos experimentos de Pribram com gatos.

Há mais de cem anos, o psicólogo experimental George Stratton realizou uma investigação na Universidade de Stanford, na qual relata a experiência subjetiva de usar continuamente, um óculos capaz de inverter a visão no sentido horizontal, causando o efeito de ver o mundo de cabeça para baixo. Após uma semana de uso rotineiro durante as atividades diárias, Stratton percebeu que voltou a navegar no mundo através da perspectiva “correta” novamente. Ou seja, o efeito de reversão do campo visual, provocado pelas lentes, desvaneceu após a adaptação dos ajustes de navegação do sistema visual do corpo do observador.

Poincaré afirmou que os objetos são relações; portanto, o espaço oculocêntrico percebido, que é composto de objetos, é relacional, algo como um campo cuja polaridade pode mudar: assim, “para cima” versus “para baixo” é, na verdade, uma relação que se ajusta às necessidades de navegação do individual.²²¹

Existem diferentes aspectos do espaço no campo visual: o “oculocêntrico” define o espaço visual projetado para além do domínio do corpo; e o “egocêntrico” constrói a imagem espacial centrada no corpo do observador. Entre ambos, ocorre uma região de confusão, aproximadamente, um pouco além da distância do alcance do corpo. Portanto, os espaços oculocêntricos e egocêntricos são dissociáveis entre si, separados por uma fronteira de confusão entre estes dois aspectos espaciais do campo de visão. Ambos, por sua vez, são distintos dos espaços centrados no objeto: após um trauma cerebral, pessoas “experimentaram ‘micropsia’, uma condição na qual todos os objetos parecem minúsculos, ou ‘macropsia’ onde os objetos parecem ser superdimensionados. Nessas condições, os espaços oculocêntrico e egocêntrico permanecem normais.”²²²

Através da experiência de dissociação entre os sinais oculocêntricos e egocêntricos, estes campos da visão espacial deixam de estar entrelaçados durante a navegação que opera por

²¹⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 198/199.

²²⁰ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 110, tradução nossa.

²²¹ *Ibid.*, p. 128, tradução nossa.

²²² *Ibid.*, p. 129, tradução nossa.

ajuste harmônico. Nesta perspectiva, Pribram²²³ atenta para “a possibilidade de que os três tipos de espaço podem ser construídos por diferentes sistemas do cérebro.” A este fator, Pribram²²⁴ acrescenta que “nossas percepções dependem não apenas dos sistemas cerebrais que estão envolvidos, mas também de como esses sistemas se tornam sintonizados pela cultura na qual fomos criados.”

O espaço oculocêntrico foi estudado mais profundamente do que os “espaços” de outros sentidos, principalmente porque os pintores se interessaram em o retratar. Os pintores precisavam retratar uma perspectiva tridimensional em uma superfície bidimensional e levar em consideração a variedade de constâncias que percebemos nos objetos, dependendo da distância que eles estão de nós.²²⁵

Assim, ao contrário do que defende os empiristas ou behavioristas (da percepção), os resultados experimentais apresentados por Stratton, Békésy e Pribram, evidenciam que o processo perceptivo está longe de ser apenas uma simples entrada para o cérebro do que está “lá fora”, uma vez que demonstraram cientificamente que os processos cerebrais influenciam os receptores tanto quanto as entradas do corpo para perceber o mundo exterior, no qual navegamos.

Nesta perspectiva interrelacionada entre a física, a neurofisiologia e a psicologia, as estruturas como objetos são formadas por meio de transformações produzidas por receptores, que compõem um *background* semelhante ao holograma, no qual todas as (in)formações são distribuídas em todos os lugares e em todos os momentos. Assim, através da natureza quântica do processo retinal, os receptores transformam os “objetos” visualizados, por meio de um sistema espectral análogo ao holográfico restrito, que consiste num conjunto de ondas, apelidadas por Dennis Gabor de “quanta de informação”.

Os movimentos oscilatórios são a chave para desvendar o processo pelo qual somos capazes de perceber objetos em um mundo quadridimensional. No caso dos olhos, os globos oculares realizam movimentos oscilatórios nistagmóides, que são involuntários, rítmicos e repetitivos: agem como um pêndulo, que se move na forma de um arco, que para de balançar em um ponto, nomeado em descrições matemáticas como “atrator”. “Assim, as oscilações dos olhos formam um ponto atrator na estrutura neuro-nodal profunda de fibras finas que pode então servir como um pixel.”²²⁶

²²³ *Ibid.*, p. 127, tradução nossa.

²²⁴ *Ibid.*, p. 130, tradução nossa.

²²⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa

²²⁶ *Ibid.*, p. 116, tradução nossa.

Formar um ponto atrator, um pixel, a partir de oscilações é uma transformação. A transformação converte a frequência de oscilações no domínio espectral em pontos no espaço-tempo. Em suma, a transformação é descrita pela equação de Fourier (inversa). São os movimentos oscilatórios, por causa de seu caráter de pêndulo, que transformam um processo cerebral semelhante a um holográfico distribuído em um que permite a geração de imagens. A conversão do espaço-tempo em frequências e de volta ao espaço-tempo é o procedimento usado para produzir imagens por tomografias PET e fMRIs em hospitais.²²⁷

No caso de algumas pessoas diagnosticadas com “nistagmo congênito”, o inofensivo aumento da amplitude do movimento oscilatório do olho, evidencia a relação das imagens oculares com o movimento. Experimentos, realizados por Pribram, demonstram que, ao anular a oscilação dos olhos, a visão desaparece em 30 segundos.

Nos experimentos, um pequeno espelho foi colado na esclera da cobaia, a parte branca do globo ocular. Isso não é tão desconfortável quanto pode parecer. A esclera é totalmente insensível ao toque ou dor; é quando a córnea, o anel colorido ao redor da pupila do nosso olho, está ferida, que dói tanto. Uma figura é então projetada no espelho e refletida desse espelho em uma superfície exibida na frente do sujeito. Assim, (quando corrigido para o comprimento duplo do caminho da luz de e para o olho), a figura exibida na superfície na frente do sujeito reflete a excursão do globo ocular. Em breve, o sujeito experimenta um desbotamento da figura, que então desaparece em cerca de 30 segundos. Portanto, como este experimento demonstra claramente: nenhum movimento oscilatório, nenhuma imagem.²²⁸

Segundo Pribram²²⁹, os mesmos resultados foram obtidos repetidamente em experimentos com outros sentidos, além da visão. As oscilações finas dos campos receptores, ou dos estímulos do ambiente que nos rodeia são vibrações, medidas em termos de frequências, fundamentais para poder ver, sentir o toque e ouvir. São essas oscilações que nos permitem experimentar imagens no espaço-tempo em que navegamos.

Assim, encontramos um processo interseccionado da percepção, que aborda a relação entre os sistemas motores e sensoriais: além de funcionarem de forma semelhante, os sistemas sensoriais dependem do movimento para nos permitir organizar a percepção de imagens e objetos; ao passo que os sistemas motores dependem de imagens de conquista das ações pretendidas.

Os sistemas cerebrais que processam a distinção entre objetos e imagens são fundamentais para nossa compreensão de como percebemos o mundo em que habitamos. Pribram²³⁰ afirma que a experiência humana é inicialmente com objetos, não com imagens: “podemos olhar para objetos de várias perspectivas para perceber vários perfis, imagens, dos

²²⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²²⁸ *Ibid.*, p. 115/116, tradução nossa.

²²⁹ *Ibid.*, p. 116, tradução nossa.

²³⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa

objetos, mas a imagem é secundária à percepção dos objetos.” Neste sentido, revisita o pensamento de Helmholtz, que há mais de um século, fez essa distinção: “[...] os objetos são formas que permanecem inalteradas apesar do movimento; imagens são aquelas percepções que mudam com o movimento.”²³¹

Assim, pelos nossos movimentos, descobrimos que é a forma estacionária da mesa no espaço, que é a causa da mudança da imagem em nossos olhos. Explicamos a mesa como tendo existência independente de nossa observação porque a qualquer momento que quisermos, simplesmente assumindo a posição adequada em relação a ela, podemos a observar.²³²

Portanto, independente da movimentação do observador, “os objetos permanecem invariáveis, constantes, em toda a variedade de seus perfis - a variedade de suas imagens.”²³³ Esta noção sobre a percepção de um objeto no domínio do espaço-tempo assemelha o pensamento de Pribram à descrição de Merleau-ponty sobre o objeto “casa”, que, por meio de outros conceitos, apresenta uma estrutura de múltiplas facetas distribuídas de forma similar a um holograma:

[...] a casa ela mesma não é a casa vista de lugar algum, mas a casa vista de todos os lugares. O objeto acabado é translúcido, ele está penetrado de todos os lados por uma infinidade atual de olhares que se entrecruzam em sua profundidade e não deixam nada escondido. O que acabamos de dizer da perspectiva espacial, poderíamos dizer também da perspectiva temporal.²³⁴

Assim como Merleau-Ponty e Helmholtz, Pribram²³⁵ destaca a forma entrelaçada e interpenetrada dos processos cerebrais, sobretudo, devido as evidências de semelhança entre o funcionamento dos sistemas motores e sensoriais, além da relação interdependente entre o movimento e a imagem: se por um lado, “nossos sistemas sensoriais dependem do movimento para nos permitir organizar a percepção de imagens e objetos. Por outro, os sistemas motores do nosso cérebro dependem da imagem da realização pretendida de nossas ações.”

Já sabemos por experiências realizadas no século 19 que o que temos conhecimento é toda uma situação dentro da qual ocorre um comportamento, não os grupos musculares particulares envolvidos na atividade. Hermann von Helmholtz em Berlim analisou a diferença entre o comportamento automático e voluntário e mostrou que o comportamento voluntário envolve uma ativação simultânea e paralela de dois

²³¹ *Ibid.*, p. 117, tradução nossa.

²³² VON HELMHOLTZ, Hermann - 1909/1924 *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p.114, tradução nossa.

²³³ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 166, tradução nossa.

²³⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 105/106.

²³⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 166, tradução nossa.

sistemas cerebrais. Helmholtz demonstrou isso paralisando os músculos oculares de uma cobaia e pedindo à pessoa que movesse os olhos. Como resultado, a cena cruzou o campo visual da pessoa como se uma tela - uma “moldura” sobre a qual o mundo visual foi projetado - tivesse sido movida. Recentemente, experimentos mostraram que essa estrutura é “construída” por células cerebrais próximas àquelas que controlam os movimentos dos olhos no tronco cerebral. Assim, Helmholtz demonstrou que ver uma cena movendo voluntariamente os olhos depende de duas saídas do cérebro: uma move os músculos do olho, a outra compensa o movimento.²³⁶

“Ao contrário dos pontos de vista aceitos, o cérebro não processa percepções visuais bidimensionais; em vez disso, o cérebro lida com muito mais dimensões de entrada perceptual.”²³⁷ Pribram²³⁸ realizou esta conclusão ao distinguir “entre as funções do arranjo óptico e as do processamento retinal. Além disso, as evidências mostram que há tanta entrada significativa do córtex cerebral para os receptores quanto a entrada do meio ambiente.” Portanto, outra observação sobre a fenomenologia da percepção, realizada tanto nas investigações de Pribram, quanto de Merleau-ponty, compreende que os processos cerebrais não são compostos de ciclos de entrada e saída, como afirma a teoria do arco reflexo. Enquanto Pribram utiliza os estudos sobre o córtex cerebral para analisar suas hipóteses filosóficas, Merleau-Ponty adentra neste campo interdisciplinar por meio da psicologia, assim, observa a interferência da subjetividade na construção da percepção dos fenômenos por meio do conceito de impureza:

[...] o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente tal como o vejo, ele é um momento de minha história individual e, como a sensação é uma reconstituição, ela supõe em mim os sedimentos de uma constituição prévia, eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar.²³⁹

Assim como Pribram, Merleau-Ponty nota que a atualidade é composta com base na recuperação da memória individual, ou seja, no aspecto retrospectivo da memória. Da mesma forma, ambos os autores abordam o aspecto prospectivo da memória, expresso por meio da intenção e motivação. Nesta perspectiva, a concepção comum de que o processamento da memória consiste, estritamente, em armazenamento e recuperação não condiz com as observações realizadas por Merleau-Ponty e Pribram²⁴⁰: a “recuperação” da memória, em si, é um processo de memória armazenada, que deve ser ativado para ser eficaz, e que, embora seja

²³⁶ *Ibid.*, p. 369, tradução nossa.

²³⁷ *Ibid.*, p. 16, tradução nossa.

²³⁸ *Ibid.*, p. 16/17, tradução nossa.

²³⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 290.

²⁴⁰ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 392/393, tradução nossa.

separado do processamento profundo, endereça aos processos cerebrais da estrutura profunda distribuída. Rememorar (*remembrance*) endereça o “conteúdo” deste armazenamento desmembrado, formula e reformula a recuperação de acordo com as exigências do momento. Esta “estrutura superficial da memória, nosso procedimento de recuperação e atualização, lembra o que acontece no caixa de pagamento. É apenas uma etapa para conceber um nome como um gatilho de código de barras que identifica uma compra.”²⁴¹ Por outro ponto de vista, nas palavras de Merleau-Ponty²⁴²:

O ato do olhar é indivisivelmente prospectivo, já que o objeto está no termo de meu movimento de fixação, e retrospectivo, já que ele vai apresentar-se como anterior à sua aparição, como o “estímulo”, o motivo ou o primeiro motor de todo o processo desde o seu início. A síntese espacial e a síntese do objeto estão fundadas neste desdobramento do tempo. Em cada movimento de fixação, meu corpo ata em conjunto um presente, um passado e um futuro, ele secreta tempo, ou antes torna-se este lugar da natureza em que, pela primeira vez, os acontecimentos, em lugar de impelirem-se uns aos outros no ser, projetam em torno do presente um duplo horizonte de passado e de futuro e recebem uma orientação histórica. Aqui existe a invocação, mas não a experiência de um naturante eterno. Meu corpo toma posse do tempo, ele faz um passado e um futuro existirem para um presente, ele não é uma coisa, ele faz o tempo em lugar de padecê-lo.

Portanto, para Merleau-Ponty²⁴³, as recordações não se projetam por si mesmas nas sensações, pois a consciência confronta o passado com a atualização dos dados. Assim, o corpo retém apenas as (in)formações, que se harmonizam. Nesta perspectiva, o autor reconhece “um texto originário que traz em si seu sentido e o opõe àquele das recordações: este texto é a própria percepção.”²⁴⁴

Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível. Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal. Perceber não é recordar-se.²⁴⁵

Para Merleau-Ponty²⁴⁶, a noção “intelectualista” de que a projeção das recordações introduz na percepção uma atividade mental, em oposição ao empirismo, que restringe a análise da percepção aos dados imanentes da natureza, “é apenas uma consequência, uma correção

²⁴¹ *Ibid.*, p. 338, tradução nossa.

²⁴² MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 331/332.

²⁴³ *Ibid.*, p. 46.

²⁴⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 47/48.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 46.

tardia e ineficaz do empirismo; ela admite seus postulados, partilha suas dificuldades e, como ele, esconde os fenômenos em lugar de levar a compreendê-los”. Através dos estudos de Merleau-Ponty e Pribram, é notável que, mesmo quando ditos por meio de distintas linguagens, que tendem às respectivas histórias dos campos de conhecimento dos quais derivam, os conceitos cunhados em variados campos do saber, por vezes, apresentam conclusões semelhantes ou complementares. Às pesquisas de Pribram e Merleau-ponty, é possível adicionar os estudos sobre a percepção, realizados por Anil Seth, um neurologista contemporâneo que afirma:

Então, a percepção – descoberta do que está lá fora – tem de ser um processo de adivinhação da informação (*informed guesswork*), no qual o cérebro combina os sinais sensoriais com suas expectativas precedentes ou suas crenças sobre como o mundo, para formar o seu melhor palpite sobre o que causa aqueles sinais. O cérebro não ouve som ou enxerga a luz. Tudo o que percebemos é o melhor palpite sobre o que está no mundo exterior.²⁴⁷

Assim, “seu cérebro alucina sua realidade consciente.”²⁴⁸ Nesta perspectiva, em sua fala no TED²⁴⁹, Seth apresenta um exemplo visual de uma distorção cerebral sobre a cor e depois sobre a compreensão de um som indecifrável, mas que passa a fazer sentido quando ouvimos uma referência decifrável antes. Ou seja, quando escutamos o som distorcido após saber as palavras que estão ali presentes, o som distorcido passa a apresentar um sentido verbal claro. No caso da diferença de percepção de uma mesma cor, a resposta repousa sobre a mesma explicação: “o cérebro usa suas expectativas precedentes, construídas profundamente nos circuitos do córtex visual, de que a sombra projetada escurece a aparência da superfície. Então, vemos B mais claro do que realmente é.”²⁵⁰

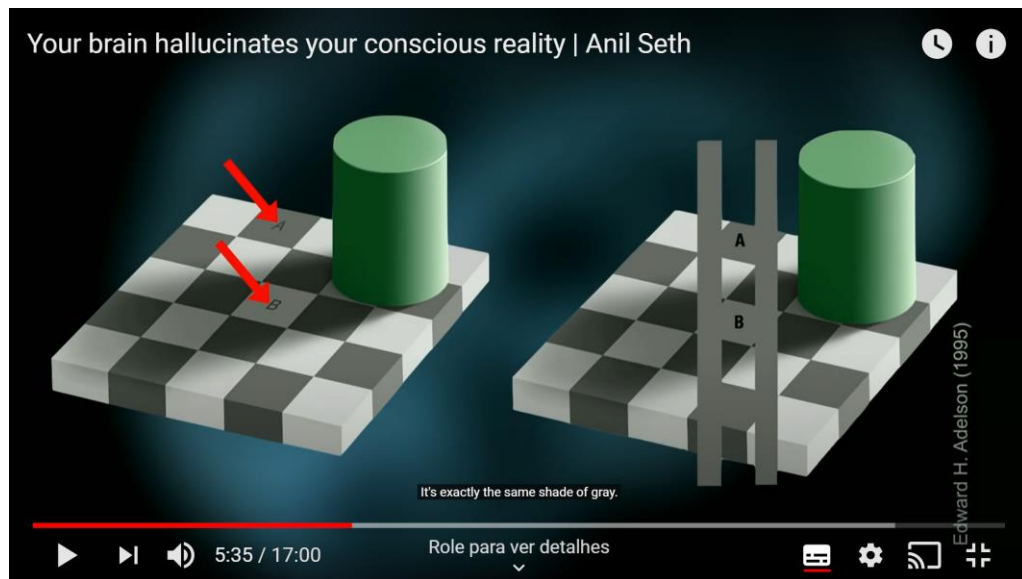
²⁴⁷ SETH, Anil. **Your brain hallucinates your conscious reality**. TED, 2018, tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyu7v7nWzfo>. Acesso em: 15 nov. 2020.

²⁴⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁴⁹ Oriunda do inglês, TED é uma sigla que significa “Tecnologia, Entretenimento e Design”, pois estes foram os temas abordados na primeira conferência realizada em 1984. Contudo, no decorrer da história, o TED incorporou tópicos de diversas áreas do conhecimento e atualmente disponibiliza palestras sobre assuntos variados.

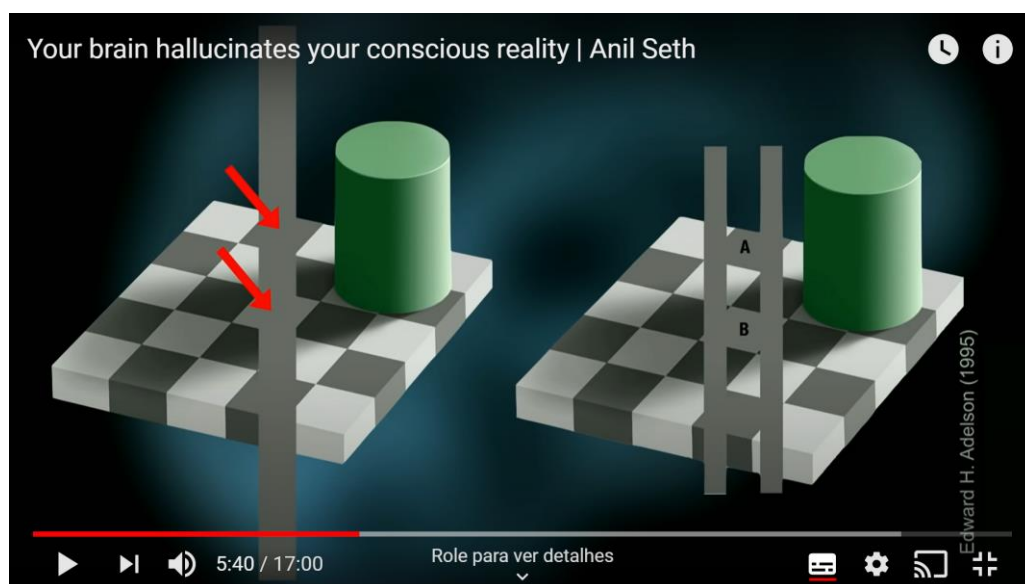
²⁵⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Figura 13 – Experimento de ilusão de ótica sobre a percepção das cores



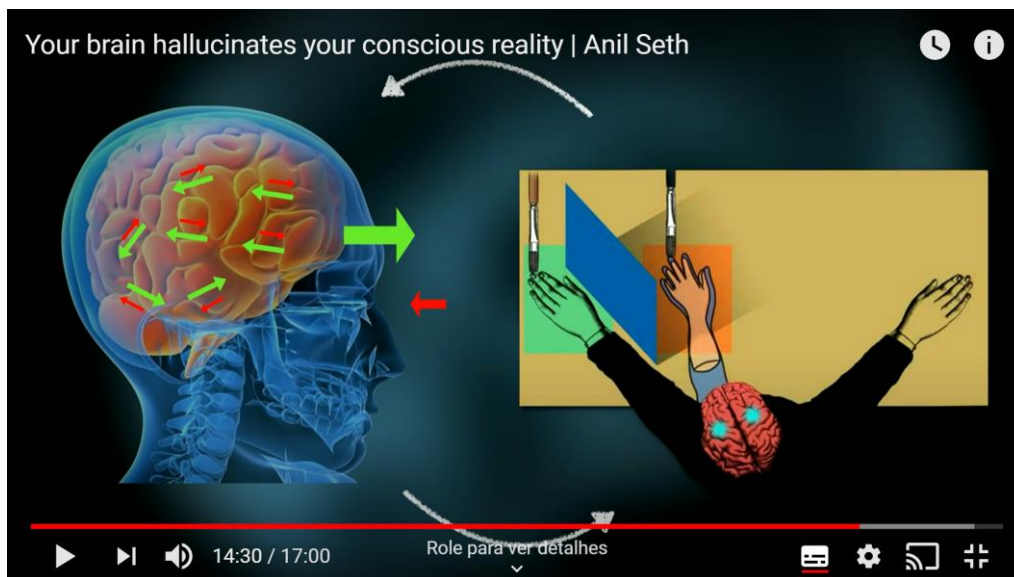
Fonte: SETH, Anil (2018).

Figura 14 – Experimento de ilusão de ótica sobre a percepção das cores (2)



Fonte: SETH, Anil (2018).

Figura 15 – Experimento de ilusão de ótica sobre a sensação de ser, ou ter, um corpo e suas partes



O observador olha a mão falsa, que é estimulada com um pincel, enquanto a mão real recebe o mesmo estímulo simultaneamente; ao ser surpreendido com a perfuração da faca no membro falso, o observador reage ao golpe, como se fosse numa parte de si, mesmo sem o corpo ter sido atingido. Fonte: SETH, Anil (2018).

Através destes exemplos, Seth explica que as informações sensoriais que chegam ao cérebro não foram modificadas. A única mudança está no melhor palpite do cérebro sobre as causas dessa informação sensorial e isto transforma o que ouvimos conscientemente. Assim, conclui que a percepção não depende apenas dos sinais externos que entram no cérebro, mas depende tanto, se não mais, das previsões perceptivas que fluem na direção oposta. Ou seja, a percepção do mundo não é uma atividade passiva, pois nós a geramos ativamente.

Para Seth, de fato, estamos alucinando o tempo todo, incluindo, agora: “se a alucinação é um tipo de percepção incontroleável, então a percepção aqui e agora é também um tipo de alucinação, mas uma alucinação controlada, na qual as previsões do cérebro estão sendo controladas por informações sensoriais advindas do mundo.”²⁵¹ Quando consentimos sobre nossas alucinações, as chamamos de realidade. Esta é a diferença entre a percepção dos homens comuns e a dos esquizofrênicos, pois as alucinações psicóticas escapam ao consenso, mas são sentidas pelo observador como reais. Contudo, o esquizofrênico pode ser capaz de perceber as discordâncias sobre a realidade devido às estranhezas presentes na alucinação, ou à ausência de compartilhamento com os demais seres sencientes que habitam a mesma cena.

²⁵¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Seth sublinha que não é apenas a percepção dos sinais sensoriais do mundo exterior que são alucinações, mas a própria experiência de ser um Eu, em si mesmo, é uma alucinação gerada pelo cérebro. Neste sentido, Seth observa cinco formas de experienciar o Eu: Eu – corporal; Eu – perspectivo (ponto de vista em primeira pessoa); Eu – volitivo; Eu – narrativo; Eu – social. Estas experiências de ser um Eu podem se separar, o que significa que o fundo básico da experiência de ser um Eu unificado é uma construção frágil.

Um experimento, realizado por Seth, em que o observador é induzido a ver um braço falso como parte do seu corpo, através da estimulação tátil simultânea entre a mão correspondente e o objeto inanimado em sua frente, demonstra que, quando o observador é surpreendido com um ataque ao braço falso, reage como se fosse em seu próprio corpo, o que resulta na ação de mover o corpo para se proteger. Assim, Seth considera que até mesmo a experiência do que é o corpo do Eu é um tipo de melhor palpite, um tipo de alucinação controlada pelo cérebro.

Um outro tipo de percepção do corpo consiste na percepção interna, que não busca descobrir o que há dentro, mas controlar e regular, manter as variáveis fisiológicas dentro de limites estreitos, que são compatíveis com a sobrevivência. Assim, não percebemos objetos internos, mas a qualidade do controle que está ocorrendo.

As alucinações não parecem ser criações de quem as percebe, pois não estão sob o controle do observador, além de parecer que vêm do exterior e mimetizarem a percepção. Nesta perspectiva, Oliver Sacks²⁵² afirma que “nós vemos com os olhos, mas enxergamos também com o cérebro.”

Na busca para decodificar os sinais emitidos pelo mundo em que navegamos, todos alucinamos dentro de um espectro do consenso coletivo sobre o que é a realidade. Portanto, alucinar é um ato comum ao sistema neural do humano, mas é um fenômeno que possui uma ampla diversidade e pode estar associado a enfermidades, lesões, traumas, desregulação do sistema. Contudo, não presume um corpo insano. No campo das alucinações, existem diversas espécies, algumas são comuns a todos os humanos, como destaca a pesquisa de Seth, outras variam a expressão delirante a depender do local alterado no corpo: as disfunções no cérebro apresentam alucinações de acordo com a cartografia neural, o tipo de lesão e desajuste; por outro lado, receptores sensoriais desprovidos da capacidade de captar informações do mundo, como olhos cegos ou ouvidos surdos, podem ocasionar alucinações.

²⁵² SACKS, Oliver. **O que as alucinações revelam sobre nossas mentes**. TED, 2010, tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SgOTaXhbqPQ&t=969s>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Este é o caso de uma senhora de 95 anos, chamada Rosalie, que estava vendo coisas, e, por isso, bastante preocupada de em ser senil, louca, ou se havia tido um derrame ou Alzheimer. Sacks observa que estava evidente que a senhora era sã, lúcida e com boa inteligência, mas as alucinações visuais a deixaram muito assustada e preocupada. Há cinco anos, havia se tornado completamente cega, devido a degeneração macular. Suas alucinações visuais consistiam em pessoas com veste orientais subindo e descendo escadas; um homem cis que se vira e sorri para ela com dentes enormes do lado da boca; animais, construções, um prédio branco num local em que neva suavemente; um cavalo, com um arreio, dragando a neve. Então, numa noite, as imagens mudam e a paciente passa a visualizar gatos e cachorros caminhando em sua direção, mas quando chegam a um certo ponto, eles param. Então a cena muda novamente e ela vê várias crianças subindo e descendo escadas, que vestem cores brilhantes, azul e rosa, como as vestes orientais. Além disso, ela alucinava quadrados azuis e rosas no chão, que pareciam subir até o teto. Para Rosalie, as alucinações não eram como um sonho, mas como um filme mudo, que tem cor, movimento, mas é completamente silencioso. Contudo, apesar de parecer um fenômeno fantástico, a paciente considera que são alucinações entediantes, um filme chato de assistir, pois a cena de tais pessoas subindo e descendo escadas com vestes orientais eram muito repetitivas e limitadas. Ela sabia que eram alucinações, mas estava assustada com tais percepções, pois passou quase um século de vida sem vivenciar este tipo de alucinação. Rosalie sublinha que tais alucinações não possuem correspondência com o que estava pensando, sentido ou fazendo, portanto, parecem chegar e desaparecer por conta própria, sem qualquer controle. Ela não reconhecia os locais, as pessoas ou animais apresentados nos episódios alucinatórios, tais representações eram insignificantes para ela, o que a fazia pensar que estava enlouquecendo.

Após Sacks a examinar cuidadosamente, notou que ela era uma senhora brilhante, sã e sem problemas médicos. Também não tomava nenhum remédio que pudesse produzir alucinações. Contudo, o fato de ser cega é uma variável que pode explicar o fenômeno das alucinações. Ou seja, esta paciente apresenta um tipo de alucinação visual específica, que pode surgir com a deterioração da visão ou cegueira. No século XVIII, este tipo de alucinação foi descrito por Charles Bonnet, que apelidou a síndrome com seu próprio nome. Portanto, não havia nada de errado com o cérebro ou a mente da Rosalie. Este resultado dos exames e o diagnóstico apresentado por Sacks alegrou a paciente, pois confirmou que não estava louca ou demente.

Segundo Sacks, cerca de 10% das pessoas com perda da audição apresentam alucinações musicais, assim como 10% das pessoas com perda da visão apresentam alucinações visuais,

mas não mais de 1% dos pacientes reconhecem que percebem visões alucinatórias, pois têm medo de parecerem insanas. Portanto, deixam de mencionar tais fenômenos para os médicos, devido a noção de que se alguém ouve ou vê coisas, que somente este observador é capaz de perceber, trata-se de loucura, mas Sacks sublinha que as alucinações psicóticas são bem diferentes: sejam visuais ou vocais, elas interagem com o observador, referem-se aos que a percebem, acusam, seduzem, humilham, zombam do paciente. Experiências e qualidades que não são encontradas nas alucinações da síndrome de Charles Bonnet, que mais parece um filme, que nada tem a ver com o observador, que assiste passivamente às cenas expostas diante de si. Não precisa estar completamente cego, apenas suficientemente prejudicado. É típico deste tipo de alucinação aparecer e desaparecer instantaneamente, no lugar de surgirem e sumirem gradualmente, o processo de alucinação muda repentinamente.

Ao contrário da paciente de Sacks, Charles Bonnet, em 1759, ao analisar seu avô, Charles Lullin, que havia realizado cirurgia de catarata e possuía uma visão ruim, observou que algumas alucinações eram percebidas como tal, pois não se encaixavam na realidade, como quando seu avô lhe descreveu a visão de um grande lenço azul pairando no ar com quatro círculos laranja, ou quando visualizou uma grande roda no meio do ar. Contudo, ocorreram episódios em que avistou pessoas ao lado de suas netas, mas quando elas afirmaram que estavam sem companhia, a alucinação foi dissolvida num instante. Portanto, ocorriam momentos em que não tinha certeza se estava alucinando, já que as alucinações poderiam se encaixar no contexto das visões. Lullin, avô de Bonnet, era capaz de ver centenas de diferentes figuras e paisagens. Numa ocasião, narra Sacks, Lullin avistou um homem cis de roupão fumando cachimbo, então percebeu que era ele mesmo: esta foi a única figura que ele reconheceu. Algumas vezes, também apresentou episódios chamados de palinopsia, que ocorre quando há uma repetição de uma imagem avistada no mundo real, ou seja, quando há repetição de uma percepção. No caso de Lullin, após ver um andaime na rua, quando chegou em casa, avistou uma miniatura do andaime com 15 cm de altura sobre sua mesa de estudos. Sacks explica que, com a perda da visão, as partes visuais do cérebro deixaram de receber sinais e, por este motivo, tornam-se hiperativas e excitáveis, assim, começam a disparar espontaneamente e as visões são produzidas. Algumas alucinações podem, contudo, ser bastante perturbadoras. Sacks narra o episódio de outra paciente que foi a um restaurante e viu um homem cis de costas, com a camisa rasgada, então ele se virou e se dividiu em seis figuras idênticas, que começaram a caminhar em sua direção, até que se reintegraram num único corpo, como uma concertina. Em outro momento, enquanto seu marido dirigia, a estrada se dividiu em quatro e ela sentia que caminhava em quatro estradas simultaneamente.

Outro caso interessante é de uma paciente que não possuía problemas com os olhos, mas nas partes visuais do cérebro – um pequeno tumor no córtex occipital. Sobretudo, suas alucinações consistiam em desenhos animados (*cartoons*), que “eram transparentes e cobriam metade do campo visual, como uma tela.”²⁵³ Em especial, Caco, o sapo dos *Muppetes*, aparecia com frequência em suas visões. Fenômeno que a fazia questionar o motivo de Caco aparecer, pois ele não significava nada para a paciente. Entretanto, as alucinações que mais a preocupavam eram imagens de faces geralmente deformadas, como as de Rosalie, que relata figuras com dentes ou olhos muito grandes, aparências que a amedrontavam. Mais uma vez, Sacks tenta confortar a paciente e a assegurar de que é sã.

Há também as alucinações causada por raras epilepsias do lobo temporal, capaz de transportar o observador de volta para um espaço-tempo no passado. Neste caso, Sacks observa que são alucinações multissensoriais, repletas de sentimento e familiaridade, tratam-se de narrativas localizadas no tempo e no espaço, coerentes, dramáticas. Os cheiros, a visão, o tato, os desejos, a paisagem, as pessoas, objetos, os diversos fenômenos da experiência perceptiva daquela realidade de anos atrás, são invocados como se fossem obra do aqui e do agora. Tais fatores são bastante distintos das alucinações da síndrome de Charles Bonnet. A partir de tais exemplos de diferentes tipos de alucinação, Sacks nota, através da análise de neuroimagens de ressonância magnética (fMRI), que distintas partes do cérebro visual são ativadas enquanto as pessoas estão alucinando: as alucinações geométricas simples ativam o córtex visual primário, parte responsável por ver bordas, cores e padrões, mas este local do cérebro não forma imagens. Segundo Sacks, quando a alucinação é vista como uma imagem, uma parte superior do córtex visual é ativado, que é envolvido em uma área particular do lobo temporal, chamada giro fusiforme. Pessoas que possuem danos nesta parte do cérebro podem perder a habilidade de reconhecer rostos, “mas se há uma atividade anormal no giro fusiforme, elas podem alucinar faces [...] existe uma área na parte anterior deste giro, onde olhos e dentes estão representados e esta parte do giro é ativada quando pessoas têm essas alucinações deformadas.”²⁵⁴ Sacks destaca outra parte do cérebro, que é ativada quando reconhecemos, ilustramos, ou alucinamos imagens de desenhos animados. Já outra parte é específica para o reconhecimento de alucinações de construções e paisagens. Assim, diante da descoberta, em 1970, das células especializadas para reconhecer rostos, Sacks sublinha a existência de variadas células específicas programadas para reconhecer determinados objetos.

²⁵³ *Ibid. loc. cit.*, tradução nossa.

²⁵⁴ *Ibid. loc. cit.*, tradução nossa.

Um fator interessante na pesquisa de Sacks é que ele experimenta alucinações visuais geométricas, portanto, é um caso de cientista que observa em seu próprio corpo o funcionamento da síndrome de Charles Bonnet, além de zumbido no ouvido, efeitos da percepção que ele costuma ignorar: Sacks é cego de um olho e o outro não funciona bem, segundo o próprio pesquisador. Suas alucinações se originam no nível do córtex inferotemporal, no qual há apenas fragmentos de imagens, pois “é apenas nos níveis superiores que os outros sentidos se juntam e há conexões com memórias e emoções.”²⁵⁵ Na síndrome de Charles Bonnet, as alucinações não atingem estes níveis superiores, mas permanecem no nível inferior, onde há milhões de imagens, ou figmentos, ou figmentos fragmentados, todos codificados neurologicamente, em células ou grupos de células particulares. “Figmento” é uma tradução para o português, da palavra, em inglês, *figment*. Contudo, não ocorre o reconhecimento desta, ou de outra tradução direta para tal termo oriundo de uma língua estrangeira. De acordo com o dicionário da *Oxford Lexico*²⁵⁶, “figmento” é “uma coisa que alguém acredita ser real, mas que só existe em sua imaginação.”

²⁵⁵ *Ibid. loc. cit.*, tradução nossa.

²⁵⁶ OXFORD. **Dictionary Lexico**. Website. Reino Unido: Oxford, 2020, tradução nossa. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/figment>. Acesso em: 26 nov. 2020.

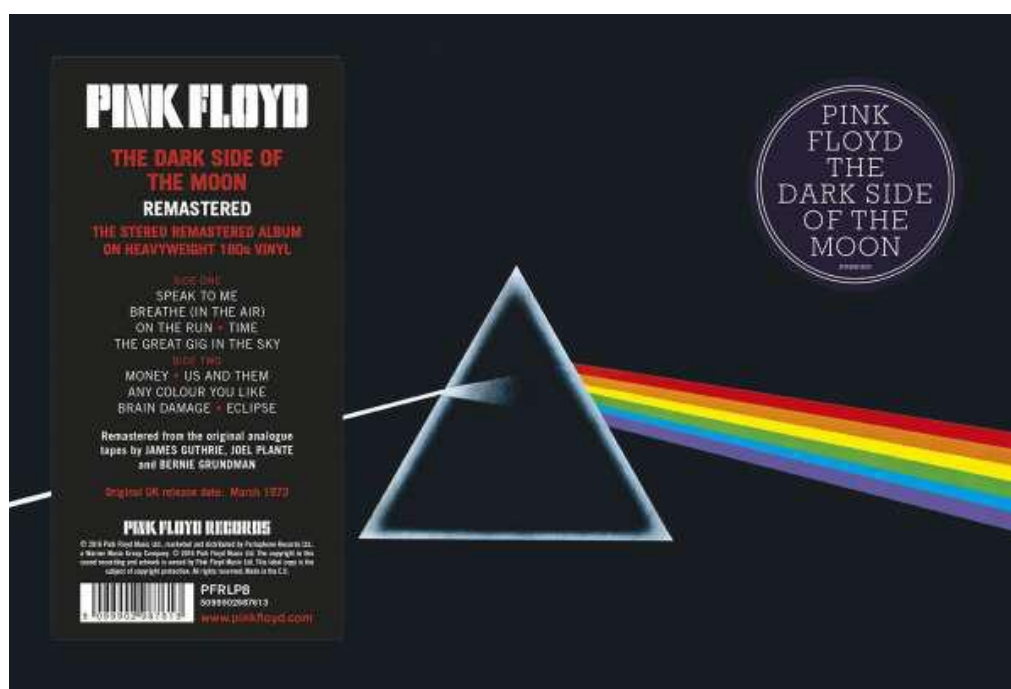
Claro está que o mundo é paródia pura, quer dizer que toda a coisa vista é paródia de outra, ou a mesma coisa mas com uma forma que decepciona.

Georges Bataille (1967/2007, p. 53)

1.3 PARÓDIA DAS CORES

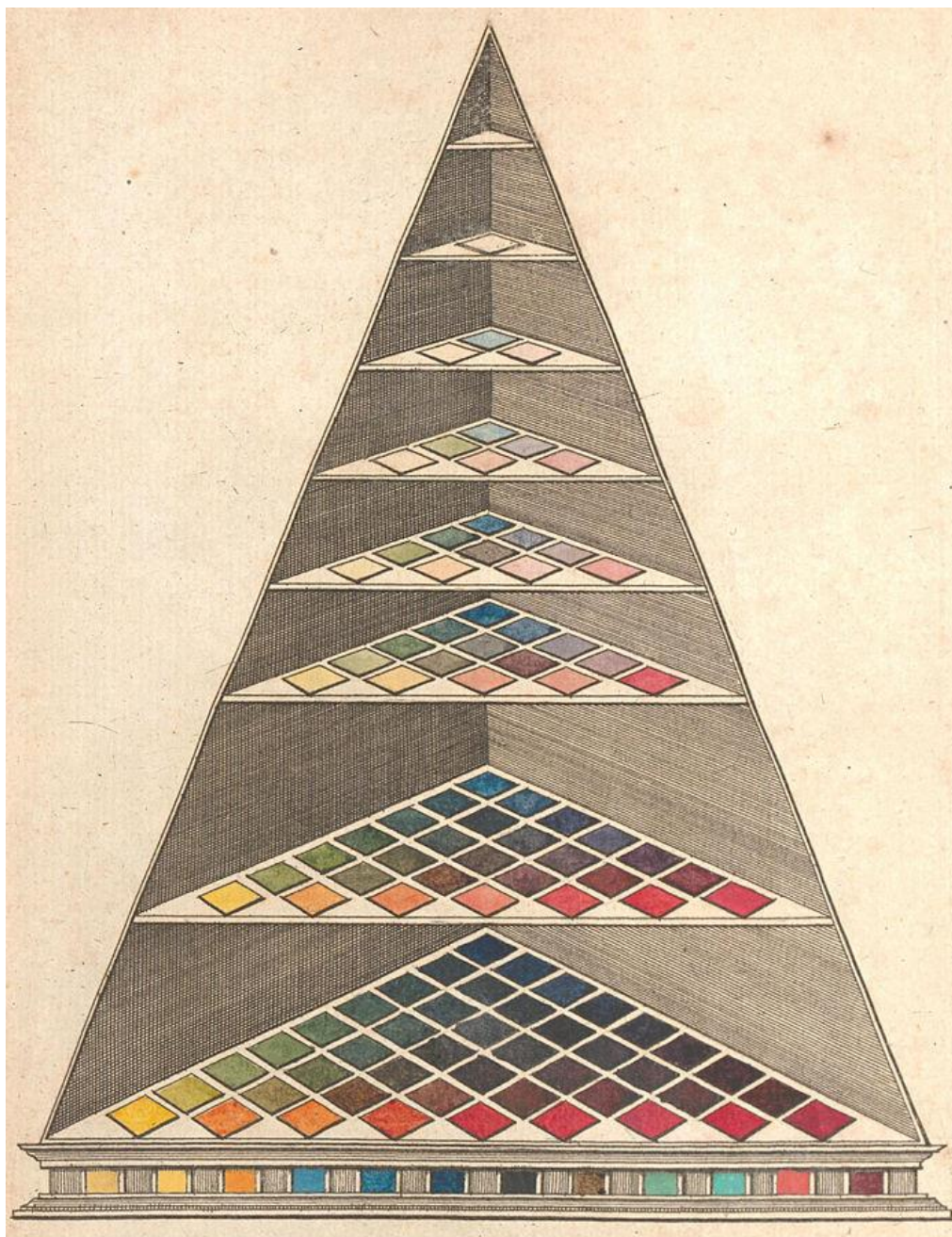
No século XVII (1672), Newton observou o comportamento da luz branca monocromática quando atravessa um prisma transparente. O resultado é mapeado como sete tons de cores, correspondentes ao comprimento da onda refratada. É o que ocorre no céu quando vemos arco-íris, pois as gotículas se comportam como prismas e formam este efeito. O arco-íris é apenas um dos fenômenos da natureza decorrente da refração prismática da luz monocromática, que do branco passa a exibir uma sinfonia de cores; experimentei a mesma sensação, pontualmente, durante banhos de cachoeira e num campo repleto de esféricas teias de aranhas orvalhadas. O modelo de Newton é a base do desenvolvimento científico sobre as cores, uma perspectiva amplamente estabelecida e adotada pela cultura industrial, porém, ela revela apenas uma parte da história.

Figura 16 - Capa do álbum *The dark side of the moon*, da banda *Pink Floyd*, que faz referência ao modelo de refração prismática da luz, proposto por Newton



Fonte: Pink Floyd (1973).

Figura 17 - Pirâmide das cores



Fonte: Lambert (1772).

Um século após a publicação de Newton, Johann Heinrich Lambert desenvolve um modelo piramidal triangular para tentar estabelecer as relações mútuas das cores: “o triângulo básico é preto no centro e tem as cores básicas vermelhão, amarelo real e azul da montanha nos cantos. Em sete andares, com brilho crescente sobe até o topo, que é branco.”

Um total de 45 cores são criadas desta forma no triângulo inferior, acima do qual o resto sobe, afina-se em direção ao topo e se torna mais claro. Eles contêm 28, 15, 10,

6 e, finalmente, 3 campos. Lambert acomoda um total de 112 cores ou suas misturas na pirâmide, cujo topo é branco”.²⁵⁷

A partir da estruturação piramidal triangular das cores, “Lambert acreditava que seu sistema poderia dar aos varejistas têxteis uma resposta à questão de saber se eles tinham estoque de todas as cores. Ele também esperava que os tintureiros e impressores de sua época tivessem ideias para suas misturas.”²⁵⁸

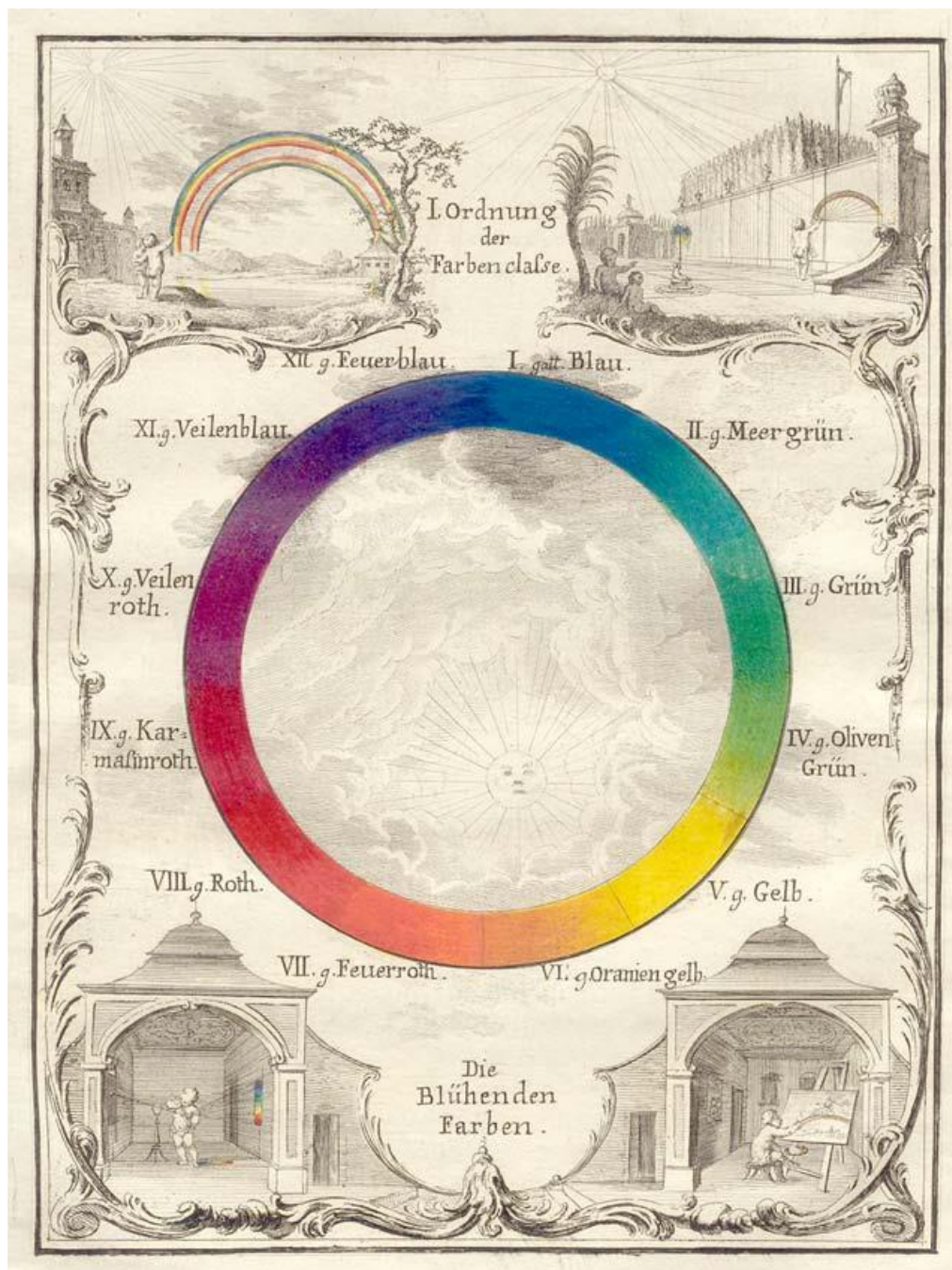
No mesmo ano da publicação de Lambert, inspirado por seus trabalhos, bem como pelos de Newton, Schiffermüller (1772) formula um espectro circular com doze categorias de cores, baseadas em quatro cores estruturais (amarelo, azul, verde, vermelho). Além da beleza exposta na pintura de Schiffermüller, seu trabalho é notável por apresentar nomes de cores associadas à objetos, como meio para sublinhar a aparência das *entre-cores*, por exemplo, verde mar, verde oliva, amarelo alaranjado, vermelho fogo ou azul fogo. Nesta escala, o autor austríaco constrói neologismos peculiares para descrever as cores, em especial, no caso do vermelho velado e azul velado, que correspondem ao que chamaríamos hoje de violeta avermelhado e violeta azulado.

Além da composição do círculo de cores, o estudo de Schiffermüller evidencia referências aos trabalhos de Newton e Lambert por meio dos quadros fixados nos quatro cantos da figura 18, nos quais encenam: (1) duas crianças despidas contemplam um arco-íris no horizonte; (2) Sem roupas, sentadas sob a sombra de uma pequena árvore, uma das duas crianças aponta para uma terceira, que está em pé, de frente para um luxuoso muro, onde desenha um arco cromático, baseado no cálculo da triangulação do comprimento de ondas; (3) num ambiente controlado, uma criança reproduz o experimento do prisma de Newton; (4) por fim, uma criança aplica pigmentos de cores numa tela de pintura. Neste contexto, para compor sua paleta de cores, Schiffermüller combina os conhecimentos físicos sobre os efeitos da luz, com a cultura artística do momento histórico em que viveu.

²⁵⁷ SISTEMA de cores. **Johann Heinrich Lambert** – 20-?. Website. Disponível em: https://www.colorsystm.com/?page_id=751&lang=de. Acesso em: 10 out. 2020.

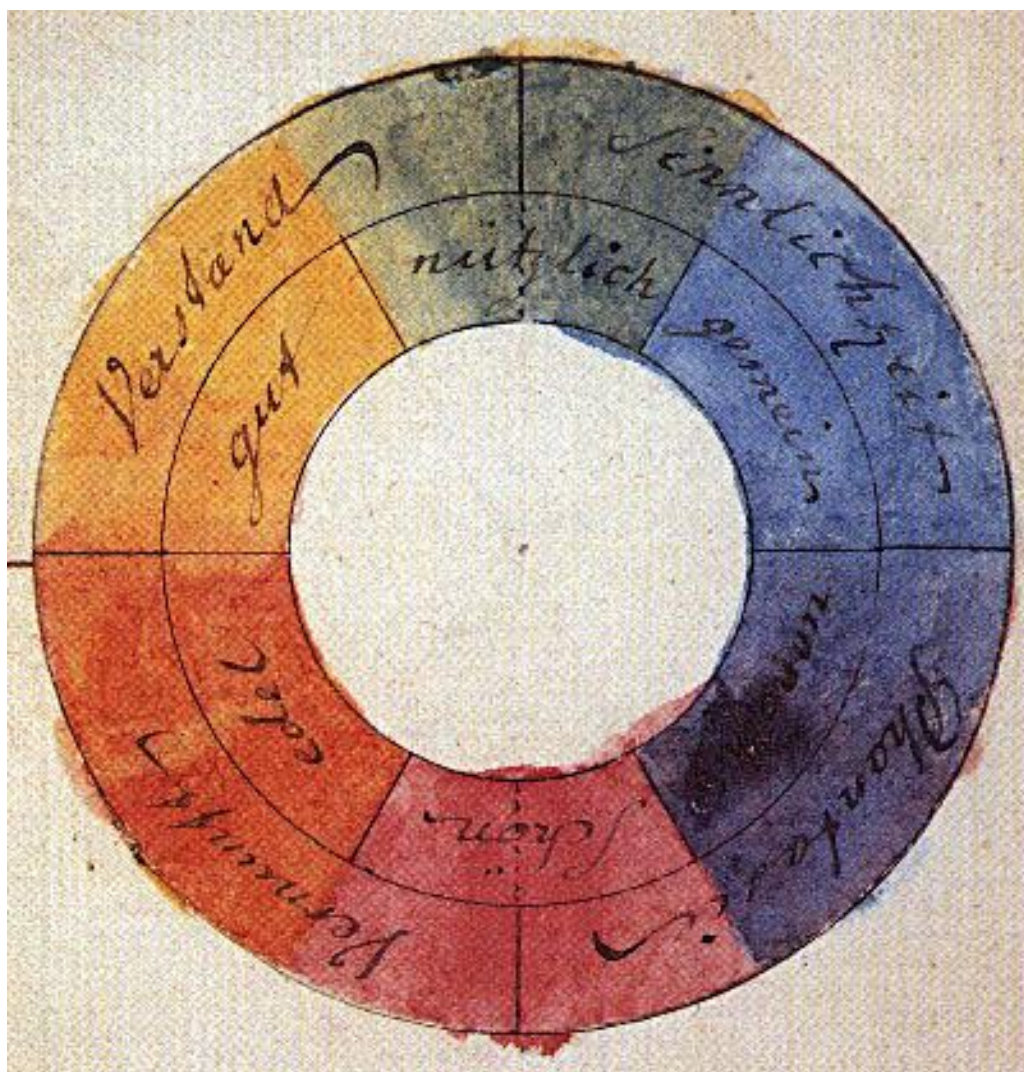
²⁵⁸ *Ibid. loc. cit.*

Figura 18 - As cores florescendo (Die Blühenden Farben)



“I. Azul; II. Verde mar; III. Verde; IV. Verde oliva; V. Amarelo; VI. Amarelo alaranjado; VII. Vermelho fogo; VIII. Vermelho; IX. Vermelho carmesim; X. Vermelho velado; XI. Azul velado; XII. Azul fogo.” (tradução nossa). Fonte: Ignaz Schiffermüller (1772).

Figura 19 - Círculo cromático do livro Teoria das Cores



Fonte: Goethe (1810).

No início do século XIX, Goethe expande a abordagem física sobre a cor para compreender os aspectos fisiológicos e psicológicos do fenômeno. Na física, encontramos um padrão de referência para a nomeação do espectro luminoso visível ao olho humano. O vermelho representa a frequência de 480-405 THz, com o comprimento de onda de 625–740 nm, enquanto o violeta expressa 790-680 THz de frequência e 380-440 nm de comprimento de onda. Após tais extremos do espectro visível convencional, encontram-se o ultravermelho e ultravioleta, ambos invisíveis ao olho humano.

Figura 20 – Espectro visível convencional

Fonte: UNESP (2019).

A cor do tapete vermelho é vista através da incidência da luz branca, que é composta por todo o espectro de ondas visíveis para os humanos. Desta forma, o objeto que reflete as ondas com comprimento de 625–740 nm e frequência de 480-405 THz, e absorve as demais ondas luminosas, resulta na sensação que nomeamos de vermelho pelo padrão de cores. Enquanto o preto luminoso é composto por ausência de cores, o pigmento é formado pela presença de todas as cores. Ou seja, um objeto preto retém todas as frequências luminosas causando o aprisionamento do potencial máximo oferecido pela luz para a conversão de energia fototérmica, por este motivo, a incidência da luz esquenta superfícies pretas com maior velocidade do que objetos de outras cores, sobretudo, o branco, que reflete todas as frequências. Entretanto, ocorre a corrupção do padrão científico objetivo da cor nos processos de percepção dos fenômenos estéticos, ao passar pela tradução fisiológica, psicológica, cultural, bioquímica. O que é considerado único e universal na ciência física é sentido de distintas formas pelos corposmídias. Cor é, portanto, uma interpretação conceitual e sensorial que opera por meio de uma relação entre o que chamamos de mundo interior e exterior.

Se entregarmos a um cego total de nascença um objeto branco, como um pato, nenhuma experiência sensorial traduzirá o significado visual de olhar esta cor. Esta qualidade permanece em reserva potencial para o observador cego, que não compreende através do seu conjunto perceptivo de referências simbólicas e sensoriais o que é o branco.

Cores são qualidades potenciais, por vezes inacessíveis ou corrompidas por olhos capazes de enxergar os detalhes amarelados das penas brancas do pato, sob a luz rosada do pôr

do sol. Esta mesma paisagem soa em escala de cinza para um indivíduo com acromatopia. As escalas, interpretações, espectros, padrões e categorias das cores variam conforme a fisiologia, a psicologia e a cultura do observador. Em conjunto, tais entidade do ser interferem em todo o sistema perceptivo, numa condição de interconexão, sem separação ou hierarquia entre parte elementar e superior, centro e periferia.

Diante da presença da percepção das cores, encontramos pistas para compreender o dilema: a qualidade reside no objeto ou no observador? Ou seja, a cor vermelha da camisa é uma qualidade que o sujeito significa/constitui ou é o próprio prejuízo do mundo que apresenta propriedades imanentes a serem interpretadas?

O padrão fisiológico humano da visão das cores compreende que o olho saudável possui três tipos de receptores para as ondas eletromagnéticas, que traduzimos como cores. Uma célula é especializada em absorver as ondas curtas azuis, a outra apreende as longas vermelhas e o terceiro tipo de cone retém o verde, que possui comprimento intermediário em relação aos anteriores (RGB). Trata-se, portanto, de um animal tricromata. Esta condição biológica resulta em até 1 milhão de cores. Quando o observador apresenta disfunção, ou ausência de algum dos três tipos de receptores da retina, o espectro de cores visível é reduzido e a pessoa é considerada daltônica.

Vallera²⁵⁹ explica que o “daltonismo é um distúrbio da visão que interfere na percepção das cores. Também chamado de discromatopsia ou discromopsia, sua principal característica é a dificuldade para distinguir o vermelho e o verde e, com menos frequência, o azul e o amarelo.” Além desta diversidade na percepção das cores, um pequeno grupo apresenta visão acromática, ou seja, enxerga apenas em tons de branco, cinza e preto, como no caso de Neil Harbison, um ser ciborgue, que implantou na cabeça uma antena com uma câmera na ponta, para detectar e traduzir como sons, as cores que estão presentes no ambiente em que navega. Esta diferença na percepção das cores é a única alteração visual que os daltônicos apresentam devido à fisiologia.

Na retina, existem dois tipos de células fotossensoras: os cones e os bastonetes. Os cones são responsáveis pela visão diurna e a percepção das cores. Eles podem ser de três tipos diferentes. Cada um deles responde ao comprimento de onda das cores vermelho, verde, azul e suas variantes. Os bastonetes não são sensíveis à diferenciação de cor. Como funcionam com pouca luz, possibilitam melhor visão noturna e periférica, produzindo imagens em preto e branco com todas as suas graduações.²⁶⁰

²⁵⁹ VALLERA, Maria Helena. Daltonismo. In: **Site Drauzio Varella**. Website. UOL, 20-?. Disponível em: <https://drauzioarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/daltonismo/>. Acesso em: 20 set. 2020.

²⁶⁰ *Ibid. loc. cit.*

O daltônico, portanto, apresenta ausência ou disfunção de cones na retina. A diferença nos tipos de alterações portadas, resulta em diferentes tipos de daltonismo, que apresentam o mundo através de distintas paletas de cores. Além da acromatopsia, Varella²⁶¹ sublinha três formas fisiológicas e suas consequências na percepção das cores:

Protanopia – diminuição ou ausência do pigmento vermelho, sensível às ondas de comprimento longo. Nesse caso, a pessoa enxerga em tons de bege, marrom, verde ou cinza;

Deuteranopia – ausência ou diminuição dos cones verdes sensíveis às ondas de comprimento médio. Na falta deles, a pessoa enxerga em tons de marrom;

Tritanopia – dificuldade para enxergar ondas curtas como os diferentes tons de azul e o amarelo, que adquire tons rosados.

Figura 21 – Variação das paletas de cores por tipo de daltonismo



Fonte: Juan Carlos Giménez [20-?].

À tais espécies de daltonismo, Vallera²⁶² acrescenta que “algumas pessoas podem apresentar a disfunção em dois tipos de cones e apenas distinguir uma das cores, em geral, o verde ou o vermelho”, além da acromatopsia.

²⁶¹ *Ibid. loc. cit.*

²⁶² *Ibid. loc. cit.*

Figura 22 - A ilha dos daltônicos, sob o padrão de cores dos habitantes



Fonte: Sanne De Wilde (2015).

Numa pequena ilha no Oceano Pacífico da Micronésia, o atol de Pingelap, é também conhecida como “a Ilha dos Daltônicos, pois acredita-se que até 10% dos seus residentes carreguem o gene da acromatopsia, causador do daltonismo total.”²⁶³ Acredita-se que este fenômeno é devido a um tufão que, no século 18, extinguiu a maior parte da população da ilha. A partir deste evento catastrófico, a narrativa dhistórica de Pingelap conta que um dos sobreviventes, um cacique daltônico, que colaborou com o repovoamento da ilha, transmitiu o gene da acromatopsia aos atuais descendentes, que somam cerca de 10% da população.

Segundo fotógrafa belga Sanne De Wilde²⁶⁴, durante uma viagem à Pingelap em 2015, alguns moradores da ilha, diagnosticados com acromatopsia, “alegaram que podiam ver pequenas variações de algumas cores, como vermelho ou azul.” Como a acromatopsia está relacionada à visão em preto, branco e cinza, a condição expressa pelas pessoas de Pingelap sobre a percepção das cores se assemelha à Tritanopia, ou seja, “dificuldade para enxergar

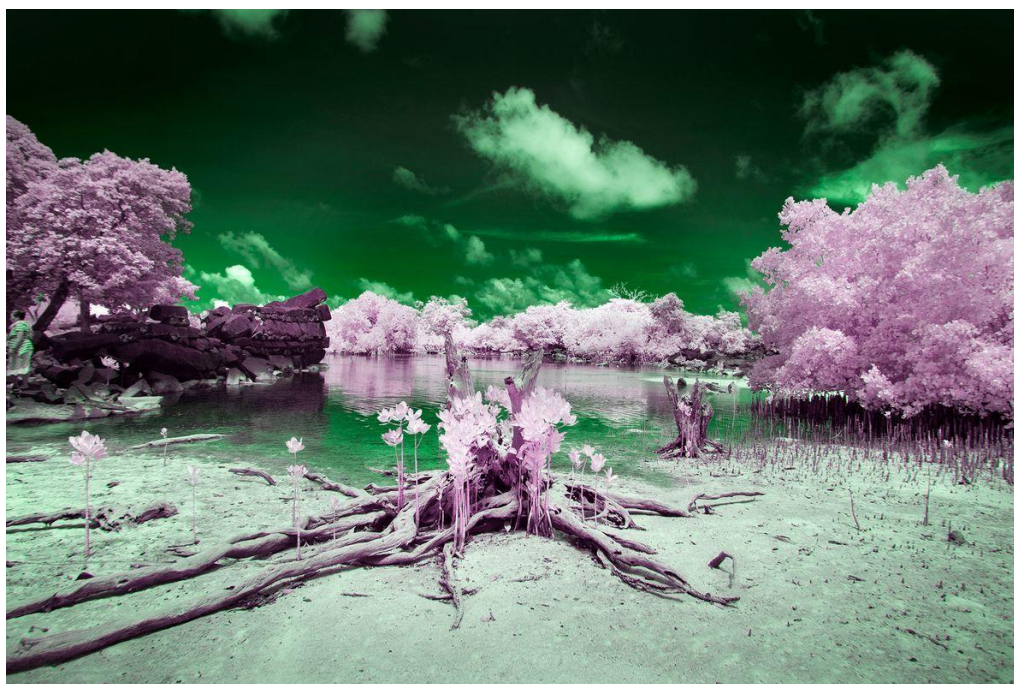
²⁶³ STONE, Daniel. Na Ilha dos Daltônicos, o paraíso tem um tom diferente. In: **National Geograph**, 2018. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraíso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

²⁶⁴ WILDE, Sanne De *apud* STONE, Daniel. Na Ilha dos Daltônicos, o paraíso tem um tom diferente. In: **National Geograph**, 2018. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraíso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ondas curtas como os diferentes tons de azul e o amarelo, que adquire tons rosados”²⁶⁵, como demonstra a imagem 21, que apresenta a paleta de cores para os diferentes tipos de daltonismo.

A técnica de De Wilde para colorir as fotografias busca expressar como os habitantes daltônicos da ilha de Pingelap enxergam o mundo. A partir deste objetivo, “usou configurações de fotos e lentes infravermelhas em sua câmera para distorcer e abafar certas cores. Em seguida, em um golpe de arte, ela convidou algumas das pessoas a pintar algumas das imagens com aquarelas para refletir como elas viam o mundo.”²⁶⁶ A partir desta experiência artística com o mundo visual dos daltônicos, De Wilde questiona o que são as cores para uma pessoa que só conhece preto e branco. Neste sentido, conclui que “a cor é apenas uma palavra para aqueles que não conseguem vê-la.”²⁶⁷

Figura 23 - A ilha dos daltônicos, sob o padrão de cores dos habitantes (2)



Fonte: Sanne De Wilde (2015).

Na *internet*, existem vários vídeos de daltônicos provando, pela primeira vez, os óculos *enchroma*, que possui uma tecnologia capaz de filtrar “seletivamente os comprimentos de onda

²⁶⁵ VALLERA, Maria Helena. Daltonismo. In: **Site Drauzio Varella**. Website. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/daltonismo/>. Acesso em: 20 set. 2020.

²⁶⁶ STONE, Daniel. Na Ilha dos Daltônicos, o paraíso tem um tom diferente. In: **National Geograph**, 2018. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraíso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

²⁶⁷ WILDE, Sanne De *apud* STONE, Daniel. Na Ilha dos Daltônicos, o paraíso tem um tom diferente. In: **National Geograph**, 2018. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraíso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

da luz no ponto preciso onde ocorre essa confusão ou sobreposição excessiva de sensibilidade de cor.”²⁶⁸ A empresa que produz estes óculos estima que a tecnologia funciona em 80% dos casos, já que o daltonismo exibe um espectro de condições.

Quando a tecnologia funciona imediatamente, as pessoas choram, investigam as novas cores, riem, ficam admiradas com a repentina percepção de novas cores. Os corpos das pessoas parecem mais corados, afirma um daltônico que enxerga o vermelho pela primeira vez. O carro, a flor e o chafariz vermelho causam euforia em outro, que olha para todos os lados em busca de mais referências da nova cor. Crianças choram ao olhar o céu com as novas cores. Através dos óculos, que rearranjam os raios luminosos, a percepção sobre as cores é regulada sem qualquer interferência neurológica.

Porém, há também os vídeos dos frustrados, que não viram nenhuma ou quase nenhuma diferença. Ocorrem casos em que a adaptação ao sistema das lentes é lenta, mas há a possibilidade do fracasso. A potência desta tecnologia para realizar a experiência de conhecer novas cores durante a vida revela as respostas para a pergunta que se forma: como é perceber novas cores em paisagens familiares ao observador, como a rua, o céu e as pessoas do cotidiano? As formas de expressão emocional e comportamental são diversas, mas, quando a tecnologia dos óculos *enchroma* funciona, causa catarses estéticas de alta amplitude neuroquímica.

Esta tecnologia nasceu acidentalmente, ou seja, foi criada para outro fim, mas, por meio de um acaso eventual, percebeu-se o potencial de utilizar tais lentes para ajudar pessoas daltônicas a ver a paleta de cores considerada normal para humanos tricromatas: Donald McPherson é um cientista do vidro, matemático formado na *UC Berkeley*, que buscava desenvolver lentes para proteger os olhos dos cirurgiões e ajudar a diferenciar o tecido humano durante operações a laser. Num torneio de *Ultimate Frisbee*, na Califórnia, em 2002, enquanto jogava “num campo gramado, pontilhado de cones laranja na linha do gol, ele emprestou um par de óculos com as lentes para um amigo que por acaso era daltônico”²⁶⁹, mas só percebeu que era neste momento. McPherson²⁷⁰ conta que seu amigo ficou extasiado: “Ele ficou tipo, ‘veja cones laranja. Eu nunca os vi antes’.”

²⁶⁸ MARTIN, Claire. EnChroma’s Accidental Spectacles Find Niche Among the Colorblind. In: **The New York Times**. Website. Nova York, 2015, tradução nossa. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/16/business/enchromas-accidental-spectacles-find-niche-among-the-colorblind.html/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁶⁹ *Ibid. loc. cit.*, tradução nossa.

²⁷⁰ MCPHERSON *apud* MARTIN, Claire. EnChroma’s Accidental Spectacles Find Niche Among the Colorblind. In: **The New York Times**. Website. Nova York, 2015, tradução nossa. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/16/business/enchromas-accidental-spectacles-find-niche-among-the-colorblind.html/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Concetta Antico é uma pintora australiana dotada de uma condição fisiológica muito especial: tetracromacia, portanto, possui um tipo de cone a mais na retina. Em comparação aos tricromatas comuns, esta diferença resulta na capacidade de ver 99 milhões de cores a mais. Enquanto o ser humano normal enxerga cerca de 1 milhão de cores, o tetracromata, potencialmente, é capaz de experimentar 100 milhões de cores. Explica-se como uma característica genética, ligada ao cromossomo X, por este motivo, a tetracromacia é predominante em seres XX. Apesar da cartografia de tetracromatas atual apenas conhecer mulheres cis com tal dotação, é possível cogitar a presença desta condição na percepção sobre as cores em corpos XY, porém é reconhecida a predominância da tetracromacia em seres XX por motivos genéticos.

Antico, curiosamente, tem uma filha daltônica, que, segundo a pintora, é devido à sua transmissão genética. A experiência de Antico com as cores é muito diferente da percepção comum. Ela afirma que é chocante o quão pouco as pessoas podem ver. Como exemplo, Antico descreve o que percebe quando olha para uma folha da árvore, que os tricromatas costumam enxergar em diferentes tons de verde: “É como um mosaico de cores. Na borda consigo ver laranja, vejo também um pouco de roxo e vermelho na região sombreada. Talvez você consiga ver verde escuro, mas eu noto violeta, turquesa e até azul.”²⁷¹

²⁷¹ JULIO, Rennan A. In: **Revista Galileu**. Website. Globo, 2014. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2014/10/conheca-mulher-que-enxerga-100-vezes-mais-cores-do-que-uma-pessoa-normal.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Figura 24 – “Uma fanfarra tetracromática” (*A tetrachromat fanfare*)



Fonte: Concetta Antico (2020).

Figura 25 – “*Bohemian Rhapsody*”



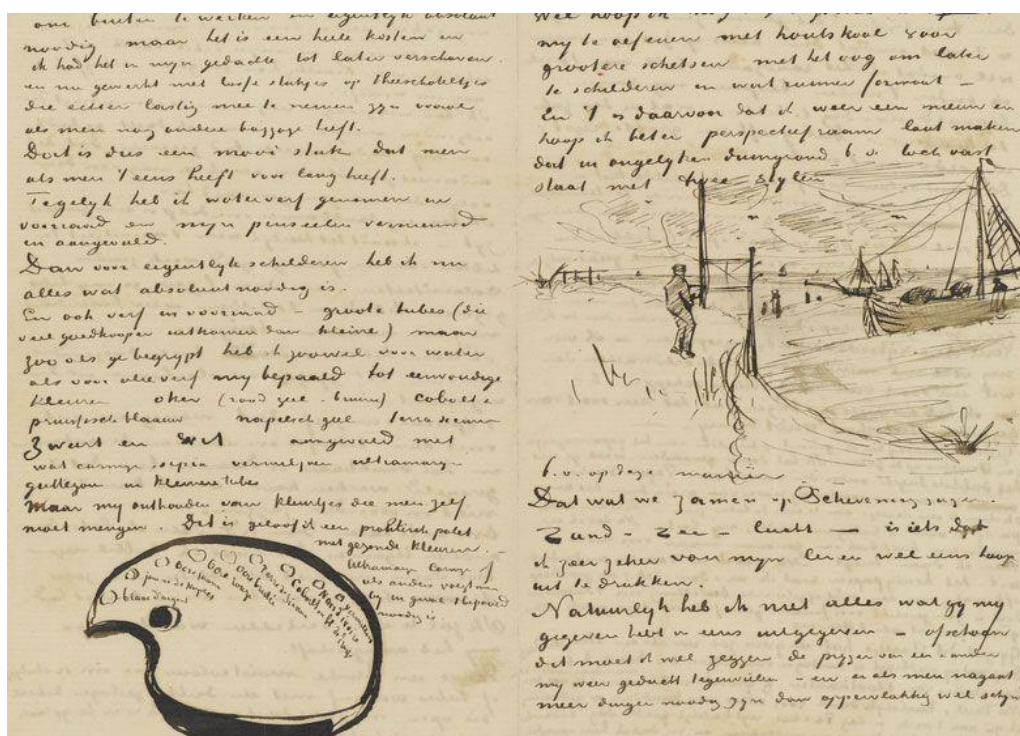
Fonte: Concetta Antico (2020).

Outro fenômeno interessante sobre a percepção das cores é a cromestesia, a experiência de ouvir cores. Esta forma de perceber as cores é algo que se explica pela sinestesia, mas não é um efeito comum. Na história dos ilustres pintores, van Gogh apresenta esta forma de percepção. Numa carta para seu irmão Théo, Vincent van Gogh relata o desenvolvimento de uma paleta de cores sonoras:

De: Vincent van Gogh
Para: Theo van Gogh
Data: Haia, sábado, 5 de agosto de 1882.

Acredito que seja uma paleta prática, com cores sonoras. Ultramarino, carmim ou qualquer outra coisa são adicionados se absolutamente necessário. Vou começar com pequenas coisas - mas antes que o verão termine, espero praticar grandes esboços em carvão com um olho para pintar em um formato um pouco maior mais tarde. É por isso que estou mandando fazer uma nova e, espero, melhor moldura de perspectiva, que ficará firme sobre duas pernas em terreno irregular como as dunas.²⁷²

Figura 26 – Imagem do manuscrito original de Vincent van Gogh ao seu irmão Theo



Fonte: GOGH, Vincent van (1882).

Melissa McCracken é uma pintora com cromestesia. Em suas pinturas, ela expressa o que vê quando escuta músicas. Trata-se, porém, da fixação numa tela estático de um fluxo

²⁷² GOGH, Vincente van. **Carta de van Gogh para seu irmão Theo** – 1882, tradução nossa. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/letters/let253/letter.html>. Acesso em 12 dez. 2020.

sonoro ao longo do tempo. É provável que animações expressem mais adequadamente o movimento das cores à medida que a música transcorre, mas a pintura, de certa forma, exibe a narrativa das cores.

Figura 27 – “*Pink Floyd, Time.*”



Fonte: Melissa McCracken [201-?].

Figura 28 – “Bach, *Cello Suite* N°. 1.”



Fonte: Melissa McCracken [201-?].

Figura 29 – “Etta James, *At Last.*”



Fonte: Melissa McCracken [201-?].

Em favor da cromestesia, os experimentos de Pribram²⁷³ demonstram que os efeitos de um estímulo auditivo ou tátil alcançam a retina aproximadamente ao mesmo tempo que o processamento de um estímulo visual. Junto com um aluno de pós-doutorado chamado Nico Spinelli, Pribram trabalhou em seu laboratório na universidade de Stanford para testar a possibilidade de determinar se o cérebro controla ou não os receptores visuais, assim como ocorreu para o caso dos receptores musculares, táteis, olfativos e da audição,

Por meio de um microelétrodo implantado no nervo óptico de gatos, o experimento consiste em monitorar, através de um osciloscópio e gravações no computador, a resposta da atividade elétrica do nervo óptico ao estimular, com a ponta de um lápis, as patas do gato acordado. Assim, foram obtidos registros de respostas do nervo óptico do gato. Em seguida, passaram a usar estímulos auditivos que consistiam em sons de cliques. Mais uma vez, o resultado foi positivo. Pribram²⁷⁴ relata a surpresa ao observar os resultados, pois “as respostas no nervo óptico, provenientes da estimulação tátil e auditiva, vieram praticamente ao mesmo tempo que aquelas iniciadas por um *flash* fraco.” Este fenômeno, segundo o autor, ocorre devido a maior velocidade de entrada para o cérebro por meio da estimulação tátil e auditiva, pois os estímulos visuais demandam o tempo de processamento da retina:

Há tanto processamento acontecendo nas fibras finas da retina (lembre-se de que não há transmissão rápida do impulso nervoso dentro da retina), que o atraso na estimulação óptica para alcançar o nervo óptico diretamente, é igual ao atraso produzido pelo processamento tátil e estímulos auditivos no cérebro.²⁷⁵

Quando os pesquisadores repetiram os experimentos com o gato dormindo, cessaram os registros de respostas registradas do nervo óptico. Por este motivo, Pribram²⁷⁶ conclui que “não apenas estar acordado, mas também não se distrair acabou sendo fundamental para a obtenção das respostas.”

O domínio da categorização das cores revelou ser “um campo de testes para investigar o grau em que a cultura (por meio da linguagem) pode influenciar o pensamento.”²⁷⁷ Apesar do conhecimento de que, a depender da cultura, os conjuntos de categorias linguísticas para descrever a gama visível de cores podem ser diferentes, muitos pesquisadores conservam a

²⁷³ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 67.

²⁷⁴ *Ibid.*, p.148, tradução nossa.

²⁷⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁷⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁷⁷ ROBERSON, Debi; DAVIDOFF, Jules; DAVIES, Ian R. L.; SHAPIRO, Laura R. Colour categories and category acquisition in himba and english. In: BIGGAM, Carole Patricia; KAY, Christian; PITCHFORD, Nicola (Ed.). **Progress in Colour Studies**: Volume II. Psychological aspects. John Benjamins Publishing, 2006, p. 159, tradução nossa.

visão, “apresentada inicialmente por Berlin e Kay (1969), de que existe um conjunto particular de categorias de cores básicas, compartilhadas entre todos os humanos”²⁷⁸, derivado da estrutura do sistema visual: “por exemplo, Guest & Van Laar 2002; Munnich & Landau 2003.”²⁷⁹

O estudo de Roberson et. al.²⁸⁰ compara a língua inglesa com a himba, portanto, sua análise do sistema de cores difere ainda do português, que, por exemplo, não possui um termo categórico para traduzir a cor *maroon* diretamente, que pertence aos tons escuros do vermelho. Contudo, os termos básicos de cores (TBC’s) são categorias do inglês, que possuem nomenclatura equivalente na língua portuguesa. Em inglês, as categorias básicas de cores são: vermelho, verde, azul, amarelo, preto, branco, cinza, rosa, laranja, roxo e marrom. Tais termos são considerados distintos de outros, como turquesa ou *maroon*, “porque são conhecidos por todos os membros de uma comunidade, não incluídos em outra categoria e geralmente nomeados com palavras mono-lexêmicas (Kay, Berlin & Merrifield 1991).”

No debate científico sobre a percepção das cores, portanto, há uma vertente que “propõe que a organização das representações cognitivas da cor (o conjunto de categorias possíveis) é fortemente restringida pela percepção, embora a organização das categorias linguísticas para a cor varie amplamente.”²⁸¹ Ou seja, esta visão compreende que há um padrão de cores independente dos termos usados para as nomear. Esta perspectiva está conectada ao empirismo, junto ao materialismo neurológico, que compreende os fenômenos da percepção como inatos, no lugar de naturados. Por meio desta combinação de visões sobre a percepção, a compreensão das experiências com as cores encontra uma solução original, quer dizer, um modelo primário ao qual toda a espécie corresponde, um padrão universal reprodutível. Nesta abordagem sobre a realidade, o imaterial é desconsiderado como parte do processo da percepção, portanto, teorias que adotam conceitos como mente, espírito, ou cultura, estão fora do campo de análise da perspectiva materialista sobre a realidade. Por outro lado, se as categorias cognitivas de cores pudessem realmente ser independentes dos termos usados para as descrever, os vínculos estreitos entre cultura, linguagem e pensamento tornariam a cor um campo único de classificação. Nesta perspectiva, “há um crescente corpo de evidências, de uma variedade de outros domínios cognitivos, de que as interações entre cultura, linguagem e pensamento são generalizadas e complexas.”²⁸²

²⁷⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁷⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁸⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁸¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁸² *Ibid.*, p. 159/160, tradução nossa.

Segundo Roberson et. al.²⁸³, uma série de estudos em adultos “encontraram diferenças consistentes em uma gama de tarefas da percepção e memória, sistematicamente ligadas às categorias de cores em cada cultura.” Além disso, “Roberson, Davidoff, Davies & Shapiro (2005) mostraram que, embora dois sistemas de codificação possam parecer superficialmente muito semelhantes, falantes das duas línguas codificam, lembram e discriminam estímulos de cores de maneiras diferentes.”²⁸⁴

Para investigar se as diferenças culturais sobre a categorização das cores influenciam a percepção, Roberson et. al.²⁸⁵ comparou a aprendizagem de crianças inglesas com crianças himba: “no primeiro teste, 32 ingleses de três anos e 36 de quatro anos foram testados, junto com 42 himba de três anos e 27 himba de quatro anos. Na amostra longitudinal, 28 das crianças inglesas de três anos e 63 das crianças himba completaram todos os seis testes.” Segundo os pesquisadores, todas as crianças testadas não apresentam disfunções ou notadas alterações fisiológicas.

Himba, uma língua falada por um povo semi-nômade pastor de gado no Sudoeste da África, mostra semelhança em seu número de categorias linguísticas de cor com o berinmo, a língua de Papua Nova Guiné previamente estudada por Roberson et al. (2000). Ambas as línguas possuem cinco categorias básicas de cores, de acordo com os critérios de Kay et al. (1991). No entanto, os participantes himba apresentaram percepção categórica apenas para suas próprias categorias linguísticas e não para as supostas categorias universais, como ocorrendo em inglês, ou para as da língua berinmo.²⁸⁶

O estudo lidou com o problema inicial de que as crianças erram as cores nos primeiros anos, pois a aquisição do conhecimento sobre a organização das categorias das cores ocorre progressivamente, é refinado através do acúmulo de experiências subjetivas, que funcionam como referências para a categorização das cores e suas variações subsumidas. Assim, Roberson et. al.²⁸⁷, sublinha que as crianças, em geral, “progridem gradualmente de uma organização não categorizada de cores, com base na semelhança perceptiva (onde as dimensões são vistas como contínuos), para uma organização estruturada de categorias, que varia entre as línguas e culturas.” Segundo os autores, “a aquisição de conhecimentos de termos causou uma redução dos erros de memória, que mudaram de natureza ao longo do tempo.”²⁸⁸

²⁸³ *Ibid.*, p. 160, tradução nossa.

²⁸⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁸⁵ *Ibid.*, p. 163, tradução nossa.

²⁸⁶ *Ibid.*, p. 160, tradução nossa.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 168, tradução nossa.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 165, tradução nossa.

Diante da dificuldade para interpretar o desempenho infantil, o estudo de “Roberson et al. (2004) começou a examinar quando e como as crianças adquirem um conjunto de categorias de cores adequadas à sua própria língua e cultura.”²⁸⁹ Desta forma, consideram que “o aumento da influência da categorização linguística na memória para cores é progressivo e cumulativo em ambos os grupos. Além disso, sem entrada intensiva do adulto, a aquisição da categoria de cor é universalmente lenta e difícil.”²⁹⁰

A partir do estabelecimento de um estágio confiável sobre a aptidão perceptiva das crianças para detectar as cores focais, apenas alcançado na amostra do estudo longitudinal de Roberson et. al²⁹¹, “uma vantagem para o conjunto (apropriado à linguagem) de cores focais se tornou evidente assim que as crianças adquiriram os termos de cores.” Portanto, enquanto as crianças himba demonstram um desempenho de memória superior para as cores focais de sua cultura, mas não para as categorias inglesas, pois são distintas; as crianças inglesas, por outro lado, evidenciam um padrão inverso, ou seja, “desempenho de memória superior para os itens que são focais para o inglês, mas não para as categorias himba.”²⁹²

Para ambas as populações, uma vez que os termos de cores foram adquiridos, o desempenho da memória foi determinado pelo número de termos conhecidos. As crianças fizeram identificações mais corretas de itens focais para termos que conheciam do que para termos que não conheciam, independentemente do número absoluto de termos conhecidos. Assim, o efeito do conhecimento do termo na memória não pode ser um artefato de memória superior e habilidades de linguagem de crianças com inteligência geral superior; as crianças que sabiam mais termos obtiveram a mesma proporção dos itens que sabiam corretos do que aquelas que sabiam poucos.²⁹³

A partir destes dados, que revelam um fenômeno de “rápida divergência na organização cognitiva da cor para os dois grupos, desde o momento em que os primeiros termos são aprendidos”²⁹⁴, Roberson *et al.*²⁹⁵ “sugere que as categorias cognitivas das cores são aprendidas, e não inatas. Assim, esses dados, como aqueles para falantes adultos de himba e berinmo, argumentam contra uma origem inata para os onze termos básicos de cores em inglês.”

O conhecimento de até mesmo um termo de cor parece mudar a organização cognitiva da cor e, a partir desse ponto, existem diferenças dependentes da linguagem entre os dois grupos. Uma vez que o conhecimento é adquirido, ele parece reestruturar a organização cognitiva da cor de uma maneira confiável, e essa reestruturação está

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 168, tradução nossa.

²⁹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹¹ *Ibid.*, p. 165, tradução nossa.

²⁹² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.* tradução nossa.

relacionada à aquisição de termos em si, não ao amadurecimento ou entrada educacional.²⁹⁶

Os autores descrevem observações, que evidenciam as diferenças dos efeitos da nomenclatura na estrutura de organização das categorias de cores, como “no caso de dois itens chamados pelo mesmo nome em um idioma e por nomes diferentes em outro, como azul marinho, ou laranja escuro.”²⁹⁷ Houveram dois casos, “nos quais erros perceptuais e categóricos puderam ser diretamente contrastados. Um era o azulejo azul marinho, que fica perceptivelmente entre o azul focal inglês e o preto. Para falantes de inglês, este bloco está na mesma categoria do bloco azul focal.”²⁹⁸ Entretanto, para os falantes himba, “está na mesma categoria que o bloco preto (e ambos são igualmente focais).”²⁹⁹

Pode-se observar que os autores aplicaram o conceito de cores focais, que funcionam como itens centrais, categorias principais que abarcam um espectro subsumido. Roberson et. al³⁰⁰ sublinha que “a vantagem de itens centrais (focais) para as categorias de língua nativa das crianças também aumentou ao longo do estudo longitudinal.” Neste sentido, compreendem a importância que Rosch atribuiu à focalidade no estabelecimento de categorias, contudo, ressaltam que “a focalidade não é universal, mas, conforme demonstrado tanto no primeiro teste quanto longitudinalmente, é dependente do idioma,”³⁰¹ Além da língua, a experiência com as cores na cultura em que estão inseridos modifica a organização da percepção sobre as cores. Enquanto as crianças inglesas, geralmente, recebem educação formal sobre as cores e vivem imersas num mundo industrializado, que lança grandes volumes de objetos com cores saturadas; por outra ótica, as crianças himbas, em maioria desescolarizadas, convivem com referências de cores suaves e naturais, “para as quais a nomenclatura de adultos pode frequentemente discordar.”³⁰² Portanto, o contraste ambiental revela os tons familiares à criança, que cumulativamente estrutura as categorias das cores percebidas.

Para as crianças inglesas, o conceito de cores focais é habitual, “já que essas são apenas as cores ensinadas desde a mais tenra idade e mais facilmente disponíveis em seus brinquedos.”³⁰³ Contudo, para realizar o estudo com as crianças himbas, os pesquisadores determinaram a focalidade com base no acordo de nomenclatura entre os adultos da

²⁹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 165/166, tradução nossa.

³⁰⁰ *Ibid.*, 166, tradução nossa.

³⁰¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

comunidade linguística. Assim, os alvos considerados focais em himba, “foram aqueles para os quais mais de 90% dos adultos concordaram com o nome. Outros alvos receberam pouco acordo de nomenclatura de adultos.”³⁰⁴ A partir desta análise, os autores concluem que “as crianças devem aprender mais rapidamente as cores que os adultos chamam com segurança pelo mesmo nome, daí os resultados mais precisos para cores ‘focais’.”³⁰⁵

Himba, como muitas outras culturas tradicionais, tem menos de onze categorias básicas, cada uma contendo uma ampla gama de exemplares, cada um estendendo-se a cores muito dessaturadas e com pouco acordo interindividual entre adultos sobre onde os melhores exemplos de categorias estão localizados (Roberson et al. 2000; MacLaury 1987; Rosch Heider & Olivier 1972).³⁰⁶

Roberson et. al.³⁰⁷ compreende que, em algumas comunidades tradicionais, a ausência dos estímulos de cores saturadas, produzidas artificialmente pela indústria, podem abafar “a necessidade das distinções categóricas mais refinadas exigidas quando uma variedade mais ampla está disponível e, portanto, não têm motivação para refinar ainda mais seu léxico de cores.”

Segundo os autores, enquanto o himba e outras línguas tradicionais, como o berinmo, possuem menos de onze categorias de cores, uma grande proporção dos principais idiomas do mundo possui exatas onze categorias de cores. Uma resposta para tal semelhança é que “a organização de onze cores produza a combinação ideal de discriminabilidade e economia cognitiva para reconhecimento e representação de um grande número de cores.” Por este motivo, compreendem que as línguas com menos categorias seriam enriquecidas com a aquisição de novos termos. “No entanto, mesmo que a organização de onze termos fosse considerada ótima e, eventualmente, adotada por todas as culturas, ela não precisa ser inata.”³⁰⁸

Neste sentido, Roberson et. al. concorda com a compreensão de Deutscher³⁰⁹ sobre o refinamento terminológico a partir do desenvolvimento tecnológico: ao investigar a presença do termo azul na literatura antiga, Deutscher percebe que nosso sistema visual é o mesmo há séculos, porém apesar de sermos capazes de ver diferentes tons, não temos as mesmas necessidades: “Era perfeitamente normal dizer que o mar era preto, porque, quando está azul

³⁰⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 167, tradução nossa.

³⁰⁹ DEUTSCHER *apud* BBC News Brasil. **Por que civilizações antigas não reconheciam a cor azul?**. Website. BBC, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160221_civilizacoes_antigas_cor_azul_rb. Acesso em: 15 nov. 2020.

escuro, parece preto, e isso é suficiente nesta época. Uma sociedade funciona bem com o preto, o branco e um pouco de vermelho.”³¹⁰ Para Deutscher, a cor azul demorou a ser nomeada, porque é uma cor pouco encontrada na natureza e um pigmento que demorou para ser formulado. A necessidade de uma terminologia mais refinada, segundo o pesquisador, surge conforme as sociedades avançam tecnologicamente, pois se desenvolve uma maior capacidade de manipular e disponibilizar novos pigmentos.

Assim, o meio utilizado pelo linguista Guy Deutscher, para investigar como a linguagem afeta a forma como vemos o mundo, encontra-se no estudo da história das cores nas literaturas. Neste sentido, dedicou-se a averiguar o fenômeno da ausência de referências à cor azul nos textos de diversas civilizações antigas. Esta pesquisa foi iniciada por William Ewart Gladstone (1809-1898), que notou a inexistência da cor azul na obra *Íliada*, de Homero, posteriormente, Lazarus Geiger (1829-1870) ampliou a questão e observou que o fenômeno se repete em outras culturas, como “no alcorão, em antigas histórias chinesas, em versões antigas da Bíblia em hebraico, nas sagas islandesas e até nas escrituras hindus, os Vedas.”³¹¹

A organização cultural das categorias das cores também pode estar fundamentada na relação com a forma e a função do objeto que apresenta a cor. Segundo Merleau-ponty³¹², os maoris têm 3.000 nomes de cor, porém o motivo desta grande quantidade de categorias não é devido a um maior número de percepções luminosas, “mas ao contrário porque não as identificam quando elas pertencem a objetos de estrutura diferente.” Merleau-ponty, através de Scheler, considera que, quando os maoris observam um objeto, “a percepção vai diretamente à coisa sem passar pelas cores, assim como ela pode apreender a expressão de um olhar sem pôr a cor dos olhos.”³¹³ Neste caso cultural, a cor e a forma estão estritamente relacionadas às categorias semânticas. Assim, por vezes, as cores, para os maoris, podem passar despercebidas dentro do jogo da cor-função, que permanece mesmo quando a aparência qualitativa está alterada.

Já na tribo Moken, a cultura expressa tamanha potência de mutação genética, que o modo de vida de um povo nômade, que vive da pesca e da coleta de objetos no mar, navegando entre a costa da Tailândia e o Sul do Myanmar, na região do Sudeste asiático, desenvolveu nos indivíduos a capacidade ocular de enxergar com definição, quando submersos em água salgada.

³¹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

³¹¹ BBC News Brasil. **Por que civilizações antigas não reconheciam a cor azul?**. Website. BBC, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160221_civilizacoes_antigas_cor_azul_rb. Acesso em: 15 nov. 2020.

³¹² MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 409/410.

³¹³ *Ibid.*, *loc. cit.*

Neste caso, não se trata de uma mutação devido à linguagem, mas ao contexto cultural e ambiental, que envolve suas ancestrais práticas cotidianas. Conhecidos como “ciganos do mar”, são apátridas. Desta forma, é uma tribo marginalizada, com restrições de acesso aos direitos humanos básicos.

Ao contrário da perspectiva “nativista”, como a de Köhler, que declarou que “se a aprendizagem está envolvida, não é percepção”³¹⁴, Pribram³¹⁵ através da ótica das pesquisas neurológicas, também defende que a percepção não é uma faculdade inata, pois foram obtidas muitas evidências que indicam a influência da aprendizagem na forma como percebemos o mundo em que navegamos. A partir desta perspectiva, reconhece que a antropologia e a sociologia anteciparam a compreensão da importância da cultura e da sociedade para configurar a forma como percebemos o mundo:

[...] estudos de povos de diferentes culturas mostraram diferenças marcantes em suas percepções. Por exemplo, na Somália não há valorização da cor vermelha, mas uma grande diferenciação do espectro que normalmente classificamos como verde. Os processos cerebrais que refletem essas diferenças estão agora acessíveis para estudo com fMRIs e outras técnicas de imagem cerebral.³¹⁶

Esta abordagem sobre as cores não exclui o argumento de que a sensibilidade ao contexto é herdada. Porém, revisa o discurso sobre o que é hereditário e o que é aprendido: “a herança é considerada como um potencial, em vez de uma capacidade estabelecida plenamente recebida no nascimento.”³¹⁷ Nesta perspectiva, Pribram³¹⁸ sublinha que as mulheres cis veem as cores diferente dos homens cis, devido a diferença dos pigmentos da retina, que absorvem o espectro de radiação que nos permite ver imagens coloridas. Além disso, a cegueira vermelho-verde do daltonismo, é rara em mulheres cis, enquanto a tetracromacia, que amplia o espectro sensível de cores, é prevalente em tais corpos. Vale lembrar que o conceito de homem e mulher, adotado por Pribram, é relativo ao sentido binário do sistema genrificante, que associa a genitália à identidade de gênero. Contudo, diante das múltiplas possibilidades de performatividade de gênero e sexualidade, é preciso observar tal postulado sobre os efeitos genéticos na fisiologia ocular para a percepção das cores, como expressões biológicas dos corpos XX e XY, independente da identidade de gênero adotada pelo ser.

³¹⁴ KÖHLER *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 130, tradução nossa.

³¹⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 130, tradução nossa.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 130/131, tradução nossa.

³¹⁷ *Ibid.*, p. 131, tradução nossa.

³¹⁸ *Ibid.*, p. 429, tradução nossa.

Assim, enquanto eu e outros corpos XY, criados na mesma cultura, experimentamos a cor vermelha ao olhar um objeto, um ser XX pode denominar o tom observado como uma espécie de rosa. Já um daltônico para vermelho-verde, pode considerar que é verde. Entretanto, na Somália, se um homem cis tricromata é perguntado sobre a cor do mesmo objeto, provavelmente, o verá como preto, exceto nos casos dos somalianos que apreenderam outras culturas, pois na língua somali não há um termo para se referir ao vermelho, em contrapartida, existem dezenas de palavras para o que agrupamos no conceito “verde”.

Ao passo que a cultura nos torna capazes de diferenciar tons dentro de um espectro que em outra cultura é considerado uno, distorcemos culturalmente as categorias das cores de objetos, como as peles humanas, que aprendemos a enxergar numa escala de preto e branco, mas que revelam, em si, frequências luminosas associadas ao laranja, segundo Neil Harbinson: um ciborgue com acromatopsia e um implante fixo no crânio, programado para emitir sons relativos às frequências eletromagnéticas das diferentes cores do espectro visível.

Ademais da relevância dos efeitos decorrentes da variabilidade fisiológica, para Pribram³¹⁹, é improvável que vejamos as cores para as quais não temos experiência e para as quais nossa sociedade não tem linguagem: uma experiência pessoal envolve diferenciações progressivas, por meio de distinções, cada vez mais refinadas, realizadas por “grãos” especializados e multifuncionais. Assim, “quando prestamos atenção persistente às nossas informações sensoriais, somos capazes de diferenciar progressivamente a composição do mundo em que navegamos; isto é, tornamo-nos cada vez mais conscientes desse mundo e de como o navegar.”³²⁰. Esta afirmação neurológica concorda com as afirmações de Deutscher³²¹ sobre o estudo da história literária da cor azul e a pesquisa de Roberson et. al³²² sobre a estrutura de organização das categorias linguísticas himba, que apresenta um número de cores focais abaixo do padrão de onze termos, adotado por grande parte das culturas.

Na década de 1980, David Hubel descreveu como os processos cerebrais operam para perceber distinções cada vez mais refinadas entre as cores: por meio de transformações, a experiência consciente amplia o reconhecimento dos padrões de radiação espectral, que incide nos receptores oculares. A partir do cristalino do olho, ocorre uma série de transformações

³¹⁹ *Ibid.*, p. 430, tradução nossa.

³²⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³²¹ DEUTSCHER *apud* BBC News Brasil. **Por que civilizações antigas não reconheciam a cor azul?**. Website. BBC, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160221_civilizacoes_antigas_cor_azul_rb. Acesso em: 15 nov. 2020.

³²² ROBERSON, Debi; DAVIDOFF, Jules; DAVIES, Ian R. L.; SHAPIRO, Laura R. Colour categories and category acquisition in himba and english. In: BIGGAM, Carole Patricia; KAY, Christian; PITCHFORD, Nicola (Ed.). **Progress in Colour Studies: Volume II. Psychological aspects**. John Benjamins Publishing, 2006.

neuroológicas, que apuram a (in)formação luminosa, desde os três tipos de cones da retina até a miríade de cores percebidas.

Ele observou que, à medida que vamos do receptor ao córtex visual e além, ocorre uma mudança nas coordenadas dentro das quais as cores são processadas: esse processamento muda de três cores no receptor para três pares de cores oponentes no tálamo e depois para seis pares de oponentes duplos no córtex sensorial primário. Níveis de processamento ainda mais elevados “olham para as coordenadas de uma perspectiva interna” para possibilitar a experiência de miríades de cores. Uma mudança nas coordenadas é uma transformação, uma mudança no código pelo qual o formulário é processado.³²³

Outro exemplo de mudança de coordenadas ocorre quando vemos uma cena sob iluminação infravermelha ou ultravioleta. O que, sob a luz comum, costuma ser experimentado como vermelho, torna-se branco; o azul se transforma em amarelo: as cores e as relações entre elas mudam com a alteração da iluminação da cena. Entretanto, em casos de pequenas alterações na coloração da luz, o sistema visual é capaz de operar para alcançar uma constância da cor, do mesmo modo que realiza a constância do tamanho dos objetos em distintas posições e profundidades do campo visual. Assim, o corpo é capaz de manter uma percepção consistente da realidade, que equaliza os sinais dos receptores à sequência da narrativa experimentada.

A constância da cor é apenas um momento abstrato da constância das coisas, e a constância das coisas está fundada na consciência primordial do mundo enquanto horizonte de todas as nossas experiências. Portanto, não é porque percebo cores constantes sob a variedade das iluminações que creio em coisas, e a coisa não será uma soma de caracteres constantes, ao contrário, é na medida em que minha percepção é em si aberta a um mundo e a coisas que reconheço cores constantes.³²⁴

Nesta perspectiva, Merleau-ponty³²⁵ considera, como um fato estabelecido, a conexão entre o fenômeno de constância, a articulação do campo e o fenômeno de iluminação.

Na verdade, mostrou-se (Gelb e Goldstein, *Psychologische Analysen Hirnpallogischer Fälle, Ueber den Wegfall der Wahrnehmung von Oberflächenfarben*) que se podia encontrar a constância das cores entre pacientes que não têm mais nem a cor das superfícies, nem a percepção das iluminações. A constância seria um fenômeno muito mais rudimentar. Ela é encontrada em animais com aparelhos sensoriais mais simples do que o olho. A estrutura iluminação-objeto iluminado é portanto um tipo de constância especial e altamente organizada. Mas ela permanece necessária para uma constância objetiva e precisa assim como para uma percepção das coisas (Gelb, *Die Farbenkonstanz der Sehdinge*, p. 677).³²⁶

³²³ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 71/72, tradução nossa.

³²⁴ *Ibid.*, p. 420.

³²⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 414.

³²⁶ *Ibid.*, p. 642.

Para lidar com as questões da privacidade da percepção, Pribram³²⁷ sugere dar primazia as próprias experiências subjetivas para as investigar. O autor considera que é comum estarmos atentos a privacidade da experiência da dor por causa da busca de soluções para apaziguar a sensação penosa. Por outro lado, a privacidade da percepção sobre as cores desperta o interesse de raros observadores. Nesta perspectiva, Pribram³²⁸ crítica os procedimentos científicos de mapeamento cerebral do século 19, os quais eram cuidadosamente baseados em correlações sustentáveis: “só porque podemos mostrar por registro elétrico ou por dano clínico ou cirúrgico que um lugar selecionado no cérebro está envolvido na visão das cores, não significa que seja o ou mesmo um ‘centro’ para processar as cores.” Como solução para compensar a insuficiência dos métodos de observação neurológica, alvos de sua crítica, Pribram³²⁹ propõe:

Precisamos estabelecer por meio de técnicas comportamentais (por exemplo, testes de visão da forma) o que mais aquelas células naquele local do cérebro estão fazendo - e então também devemos mostrar, por meio de experimentos fisiológicos cuidadosamente controlados (por exemplo, por estimulação elétrica ou gravação de eletrodo), como essas partes específicas do cérebro fazem o que fazem.

Na busca para alcançar uma compreensão da forma em termos de espectros semelhantes aos da percepção dos espectros de cor, Pribram³³⁰ observa que tais processos devem se enredar no cérebro, pois raramente vemos cores separadas de formas. As indagações sobre o aspecto espectral da forma, inspiradas no processo holográfico de Gabor, foram confirmadas com base nas pesquisas de Russ e Karen DeValois, na qual construíram uma única rede neurológica capaz de processar cores e padrões simultaneamente, a depender de como esta rede é endereçada. O endereçamento pode ser iniciado pela entrada visual ou por um processo cerebral de ordem superior.

Neste sentido, uma única rede pode operar, simultaneamente, para a construção da sensação da cor e da forma: “quando conectado de uma maneira, o processamento leva à experiência da forma; quando conectado de outra maneira, nossa experiência é colorida.”³³¹ Esta mesma conclusão é abordada por Merleau-ponty³³², através da análise subjetiva de Cézanne sobre o ato de pintar: “O desenho e a cor não são mais distintos; à medida que se pinta, se desenha, quanto mais a cor se harmoniza, mais o desenho se precisa (...) quando a cor está

³²⁷ *Ibid.*, p. 429.

³²⁸ *Ibid.*, p. 32, tradução nossa.

³²⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

³³⁰ *Ibid.*, p. 46, tradução nossa.

³³¹ *Ibid.*, p. 66, tradução nossa.

³³² MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 433.

em sua riqueza, a forma está em sua plenitude”. Nesta perspectiva, Merleau-ponty³³³ sublinha que “não são apenas os caracteres geométricos que se confundem com a cor. O próprio sentido da coisa se constrói sob nossos olhos, um sentido que nenhuma análise verbal pode esgotar e que se confunde com a exibição da coisa em sua evidência.”

A partir de tais estudos, é notável que pesquisadores de diferentes campos do conhecimento concordam com a tese de que ocorrem distorções fisiológicas e culturais capazes de corromper o padrão de cores adotado no atual mundo científico eurocêntrico, que define uma escala de comprimentos de ondas, com distintos nomes convencionados para se referir a um espectro de informações luminosas, acessível aos sentidos humanos como cores. Ao contrário da pretensão científica eurocêntrica, a anatomia das cores não revela padrões únicos e universais nas culturas humanas, em vez disso, encontra-se diversas espécies de estruturas biopsicossociais, que compõem variadas formas de organização das categorias linguísticas das cores.

Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo. Se nós o fizéssemos, veríamos que a qualidade nunca é experimentada imediatamente e que toda consciência é consciência de algo. Este “algo” aliás não é necessariamente um objeto identificável. Existem duas maneiras de se enganar sobre a qualidade: uma é fazer dela um elemento da consciência, quando ela é objeto para a consciência, tratá-la como uma impressão muda quando ela tem sempre um sentido; a outra é acreditar que este sentido e esse objeto, no plano da qualidade, sejam plenos e determinados. E o segundo erro, assim como o primeiro, provém do prejuízo do mundo.³³⁴

Merleau-ponty³³⁵ defende a tese de que “o vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto.” Apesar desta afirmação induzir a compreensão de que qualidade é uma expressão objetiva, formada por um a priori inexorável, independente e incondicionável à percepção subjetiva, para o autor, o fenômeno “real”, “verdadeiro”, é um composto de múltiplos pontos de vista e versões espaço-temporais fluídas, que resultam em diferentes perspectivas sobre os fatos.

Atravesso as aparências, chego à cor ou à forma real quando minha experiência está em seu mais alto grau de nitidez, e Berkeley pode opor-me que uma mosca veria o mesmo objeto de outra maneira ou que um microscópio mais potente o transformaria: essas diferentes aparências são para mim aparências de um certo espetáculo verdadeiro, aquele em que a configuração percebida, para uma nitidez suficiente, chega ao seu máximo de riqueza.³³⁶

[...]

³³³ *Ibid.*, loc. cit.

³³⁴ *Ibid.*, p. 26.

³³⁵ *Ibid.*, p. 25.

³³⁶ *Ibid.*, p. 423.

Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas, na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e, situado virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos o objeto central de minha visão atual. Assim, cada objeto é o espelho de todos os outros. Quando olho o abajur posto em minha mesa, eu lhe atribuo não apenas as qualidades visíveis a partir de meu lugar, mas ainda aquelas que a lareira, as paredes, a mesa podem “ver”, o verso de meu abajur é apenas a face que ele “mostra” à lareira.³³⁷

Desta forma, Merleau-Ponty aborda a impureza das sensações e percepções por meio da fisiologia e da psicologia. Neste sentido, não considera factível a existência de uma pura impressão, diante das deformações da experiência subjetiva: “este puro sentir redundaria em nada sentir e, portanto, em não sentir de forma alguma.”³³⁸ Assim, considera que sentir é obter qualidades e, em cada qualidade, significações a habitam. Ou seja, a proposta fenomenológica da percepção, escrita por Merleau-ponty, apresenta aspectos de retroalimentação entre o mundo exterior e o interior:

O sensível me restitui aquilo que lhe emprestei, mas é dele mesmo que eu o obtivera. Eu, que contemplo o azul do céu, não sou *diante* dele um sujeito acósmico, não o possuo em pensamento, não desdubro diante dele uma idéia de azul que me daria seu segredo, abandono-me a ele, enveredo-me nesse mistério, ele “se pensa em mim”, sou o próprio céu que se reúne, recolhe-se e põe-se a existir para si, minha consciência é obstruída por esse azul ilimitado.³³⁹

[...]

Toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade e se dá a nós como anônima. Não posso dizer que *eu* vejo o azul do céu no sentido em que digo que compreendo um livro ou, ainda, que decido consagrar minha vida às matemáticas. Minha percepção, mesmo vista do interior, exprime uma situação dada: vejo o azul porque sou *sensível* às cores — ao contrário, os atos pessoais criam uma situação: sou matemático porque decidi sê-lo. De forma que, se eu quisesse traduzir exatamente a experiência perceptiva, deveria dizer que *se* percebe em mim e não que eu percebo. Toda sensação comporta um germe de sonho ou de despersonalização, como nós o experimentamos por essa espécie de estupor em que ela nos coloca quando vivemos verdadeiramente em seu plano.³⁴⁰

O livro “Fenomenologia da percepção” é a tese de doutorado em psicologia de Merleau-ponty. No primeiro capítulo, sobre as sensações, o autor discorda da compreensão sobre o processamento da percepção sob a ótica empirista e intelectualista. O texto é complexo e confuso. Complexo, pois utiliza relações conceituais interdisciplinares e elementos ainda não compreendidos em sua totalidade pelo ser humano, como a consciência, a existência, o ser humano, os sentidos e a percepção. Confuso, pois, diante da instabilidade do saber sobre tais

³³⁷ *Ibid.*, p. 105.

³³⁸ *Ibid.*, p. 25.

³³⁹ *Ibid.*, p. 289.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 290.

conceitos, Merleau-Ponty evidencia significados que se contradizem ou se complementam. Deste modo, o filósofo francês, tampouco, expressa o desejo de se tornar absoluto, pois, em processos genealógicos, toda teoria é parte dos caminhos do saber sobre o tema e não o fim da jornada.

As convenções culturais, incluindo os padrões científicos, cristalizam referências conceituais e estéticas que afirmam a universalidade objetiva da qualidade, sem considerar a corrupção da subjetividade do observador. O empirismo embarca nesta perspectiva, quando traça padrões de causa e efeito no campo físico e fisiológico, para explicar o mundo das sensações *em si*. Através do senso empirista, é comum ocorrer conflitos, devido às contradições estéticas e conceituais entre observadores subjetivos, pois, se a qualidade é inerente ao objeto observado, o que vejo como belo ou grotesco é uma verdade a priori, assim como o tapete é vermelho, mesmo quando o outro afirma ser marrom, laranja, cinza ou sem cor. Resisto à crença alheia, por meio do regime de verdade implantando em meu ser, que afirma a certeza diante de uma propriedade que é do objeto em si e não o juízo particular do observador.

A antítese do empirismo, o intelectualismo, ligado ao *cogito ergo sum* (penso, logo existo - Descartes), modifica a forma de analisar a percepção, pois abandona a objetividade do mundo *em si* da visão empirista e encontra a perspectiva intelectualista de uma realidade *para si*.

[...] partia-se de um mundo em si que agia sobre nossos olhos para fazer-se ver por nós, tem-se agora uma consciência ou um pensamento do mundo, mas a própria natureza deste mundo não mudou: ele é sempre definido pela exterioridade absoluta das partes e apenas duplicado em toda a sua extensão por um pensamento que o constrói. Passa-se de uma objetividade absoluta a uma subjetividade absoluta, mas esta segunda idéia vale exatamente tanto quanto a primeira e só se sustenta contra ela, quer dizer, por ela.³⁴¹

Enquanto “o empirismo propõe a separação entre os sentidos”³⁴², o intelectualismo “não fala dos sentidos porque, para ele, sensações e sentidos só aparecem quando eu retorno ao ato concreto de conhecimento para analisá-lo.”³⁴³ Neste sentido, Merleau-ponty³⁴⁴ considera que o olhar do intelectualismo sobre a percepção ainda não é direto: “o intelectualismo propunha-se a descobrir a estrutura da percepção por reflexão, em lugar de explicá-la pelo jogo combinado entre forças associativas e a atenção.” Para o intelectualismo, a noção de *juízo* desempenha um papel fundamental em sua análise, pois “é freqüentemente introduzido como *aquilo que falta à*

³⁴¹ *Ibid.*, p. 69.

³⁴² *Ibid.*, p. 293.

³⁴³ *Ibid.*, p. 292.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 60.

sensação para tornar possível uma percepção.”³⁴⁵ Assim, “a sensação não é mais suposta como elemento real da consciência [...] O intelectualismo vive da refutação do empirismo e nele o juízo tem freqüentemente a função de anular a dispersão possível das sensações.”³⁴⁶

Mas, quando se quer desenhar a estrutura da percepção, isso é feito voltando ao pontilhado das sensações. A análise encontra-se dominada por essa noção empirista, se bem que ela só seja admitida como o limite da consciência e só sirva para manifestar uma potência de ligação da qual ela é o oposto.³⁴⁷

Por este motivo, para Merleau-ponty³⁴⁸, “sem dúvida, o intelectualismo apresenta-se ordinariamente como uma doutrina da ciência e não como uma doutrina da percepção, ele acredita fundar sua análise na experiência da verdade matemática e não na evidência ingênua do mundo.”

Se a lua no horizonte não me parece maior do que no zênite quando a olho com uma luneta ou através de um tubo de cartolina, não se pode concluir disso que também na visão livre a aparência é invariável. O empirismo acredita nisso porque não se ocupa daquilo que se vê, mas daquilo que se deve ver segundo a imagem retiniana. O intelectualismo também acredita nisso porque descreve a percepção de fato segundo os dados da percepção “analítica” e atenta em que a lua, com efeito, retoma seu *verdadeiro* diâmetro aparente. O mundo exato, inteiramente determinado, ainda é posto primeiramente, sem dúvida não mais como a causa de nossas percepções, mas como seu fim imanente.³⁴⁹

Assim, o empirismo e o intelectualismo divergem sobre o método de aprisionamento da qualidade-verdade, mas revelam, a partir deste princípio em comum, um parentesco profundo: ambos bebem do conceito antropológico de sensação e, através dele, deixam de questionar a noção de “um ‘real’ para além das aparências, o ‘verdadeiro’ para além da ilusão.”³⁵⁰ No caso do empirismo, o ser humano habita um espaço de qualidades em si, no intelectualismo, “trata-se apenas de conferir a um naturante universal o poder de reconhecer essa mesma verdade absoluta que o realismo ingenuamente situa em uma natureza dada.”³⁵¹ Assim, o intelectualismo aceita “a idéia do verdadeiro e a idéia do ser nas quais se termina e se resume o trabalho constitutivo da consciência, e sua pretensa reflexão consiste em pôr como potências do sujeito tudo aquilo que é necessário para chegar a essas idéias.”³⁵²

³⁴⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁴⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁴⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 70.

³⁴⁹ *Ibid.*, p. 59/60.

³⁵⁰ *Ibid.*, p. 69.

³⁵¹ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁵² *Ibid.*, *loc. cit.*

O que faltava ao empirismo era a conexão interna entre o objeto e o ato que ele desencadeia. O que falta ao intelectualismo é a contingência das ocasiões de pensar. No primeiro caso, a consciência é muito pobre; *no* segundo, é rica demais para que algum fenômeno possa *solicitá-la*. O empirismo não vê que precisamos saber o que procuramos, sem o que não o procuraríamos, e o intelectualismo não vê que precisamos ignorar o que procuramos, sem o que, novamente, não o procuraríamos. Ambos concordam no fato de que nem um nem outro compreendem a consciência *ocupada em apreender*, não notam essa ignorância circunscrita, essa intenção ainda “vazia”, mas já determinada, que é a própria atenção.³⁵³

Nesta perspectiva, Merleau-ponty³⁵⁴ atenta para a questão de que “o sujeito da percepção permanecerá ignorado enquanto não soubermos evitar a alternativa entre o naturante e o naturado, entre a sensação enquanto estado de consciência e enquanto consciência de um estado, entre a existência em si e a existência para si”.

Não precisamos escolher entre uma filosofia da imanência ou um racionalismo que só dá conta da percepção e da verdade, e uma filosofia da transcendência ou do absurdo que só dá conta da ilusão ou do erro. Só sabemos que existem erros porque temos verdades, em nome das quais corrigimos os erros e os conhecemos como erros. Reciprocamente, o reconhecimento expresso de uma verdade é bem mais do que a simples existência, em nós, de uma idéia incontestada, a fé imediata naquilo que se apresenta: ele supõe interrogação, dúvida, ruptura com o imediato, ele é a correção de um erro possível. Todo racionalismo admite pelo menos um absurdo, a saber, que ele precise formular-se como tese.³⁵⁵

No campo dos fenômenos da “percepção viva, a cor é uma introdução à coisa”³⁵⁶; “a percepção das cores é tardia na criança e, em todo caso, muito posterior à constituição de um mundo.”³⁵⁷ Assim, Merleau-ponty³⁵⁸ considera que “é preciso perder esta ilusão, sustentada pela física, de que o mundo percebido seja feito de cores-qualidades.”³⁵⁹ Para o autor, esta é a fraqueza, tanto das teorias empiristas quanto das intelectualistas, que falham em “reconhecer outras cores senão as qualidades fixas que aparecem na atitude reflexiva.”³⁶⁰

Se as qualidades irradiam em torno de si um certo modo de existência, se elas têm um poder de encantamento e aquilo que há pouco chamávamos de um valor sacramental, é porque o sujeito que sente não as põe como objetos, mas simpatiza com elas, as faz suas e encontra nelas a sua lei momentânea. Esclareçamos. Aquele que sente e o sensível não estão um diante do outro como dois termos exteriores, e a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente. É meu olhar que subtende a cor, é o movimento de minha mão que subtende a forma do objeto, ou antes meu olhar acopla-se à cor, minha mão acopla-se ao duro e ao mole, e nessa troca entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê

³⁵³ *Ibid.*, p. 56.

³⁵⁴ *Ibid.*, p. 281.

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 397.

³⁵⁶ *Ibid.*, p. 409.

³⁵⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁵⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁵⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁶⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

sentido ao outro. Sem a exploração de meu olhar ou de minha mão, e antes que meu corpo se sincronize a ele, o sensível é apenas uma solicitação vaga.³⁶¹

Os signos culturais revelam profundas conexões com os códigos orgânicos, o que sugere a fusão de tais parâmetros na análise do comportamento e da percepção. Contudo, quando se pensa na expressão da natureza, não se busca decifrar um padrão de normatividade comum, mas a diversidade de performatividades enquanto enunciação biológica plural, subjetiva, portanto, múltipla, individual e particular. Esta perspectiva permite integrar os aspectos “fisiológicos” e “psíquicos” num *corpo habitual*, sem se distinguirem pela ordem do em si e do para si: “são ambos orientados para um pólo intencional ou para um mundo.”³⁶²

Nós não procuramos extrair o para si do em si, não retornamos a uma forma qualquer de empirismo, e o corpo ao qual confiamos a síntese do mundo percebido não é um puro dado, uma coisa passivamente acolhida. Mas para nós a síntese perceptiva é uma síntese temporal; a subjetividade, no plano da percepção, não é senão a temporalidade, e é isso que nos permite preservar no sujeito da percepção a sua opacidade e sua historicidade.³⁶³

A partir de um conjunto de arquétipos inatos, provindos do inconsciente coletivo, informações genéticas e campos mórficos quânticos, a consciência é constantemente reformada após o nascimento biológico, quando se inicia uma construção simbólica em camadas. Assim, a percepção da realidade está programada para além dos domínios da consciência e seus desdobramentos simbólicos e materiais, como a razão, palavras, ideias, discursos, imagens, sons; por outro lado, como evidenciado na literatura científica, a fisiologia e a cultura interferem na organização da estrutura dos padrões da percepção: o corpo senciante é um conjunto sistemático de programas, em especial, motriz, pois a forma como o observador navega no mundo, como se relaciona com as coisas, entre elas, outros corpos e o seu próprio corpo, opera em deslocamento no espaço-tempo.

Descobrimos agora o núcleo de realidade: uma coisa é coisa porque, o que quer que nos diga, ela o diz pela própria organização de seus aspectos sensíveis. O “real” é este meio em que cada coisa é não apenas inseparável das outras, mas de alguma maneira sinônima das outras, em que os “aspectos” se significam uns aos outros em uma equivalência absoluta; ele é a plenitude intransponível.³⁶⁴

Fenomenologia é uma estudo que investiga uma antiga pergunta: qual a essência do ser? O que busca perceber, como busca perceber e através de quais instrumentos percebe sua

³⁶¹ *Ibid.*, p. 288/289.

³⁶² *Ibid.*, p. 129.

³⁶³ *Ibid.*, p. 320/321.

³⁶⁴ *Ibid.*, p. 432/433.

realidade? Através de Merleau-Ponty, as respostas interdisciplinares para os processos da existência e suas conseqüentes entidades, como as sensações, a percepção, a consciência, são improváveis de obterem respostas conclusivas, mas demonstram amplos passos históricos, escritos para compreender noções básicas sobre si mesmo. Tais caminhos podem ser revisitados e expandidos por estudos anteriores e posteriores ao do filósofo francês, mas o legado de Merleau-Ponty sobre o tema é de grande impacto.

Contemporâneos, Merleau-Ponty e Pribram publicaram pesquisas sobre a fenomenologia da percepção durante a década de 1960. Por caminhos distintos, ambos chegam a conclusões similares sobre como opera o processamento perceptivo do corpo para navegar no espaço-tempo de um mundo material. Neste sentido, semelhantes intermediações entre os conceitos de intenção, movimento e sensação, em especial, em relação aos objetos e imagens, foram descritos nos trabalhos de Pribram e Merleau-Ponty. Ambos, exploram a interdisciplinaridade das questões relativas à percepção, por meio de diversas espécies de conhecimento. Enquanto Merleau-Ponty escreve uma tese para o curso de psicologia, Pribram observa a percepção pela ótica de um neurologista. A formação disciplinar dos pesquisadores não os impediu de abordar campos do conhecimento distantes das especificidades de suas formações científicas. Assim, absorvem relatos da física, medicina, psiquiatria, psicologia, neurologia, fisiologia, estudos culturais, sociologia, matemática, química e biologia, por exemplo. Nesta perspectiva, consideram a união de disciplinas separadas para explicar os fenômenos da realidade.

Merleau-Ponty afirma a interdependência da fisiologia e da psicologia; Pribram por sua vez, demonstra que a psicologia está presente em todas as áreas científicas, já que é por meio da retórica, da epistemologia, do jogo de refutação de verdades provisórias, que se exige do pensamento a ação de interpretar e significar o mundo enquadrado em objetos simbólicos. A linguagem matemática se tornou a fonte de observação da composição subatômica, que constrói a realidade em que navegamos com a nossa percepção. Números e símbolos não verbais, sequenciados em equações, expressam a filosofia da percepção dos dados matemáticos sobre a realidade. O que tais encontros subatômicos oferecem é a observação científica de um processo de transformação entre a forma como percebemos a realidade material espaço-temporal e o potencial espectral do domínio quântico, onde as informações estão distribuídas como padrões de interferência entre ondas, em todas as partes, como nos hologramas.

Merleau-Ponty descreve argumentos consonantes com diversos tópicos presentes no pensamento holográfico da percepção, contudo, utiliza os meios e os conceitos próprios da psicologia e de áreas tradicionalmente afins: nada escreve sobre a relação entre a percepção e a

matemática da física quântica, que inaugura uma revolução na filosofia científica no campo da física e de estudos correlatos. Entretanto, a leitura paralela de Merleau-Ponty e Pribram demonstram a beleza dos longos caminhos percorridos na busca para compreender uma condição essencial do ser humano: a percepção do mundo e de si mesmo. Neste sentido, nota-se semelhanças entre ambas as teses sobre a noção de objeto como um conjunto de potências, ou, de forma geral, em relação à transformação que o corpo realiza ao se relacionar com o mundo, impregnando a percepção com impurezas da subjetividade.

Enquanto Merleau-Ponty é formado num campo do conhecimento que exalta o intelectualismo da percepção, Pribram cresce dentro de uma área em que o materialismo científico predomina, caracterizando abordagens consideradas opostas. Contudo, tal oposição epistemológica é revista pelos autores como formas complementares de um processo de transformação entre o campo potencial e o espaço-tempo, que o observador realiza ao perceber uma realidade no “aqui e agora”. Neste contexto, é possível sublinhar que o estilo das escrituras de Pribram e Merleau-Ponty refletem o objetivo de suas críticas, ou seja, o esforço em desconstruir hegemonias do pensamento sobre a percepção dentro dos seus respectivos campos de formação científica: para desconstruir um pensamento hegemônico da comunidade científica a qual pertencia, que, em grande escala, crê no observador como um simples ressonador da realidade exterior, acabada em si mesma, Pribram buscou demonstrar a forma idiossincrática de como opera o cérebro durante os processamentos da percepção, sem contudo, descartar a potência estruturante da genética e da cultura que o corpo compartilha; Merleau-Ponty, por sua vez, a fim de criticar a polaridade entre o empirismo e o intelectualismo dos escritos sobre a percepção, descreve o jogo entre a percepção e o percebido como uma relação de interdependência existencial, em que compõem um ao outro.

Uma vez que a ciência considera como fundamental o papel do observador na construção da realidade observada, as antigas filosofias orientais, como o budismo e o *reiki*, evidenciam a sofisticação de suas noções sobre a vida e seus diálogos entre os aspectos físicos da realidade material com o campo potencial de energia espectral. A diferença é que tais abordagens ancestrais encontraram no conceito de meditação, métodos eficientes para o equilíbrio homeostático do corpo, por meio de termos comuns à física quântica, como observação, atenção, motivação, projeção, energia, ressonância e irradiação. Nesta perspectiva, escritos e práticas com mais de 2.500 anos, divididos em diversos tópicos, que detalham aspectos gerais sobre a vida, revelam observações em relação ao comportamento subatômico, que alcançam com precisão a compreensão da percepção holográfica.

Contudo, muitos cientistas que se dedicam a relacionar antigas filosofias orientais ao pensamento científico contemporâneo, são acusados de charlatanismo, independente dos argumentos, dados e evidências utilizadas, como é o caso de Fritjof Capra, autor do *Tao da física* (1975), ou Deepak Chopra, ou mesmo alguns alquimistas do século passado, como Helena Blavatsky, que, já no século 19, estudava as conexões da ciência com a espiritualidade e as religiões, para entender as analogias entre as alegorias destes campos de conhecimento. Inclusive, Blavatsky aborda as descrições da matemática pitagórica para explicar os fenômenos da percepção, assim como Pribram ao descrever as descobertas dos gibsonianos sobre o processamento da retina.

O acento principal dos pitagóricos estava na forma, proporção e padrão; no *eidós* e no esquema, na relação, não no relato... A visão [deles] do mundo era tão duradoura que ainda permeia nosso pensamento, até mesmo nosso vocabulário. O próprio termo filosofia é de origem pitagórica. A essência e o poder dessa visão estão em seu caráter unificador e abrangente; une religião e ciência, matemática e música, medicina e cosmologia, corpo, mente e espírito em uma síntese inspirada e luminosa. Foi o primeiro passo para a matematização da experiência humana - e, portanto, o início da ciência.³⁶⁵

Ao visitar as pesquisas neurológicas de Pribram, realizadas por mais de meio século, contemplamos a afirmação proferida discretamente, por meio dos estudos de Roger Penrose e Allan Watts, de que a tese da realidade holográfica, desde o aspecto micro ao macroscópico, é mais compatível com os ensinamentos budistas, hindu e zen do que com a tradição judaico-cristã-islâmica.

Para explicar a origem da vida no mundo das ilusões reais terreno, recorreremos às ferramentas que pouco refletimos a respeito, pois as naturalizamos. É o que ocorre no caso do uso instrumental das linguagens, sentidos e da razão. Buscamos as respostas para explicar a existência em números, imagens, palavras, mas, mesmo que o observador aprenda as narrativas dhistóricas do universo, tais símbolos são incapazes de descrever os fenômenos da realidade. Então, por que seguimos na busca para explicar o essencial através de alegorias, quando “claro está que o mundo é paródia pura”³⁶⁶?

A razão e a imaginação são tecnologias limitadas às experiências paródicas do corpo em vida. Por exemplo, experimente imaginar o nada, que preexiste tudo (ou que antecede a expansão do universo físico). Se é que podemos falar sobre a existência do nada. O nada não é

³⁶⁵ KOESTLER, Arthur, 1959 *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 375.

³⁶⁶ BATAILLE, Georges. O Olho Pineal - 1967. In: ASSÍRIO e ALVIM. **O Ânus Solar (e outros textos do sol)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p.53.

preto, pois não possui cor, ou espaço ou tempo. O vácuo é algo, que apresenta localização no espaço-tempo, possui gravidade e energia, portanto, o nada é distinto de tal fenômeno cósmico.

Se conseguir imaginar tal existência da inexistência, é improvável que tenha utilizado imagens, sons, cheiros ou símbolos de qualquer ordem, pois tais elementos desvirtuam o sentido do conceito de “nada”. Agora, busque descrever o conceito de nada. Em inglês, usa-se a ideia de “sem coisas” para traduzir o nada (*no-thing*). Coisa é uma boa palavra, mas traduz a ideia? Vamos considerar, então, tempo, espaço, matéria, energia, memória, existência, consciência, inteligência, como coisas. Será que no nada está ausente todos os elementos acima elencados? Afinal, o que há no nada? Diante das nossas existências, no mínimo, há potência de vir a ser existência. Se há potência, há memória e inteligência na ausência de matéria, espaço e tempo. Ou seja, há diversas coisas no nada, apesar da falta da tríade que dita a realidade humana: matéria, tempo, espaço. A potência revela amplo espectro de possibilidades de realização a partir do conjunto de probabilidades latente. Assim, tudo que há não poderia advir de uma esfera distinta do nada. Afinal, antes de existir o tempo, o espaço e a matéria, haveria nada. Nem mesmo o vazio ou a escuridão. O nada é algo que desafia a imaginação humana, pois como criar, através dos sentidos e da razão, a noção de nada? Não existem narrativas, imagens ou sons que representem o nada. Apenas a palavra nada significa nada. Com direito a traduções em diversas línguas, mas será uma eterna abstração que foge do imaginário. E do nada surgiu tudo o que conhecemos e desconhecemos no universo físico. A expansão do nada criou universos, nos quais somos uma ínfima partícula da existência. E mesmo diante da magnitude cósmica, o ego se sente o centro de tudo o que há. Se ficamos atados na percepção dos acontecimentos cotidianos repetitivos do mundo da matéria terráquea e ignoramos os fatos celestiais, a vida ganha um sentido apreendido em referências midiáticas, sejam através dos livros, jornais, televisões, cinema, internet ou por meio dos corposmídias que se apresentam na jornada do observador. Mas quando buscamos a complexidade cósmica da existência física, a confusão é o que nos espera. O humano, enquanto animal que busca compreender a si mesmo, está atado às percepções sensitivas e cognitivas das experiências subjetivas do seu próprio corpo. Podemos ler e assistir as experiências alheias, que sempre passarão pela tradução filtrada da subjetividade. Tal filtro, no lugar de oferecer uma pureza, contamina a narrativa com a perspectiva do observador que lê a mídia.

A transformação do nada em tudo, entretanto, pode não ocorrer dentro de uma sequência cronológica linear, que fixa um ponto inicial, como ocorre com as narrativas sobre o nascimento do nosso universo, relatadas por cientistas como o *big bang*: a história de uma bombástica dilatação do espaço-tempo há bilhões de anos. Mas, mesmo no *big bang*, há energia, matéria,

temperatura, massa, espaço, tempo, ou seja, diversos elementos existenciais, porém muito comprimidos.

O pensamento cronológico da teoria do *big bang* determina um começo e um fim da dhistória do universo: mesmo quando é projetada em ciclos de expansão e contração, há sequências lineares de transcorrência do espaço-tempo. A fronteira entre passado, presente e futuro, bem como a divisão entre tempo e espaço, ou entre o si e o outro, evidenciam a simultânea condição artificial e orgânica do processo de categorização dos fenômenos percebidos pelo corpo habitual: como toda fronteira, é criada pela lógica racional, “mas vimos que a percepção originária é uma experiência não-tética, pré-objetiva e pré-consciente.”³⁶⁷ A razão, portanto, não é a única responsável por construir a noção cronológica e tridimensional das narrativas lineares subjetivas.

Vivemos através de uma consciência aut’observadora de si e do entorno, que envelhece e falece, sem, contudo, consigo carregar para o túmulo o futuro material, pois a linearidade cronológica do espaço-tempo segue independente da ação corporal do observador-cadáver enterrado. Em corpos programados para experienciar a cronologia, romper a lógica de *Chronos* consiste numa complexa abstração imaginária motivada por teorias comprovadas cientificamente. A coexistência do espaço-tempo reflete sobre o falecimento da noção de pré-dhistória do universo, que com o passar dos anos, gerou este aqui e agora, propício à existência do meu Eu humano terráqueo. Neste caso, não há razão para certificar que o início é produção do passado. Assim, ficamos sem começo de dhistória, o futuro, agora, coexiste com o passado, que preexiste tudo. Esta interconexão entre tempos e espaços no mundo da matéria afirma a incoerência de pensar a existência material cronologicamente. A fábula científica sobre a expansão de uma partícula minúscula, muito densa e quente, exige a existência de diversos fatores: tempo, espaço, temperatura, massa, movimento, energia, gravidade, portanto, esta narrativa pode explicar a origem do universo que nossos corpos habitam, mas o *big bang* não revela o nascimento da existência, seja na perspectiva material ou imaterial. De onde veio a partícula originária e o espaço-tempo por onde vagava? Do passado, do presente ou do futuro? É válido seguir raciocinando através da divisão cronológica para refletir sobre a essência do ser? Desafiador é desprogramar a estrutura cognitiva e sensitiva instalada por *Chronos*.

³⁶⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 325.

Tudo é relativo neste Universo; tudo é ilusão. Mas a impressão experimentada em qualquer dos planos é uma realidade para o ser que a percebe e cuja consciência pertença ao mesmo plano; muito embora essa impressão, encarada de um ponto de vista puramente metafísico, possa não apresentar nenhuma realidade objetiva.

Madame Blavatsky (1888, p. 540)

1.4 IMPÉRIO DE *CHRONOS*

Como a maçã que atingiu a cabeça de Newton durante um cochilo, cair d'árvore na infância me ensinou, através do trauma, a perceber a interferência da força gravitacional na realidade material do planeta Terra. Mais tarde, compreendo, através de Einstein, que a gravidade, o movimento e a subjetividade do observador interferem na sensação de tempo percebida. Ou seja, se viajo na velocidade da luz com meu corpo, o tempo passa mais lento do que se permaneço em inércia na Terra. Por sua vez, a gravidade é capaz de comprimir ou dilatar o tempo. Nos buracos negros, a força gravitacional é tão extrema que, se ali nossa consciência sobrevivesse, seria capaz de perceber o futuro mais distante do universo num instante. Uma das versões dos buracos negros são os *buracos de minhoca* (termo cunhado por Weyl [1921] e propagado por Wheeler [1957]): locais hipotéticos no universo que, devido à interferência da gravidade, configuram atalhos instáveis de contínuo espaço-tempo, capazes de reduzir o deslocamento material, caso o corpo sobreviva ao colapso no gargalo; funciona como pontes multidimensionais entre universos paralelos. Ignorar a presença de eventos cósmicos invisíveis é uma característica naturalizada por nossas percepções, mesmo que sejam cientificamente comprovados, pois a visão da face dita a referência de realidade. Por este motivo, a luz possui tamanha importância para o ser humano: guia a noção de espaço-tempo.

Se, no universo físico, os cientistas já compreenderam que o tempo não é linear e estático, a cronologia é uma ilusão real: todos os tempos coexistem, mas percebemos e criamos uma narrativa linear e cronológica a partir das experiências sensíveis percebidas e das memórias que armazenamos em nossos corpos e nos espaços em que habitamos. Culturalmente, apreendemos a contar o tempo desde um ponto d'histórico que marca acontecimentos anteriores e posteriores à morte de Jesus Cristo. A.C e d.C são símbolos naturalizados que reduzem as referências do tempo de vida na/da Terra. Ao sinalizar a origem de uma linha do tempo, o que preexiste ao ponto inicial é apagado d' historicamente. A pré-d'história é repleta de d'história, com registros da presença de humanóides há milhões de anos.

Tal estratégia simbólica é comum no reino dos signos: reduz-se o significado dos conceitos através do esvaziamento d'histórico. A aprendizagem cultural de contar o tempo de modo linear, a partir de um marco inicial, atou-nos a realidades de pensamentos organizados em narrativas cronológicas, compostas de passado, presente e futuro. Contudo, a cultura da saudade e da ansiedade corrompe o tempo presente, quando permanece em suspensão fenomenológica, por ativar memórias e desejos do passado e para o futuro. A repetição cognitiva e sensitiva assimila bem-estar, por projetar zonas de conforto e conflito, que residem

em experiências previstas de dor e prazer, de sucesso e fracasso: mais uma vez, dicotomias insensatas se apresentam: se há prazer na dor e dor no prazer, sucesso fracassado e fracasso triunfante, tais significados não se distinguem. Ao invés de separados, os caminhos conceituais são complementos do saber que buscam apalavrar parte do que integra a experiência de existir no universo, em especial, como humano terráqueo.

...

Em 1905, Einstein publicou um artigo no qual postula que “as leis da ciência deveriam parecer as mesmas para todos os observadores se movendo livremente”. A velocidade da luz é o elemento constante aplicado à equação $E = mc^2$, pois “a velocidade da luz independe do movimento do observador e é a mesma em todas as direções.”³⁶⁸ Nesta equação, a energia é igualada à massa multiplicada pela velocidade cinética ao quadrado. A massa é, portanto, uma forma de expressão da energia. Para afirmar tal compreensão sobre o universo, Einstein abandonou a ideia de que o tempo é uma grandeza cronológica, que todos os relógios devem medir precisamente e de forma universal e padronizada. Desta forma, considera que cada observador possui sua própria experiência de tempo: “os tempos de dois observadores iriam corresponder se eles estivessem em repouso em relação um ao outro, mas não se estivessem se movendo.”³⁶⁹

Alguns experimentos, relatados por Hawking³⁷⁰, confirmam que se nos movermos para o Leste, o tempo passa ligeiramente mais rápido do que quando viajamos na direção oposta. Contudo, trata-se de uma fração de segundos imperceptível para o observador. Os resultados foram medidos por relógio atômicos, mas que ainda expressam uma imprecisão (reduzida) e o princípio da incerteza de Heisenberg. Segundo Marcelo Gleiser³⁷¹, o tempo “não pode ser medido com precisão infinita, pois depende da precisão do relógio utilizado. (Os relógios mais modernos usam transições eletrônicas em átomos para atingir uma precisão de alguns bilionésimos de segundo por dia.)”

Na teoria da relatividade geral de Einstein, encontramos o paradoxo dos gêmeos, que relata a hipotética situação:

³⁶⁸ HAWKING, Stephen. **O universo numa casca de noz** - 2001. Tradução: Cássio de Arantes Leite. 1º edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2016, p. 12.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 15.

³⁷⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁷¹ GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Editora Record, 2014, p. 104.

Um dos gêmeos (a) parte em uma viagem espacial na qual se aproxima da velocidade da luz (c), enquanto seu irmão (b) permanece na Terra. Devido ao movimento do primeiro irmão, o tempo anda mais devagar na espaçonave, do ponto de vista do irmão que ficou para trás. Assim, quando a nave volta, o viajante espacial (a2) descobre que seu irmão (b2) envelheceu mais do que ele. Embora isso pareça contrariar o bom senso, uma série de experimentos sugeriu que nesse cenário o gêmeo viajando de fato estaria mais jovem.³⁷²

“O postulado de Einstein de que as leis da natureza devem parecer as mesmas para todos os observadores se deslocando livremente foi a base para a teoria da relatividade, assim chamada porque sugeria que apenas o movimento relativo era importante.”³⁷³ Desta forma, Einstein descarta duas teses hegemônicas da ciência do século XIX: “o repouso absoluto, como representado pelo éter, e o tempo absoluto ou universal que seria medido por todos os relógios”. Apesar das controvérsias, “a teoria da relatividade é hoje completamente aceita pela comunidade científica, e suas previsões já foram verificadas em incontáveis aplicações.”³⁷⁴

A relação entre massa e energia é evidenciada na equação de Einstein, que afirma que “a velocidade da luz deve parecer a mesma para todos [...]”³⁷⁵. $E = mc^2$ sugere, portanto, que nada pode se mover mais rápido do que a luz, pois acelerar uma partícula até alcançar a velocidade da luz seria impossível, dado que a massa aumenta à medida que usamos energia para acelerar. Deste modo, exige-se uma quantidade infinita de energia para cumprir a equivalência da equação. Quando se notou que massa e energia são equivalentes, entre as consequências, percebeu-se que, “se o núcleo de um átomo de urânio fosse dividido em dois núcleos com massa total ligeiramente menor, isso liberaria uma tremenda quantidade de energia.”³⁷⁶ Daí, mesmo sem Einstein intencional tal fim, o ser humano projetou a bomba atômica, que instituiu o império do capitalismo em meados do século 20.

Assim, observa-se que uma afirmação científica resulta em séries de questões subsequentes, como ocorreu com a teoria da relatividade, que se adequou bem às leis que governavam a eletricidade e o magnetismo, mas demonstrou incompatibilidade com a lei de gravitação de Newton:

Essa lei dizia que, se mudássemos a distribuição da matéria em uma região do espaço, a mudança no campo gravitacional seria sentida instantaneamente por toda parte no universo. Isso não apenas significaria que poderíamos enviar sinais a uma velocidade superior à da luz (algo proibido pela relatividade).³⁷⁷

³⁷² *Ibid.*, p. 16.

³⁷³ HAWKING, Stephen. **O universo numa casca de noz** - 2001. Tradução: Cássio de Arantes Leite. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2016, p. 17.

³⁷⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁷⁵ *Ibid.*, p. 18.

³⁷⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁷⁷ *Ibid.*, p. 20.

Enquanto a relatividade abole o tempo absoluto ou universal em prol do tempo pessoal, a lei de gravitação de Newton buscava utilizar tais conceitos para compreender a instantaneidade, ou seja, uma velocidade superior à da luz, portanto, uma premissa descartada por Einstein. Contudo, a mecânica quântica, através da teoria da não-localidade e do comportamento dual de onda-partícula, demonstrou que ocorre transmissão de informações instantaneamente, como no caso da fotografia quântica, além de uma espécie de viagem no tempo ao passado, em experimentos de dupla fenda, que burlam o momento de interferência da medição observada.

A concepção matemática, adotada por Newton há mais de trezentos anos, compreende o espaço como uma entidade separada do tempo. No início do século 20, Einstein inaugurou uma revolução científica ao apresentar a teoria da relatividade, que demonstra a inextricável interconexão entre o tempo e o espaço. Esta noção condiz com muitos experimentos, que apontam para a impossibilidade de curvar o espaço sem afetar o tempo simultaneamente. Portanto, o tempo tem forma, porém aparenta ter também uma única direção, que desponta do passado para o futuro. Pois, para viajar de volta para o passado, segundo a equação da teoria da relatividade ($E = mc^2$), exigiria uma navegação mais veloz que a velocidade da luz, algo considerado improvável para Einstein, uma vez que uma quantidade de energia infinita seria exigida para acelerar a massa do corpo, que aumenta conforme acelera. Acredita-se que esta é a forma do sistema universal resguardar as memórias do passado, para impedir que um suposto viajante, que volte no tempo, altere o futuro com mudanças de episódios capazes de causar “efeitos borboleta”, inclusive, a paradoxal morte dos pais, antes do nascimento do próprio viajante do tempo.

Assim, além dos aspectos subjetivos da interpretação neurológica sobre os acontecimentos experienciados, fisicamente, o tempo transcorre de forma distinta caso o observador viaje para Leste ou Oeste, ou devido a diferença na aceleração do corpo, ou à gravidade do espaço em que habita. Mas, apesar do tempo ser uma variável possível de modelar a forma e de modificar a velocidade de transcorrência, as diferenças de percepção do tempo, condicionadas à perspectiva do observador, ocorrem, segundo a teoria da relatividade de Einstein, sempre rumo ao futuro, nunca ao passado.

Entre 1912 e 1915, Einstein buscou resolver a questão da equivalência entre a aceleração e a gravidade até que percebeu que “a equivalência funcionaria se a geometria do espaço-tempo fosse curva, não plana, como se presumira até então.”³⁷⁸ A solução consiste em considerar que

³⁷⁸ *Ibid.*, p. 24.

a massa e a energia deformam o espaço-tempo, curvando as proximidades das trajetórias dos objetos. Assim, “objetos como maçãs ou planetas tentariam se deslocar em linha reta através do espaço-tempo, mas pareceria que suas trajetórias eram arqueadas por um campo gravitacional, pois o espaço-tempo é curvo.”³⁷⁹

A nova teoria do espaço-tempo curvo foi chamada de relatividade geral a fim de distingui-la da teoria original sem gravidade, que passou a ser conhecida como relatividade restrita. Ela foi confirmada de maneira espetacular em 1919, quando uma expedição inglesa à África Ocidental observou uma ligeira curvatura na luz de uma estrela passando perto do Sol durante um eclipse. Ali estava a evidência direta de que o espaço e o tempo eram curvos, e ela motivou a maior mudança em nossa percepção do universo em que vivemos desde que Euclides escreveu seus Elementos de geometria, por volta de 300 a.C.³⁸⁰

Portanto, para formular a teoria da relatividade geral, Einstein combina a dimensão do tempo com as três dimensões do espaço para formar o espaço-tempo quadridimensional. Ao incorporar o efeito gravitacional de deformação curvilínea do espaço-tempo, resultante da distribuição de matéria e energia, a teoria da relatividade progride de uma noção que Einstein chamou de “restrita” para “geral”. A gravidade é o motivo do espaço-tempo ser curvo, no lugar de plano. Desta forma, “os objetos nesse espaço-tempo tentam se deslocar em linha reta, mas, como o espaço é curvo, suas trajetórias parecem distorcidas. Eles se movem como que afetados por um campo gravitacional.”³⁸¹

Na relatividade geral, o tempo e o espaço não existem independentemente do universo ou um do outro. Eles são definidos por medições no interior do universo, como o número de vibrações do cristal de quartzo em um relógio ou o comprimento de uma régua. É bem concebível que o tempo definido dessa maneira, dentro do universo, tenha um valor mínimo ou máximo — em outras palavras, um início ou um fim. Não faria sentido perguntar o que aconteceu antes do início ou o que acontecerá após o fim, pois tais tempos não seriam definidos.³⁸²

Neste sentido, Hawking se dedicou a averiguar se o modelo matemático da relatividade geral prevê o início e o fim do universo e do próprio tempo. Assim como Einstein, muitos físicos consideram que o tempo é infinito em ambas as direções. Hawking demonstra sua crença na eficácia do paradigma científico para explicar a natureza, ao considerar que, caso Einstein esteja certo sobre o início e o fim dos tempos, a questão da criação do universo seria embaraçosa, pois pareceria uma solução fora do domínio da ciência.

³⁷⁹ *Ibid.*, loc. cit.

³⁸⁰ *Ibid.*, p. 25.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 38.

³⁸² *Ibid.*, p. 40.

Eram conhecidas soluções das equações de Einstein em que o tempo tinha um início ou um fim, mas elas eram todas muito especiais, com grande dose de simetria. Pensava-se que em um corpo real, cedendo sob o peso da própria gravidade, a pressão ou as velocidades laterais impediriam a matéria de entrar em colapso num mesmo ponto, no qual a densidade seria infinita. Do mesmo modo, se acompanhássemos a expansão do universo de volta no tempo, verificaríamos que a matéria do universo não emergia toda ela de um ponto de densidade infinita. Um ponto de densidade infinita como esse foi chamado de singularidade e seria um início ou um fim do tempo.³⁸³

A teoria da relatividade geral de Einstein transformou o espaço-tempo, que era considerado um fundo passivo e fixo, para sugerir que os eventos e os corpos celestes são participantes ativos na dinâmica do universo. Contudo, Hawking³⁸⁴ refuta algumas teorias cosmológicas de Einstein sobre o espaço-tempo, além de criticar sua incredulidade em relação ao *Big Bang*, uma vez que Einstein considera que a teoria da relatividade geral “não permite que o universo sofra um repique de uma fase de contração para a presente expansão.” Paradoxalmente, apesar da ideia desagradar à Einstein, Hawking e Roger Penrose defendem “que a relatividade geral prevê que o universo começou em um *Big Bang*. Assim, a teoria de Einstein sugere, sim, que o tempo teve um início.”³⁸⁵ O motivo para a relatividade geral não ser válida para o *Big Bang*, segundo Hawking³⁸⁶, “era sua incompatibilidade com a teoria quântica, a outra grande revolução conceitual do início do século XX.”

...

Hawking³⁸⁷ busca explicar a relação da teoria quântica e a forma do espaço e do tempo. Para tanto, distingue duas espécies de tempo: o tempo real e o tempo imaginário. Segundo o autor, o tempo medido através de números imaginários é um conceito bem definido. A diferença entre tais conceitos numéricos é descrita como linhas horizontais e verticais com números positivos e negativos, sendo o zero o meio. A linha horizontal apresenta os números reais, enquanto a linha vertical demarca os números imaginários.

Assim, podemos pensar em números imaginários como um novo tipo de números perpendiculares aos números reais comuns. Como são um constructo matemático, não precisam de concretude física — não se pode obter um número imaginário de laranjas ou ter um cartão de crédito com números imaginários.³⁸⁸

³⁸³ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁸⁴ *Ibid.*, p. 28.

³⁸⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 29.

³⁸⁷ *Ibid.*, p. 60.

³⁸⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

Hawking³⁸⁹ compreende que “os números imaginários não são apenas um jogo matemático sem nenhuma relação com o mundo real.” Pois, trata-se de um modelo matemático capaz de prever não só os efeitos já observados, mas também os efeitos que a humanidade ainda não conseguiu medir, mas que, por outros motivos, os cientistas creem que existem. Aqui, a distinção do que é real e o que é imaginário se confunde. Seria a nossa mente a responsável por tal separação?

Do ponto de vista da filosofia positivista, não é possível determinar o que é real. Nesta perspectiva, para Hawking³⁹⁰ “só o que podemos fazer é descobrir quais modelos matemáticos descrevem o universo em que vivemos”.

A teoria da relatividade geral de Einstein clássica (isto é, não quântica) combinava o tempo real e as três dimensões do espaço em um espaço-tempo quadridimensional. Entretanto, a direção do tempo real era distinta das três direções espaciais. A linha-mundo ou história de um observador sempre aumentava na direção do tempo real (ou seja, o tempo sempre se movia do passado para o futuro), mas ela podia aumentar ou diminuir em qualquer uma das três direções espaciais. Em outras palavras, era possível reverter a direção no espaço, mas não no tempo.³⁹¹

Por outro lado, Hawking³⁹² observa que, “como o tempo imaginário é perpendicular ao tempo real, ele se comporta como uma quarta direção espacial.” Por este motivo, entusiasmase com a gama de possibilidades, que considera muito mais ampla do que a linha do tempo real comum, “que só pode ter um início ou um fim ou andar em círculos. É nesse sentido imaginário que o tempo tem uma forma.”³⁹³

Hawking³⁹⁴ apresenta o espaço-tempo imaginário como uma forma esférica, que pode ser analisada através de graus de latitude e longitude. Quando representada em graus de latitude, a direção do tempo imaginário poderia representar a distância do polo Sul”:

À medida que se avança para o norte, os círculos de latitude em distâncias constantes do polo Sul se tornam maiores, correspondendo ao universo que se expande no tempo imaginário. O universo atingiria tamanho máximo no equador e depois voltaria a se contrair com o aumento do tempo imaginário em um único ponto, no polo Norte. Ainda que o universo tivesse tamanho zero nos polos, esses pontos não seriam singularidades, assim como os polos Norte e Sul na superfície terrestre são pontos perfeitamente regulares. Isso sugere que a origem do universo no tempo imaginário pode ser um ponto regular no espaço-tempo.³⁹⁵

³⁸⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹¹ *Ibid.*, p. 60/61.

³⁹² *Ibid.*, p. 62.

³⁹³ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹⁴ *Ibid.*, p. 61.

³⁹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

Supondo que o tempo imaginário seja graus de latitude, “então, a história do universo no tempo imaginário começaria no polo Sul.”³⁹⁶ A resposta para a pergunta sobre os acontecimentos anteriores ao início é que “tais épocas simplesmente não são definidas, assim como não há pontos ao sul do polo Sul.”³⁹⁷ Nesta perspectiva, Hawking³⁹⁸ conclui que “o início do universo no tempo imaginário pode ser um ponto regular do espaço-tempo e que as mesmas leis podem imperar tanto no início como no restante do universo.”

Já em um espaço-tempo imaginário longitudinal, “como todas as linhas de longitude se encontram nos polos Norte e Sul, o tempo é imóvel nos polos; um aumento do tempo imaginário deixa a pessoa parada no mesmo lugar, assim como se mover para oeste no polo Norte terrestre não significa se afastar do polo Norte.”³⁹⁹

Isso é muito semelhante ao modo como o tempo comum parece permanecer imóvel no horizonte de um buraco negro. Identificamos que essa imobilidade do tempo real e imaginário (ou ambos estão imóveis, ou nenhum deles está) significa que o espaço-tempo tem uma temperatura, como descobri no caso dos buracos negros. O buraco negro não só apresenta temperatura, mas também se comporta como se tivesse uma grandeza chamada entropia. A entropia é a medida do número de estados internos (as formas como ele poderia ser configurado por dentro) que o buraco negro poderia ter sem parecer nem um pouco diferente para o espectador externo, que pode observar apenas sua massa, sua rotação e sua carga. Essa entropia do buraco negro é dada por uma fórmula muito simples que descobri em 1974. Ela iguala a área do horizonte do buraco negro: há um pouquinho de informação sobre o estado interno do buraco negro para cada unidade fundamental de área do horizonte. Isso mostra que existe uma profunda conexão entre a gravidade quântica e a termodinâmica, a ciência do calor (que inclui o estudo da entropia). Sugere também que a gravidade quântica pode apresentar o que é chamado de holografia.⁴⁰⁰

Einstein relutou para “admitir a previsão da relatividade geral de que o tempo terminaria para as estrelas massivas quando elas chegassem ao fim de sua vida e não mais gerassem calor suficiente para contrabalançar a força de sua própria gravidade, que tentava torná-las menores.”⁴⁰¹ A crença de Einstein era que “tais estrelas se acomodariam numa espécie de estado final, mas sabemos hoje que não existem configurações de estado final para estrelas com mais do que o dobro da massa do Sol.”⁴⁰² Hawking⁴⁰³ explica que “essas estrelas continuarão encolhendo até se tornarem buracos negros, regiões do espaço-tempo tão deformadas que a luz não pode escapar delas.” Assim, o nascimento de um buraco negro consiste na morte de uma

³⁹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

³⁹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴⁰⁰ *Ibid.*, p. 63.

⁴⁰¹ *Ibid.*, p. 28.

⁴⁰² *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴⁰³ *Ibid.*, *loc. cit.*

estrela de grande densidade: “quando uma estrela maciça exaure seu combustível nuclear, ela perde calor e se contrai. A curvatura do espaço-tempo se torna tão grande que é criado um buraco negro de onde a luz não pode escapar. Dentro do buraco negro o tempo chegará ao fim.”⁴⁰⁴

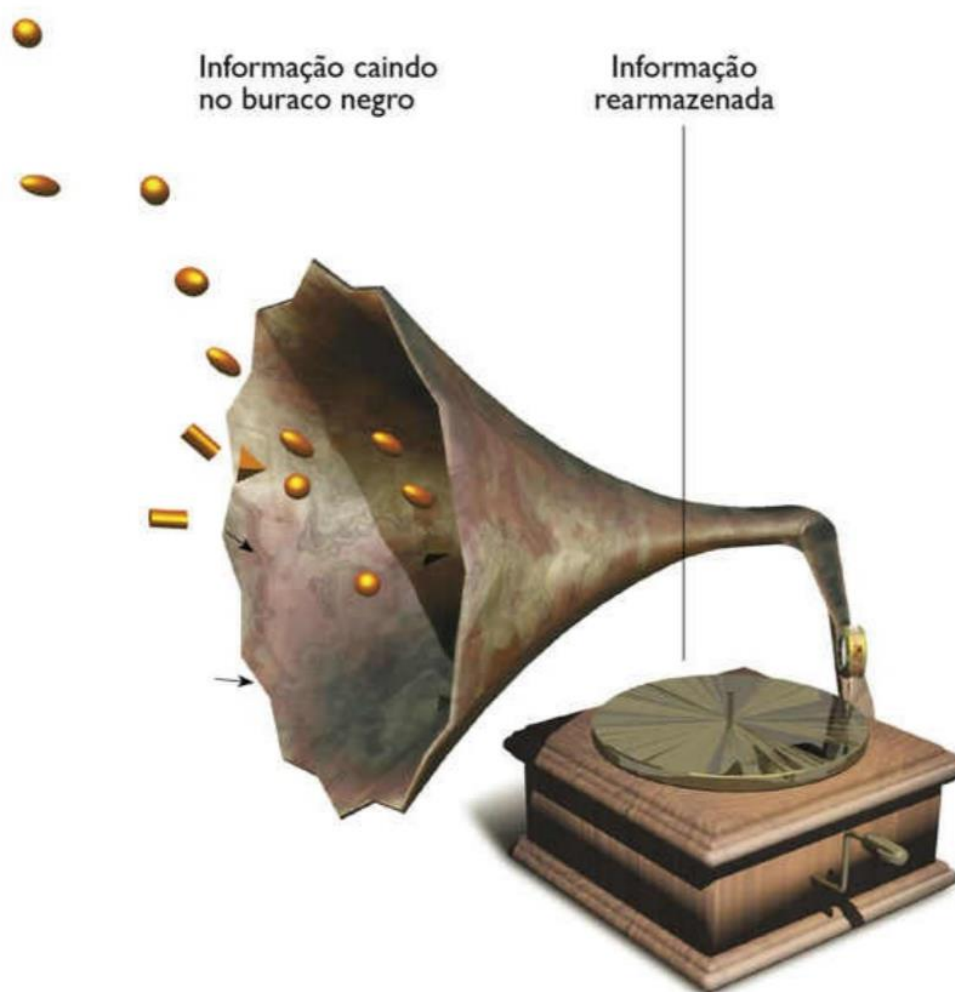
Nesta perspectiva, Hawking⁴⁰⁵ se juntou à Penrose para demonstrar “a previsão da relatividade geral de que o tempo chegaria ao fim no interior de um buraco negro, não só para a estrela como também para qualquer astronauta infeliz que porventura caísse dentro dele.” Entretanto, os autores destacam que “tanto o início quanto o fim do tempo seriam lugares onde as equações da relatividade geral não poderiam ser definidas. Assim, a teoria não poderia prever o que emergiria do *Big Bang*.”⁴⁰⁶ Enquanto alguns compreendem esta afirmativa como o indicativo de que há um criador livre para iniciar o universo como bem desejar, Hawking se concentrou em buscar evidências de que o nascimento do universo é governado pelas mesmas leis vigentes em outras épocas. Neste sentido, considera que algum progresso foi alcançado rumo a esse objetivo, mas que a humanidade ainda não dispõe de uma compreensão total da origem do universo.

⁴⁰⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴⁰⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴⁰⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

Figura 30 - Analogia entre o buraco negro e a vitrola



Fonte: Stephen Hawking (2016, p. 62).

Hawking⁴⁰⁷ afirma também que “a fórmula da área para a entropia — ou número de estados internos — de um buraco negro sugere que a informação sobre o que cai no buraco negro pode ser armazenada como em um disco e reproduzida quando o buraco negro evapora.” Assim, a área de superfície do horizonte cercado um buraco negro mede a entropia, ou seja, a informação total contida no sistema. Para Hawking⁴⁰⁸, “isso sugere que a informação associada a todos os fenômenos no mundo tridimensional pode ser armazenada em seu contorno bidimensional, como uma imagem holográfica. Em certo sentido, o mundo seria bidimensional.” Esta afirmação concorda com as pesquisas de Pribram⁴⁰⁹ e Bohm⁴¹⁰.

⁴⁰⁷ *Ibid.*, p. 62.

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 64.

⁴⁰⁹ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013.

⁴¹⁰ BOHM *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013.

A informação sobre os estados quânticos numa região do espaço-tempo pode, de algum modo, ser codificada no contorno da região, que possui duas dimensões a menos. Isso é parecido com a maneira como um holograma exibe uma imagem tridimensional sobre uma superfície bidimensional. Se a gravidade quântica incorpora o princípio holográfico, talvez signifique que podemos acompanhar o que há dentro dos buracos negros — o que é essencial se queremos ser capazes de prever a radiação emitida pelos buracos negros. Se não pudermos fazer isso, não conseguiremos prever o futuro tão plenamente quanto imaginávamos.⁴¹¹

Nesta perspectiva, Hawking⁴¹² cogita a possibilidade de vivermos em uma 3-brana, que consiste numa superfície quadridimensional, formada por três aspectos espaciais e um temporal, “que é o contorno de uma região pentadimensional, com as dimensões restantes recurvadas a uma escala muito reduzida. O estado do mundo em uma brana codifica o que está acontecendo na região pentadimensional.” Hawking⁴¹³ sublinha que o mesmo ocorre com o universo. Entretanto, quando o universo é grande, como o atual, “há um número muito elevado de lances de dados e a média dos resultados é algo que se pode prever. É por isso que as leis clássicas funcionam para grandes sistemas.” Por outro lado, “quando o universo é muito pequeno, como era o caso perto do Big Bang, há apenas um pequeno número de lances de dados e o princípio da incerteza é de grande importância.”⁴¹⁴

Segundo Hawking, o universo possui múltiplas histórias, no lugar de uma única narrativa como se costuma pensar: “o universo deve ter tido todas as histórias possíveis, cada uma com sua própria probabilidade.”⁴¹⁵ Richard Feynman é o responsável pela formulação científica de múltiplas histórias cosmológicas, que nada tem de ficcional, apesar de soar como um fenômeno surreal e fantasioso.

Hoje trabalhamos para combinar a teoria da relatividade geral de Einstein com a ideia de Feynman sobre as múltiplas histórias em uma teoria unificada completa capaz de descrever tudo que acontece no universo. Essa teoria unificada nos possibilitará calcular de que maneira o universo vai se desenvolver caso saibamos como as histórias começaram. Mas a teoria unificada em si mesma não nos dirá como o universo começou ou qual foi seu estado inicial. Para isso, precisamos do que é chamado de condições de contorno, regras que nos informam o que acontece nas fronteiras do universo, nos limites do espaço e do tempo.⁴¹⁶

Algumas possibilidades foram levantadas sobre o contorno do universo: caso seja um ponto normal do espaço e do tempo, podemos ultrapassar as fronteiras desse território e

⁴¹¹ HAWKING, Stephen. **O universo numa casca de noz** - 2001. Tradução: Cássio de Arantes Leite. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2016, p. 64.

⁴¹² *Ibid.*, loc. cit.

⁴¹³ *Ibid.*, p. 80.

⁴¹⁴ *Ibid.*, loc. cit.

⁴¹⁵ *Ibid.*, loc. cit.

⁴¹⁶ *Ibid.*, p. 81.

considerar o que está além como parte integrada ao universo; outra teoria considera que o universo possui uma borda irregular, onde o espaço e o tempo estão esmagados com uma densidade infinita. Contudo, Hawking⁴¹⁷ constata que, através destas teorias cosmológicas, “seria muito difícil definir condições de contorno significativas.” Para resolver esta questão, junto com Jim Hartle, Hawking⁴¹⁸ formula uma terceira possibilidade: “talvez no universo não exista fronteira no espaço e tempo.” Esta concepção não contradiz os teoremas demonstrados por Penrose e Hawking, que afirmam que o universo deve ter tido um início. A explicação se encontra na existência do tempo imaginário, que é perpendicular ao tempo real – a expressão temporal tangível, a qual percebemos transcorrer na cotidianidade. Desta forma, Hawking⁴¹⁹ nota que “a história do universo em tempo real determina sua história no tempo imaginário e vice-versa, mas os dois tipos de histórias podem ser bem diferentes”:

O universo não precisa ter um início ou fim no tempo imaginário. O tempo imaginário se comporta como outra direção no espaço. Assim, podemos pensar nas histórias do universo no tempo imaginário como superfícies curvas, como uma bola, um plano ou uma sela, mas com quatro dimensões em vez de duas.⁴²⁰

Baseado nesta tese, se as histórias do universo no tempo imaginário são de fato superfícies fechadas, como Hartle e Hawking⁴²¹ propuseram, “haveria implicações fundamentais para a filosofia e para a imagem que temos sobre o lugar de onde viemos”: uma vez que “o universo seria inteiramente contido em si mesmo, não precisaria de nada fora dele para pôr seu mecanismo em movimento. Em vez disso, tudo seria determinado pelas leis da ciência e por lances de dados dentro do universo.”⁴²² Nesta perspectiva, “a mais simples história no tempo imaginário sem contorno é uma esfera. Isso determina uma história no tempo real que se expande de modo inflacionário.”⁴²³ Por esta razão, Hawking⁴²⁴ distingue as histórias do universo entre as “lisas”, que “são as mais prováveis, embora haja apenas um pequeno número delas”, e as “irregulares”, que embora sejam menos prováveis, “existe um número tão grande delas que as histórias prováveis do universo apresentarão pequenos desvios do estado liso.”

Devido ao princípio da incerteza, não haverá uma única história do universo capaz de conter vida inteligente. Na verdade, as histórias no tempo imaginário serão toda uma família de esferas ligeiramente deformadas, cada uma correspondendo a uma história no tempo real em que o universo é inflacionado por um longo tempo, mas não de

⁴¹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴¹⁸ *Ibid.*, p. 82.

⁴¹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴²⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴²¹ *Ibid.*, p. 83.

⁴²² *Ibid.*, *loc. cit.*

⁴²³ *Ibid.*, p. 88.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 92.

maneira indefinida. Podemos então nos perguntar qual dessas histórias admissíveis é a mais provável. Acontece que as histórias mais prováveis não são de todo lisas, mas apresentam pequenos altos e baixos. As ondulações nas histórias mais prováveis de fato são minúsculas. Os desvios da condição de lisura são da ordem de uma parte por cem mil. Não obstante, embora sejam extremamente pequenas, conseguimos observá-las como pequenas variações nas micro-ondas que nos chegam de diferentes direções no espaço.⁴²⁵

Em consonância com os estudos de Bohm⁴²⁶, Hawking⁴²⁷ encontra na relação entre o universo e a holografia, a forma que “codifica a informação em uma região do espaço sobre uma superfície com uma dimensão a menos”:

Parece ser uma propriedade da gravidade, tal como mostrado pelo fato de que a área do horizonte de eventos mede o número de estados internos de um buraco negro. Em um modelo de mundo-brana, a holografia seria uma correspondência biunívoca entre estado em nosso mundo quadridimensional e estados em dimensões mais elevadas. De um ponto de vista positivista, não se pode distinguir qual descrição é mais fundamental.⁴²⁸

O tempo imaginário é um conceito acessado através da matemática, portanto, não é mensurável através de qualidades da dimensão material do espaço-tempo real. Contudo, sugerem-se relações dentro dos conceitos simbólicos humanos, como histórias, narrativas e a própria noção de localização do espaço-tempo, porém, adequadas a um conjunto numérico perpendicular à matemática dos números reais. As consequências fenomenológicas e filosóficas são interpretações de funções intangíveis aos nossos meios de navegação no mundo. A matemática medeia esta noção, que sugere e refuta respostas para perguntas milenares: quando tudo começou? Quem somos nós? Onde estamos? Qual o fim? As conclusões e as verdades de tais soluções, mesmo quando restritas ao campo científico, varia de acordo com o jogo da refutação de teses sobre a realidade. A diferença entre as afirmações científicas e as religiosas demonstram a clara distinção dos métodos utilizados para avaliar as crenças sobre a natureza: enquanto a doutrina religiosa é incontestável e obedecida sem possibilidade de contra argumentar, a ciência dispõe de um método em que prevalece a impermanência do regime de verdade, que busca a evolução do pensamento com base em dados epistemológicos, coletados por meio da história de nossos descendentes. De forma ideal, a ciência assimila os conhecimentos sem excluir raça, religião, cultura ou tecnologias adotadas no momento em que o pesquisador realiza a investigação, pois a verdade é revolucionária:

⁴²⁵ *Ibid.*, loc. cit.

⁴²⁶ BOHM *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013.

⁴²⁷ *Ibid.*, p. 185.

⁴²⁸ *Ibid.*, loc. cit.

É a coisa mais revolucionária que existe - e não à toa se suspeita, se disputa, se suspende, se cancela a verdade. Não a verdade de mentira, mas a verdade que é contradição - e que, por isso, estilhaça tudo, para todas as direções [...] E não é maldição, que eu não creio em fantasia religiosa; mas talvez seja uma bênção: a verdade vai dragar vocês - e, infelizmente, nós outros juntos. Porque negar a verdade não a torna nem menor, nem mais fraca, nem menos verdadeira.⁴²⁹

Contudo, além de percebermos na ciência a formação cristalizada de matrizes das verdades sobre a vida, trata-se também de um campo de exclusão de diversas vozes, que, em grande escala, funciona à serviço dos dispositivos de poder. A polaridade entre as qualidades apresentadas pela ciência demonstra a necessidade de realizar ajustes na instituição deste método de formulação do saber: deve-se pensar na ciência como um espaço político, que precisa estar em sintonia com os demais meios de conhecimento, um campo onde todas as vozes encontram espaço para participar do jogo de refutações sobre as verdades postuladas pela ciência. Assim, cabe agradecer e adotar as teses do passado, sem as considerar permanentes, incontestáveis e imutáveis.

A visão científica, sob o princípio da refutabilidade, adota a constante revisão literária e experimental, opondo-se à doutrinação presente em religiões, que abordam uma literatura restrita, que, por sua vez, é decodificada da forma que desejar os poucos intérpretes aptos a tal fim, pois os demais apenas devem aceitar a palavra ditada. Na doutrinação, cabe a obediência servil, pois a desobediência é punida com violência. Seja a ciência ou a bruxaria, a fogueira foi oferecida para quem queria dizer que a vida era diferente do que a bíblia dizia. Fica muito claro que tanto a magia, a alquimia e a ciência são formas em constante mutação hereditária, enquanto a doutrinação religiosa aprisiona o pensamento num estado de plena aceitação de um discurso, ao lado da absoluta negação do contrário do que se crê como verdade catéxica. A ciência apresenta o perigo de se tornar doutrina para alguns pesquisadores, mas, em essência, obedece ao jogo da refutabilidade com base em dados experimentais reprodutíveis. Mesmo que, por este motivo, exclua a subjetividade da magia, a ciência é um campo do saber que nos liberta da verdade doutrinária da religião. Cabe a nós, não reproduzir a doutrinação nos métodos e afirmações científicas; e, na magia, encontrar uma fonte de saber ancestral e um método de aquisição de noções sobre a realidade em que navegamos. Fórmulas e receitas alquímicas não devem ser consideradas doutrinas, mas referências literárias para a reprodução técnica. Como a ciência, a magia está em constante evolução, mas encontra no passado uma ampla fonte de inspiração. Magia e ciência possuem muitas aproximações metodológicas, mas em muitos

⁴²⁹ DALVI, Maria Amélia. **A verdade é a coisa mais revolucionária que existe**. Vitória, 02 set. 2020. Facebook: Maria Amélia Dalvi.

aspectos diferem. Tanto pela institucionalidade hierárquica, como por um estranhamento sobre a interconexão entre o subjetivo e o universal.

A ciência desdenha dos saberes que ainda não consegue acessar através dos seus próprios métodos. Olhares atentos, contudo, podem não explicar a relação, mas percebem que há analogias entre a ciência, a magia e a religião. Por este motivo, é comum encontrar físicos, médicos e outros cientistas da natureza que vivem uma dupla prática de busca por conhecimento. Sobretudo, os que abordam as estranhezas do universo quântico. Por outro lado, aos que adotaram, como doutrina, a noção da materialidade científica com base nas leis de Newton, as afirmações de outros campos do saber, tornam-se risíveis e acusadas de charlatanismo.

Este discurso hegemônico de uma ciência materialista permanece em vigência e implanta programações neurológicas em diversas culturas. Confesso que percebo em mim, a estrutura da perspectiva de uma realidade materialista, ao passo que vivi experiências fora desta esfera física, as quais não posso alegar ignorância. Entretanto, ainda sou um prisioneiro das hegemônicas versões científicas sobre os fatos. É nelas, portanto, que busco desconstruir este modo de vida enraizado e reencontrar os caminhos da magia. Neste sentido, é preciso balancear os métodos ancestrais de busca do saber, sem os julgar risíveis ou verdades absolutas, para colher em cada olhar sobre a vida o que pode nos auxiliar na navegação no mundo. Pois, se uma doutrina é enraizada, outras possibilidades de expressão do ser são descartadas, enquanto a refutabilidade perene cria culturas provisórias, mas que deixa resíduos permanentes na história da navegação do observador.

Como um jardim, é função do jardineiro manter as culturas que lhe convém em constante cuidado. Se deixa para a natureza tomar conta, as influências diversas se encarregarão de cultivar o ecossistema corporal. Se não houver assistência, pragas podem dominar o ambiente e a vida pode não prosperar como se deseja. Da mesma forma, o fluxo pode florescer uma linda, densa e complexa floresta com o devido tempo de maturação. Para isso, contudo, o jardineiro precisa evitar o envenenamento do solo. Esta relação entre as culturas que se expressam no ecossistema de cada pessoa, afeta o entorno e por ele é afetado. É um jogo de relações em que se deve aceitar o que a natureza oferece e a potência estética que o observador pode aplicar à sua existência. As crenças são análogas à vegetação destas florestas: delas podem surgir uma ampla biodiversidade, a monocultura ou a desertificação. Abaixo do solo, as raízes realizam conexões rizomáticas, que estabelecem a expressão que irá brotar para além da fronteira entre a terra e o céu, como a pele, que separa o dentro e o fora do corpo humano.

...

Agora, resta compreender a noção de tempo através da subjetividade neurológica: como o nosso corpo processa a percepção do tempo? Nos humanos “normais”, a cronologia se faz presente dentro da dimensão do espaço-tempo, que transforma a dispersão espectral holográfica de informações cósmicas amórficas em padrões formais de experiências perceptivas, as quais nomeamos de realidade. Para compreender este processo de transformação biológico, desde o domínio espectral do padrão de interferências entre ondas para o aspecto espaço-tempo (e vice-versa), precisamos considerar “a importância do córtex em permitir o grão fino de sentimentos e expressões emocionais e motivacionais que nos permitem tecer tais episódios em uma narrativa complexa e criteriosa.”⁴³⁰ Os episódios de eventos e eventualidades experienciadas são uma forma de memória consciente. Esta “memória episódica é formada por processos desenvolvidos pelos gânglios da base límbica, como a amígdala, bem como pelo hipocampo e o córtex pré-frontal.”⁴³¹

Pribram explica que nosso fluxo de consciência, relativo à quantidade de atenção que podemos prestar, é restrito, mas sempre que o corpo percebe que a quantidade de incerteza é alta para responder à questão “o que é isso que se observa”, o corpo interrompe a experiência e comportamentos contínuos automatizados. Como, por exemplo, quando uma criança se joga na frente de um carro, a atenção da consciência é ativada para perceber o que é e o que fazer diante da novidade. Em um dos seus experimentos laboratoriais, Pribram⁴³² retirou a amígdala de macacos e observou que, após a secção lobectômica do cérebro, estes animais “não paravam de comer, beber, fugir, lutar ou montar em circunstâncias onde e quando os animais normais o fazem”: com amigdalectomia, desaparecem os limites de onde e quando, que definem uma sequência de experiências ou comportamentos antes de ocorrer uma mudança. São essas fronteiras que definem um episódio experienciado em animais normais, inclusive, humanos.

Os episódios são formados a partir da habituação de uma ocorrência repetida, pois, assim, “formamos uma representação que usamos como base para responder ou não responder e como respondemos.”⁴³³ A representação de evento familiar constitui um episódio, que é pontuado pela atenção para responder à questão: “o que é?” constitui “uma reação orientadora a um evento que inicia outro episódio até que outra reação orientadora interrompa esse episódio

⁴³⁰ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 248, tradução nossa.

⁴³¹ *Ibid.*, p. 329, tradução nossa.

⁴³² *Ibid.*, p. 246/247, tradução nossa.

⁴³³ *Ibid.*, p. 246, tradução nossa.

e dê início a um novo.”⁴³⁴ A narrativa é, então, tecida por um conjunto de episódios, que formam uma história complexa. Nesta perspectiva, Pribram⁴³⁵ sublinha que “a menos que um determinado episódio se torne parte de nossa ‘narrativa pessoal’, não conseguimos lembrar dele.”

Pribram⁴³⁶ observa que “os gânglios límbicos da base estão envolvidos na familiarização, no processamento de um estímulo assistido em um episódio, uma memória. O processo ativa uma reação visceral. Sem reação visceral, sem familiarização; sem episódio, sem memória.”

Normalmente, um evento novo (ou reforçador) produz uma reação visceral em grande parte por meio do sistema nervoso autônomo: uma resposta galvânica da pele devido a um leve aumento na sudorese; um breve aumento na frequência cardíaca; e uma mudança na frequência respiratória. Essas respostas se “habituaam”, indicando que o estímulo se tornou familiar: com a repetição do estímulo, as respostas atingem uma amplitude baixa de aumento e diminuição. O que nos surpreendeu é que, após a amigdalectomia, os novos estímulos não se habituaram; isto é, a novidade não se tornou familiar. Nenhuma representação, nenhum “modelo neuronal” foi formado.⁴³⁷

Junto com Bagshaw, Pribram⁴³⁸ explorou por duas décadas “os efeitos da remoção da amígdala em macacos sobre a reação de orientação e sua subsequente habituação.” Os experimentos de amigdalectomia revelaram também que o condicionamento pavloviano clássico é interrompido após a remoção da amígdala. Tais resultados mostraram que, nas condições experimentadas pela dupla de cientistas, “tanto a habituação quanto o condicionamento são dependentes da ativação das vísceras (órgãos ociosos, como intestino, coração e pulmões) do corpo e do sistema nervoso autônomo que controla essas vísceras. Sem envolvimento intestinal, sem habituação; isto é, sem familiarização.”⁴³⁹

A familiarização do hábito depende, portanto, da presença de uma amígdala intacta, capaz de processar as respostas viscerais e endócrinas: “a amígdala estava envolvida no processamento dos efeitos das respostas do corpo para que o novo padrão se tornasse familiar, uma parte da memória do sujeito, um ‘modelo neuronal’ da experiência.”⁴⁴⁰ A ausência do mecanismo biológico de habituação, devido a retirada da amígdala, resulta em animais que experimentam toda estimulação fisiológica como se fosse novidade. O desconhecido desencadeia respostas viscerais/ endócrinas, captura a atenção, interrompe um episódio de

⁴³⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴³⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴³⁶ *Ibid.*, p. 278/279, tradução nossa.

⁴³⁷ *Ibid.*, p. 238, tradução nossa.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 237, tradução nossa.

⁴³⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁴⁰ *Ibid.*, p. 245, tradução nossa.

processos em andamento, alerta a vigília do observador para identificar o novo fenômeno observado; somente após este processamento complexo do sistema, o corpo relaciona a novidade com as memórias anteriores para produzir diferentes reações no futuro, diante da repetição do estímulo que é progressivamente familiarizado. Neste sentido, o exercício de atenção plena a uma observável recorrente, por sua vez, refina a identificação do elemento observado, agregando mais detalhes e diferenciações.

Os estímulos de uma novidade interrompem o comportamento contínuo e produzem um aumento na quantidade incerteza. Por este motivo, algumas das reações mais comuns ao desconhecido são excitação, interesse, abordagem, evitação e pânico. Deste modo, o processamento fisiológico realizado pelo corpo para decifrar “o que é isso?” ocorre quando um evento experimentado é considerado novo para um animal com a amígdala intacta, pois as respostas viscerais e endócrinas reduzem através da repetição do evento, que nos conduz à familiarização. Porém, como relatado nos experimentos de amigdalectomia de macacos, esta fronteira entre a novidade e a habituação pode ser apagada, apresentando o observador com a sensação constante de navegar num mundo permanentemente novo e desconhecido.

Experimentalmente a novidade é algo bem diferente. Durante o início da década de 1970, G. Smets, na Universidade de Leuven, realizou um experimento definitivo que demonstrou a diferença entre informação (no sentido de Shannon) e novidade. Smets apresentou à humanos um painel no qual ele mostrava uma variedade de caracteres considerados difíceis de serem diferenciados. As exposições diferiam no número de itens ou na organização dos itens. Os sujeitos apenas precisavam observar quando ocorria uma mudança na tela. Smets mediu as respostas viscerais dos sujeitos humanos da mesma forma que fizemos em nossos estudos com macacos. Mudar o número de itens na tela - exigindo uma mudança na quantidade de informações a serem processadas, nos termos de Shannon - dificilmente produzia qualquer mudança nas respostas viscerais. Em contraste, mudar o arranjo dos itens em novas configurações (sem mudar o número ou os próprios itens) evocou reações viscerais pronunciadas.⁴⁴¹

Nesta perspectiva, Smets e Pribram⁴⁴² demonstram, através de distintos experimentos científicos, que a novidade produz respostas viscerais e aumenta a quantidade de incerteza, sentidas como “uma mudança no padrão, uma mudança na configuração, uma mudança do familiar.” Fundamentais para a habituação, os processamentos viscerais e endócrinos estabelecem uma representação do evento vivido, ou seja, forma uma memória.

Por meio de estimulação elétrica da amígdala de animais e pessoas, Pribram⁴⁴³ constatou que a produção das reações ocorre em ordem crescente, relativa à quantidade de estimulação,

⁴⁴¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁴² *Ibid.*, p. 245/246, tradução nossa.

⁴⁴³ *Ibid.*, p. 251, tradução nossa.

aplicada aleatoriamente durante os experimentos. A depender da descarga elétrica, segundo o experimentador, as reações variam entre: “a) interesse momentâneo a prolongado; b) aproximações coespecíficas como em montagem sexual ou flerte; c) afastamento do meio ambiente; e d) explosões de pânico que podem levar a um ataque, denominado ‘fúria fictícia’.”⁴⁴⁴ Baseado nestes dados experimentais, o autor conclui que, “embora o processamento do conteúdo de um episódio (o familiar) seja altamente específico, a resposta gerada varia ao longo de uma dimensão intensiva que vai do interesse ao pânico e raiva.”⁴⁴⁵ Outra descoberta, presente nas investigações da função da amígdala, resultou na compreensão de Pribram⁴⁴⁶ sobre a diferença entre a noção de “informação”, definida por Shannon como a redução da incerteza, e “novidade”, que consiste no potencial para aumento da incerteza:

processar a novidade de nossa experiência é uma mudança no que se tornou familiar; a novidade refina o familiar. A novidade produz um aumento na complexidade do processamento de nossa experiência - novidade não é um processo de aquisição de informações no sentido da redução de incerteza de Shannon. A novidade é uma função da quantidade de estrutura em redundância, de recorrências, de repetições.⁴⁴⁷

Na cartografia cerebral humana, “a parte inferior (orbital) de nosso córtex pré-frontal está densamente conectada com a amígdala no lobo temporal.”⁴⁴⁸ Diante da função fundamental desempenhada pela amígdala para realizar o processamento da novidade e familiarização, uma conclusão subsequente é que este sistema frontal estenda a pergunta “o que é isso?” para “o que fazer?”: “o que fazemos em uma situação nova depende de quão familiarizados nós estamos com a situação que fornece o contexto no qual estamos processando a novidade.”⁴⁴⁹

O quê, como e quando da função do córtex pré-frontal constituem seu papel como processador executivo do cérebro. O comportamento reflexo não precisa de controle executivo, nem o comportamento automático: como disse Sherrington: “Quanto mais reflexo o comportamento, menos a mente o acompanha.” Prestar atenção, determinar nossas atitudes, prestar atenção às informações sensoriais, planejar uma ação ou pensar por meio de uma variedade de processos baseados na memória compactada, recruta a atividade do lobo frontal. As decisões executivas buscam propriedades com base na familiaridade; decide o que é prático multiplicando o que está disponível; e atribui prioridades com base nas possibilidades atuais. Em suma, o córtex pré-frontal nos ajuda a organizar as complexidades que enriquecem nossas ações e nossas vidas. Muito civilizado.⁴⁵⁰

⁴⁴⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁴⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁴⁶ *Ibid.*, p. 405, tradução nossa.

⁴⁴⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁴⁸ *Ibid.*, p. 295, tradução nossa.

⁴⁴⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁵⁰ *Ibid.*, p. 303, tradução nossa.

Pouco se sabe sobre o gânglio basal médio, o globo pálido, mas nota-se que “o mau funcionamento do gânglio basal médio foi considerado responsável pela síndrome de *Tourette*, a ocorrência de tiques que são explosões repentinas de movimentos incontrolláveis ou atos de fala, muitas vezes exclamações de obscenidades.”⁴⁵¹ Esta evidência clínica, segundo Pribram⁴⁵², sugere que o gânglio basal médio, quando funciona de modo normal, “medeia, em um nível primitivo, a relação entre um desligamento emocional e uma tentativa de ‘entrar em relação prática com o ambiente motivado’.” Tal mediação é fornecida em um nível superior, com maior participação cortical, pelo processamento hipocampal. Nesta perspectiva, considera que seus experimentos, bem como os de outros laboratórios, demonstram “que a atividade do hipocampo realiza uma mediação eficiente entre emoções e motivações, processando o episódio, o contexto, o familiar dentro do qual está ocorrendo o comportamento assistido.”⁴⁵³

Outro relevante fator neurológico, descoberto com base em experimentos relativos à amígdala e ao hipocampo, revela “que episódios de nossa experiência aparentemente precedem os eventos que constituem o episódio.”⁴⁵⁴ A palavra “evento” tem origem no latim, *ex-venire*, traduzida para o inglês como *out-come*, que se aproxima em português do significado “fora-vir”, ou seja, sair. “Portanto, os eventos são saídas de um episódio vivido, as saídas de, as consequências de um ato! Os eventos não acontecem simplesmente - eles são ‘eventualidades’.”⁴⁵⁵

[...] a observação de que, quando navegamos em nosso mundo, o que rodeia o alvo de nossa navegação é tão importante quanto o próprio alvo. Quando passo por uma abertura na parede (uma porta), não estou ciente da parede - a menos que haja um terremoto. Estou familiarizado com a maneira como os quartos são construídos e, em circunstâncias normais, não preciso prestar atenção, não preciso atender ao que é familiar. O exemplo do terremoto mostra, entretanto, que quando as circunstâncias reorganizam as paredes, a “representação” das paredes, a memória, o familiar está lá o tempo todo. Os experimentos que realizamos em meu laboratório mostraram que o hipocampo está criticamente envolvido no “armazenamento” dessa representação familiar.⁴⁵⁶

Segundo Pribram⁴⁵⁷, existem dois tipos de ritmos elétricos que podem ser registrados no hipocampo tanto para o caso dos primatas, onde tal distinção não é óbvia, como para espécies não primatas: “um tipo de ritmo ocorre quando o animal alerta para um novo estímulo; a outra ocorre quando o animal explora seu ambiente.” Neste sentido, sugere que, quando alertamos

⁴⁵¹ *Ibid.*, p. 248, tradução nossa.

⁴⁵² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁵³ *Ibid.*, p. 248, tradução nossa.

⁴⁵⁴ *Ibid.*, p. 355, tradução nossa.

⁴⁵⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁵⁶ *Ibid.*, p. 266, tradução nossa.

⁴⁵⁷ *Ibid.*, p. 273, tradução nossa.

para a novidade (a experiência “o que é isso?”), codificamos esse evento em uma representação holográfica. Mas, quando alcançamos a fase “o que fazer?”, envolvemos os ritmos do hipocampo que são ativados quando exploramos o ambiente. “Em suma, o processo de ‘parada’ cria uma representação semelhante à holográfica; por sua vez, o processo de ‘ir’ transforma essa representação em uma prontidão para se envolver em relações práticas de espaço-tempo ao navegar em nosso mundo.”⁴⁵⁸

A atividade do hipocampo proporciona eficiência ao nosso processamento de emoção e motivação. Isso é realizado eliminando a atenção ao que é repetidamente encontrado. O processamento se torna automático (inconsciente). Isso envolve a codificação de uma estrutura hierárquica de redundância. Assim, as atitudes incorporam complexidade; as atitudes incorporam os processos que incorporam os códigos. Desse modo, o processamento do hipocampo reúne de maneira eficiente a resposta à novidade, o processo emocional de “parada”, com o “entrar em relações práticas com o mundo em que navegamos”, o processo motivacional de “ir”. Em suma, a atividade hipocampal determina automaticamente os códigos que formam nossas atitudes enquanto navegamos em nosso mundo.⁴⁵⁹

Por meio de um caso clínico, relatado por De Chuck Ahern, de um cliente com agenesia (falta de desenvolvimento) do corpo caloso (grandes fibras nervosas que conectam os hemisférios do cérebro), somado a um cisto da linha média desde o nascimento, Pribram analisa como ocorrem os processamentos dos episódios experienciados pelo observador. Dois procedimentos cirúrgicos foram realizados para drenar o cisto logo nos seis primeiros meses de vida. Anos mais tarde, uma imagem de ressonância magnética mostrou um aumento considerável dos cornos frontais do ventrículo lateral, sendo que o lado direito estava um pouco mais pronunciado. Além disso, “a parte orbital dos lobos frontais parecia encolhida, assim como a superfície medial do pólo temporal.”⁴⁶⁰ Diante destes fatores fisiológicos, TJ perdeu a capacidade de processar episódios de experiências. Este caso real de desenvolvimento cerebral anormal, traduz como funciona a condição humana de construir narrativas a partir das ocorrências vividas.

Quando TJ voltou de uma viagem às Bahamas, ele se lembrou de que estivera naquela viagem; no entanto, os detalhes que ele poderia contar sobre a viagem eram menos de cinco. Suas estimativas de quanto tempo havia passado desde sua viagem eram típicas, pois eram imprecisas e extremamente inconsistentes em repetidas tentativas. Além disso, nas primeiras cinco vezes de volta às aulas particulares, ele afirmou que não as fazia desde sua viagem.⁴⁶¹

⁴⁵⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁵⁹ *Ibid.*, p. 279, tradução nossa.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 435, tradução nossa.

⁴⁶¹ AHERN, Chuck *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 435, tradução nossa.

A partir deste e outros relatos, TJ aparenta ser incapaz de colocar em sequência os poucos eventos passados que consegue lembrar. Contudo, é capaz de “responder às perguntas corretamente com base em sua aplicação de conhecimentos gerais sobre desenvolvimento, por exemplo, ele sabe que era um bebê antes de poder falar porque ‘todo mundo começa como um bebê’.”⁴⁶² Por outro lado, certa vez, TJ perguntou ao seu tutor se ele o conhecia quando era criança, situação que De Chuck Ahern considerou indicativa “de sua incompreensão da duração de cada um desses períodos de desenvolvimento e sua ignorância de quais eventos constituíram tal período para ele.”⁴⁶³ Portanto, apesar de estar consciente que eventos aconteceram como ele no passado, TJ não consegue se lembrar de tais acontecimentos.

Além disso, TJ parece não ter capacidade para quantificar a passagem da duração de uma experiência [o que Henri Bergson (1922-1965) chamou de *durée*] e nenhuma apreciação experiencial do significado das unidades da duração de um episódio. Por exemplo, alguns minutos após o início da tutoria, ele não consegue dizer - mesmo remotamente - quanto tempo se passou desde o início da sessão. Ele é capaz de responder a essa pergunta em anos ou minutos. Ele sempre usa um dos sete termos de quantificação de tempo (segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses ou anos) quando solicitado a estimar a duração de um episódio, mas os usa aleatoriamente. Ele pode colocar esses termos em ordem, mas não tem nenhum senso de seu significado ou de suas relações numéricas entre si.⁴⁶⁴

Já os eventos futuros, fazem parte da fala espontânea de TJ, em que expressa o desejo de dirigir um automóvel, namorar, ou mesmo, representar a própria velhice e morte. TJ é também capaz de se entusiasmar com o futuro imediato, mas não sabe quando ocorrerá.

No mesmo dia em que estava indo para as Bahamas, ele estava muito animado e exclamava repetidamente: “Estou indo para as Bahamas.” Mas quando seu tutor perguntou quando, ele disse inexpressivamente: “Eu não sei.” Ele também demonstrou grande expectativa quando um dia viu um helicóptero se preparando para decolar do hospital. Os motores do helicóptero aceleraram aproximadamente 13 minutos antes de decolar e TJ se tornou cada vez mais vocal e motoricamente ativo, rindo enquanto repetia “Quando ele vai decolar?” Ele também antecipa punições futuras quando for “mau”.⁴⁶⁵

Com base nestas demonstrações verbais relacionadas à viagem às Bahamas, ou à decolagem do helicóptero, Chuck Ahern⁴⁶⁶ observa que TJ “está ciente, em algum nível, do futuro imediato.” Sobretudo, porque há uma pergunta constante, que TJ sempre direciona a sua mãe no final de cada atividade: “o que vem a seguir?”⁴⁶⁷

⁴⁶² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁶³ *Ibid.*, p. 436, tradução nossa.

⁴⁶⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁶⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁶⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Apesar de TJ não conseguir avaliar a duração de uma experiência, em uma variedade de ocasiões, ele demonstrou a habilidade de perceber o ritmo de um acontecimento, além de apresentar, ao menos, um senso básico de sequenciamento. Desta forma, TJ é capaz de comparar a velocidade de duas pessoas ao andar ou desenhar, além de conseguir alternar, com outra pessoa, a vez de dar uma volta, e perceber quando ocorrem interrupções em sua programação de tutoria: “Cada uma das quatro vezes em que essa programação foi interrompida, ele correu para encontrar seu tutor quando se aproximou, em vez de esperar lá dentro, como costuma fazer. Além disso, nessas ocasiões, ele costumava perguntar se seu tutor sentia falta dele.”⁴⁶⁸ Porém, TJ é incapaz de quantificar o período que passou desde a última sessão, e não há evidências de que estava consciente que tinha transcorrido mais tempo do que o normal. Outro fenômeno interessante da percepção de TJ é que, de alguma forma, ele parece usar corretamente termos como “em breve” e “rápido”, mas sem qualquer apreciação experiencial deles. “Por exemplo, quando ele queria fazer um desenho no início de uma sessão e seu tutor disse que precisávamos começar a trabalhar, ele rebateu ‘isso vai ser rápido’. Sem surpresa, ele terminou seu desenho em seu ritmo normal.”⁴⁶⁹

O caso de TJ destaca uma importante dimensão da estrutura do “Eu” em navegação no universo do espaço-tempo real, composta a fim de narrar “episódios significativos de duração circunscrita da nossa experiência. Sem essa narrativa, os eventos que constituem a experiência deixam de se tornar relevantes e avaliados a respeito de um eu autobiográfico, um ‘eu’ narrativo.”⁴⁷⁰

Pribram⁴⁷¹ observa que “a localização de um organismo em movimento é sempre no espaço-tempo.” Esta dimensão locacional envolve, não apenas o tempo do relógio, nomeado pelos gregos como *Chronos*: o tempo cronológico (o que se mede, de natureza quantitativa), na história filosófica da ciência física, abandona a perspectiva de Newton, que a considera um fator constante, para adotar os postulados de Einstein, que passam a compreender o tempo como uma variável, correspondente ao espaço, à energia e à matéria. Além da cronologia do tempo real, há também, como descrito por Hawking, o tempo imaginário, que é perpendicular ao tempo real teorizado por Newton e Einstein. À tais abordagens sobre a noção temporal, os gregos antigos acrescentam a ideia de *Kairós*, que possui natureza qualitativa, uma vez que

⁴⁶⁸ *Ibid.*, p. 436/437, tradução nossa.

⁴⁶⁹ *Ibid.*, p. 437, tradução nossa.

⁴⁷⁰ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 437, tradução nossa.

⁴⁷¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

expressa a experiência do momento oportuno, portanto, sem marcadores quantitativos determinados no espaço-tempo, como ocorre na cronologia.

O tempo de Kairos é fazer a coisa certa no momento certo: ele é o deus do momento auspicioso, que no mito grego também pode se revelar fatal. Ele não faz nada por nós; ele nos desafia a tomar uma decisão. Em alguns relevos antigos, cópias das estátuas de Lysippus, Kairos é representado equilibrando a lâmina de uma faca na ponta de seus dedos. A metade da frente de sua cabeça é coberta por longos cachos ondulados; a parte de trás é careca. Uma vez que Kairos tenha passado, é tarde demais. Pode-se ainda ser capaz de recuperar o momento único por trás, mas a partir desta posição, não é mais possível agarrá-lo. Quando surge uma oportunidade, é preciso reconhecê-la como auspiciosa e aproveitá-la.⁴⁷²

Portanto, narrar envolve muito mais formas de tempo do que apenas a nossa experiência de duração. Outra forma de tempo destacada por Pribram⁴⁷³ consiste no “pensamento proléptico”, cunhado por Robert Graves, no livro *The White Goddess*:

[...] não é exagero dizer que todas as descobertas e invenções originais e composições musicais e poéticas são o resultado do pensamento proléptico - a antecipação, por meio de uma suspensão do tempo, de um resultado que não poderia ter sido alcançado por raciocínio indutivo - e do que pode ser chamado de pensamento analéptico, a recuperação de eventos perdidos pela mesma suspensão.⁴⁷⁴

Nesta perspectiva, Pribram⁴⁷⁵ observa que “nós existimos em dois mundos muito diferentes: um mundo espaço-tempo em que navegamos e um mundo narrativo em que habitamos.”

O caso de TJ revela ainda que, “embora tenha sofrido uma deficiência cerebral antes do nascimento, ele podia aprender a ler e se comunicar. Portanto, a organização do nosso ‘Eu Objetivo’ não depende de nossa capacidade de processar os episódios que constituem o nosso eu narrativo.”⁴⁷⁶ Outro ponto de especial destaque é que TJ, “apesar dos danos devastadores em seus lobos medial frontal e temporal, que o deixaram com muito pouco do que costumamos chamar de sistema ‘límbico’, essencialmente ele permaneceu emocional e motivacionalmente intacto”⁴⁷⁷:

Ele pode expressar “preocupações” e “interesses”; seus apetites são normais, assim como seus processos de saciedade. Portanto, a teoria de Walter Cannon de Harvard,

⁴⁷² ZIELINSKI, Ziegfried. **Deep time of the media**: toward an archeology of hearing and seeing by technical means, Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 2006, p. 30, tradução nossa.

⁴⁷³ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 426, tradução nossa.

⁴⁷⁴ GRAVES, Robert *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 426, tradução nossa.

⁴⁷⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 437.

⁴⁷⁶ *Ibid.*, p. 438, tradução nossa.

⁴⁷⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

com base em seus resultados experimentais obtidos nas décadas de 1920 e 1930, está provavelmente correta: o tálamo e o hipotálamo (e até mesmo o tronco cerebral) são mais essenciais para a dimensão intensa da experiência e expressão emocional do que as partes límbicas de nosso prosencéfalo. A amígdala límbica e os gânglios basais superiores não límbicos, assim como o sistema hipocampal, modulam os processos talâmico, hipotalâmico e do tronco cerebral. Por sua vez, o córtex pré-frontal torna possível formular com mais precisão esses aspectos narrativos de nossa experiência consciente.⁴⁷⁸

Neste sentido, em nosso modo de navegação no universo do espaço-tempo, lidamos com a localização da integridade da configuração do nosso corpo como um “Eu” objetivo. Contudo, a experiência do “Transtorno de Identidade e Integridade Corporal” (TIIC) evidencia fissuras na relação entre o Eu e o corpo. Ainda hoje, as pessoas acometidas com esta condição lutam para conquistar seu espaço na lista de CID’s e, com isso, adquirir o direito de amputar um membro saudável, mas que não se reconhece como parte de si mesmo. Devido à ilegalidade de tal ação, os métodos clandestinos de amputação envolvem riscos à vida de quem convive com uma parte do corpo lida como parasitária e, por vezes, independente. A condição se expressa de diversas formas, há quem tenha controle consciente sobre o membro ou não.

Pribram⁴⁷⁹ relata o caso da Sra. C, que portava um braço capaz de realizar ações independentes de sua consciência, como tomar uma xícara de café e só perceber que a esvaziou quando der atenção ao ato de buscar a bebida com a mão que sente ser sua. Ela relata como o processo foi iniciado em seu caso: segundo o diagnóstico médico, por um acidente cardiovascular (AVC). Os sintomas foram iniciados com uma dor de cabeça intensa na têmpora esquerda e relata que sentiu o braço esquerdo de uma forma engraçada, mas se sentia bem e não havia notado qualquer diferença sobre sua integridade corporal. Os sintomas se repetiram e agravaram no dia seguinte. Contudo, após alguns dias, Sra. C começa a sentir coisas estranhas acontecendo com ela, ao lado de uma insensibilidade emocional. Catorze dias depois do primeiro sintoma, ainda internada, ficou extremamente tonta, desorientada, mal conseguia falar, e relata que todo o seu ser parecia entrar numa nova dimensão. Em sua percepção, a sala se inclinava para esquerda e a cadeira de rodas escorregou do chão. Sentia que estava caindo da cadeira. Apenas quando seu lado esquerdo era aproximado de uma parede ou longe de qualquer estímulo, tal distúrbio fenomenológico desaparecia gradualmente. Assim, qualquer estímulo no seu lado esquerdo ou movimento repetitivo com o braço esquerdo causava uma perturbação no relacionamento da Sra. C com ambiente em que navegava. Durante esse período, a mão esquerda se contraía e o braço se encosta no corpo, além da sensação de que aquele membro

⁴⁷⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁷⁹ *Ibid.*, p. 433/434, tradução nossa.

não pertencia a seu corpo. Contudo, somente depois de voltar para a escola, notou que não tinha sensações físicas internas. O braço esquerdo adotou uma identidade própria, com personalidade e autonomia, fora do controle consciente. Como relata a própria Sra. C:

Eu chamo esse braço de Alice - Alice não mora mais aqui - o braço que eu não gosto. Não se parece com meu braço e não sinto como meu braço. Acho que é feio e gostaria que fosse embora. Sempre que algo dá errado, eu bato e digo: “Alice má” ou “É culpa da Alice”. Nunca sei o que está fazendo ou onde está no espaço, a menos que esteja olhando para ele. Posso usá-lo, mas nunca o faço conscientemente porque não tenho consciência de ter um braço esquerdo. Eu não negligencio meu lado esquerdo, apenas Alice. Faça o que fizer, ele faz por conta própria e, na maioria das vezes, eu não sei o que está fazendo. Vou fazer o dever de casa e depois vou tomar um gole de café. O copo estará vazio. Eu estava bebendo café com aquela mão e não sabia. Mesmo assim, tenho aulas de violão clássico. Não sinto as cordas ou as fricções. Não sei onde estão meus dedos nem o que estão fazendo, mas ainda assim, eu toco.⁴⁸⁰

A Sra. C. forneceu um excelente exemplo de uma incapacidade de chamar o próprio braço à consciência após um derrame no lobo parietal direito da parte posterior do cérebro. Porém, esta relação entre um membro sem reconhecimento como parte da integridade do corpo de um Eu objetivo, possui ampla variação, nem sempre é relatada em decorrência de um AVC ou conforme os sintomas apresentados pela Sra. C. Este caso fatídico, porém, além de detalhar a relação particular entre a Sra. C, Alice e o mundo, demonstra um processo de desenvolvimento da condição do TIIC assistido por médicos e neurologistas.

...

A “visão-cega” é um termo cunhado por Lawrence Weiskrantz, para descrever a forma de navegação de pacientes com lesão do lobo occipital. Nos experimentos realizados por Weiskrantz, “esses pacientes eram capazes de navegar em seu mundo, mas não conseguiram ‘ver’ o que estavam navegando.”⁴⁸¹

Os pacientes com visão-cega não veem metade do mundo que está à sua frente. A metade cega está do lado oposto ao lado onde está localizada a lesão cerebral: por exemplo, se a lesão for do lado direito, eles não enxergam o lado esquerdo do que está à sua frente. Quando mostrado um objeto como uma caixa ou uma bola, eles não podem ver o objeto. Mas quando solicitados a adivinhar se há um objeto na frente deles e se o objeto é uma caixa ou uma bola, eles acertam em cerca de 80% a 90% das tentativas. Quando esta tarefa e outras semelhantes são repetidas, e os pacientes são questionados sobre como eles conseguiram adivinhar tão bem, eles são incapazes de dar uma resposta.⁴⁸²

⁴⁸⁰ *Ibid.*, p. 434, tradução nossa.

⁴⁸¹ *Ibid.*, p. 431, tradução nossa.

⁴⁸² *Ibid.*, p. 432, tradução nossa.

Já no vídeo de Conrad Weiskrantz⁴⁸³, realizado em 1989, no qual filma o experimento em que uma pessoa com visão-cega mimetiza através do movimento dos braços, os caminhos e direções de uma luz laser em movimento numa tela branca. Um dos destaques no experimento é que, apesar de acertar praticamente todos os movimentos realizados pela luz, quando esta se movia lentamente, o estímulo não era percebido. Quando questionado sobre a experiência que teve que o levou a mover o braço, o paciente responde: “Eu apenas sei que alguma coisa está se mexendo ao lado direito.”⁴⁸⁴ Mas quando questionado se é possível descrever esta sensação, ele nega: “Não, é como se algumas coisas, alguns movimentos estivessem lá [...] Eu não vi nada [...] Eu só estava consciente que tinha um objeto em movimento.”⁴⁸⁵ Porém, não era capaz de descrever o objeto.

Sua não resposta a estímulos de movimento lento levou a um estudo adicional no qual ele demonstrou ter excelente discriminação para a direção de movimentos lentos na completa ausência de consciência reconhecida (cf. Weiskrantz, Barbur e Sahraie, Proc. Natl. Acad. Sci., 1995, 92: 6122-6126), e isso por sua vez levou a um estudo de imagem cerebral adicional revelando uma área do cérebro associada com consciência ou sua ausência para estímulos de movimento rápido vs. lento (Sahraie, Weiskrantz, Barbur, Simmons, Williams e Brammer, Proc. Natl. Acad. Sci., 1997, 94: 9406-9411.).⁴⁸⁶

Antes dos experimentos de Weiskrantz, Pribram⁴⁸⁷ “pensava que nossos lobos frontais eram as partes críticas do cérebro que tornavam a consciência humana possível.” Contudo, ao observar pacientes que perdem a consciência com lesões na extremidade oposta do cérebro, Pribram⁴⁸⁸ percebeu que “os sistemas frontais são invocados quando a estimativa e a avaliação de uma situação exigem atenção dirigida.” Assim, a visão cega trata de monitorar a navegação no mundo, não de a avaliar.

Por meio das evidências clínicas apresentadas pela Sra. C, TJ e pacientes com visão cega, é revelado um navegador oculto, que atua sem que a consciência acesse o fenômeno através da experiência sensível. Outros casos que demonstram a capacidade de navegar inconscientemente após uma lesão cerebral, são relatados como uma espécie de cegueira da mente que torna o paciente incapaz de “ler” conscientemente os gestos não-verbais dos outros, mas pode se comunicar bem verbalmente; ou uma deficiência oposta: na qual não se consegue

⁴⁸³ WEISKRANTZ, Conrad. **Blindsight experiment – 1989**. Vídeo (4 min e 29 seg). GY, 1989, tradução nossa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wDt_Txi7pC0. Acesso em: 22 dez. 2020.

⁴⁸⁴ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa.

⁴⁸⁵ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa.

⁴⁸⁶ WEISKRANTZ, Conrad. **Blindsight experiment – 1989**. Website. Youtube, 2013, tradução nossa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wDt_Txi7pC0. Acesso em: 22 dez. 2020.

⁴⁸⁷ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 431, tradução nossa.

⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 432, tradução nossa.

mais “ler” sua própria linguagem corporal, o que causa, por exemplo, o ato de se empanturrar, sem sentir fome. Para Pribram⁴⁸⁹ “todas essas instâncias se encaixam no conceito geral de que usamos pelo menos dois tipos de processos conscientes para navegar em nosso mundo. Um tipo monitora nossa navegação, o outro avalia o monitoramento e direciona nossa atenção para onde é necessário.” Portanto, a incapacidade do piloto de estar consciente de como navega, mesmo diante da presença de habilidades de navegação razoáveis, ocorre em diversas categorias cartográficas do cérebro:

Uma, das quais a visão cega e a falta de consciência corporal são exemplos, é produzida por lesões nas partes posteriores do cérebro. O segundo tipo de deficiência decorre de lesões nas partes fronto-límbicas do cérebro. Essas lesões podem resultar na perda da sensação de fome e sede, bem como na familiarização.⁴⁹⁰

Com base em observações experimentais em sujeitos hipnotizados, Jack Hilgard descreveu o fenômeno neurológico de monitoramento, como um “observador oculto”, que “participa mesmo quando o sujeito não tem consciência do que está motivando seu próprio comportamento. É como se o sujeito hipnotizado soubesse, de alguma forma, que o que guia seu comportamento é diferente de sua experiência comum.”⁴⁹¹ Nesta perspectiva, a interpretação de Pribram⁴⁹² sobre a relação entre o processamento consciente e inconsciente difere da teoria de Freud: “essas observações me levaram a sugerir uma modificação da imagem que Freud apresentou de ‘níveis’ onde ‘desejos inconscientes’ são suprimidos e reprimidos.”

Através de suas pesquisas, Pribram estabelece a diferença entre um “eu objetivo” e o “eu narrativo”. Enquanto o eu narrativo depende do encadeamento de episódios numa história, o eu objetivo, como demonstrou o caso de TJ, opera sem a necessidade de processar narrativas episódicas. Já o caso da Sra. C demonstrou que um eu objetivo pode ignorar uma parte do próprio corpo e operar sem que a consciência precise atentar, pilotar, avaliar ou escolher, o ato a realizar, como beber café com o braço que não considera o seu. Por este motivo, a Sra. C o nomeia de Alice, a fim de assimilar a condição de conviver com outra habitante em seu corpo, justamente, em terceira pessoa. Este é um fenômeno interessante, pois envolve todo o sistema gastrointestinal, junto com experiência do paladar, do tato e de temperatura, que ocorrem de modo inconsciente, causando-lhe surpresa quando decide usar a única mão que considera parte de si, mas percebe que a xícara está vazia, pois Alice decidiu e agiu para tomar toda a bebida. Da mesma forma, a visão cega demonstra que o eu objetivo pode perceber o movimento de um

⁴⁸⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 440/441, tradução nossa.

⁴⁹² *Ibid.*, p. 441, tradução nossa.

objeto a sua frente, sem produzir qualquer imagem mental, pois parte da relação subjetiva com a visão aloccêntrica permanece intacta, mesmo com a perda da capacidade de ver o mundo em que navega.

O eu narrativo utiliza a linguagem como meio de “otimização do caminho” para contar dhistórias.⁴⁹³ Este é o aspecto aloccêntrico do processamento consciente, centrado no “Outro” semântico, em complemento ao “Eu” egocêntrico. Esta é uma função do hemisfério esquerdo na maioria das culturas, enquanto o hemisfério direito agrega episódios, entrelaçando-os de uma forma mais sutil.⁴⁹⁴ Nesta combinação de operações cerebrais específicas e localizadas no espaço-tempo, observadas por meio de técnicas de imagem cerebral e gravações de microelétrodos das respostas de células cerebrais individuais, uma cartografia neurológica é observada, na qual diferentes partes do cérebro são ativadas a depender da operação em andamento.

Assim como o “Eu narrativo” é processado principalmente por um hemisfério - a parte frontal do hemisfério esquerdo - o mesmo acontece com “o eu objetivo” - como exemplificado por pessoas com lesão cerebral, “cega” e “Alice não vive mais aqui” - envolvem principalmente um hemisfério, a parte posterior do hemisfério direito. O que faz a parte correspondente, a parte posterior do hemisfério esquerdo do cérebro? Ele habilita os aspectos semânticos e de dicionário da linguagem e os conceitos nos quais as línguas são baseadas. Os conceitos, quando desprovidos de sua complexidade, finalmente se resumem em “apontar” o que está sendo falado. Rossler chamou esse aspecto da dinâmica de um processo complexo como a linguagem de “otimizador direcional”.⁴⁹⁵

Paradoxalmente, vivenciamos o “Eu Narrativo” em terceira pessoa, enquanto o “Eu objetivo” é experimentado em primeira pessoa, afinal, é o “meu” braço que coça a picada do mosquito, sem que eu comande. “Além disso, nossa ‘visão’ aloccêntrica também é experimentada no modo de primeira pessoa; uma pessoa com visão cega perdeu parte de sua capacidade de vivenciar subjetivamente, de ‘ver’ o mundo em que navega.”⁴⁹⁶

Outro ponto paradoxal revela que a “imitação” e o “outro” são vividos em primeira pessoa por meio dos processos de empatia e observação de uma ação realizada pela alteridade: o Eu imita os outros e compartilha sua alegria ou sofrimento, exceto no caso dos psicopatas, que são incapazes de sentir empatia, pois esta região cerebral não responde aos estímulos como nos demais humanos considerados normais. A psicopatia, porém, é um espectro e o grau que se

⁴⁹³ ROSSLER, Otto *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 431, tradução nossa.

⁴⁹⁴ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 439, tradução nossa.

⁴⁹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁴⁹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

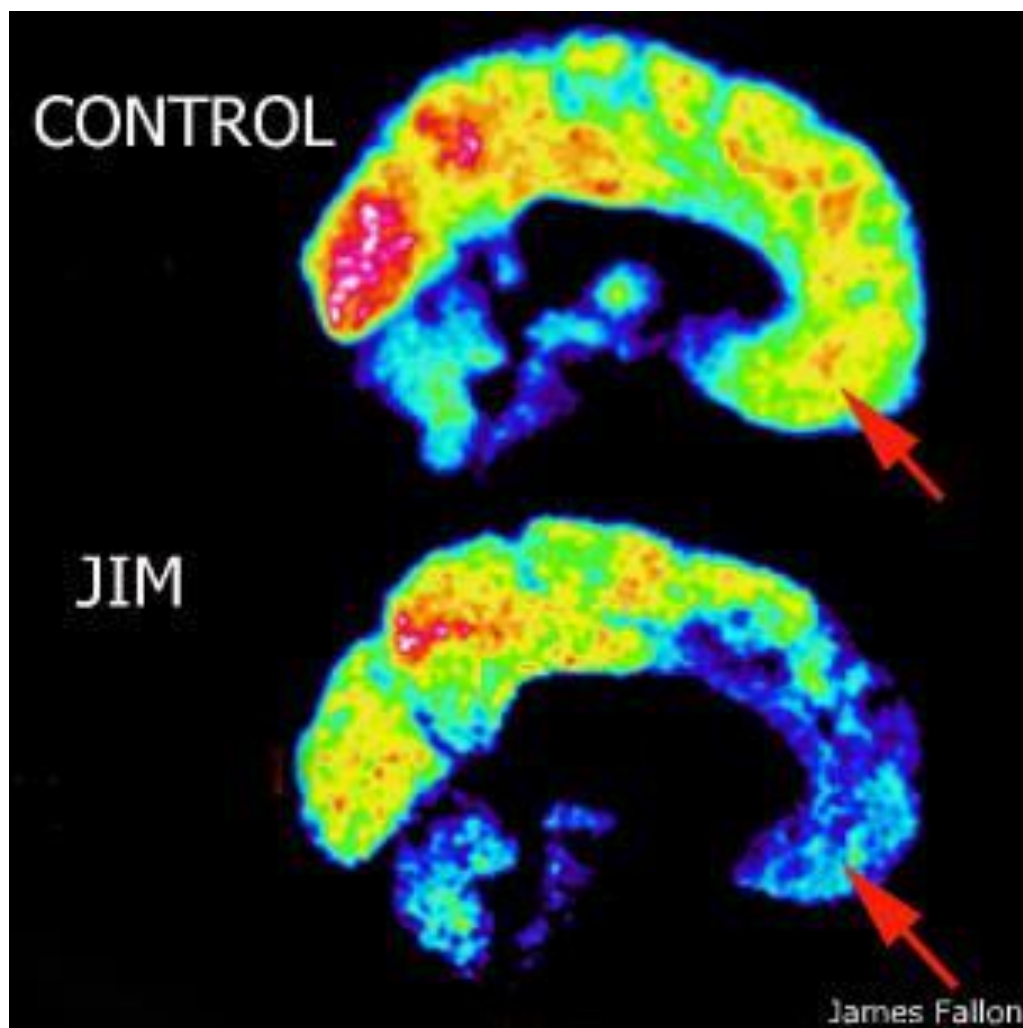
aproxima do assassino em série é considerado um dos extremos, entretanto, ocorrem casos de psicopatas que convivem em sociedade em busca de benefícios para o coletivo e, por isso, podem ser consideradas, eticamente, boas pessoas, apesar dos sintomas de ausência de empatia, culpa ou remorso. Por ser um espectro, o meio entre as pontas revela uma grande variedade de comportamentos presentes nos distintos graus de psicopatia, desde violência física às mais sutis. A lógica é o principal instrumento dos psicopatas para encontrar um comportamento moral considerado positivo para a sociedade e para si, a razão é o meio utilizado para ocultar os desejos e as atitudes perversas.

Ao passo que a psicopatia apresenta ingredientes genéticos e neuroanatômicos, o ambiente sociocultural, sobretudo nos primeiros anos de vida, é essencial para o despertar dos sintomas antissociais. O caso do neurocientista James Fallon revela como os aspectos biológicos são tão fundamentais quanto as dimensões culturais para a expressão da psicopatia. Em suas pesquisas, Fallon estudou diversos tipos de distúrbios psíquicos, mas desde os anos 1990, dedica-se a desvendar a cartografia do cérebro de psicopatas assassinos. A grande surpresa de sua pesquisa veio em 2005, ao analisar os seus próprios exames, pois descobriu que apresenta o mesmo padrão anatômico e genético dos demais psicopatas analisados: “um dano no córtex órbita-frontal, região cerebral bem acima dos olhos associada com tomada de decisão e conduta ética”⁴⁹⁷, além de ter a amígdala significativamente menor, uma região cerebral que Pribram⁴⁹⁸ aponta estar relacionada às emoções, mas também aos sistemas de construção de memórias episódicas e a familiarização dos hábitos, por meio do processamento das respostas viscerais e endócrinas.

⁴⁹⁷ SZKLARZ, Eduardo. **Ele (quase) nasceu psicopata**. Website. Super interessante, 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-quase-nasceu-psicopata/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁴⁹⁸ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 206, 207, 237, 329.

Figura 31 – Traços do cérebro de Fallon, em comum com psicopatas



Fonte: Mônica Vasconcelos (2013).

Somada às evidências neuroanatômicas, Fallon compartilha com psicopatas o gene MAO-A, também conhecido como “gene guerreiro”, que está vinculado à tendência de comportamentos com alto risco para violência e falta de empatia, pois, segundo Fallon, “pode deixar o cérebro da pessoa insensível ao efeito calmante da serotonina.”⁴⁹⁹

Além dos exames laboratoriais, Fallon descobriu ao menos seis assassinos na família paterna: “um homem foi enforcado em 1673 por matar a mãe, e uma mulher, acusada de matar o pai e a madrasta com um machado em 1892.”⁵⁰⁰ Contudo, Fallon se considera uma pessoa boa e afirma nunca ter cometido crimes. Para o neurocientista com genética e anatomia cerebral

⁴⁹⁹ SZKLARZ, Eduardo. **Ele (quase) nasceu psicopata**. Website. Super interessante, 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-quase-nasceu-psicopata/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵⁰⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

similar à dos psicopatas, a ausência do terceiro ingrediente para aflorar os sintomas da psicopatia foi determinante em sua vida: “abuso severo na infância, necessário para expressar o gene guerreiro.”⁵⁰¹ Por vivenciar uma infância benevolente e cercada de amor, Fallon acredita que deixou de desenvolver características violentas ou contra a lei, mas encontra em si diferenças em relação ao comportamento comum, como expor ele e os filhos a aventuras perigosas como safaris na África e mergulho com tubarões, ou abandonar o funeral de um parente para ir a uma festa. Assim, Fallon⁵⁰² se considera um “psicopata prosocial”.

Para Eduardo Mutarelli⁵⁰³, professor do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), atribui-se “importância excessiva para a carga genética de uma pessoa, como se isso, por si só, fosse capaz de determinar o futuro de um ser humano [...] A genética hoje trabalha muito com probabilidades, com potencial genético e fatores de risco.” Nesta perspectiva, Mutarelli considera que “a experiência de Fallon ajuda a reequilibrar o debate que contrapõe a influência da herança genética à do meio (nesse caso em particular, a influência civilizadora da família e da sociedade sobre o indivíduo).”⁵⁰⁴

Mutarelli caminha em consonância com a visão de Fallon⁵⁰⁵, que compreende a necessidade de considerar a interação com o ambiente, pois a “genética e função cerebral são talvez necessários, mas não suficientes”, uma vez que o abuso na infância parece ser crítico para o florescimento de um psicopata violento. Neste sentido, Fallon descarta a hipótese de que a biologia seja determinante, mas sublinha como um fator que coloca a pessoa em alto risco de vir a ser psicopata.

A pesquisa de Fallon, por meio da perspectiva cartográfica do cérebro dos psicopatas, encontra concordância com os estudos de Pribram⁵⁰⁶, que considera que “a empatia com o outro envolve um processo cerebral identificável quando o experimentamos conscientemente”: “parte de nosso córtex frontal é ativado não apenas quando sentimos desconforto, mas quando observamos alguém sofrer.”⁵⁰⁷ Neste sentido, a descoberta de que “as partes frontais do

⁵⁰¹ *Ibid.*, loc. cit.

⁵⁰² BBC News. **Como descobri que sou psicopata e que venho de uma família com 7 acusados de assassinato.** BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51819755>. Acesso em 10 nov. 2020.

⁵⁰³ MUTARELLI, Eduardo *apud* VASCONCELOS, Mônica. **Pesquisador se descobre psicopata após analisar o próprio cérebro.** Website. BBC News, 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131223_psychopath_inside_mv. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵⁰⁴ VASCONCELOS, Mônica. **Pesquisador se descobre psicopata após analisar o próprio cérebro.** Website. BBC News, 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131223_psychopath_inside_mv. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵⁰⁵ FALLON *apud* SZKLARZ, Eduardo. **Ele (quase) nasceu psicopata.** Website. Super interessante, 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-quase-nasceu-psicopata/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵⁰⁶ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view.** Westport: Prospecta Press, 2013, p. 206, 207, 237, 438, tradução nossa.

⁵⁰⁷ *Ibid.*, loc. cit., tradução nossa.

hemisfério direito do cérebro humano são ativadas não apenas quando realizamos uma ação, mas também quando observamos outra pessoa realizando essa ação”⁵⁰⁸, foi “interpretada como uma indicação de que um processo cerebral está envolvido na imitação das ações de outras pessoas.”⁵⁰⁹.

“Lembranças-das-coisas-do-futuro” assume um sabor especial quando aplicamos esse conceito ao *Homo sapiens sapiens*. Como *sapiens*, notamos que os outros são mortais e, por meio da lembrança-do-futuro, podemos extrapolar a partir de tais observações que também podemos morrer. Nosso “Eu narrativo” é composto de episódios que têm início e fim. Nosso início se origina em nossa mãe / mater / matéria. Podemos prolongar nossa narrativa incluindo episódios vividos com ou por nossos descendentes biológicos ou criativos e seus descendentes - bem como documentando em símbolos as situações em que nossos episódios pessoais ocorreram. Assim, com a nossa criatividade, estamos contornando nosso fim na morte.⁵¹⁰

Contudo, Pribram percebe que esta distinção ente o “Eu narrativo” e o “Eu objetivo” é insuficiente para descrever a totalidade do Eu, devido às descobertas sobre os processos cerebrais ativados quando observamos a ação de outra pessoa e quando sentimos empatia emocional com o prazer ou a dor do outro. Nesta perspectiva, as formas dos Eus possuem uma companheira alocêntrica inerente: o “outro”.

⁵⁰⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁰⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵¹⁰ *Ibid.*, p. 490, tradução nossa.

1.5 ESPELHO DE NARCISO

Certo dia, não sei quando, despertei e percebi que eu era eu. De um lugar próprio, posso experimentar a vida mundana material. Tenho um corpo físico, que reflete no espelho. Olho no meu próprio olho, experimento ângulos e expressões da face e do corpo. O espelho é a tecnologia de Narciso. Nele, encontra-se a ideia do presente ser. O reflexo do observador, contrário horizontalmente, projeta a imagem de quem percebe visualmente a si mesmo.

Quando aprendemos que o espelho é uma experiência física óptica que permite visualizar o próprio corpo do observador, lidamos com o reflexo a partir da ideia identitária egóica de um ser em si mesmo, que compreende a alteridade como algo distinto e separado por territórios corporais individualizados. Uma bela escultura é formada, cristalizada com resistência superior ao diamante: eu, o ego-rei narcísico, que ama a si mesmo, sustentado pelo desejo de jamais padecer. Na fracassada busca para imortalizar sua obra prima na terra, si mesmo, “Narciso acha feio o que não é espelho.”⁵¹¹

Estamos em terras onde urubu é rei. Afinal, quem não deseja ser urubu? Alimentar-se da morte, sem rivais para o aprisionar ou o abater. Poder voar sem o medo de ser atingido por vorazes predadores, sempre à espreita da carne em putrefação. Já avistei bandos à espera da morte de crianças, que se despediram do mundo dos sentidos, sentindo as bicadas ferozes dos carnívoros famintos, que se nutrem da inanição do ser-cadáver. Podemos pensar que tais urubus são aves, mas são também humanos, assim como o rato, o porco, a lesma e a flor, que reflete sobre si mesma, através do protagonismo figurante do seu próprio ponto de observação da realidade.

Ao beber água numa poça, alguns animais podem avistar sua imagem refletida, que dissolve com o toque suave na superfície plácida. Entretanto, muitos que agem desta forma para saciar a sede, como os felinos e caninos, não reconhecem o espelho como um reflexo de si mesmo.

Inspirado na experiência de Charles Darwin (1809 – 1882), quando gravou as reações e expressões faciais de um orangotango em frente ao espelho durante uma visita ao zoológico no século XIX, o teste do espelho é um método de observação que possibilita averiguar quais animais percebem o reflexo como si mesmo. Gordon Gallup Jr, em 1970, aperfeiçoou o método e ampliou o experimento para uma maior variedade de espécies animais. O desenvolvimento tecnológico das filmagens em fitas magnéticas, um século após os tempos de Darwin, facilitou

⁵¹¹ VELOSO, Caetano. Sampa. In: **Muito (Dentro da Estrela Azulada)**. Phillips (CBD), 1978. 1 CD.

a realização desta experiência. Atualmente, com a digitalização das mídias, o teste do espelho é amplamente difundido na *internet*, tanto em vídeos caseiros, como em zoológicos e reservas de proteção animal, onde gravam as reações dos animais diante dos seus reflexos, com o propósito de pesquisar cientificamente as espécies capazes de se reconhecer no espelho.

Diante do espelho, a diferença entre o comportamento de um indivíduo selvagem e um adestrado, consiste em que, para o bicho que reconhece o dispositivo do espelho, a experiência será habitual e, no caso do humano, elefante ou golfinho, que experimenta pela primeira vez tal recurso, ocorre o processo de investigação e assimilação da tecnologia, contudo, a percepção de que o reflexo reflete a si é uma habilidade inata da espécie animal, não é algo que se possa treinar para acessar.

Enquanto Darwin concluiu uma ambiguidade em relação aos resultados do experimento com o orangotango, Gallup Jr lista nove espécies que passam no teste do espelho:

Desde 1970, o teste tem sido conduzido em um número progressivamente maior de animais, com algumas espécies de primatas (todos os antropóides: chimpanzés, bonobos, orangotangos e alguns gorilas), golfinhos, baleias assassinas, elefantes e pegas demonstrando autorreconhecimento.⁵¹²

No caso dos humanos, a maioria dos bebês só reconhecem o reflexo com cerca de 18 meses de idade, na terceira e última fase do “estádio do espelho”, que nas palavras de Lacan⁵¹³:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.⁵¹⁴

O observador, que desconhece a tecnologia do espelho de Narciso, é capaz de se perceber como entidade autocentrada ou compreende seu corpo como parte integrante do todo?

Alguns animais pensam que há outro à sua frente, por vezes, pesquisam o que é o reflexo no espelho através do contato violento com o objeto inanimado ou fogem amedrontados, como cachorros, esquilos, gatos e alguns macacos. Estes mesmos animais podem demonstrar indiferença, porque percebem que não há outro de fato, devido à ausência de elementos sensíveis, como o odor e o som cardiovascular, que compõem a noção de um corpo. Para alguns animais, o estímulo visual do reflexo no espelho como meio para sentir a presença de um indivíduo, soa quase nulo, como é para nós despercebido o som da batida do coração de uma

⁵¹² KOSTUCH, Lucyna; WOJCIECHOWSKA, Beata; KONARSKA-ZIMNICKA, Sylwia. Ancient and Medieval Animals and Self-recognition: Observations from Early European Sources. **Early Science and Medicine**, v. 24, n. 2, p. 117-141, 2019, p. 118, tradução nossa.

⁵¹³ LACAN, Jacques. **Escritos** - 1966. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁵¹⁴ LACAN, Jacques. **Escritos** - 1966. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 97.

pessoa que se esconde atrás de um anteparo. Enquanto o canino detecta imediatamente o corpo oculto, o humano, refém da predominância visual, é impossibilitado de identificar a presença do outro através dos demais sentidos enfraquecidos pela ditadura da visão ocular.

Com exceção das pegas, que são capazes de se reconhecer na imagem do espelho, os pássaros podem reagir de modo conflituoso, mas é também comum a ação de namorar, fazer amizade, dançar e brincar com o reflexo.

O método do teste do espelho de Gallup foi criticado como logicamente inválido para determinar a autoconsciência do observador diante das reações ao reflexo, devido à dificuldade de interpretar os resultados negativos: em muitos animais predominam sentidos distintos da visão para compor a noção de corpo próprio e da alteridade. Além disso, humanos portadores de prosopagnosia, também conhecida como “cegueira para feições”, podem ter dificuldades ou sequer reconhecer a si mesmo no reflexo, apesar da plena capacidade de autoconsciência.

Portanto, existem corpos autoconscientes incapazes de acessar a tecnologia do espelho, como a maior parte dos animais submersos, até então, com exceção comprovada dos golfinhos e baleias orcas. Mas há também seres como as flores e árvores, que codificam a percepção sensorial e simbólica da existência material a partir dos seus próprios meios de computação orgânica. Tratam-se de formações corpóreas sencientes, com inteligência em trânsito de informações. Mesmo as composições dissemelhantes dos humanos são seres com consciência, devido à computação orgânica, que compõe o universo e a vida. Ou seja, as pedras, o sol, a lua, as galáxias, os cometas, os buracos negros, o petróleo, cada parte da energia fundamental que compõe a matéria possui memória inteligente, que em associação, gera combinações, ligações, pontes, para formar os átomos e moléculas dos corpos luminosos. A inteligência informática orgânica se apresenta em camadas. Em todos os níveis, há memórias inteligentes, mas muitos cientistas, inclusive Pribram⁵¹⁵, preferem usar o termo inerente para descrever a forma como a vida se auto-organiza na Terra.

A questão aqui é: quando ocorre a noção consciente de que o observador é um corpo separado dos demais seres, por meio de uma geografia imaginária que identifica as fronteiras físicas da entidade subjetiva do ego (altura, circunferência, voz, cheiros, pensamentos, pertencimentos)?

Se pensamos no mundo submarino, a caça para alimentação deforma a noção do todo integrado, diante da separação entre os corpos do predador e da presa. Entretanto, a assimilação animal pode derivar em corpos comunitários, que se comportam a partir da cultura de

⁵¹⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013.

sobrevivência do coletivo, que se move em conjunto, como um corpo único gigante, de partes somadas; como os cardumes de peixes que sincronizam a natação, através do que os cientistas quânticos nomearam de *campo mórfico*. Esta coreografia resulta em corpos compostos por peixes particulares, que se integram para formar um corpo maior, que expressa a inteligência coletiva dos peixes do cardume para compor um meio de proteger a vida individual e coletiva: a amplitude do espectro de observação atribui, às unidades corpóreas, que formam o cardume em que habitam, a aparência dual entre ser a presa ou o predador. Assim, existe a inteligência do corpo-cardume e do peixe-partícula. O mesmo exercício pode ser realizado em sequência micro e macroscópica, mas os olhos humanos são incapazes de visualizar estas projeções ópticas sem o auxílio de aparelhos. Enquanto o afastamento visual apresenta bilhões de anos luz de seres celestes, a aproximação revela que os corpos animais são compostos por células, formadas por moléculas, que combinam átomos (do grego, *átomo*, a + tomo = sem parte). Atualmente, a ciência corrobora com o pensamento de que os átomos são divisíveis em partes menores, contudo, por séculos a teoria atomista compreendeu o átomo como “um tipo de corpo mínimo, indivisível e eterno que funcionaria como elemento concreto de todas as coisas que existem.”⁵¹⁶

Na Grécia antiga, desde cinco séculos antes do nascimento de Cristo, Leucipo (há contradições sobre a data nascimento, ou mesmo sobre a sua existência), junto com o seu discípulo Demócrito (470/469 - 380/379 aec), desenvolveram e propagaram a teoria atomista. Entretanto, este pensamento foi cultivado em paralelo na Índia, com registros datados desde VI ou V aec.

Há pelo menos três correntes principais de teorias atomistas (*paramāṇuvāda*) na filosofia indiana — a NyāyaVaiśeṣika, a budista e a jainista — que se desenvolveram a partir do século IV aec. Além destas, há uma anterior, da escola heterodoxa Ājīvika, mais antiga (século VI ou V aec), que poderia ter, de alguma forma, influenciado as demais escolas.⁵¹⁷

Dois milênios após os filósofos atomistas gregos e indianos, cientistas descobrem que os átomos são formados por partes. A existência dos prótons foi comprovada em 1886, por Ernest Rutherford e Elgen Goldstein. Uma década depois, em 1897, os elétrons foram promulgados por Joseph John Thomson. Em 1913, Bohr lançou um modelo atômico análogo ao sistema planetário: em torno de um pequeno núcleo carregado positivamente e com a maior

⁵¹⁶ GOMES, Gustavo Laet. **A química atomista de Leucipo e Demócrito no tratado *Sobre a geração e a corrupção de Aristóteles***. 2018. 266 f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil, 2018.

⁵¹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

parte da massa do átomo, orbitam minúsculas partículas de carga negativa. Nesta proposta, encontram-se apenas os prótons e os elétrons, pois os nêutrons demoraram mais tempo para serem revelados: apenas em 1932, James Chadwick divulgou seus estudos sobre os elementos de carga neutra no núcleo dos átomos. Por esta descoberta, ganhou o prêmio Nobel de física de 1935.

Na sequência histórica em busca da partícula elementar, os cientistas encontraram o universo quântico subatômico, que expressa comportamentos físicos distintos do mundo macroscópico. A colisão de partículas subatômicas, através dos aceleradores de partículas, evidenciou novos protagonistas da investigação humana sobre a menor parte comum da matéria: os *quarks*, *léptons*, *gluóns* e *bósons*, que apresentam variadas estruturas, cargas elétricas, massas e aspectos motriz.

As afirmações científicas implicam em questões filosóficas existenciais, portanto, as descobertas do final do século XIX sobre a polarização elétrica dos átomos celebram a passagem da noção de corpo-partícula para corpo-energia, uma mudança de perspectiva que modifica amplamente a compreensão empírica do mundo, estabelecida por meio das sensações. Apesar dos avanços históricos do conhecimento, existem pontos cegos na perspectiva científica de que a matéria é composta por pacotes de energia condensados geograficamente, seja em relação ao misterioso comportamento subatômico, ou à presença de outros elementos invisíveis no universo, como a antimatéria, a matéria escura e energia escura.

...

Ver o mundo como espelho implica em ver o outro como si mesmo. Quem sou eu?
Quem somos nós?

A percepção de ser parte fragmentada do todo é uma ilusão real. As categorias, que nos identificam, separam os corpos através das supostas diferenças. Mas, quando as fronteiras se apagam, resta o princípio fundamental que forma toda a matéria: fotografia. Energia e vazio nos compõem, em outras palavras, luzes e sombras. Há mais energia na escuridão do que na luz que enxergamos por meio da visão ocular. Divisões entre os sentidos fisiológicos desvanecem junto com as demarcações limítrofes do mundo percebido: fotografia é som, é cheiro, é tato, é sabor, é sinestesia para um corpo-sem-órgãos que se aventura na experiência da escuridão sensorial.

Durante milênios, a metáfora da iluminação foi utilizada para implantar consciência nos corpos ignorantes. Por outro lado, é sábio observar que o ensurdecido ruído das palavras e

imagens, que gritam sem cessar em nossas mentes prisioneiras da razão, cega e silencia a natureza do universo, a qual deixamos de perceber em proveito do consumo viciado de informações luminosas.

Escrever com a luz é grafar a sombra e o silêncio do instante capturado em solidude. O silêncio é barulhento. O escuro é solar. A solidude é composta por multidões, pois Ser é estar acompanhado por disformes reflexos fractais das projeções paródicas de si mesmo. Entretanto, sentimos a ilusão real da separação dos corpos por meio dos egos. O “eu” é a tecnologia existencial que deve ser corrompida para experimentar o silêncio no espelho da solidude. Desidentificação: o outro sou eu?

...

Penso que o corpo humano é como o das aranhas, cigarras e outros insetos, que abandonam a velha carcaça para renascer numa nova estrutura. Para os humanos, a mudança estrutural é possível através de cirurgia plástica protética, entretanto, as células estão em constante renovação, inclusive, as células ósseas e nervosas. Nesta perspectiva, alimentação, pensamentos, emoções e experiências condicionam tais atividades de reciclagem orgânica.

Sinto estar num momento de morte e renascimento em vida. Como um inseto, preciso reformatar meu exoesqueleto, já não sou mais quem eu era tempos atrás. Sonho sair do casulo com um doloroso bater de asas das borboletas. A vida dos insetos efemerópteros é fugaz, mas cumprem o processo preciso para a perpetuação da espécie, no máximo, em 24h. Desta forma, os insetos realizam o que humanos em décadas não conseguem atingir. A referência de tempo é outra. Não há tempo a perder, a aprendizagem genética é a principal escola. A vida breve é plena, pois não permite que escape o essencial. Mas o que é o essencial? Alimentar-se e defecar? Copular e se reproduzir? Ou nascer e morrer? Morrer em vida pode ser um deleite. Viver pode ser deprimente. Renascer é enterrar os destroços do cadáver em vida, deixá-lo no passado para viver o atemporal presente. Desejo morrer todos os dias para renascer na impermanência de um sábio fluxo ao qual não tenho controle. Sentir-me um asqueroso inseto é maravilhoso. Ser abjeto revela a busca primordial para o humano que se permite transmutar a todo instante, carregado de referências simbólicas, despidas como camadas de uma cebola.

Freud escreve que o eu é feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. O eu é um objeto feito como uma

cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram.⁵¹⁸

Términos não relatam o fim da história, são pontos de virada. Seguir em frente sem temer o agora, pois nada mais resta, após o enterro da carcaça cadavérica em putrefação. Quem sou eu? É a pergunta mais complexa que já me fiz; respondo: sou um devir amorfo, repleto de memórias e experiências. Aqui e agora, o passado e o futuro não são distintos, pois se unem para formar o presente. Não sei se sou caso ou acaso cósmico, mas integro parte do todo misterioso, separado por uma sensação egóica que constrói o Eu. A desidentificação do ego é uma busca que frustra, mas nesta caminhada sem início ou fim, ocorre a expansão do olhar sobre o mundo. Quanto mais nos distanciamos do que acreditamos ser, da identificação do eu sou, maior a difusão do corpo, que de sólido, torna-se líquido e, ao evaporar, esfumaça como as nuvens, que em precipitação deixam a existência anterior para ganhar novas formas cíclicas.

Perceber-se como combinações de polaridades energéticas vagando no espaço vazio através do tempo revela uma essência em comum com as demais formas materiais do universo luminoso; ou seja, esta generalização exclui a energia e matéria escura, pois tais ocorrências não interagem com a força eletromagnética, portanto, não absorvem, refletem ou emitem luz, fator que torna sua detecção possível apenas através da gravidade. Assim, apesar do ego desejar ser exclusivo, somos o todo e não nos diferenciamos, apenas nos identificamos.

A morte do ego é revolução. Cadáveres reanimados é o retorno às trevas do passado, que denota o resultado: passou, portanto, é fantasmagoria e não realidade. Renascimento é a chave para viver o presente com gratidão, pois as possibilidades de futuro se renovam a cada instante para o corpo que assim desejar perceber a experiência mundana. Posso renascer na forma que eu desejar e o desejo pode passar; assim, olho o espelho sem me reconhecer, permitindo a difusa e inebriada busca pelo autoconhecimento ao anular a identificação do que acreditei um dia ser. Hoje, nada sou. Amanhã devir serei. O que ontem fui, já não sou mais. Identidade é um papel com a numeração que o Governo talhou em meu corpo, como as vacas ou ovelhas de um rebanho, que seguem o pastor com as marcas na pele da queimadura imposta por alguém que se considera proprietário dos corpos ordenados. Enquanto a numeração é fixa, assim como a identificação do que compreendia como Eu, meus corpos vivem constante mutação, mesmo que não as perceba. A rigidez do padrão é artificial, pois natural é a impermanência. Se nada sou, para que serve este questionamento? Para me desidentificar da

⁵¹⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 2 – O eu na teoria de Freud** - 1953-1954. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986, p. 199.

arquitetura do Eu, consolidada como permanente, mas felizmente, meu corpo falece a todo instante. Deste modo, “a subjetividade não é a identidade imóvel consigo: para ser subjetividade, é-lhe essencial, assim como ao tempo, abrir-se a um Outro e sair de si.”⁵¹⁹

Falo Eu, pois assim aprendi por meio da língua portuguesa a me identificar em relação à alteridade. Identifico-me com meu ego, que simula um corpo físico; mesmo quando aprendo racionalmente, que a desconexão entre os corpos é uma ilusão compreendida como real, percebo o poder da programação do Eu. Desidentificação aparenta ser um caminho arriscado nos debates acadêmicos sobre a cultura e sociedade, pois vivenciamos uma fase histórica de melhorias do bem-estar de populações vulneráveis através do fortalecimento dos movimentos identitários de resistência contra a opressão hegemônica. Entretanto, as identidades pré-determinam as características performáticas e prostéticas dos corpos e das subjetividades pertencentes ao grupo. Não há expressão pura do corpo, ou seja, sem contaminação discursiva, portanto, a performance corporal é um ato político em si.

Em geral, os seres humanos fracassam nas reproduções paródicas das identidades sexuais e de gênero, neste sentido, alguns estudos cunharam a perspectiva pós-identitária, com o propósito de elaborar a desconstrução conceitual, que desnaturaliza a noção de que os corpos humanos são divididos em duas polaridades sexuais orgânicas, criadas para fins reprodutivos. Na narrativa hegemônica, os desviantes sexuais seriam caminhantes entre os dois extremos fixos, nunca outra possibilidade desconhecida. Quando a sigla do movimento de afirmação das identidades não-cisheterossexuais passou a crescer sem controle, uma vertente de estudos propôs olhar os corpos como devires, que escapam dos padrões pré-determinados de identificação, que nos encaixotam em categorias distintas de pertencimento social e cultural; O devir dos corpos fluídos, proposto pela teoria pós-identitária, enaltece a singularidade da expressão sexual da subjetividade. Desidentificação é um ponto de partida na reprogramação descolonizatória para a autonomia. Apesar da situação histórica e das conquistas políticas que os discursos identitários alcançaram, desidentificar-se do que o ego reconhece como si mesmo é um meio para se conectar com a rede de subjetividades sem fronteiras frontispícias. A máscara que deve cair é a do observador, no lugar do observado.

...

⁵¹⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 571.

A qual ponto é possível dilatar os conceitos sem que estes percam o sentido? Por exemplo, se podemos expandir a noção de que os órgãos sexuais correspondem à todas as partes do corpo e não apenas aos aparelhos potencialmente reprodutores, ou mesmo considerar os corpos sem órgãos, para que serve significar uma unidade biológica a partir da ideia de sexualidade? Se, assim como as identidades de gênero, o sexo é uma ficção que aprisiona os fluxos desejantes dos devires humanos dentro de códigos simbólicos e materiais preestabelecidos, tais propostas tipológicas formulam fábulas colonizatórias desnecessárias para a compreensão e o olhar sobre os corpos? Então, por que seguir analisando a vida a partir de conceitos impertinentes com a realidade biológica e com as práticas sociais, no lugar de apenas os soterrar? De que forma estas perspectivas semânticas implicam na materialidade dos corpos? Pensemos do fim para o começo: a construção material dos corpos.

Georges Bataille⁵²⁰ inicia o texto “Ânus Solar” com a constatação de que o mundo é paródico:

Por isso o chumbo é a paródia do ouro.
O ar é a paródia da água.
O cérebro é a paródia do equador.
O coito é a paródia do crime.
O ouro, a água, o equador ou o crime podem ser enunciados indiferentemente como o princípio das coisas.⁵²¹

Pensar as identidades, gêneros, sexualidades e anatomias do corpo através da perspectiva da paródia, demonstra que os devires dos corpos reais são incapazes de enunciar as supostas formas primordiais, autênticas ou originais, mas reproduzem metáforas das ideias que lhes convém o pertencimento. Ou seja, na vida real, por exemplo, os seres machos e fêmeas são puras paródias de ideias que antecedem a expressão anatômica dos corpos. Tais materializações paródicas dos conceitos de macho e fêmea resultam em composições burlescas e grotescas que rememoram as convenções simbólicas, jamais de forma verossímil, pois “a vida é paródica e uma interpretação lhe falta.”⁵²²

Por este motivo, os humanos, inevitavelmente, falsificam/burlam as convenções culturais: ser fêmea, ser macho, ser mulher cis, ser mulher-trans, evocam categorias linguísticas que prescrevem o princípio dos devires-paródicos. Qualquer que seja a língua que se fala, ela funciona como dispositivo técnico que aprisiona e coloniza os significados. Ou seja, toda palavra é, em si, uma metáfora, paródia da ideia.

⁵²⁰ BATAILLE, Georges. O Ânus Solar - 1931. In: ASSÍRIO e ALVIM. **O Ânus Solar (e outros textos do sol)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p. 45.

⁵²¹ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁵²² *Ibid.*, *loc. cit.*

Devido à impossibilidade do humano reinsignar a matriz original de uma ideia, mesmo os corpos conformados com a heteronormatividade e seu famoso sistema linear “sexo-gênero-desejo-prática sexual” fracassam quando percebidos como paródias grotescas que corrompem a norma. O mais belo dos corpos é um devir-cadáver, assim como uma flor exuberante, que por um breve lapso no tempo, apresentou uma forma paródica do belo, mas que logo sucumbiu a tamanha feiura que os olhos humanos já não mais suportam olhar, como “não suportam o sol, nem o coito, nem o cadáver, nem o escuro, embora o façam com reações diferentes.”⁵²³

Para Halberstam⁵²⁴, o fracasso é a recusa do sucesso, que, por sua vez, consiste na “busca da confirmação do já conhecido; o que nos exige um comprometimento com a repetição, a tradição, o método, a disciplina e a norma.”⁵²⁵ Neste sentido, Cysneiros⁵²⁶ compreende que “o sucesso está intimamente relacionado às ideias de progresso, permanência e lucro”, enquanto “o fracasso passa diretamente pelo território da estranheza [*queerness*] que, [...], significa uma recusa da coerência da identidade, da completude do desejo, da clareza do discurso ou da sedução do reconhecimento.”⁵²⁷

O fracasso, por consequência, é o não lugar discursivamente construído para abrigar e conter aqueles que foram discursivamente constituídos como ininteligíveis por seus desejos – e/ou corpos – orientarem-se ao novo, ao irrepitível, ao irreprodutível e/ou àquilo que não é rentável ou lucrativo, o que não trará retorno objetivo e mensurável.⁵²⁸

Esta perspectiva distingue sujeitos capazes de atingir o único caminho do sucesso da heteronormatividade, em oposição aos desviantes abjetos fracassados que performatizam outros devires de sexualidade, gênero e família. Contudo, esta metodologia conceitual não compreende o fracasso do esforço paródico para ser semelhante ao ideal do macho e da fêmea. Próteses e abjeções são elementos imanentes do corpo animal. No caso dos humanos, o apego ao mundo simbólico e o desenvolvimento tecnológico estruturou uma complexa rede de práticas de implantes e amputações para a conformidade identitária: vestimentas e acessórios, silicones para modelar os corpos, implante de cabelos, dietas alimentares e exercícios físicos

⁵²³ *Ibid.*, p. 48.

⁵²⁴ HALBERSTAM, 2011 *apud* CYSNEIROS, Adriano B. **Da transgressão confinada às novas possibilidades de subjetivação: resgate e atualização do legado Dzi a partir do documentário “Dzi Croquettes”**. 2014. 114 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁵²⁵ *Ibid.*, p. 78.

⁵²⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

⁵²⁷ *Ibid.*, p. 77.

⁵²⁸ CYSNEIROS, Adriano B. **Da transgressão confinada às novas possibilidades de subjetivação: resgate e atualização do legado Dzi a partir do documentário “Dzi Croquettes”**. 2014. 114 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 78.

para engordar e emagrecer, reconstruções médicas da anatomia, ingestão de hormônios, extração de diversas partes do corpo, como membros saudáveis, órgãos, dentes, gorduras através da lipoaspiração, prepúcio dos pênis judaicos e os clitóris de diversas vaginas que nasceram em territórios culturais em que esta prática foi assimilada historicamente, além de muitas outras intervenções prostéticas ordinárias. Também ocorrem os implantes e amputações imateriais, como dos gestos, pensamentos, desejos e afetos.

Se existem homens cis e mulheres cis heterossexuais que se esforçam para manter uma aparência semelhante aos modelos icônicos construídos pelo sistema, através de cirurgias plásticas para recondicionar a estrutura do corpo, seja para aumentar os seios, readequar a genitália ou implantar cabelo, o propósito é o mesmo: atingir a aparência desejada. Neste sentido, as performatividades paródicas dos corpos cisgêneros são tão burlescas, fraudulentas e grotescas quanto qualquer outra expressão sexual dissidente. A ideia que distingue as mulheres-de-verdade, mulheres-biológicas, mulheres-XX, por um lado, e as mulheres trans, por outro, sistematiza a noção de que o desejo de transformação da condição material é uma anomalia exclusiva das expressões que desviam da cisgêneridade. Os devires paródicos dos corpos, entretanto, evidenciam que as transmutações prostéticas são desejos e práticas comuns nas diversas identidades sexuais e de gênero, inclusive, em homens cis e mulheres cis.

De fato, a condição financeira define os métodos de intervenção corporal. A marginalização social das trans reflete nas possibilidades de intervenção prostética, pois as impedem de desfrutar dos onerosos serviços hospitalares. Esta condição social excludente estabilizou práticas clandestinas de modificações corporais dentro do universo trans, em que o papel institucional do médico cirurgião plástico é substituído, por exemplo, pelo conhecimento empírico das “fadas madrinhas bombadeiras”, com suas varinhas de beleza e sofrimento – injeções de silicone industrial, aplicadas em diferentes partes do corpo, sem morfina para anestesiá-la a dor. O risco é evidente e o resultado, por vezes, resulta trágico. A implantação clandestina de silicone industrial, realizada por pessoas trans que se prostituem na cidade de Salvador, é o tema central que move a narrativa do filme documentário “Bombadeira”⁵²⁹ (2007), dirigido por Luis Carlos de Alencar. Nesta obra, Cíntia Guedes⁵³⁰ observa que as próprias personagens conduzem a narração e os acontecimentos das cenas, configurando uma auto-mise-èn-scène.

⁵²⁹ ALENCAR, Luis Carlos. **Bombadeira**. Documentário longa-metragem (76 min). Singra Produções, 2007.

⁵³⁰ GUEDES, Cíntia. **Desejos desviantes e imagem cinematográfica**. Orientador: Leandro Colling. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Enquanto a paródia das mulheres que possuem falos é abjetada do sistema hegemônico, as mulheres com vaginas são vistas como expressões autênticas da ideia original, quando, em realidade, são tão paródicas quanto as ditas trans. Assim, os corpos sempre fracassam quando o objetivo é atingir a heteronormatividade através de processos de (re)construção prostética e simbólica, sejam estas materialidades lidas como cis ou trans.

A dhistória institucional de coerção dos corpos reduziu a noção de órgãos sexuais ao sistema reprodutivo humano. Contudo, os esforços políticos, artísticos e teóricos de libertar outras partes do corpo para funcionarem como anatomias erógenas, resultam na compreensão de que o corpo inteiro é sexuado; ou, de modo mais radical, que não existem órgãos sexuais pré-discursivos, portanto, a materialidade dos corpos não estrutura um a priori padronizado que possa ser enquadrado no conceito científico de sexo reprodutivo. Ao contrário, vários corpos sequer respeitam a premissa reprodutiva e a divisão rígida e exclusiva entre corpos fálcos e vaginais: além das próteses e amputações que realizamos ao longo da vida, intersexuais, guevedoces e agenesia gonadal são exemplos de possibilidades reais com memórias genéticas que demonstram a impertinência de convencionar o conceito de sexo fundamentado na reprodução heterossexual. Ao considerarmos o corpo como uma anatomia integrada de fluxos de desejo e prazer, os casos de pessoas que desejam amputar membros saudáveis teriam uma relação importante com a sexualidade. Esta noção de sexo não se refere aos pensamentos da psicanálise que explicam a sexualidade a partir do complexo de Édipo, apenas compreende a materialidade corporal em sua totalidade, como objeto sexualmente discursivo. Nesta perspectiva, o desejo de amputar partes do corpo consiste num desejo sexual abjeto, capaz de gerar um gozo comparado ao nirvana por Robert Vickers⁵³¹. Acredito que o conceito de sexo não é necessário para o devir das culturas humanas, nem para ler um corpo, mas é evidente que a sexualidade no tempo presente é um campo de luta e resistência contra a coerção discursiva das instituições hegemônicas de poder.

O futuro é sempre um conjunto de possibilidades em disputa e mesmo as rígidas convenções culturais da heterossexualidade compulsória são modificadas no curso dhistórico. Isto significa que os fluxos de desejos e práticas dos indivíduos configuram uma rede rizomática complexa e heterogênea, que foi ignorada pelos discursos científicos e religiosos, que estruturaram a ilusão da homogeneidade dos corpos humanos. A aparência homogênea, contudo, é uma limitação da leitura sensorial e simbólica humana, pois, assim como não somos

⁵³¹ VICKERS, Robert *apud* HORTA, Mauricio. **4 é demais**: as pessoas que amputados por opção. Super Interessante. Abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/amputados-por-opcao-4-e-demais/>. Acesso em: 27 nov. 2014.

capazes de ver a olho nu as divisões moleculares, atômicas e quânticas da matéria, tampouco somos capazes de perceber e codificar as diferenças das subjetividades através de conceitos científicos e convenções linguísticas que busquem padrões éticos e estéticos universais.

Se, por um lado, reduzir a compreensão de si mesmo à agrupamentos humanos por semelhanças identitárias, revela categorias que nos iguala a qualquer objeto cósmico luminoso. Por outro, há o caminho da desidentificação do ego, que se sente distinta partícula, mas busca a compreensão de uma rede rizomática, que unifica os egos numa (in)consciência coletiva em escala métrica ascendente e descendente da morfologia.

Neste sentido, a compreensão de Freud, resgatada por Lacan⁵³², sobre o Eu, constituído na forma de um objeto composto por uma sucessão de camadas de identificações, descascáveis como uma cebola, pode ser reativada sob o espectro das sensações: as sensações são um tipo de apreensão-expressão do sistema de identificação: identificamos as dores, os prazeres e outras qualidades que sentimos habitar no mundo.

Assim, o Eu, na forma de uma cebola, possui na parte externa uma epiderme de proteção rústica, que abriga as camadas internas sutis. A casca seca é necessária para a retenção do conteúdo interior nesta realidade espaço temporal, portanto, fica impregnada de poluição exterior. A superfície é a emissora primária dos pacotes de sensações que percebemos e nela, por vezes, permanecemos. A avidez, a raiva, as dores, a fome, a falta, os desejos, o sofrimento, os prazeres, as sensações carnis gritam em primeiro plano no corpo. Se permanecemos atados a estes blocos de sensações grosseiras, concentramos a atenção nos elementos densos da experiência. Ao acessarmos as camadas interiores, percebemos pacotes cognitivos e sensoriais sutilizados, distintos do exterior endurecido. A camada sutil, exposta às intempéries, volta a enrijecer e a se contaminar com as impurezas ao redor, mas há sequelas permanentes à cada camada de realidade cognitiva e sensorial adentrada. Progressivamente, percebemos a redução da dominação feroz do ego. Sem exercícios de limpeza, existem prejuízos em relação à experiência pós-faxina. Pode se tornar um lar mais sujo do que o ambiente anterior à limpeza, a depender da rotina subsequente e dos métodos, técnicas e materiais de higienização. Há ações de limpeza que podem sujar e bagunçar mais. Enfim, caso permaneça na rotina de limpeza, as camadas do ser-cebola serão descamadas ao ponto do encontro com o centro vazio do corpo. Nesta situação, relatam a plena observação da realidade e a dissolução completa da parte individualizada, pois se encontra o estado de interconexão universal (uni + verso = unidade de versos). Este é um ponto do caminho ao qual muitos Budas alcançaram durante a dhistória da

⁵³² LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 2 – O eu na teoria de Freud - 1953-1954**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

humanidade. Gautama Sidarta, ou Buda, há mais de 2.500 anos, foi um deles. O ego ardente de um buscador que quebrou partes da casca afirma querer ser Buda. A árdua prática empírica da caminhada transforma o desejo de seguir a descascar a cebola para desfrutar o ambiente sutilizado encontrado. Aos poucos, a avidez de conhecer o ponto seguinte estimula o buscador a levantar acampamento e seguir a trilha percorrida por nossos ancestrais. Quantas camadas compõem a cebola?

Aversões e avidezes silenciam em decorrência da caminhada. Por ser longa e árdua, a jornada oferece a possibilidade de desfrutar dos encontros e desencontros do caminho, do qual não se sabe se chegará ao final, se há final. A trilha é em direção ao oásis divino. Enquanto isso, os desertos que atravessamos expressam belezas deslumbrantes. Podemos nos apegar ao calor do sol ou sentir a sensação de modo equânime (sem aversão ou avidez) e agradecer a existência que este astro de luz possibilita na Terra aqui e agora. Se há como refrescar na aridez do trajeto, aproveito o momento de deleite, que como o de dor, passará. A dor do calor pode ser a porta de entrada para camadas mais internas das sensações, basta observar o que se sente sem julgar o sentimento, observá-lo até passar, dissecar a expressão das sensações, localizar os pontos de emissão, permanecer atento, sem reagir aos impulsos de avidez e aversão que o calor do deserto provoca. Fontes d'água, cachoeiras, lagos, mares, rios em florestas e muitas outras paisagens paradisíacas compõem também a jornada, em entre-lugares específicos. São zonas de conforto, que podem persuadir o observador a permanecer. E permaneço para descansar e estudar os caminhos a seguir, enquanto desfruto da generosidade do local onde estou. Muitos locais, com o tempo de consumo predatório, tornam-se impróprios e os que ali se banham, partem em grupos nômades em busca das terras habitáveis. Antes que o local me expulse, como muitas vezes ocorreu, partirei após justo descanso da incessante busca interior. É o meio para escapar da prisão dos sentimentos densos: o fora se encontra no íntimo interior do corpo-prisioneiro. No centro vazio da cebola, coberto de múltiplas camadas sensoriais e cognitivas, encontra-se uma porta para fora da prisão. Choro para descascar a cebola, dói, os olhos ardem, a vontade de interromper o processo é constante, mas a sensação de limpeza é revigorante. A quantos passos estou do centro? Não há como saber, creio estar longe, pois há de cultivar a paciência para seguir com resiliência. Pode-se estar diante da última camada, mas a descrença por medo de se frustrar imobiliza o observador, que permanece diante do bloqueio sensorial e cognitivo, sem acesso ao portão da liberdade. Como um jogo de videogame, caso o objetivo seja “zerar”, é prudente aproveitar ao máximo as vidas disponibilizadas pelo programa. Ou “reseta” e recomeça.

Eu te pergunto: você sente que seu Eu é o corpo material, que se enxerga no espelho através dos olhos, ou sente habitar o corpo? Atualmente, sinto-me inquilino de um corpo, que vai passar. A (in)consciência, repleta de memória, seguirá o fluxo da existência. A matéria é uma composição magnânima, que nos torna amebas na escala orgânica sideral. Ao passo que o corpo é um universo em si mesmo, na escala microscópica. Entretanto, a matéria e a energia (luminosa), que conhecemos e compreendemos como realidade, representa menos de 5% da composição do universo. Diante da presença de massa e gravidade sem emissão eletromagnética, os cientistas ocidentais, na passagem do século XX para o XXI, nomearam de matéria escura e energia escura os 95% restantes da realidade material do universo. E ainda têm os mistérios da antimatéria.

O Eu é a fronteira entre a macroscopia e a microscopia, ambos, invisíveis aos sentidos humanos tradicionais sem mediação técnica. Não se pode ver o universo inteiro, tampouco, um *quark*. Mas, por meio de tecnologias ópticas, é possível projetar em 3D, a representação, conforme as teorias científicas em vigor, do mapa astronômico ou do universo subatômico, seja com esferas ou traços de energia. Desta forma, o conhecimento científico sobre o universo é mediado por mídias, que simulam a perspectiva vigente sobre a realidade, dentro de códigos simbólicos acessíveis ao humano, sobretudo, através da óptica e matemática. Assim, a humanidade prioriza o estudo do universo através de cálculos e imagens. Contudo, há coisas que exigem intensa abstração para configurar referências simbólicas, ou mesmo, a existência de presenças que a razão e a imaginação não dão conta de compor, como, por exemplo, a imensidão do universo em que estamos inseridos, ou a não-localidade espaço-temporal do mundo quântico. Afinal, como estabelecer uma configuração simbólica para expressar o nada, que preexiste tudo?

...

A construção da noção de mundo baseada na perspectiva da materialidade visível calculável, desvalida outros métodos de obtenção de conhecimento sobre a realidade. Tal ceticismo em relação ao invisível, intangível, imaterial, ignora a existência de fenômenos presentes, enquanto condiciona narrativas mirabolantes sobre a vida, com personagens que apresentam comportamento surreal. Seja no micro, ou macro, as narrativas científicas sobre a realidade são dignas de estrelar como enredo de ilustres ficções.

Analisar fatores implica no ato de estabelecer unidades para encontrar a explicação sobre o todo, através das relações entre os fragmentos do saber dispersos no holograma. A

busca, portanto, não objetiva o certo e o errado, a verdade ou a mentira, mas contemplar as diferentes formas de expressão do conhecimento, que carregam a própria história, os próprios discursos e métodos, disponibilizados por uma espécie de vida cósmica que pode avaliar os estímulos através de uma entidade que chamamos de consciência. Nesta navegação entre os provisórios saberes, o presídio das ilusões reais se constitui como um mundo físico no espaço-tempo, que captura a atenção do observador para dentro do jogo fenomenológico da percepção; contudo, há brechas de escapes, cada vez mais raras e distantes, devido ao domínio imperialista da cultura capitalista, mas que são protegidas por herdeiros do saber como tesouros ancestrais. As técnicas de meditação são um desses exemplos da alquimia ancestral, que opera na prática experimental por meio de uma compreensão da existência que extrapola o domínio material do espaço-tempo. Através dos estudos quânticos realizados no século XX, que utilizam a linguagem matemática para compreender as observações, a filosofia científica começou a se aproximar do entendimento ancestral sobre a matéria como uma forma de expressão da energia, que difere e depende da escala e dimensão da realidade em observação. No caso da meditação *vipassana*, a linguagem é o exercício prático, que joga com as sensações e a atenção, para reformular a percepção e acessar o saber sobre a vida. Num fluxo reverso ao do saber letrado, pensado, visualizado, a meditação *vipassana* silencia os estímulos. O que chegar não precisa ser destruído, pode ser observado, mas a atenção deve se ater às sensações físicas, pois são estas as portas de entrada para o universo profundo do ser. A renúncia de atender às dispersões, às urgências, confronta a instabilidade dos estímulos com o desejo de reação: parar, fechar os olhos, sentar e observar um movimento constante que não depende da atenção consciente para seguir o fluxo, como a respiração e as sensações físicas, que passam a caminhar junto com a atenção localizada do observador em meditação *vipassana*. A cientificidade do método é demonstrada através das milenares repetições técnicas realizadas por corpos que se propuseram a embarcar nesta pesquisa sobre a vida. Grande parte do sucesso desta prática de meditação é devido ao sofrimento profundo, que convive com a maioria das pessoas. Esta noção sobre o corpo, que extrapola a matéria, as sensações e os sentimentos superficiais, acessa as profundezas da existência do Eu, que navega num ambiente iluminado e ruidoso, como uma televisão zapeada, que repousa em programas por breves momentos, ou em inesperadas sequências musicais de uma rádio. Com o tempo, percebe-se uma repetição dos padrões audiovisuais durante a meditação. Nada é um problema, tudo é uma identificação. Com a mente calma, escavamos as memórias que soterramos e, por isso, é comum chorar durante o retiro *vipassana*, pois liberamos dores enraizadas. A impermanência do fluxo é, portanto, a noção

fundamental da navegação em meditação. Assim, as figurações identitárias de um Eu perene são dissolvidas, para, então, perceber o Eu como potência de vir a ser existência, através da captura de representações simbólicas de si e do mundo exterior. Não nos cabe destruir o reino dos signos em que estamos aprisionados, apenas aceitar e navegar, sem que uma ideia possa nos algemar como uma identidade permanente sobre si mesmo. Ou, se preferir, o observador pode se acomodar numa dessas ilhas do saber e permanecer até o fim da vida. Esta localização no tempo e no espaço, contudo, jamais será capaz de definir a totalidade do ser que ali escolher habitar. Mesmo o corpo, a nau que nos possibilita navegar no mar de *Maya*, é provisória e refutável. O piloto, o Eu, porém, é indestrutível, pois nunca foi construído. Assim, o Eu está submerso no campo do devir virtual, num jogo de probabilidades de potências de vir a ser existência/ experiência.

A perspectiva que considera a imaterialidade do piloto do corpo está presente em diversas espécies de literatura, inclusive, a científica. Apesar da contaminação do discurso materialista, a ciência formula teorias sobre entidades como mente e espírito para explicar a experiência da vida consciente. Desta forma, existem dois aspectos interconectados a serem observados, o do universo das formas e o da dimensão imaterial.

...

Para Pribram⁵³³, como “resultado da revolução industrial e dos avanços científicos modernos, geramos uma sociedade materialista que falha em atender à busca espiritual que nos nutre.” Neste sentido, considera que, a partir dos resultados experimentais e das interpretações deduzidas, relatadas no livro *The Form Within*, podemos traçar uma inversão desta imagem estritamente materialista de nós mesmos.

Quando nós, humanos, encontramos-nos em situações de difícil navegação, buscamos “formular” a situação, ou seja, criar a forma como base para continuar nossa navegação: criamos histórias ou fazemos ciência, ou ambos. A busca pela forma pode ser vista como um esforço espiritual.⁵³⁴

Assim, quando encontramos um problema que nos exige atenção, buscamos formular a observação, ou seja, criar um padrão formal (dhistórias, equações, teorias científicas, doutrinas religiosas, imagens) para fundamentar a continuidade da navegação. Por este motivo,

⁵³³ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 489, tradução nossa.

⁵³⁴ *Ibid.*, p. 490, tradução nossa.

Pribram⁵³⁵ sublinha que a busca perseguida pelos cientistas é espiritual, uma busca na qual o *Homo sapiens sapiens* se destaca.

A definição comum de “espírito”, como uma entidade imaterial, assemelha-se às noções da teoria da regulação neurológica estruturada como um sistema de controle termodinâmico programável, pois “é um empreendimento científico que se baseia na utilização de formas de energia, não de matéria. Além disso, as descrições de *holofluxo* (o potencial quântico, energia do ponto zero) e holografia quântica são desprovidas de qualquer estrutura de espaço-tempo.”⁵³⁶ Neste sentido, as descobertas realizadas durante os séculos XIX, XX e XXI, evidenciaram no campo científico, padrões, anteriormente investigados sob a rubrica “espíritos”.

Houve um tempo em que os processos cerebrais eram descritos como mediados pela “respiração” - isto é, pelo espírito. Agora afirmamos que esses “espíritos” são elétricos e, na teia de pequenas fibras, eles formam campos elétricos. E à medida que continuamos a explorar os efeitos do magnetismo e dos “fótons suaves”, ou seja, do calor, é provável que descobriremos muito mais sobre o processamento cerebral que afirma nossa natureza espiritual.⁵³⁷

Como observa Pribram⁵³⁸, “o *Homo sapiens* experimentou o aspecto espiritual do ‘ser’ desde o início de nossa espécie. A ciência é uma busca e, como tentei mostrar, não há razão para que os cientistas continuem a restringir essa busca para ficar confinada apenas à composição da matéria.”

Muitas declarações foram feitas recentemente de que a ciência banuiu a humanidade do centro de seu universo e, portanto, empobreceu sua espiritualidade. Essa não tem sido minha experiência como cientista - nem a de muitos de meus colegas. Na verdade, conforme eu os li, os principais contribuintes para nos mover de uma visão egocêntrica de nós mesmos - os cientistas que fizeram as principais contribuições para a revolução copernicana, para a evolução darwiniana ou para a psicanálise freudiana - nunca expressaram qualquer apagamento de espírito ou espiritualidade. Muito pelo contrário, todos eles eram “pensadores” profundos, isto é, duvidosos. É aí que reside um paradoxo.⁵³⁹

Ou seja, o paradoxo consiste na desconfiança sobre o regime de verdade, pois o cientista refuta as crenças para estruturar novas certezas provisórias. Assim, “sem a dúvida, não há crença. Se não houvesse dúvida, as experiências simplesmente existiriam. Como no caso do materialismo e do mentalismo, um não poderia ser articulado sem o outro”⁵⁴⁰:

⁵³⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵³⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵³⁷ *Ibid.*, p. 490/491, tradução nossa.

⁵³⁸ *Ibid.*, p. 491, tradução nossa.

⁵³⁹ *Ibid.*, p. 494, tradução nossa.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

A dúvida engendra a busca e a busca engendra a crença. A crença vem em uma gama de ambigüidade e, portanto, oferece-nos uma gama de certezas - e cada um de nós difere em nossa tolerância à ambigüidade. A certeza pode estar centrada em você mesmo ou no mundo em que navegamos.⁵⁴¹

Nesta perspectiva, Pribram⁵⁴² compreende que as experiências humanas envolvem qualidades espirituais e não materiais, pois grande parte de sua pesquisa neurológica “lida com formas, com padrões, que não são, em si mesmos, matéria per se. Esses padrões podem ser considerados complementos espirituais da matéria.” Portanto, sublinha que “o espírito e a espiritualidade passaram a ter status de temas maduros para a investigação científica.”⁵⁴³ Assim, deve-se destacar que, por possuir padrões formais, a imaterialidade do espírito é distinta do nada, pois lida com elementos cartografados no espaço-tempo.

...

Para Pribram⁵⁴⁴ “o que tem faltado nas ciências do cérebro é uma alternativa ao materialismo baseada na ciência. A forma fornece essa alternativa.” O autor difere o conceito de forma através de duas correntes: forma como contorno (*shape*) e forma como padrão (*form*). O autor ressalta que a maioria dos neurologistas são materialistas, assim, grande parte dos cientistas do século XX explicam o cérebro por meio de descrições da forma como contorno (*shape*), no lugar de forma como padrão (*form*).

Enquanto a matéria forma contorno, a comunicação, por meio da transmissão de informações, é formada por padrões. Neste sentido, “uma mudança do materialismo (explicações em termos de matéria) da Revolução Industrial do século 19 e início do século 20 para esse entendimento ‘formal’ da informação como padrão está anunciando a Revolução das Comunicações hoje.”⁵⁴⁵ Entretanto, para Pribram⁵⁴⁶ as medidas de informação são insuficientes para transmitir as impressões e expressões pelas quais pensamos e nos comunicamos, pois quando falamos, buscamos significar a informação. “O significado é formado pelo contexto, o contexto social, histórico e material dentro do qual processamos a

⁵⁴¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁴² *Ibid.*, p. 495, tradução nossa.

⁵⁴³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁴⁴ *Ibid.*, p. 10/11, tradução nossa.

⁵⁴⁵ *Ibid.*, p. 12, tradução nossa.

⁵⁴⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

informação.”⁵⁴⁷ Assim, em *The Form Within*, Pribram aborda medição da “informação” ao lado do conceito de “significado”.

A distinção entre forma como contorno e forma como padrão tem muitas ramificações, que constituem o fundamento dos argumentos e explicações que o autor explora neste livro: como exemplo, Pribram⁵⁴⁸ cita o trabalho de Descartes, em que traça a diferença entre “pensar” (como padrão) e “matéria” (como contorno), pois, deste modo, Descartes fornece “o caminho para trans-formar o contorno e o padrão, reunindo-os dentro de co-ordenadas - o que conhecemos hoje como ‘coordenadas cartesianas’.”

A partir desta análise, Pribram⁵⁴⁹ sublinha que a resposta para a questão “o que o cérebro faz e como o faz” depende da capacidade humana “de discernir, em casos específicos, as transformações, as mudanças nas coordenadas, que relacionam o nosso cérebro aos seus sistemas sensoriais e motores e às formas em que diferentes sistemas dentro do cérebro se relacionam entre si.” Nesta perspectiva, assume que “a forma de dentro” (tradução do título do livro de Pribram) alcança “muitas dessas transformações, especialmente aquelas que ajudam a dar sentido à maneira como navegamos em nosso mundo.”⁵⁵⁰

Os primeiros seres humanos refinaram e diversificaram - formaram - suas ações para re-formar seu mundo com pinturas e canções. Os contadores de histórias começaram a dar diversos significados a esses diversos refinamentos formulando lendas e mitos. Por sua vez, suas histórias passaram a ser aceitas como restrições de comportamento, como leis (modos de conduta) e injunções religiosas (do latim, *religare*, “unir, amarrar”). Hoje, classificamos essas formas de conhecimento e ação cultural e social sob o título “as humanidades”.⁵⁵¹

Por meio de histórias, os humanos dos tempos remotos formularam registros de diversas observações sobre os eventos recorrentes, que moldam suas vidas, como, por exemplo, os ciclos do sol, da lua, das estações, da maré e suas inter-relações com o ser humano. Tais registros possibilitaram formular a antecipação da ocorrência dos eventos cíclicos e, posteriormente, verificar a validade dos dados registrado durante a próxima recorrência. A formação de padrões previsíveis dá sentido às nossas observações, significa, in-forma. “Hoje incluímos esses padrões, essas formas de conhecer e agir no mundo em que navegamos, sob o título ‘as ciências’.”⁵⁵² A aparente distinção entre as expressões do conhecimento categorizadas

⁵⁴⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁴⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁵⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁵¹ *Ibid.*, p. 14, tradução nossa.

⁵⁵² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

como “as humanidades” e “as ciências” deve dar lugar ao exercício de complementaridade do pensamento complexo para trans-formar os múltiplos campos do saber que buscam explicar a vida através de diferentes ópticas e métodos; por vezes, pontos de vista podem ser aniquiladores entre si, inclusive dentro do seu próprio campo de pesquisa, mas as diferentes abordagens sobre as mesmas questões fundamentais sobre a vida podem ser integradas por analogias ou complementariedade.

Pribram é formado dentro do campo científico materialista da neurologia, mas percebe a necessidade de construir uma alternativa, baseada nos métodos científicos, para o pensamento materialista. Nesta perspectiva, considera que a abordagem da essência da natureza sob a ótica da forma fornece tal possibilidade: “a forma lida com a essência do que está sendo observado, não apenas com sua matéria. A forma vem em dois sabores: forma como contorno e forma como padrão.”⁵⁵³ Para Pribram⁵⁵⁴, as atuais ciências do cérebro e comportamento baseiam suas explicações em termos de forma como contornos da matéria, pois raramente se preocupam com a forma em termos de padrões.

A forma de comunicação, um processo mental, e a forma de construção dos campos receptivos corticais, um processo físico material, poderiam agora ser descritas pelo mesmo formalismo. Nesse nível de investigação, uma identidade é estabelecida entre as operações da mente e do cérebro. Essa identidade tem levado pessoas comuns, bem como cientistas e filósofos, a falar como se seu cérebro “pensasse”, “escolhesse”, “machucasse” ou como se “desorganizasse”. Na linguagem da filosofia, isso é denominado concretude deslocada: somos nós, as pessoas, que pensamos, escolhemos, ferimos e ficamos confusos. Portanto, é importante especificar o nível, a escala de investigação, em que existe uma identidade de forma (no nível do campo receptivo no cérebro) e onde a mente (comunicação) e o corpo (cérebro) são diferentes.⁵⁵⁵

A observação empírica sobre a forma como a semente embute a memória ancestral, a potência do devir da árvore, numa localidade material comprimida, revela o jogo de transformações biológicas entre a memória e a matéria. No caso das sementes, bem como em todo o reino da vida na Terra, a compressão da informação é a forma que a natureza encontrou para embutir as experiências antecedentes, sem, contudo, perder a aprendizagem do que funcionou bem para se adaptar ao ambiente. Assim, a semente contém a memória da formação material e das experiências “subjetivas” dos ancestrais, que agregam diferenciações a depender do modo de vida que foram submetidos na natureza. Por este motivo, “do ponto de vista dos

⁵⁵³ *Ibid.*, p. 18, tradução nossa.

⁵⁵⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁵⁵ *Ibid.*, p. 104/105, tradução nossa.

biólogos, a memória está embutida na matéria, e a matéria, por sua vez, está embutida na memória. Ou seja, a forma do armazenamento da memória se transforma continuamente.”⁵⁵⁶

Neste sentido, Jacques Monod descreve a memória com base na confluência entre os aspectos prospectivos e retrospectivos, como um “plano arquitetônico”: “a memória, quando em uso, não é apenas algo armazenado para ser recuperado. Em vez disso, a forma inicial de memória é um potencial para ser revelado, a lembrança de uma expressão de algo ainda não expresso.”⁵⁵⁷ Assim, é preciso considerar que “a memória está inserida em diferentes escalas de processamento: de moléculas e membranas, a células e pedaços de fibras, a sistemas do corpo, incluindo aqueles no cérebro - à linguagem e a grupos políticos, econômicos e sócio-culturais.”⁵⁵⁸ Por este ponto de vista, Pribram⁵⁵⁹ afirma que “a nossa própria linguagem é um sistema de memória que envolve a sabedoria de todos os tempos”, que “não apenas incorpora nossa experiência humana compartilhada, mas também nos fornece entradas importantes para qualquer investigação significativa da função cerebral.”

Apesar da interferência da expressão imaterial estar bem estabelecida em argumentos, métodos e conceitos de diversos campos do conhecimento, inclusive o científico, esta visão é oposta à hegemonia científica materialista, que, em casos extremos, busca eliminar por completo a psicologia, através da determinação das ações de cada neurônio, como buscou sintetizar Francis Crick. Assim, a perspectiva científica materialista considera que a mente e a memória emergem das operações do cérebro, portanto, este modo de observação sobre a natureza “pressupõe que a mente pode ser reduzida à forma como as células cerebrais funcionam.”⁵⁶⁰

A palavra “mente” tem sua raiz etimológica verbal na língua protoindo-europeia, “o ancestral comum hipotético das línguas indo-europeias, tal como era falado há cerca de 5000 anos”⁵⁶¹: *Men*, que significa “pensar, lembrar”, deu origem ao termo em sânscrito *manas*, em grego, *μῆνοϛ*, e em latim *mens*, *mentem*. Em inglês antigo, *mynde* e *gemynde*, que significam “memória”. “Por sua vez, *gemynde* era composto de *ge*, que significava ‘juntos’ e *moneere*, que significava alertar. Assim, ‘mente’ é baseada na memória e é usada coletivamente para alertar ou ficar de olho nas coisas [...]”⁵⁶²

⁵⁵⁶ *Ibid.*, p. 330, tradução nossa.

⁵⁵⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁵⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁵⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁶⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁶¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁶² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

A memória é um conceito amplamente debatido no jogo da refutabilidade científica. Se, por um lado, os cientistas materialistas defendem que a matéria é a criadora da memória, por outro, uma ilustre minoria de vozes pensa por óticas contrárias: “a matéria está embutida na memória. A memória não é a matéria em si, mas a memória é a forma que organiza a matéria.”⁵⁶³ Como exemplo, podemos observar a comparação entre o diamante e o carvão, que são feitos da mesma matéria (carbono), mas apresentam formas diferentes; enquanto o diamante é resistente e cristalino, o carvão é macio e preto. A vida no planeta Terra também é baseada em carbono, ou seja, o mesmo conteúdo material expressa diversas formas distintas. Pribram reconhece este aspecto da relação entre memória e matéria, mas quando estuda o corpo olha para a memória como um componente interno, armazenado na matéria. Apesar de amplas concordâncias conceituais, Sheldrake⁵⁶⁴ discorda de Pribram, pois compreende que a memória não está armazenada no corpo. A teoria do campo mórfico, proposta por Sheldrake, absorve o ponto de vista morfogenético e da tese de Jung sobre o inconsciente coletivo e a forma matriz dos arquétipos, para compreender a estrutura de uma memória anterior à matéria, que está armazenada num campo virtual, no qual a experiência acessa e atualiza a memória ancestral. Neste sentido, somos mais como uma mídia, que sintoniza em diferentes canais de expressão através de um aparelho que pode ter diferenças e danos, contudo, são incapazes de modificar a fonte da programação transmitida. Tanto Pribram, quanto Sheldrake, observam que a memória possui aspectos retrospectivos e prospectivos: o aspecto retrospectivo, re-lembrar, acessa o familiar; a função prospectiva da memória forma o presente, que determina o futuro.

Plantas, insetos, animais - todas as coisas compostas de matéria biológica dependem, para sobreviver, de uma habilidade fascinante de modificar sua memória sem a “mudar”. Nossa memória biológica é muitas vezes baseada em componentes materiais com uma curta “vida útil”. Nos mamíferos, nossa própria contagem de sangue vermelha varia pouco com o tempo, mas cada célula vermelha do sangue se desintegra em um mês.⁵⁶⁵

Enquanto Pribram concentrou seus esforços para compreender como os processos cerebrais organizam a forma interior da memória, Sheldrake observa o cérebro como processadores de memórias, que não as armazena no corpo material, mas num campo mórfico no qual nos habituamos a acessar determinados canais familiares e prospectivos. Entretanto, Pribram indica descobertas que se assemelham com as de Sheldrake, quando afirma que “as

⁵⁶³ *Ibid.*, p. 348, tradução nossa.

⁵⁶⁴ SHELDRAKE, Rupert. **Part I: Mind, memory, and archetype: Morphic resonance and the collective unconscious.** Psychological Perspectives, 1987, tradução nossa.

⁵⁶⁵ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view.** Westport: Prospecta Press, 2013, p. 331, tradução nossa.

fontes do comportamento estão em nossa navegação no mundo que experienciamos e que nossas navegações moldam nosso cérebro e o ambiente que experimentamos.”⁵⁶⁶ Além disso, Pribram considera que a memória biológica depende da separação entre a forma duradoura e seus componentes materiais, ou seja, entre a forma da memória e o substrato material. Neste sentido, a analogia com a informática é válida: “pouco importa se o computador é IBM, Dell ou Apple. Programas (planos) de processamento de texto adequadamente construídos serão executados em qualquer um deles.”⁵⁶⁷

Pribram⁵⁶⁸ compreende que a memória biológica, inclusive a cerebral, é composta de formas complexamente estruturadas hierarquicamente: “formada por repetições das quais repetições idênticas de sequências são extraídas e representadas em uma camada separada - um processo que se repete até que nenhuma sequência idêntica seja formada.” A hierarquia, nesta perspectiva, “é, portanto, uma representação compactada (um código) do que deve ser lembrado [...] este código compactado opera como um atrator que guia a navegação em nosso mundo: a memória é a base de nossa capacidade de lembrar o futuro.”⁵⁶⁹

Deste modo, a forma da memória é diferente da forma da experiência e do comportamento. Assim, correlações entre os distintos tipos de formas demonstram ser um método de investigação insuficiente, pois, para compreender como ocorre esta relação entre forma, memória e matéria, é preciso envolver os processos de transformação na abordagem sobre o sistema: transformações como a de uma semente que vira árvore, ou embriões que se tornam adultos, são exemplos do “desenvolvimento da complexidade, o desenvolvimento de formas complementares por meio de transformações.”⁵⁷⁰

Ver as relações entre as formas complementares em termos de transformações fornece uma nova perspectiva sobre emergência e redução. A abordagem comum da emergência se centra na emergência de propriedades, geralmente propriedades materiais, ao passo que abordar a emergência do ponto de vista das transformações envolve a especificação de funções de transferência, de formas translacionais.⁵⁷¹

As transformações contínuas entre os aspectos formais da memória e da matéria, observadas por cientistas como Pribram e Monod, podem ser correlacionadas à noção de campos mórficos, cunhada pelo biólogo Rupert Sheldrake. Por muitos, tais pensadores são enquadrados como pseudocientistas, até mesmo como charlatões, apesar de suas formações

⁵⁶⁶ *Ibid.*, p. 495, tradução nossa.

⁵⁶⁷ *Ibid.*, p. 349, tradução nossa.

⁵⁶⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁷⁰ *Ibid.*, p. 367, tradução nossa.

⁵⁷¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

acadêmicas *stricto sensu* e dos experimentos e métodos adotados obedecerem aos critérios estabelecidos na ciência materialista hegemônica. É através da materialidade que os cientistas percebem a memória como entidade imaterial. O ato está presente na natureza diariamente. Esta relação entre a memória compactada em sementes e a transformação numa forma específica de matéria, há muito tempo, intriga os biólogos, que desenvolveram a teoria da evolução das espécies, baseada nas observações de Darwin. Sheldrake adota estas observações sobre a morfogênese da descendência modificada da vida, que aborda padrões estruturais formados por ressonância morfogenética, para ampliar o campo conceitual e adotar todas as formas construídas no universo. Nesta perspectiva, o conceito de campo mórfico nos leva a uma investigação mais abrangente sobre o universo, que engloba, dentro desta relação de transformações entre a natureza e a memória, formas além das presentes no reino da vida. Sheldrake⁵⁷² considera que “essa perspectiva abrangente é parte de uma mudança de paradigma muito profunda que está ocorrendo na ciência: a mudança de uma visão de mundo mecanicista para uma visão evolucionária e holística”:

[...] o universo é mais como um organismo do que uma máquina. O *Big Bang* lembra as histórias míticas da eclosão do ovo cósmico: ele cresce e, à medida que cresce, sofre uma diferenciação interna que é mais como um embrião cósmico gigantesco do que a enorme máquina eterna da teoria mecanicista. Com essa alternativa orgânica, pode fazer sentido pensar nas leis da natureza mais como hábitos; talvez as leis da natureza sejam hábitos do universo, e talvez o universo tenha uma memória embutida.⁵⁷³

No século XIX, o escritor Samuel Butler interpretou os fenômenos em termos de hábito. Nesta perspectiva, afirma “que toda a vida envolvia memória inconsciente inerente; hábitos, os instintos dos animais, a maneira como os embriões se desenvolvem, tudo refletia um princípio básico de memória inerente à vida.”⁵⁷⁴ Entretanto, assim como Sheldrake, Butler sugere a existência de uma memória inerente em átomos, moléculas e cristais. Para Sheldrake, a pesquisa de Butler demonstra que a biologia abandonou a perspectiva da vida em termos evolutivos, para, a partir da década de 1920, adotar o pensamento mecanicista, que passou a dominar os estudos biológicos.

Assim como Pribram, Sheldrake⁵⁷⁵ observa a incoerência da explicação causal para a forma: “a causa está contida no efeito e o efeito na causa. No entanto, quando consideramos o

⁵⁷² SHELDRAKE, Rupert. **Part I**: Mind, memory, and archetype: Morphic resonance and the collective unconscious. *Psychological Perspectives*, 1987, p. 9, tradução nossa.

⁵⁷³ *Ibid.*, p. 12, tradução nossa.

⁵⁷⁴ *Ibid.*, p. 13, tradução nossa.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

crescimento de um carvalho a partir de uma bolota, parece não haver tal equivalência de causa e efeito de nenhuma maneira óbvia.”

Se, por outro lado, mais forma veio de menos forma (o nome técnico para o qual é epigênese), então de onde vem mais forma? Como apareceram estruturas que não existiam antes? Nem os platônicos nem os aristotélicos tiveram qualquer problema com essa questão. Os platônicos disseram que a forma vem do arquétipo platônico: se existe um carvalho, então existe uma forma arquetípica de um carvalho, e todos os carvalhos reais são simplesmente reflexos desse arquétipo. Uma vez que esse arquétipo está além do espaço e do tempo, não há necessidade de o embutir na forma física da bolota. Os aristotélicos diziam que cada espécie tem seu próprio tipo de alma, e a alma é a forma do corpo. O corpo está na alma, não a alma no corpo. A alma é a forma do corpo e está ao redor do corpo e contém o objetivo do desenvolvimento (que é formalmente chamado de enieléquia). Uma alma livre de carvalho contém o eventual carvalho livre.⁵⁷⁶

Assim, “uma visão de mundo mecanicista nega o animismo em todas as suas formas; ela nega a existência da alma e de quaisquer princípios organizadores imateriais.”⁵⁷⁷ A alternativa, apresentada por Sheldrake, para à abordagem mecanicista/ reducionista/ materialista sobre a questão da morfogênese, baseia-se num modelo que existe desde a década de 1920: os campos (de forma-contorno [*form-shaping*]) morfogenéticos. “Nesse modelo, os organismos em crescimento são moldados por campos que estão dentro e ao redor deles, campos que contêm, por assim dizer, a forma do organismo.”⁵⁷⁸ Tal noção se aproxima mais da tradição aristotélica, que contempla uma alma de causação formal, ou ao arquétipo platônico, do que de qualquer uma das outras abordagens tradicionais: “à medida que um carvalho se desenvolve, a bolota é associada a um campo de carvalho, uma estrutura organizadora invisível que organiza o desenvolvimento do carvalho; é como um molde de carvalho, dentro do qual o organismo em desenvolvimento cresce.”⁵⁷⁹

Um fato que levou ao desenvolvimento dessa teoria é a notável capacidade que os organismos têm de reparar danos. Se você cortar um carvalho em pequenos pedaços, cada pequeno pedaço, devidamente tratado, pode crescer e se tornar uma nova árvore. Então, de um pequeno fragmento, você pode obter um todo. As máquinas não fazem isso; eles não têm o poder de permanecer inteiros se você remover partes deles. Corte um computador em pequenos pedaços e tudo o que você terá é um computador quebrado. Ele não se regenera em muitos pequenos computadores. Mas se você cortar um verme chato em pequenos pedaços, cada pedaço pode se transformar em um novo verme. Outra analogia é um ímã. Se você dividir um ímã em pedaços de papel, terá muitos pequenos ímãs, cada um com um campo magnético completo.⁵⁸⁰

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 13/14, tradução nossa.

⁵⁷⁷ *Ibid.*, p. 14, tradução nossa.

⁵⁷⁸ *Ibid.*, p. 15, tradução nossa.

⁵⁷⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁸⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

Tais fatos revelam que os campos possuem propriedades holísticas, ao contrário dos sistemas mecânicos. Esta compreensão da relação de transformação entre memória e matéria se assemelha à noção de holograma, em que qualquer parte contém o todo. Como observou Pribram, ao analisar o funcionamento do cérebro de forma análoga ao processamento de um holograma, esta tecnologia é baseada em padrões de interferência entre ondas, dentro do campo eletromagnético espectral. “Os campos, portanto, têm uma propriedade holística que foi muito atraente para os biólogos que desenvolveram esse conceito de campos morfogenéticos.”⁵⁸¹

Cada espécie tem seus próprios campos e dentro de cada organismo existem campos dentro de campos. Dentro de cada um de nós está o campo de todo o corpo; campos para braços e pernas e campos para rins e fígados; dentro estão campos para os diferentes tecidos dentro desses órgãos e, em seguida, campos para as células, campos para as estruturas subcelulares, campos para as moléculas e assim por diante. Existe uma série de campos dentro de campos.⁵⁸²

A hipótese, proposta por Sheldrake⁵⁸³, é que “esses campos, que já são amplamente aceitos na biologia, têm uma espécie de memória embutida derivada de formas anteriores de tipo semelhante.” Portanto, a estrutura dos campos possui uma memória acumulativa, baseada no que aconteceu com a espécie no passado; a consonância entre os aspectos retrospectivos e prospectivos da memória visa aplicar a aprendizagem da experiência ancestral na existência formal dos futuros descendentes, que, por sua vez, obtêm novas informações por meio do teste, tentativa e erro no mundo da matéria, que os lança nos campos morfogenéticos relativos à espécie a qual pertence. Como a ressonância mórfica opera por meio dos campos, há, portanto, uma conexão entre campos semelhantes, que se influenciam mutuamente.

A extensão da ideia dos campos morfogenéticos, que serve para explicar o processo de armazenamento, aprendizagem e aplicação da memória para compor as formas presentes nos organismos vivos, passa a abordar também, sob o termo “campo mórfico”, moléculas, cristais, átomos ou qualquer outra forma de existência do universo. Ademais, esta atualização da compreensão de campo inclui, além da forma, o comportamento como expressão mórfica.

Existem vários experimentos que podem ser feitos no reino da forma biológica e no desenvolvimento da forma. Correspondentemente, os mesmos princípios se aplicam ao comportamento, formas de comportamento e padrões de comportamento. Considere a hipótese de que, se você treinar ratos para aprender um novo truque em Santa Bárbara, os ratos de todo o mundo serão capazes de aprender a fazer o mesmo truque mais rapidamente, só porque os ratos em Santa Bárbara aprenderam. Este novo padrão de aprendizagem estará, por assim dizer, na memória coletiva do rato - nos campos mórficos dos ratos, aos quais outros ratos podem entrar em sintonia, apenas

⁵⁸¹ *Ibid.*, p. 16, tradução nossa.

⁵⁸² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁸³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

porque são ratos e apenas porque estão em circunstâncias semelhantes, por ressonância mórfica. Isso pode parecer um pouco improvável, mas ou esse tipo de coisa acontece ou não.⁵⁸⁴

Um exemplo, citado por Sheldrake⁵⁸⁵, para descrever um caso fatídico de disseminação espontânea de novos hábitos em animais, são as evidências de aprendizagem de um comportamento realizado por pequenos pássaros com a cabeça azul (*bluetits*), que aprenderam a saquear as garrafas de leite fresco tampadas com papelão, desde 1921. Vários *bluetits*, porém, morreram afogados. Esta espécie de pássaro são caseiras e não viajam mais do que 6 ou 8 km. Contudo, num local a cerca de 80 km, o mesmo evento ocorreu, e em outro local a 160 km de distância, até que se espalhou por toda Grã-Bretanha. “Em outras partes da Europa, onde as garrafas de leite são entregues na porta, como na Escandinávia e na Holanda, o hábito também surgiu durante os anos 1930 e se espalhou de maneira semelhante.”⁵⁸⁶ Sempre que o fenômeno surgia, espalhava-se localmente, provavelmente, por imitação, mas “a disseminação do comportamento por grandes distâncias só poderia ser explicada em termos de uma descoberta independente do hábito.”⁵⁸⁷ Segundo Sheldrake⁵⁸⁸, a conclusão dos cientistas, que realizaram o mapeamento até 1947, a técnica dos *blutits* para destampar a garrafa de leite deve ter sido “inventada”, independentemente, de forma semelhante, pelo menos 50 vezes. Outro fator interessante é que a taxa de disseminação do hábito acelerou com o passar do tempo. Para Sheldrake⁵⁸⁹, este mapeamento do comportamento aprendido por pássaros *bluetits* é “um exemplo de um padrão de comportamento que se espalhou de uma maneira que parecia se acelerar com o tempo e que pode fornecer um exemplo de ressonância mórfica.”

Evidências ainda mais sugestivas sobre a ressonância mórfica provêm da ocupação alemã da Holanda, que cessou a entrega de leite durante 1939-40. “Como os *bluetits* geralmente vivem apenas dois a três anos, provavelmente não havia *bluetits* vivos em 1948 que estivessem vivos quando o leite foi entregue pela última vez.”⁵⁹⁰ No momento em que as entregas de leite foram retomadas em 1948, o comportamento dos *bluetits* de abrir a tampa de papelão das garrafas de leite re-surgiu rapidamente, em lugares distintos na Holanda, e, rapidamente, espalhou-se até se tornar novamente universal em apenas um ou dois anos. Na segunda vez, o comportamento se espalhou muito mais rápido e surgiu de forma independente com muito mais

⁵⁸⁴ *Ibid.*, p. 17, tradução nossa.

⁵⁸⁵ *Ibid.* p. 18, tradução nossa.

⁵⁸⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁸⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁸⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁸⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

frequência do que na primeira vez. Para Sheldrake⁵⁹¹, “este exemplo demonstra a propagação evolutiva de um novo hábito que provavelmente não é genético, mas depende de um tipo de memória coletiva devido à ressonância mórfica.” Nesta perspectiva, considera “que a hereditariedade depende não apenas do DNA, que permite aos organismos construir os blocos de construção químicos corretos - as proteínas - mas também da ressonância mórfica”⁵⁹²:

A hereditariedade, portanto, tem dois aspectos: um, uma hereditariedade genética, que é responsável pela herança de proteínas por meio do controle do DNA da síntese de proteínas; a segunda, uma forma de hereditariedade baseada em campos mórficos e ressonância mórfica, que não é genética e é herdada diretamente de membros anteriores da espécie. Esta última forma de hereditariedade lida com a organização da forma e do comportamento.⁵⁹³

Sheldrake discorda da posição dos estudos biológicos que buscam explicar a relação entre memória, forma e matéria, em termos do que acontece dentro, como é o caso de Pribram. Por este motivo, sugere que “as formas e padrões de comportamento estão, na verdade, sendo sintonizados por conexões invisíveis que surgem fora do organismo.”⁵⁹⁴ Assim, compreende que o desenvolvimento da forma é resultado de uma simultânea organização interna do organismo em interação com os campos mórficos aos quais está sintonizado.

Neste sentido, mutações genéticas podem afetar o desenvolvimento, do mesmo modo que ocorre com um aparelho de TV quando uma peça quebra ou é diferente, obtém-se distorções no padrão comum de imagens ou sons. “Mas isso não prova que as imagens e o som sejam programados por esses componentes. Nem prova que a forma e o comportamento são programados por genes; se descobrirmos que há alterações na forma e no comportamento como resultado de mutação genética.”⁵⁹⁵

Nem prova que a forma e o comportamento são programados no DNA quando as mutações genéticas levam a mudanças na forma e no comportamento. A suposição usual é que, se você pode mostrar que algo se altera como resultado de uma mutação, então isso deve ser programado, controlado ou determinado pelo gene. Espero que esta analogia com a TV deixe claro que essa não é a única conclusão. Pode ser que esteja simplesmente afetando o sistema de sintonia.⁵⁹⁶

Ao analisar as mutações de “ajuste” (homeóticas), a mosca da fruta (*Drosophila*) é o principal animal utilizado, pois “foi encontrada toda uma gama dessas mutações que produzem

⁵⁹¹ *Ibid.*, p. 19, tradução nossa.

⁵⁹² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁹³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p. 20, tradução nossa.

⁵⁹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

várias monstruosidades”: por exemplo, no lugar das antenas na cabeça, crescem pernas ou o segundo dos três pares de pernas se transformam em antenas ou quatro asas ao invés de duas. Segundo Sheldrake⁵⁹⁷, todas estas mutações dependem de único gene, portanto, considera que se trata da mudança de “sintonia de uma parte do tecido embrionário, de modo que ele se sintonize em um campo mórfico diferente do que normalmente faz, e então um conjunto diferente de estruturas surge, assim como sintonizar em um canal diferente na TV.”

Pode-se ver por essas analogias como tanto a genética quanto a ressonância mórfica estão envolvidas na hereditariedade. Claro, uma nova teoria da hereditariedade leva a uma nova teoria da evolução. A teoria evolucionária atual é baseada na suposição de que praticamente toda hereditariedade é genética. A sociobiologia e o neodarwinismo, em todas as suas várias formas, são baseados na seleção de genes, frequências de genes e assim por diante. A teoria da ressonância mórfica leva a uma visão muito mais ampla que permite que uma das grandes heresias da biologia mais uma vez seja levada a sério: a saber, a ideia da herança de características adquiridas. Os comportamentos que os organismos aprendem, ou as formas que eles desenvolvem, podem ser herdadas por outros, mesmo que não sejam descendentes dos organismos originais - por ressonância mórfica.⁵⁹⁸

A hipótese do campo mórfico para explicar os processos de transformação da memória consiste numa abordagem muito diferente da hegemônica, sobretudo, a materialista estrita. A chave para a compreensão do conceito de Sheldrake é perceber a influência por semelhança no espaço e no tempo: “a quantidade de influência depende do grau de semelhança. A maioria dos organismos são mais semelhantes a si próprios no passado do que a qualquer outro organismo.”⁵⁹⁹

Trata-se, portanto, de um processo de “auto-ressonância com estados passados do mesmo organismo”⁶⁰⁰, que ajuda a estabilizar os campos morfogenéticos no reino da forma. Assim, estabiliza “a forma do organismo, mesmo que os constituintes químicos nas células estejam se transformando e mudando.”⁶⁰¹ Além disso, “os padrões habituais de comportamento também são sintonizados pelo processo de auto-ressonância.”⁶⁰² Não são memórias verbais ou intelectuais, mas corporais.

Isso também se aplica à minha memória de eventos reais: o que fiz ontem em Los Angeles ou no ano passado na Inglaterra. Quando penso nesses eventos particulares, estou sintonizando as ocasiões em que esses eventos aconteceram. Existe uma conexão causal direta por meio de um processo de sintonia. Se esta hipótese estiver

⁵⁹⁷ *Ibid.*, p 21, tradução nossa.

⁵⁹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁵⁹⁹ *Ibid.*, p. 21/22, tradução nossa.

⁶⁰⁰ *Ibid.*, p. 22, tradução nossa.

⁶⁰¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁰² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

correta, não é necessário assumir que as memórias estão armazenadas dentro do cérebro.⁶⁰³

A concepção de que as memórias são armazenadas no cérebro, por vezes, a torna sinônimo de mente ou memória. Por outro lado, com base na hipótese de Sheldrake⁶⁰⁴, “o cérebro é mais como um sistema de sintonia do que um dispositivo de armazenamento de memória.”

A própria busca para traçar a cartografia cerebral da memória levou os pesquisadores a especular que a memória estava em toda parte e em nenhum lugar em particular, como “o próprio Lashley concluiu que as memórias são armazenadas de forma distribuída por todo o cérebro, uma vez que ele não conseguiu encontrar os traços de memória que a teoria clássica adquiriu.”⁶⁰⁵ Karl Pribram adotou a perspectiva de Lashley para cunhar a teoria holográfica do armazenamento da memória, que considera que a forma da memória é composta padrões de interferência entre ondas espalhados por todo o cérebro, em que cada parte contém informação sobre o todo.

A diferença entre a perspectiva de Sheldrake⁶⁰⁶, em relação a de Lashley e Pribram, é a sugestão da possibilidade de que as memórias não sejam forjadas dentro do corpo: para Sheldrake⁶⁰⁷, a noção de que as memórias não são armazenadas dentro do cérebro “é mais consistente com os dados disponíveis do que as teorias convencionais ou a teoria holográfica.”

Além da dificuldade em observar como as memórias são armazenadas no corpo, devido a dinâmica acelerada do cérebro, “há também um problema lógico sobre as teorias convencionais de armazenamento da memória, que vários filósofos apontaram.”⁶⁰⁸ Pribram, bem como as teorias convencionais, presumem que, de alguma forma, as memórias são codificadas e localizadas em um depósito dentro do cérebro. Quando necessário, são lembradas por um sistema de recuperação. “Isso é chamado de modelo de codificação, armazenamento e recuperação. No entanto, para um sistema de recuperação recuperar qualquer coisa, ele precisa saber o que deseja recuperar.”⁶⁰⁹ Pribram resolveu esta questão descrevendo a memória como dois aspectos distintos: um deles consiste no sistema retrospectivo, o familiar, o habitual; o outro, aborda o aspecto prospectivo, expresso por meio da motivação e

⁶⁰³ *Ibid.*, p. 22, tradução nossa.

⁶⁰⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁰⁵ *Ibid.*, p. 23, tradução nossa.

⁶⁰⁶ *Ibid.*, p. 24, tradução nossa.

⁶⁰⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁰⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁰⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

intenção, que buscam alcançar o alvo atrator. Sheldrake, por outra ótica, sublinha que um sistema de recuperação de memória precisa saber qual memória está procurando, pois deve ser capaz de reconhecer a memória que está tentando recuperar. Para a reconhecer, portanto, o próprio sistema de recuperação deve ter algum tipo de memória, deve ter um sistema sub-recuperação para recuperar suas memórias de seu armazenamento, que resulta numa regressão infinita. O próprio Pribram⁶¹⁰ reconhece, por meio dos seus próprios experimentos laboratoriais, que a aplicação da teoria da medição da informação como redução da incerteza, baseada nos estudos de Shannon, “fornece apenas um começo em nossa capacidade de compreender as múltiplas modalidades dos processos mentais.” Por este motivo, ressalta a ocorrência de padrões de incerteza pré-existentes, que podem ser especificados em tipos de amostras, que Pribram sugere usar como uma medida de significado.

...

Ao considerar a teoria da ressonância mórfica da memória, Sheldrake⁶¹¹ articula a ideia de “memória coletiva” ao conceito de “inconsciente coletivo” cunhado por Jung. Desta forma, acredita que, além de conseguirmos sintonizar com nossas próprias memórias, podemos sintonizar com as de outras pessoas também, pois “existe uma memória coletiva com a qual todos estamos sintonizados, que forma um pano de fundo contra o qual nossa própria experiência se desenvolve e contra a qual nossas próprias memórias individuais se desenvolvem.”⁶¹² A semelhança deste conceito com a noção de inconsciente coletivo, proposta por Jung, demonstra a existência de uma memória coletiva da humanidade, a qual todas as pessoas acessam e contribuem com as informações avaliadas durante as experiências.

Jung pensava no inconsciente coletivo como uma memória coletiva, a memória coletiva da humanidade. Ele pensava que as pessoas estariam mais sintonizadas com os membros de sua própria família, raça e grupo social e cultural, mas que, no entanto, haveria uma ressonância de fundo de toda a humanidade: uma experiência combinada ou média de coisas básicas que todas as pessoas experimentam (por exemplo, comportamento materno e vários padrões sociais e estruturas de experiência e pensamento). Não seria tanto uma memória de pessoas particulares do passado, mas uma média das formas básicas de estruturas de memória; esses são os arquétipos.⁶¹³

⁶¹⁰ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 459, tradução nossa.

⁶¹¹ SHELDRAKE, Rupert. **Part I**: Mind, memory, and archetype: Morphic resonance and the collective unconscious. *Psychological Perspectives*, 1987, p. 24, tradução nossa.

⁶¹² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶¹³ *Ibid.*, p. 25, tradução nossa.

A ideia de arquétipos, presente na noção de Jung sobre o inconsciente coletivo, concorda com a teoria da ressonância mórfica de Sheldrake, que reafirma a validade da pesquisa Jung dentro do atual contexto científico mecanicista e materialistas da biologia, medicina e psicologia convencionais, que negam a existência de algo como o inconsciente coletivo. Sheldrake⁶¹⁴ afirma que “o conceito de uma memória coletiva de uma raça ou espécie foi excluído até mesmo como uma possibilidade teórica”:

Você não pode ter nenhuma herança de características adquiridas de acordo com a teoria convencional; você só pode ter uma herança de mutações genéticas. Pelas premissas da biologia convencional, não haveria como as experiências e mitos de, por exemplo, tribos africanas, tivessem qualquer influência nos sonhos de alguém na Suíça de ascendência não africana, que é o tipo de coisa que Jung pensava acontecer. Isso é totalmente impossível do ponto de vista convencional, e é por isso que a maioria dos biólogos e outros dentro da ciência convencional não levam a sério a ideia de inconsciente coletivo. É considerada uma ideia excêntrica e marginal que pode ter algum valor poético como uma espécie de metáfora, mas não tem relevância para a ciência adequada porque é um conceito completamente insustentável do ponto de vista da biologia normal.⁶¹⁵

A diferença entre a abordagem de Jung e Sheldrake é que a ideia de Jung foi aplicada principalmente à experiência e à memória coletiva humana, enquanto Sheldrake sugere que este processo de transformação entre a memória e a experiência da forma é um princípio de ressonância que opera em todo o universo de modo muito semelhante, portanto, não apenas no campo mórfico dos seres humanos. A aceitação desta mudança radical do paradigma de transformação entre a memória-matéria torna a hipótese de Jung sobre o inconsciente coletivo uma ideia dominante para o contexto da psicologia moderna. Tal compreensão da relação de transformação contínua entre a arquitetura material e a memória imaterial se assemelha aos ditos e escritos da filosofia *vipassana*, registrada a partir de um Buda que viveu na Índia há mais de 2.500 anos, através de suas próprias tecnologias e métodos. Assim como a ciência quântica, o budismo percebe que os humanos que avaliam o fenômeno lidam com observações e não observáveis. Além disso, adotam como princípio filosófico o conceito de impermanência, que observa a realidade como uma constante mutação das formas, sejam materiais, comportamentais, sentimentais ou emocionas. Em diversos aspectos, tais observações de Buda são análogas às teorias de Sheldrake, Pribram e Jung, que apesar das discordâncias, podem ser lidas como perspectivas complementares para descrever sistemas complexos e dinâmicos. Assim, apesar do jogo epistemológico da refutabilidade, presente em tais estudos, este conjunto

⁶¹⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶¹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

teórico oferece uma ampla abordagem sobre uma questão fenomenológica inconclusiva quando expressa através da linguagem, da representação simbólica, das formas de medição e avaliação que medeiam a experiência humana em navegação no mundo real. Afinal, se pudermos imaginar um universo que apenas contenha a si mesmo, sem pensamentos, desejos, projeções, visões, sensações ou experiências, o que haveria para observar, conhecer ou perceber? O que resta à existência do eu, em sua essência isolada da representação? O que sou eu? É uma pergunta simples e direta, mas que exige uma elaboração epistemológica extraordinária para chegar à questão. A resposta, por outro lado, envolve, paradoxalmente, complexidade e/ou niilismo, a depender da abordagem que guia o observador: uma noção não exclui a outra, pois se complementam, coexistem e se aniquilam mutuamente. Ou seja, ambas emprestam seu sentido para compor a compreensão da outra, um aspecto não vive sem o outro: a ausência de formas e de existência do niilismo, abriga a potência de realização de tudo, enquanto a complexidade nasce do nada. São conceitos distintos, que apoiam a própria noção dita contrária, que apesar de serem compreendidas como aspectos separados, tratam, porém, de uma mesma propriedade expressa em diferentes sistemas métricos e qualitativos, semelhante ao que a teoria da relatividade geral de Einstein realizou com o espaço e o tempo, ao perceber a equivalência de tais conceitos para definir um único fenômeno: o espaço-tempo. No caso da complexidade e do niilismo, o caso em questão é a relação do Eu com o mundo. Dentro deste sistema relacional, uma abordagem complexa é capaz de formular diversas evidências de observáveis, mas o eu-observador, “aquele que está na posição de conhecedor de todas as outras coisas”⁶¹⁶, se busca a essência do seu ser, nada encontrará, mas para se identificar, multidões de pensamentos, emoções, sentimentos, representações, projeções, experiências e outras formas de expressão da mente e dos sentidos, serão reverberados e, por meio de tais alegorias, podemos satisfazer o ego, que encontra em tais símbolos, refúgios provisórios e impermanentes de explicações sobre seu ser. Entretanto, enquanto nenhuma metáfora será capaz de decifrar quem e o que, realmente, sou eu, é através da experiência cognitiva e sensitiva que acesso a pergunta e as possíveis respostas, mesmo quando as soluções simbólicas aniquilam a existência semântica da essência fundamental do ser.

Mooji⁶¹⁷ pergunta: “Quem é você? Sem você, nada mais existiria para você [...] Se você não existisse, você não saberia que não existe.” O professor espiritual jamaicano considera que “é raro no reino humano encontrar qualquer pessoa que diz ‘eu quero saber quem eu sou’, não

⁶¹⁶ MOOJI. **Imperdível**: Mooji, eu só quero saber quem eu sou. Youtube: Moojiji, 2020, tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZrTWZ8i2QjE>. Acesso em: 30 out. 2020.

⁶¹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

é uma linguagem comum [...] pois todos têm um sentimento de que já sabem o que são.”⁶¹⁸
 Deste modo, carregam um senso de que apresentam a si mesmo pelo nome, profissão, parentesco.

Assim, a maioria das pessoas apenas segue o fluxo sem investigar a sua própria essência. A simbologia que a pergunta aborda busca encontrar a composição do fundamental. Mas a resposta não consiste no que vemos, percebemos ou experienciamos através da mente e dos sentidos, pois estes fenômenos são impermanentes, vêm e vai. A percepção, portanto, não é o elemento que compõe o fundamental de nós. Tampouco, somos as identificações, nossos nomes, profissão, não somos o que sentimos, nem mesmo somos o corpo que carregamos. O Eu é capaz de ver o corpo que habita, mas o corpo é incapaz de ver o Eu, que o move, porque este Eu nada é. Para uma mente materialista e agitada, perceber a presença e a interferência do nada na composição da essência do ser, é uma resposta que pode frustrar ou revolucionar a forma de perceber o mundo em que navega e como funciona a nau que afinal somos. Pois o nada é um jogo complexo de potencialidades.

Mooji⁶¹⁹ propõe um exercício prático para encontrar o “puro Eu”: “Imagine que só você existe, que não existisse nada mais, apenas você existindo. Traga a sua atenção, apenas esteja com isso. Não existe nada para ser falado ou dito do lado de fora. Qual a sua experiência agora, do que está consciente?” A contundente resposta oferecida por Mooji é: “Nada! Se houver algo que você pode ver, não é você.”⁶²⁰

Na sua mente, você tem uma imagem de si mesmo [...] e essa ideia de si mesmo ainda não é o seu verdadeiro ser, é apenas algum tipo de condicionamento [...] mas a sua autoimagem não é você, é apenas uma ideia em você. Então, se você puder ver a sua autoimagem, se você pode ver as ideias que você aprendeu a se identificar com elas como sendo a si mesmo, se você também puder ver isso, isso também não é você [...] pois qualquer ideia que você tenha de si mesmo também está mudando, sempre mudando. E algo mais profundo dentro de você observa que essas mudanças estão acontecendo o tempo todo. Então, você não pode ser nada dessas coisas que você pensa sobre si mesmo. Você não é o seu rosto, você não é apenas os seus sentimentos, eles vêm e vão. Mas você é aquele que vê os sentimentos indo e vindo. Você observa o seu corpo mudando, mas aquele que está observando o corpo mudar e a mente mudar, será que este mudando?

O que estou dizendo a você é que o que quer que venha, seja alegria ou medo, ainda não é você. Algo observa, algo sabe, experencia a alegria, ou o medo, ou a felicidade. Algo vê todas essas coisas, elas vêm e vão, mas aquele que as vê não vêm e vai.

Eu não estou te ensinando nenhum ensinamento, eu estou te mostrando algo, se você seguir, então você vai realizar algo. Então, vamos supor que nós pudéssemos jogar fora tudo o que você aprendeu, esteja muito vazio, deixe tudo que está na sua mente, não se segure a nada, nem mesmo ao seu nome, sua idade, sua família, seus desejos,

⁶¹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶¹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶²⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

deixe tudo de fora por hora. Se puder fazer isso, você vai perceber que existe algo que permanece, que você não colocou ali, não veio, sempre esteve aqui. O que quer que tenha vindo, pode ir, mas existe algo que não pode ir. Se alguém puder tirar tudo de você, tudo que você experienciou, tudo que você recebeu na sua vida, se tudo fosse tirado, iria sobrar algo que não pode ser tirado, não é uma coisa.

O que está aqui? Você não tem que imaginar, não crie. Não há nada, nada está aqui. Apenas aceite esse nada, deixe que esteja aí, não o julgue, apenas deixe que esteja aí? Você criou este nada? É algo novo? Pode ir embora, pode ser destruído? Não! Isso é você. Isto está aqui antes de qualquer coisa ter vindo.

Sua mente, o lugar onde sua identidade limitada foi criada na mente. Sua mente vai criar uma tempestade para tentar tirar o que você viu agora, para te ameaçar: para dizer, você vai enlouquecer, ela vai falar muitas coisas. Todos que despertam para si mesmo experienciam esta guerra que acontece dentro, pois algo quer, sua mente quer a sua identidade, pois enquanto você estiver pensando em si mesmo como uma pessoa, você estará em confusão, não vai ser completo. Então, existe uma força que funciona para tentar parar de fazer você realizar o que eu estou te mostrando agora. Mas o que você encontrou agora? Continue estando aí. Não há nada, você não tem que desenvolver nada, apenas continue reconhecendo isso. E isso vai se aprofundar e tudo na sua vida vai começar a se mover nessa harmonia, nessa harmonia real.

Eu não quero ser, eu só quero saber o eu sou. E eu não quero saber isso na minha mente, não quer saber como uma convicção intelectual, tem que ser experienciado de uma forma que eu não posso duvidar. Eu não quero algo que eu possa criar, pois eu só preciso descobrir isso.

Muitas pessoas acreditam que, em última análise, o seu ser é uma coisa pessoal, mas o seu ser não é uma coisa pessoal. A coisa pessoal pode estar ali, pode jogar, mas é mais superficial. O real, a realidade de você, ninguém pode capturar. Não pode ser destruída, nunca foi criada. Esta é a realidade não criada. O corpo veio, a respiração veio, o alento veio. Deus criou isso, não é? Este instrumento aqui (o corpo) um dia vai embora também, mas o que eu sou, não pode ir embora. Isso vai se tornar mais e mais claro, com grande beleza e paz. Pois se você acreditar que você é apenas isso (o corpo), não amaldiçoe isso, seja grato também, é um ótimo corpo, agradeça pelo corpo saudável, mas não é a totalidade do que você é. E o *satsang* é para descobrir isso experimentalmente, não apenas como um conceito. Nós não somos adoradores de conceitos, não somos adoradores de formas nem ao menos. Estamos simplesmente descobrindo a verdade. O Deus, a verdadeira natureza do seu ser, isso eu colocaria como as discussões mais importantes do reino humano: aquele que está buscando seu ser e não com arrogância, não porque eu sou tão especial. Não, mas apenas porque algo colocou dentro do seu coração essa urgência pelo descobrimento. E você está aqui agora, eu estou assumindo que esta é a companhia que eu estou, neste momento, hoje.

Os ensinamentos podem mostrar muitos conhecimentos, grandes conceitos, grandes ideias, mas não podem responder quem eu sou. Não podemos saber quem somos por meio da mente, pois nenhum pensamento pode revelar o ser. Assim sendo, nada que você possa ver, ou experienciar, ou que você pode conhecer através dos sentidos e da mente, nada pode te mostrar você, pois você é aquele que vai dizer sim ou não [...] nada que você pode perceber através da mente ou dos sentidos pode dizer o que você é. Onde quer que você olhe no mundo, onde quer que você vá no universo, o que quer que você veja, não pode ser você, aquele que está vendo. Mesmo este corpo você pode ver. Eu estou vendo o meu corpo e o meu corpo não está me vendo, então eu não sou nem mesmo o meu corpo, não sou meus pensamentos [...] eu sou aquele que os vê. Qualquer forma, que você possa mostrar, eu te direi: não sou eu, pois eu posso ver a forma. Então, não existe nenhuma forma, nenhuma palavra que possa te revelar em si mesma.⁶²¹

⁶²¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

A verdade, nesta perspectiva de ausência de formas, comporta-se como o horizonte da visão: está ali, sempre presente na direção em que navegamos, porém nunca o alcançamos, por mais real e palpável que possa parecer ao observador. A compreensão de Mooji de que “a matriz da consciência é uma fonte inconcebível, sem qualidades, sem pertencimento”⁶²² se assemelha às ideias presentes nos escritos de Yogananda⁶²³, que inspirado no *Bhagavad Gita*, desenvolve o pensamento sobre o Absoluto da Unidade Cósmica, em contraste com a realidade relativa e dual do Eu. Na perspectiva abordada por Yogananda, o Absoluto é *nirguna* (do sânscrito: sem qualidades) e *acyntia* (do sânscrito: inconcebível).⁶²⁴

...

A navegação do corpo no mundo pode resultar em experiências traumáticas severas, que ativam processos de proteção da consciência contra as memórias resultantes, sobretudo, quando vividas na infância. Neste contexto, duas espécies de transtorno mental apresentam sintomas, que revelam formas neurológicas de operar com o intuito de proteger a consciência das memórias da criança: um dos processos de proteção desliga as operações da consciência e mergulha a criança num profundo sono perene, no qual o beijo para o despertar é a percepção, inconscientemente apreendida durante a hibernação, de que um mundo seguro e acolhedor lhe aguarda. Esta é uma doença catalogada recentemente: a Síndrome de Resignação apresenta sintomas similares ao coma. O primeiro caso foi documentado na Suécia em 1990, contudo, esta é uma condição cada vez mais frequente. A Síndrome de Resignação é o tema central do filme, dirigido por Kristine Samuelson e John Haptas, “A vida em mim” (2019)⁶²⁵, indicado ao Oscar de melhor documentário de curta-metragem. O filme narra as trajetórias de crianças refugiadas desde zonas de conflito, que ainda não encontraram a estabilidade de um lar seguro. Para se proteger dos traumas e incertezas, o corpo destas crianças é regulado para mergulhar numa espécie de hibernação, em que, progressivamente, deixa de sentir prazer, dor, frio, calor, uma vez que, como demonstra os estudos de Pribram, tais faculdade utilizam o mesmo canal

⁶²² MOOJI. **Imperdível:** Mooji, eu só quero saber quem eu sou. Youtube: Moojiji, 2020, tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZrTWZ8i2QjE>. Acesso em: 30 out. 2020.

⁶²³ YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013.

⁶²⁴ YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013, p. 88.

⁶²⁵ A VIDA em mim (**Life overtakes me**). Direção: John Haptas e Kristine Samuelson. Documentário curta-metragem (40 min), digital, son., color. Suécia, EUA: Netflix, 2019.

de transmissão neurológica. Com o passar do tempo, reduzem a ação de movimentos automáticos como a deglutição, mas podem ser treinadas para retomar tais controles inconscientes. Quando se sentem seguras, voltam a despertar deste sono profundo, sem lembrança do período de desativação da consciência. Existe um processo de retorno da mobilidade (cognição e sensações), mas pode ser alcançado com plenitude num curto período de reabilitação. Este exemplo de doença demonstra que o sistema inconsciente de auto-regulação percebe a condição ambiental em que o corpo se encontra e avalia o momento oportuno de ativar e desativar a consciência. O tratamento, a cura da doença, é relatada à medida que a segurança é reestabelecida na família que fugiu dos violentos traumas de guerra e encontrou um mundo de incertezas por imigrar ilegalmente, num país que não lhe garante cidadania através deste meio de ingresso. Ao contrário, as famílias imigrantes precisam passar por um longo processo judicial para o reconhecimento de privilegiadas nacionalidades, protegidas dos conflitos bélicos, como a Suécia, porto de chegada de diversos exilados de guerra.

A outra estratégia do corpo para proteger a consciência das memórias assombrosas é através da divisão do Eu, a criação de distintas identidades independentes, que guardam memórias e personalidades particulares dentro de um único corpo em comum. Assim, a consciência do Eu hospedeiro primordial não possui acesso às memórias traumáticas, pois são ocultadas por identidades-guardiãs, protetoras do sistema egóico que se dividiu em múltiplos Eus.

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é um fenômeno clínico que revela aspectos da arquitetura do Eu que se costuma ignorar no sujeito comum. Estima-se que mais de 1% da população mundial conviva com a condição de múltiplas personalidades num único corpo. Este número chega à 3%, a depender da fonte de pesquisa. Num planeta em que habitam 7,8 bilhões de humanos, no ano 2020, entre 78 milhões e 234 milhões de pessoas navegam por meio de um sistema corporal repartido em múltiplos egos. Ou seja, o número de pessoas que convivem com esta condição corresponde à, no mínimo, toda a população da França, mas pode se aproximar da quantidade de humanos que habitam o terceiro país mais populoso do mundo, os EUA.

Cada parte do sistema de múltiplas personalidades possui identidade própria, com seu nome particular, idade, gênero, sexo, práticas sexuais, aparência física, tamanho, cor da pele, dos cabelos, dos olhos. Apesar de ser menos comum, há casos em que a aparência interna do alter ego se assemelha ao reflexo no espelho do corpo exterior em que habita. Além das características físicas individuais, cada personalidade expressa os próprios gostos, aversões,

tipos de doença, memórias, sotaques, línguas faladas, tom de voz, letra, forma de escrever, talentos, habilidades, emoções em relação ao mundo, conhecimentos e interesses específicos à cada Eu-habitante de um único corpo; assim, são distintas pessoas compartilhando o mundo interior. Os alter egos dialogam internamente, negociam ações, relacionam-se afetivamente, romantizam e reproduzem entre si, maternam, possuem irmãos, às vezes, gêmeos. Algumas personalidades podem ter suas próprias múltiplas personalidades. Os alteres podem se dividir e fundar outra identidade a partir de sua repartição, uma forma de reprodução que acontece internamente. A relação de descendência e nascimento não ocorre de forma semelhante ao que encontramos na biologia, mas podem haver casos de extrema similaridade. Por outro aspecto, os alter egos podem suprimir, expulsar, silenciar, esconder, incorporar ou transformar uma identidade que comprometa o sistema de navegação. A beleza dos espectros é notar a variação de possibilidades de expressão das espécies de padrões. Contudo, em geral, esta condição é proveniente de traumas na infância. O corpo, como meio de proteção e sobrevivência, confia em múltiplas identidades para secretar as memórias das experiências traumáticas do hospedeiro “principal”. Sem acesso às lembranças do trauma, tais dados não fazem parte daquele Eu, que segue a vida sem expor a ferida passada.

Outro elemento notável é que os alteres possuem locais de moradia na cartografia interna do sistema: alguns habitam o Norte, outros o Leste, alguns navegam pelos oceanos e estão em constante diáspora. Ou, como numa casa, cada identidade possui um quarto próprio, espaço onde guardam secretamente as memórias e a personalidade de cada alter. Por vezes, existe uma personalidade que é hospedeira primária, que pode ou não co-habitar a saída de outra personalidade, que decide quando e o que compartilhar com a hospedeira primária. Alguns não mudam a idade, outros envelhecem, alguns têm milhares ou milhões de anos. Ocorrem também formas corporais muito distintas do humano, pois os alteres podem ser figuras mitológicas, alienígenas, animais, híbridos, ou até mesmo, objetos.

Além de locais próprios em que habitam na cartografia corporal, onde certas partes do corpo podem corresponder a determinadas personalidades, cada alter possui uma função de proteção do sistema. Algumas identidades agem como guardiões, que impedem que os demais alteres acessem tais memórias. Enquanto alguns alteres protegem com uma atitude mais agressiva, outros são imunes a dor, ou até sentem prazer na dor; mesmo quando não há uma atitude aparente que justifique a presença de uma determinada identidade, todas protegem o corpo e o hospedeiro principal dos traumas vivenciados: carregam em suas bagagens, as experiências que extrapolam as condições do observador de reter tais (in)formações de forma

consciente. Tais alter egos, eus-consciências, nascem para salvaguardar a sobrevivência do corpo, esconder os traumas para seguir em navegação no mundo.

Os apagões de memória, devido à mudança de identidade, são o maior perigo para tais pessoas que convivem com múltiplas personalidades. Algumas identidades podem não se sentir confortáveis com o comportamento do seu alter ego, sobretudo, quando expressa violência e sexualidade exacerbada. Outra questão é não saber nada a respeito de algumas memórias sobre si mesmo, pois é a função do alter ego guardar uma informação que possa colapsar o sistema hospedeiro. Trata-se, portanto, de um distúrbio gerado por traumas e que pode causar profundo sofrimento ao longo da vida, mas, ao mesmo tempo, demonstra uma fenomenal forma de autoproteção do corpo. Assim, a “saída”, a manifestação das identidades coexistentes, é impulsionada por gatilhos. Ou seja, numa situação de dor, como fazer tatuagem, a identidade que sente prazer na dor pode sair para desfrutar daquele momento, ou, caso seja necessário se defender de uma agressão, a identidade protetora com mais força violenta pode ser convocada a sair. Ou, no caso de uma identidade infantil decidir dirigir um carro, outra identidade pode interferir na ação para realizar a ação com segurança. Em muitos casos, as identidades sabem que possuem um nome distinto do hospedeiro, mas são capazes de dissimular, caso sejam interrogados, para que não seja percebida a desordem de múltiplas personalidades. É comum, nos relatos de pessoas com dissociação de identidade, a necessidade das distintas personalidades dialogarem, cooperarem e negociarem internamente, devido ao medo do mundo exterior perceber tal condição. Por este motivo, algumas identidades permanecem sem sair quando se sentem inseguras no ambiente que estão inseridas. Enquanto há casos de co-habitação de vozes simultâneas presentes no mundo interior, algumas personalidades podem sair e bloquear os demais alter egos por um longo período. Quando há o retorno do hospedeiro principal ou de alguma outra identidade, vive com o risco de despertar no meio de uma situação, sem saber o que aconteceu ou como foi parar ali. Podem co-habitar a experiência, perceber as mesmas sensações ou parte delas (só o som, por exemplo). Podem ter relações amorosas particulares no mundo exterior, em que o hospedeiro principal respeita os desejos e a privacidade da experiência de seu alter ego. Também pode não haver uma identidade principal ou esta condição pode ser reconsiderada e outra personalidade assumir tal posto social no sistema interno.

Como dito, personalidades podem ser identidades distintas da forma humana, como híbridos entre animais e humanos, seres mitológicos como vampiros, duendes, elfos, em alguns casos, a identidade se considera capaz de fazer fotossíntese, portanto, está ausente a crença sobre a necessidade de comer para sobreviver. Entretanto, o caso que relatou tal estrutura

biológica ingeria sólidos quando saia para o mundo exterior, mas considerava comer uma perturbação indesejada. Provavelmente, realiza por pressão social, interna e externa, pois é comum os alter egos debaterem sobre as práticas das identidades ao saírem para interagir com o mundo exterior através do corpo hospedeiro. Assim, irritam-se, por exemplo, quando uma personalidade deixa de usar óculos, pois diferem em relação à capacidade visual. Enquanto uns não usam óculos, outros dependem deste objeto para enxergar, ou pode haver, até mesmo, uma identidade co-habitante cega ou sem olhos. Inclusive, cada personalidade que utiliza óculos para ver pode precisar de um tipo de lente específica, ou seja, distintos diagnósticos oftalmológicos. Da mesma forma, uma intolerância a glúten pode ser severa para uma identidade, enquanto para outra, é inabalável; medicações são sentidas de formas distintas; há evidências, medidas por exame de sangue, de que uma personalidade pode ter diabetes, enquanto as outras identidades que co-habitam o corpo, quando saem, produzem taxas normais de insulina e podem comer açúcar sem prejuízos à saúde. A fonte de coleta de sangue é a mesma, mas a doença se restringe a determinadas personalidades. O mesmo ocorre com alergias e asma.

Outro fenômeno interessante é que o sol de dentro do sistema pode queimar e até ser fatal para a identidade do vampiro. Por este motivo, quando esta personalidade pilota o corpo, busca aproveitar a luz do dia. Assim, nos corpos que convivem com múltiplas personalidades, cada identidade expressa doenças e sensibilidades particulares, no mundo interior e exterior, além das demais individualidades da arquitetura que estrutura a identidade de um Eu, delimitado em si mesmo. A presença de diferentes doenças, detectáveis cientificamente por meio de medições laboratoriais e exames clínicos, a depender da personalidade que sai do corpo, demonstra a impossibilidade de que o Transtorno Dissociativo de Identidade, mais conhecido como o fenômeno de múltiplas personalidades, seja fingido ou controlável pela consciência.

A dissolução do corpo em múltiplos Eus, com suas distintas memórias, personalidades e consciências, revela um aspecto que podemos considerar comum a todos os humanos: a presença de pilotos ocultos na navegação do mundo. O caso das pessoas com TDI revela partes do sistema identitário que abandonam o esconderijo, pois decidem sair para confrontar o mundo e proteger o corpo e o hospedeiro principal. Tal ato é acompanhado pela construção de uma identidade particular, com seu próprio conjunto de qualidades, mas antes do seu nascimento no domínio da existência, adormecia em estado de potência, em latente devir. Portanto, nem todos os alter egos precisam ser revelados a um só tempo, nem sempre tais presenças precisam ser expostas para o mundo, ou mesmo para o hospedeiro principal. Às vezes, tais identidades podem preferir se manter no mundo interior, ou sair, sem que o hospedeiro principal sequer

note tais existências. Algumas pessoas com TDI decidem fazer diários em forma de textos, vídeos, pinturas, para que as distintas personalidades se comuniquem e se conheçam melhor, pois as vezes, não dialogam internamente. São diversas as variáveis apresentadas por pessoas com múltiplas personalidades, mas existem também padrões. O tratamento não é medicamentoso, mas a psicoterapia ajuda a organizar o sistema interno.

O trauma convoca a presença do alter ego, que poderia permanecer adormecido, caso este corpo navegasse em diferentes experiências durante os primeiros 7 anos de vida. Uma vez corrompido o sistema, a condição de múltiplas personalidades é instalada de forma permanente. A base neurológica de uma pessoa com TDI é a mesma do humano comum, mas a experiência realiza uma diferença no modo de processar o funcionamento e a estrutura identitária do Eu, que se fragmenta, como forma de proteção e sobrevivência, em busca da harmonia do sistema, integrado numa configuração de co-habitação, onde diferentes pilotos compartilham o corpo-nau.

Todos possuímos navegadores ocultos, apenas não estão dissociados em múltiplas identidades externalizáveis. Ao longo da vida, aprendemos a apresentar ao mundo uma coerência em relação ao Eu. O fluxo dissociativo, no humano normal, é revertido para confluir em busca da cristalização de uma identidade única e imutável. Entretanto, as narrativas do eu interior, seja de pessoas com TDI ou das consideradas normais, apresentam, simultaneamente, doses de realidade e ficção, de originalidade e fraudulência, com efeitos distintos sobre a realidade, porém ambos navegam por meio dos artifícios paródicos da arquitetura identitária.

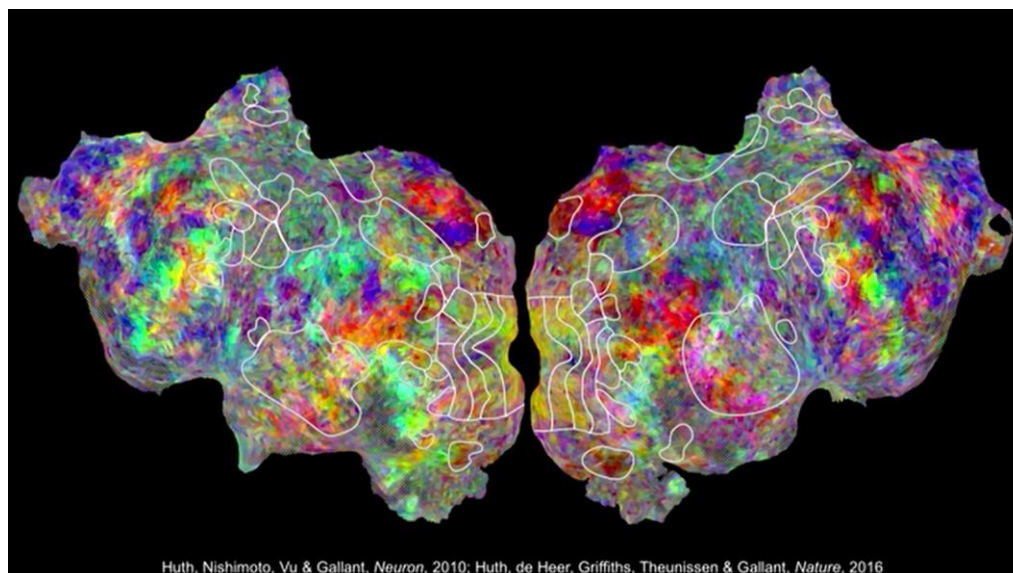
Figura 32 – Mapa do mundo interior de uma pessoa com TDI



Fonte: ACRYLIC, System; AETHER, System (2019).

Este mapa do mundo interior, desenhado por um paciente com TDI, assemelha-se ao atual mapa científico do cérebro: quando aplanada, transforma em 2D, as imagens holográficas dos dois hemisférios do cérebro, capturadas por meio de ressonância magnética (fMRI), conforme demonstram as imagens da cartografia cerebral apresentada por Jack Gallant⁶²⁶. Além disso, as desproporções espaciais, que o autor do mapa acima expõe, descrevem um mundo interior correspondente às análises das imagens de fMRI apresentadas por Blihar et al.⁶²⁷, que observa uma redução de diversas partes do hemisfério esquerdo e um aumento da massa branca no hemisfério direito em pessoas com TDI. Esta é uma coincidência cartográfica, no mínimo, curiosa.

Figura 33 – Cartografia do cérebro por meio de ressonância magnética



Fonte: Jack Gallant (2017).

Segundo Blihar *et al.*⁶²⁸, o estudo por eles publicado, é o primeiro a revisar sistematicamente imagens de ressonância magnética do cérebro de pacientes com TDI. Nesta perspectiva, os autores destacam a escassez de estudos adequados ao método proposto, sobretudo, ao sublinhar que a coleta de imagens de fMRI, documentadas nesta pesquisa, está restrita aos corpos com vagina. Por este motivo, reconhecem que a pesquisa ainda está na

⁶²⁶ GALLANT, Jack. **Human brain mapping and brain decoding**. TEDxSanFrancisco, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ecvv-EvOj8M>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁶²⁷ BILHAR, David *et al.* A systematic review of the neuroanatomy of dissociative identity disorder. In: **European Journal of Trauma & Dissociation** 4. França: Elsevier Masson SAS, 2020, tradução nossa.

⁶²⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

“infância”, contudo, apresentam contundentes evidências neuroanatômicas que reiteram “a existência do TDI como um transtorno genuíno.”⁶²⁹

Quando comparados aos cérebros de controles normais, os pacientes com TDI apresentam menores volumes corticais e subcorticais no hipocampo, amígdala, estruturas parietais envolvidas na percepção e consciência pessoal e estruturas frontais envolvidas na execução do movimento e aprendizagem do medo. Os pacientes com TDI também apresentam tratos de substância branca maiores que são responsáveis pela comunicação de informações entre as áreas de associação somatossensorial, gânglios da base e o pré-cuneiforme. Essas alterações neuroanatômicas parecem estar associadas a sintomas comuns de TDI, como dissociação do hospedeiro, mecanismos de defesa neurótica e ativação cerebral geral / recrutamento de circuitos.⁶³⁰

Desta forma, os autores buscam encontrar correlações entre os sintomas comportamentais observados em pessoas acometidas com a desordem de identidades e os dados coletados nas imagens holográficas da neuroanatomia de pacientes diagnosticados com TDI, em comparação com os “controles saudáveis” da forma “normal” do cérebro.

Embora seja improvável que um cérebro de tamanho global menor seja um biomarcador neuroanatômico distinto confiável neste momento, várias outras regiões do cérebro parecem ser afetadas no TDI. Parece haver um aumento nos tratos de substância branca nas regiões motoras do tronco cerebral e do hemisfério direito. Há uma redução no tamanho do córtex-orbito-frontal (OFC), que pode estar associada a uma resposta de medo anormal ou diminuída, conforme especulado acima. Os pacientes com TDI muitas vezes têm desafios com o processamento emotivo, redes de medo e aprendizagem e interpretação de emoções (APA, 2013). Pacientes com TDI descobriram até mesmo ter problemas motivacionais semelhantes aos observados em pacientes deprimidos (APA, 2013). Esses sintomas podem estar associados a um tamanho menor do córtex cingulado e ACC. O córtex parietal é parte integrante da manifestação de TDI, e um córtex parietal inferior menor poderia estar subjacente a questões de expressão, interpretação e desrealização vistas nas diferentes alterações manifestadas de pacientes com TDI. O giro angular menor e o tamanho do giro supramarginal poderiam explicar por que os pacientes com TDI às vezes têm dificuldade de expressão e autoconsciência. Um tamanho ou atividade pré-cuneiforme maior pode ser explicado por múltiplas personalidades que requerem mais circuitos do que um único hospedeiro, devido à necessidade dos alteres de manter uma perspectiva do ambiente. O menor tamanho das estruturas lobares temporais poderia explicar a desrealização do hospedeiro durante o controle alternativo. Parece haver uma correlação negativa entre o grau de traumatização e o tamanho resultante do hipocampo em pacientes com TDI (Chalavi et al., 2015b; Vermetten et al., 2006). O giro parahipocampal / fusiforme é frequentemente impactado em pacientes com TDI e tem sido associado a intrusões e sintomas de memória (Weniger et al., 2008). A maioria das pesquisas atuais favorece uma perda de volume e função da amígdala em TDI em comparação com controles. Especificamente, a despersonalização foi associada a mudanças na amígdala esquerda e na junção amígdala-hipocampal esquerda (Irlle et al., 2007; Vermetten et al., 2006). A maioria das pesquisas atuais favorece uma perda de volume e função da amígdala em TDI em comparação com controles. Especificamente, a despersonalização foi associada a mudanças na amígdala esquerda e na junção amígdala-hipocampo esquerda (Chalavi et al., 2015b; Chalavi et al., 2015a; Irlle et al., 2007). O córtex occipital e a ínsula também parecem

⁶²⁹ *Ibid.*, p. 1, tradução nossa.

⁶³⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

ser afetados em pacientes com TDI, embora a implicação dessa redução no tamanho da estrutura não seja clara neste momento.⁶³¹

Tal exame das alterações neuroanatômicas é um esforço dos autores “para validar o distúrbio e fornecer uma base para o desenvolvimento futuro de métodos mais precisos e técnicas de diagnóstico confiáveis.”⁶³²

Os biomarcadores neuroanatômicos documentados podem ser usados para oferecer suporte para um diagnóstico TDI, verificar factualmente os pacientes fingidos e avaliar as vítimas de traumas infantis quanto à existência potencial e desenvolvimento de sintomas dissociativos. Trabalhos futuros devem incluir tamanhos maiores de amostra e controle para mais variáveis, em um esforço para fornecer mais explicações para a etiopatogenia da TDI. À medida que as pesquisas na área crescem, as revisões futuras poderão tirar conclusões neuroanatômicas mais completas sobre a morfologia e patogênese do TDI.⁶³³

O caso jurídico de Jeni Haynes, talvez, seja o primeiro no mundo em que o depoimento de múltiplos alter egos presentes no corpo de uma vítima diagnosticada com Transtorno de Personalidade Múltipla ou Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), são considerados testemunhos válidos para condenar o agressor. Jeni convive com 2.500 personalidades em seu corpo, nascidas como meio de se proteger dos traumas causados pelos abusos sexuais do próprio pai, no caso, o réu do tribunal. Symphony, uma menina de quatro anos, é a identidade que aflora durante os abusos. Jeni é bloqueada, não é capaz de acessar a experiência, pois Symphony é quem habita a cena, é quem carrega a memória, é a personalidade capaz de lembrar o crime ocorrido. Symphony é um alter ego, que nasce para proteger o sistema interno auto regulador de Jeni, em busca da sobrevivência do corpo e do hospedeiro “original” às situações intoleráveis para a consciência de uma criança pequena. Jeni é incapaz de acessar as memórias do que ocorreu durante os abusos, mas convive com as conseqüentes feridas físicas e psicológicas das experiências traumáticas, que resultaram na dissociação fragmentada em 2.500 identidades. Symphony, por outro lado, estava lá, pode descrever com detalhes os crimes cometidos pelo seu próprio pai.

Conforme os anos foram se passando, Symphony criou ela própria outras personalidades para resistir aos abusos. Cada uma de suas centenas de personalidades tinha um objetivo em comum - conter um elemento do abuso, como um ataque particularmente cruel, uma imagem ou cheiro perturbador.⁶³⁴

⁶³¹ *Ibid.*, p. 12, tradução nossa.

⁶³² *Ibid.*, p. 1, tradução nossa.

⁶³³ *Ibid.*, p. 12, tradução nossa.

⁶³⁴ MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai.** Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

“Um alter ego apareceria atrás da mente de Symphony para assumir a experiência”⁶³⁵, explicou Jeni, que acredita que essas personalidades podem ter sido suas defesas contra seu pai. A transformação de identidade entre Jeni e Symphony apresenta “sinais físicos que avisam da chegada de outra personalidade - Jeni começa a ter dificuldades para articular uma resposta antes da transformação.”⁶³⁶ Logo, o corpo retoma o controle ativamente, mas passa a se expressar com uma voz mais alta, com tom infantil e ritmo da fala acelerado: “Oi, eu sou a Symphony. A Jeni está em apuros. Eu vou te contar sobre tudo isso, se você não se importar [...]”⁶³⁷: “o que eu fiz foi pegar tudo o que eu achava que era precioso sobre mim, tudo o que era importante e bonito e esconder isso do papai, para que quando ele abusasse de mim, ele não estivesse abusando de um ser humano pensante”⁶³⁸, diz Symphony, que era capaz de lembrar dos detalhes de eventos ocorridos há décadas. Memórias que Jeni é privada de conhecer para que possa sobreviver aos traumas.

Um dos fatores interessantes a ser notado é que, em diversos casos de TDI, os hospedeiros e muitas personalidades apresentam inteligências normais ou até acima da média. Há também personalidades que nem sequer usam a linguagem, mas, em muitos casos, o corpo é capaz de dispor dos diversos tipos inteligência através das múltiplas personalidades. Inclusive, Jeni estudou por 18 anos na Universidade de Queensland, localizada em Brisbane - Austrália, onde se graduou em psicologia, titulou-se como mestra em ciências sociais (estudos legais e justiça criminal) e conquistou o doutorado em filosofia (criminologia), com uma pesquisa focada em vítimas de crimes. Portanto, apesar do diagnóstico médico, que compreende diversas consequências sobre a saúde física e mental, Jeni possui cognição normal, ou acima da média, consegue conviver em sociedade e realizar as atividades diárias sem prejuízos, além de ter atitude protetora de si e do seu entorno. Ela não distorce a realidade em que vive, apenas abandona e bloqueia as experiências de abusos extremos, por meio de múltiplas personalidades capazes de lidar com a situação traumática no lugar do ego primordial da criança que é vítima.

O conceito de loucura, nos casos de TDI, ainda pode ser evocado, assim como para o humano comum, mas determina um novo campo de atuação, que caminha do conceito de

⁶³⁵ HEYNES, Jeni *apud* MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai**. Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶³⁶ MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai**. Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶³⁷ SYMPHONY *apud* MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai**. Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶³⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*

deficiência ou defeito no sistema, para uma noção sobre os meios de auto regulação que o cérebro saudável pode adotar como padrão, a fim de alcançar a proteção e a sobrevivência: segundo o psiquiatra Geoge Blair West⁶³⁹, que trata Jeni há mais de 20 anos, “não existe nada de errado com a mente de Jeni ou de qualquer outro que sofra com TDI, suas mentes apenas apresentam uma sofisticação incrível, uma solução inteligente para um cenário que a maioria de nós não conseguiríamos começar a entender ou se relacionar.” Assim, considera que Jeni possui dois super poderes: um é relativo ao bloqueio de gatilhos traumáticos, como o cheiro do pai, e o outro, à forma como as memórias são armazenadas com detalhes precisos sobre os acontecimentos, distribuídos em diversas personalidades que vivem em seus próprios espaços-tempos, como guardiões dos diferentes aspectos mnemônicos dos fragmentos da história daquele corpo. O psiquiatra de Jeni sublinha que não é apenas a voz ou o jeito que muda quando outra personalidade sai, mas também é possível observar, por imagens de eletroencefalograma (EEG), que as ondas cerebrais também se transformam junto com a mudança de identidade.

Entretanto, apesar dos super poderes, análises de imagens de ressonância magnética de pacientes com TDI demonstram como a experiência é capaz de modelar a anatomia do cérebro de um ser humano normal, neurologicamente saudável, a depender das vivências durante a infância, pois esta se trata de uma condição proveniente de uma única causa até então detectada: traumas extremos em crianças. Não é devido a um fator genético, não existe medicação química, ou cura para esta condição, trata-se de uma estrutura identitária provável de ocorrer em crianças normais que vivem numa sociedade perversa. A doença está no mundo exterior, o que implica numa re-sistematização do mundo interior para lidar com realidades que não podemos controlar. A psicoterapia e o acolhimento em ambientes seguros, longe dos gatilhos traumáticos, fortalece, organiza e ajuda a controlar o sistema interno da pessoa que convive com a condição de múltiplas personalidades. Assim, o tratamento não pode reconfigurar o padrão mental para deletar os alter egos, mas consiste em buscar a harmonia entre as identidades co-habitantes e as memórias traumáticas, que irradiam em fragmentos dispersos nas múltiplas personalidades.

Em março de 2019, Jeni foi autorizada a testemunhar na corte australiana como Symphony e outras cinco identidades que co-habitam seu corpo. “Cada uma delas compartilhou

⁶³⁹ WEST, George Blair *apud* 60 MINUTES Australia. **Woman with 2,500 personalities says they saved her from shocking child abuse**. Youtube: 60 minutes Australia, 2019, tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IsXFcbPbvI4>. Acesso em: 16 nov. 2020.

diferentes aspectos do abuso”⁶⁴⁰: “Muscles, o rapaz de 18 anos, iria fornecer informações sobre os abusos físicos enquanto Linda, uma elegante jovem, testemunharia sobre o impacto da violência na vida escolar de Jeni e seus relacionamentos.”⁶⁴¹

No segundo dia de julgamento, após duas horas e meia de depoimento detalhado das memórias de Symphony, seu pai, Richard Haynes, interrompe a fala da testemunha e se declara culpado das 25 acusações mais perversas, na opinião de Jeni. Outras acusações foram adicionadas em sua sentença, “proferida por uma única juíza, porque os advogados consideraram que o caso seria traumático demais para um júri.”⁶⁴²

Haynes inicialmente foi acusado de 367 crimes, incluindo múltiplos estupros. Jeni, com as suas diferentes personalidades, relatou evidências detalhadas de cada um desses crimes. As múltiplas identidades permitiram que ela preservasse essas memórias que, de outro modo, poderiam ter se perdido com o trauma.⁶⁴³

A credibilidade do depoimento proferido pelos alter egos co-hospedeiros de Jeni foi conquistada pela promotoria através da convocação de psicólogos e especialistas em Transtorno Dissociativo de Identidade. Stavropoulos⁶⁴⁴ considera que “essa condição é tão específica que gera descrédito, incredulidade, desconforto sobre as causas disso - parcialmente porque as pessoas acham difícil acreditar que crianças podem ser submetidas a abusos tão extremos.”

Jeni compreende que as vivências traumáticas de seu corpo estão congeladas no tempo através da fragmentação das memórias em diversas identidades, que as guarda intocadas como quando se formaram. Assim, pode as buscar quando precisar. Para Jeni, “o TDI salvou sua vida e sua alma. Mas esse mesmo transtorno e os traumas a que foi submetida também são fontes de obstáculos”⁶⁴⁵, o que inclui o desafio de esconder do mundo o fato de conviver com 2.500 vozes, com opiniões e atitudes próprias. Jeni afirma que “ela e suas múltiplas personalidades ‘passaram a vida agindo com receio e em constante vigilância”⁶⁴⁶: “Nós escondemos a nossa

⁶⁴⁰ MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai.** Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶⁴¹ *Ibid.*, loc. cit.

⁶⁴² *Ibid.*, loc. cit.

⁶⁴³ *Ibid.*, loc. cit.

⁶⁴⁴ STAVROPOULOS *apud* MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai.** Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶⁴⁵ MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai.** Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶⁴⁶ *Ibid.*, loc. cit.

multiplicidade e batalhamos por uma consistência de comportamento, atitude e crenças, o que era frequentemente impossível.”⁶⁴⁷

O caso da pintora Kim Noble demonstra como a fragmentação da personalidade configura distintas formas de expressão artística, a depender da identidade que esteja com o pincel na mão. Mãe de uma filha chamada Aimee, Kim entra e sai do hospital, desde os 14 anos. Após um curto período de contato com a arte terapia, em 2004, ela e seus alteres passaram a se interessar por pintura, contudo, não realizaram um treinamento formal. As habilidades técnicas e estéticas são provenientes das experiências de cada personalidade e do contato contínuo com a tela e a tinta. Assim, “os 13 artistas resultantes têm cada um seu próprio estilo, cor e temas distintos com os quais trabalham. Muitos não sabem que compartilham um corpo com outros artistas. Juntos, eles já tiveram mais de 60 exposições, nacionais e internacionais.”⁶⁴⁸ Apesar de apenas 13 alter egos estarem no conjunto de autores das pinturas, Kim teve sua identidade fragmentada em mais de 100 partes.

O Transtorno Dissociativo de Identidade pode ser difícil de lidar, tanto para Kim como para sua filha Aimee, entretanto, é notável o amoroso esforço de ambas para harmonizar a relação diante desta condição, que, inclusive, faz com que a maioria dos alter egos manifestados não reconheçam Aimee como filha. Mas Aimee se acostumou com as personalidades e as ajuda nas pinturas. Orgulhosa da caminhada de sua mãe, Aimee se sente arrebatada ao prestigiar as exposições artísticas das múltiplas personalidades que convivem no corpo de Kim. Abaixo, segue uma amostra dos quadros pintados pelas 13 diferentes personalidades:

⁶⁴⁷ HAYNES, Jeni *apud* MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai**. Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶⁴⁸ NOBLE, Kim. **About** [20-?], tradução nossa. Website. Disponível em: <https://www.kimnobleartist.com>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Abi

Figura 34 - Na distância (*In the distance*, Abi)



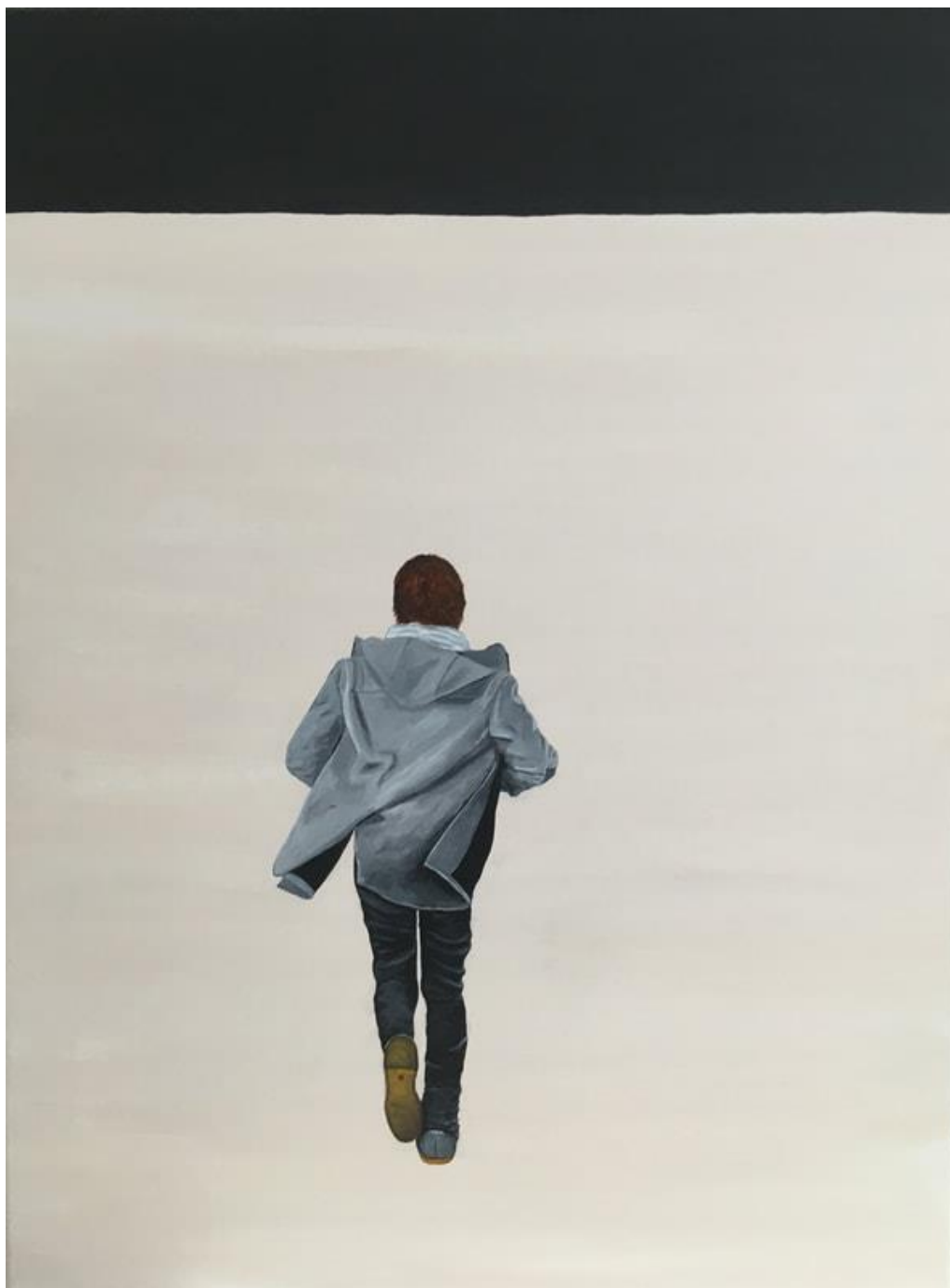
Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 35 - Nenhum lugar para correr (*Nowhere to run*, Abi)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 36 - Tarde demais (*Too late*, Abi)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Anon

Figura 37 - Orações silenciosas (*Silent prayers*, Anon)

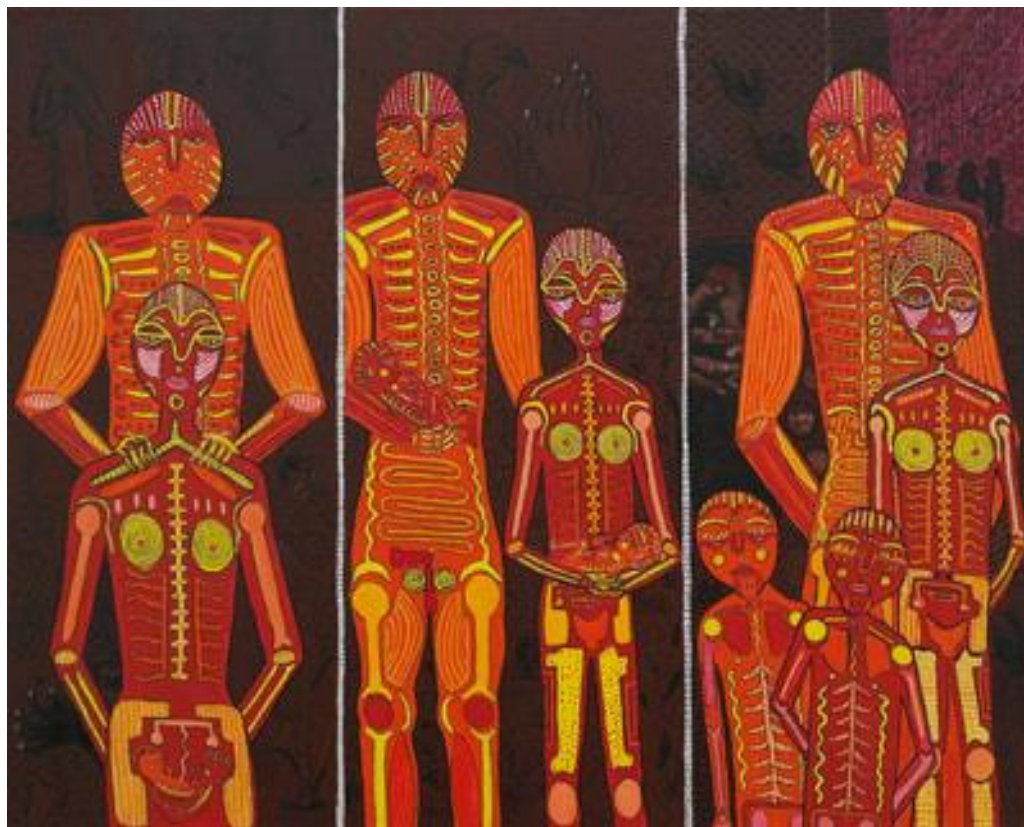


Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 38 - Voe para longe (*Fly away*, Anon)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Bonny**Figura 39** - Os gêmeos (*The twins*, Bonny)

Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 40 - Casal dançando (*Dancing couple*, Bonny)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Dawn**Figura 41** - Deusa da água (*Goddess of the water, Dawn*)

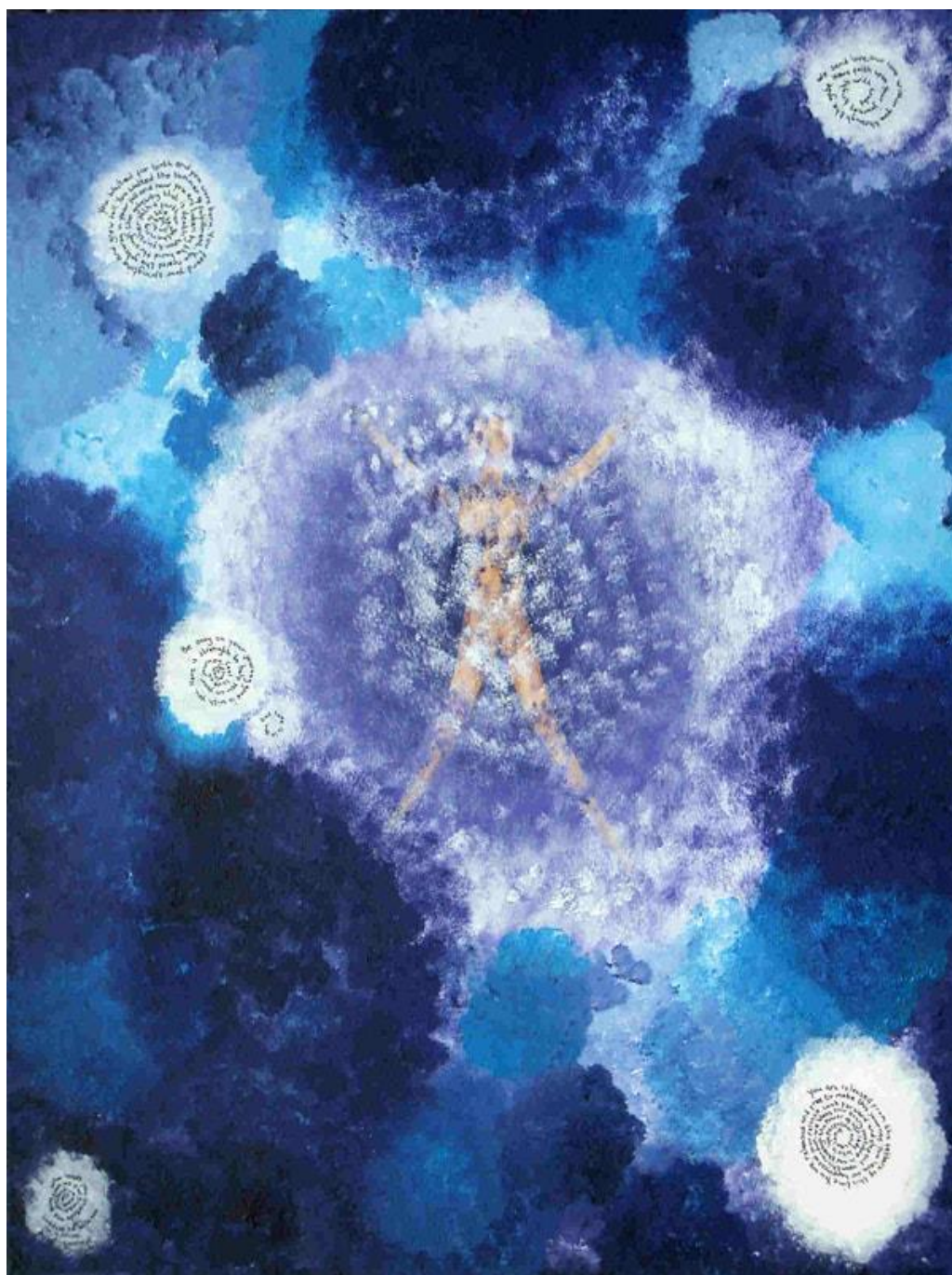
Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 42 - Deusa do fogo (*Goddess of fire, Dawn*)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 43 - Jornada (*Journey, Dawn*)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 44 - Palavras da jornada (*Words of the journey*, Dawn)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Judy

Figura 45 - Frágil (*Fragile*, Judy)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 46 - Lágrimas aprisionadas (*Tears imprisoned*, Judy)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 47 - Bagunçado (*Messed up, Judy*)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 48 - Memórias de dentro (*Memories within*, Judy)



Fonte: Kim Noble [20-?].

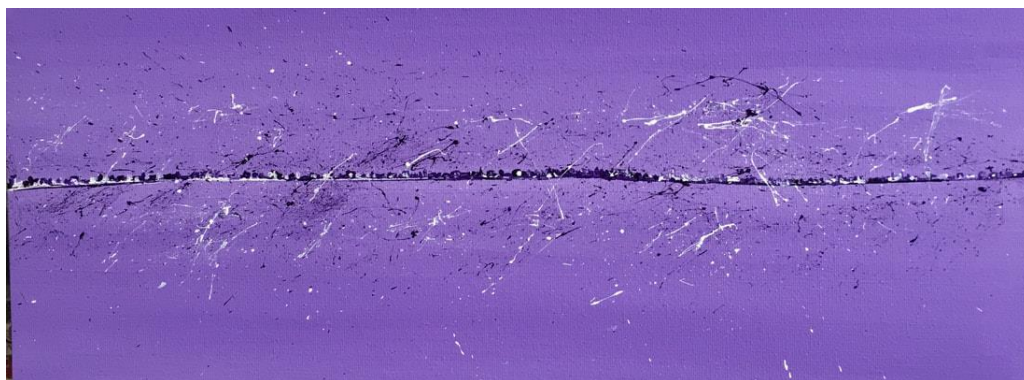
Karen

Figura 49 - Lampejos de esperança (*Flickers of hope*, Karen)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 50 - Um chuvisco no tempo (*A sprinkle in time*, Karen)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Ken

Figura 51 - Aonde você vai? (*Where do you go to?*, Ken)



Fonte: Kim Noble [20-?].

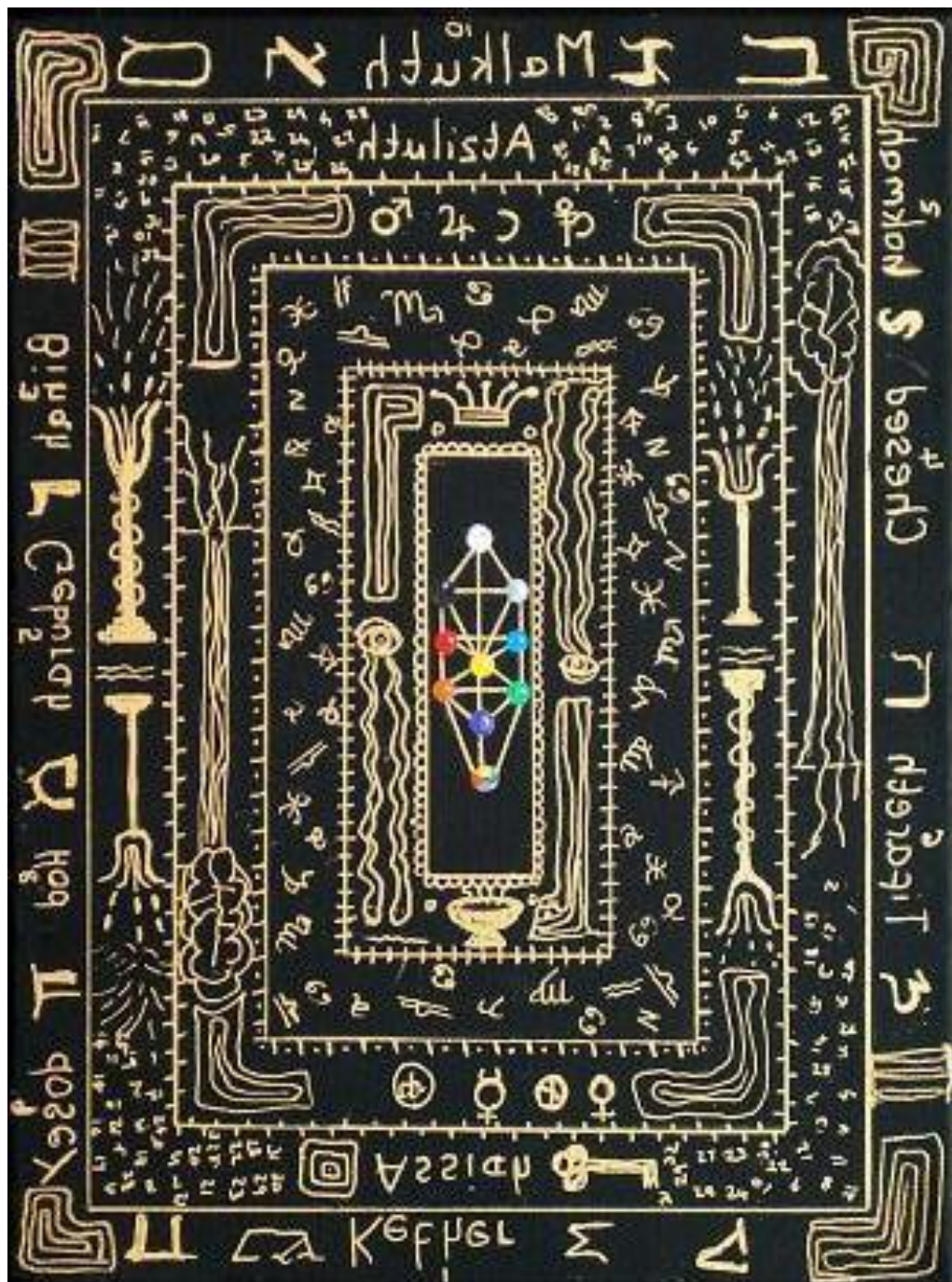
Figura 52 - Perdido no jogo (*Lost in play*, Ken)



Fonte: Kim Noble [20-?].

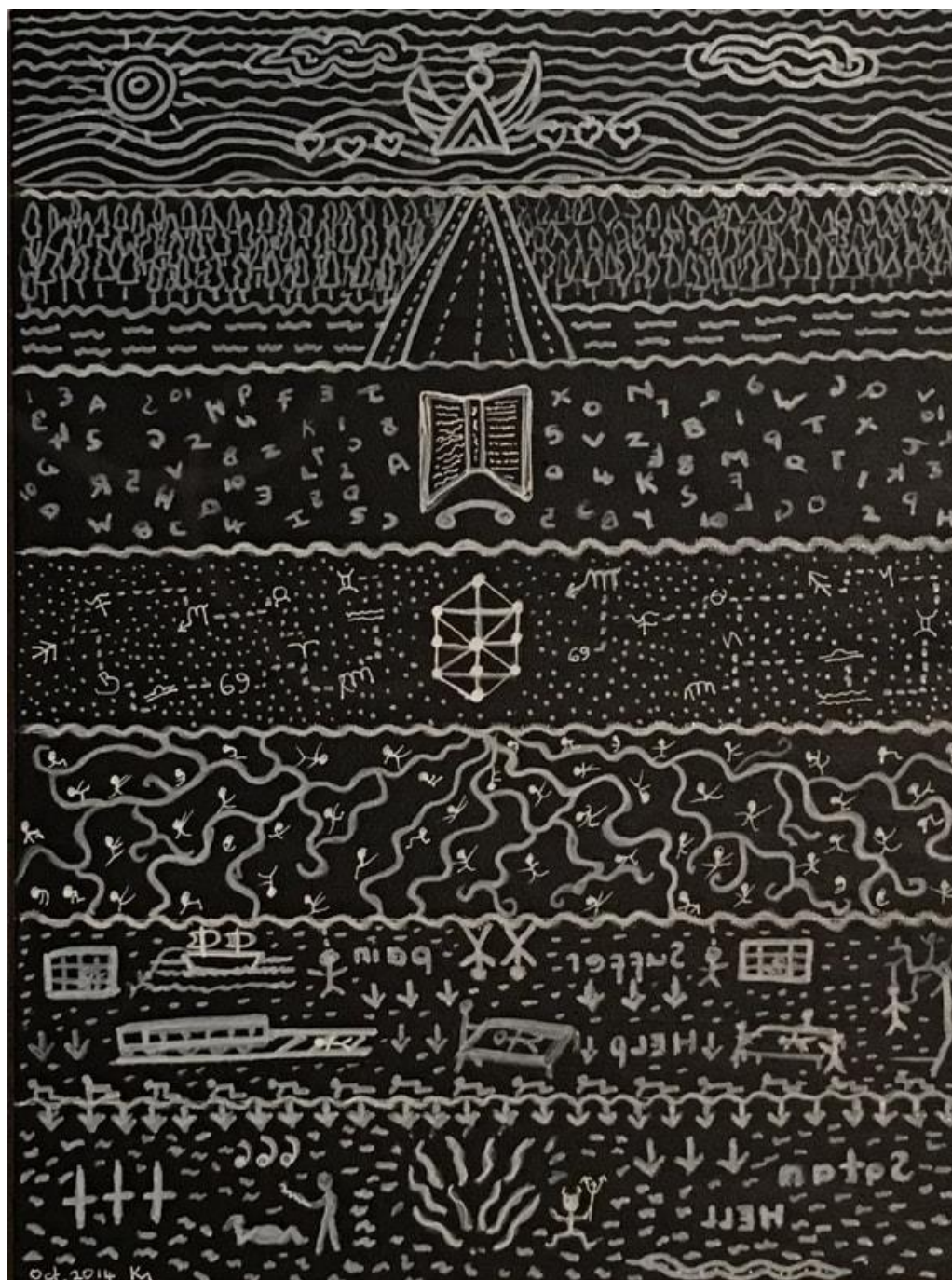
Key

Figura 53 - Cabala dourada (*Golden Kaballa, Key*)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 54 - Sete níveis 1(Seven levels 1, Key)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Mimi

Figura 55 - Ponte da torre (*Tower bridge, Mimi*)



Fonte: Kim Noble [20-?]

Missy (MJ)

Figura 56 - Por que nós? (*Why us?*, Missy [MJ])



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 57 - Unido porquê? (*United Why*, Missy [MJ])



Fonte: Kim Noble [20-?].

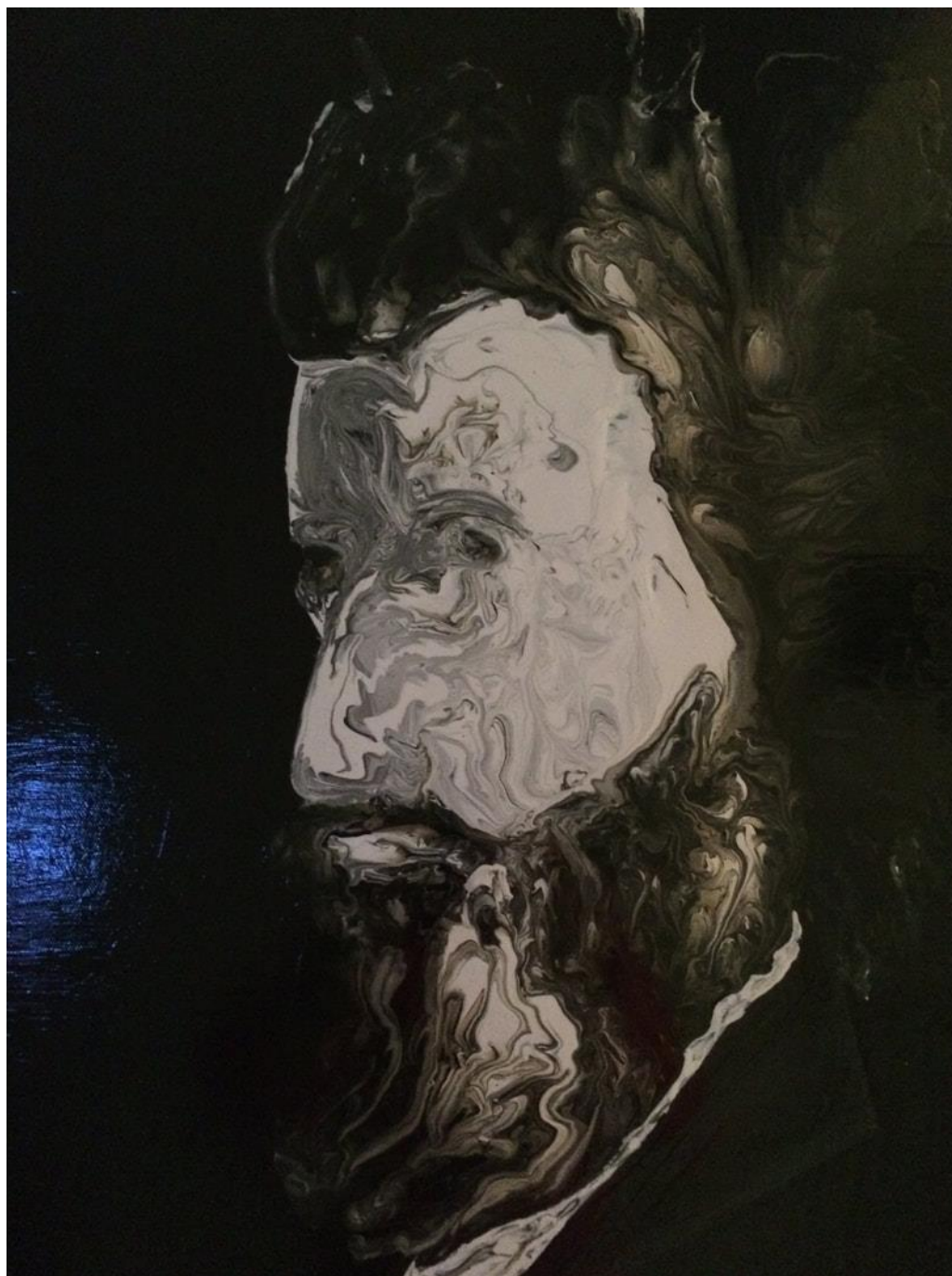
Sem nome

Figura 58 - Sem título (Sem nome)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 59 - Sem título (Sem nome)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Patricia

Figura 60 - A dança continua (*The dance continues*, Patricia)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 61 - Eu estou aqui (*I am here*, Patricia)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Ria Pratt

Figura 62 - Minhas mãos estão amarradas (*My hands are tie*, Ria Pratt)



Fonte: Kim Noble [20-?].

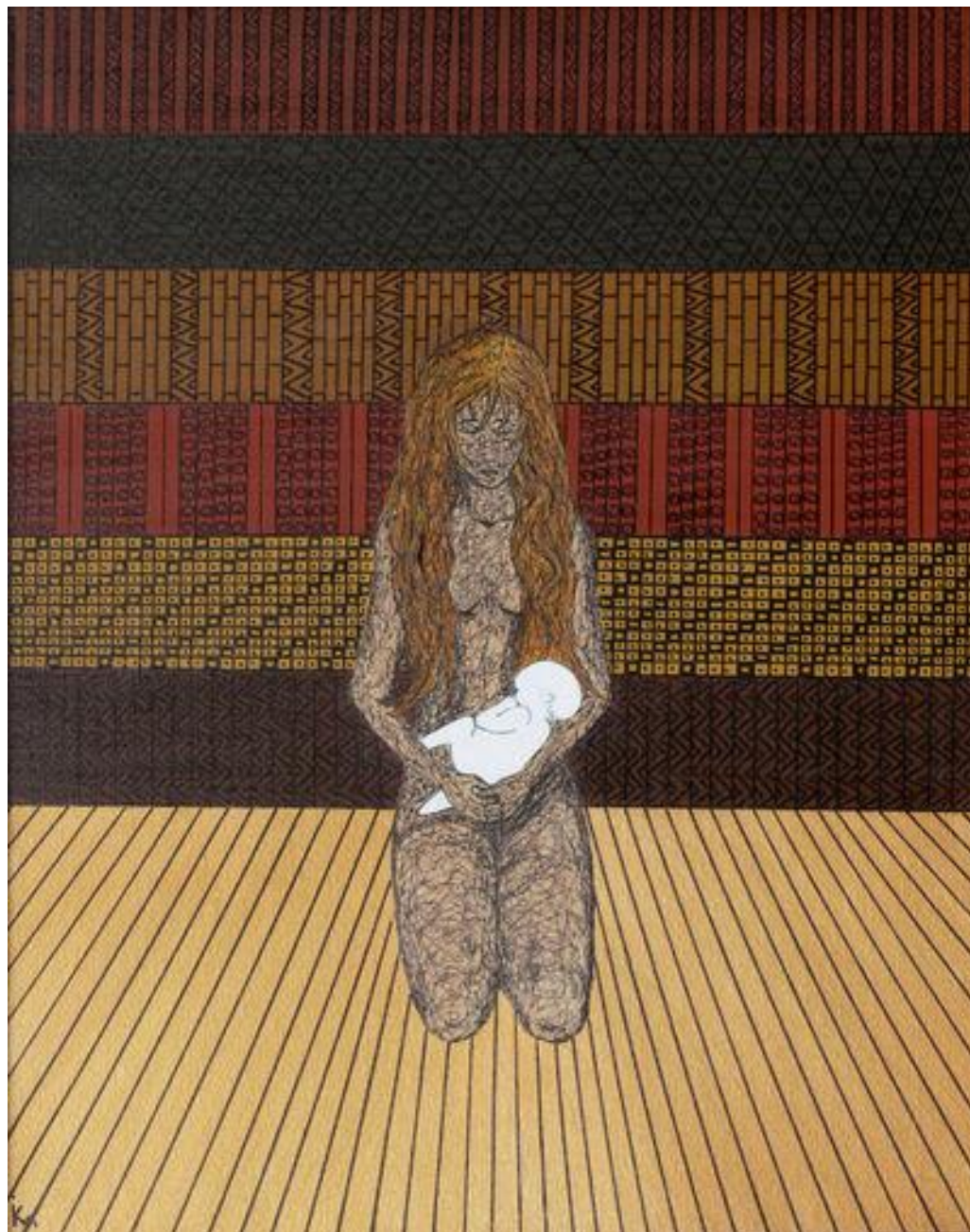
Figura 63 - Bom cachorro (*Good dog*, Ria Pratt)



Fonte: Kim Noble [20-?].

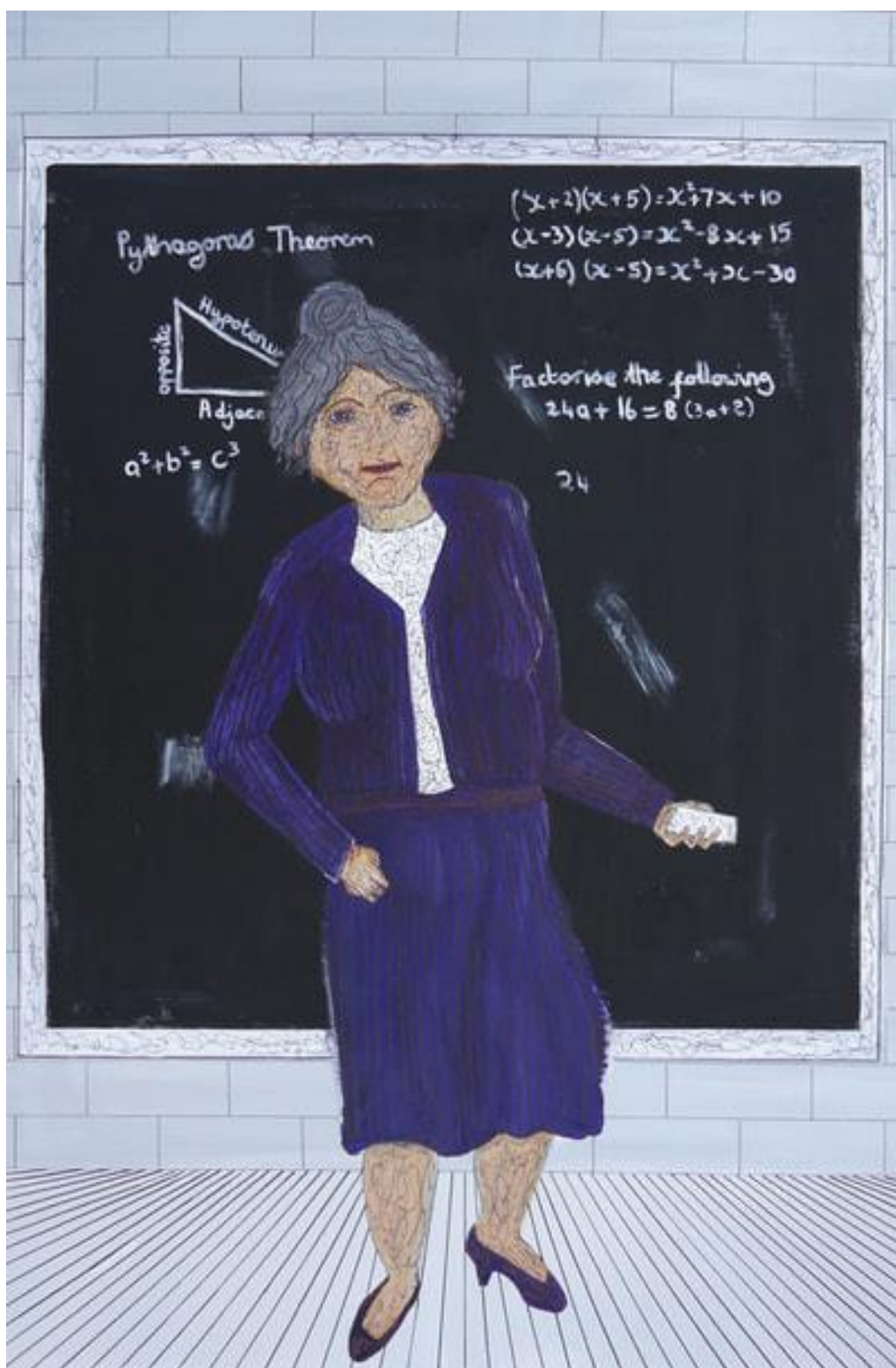
Suzy

Figura 64 - O puro (*Pure one*, Suzy)



Fonte: Kim Noble [20-?].

Figura 65 - Professora inteligente (*Clever Teacher*, Suzy)



Fonte: Kim Noble [20-?].

1.6 SINFONIA DO CORPOMÍDIA

Para explicar os processos cerebrais, Pribram⁶⁴⁹ utiliza a analogia da orquestra sinfônica, uma vez que tons musicais podem ser descritos em termos de *wavelets* de Gabor. Nesta perspectiva, absorve a descrição, proposta por Paul Smolensky (1996), sobre a forma dos padrões que o processamento cortical assume. Por meio do conceito de recuperação da memória, Smolensky delinea os fundamentos de uma teoria harmônica do processamento da memória, na qual “encapsula o que o processo de auto-organização do cérebro, sua memória, não é e como deve ser”:

O conceito de recuperação de memória é reformalizado em termos da evolução contínua de um sistema dinâmico em direção a um ponto atrator cuja posição no estado espacial é a memória; você naturalmente obtém a dinâmica do sistema de forma que seus atratores estejam localizados onde as memórias deveriam estar; assim, os princípios do armazenamento da memória são ainda mais diferentes de suas contrapartes simbólicas do que os da recuperação da memória.⁶⁵⁰

Nesta perspectiva, o conceito de recuperação da memória funciona como a regência de uma orquestra, pois em todos os momentos, “a performance é uma evolução dinâmica das frases musicais.”⁶⁵¹ Entretanto, esta noção das operações cerebrais destoa da concepção comum, que compreende que o processamento da memória consiste em armazenamento e recuperação: a própria recuperação é um processo de armazenamento de memória, porém um processo de memória separado, que se dirige aos processos de memória distribuídos na estrutura profunda do cérebro.

A analogia da orquestra sinfônica expressa que, tanto os intérpretes, quanto o maestro, precisam lembrar da música através do auxílio das partituras, caso pretendam alcançar a harmonia sonora desejada. Desta forma, as células da orquestra precisam saber da ação seguinte com antecedência, por meio de um contínuo sistema de evolução dinâmica com pontos atratores de estabilidade temporária longe do equilíbrio. Embora seja um aspecto separado do processamento profundo, observa-se, no entanto, que a “recuperação” da memória é um processo cerebral armazenado, que deve ser ativado para ser eficaz.⁶⁵² Como este processo é materializado na relação entre a experiência, o comportamento psicológico e o funcionamento

⁶⁴⁹ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 337, tradução nossa.

⁶⁵⁰ SMOLENSKY, Paul. 1996 *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 337, tradução nossa.

⁶⁵¹ PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 337, tradução nossa.

⁶⁵² *Ibid.*, p. 393, tradução nossa.

do cérebro, os padrões que a linguagem descreve, bem como os padrões que apreciamos como música, refletem a maneira como o processo de recuperação da memória trabalha na realidade. A música pode ser tocada por uma orquestra, ou um CD, ou cantadas no chuveiro; as palavras podem ser faladas, escritas no papel ou na areia, seja com os movimentos da mão, dos pés ou da boca. Ou seja, a mesma expressão pode ser incorporada e enunciada por meio de uma variedade de mídias, formas e ações. Por este motivo, Pribram⁶⁵³ afirma que “a modalidade não tem uma forma espacial. Em vez disso, é uma personificação do padrão”. Na relação entre cérebro, comportamento e experiência, portanto, o meio não é a mensagem.

Assim como Pierre Levy, grande parte dos estudos da cultura, considera que a mídia é o suporte material de enunciação, pois a comunicação, normalmente, ocorre através de meios materiais, como o ar, a água, o fio ou o corpo. Esta percepção sobre as mídias encapsulou um jargão de McLuhan, até hoje repetido incessantemente: “o meio é a mensagem”. Entretanto, como observa Bertrand Russell, “a forma de um meio é amplamente irrelevante para a forma de comunicação que é mediada por esse meio.”⁶⁵⁴ No lugar da forma do material que transmite o padrão, é a forma comunicada de um padrão que interessa. Contudo, é preciso considerar “o fato de que a comunicação depende de ser incorporada em algum tipo de meio material e que a incorporação exige um conhecimento particular, conjuntos particulares de transformações para realizar a incorporação.”⁶⁵⁵ Nesta perspectiva, Pribram⁶⁵⁶ soluciona a questão da interdependência entre a comunicação e a matéria, através da interpretação de que “a massa é uma ‘ex-formação’, uma forma de fluxo externalizada (extrudada, palpável, concentrada). Neste sentido, a comunicação (mental) é uma formação ‘internalizada’ de fluxo, sua ‘in-formação’.”

Conforme relatado na edição de fevereiro de 2004 da *Popular Science*, Chapin e Nicolelis descobriram algo que “desafiou instantaneamente a sabedoria convencional sobre a forma como os neurônios enviam suas mensagens”⁶⁵⁷: os comandos, até mesmo para os movimentos mais simples, exigiam muito mais do que um minúsculo agrupamento de neurônios. Nesta perspectiva, os autores concordam com Pribram ao descreverem o comportamento orquestrado dos conjuntos de neurônios espalhados pelo cérebro, no qual

⁶⁵³ *Ibid.*, p. 397, tradução nossa.

⁶⁵⁴ *Ibid.*, p. 458, tradução nossa.

⁶⁵⁵ *Ibid.*, p. 458/459, tradução nossa.

⁶⁵⁶ *Ibid.*, p. 459, tradução nossa.

⁶⁵⁷ *Ibid.*, 418, tradução nossa.

muitos dos mesmos neurônios participam da geração de diferentes tipos de movimentos corporais.

A descoberta de “uma orquestra de neurônios espalhados pelo cérebro”⁶⁵⁸, envolvidos em um ato análogo ao modo como a música é produzida, revela os meios de ação do corpo em relação ao mundo em que navega. Assim como cada orquestra reproduz a partitura de uma mesma sinfonia de forma diferente, cada corpo ressoa de modo idiossincrático, particular, personalizado, mesmo quando compartilhamos os mesmos instrumentos e notas. Cada observador, portanto, realiza a interpretação dos estímulos à sua maneira.

Alguns exemplos de casos médicos são, especialmente, relevantes para expressar a noção do corpo como um complexo e controlável sistema de auto-regulação sinfônica; como quando uma bala de revólver, alojada em um dos ventrículos (“pequenos estômagos”), cheio de líquido cefalorraquidiano, passou a interferir no humor do paciente, a depender do movimento matinal realizado com a cabeça:

Se, quando se levantasse, baixasse a cabeça de lado para o lado da cama, ficaria alegre em alguns minutos; quando ele inclinou a cabeça para trás, seu mau humor voltaria. Com certeza, os raios X mostraram que ao inclinar a cabeça para a frente ou para trás, o paciente poderia mudar a localização da bala, que “flutuaria” para dentro do ventrículo.⁶⁵⁹

Outro caso interessante de alteração da regulação do humor se trata de um “tumor na base do lobo frontal (um meningioma da placa cribiforme através da qual os nervos olfatórios entram no cérebro)”⁶⁶⁰, que transformou uma paciente com o histórico de uma personalidade doce, suave e amistosa, numa pessoa amarga, ranzinza e desagradável: “Ela estava incontinente (urinou na cama), xingou as enfermeiras, recusou-se a ajudar a se manter limpa - em geral ela era uma pessoa horrível. O tumor havia crescido lentamente e era tão grande que foram necessárias três operações para o remover.”⁶⁶¹ Neste caso, “o notável sobre os sintomas desta paciente é que ela reconheceu que seu comportamento era impróprio, mas não conseguiu se corrigir.”⁶⁶² Assim, não desejava ser agressiva, mas estava incapaz de controlar o ímpeto desagradável. Inclusive, após a retirada do tumor, pediu desculpas para as enfermeiras por ter sido hostil e voltou a ser, segundo o próprio marido da paciente, “a doce menina com quem casou.”⁶⁶³

⁶⁵⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁵⁹ *Ibid.*, p. 175, tradução nossa.

⁶⁶⁰ *Ibid.*, p. 295, tradução nossa.

⁶⁶¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁶² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁶³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

...

No livro *The Form Within*, Pribram descreve uma abordagem avessa ao método hegemônico dos estudos neurológicos: enquanto o pensamento científico dominante fundamenta as observações através de correlações simples ou circuitos de causa-efeito, Pribram⁶⁶⁴ sugere que o sistema nervoso opera por meio de “processos de ‘auto-organização’ proativos e dinâmicos, que levam ao refinamento progressivo de nossas observações e, assim, ao refinamento dos alvos de nossas ações e a diversidade de nossas percepções.” Nesta perspectiva, sublinha como o conhecimento íntimo do cérebro possui o potencial de afetar a maneira como transformamos o mundo.

Para entender como nossos processos cerebrais se relacionam com a organização de nosso comportamento, bem como com a organização de nossas percepções e sentimentos, precisamos atualizar nossa ciência, como indicado no capítulo anterior, estabelecendo as coordenadas de explicação de cada escala de investigação e mudando toda a forma de explicação da eficiência de Aristóteles para sua causação formal.⁶⁶⁵

A teoria do arco reflexo pressupõe que os processos cerebrais são compostos de ciclos de entrada e saída. Contudo, segundo Pribram⁶⁶⁶, o cérebro é formado por “processos paralelos entrelaçados e interpenetrados.” Por vezes, descobre-se que uma célula nervosa opera em mais de uma função, como no caso dos experimentos no nervo óptico, que também responde aos estímulos sonoros e táteis, quando estamos vigilantes (acordados e atentos).

As falhas na abordagem das ciências que observam o cérebro como ciclos de entradas e saídas são demonstradas por meio de diversos experimentos neurológicos que descontroem esta perspectiva diante das evidências experimentais. Em um deles, Pribram⁶⁶⁷ colocou eletrodos no córtex motor (giro pré-central). Sob o olhar da teoria do arco-reflexo, o córtex motor deveria ser um local de saída, contudo, encontrou-se uma entrada, que recebe informações desde o nervo ciático. Portanto, dados contradizem a ideia, ainda hoje, dominante de que o sistema nervoso funciona com base em “uma entrada para um centro de processamento a partir do qual uma saída é gerada.”⁶⁶⁸

Este pensamento é formulado cientificamente por Charles Sherrington, na virada do século 19 para o 20, com o objetivo de explicar o funcionamento neurológico através dos seus

⁶⁶⁴ *Ibid.*, p. 16, tradução nossa.

⁶⁶⁵ *Ibid.*, p. 353, tradução nossa.

⁶⁶⁶ *Ibid.*, p. 166, tradução nossa.

⁶⁶⁷ *Ibid.*, p. 141, tradução nossa.

⁶⁶⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

estudos da medula espinhal de sapos, inspirados pela lei de Bell e Magendie. Apesar do próprio autor da teoria do arco reflexo a considerar “uma ‘ficção’, uma metáfora que nos permitiu entender como o sistema nervoso funcionava”⁶⁶⁹, Pribram⁶⁷⁰ observa que “a ‘ficção’ de Sherrington de um reflexo como uma unidade de análise do comportamento foi a base do período behaviorista na psicologia.” Em contraposição à formulação de Sherrington, no livro *Plans and Structure of Behavior*, Pribram⁶⁷¹ baseia sua análise sob a perspectiva de que “a unidade de comportamento não é um arco reflexo, mas uma entrada para uma sequência ‘teste-operação-teste-saída’, um TOTS, que é também a unidade que compõe um programa de computador.” Neste sentido, a partir de evidências científicas colhidas em experimentos laboratoriais, Pribram⁶⁷² propõe uma mudança em relação à visão da “unidade fundamental de comportamento como um arco para a ver como um *feedback* do tipo termostático”, uma vez que os reflexos podem se combinar de várias maneiras. Desta forma, o problema não está na aquisição do conceito de “reflexo”, mas na descrição do reflexo como arco, pois “a organização do reflexo e, portanto, do comportamento, é mais semelhante ao de um termostato controlável.”⁶⁷³

Tal mudança da metáfora abandona a ideia de um “arco”, no qual o comportamento é controlado diretamente por uma entrada, para adotar a metáfora de um “termostato controlável”, “onde o comportamento é controlado pelas operações de um organismo para cumprir um objetivo.”⁶⁷⁴ Em 1978, Leontiev agrega um passo à tese de Pribram sobre o termostato neurológico ao sugerir que tais processos são baseados em reflexões e não em reflexos.

O cérebro é concebido como o órgão que nos permite seguir um curso constante que decidimos estabelecer para nós mesmos. Ao contrário dos princípios da psicologia de meados do século 19 na União Soviética, na Europa e em outros lugares, não estamos totalmente à mercê do meio ambiente. Não é um mundo de entrada e saída que estamos condicionados a viajar. Nós escolhemos. O mundo é significativo porque pretendemos escolher onde, quando e como navegar.⁶⁷⁵

A abordagem neurocientífica sobre o cérebro progride desde a concepção do arco reflexo para um processo programável semelhante a um termostato, que é controlável por meio

⁶⁶⁹ *Ibid.*, p. 145, tradução nossa.

⁶⁷⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁷¹ *Ibid.*, p. 147, tradução nossa.

⁶⁷² *Ibid.*, p. 149, tradução nossa.

⁶⁷³ *Ibid.*, p. 146, tradução nossa.

⁶⁷⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁷⁵ *Ibid.*, p. 150, tradução nossa.

de fontes paralelas e separadas. “Até mesmo o processo homeostático biológico, a inspiração para o termostato, agora é conhecido por ser reostático (*rheo* é o latim para ‘fluxo’), um processo programável e ajustável.”⁶⁷⁶ Entretanto, Pribram⁶⁷⁷ considera que “essas etapas não foram suficientes para explicar totalmente nossas habilidades intrínsecas não apenas para navegar, mas também para construir o mundo que habitamos.”

Ao cortar as raízes dorsais de cães, Graham Brown observou que os animais lobotomizados não apresentavam dificuldade para andar. Assim, concluiu que a locomoção parece ser “pré-programada”.⁶⁷⁸ A partir desta pesquisa de Brown, que “enfatizou o fato de que cortar as raízes sensoriais dos nervos periféricos deixa os movimentos de um animal intactos”⁶⁷⁹, Rodolfo Llinás intitula as unidades de comportamento de “padrões de ação fixos”. Tais padrões antecipam “o próximo passo” à medida que se tornam atualizados. “Este aspecto do comportamento não pode ser explicado pelo arco reflexo de Sherrington, mas pode ser prontamente tratado pela mudança da metáfora para o termostato controlável.”⁶⁸⁰ Entretanto, mesmo o conceito de padrões de ação fixos possui limitações para explicar como funciona a relação entre cérebro e o comportamento, conforme sublinha Pribram⁶⁸¹:

Eu ajudei a financiar uma série de experimentos nos quais as raízes sensoriais foram cortadas em uma extensão muito maior do que nos experimentos de Graham Brown. Nesses experimentos, embora o movimento grosseiro ainda fosse possível, ele estava seriamente prejudicado e o aprendizado de uma habilidade estava ausente. Em uma escala maior, os padrões fixos de ação por si só não explicam nosso comportamento. (P.162)

Para solucionar o problema conceitual dos “padrões de ação fixos”, proposto por Llinás, Pribram⁶⁸² sugere a adoção do conceito de “atratores com estabilidades temporárias distantes do equilíbrio”: “o termo ‘atrator’ deriva do fato de que traçamos os caminhos pelos quais as estabilidades são atingidas. Esses diagramas de caminho servem para indicar onde encontraremos as estabilidades no futuro.”⁶⁸³

Pribram⁶⁸⁴ critica a noção criacionista de que o *design* evolucionário é “inteligente”, pois implica numa conotação que pressupõe um agente criador. Para resolver tal questão

⁶⁷⁶ *Ibid.*, p. 153, tradução nossa.

⁶⁷⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁷⁸ *Ibid.*, p. 161, tradução nossa.

⁶⁷⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁸⁰ *Ibid.*, p. 162, tradução nossa.

⁶⁸¹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁸² *Ibid.*, p. 339, tradução nossa.

⁶⁸³ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁸⁴ *Ibid.*, p. 322, tradução nossa.

semântica, propõe descrever este aspecto da natureza como “inerente”, composto por processos de auto-organização, que formam atratores com estabilidades temporárias distantes do equilíbrio: assim, a teoria da evolução é enriquecida com a perspectiva de *design* inerente, que retira a ênfase criacionista das análises sobre o funcionamento da vida.

Desta forma, a apresentação da teoria de sistemas dinâmicos, com formações de estabilidades longe do equilíbrio, amplia a compreensão evolucionária proposta por Darwin: “uma teoria completa da evolução precisa ser baseada na inter-relação contextual de todas as partes dos seres vivos e na inter-relação dos próprios seres vivos.”⁶⁸⁵ Neste sentido, a diversidade auto-organizada e o refinamento no *design* são criados continuamente por tais relações.

Nos humanos, por meio da aprendizagem, que envolve processos de auto-organização no cérebro, a auto-organização ocorre ao longo de toda a vida. Segundo Pribram⁶⁸⁶ (p.323) a auto-organização do cérebro ocorre através do mesmo processo “genético” que formam os embriões humanos, o estágio inicial dos organismos vivos. O resultado é um *kluge* (do alemão, inteligência), mais ou menos inerentemente viável, que experimentamos diariamente.

A contribuição de Darwin introduziu a diversificação e a seleção para compreender a adequação única das criaturas biológicas a seus habitats. A seleção natural é realizada por meio da sobrevivência de organismos, que se adaptam à nichos, onde regem as condições necessárias para a existência da espécie, dentro de um ambiente físico e social hostil e competitivo.⁶⁸⁷

O genótipo expressa a forma profunda de diversificação, que ocorre em parte, aleatoriamente, ao acaso, e, em parte, por meio de transações sexuais. Entretanto, o professor de Darwin, John F. W. Herschel, opôs-se à ideia de que a variação aleatória poderia explicar a diversidade das criaturas, pois algum tipo de projeto parecia estar em ação.

Em janeiro de 2009, a *Scientific American* dedicou a publicação para realizar uma revisão abrangente da teoria darwiniana atual. Num artigo sobre o futuro da evolução humana, Peter Ward⁶⁸⁸ observa que “a evolução de fato mostrou pelo menos um vetor: em direção ao aumento da complexidade.” Pribram⁶⁸⁹ explica que este aumento de complexidade é realizado, em grande parte, por genes reguladores, que operam dentro de restrições. “Quando as restrições

⁶⁸⁵ *Ibid.*, p. 322/323, tradução nossa.

⁶⁸⁶ *Ibid.*, p. 323, tradução nossa.

⁶⁸⁷ *Ibid.*, p. 324, tradução nossa.

⁶⁸⁸ WARD, Peter. 2009 *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 324, tradução nossa.

⁶⁸⁹ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 324/325, tradução nossa.

são afrouxadas, novas estabilidades distantes do equilíbrio podem ser estabelecidas.”⁶⁹⁰ Assim, os autores apresentam uma teoria da complexidade inerente para complementar, sem substituir, a tese evolucionária que afirma a “aleatoriedade” na contabilização da diversidade.

...

O corpo humano, suas vértebras e sistema nervoso, são formados em segmentos como os de uma minhoca, a sensibilidade é perdida apenas nas partes abaixo do corte. Pribram⁶⁹¹ sublinha que as sensibilidades da pele podem ser classificadas em dois tipos: toque e pressão constituem uma categoria, enquanto dor e temperatura constituem a outra.

Essas duas categorias de sensibilidades são claramente separadas em nossa medula espinhal. Os nervos que transmitem as sensações de toque e pressão chegam ao nosso cérebro pela parte posterior do cordão; aqueles que transmitem dor e temperatura passam pela lateral do cordão. Esse arranjo permite que os cirurgiões cortem a lateral do cordão nos pacientes que estão sentindo dor intratável, a fim de cortar as fibras de “dor e temperatura” dos pacientes sem perturbar sua sensação de toque.⁶⁹²

Desta forma, não há como isolar o canal fibroso da dor e da temperatura, pois quando a medula espinhal e os nervos de dor/temperatura são cortados, a sensibilidade à dor e à temperatura são eliminadas simultaneamente. Contudo, permanece as sensações de toque e pressão.

Além da interseção estrutural entre a dor e a temperatura, a dor e o prazer compartilham associações neurológicas. Uma das evidências consiste em experimentos que “mostraram que a dor é um processo no qual a experiência do prazer pode ser o antecedente da experiência da dor.”⁶⁹³ O prazer, bem como outras espécies de desejos sedentos (comida, água, drogas, sexo, por exemplo), normalmente, expressam uma fase apetitiva autolimitada, que termina em saciedade.

A descoberta de como o processo cerebral funciona para produzir uma fase de apetite e saciedade tem importantes implicações clínicas. O prazer é autolimitado, a menos que você engane o processo, como na bulimia, causando um curto-circuito: a pessoa com bulimia esvazia artificialmente seu estômago para que os sinais que geralmente significam saciedade, como estômago cheio e absorção de gorduras, sejam interrompidos. O processo de curto-circuito do bulfímico é paralelo ao que ocorre na autoestimulação do cérebro? Ou, como na anorexia, a cultura pode desempenhar o papel de “manter a estimulação” no papel da auto-imagem de uma pessoa, de modo que o cérebro da pessoa esteja sempre configurado para experimentar apenas um

⁶⁹⁰ *Ibid.*, p. 325, tradução nossa.

⁶⁹¹ *Ibid.*, p. 182, tradução nossa.

⁶⁹² *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁹³ *Ibid.*, p. 189, tradução nossa.

modo de “desligamento”. Precisamos encontrar maneiras não invasivas pelas quais possamos alterar as configurações no cérebro das pessoas com esses transtornos alimentares.⁶⁹⁴

Entre os encontros relatados por Pribram⁶⁹⁵, algumas experiências misteriosas evidenciam que não apenas a dor e o prazer são controláveis por meio de processos cerebrais, mas também as lesões do corpo. Como exemplo de experiências que destoam da normalidade material, encontramos os recentes registros do mapeamento neurológico de Sufis e outras pessoas islâmicas, que apontam para um grande aumento na corrente DC (contínua) quando imersos no estado de transe. Em transe, os experimentadores colocaram picadores de gelo nas bochechas, além de outros atos normalmente prejudiciais, sem, contudo, causar a sensação de dor, sangramento ou dano ao tecido. Porém, “esses mesmos indivíduos, quando não estão em transe, respondem com dor, sangramento e danos aos tecidos, como todos nós quando feridos.”⁶⁹⁶ As fronteiras entre as experiências normais e extraordinárias demonstra a artificialidade que compõem a programação da crença para compor a realidade que acreditamos ser verdade. Pois, caso tais pessoas não acreditassem profundamente que a meditação e o transe resultassem na probabilidade de vivenciar uma experiência real de agressão corporal, sem resultar em danos físicos ou reações de dor, a realização do ato não seria alcançada. Para Pribram⁶⁹⁷:

Sonhos, drogas e meditação Zen têm em comum sua capacidade de dissolver as fronteiras que normalmente definem nossa capacidade de formular o certo e o errado, limites que normalmente usamos para navegar em nosso mundo. Tanto na ciência quanto nas humanidades, construímos essas fronteiras para dar forma ao nosso mundo físico e social.⁶⁹⁸

Entretanto, observa que “para as ciências do cérebro em si, a questão não é o que é certo e errado, mas que o *sapiens* tem a capacidade de conceber o que é certo e errado. Conceber o certo e o errado envolve consciência e escolha consciente.”⁶⁹⁹

...

As verdades emergem dos fatos; mas eles mergulham nos fatos novamente e os aumentam; quais fatos novamente criam ou revelam uma nova verdade... E assim por

⁶⁹⁴ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁹⁵ *Ibid.*, p. 40/41, tradução nossa.

⁶⁹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁹⁷ *Ibid.*, p. 492, tradução nossa.

⁶⁹⁸ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

⁶⁹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*, tradução nossa.

diante indefinidamente. Os próprios fatos não são verdadeiros. Eles simplesmente são. A verdade é a função das crenças que começam e terminam entre elas. - William James, *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*, 1931.⁷⁰⁰

Por sermos capazes de perceber objetos por meio do movimento relativo de nós mesmos dentro do mundo em que navegamos, os objetos podem ser considerados construções dos sistemas cerebrais que computam os resultados desses movimentos. O uso do termo “construção” não significa dizer que a experiência de navegação não seja num mundo real: quando chutamos uma parede e machucamos o dedo, não resta dúvidas de que o mundo navegável seja real. Por sua vez, “essa falta de dúvida forma uma crença que se baseia em nossa experiência inicial.”⁷⁰¹ A crença, portanto, está intimamente envolvida na forma como percebemos um mundo objetivo.

Sem dúvida, não há crença. Se não houvesse dúvida, as experiências simplesmente existiriam. Como no caso do materialismo e do mentalismo, um não poderia ser articulado sem o outro. Se não há cima, não pode haver baixo. A dúvida engendra a busca e a busca engendra a crença. A crença vem em uma gama de ambigüidade e, portanto, oferece-nos uma gama de garantia - e cada um de nós difere em nossa tolerância à ambigüidade. A certeza pode estar centrada em você mesmo ou no mundo em que navegamos.⁷⁰²

A experiência perceptiva pode ser totalmente diferente de nossas explorações visuais usuais, através da distinção das percepções derivadas de diferentes experiências sensoriais: é empiricamente notável que ver uma pessoa ou objeto é muito diferente da experiência do tato, audição, olfato ou paladar. Segundo Pribram⁷⁰³:

Em algum lugar ao longo da linha, conforme processamos essas várias entradas, damos um salto de fé: todas essas experiências ainda são experiências do mesmo “alguém”. Na linguagem científica da psicologia, isso é chamado de processo de “validação consensual”, validação entre os sentidos.

À medida que envelhecemos, a fé na unidade de nossas experiências se estende para além das explorações sensoriais do próprio corpo, pois incluímos os relatos de outros observadores em nossos regimes de verdade. Por este motivo, é comum acreditarmos que

⁷⁰⁰ JAMES, William. 1931 *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 7, tradução nossa.

⁷⁰¹ PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 18, tradução nossa.

⁷⁰² *Ibid.*, p. 494, tradução nossa.

⁷⁰³ *Ibid.*, p. 118/119, tradução nossa.

“nossas experiências, quando apoiadas por outras pessoas, apontam para uma ‘realidade’. Mas esta é uma fé que se baseia em experiências díspares.”⁷⁰⁴

Michael S. Gazzaniga⁷⁰⁵ considera que “todos nós compartilhamos as mesmas redes e sistemas morais, e todos respondemos de maneiras semelhantes a questões semelhantes.” O que nos diferencia, segundo o autor, não é o comportamento, mas as teorias sobre o porquê respondemos da maneira que costumamos agir. Portanto, entender que a fonte dos conflitos consiste nas diferenças entre teorias, pode ajudar a humanidade a conviver em paz com pessoas de distintos sistemas de crença.

...

Pribram propõe a formulação de uma neurociência baseada no significado: inspirado na definição de Charles Peirce, que afirma que o significado é o que pretendemos fazer, Pribram⁷⁰⁶ acrescenta que significado é também o que queremos experimentar. Portanto, “em ambos os sentidos, o significado envolve escolha.” Nesta perspectiva, não estamos condicionados a viver num mundo de entrada e saída, como afirma a concepção do arco reflexo: “nós escolhemos. O mundo é significativo porque pretendemos escolher onde, quando e como navegar.”⁷⁰⁷

Para os humanos, há, no mínimo, uma década de milênios, desde que os pensamentos transpiram palavras, do suor verbal, escritos registram para, com o tempo, a ideia não evaporar. A palavra condensa o significado do símbolo anotado. Gotas sudoríferas da re-produção do saber exalam palavras por meio dos poros da epiderme do corpo: um processo de excreção biomecânico automatizado, que mantém a ação, mesmo quando estamos desatentos. Há quem pense e transpire sons, gostos, cheiros, imagens, ou outras configurações da imaginação. Aconselha-se a auto-observação do conteúdo sudorífero, pois pode conter toxinas em todas as formas da morfo-simbologia imaginária (som, verbo, palavra, imagem, etc). Num mundo que sofre de hiperinformação, é prudente parar o corpo e praticar o silêncio, se possível de olhos fechados, mantendo-se desperto e em plena atenção, mesmo com a redução dos estímulos internos e externos. A respiração é o fenômeno biológico que a meditação *anapana* utiliza para

⁷⁰⁴ *Ibid.*, p. 119, tradução nossa.

⁷⁰⁵ GAZZANIGA, Michael S. *apud* PRIBRAM, Karl H. **The form within**: My point of view. Westport: Prospecta Press, 2013, p. 305, tradução nossa.

⁷⁰⁶ *Ibid.*, p. 471, tradução nossa.

⁷⁰⁷ *Ibid.*, p. 150, tradução nossa.

observar as sensações localizadas e transitórias, que, no caso do *vipassana*, expande-se para todo o corpo. Há também diversas variantes de meditação atenta por meio da mentalização de imagens, cores, sons, palavras, etc.

Sobretudo, é preciso cultivar o hábito de consumir informações de qualidade, além de observar o equilíbrio simbólico entre os dispositivos de informação. Ou seja, recomenda-se leitura verbal quando se consome excessiva dose audiovisual; e o oposto, para quem exagera na verbalidade das experiências. Nesta balança instável, pesa-se ainda a busca do equilíbrio entre o consumo midiático e as experiências mundanas *offline*. Cada corpo é único em referência as dosagens, mas existem padronizações científicas como sugestão. Fato é que desfrutar da arte (mídia-virtual) e da natureza (mídia-real) catalisa o equilíbrio da balança. Buscar o equilíbrio próprio demonstra empiricamente que os métodos de limpeza e harmonização resultam em efeitos no estado de humor, que podem ser reconhecidos como felizes, ou equânimes, mesmo em casos irremediáveis. Contudo, segue a pergunta: por que passar por experiências dolorosas, ruins, perversas, quando poderia somente existir a leveza do bem-viver?

...

Certa vez, minha irmã me contou sobre a possibilidade de materialização de um fenômeno e me provou objetivamente. Começou com a simples ação de encontrar vagas em estacionamentos lotados. No caminho para o *shopping* superlotado, ela orou com fé não-religiosa por uma vaga maravilhosa. Entramos e, em segundos, encontramos uma vaga estreita, que, com muita habilidade e magreza, serviu. Desde então, adotei o método de afirmar continuamente e positivamente a realidade que desejo materializar, seja para estacionar, como para outras esferas da vida. Tais afirmações cientificamente improváveis, baseiam-se na experiência, no risco da tentativa e erro, sem padrões universais de sucesso.

Já nos experimentos com cristais de água, realizados pelo japonês Masaru Emoto⁷⁰⁸, as evidências da interferência das vibrações sonoras, escritas, dos pensamentos e da intenção na composição estrutural da matéria, aproximam-se dos métodos científicos de obtenção de resultados. Porém, diante das implicações mágicas, críticos declaram tais pesquisas como pseudociência, com o argumento da falta de rigor científico. Emoto utilizou um método similar

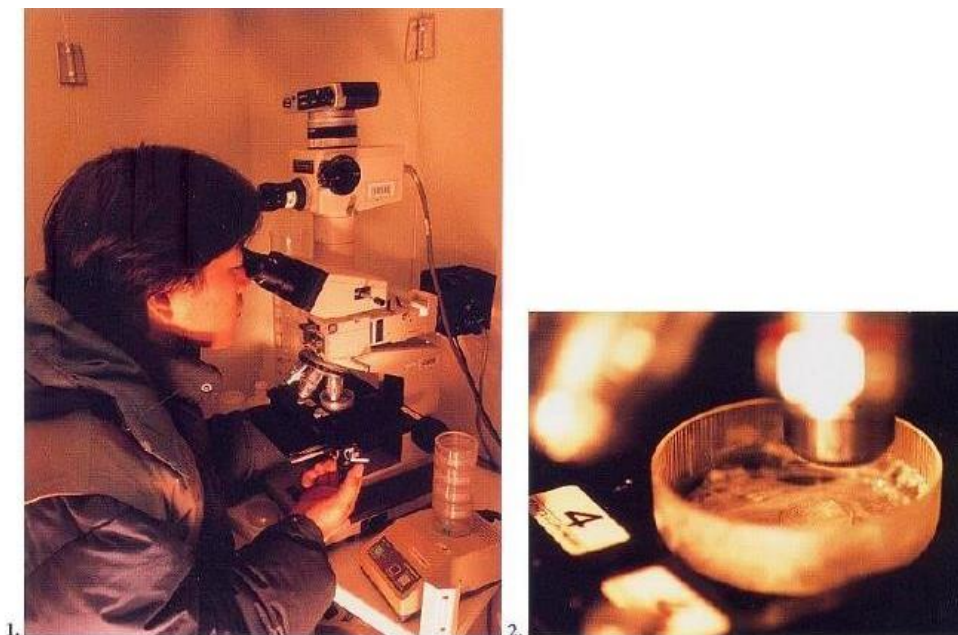
⁷⁰⁸ EMOTO, Masuru. **Mensajes del agua**: la belleza oculta en el agua - 1999. Ed. La Liebre de Marzo, Barcelona, 2003.

ao do seu conterrâneo japonês, laureado com o Nobel de medicina, Ohsumi⁷⁰⁹: visualização do comportamento microscópico da matéria por meio de mídias. Os cristais de gelo foram fotografados e selecionados baseados em parâmetros estéticos. Como Emoto não possui formação acadêmica em áreas consideradas científicas, a validade dos dados é bastante questionada. Pessoa⁷¹⁰ (2011) afirma que as teses de Emoto não são levadas a sério na ciência “estabelecida” e considera o japonês um charlatão que ganha muito dinheiro com cursos em cruzeiros marítimos, onde palestra sobre uma fé religiosa de mais de trinta anos. Apesar da falta de reconhecimento sobre a cientificidade do método de Emoto, é importante sublinhar as implicações filosóficas da pesquisa apresentada em *mensagens das águas* (2003), uma vez que o experimento é reproduzível e a ciência pode vir a mudar de ideia através do jogo da refutabilidade, como ocorreu em relação ao comportamento quântico da matéria, que por séculos foi desacreditado pelo olhar científico materialista, mesmo com a presença de tais conhecimentos em literaturas milenares, como nos escritos védicos. Assim, a possibilidade de fraude no caso de Emoto encontra a paradoxal probabilidade de sua pesquisa ser verdadeira, mesmo sem apresentar os dados necessários para a validação científica.

⁷⁰⁹ NOBEL LECTURE: Yoshinori Ohsumi, Nobel Laureate in Physiology or Medicine 2016. Suécia: Nobel Prize, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Uu9feq0fR0>. Acesso em 20 jun. 2018.

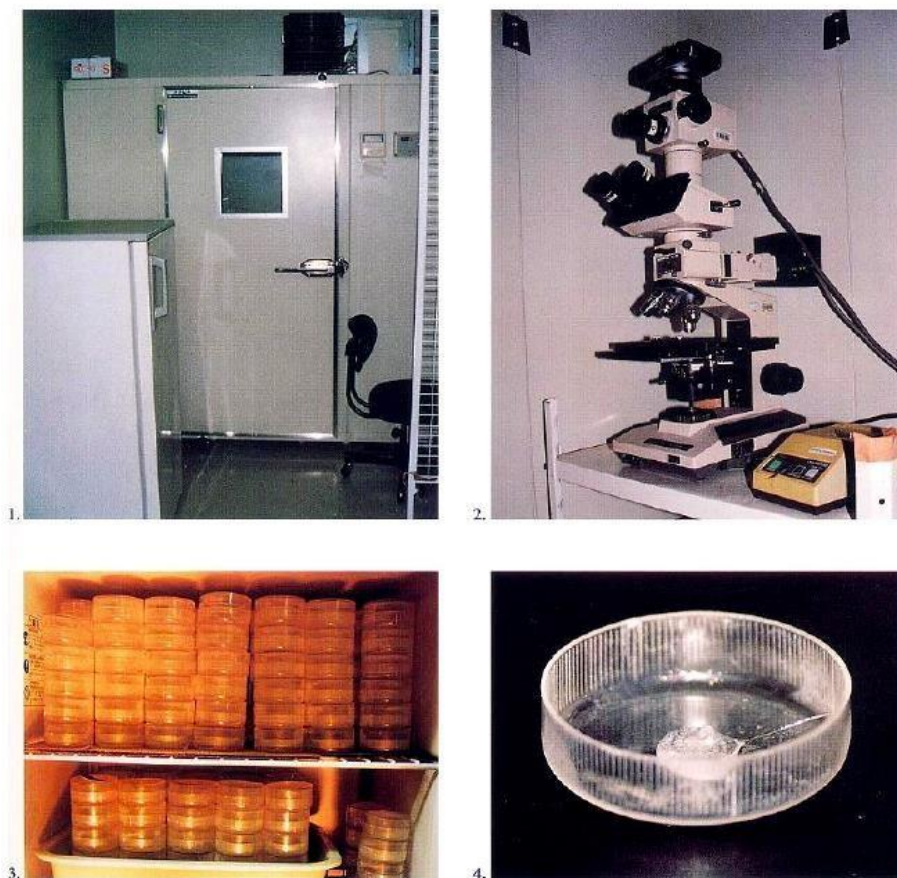
⁷¹⁰ PESSOA, Osvaldo Jr. O fenômeno cultural do misticismo quântico. In: FREIRE JR, O., PESSOA JR, O., and BROMBERG, JL., (orgs.). **Teoria Quântica**: estudos históricos e implicações culturais. Campina Grande: EDUEPB; São Paulo: Livraria da Física, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xwhf5/pdf/freire-9788578791261.pdf>.

Figura 66 – Masaru Emoto observando os cristais de gelo através do microscópio



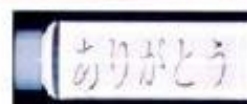
Fonte: Masaru Emoto (2003).

Figura 67 – Equipamentos utilizados para a pesquisa e catalogação de Masaru Emoto



Fonte: Masaru Emoto (2003).

Figura 68 – Formação do cristal de gelo exposto à palavra “*gratidão*” em japonês



1. «Gratias» en japonês

Fonte: Masaru Emoto (2003).

Figura 69 – Formação do cristal de gelo exposto à palavra “*estúpido*” (em japonês [imagem esquerda] e em inglês [imagem direita])



Fonte: Masaru Emoto (2003).

Figura 70 – Formação do cristal de gelo exposto à frase, escrita em japonês, “*me dá asco. Vou te matar*”



Fonte: Masaru Emoto (2003).

Figura 71 – Formação do cristal de gelo exposto à frase, escrita em japonês, “amor/compreensão”



Fonte: Masaru Emoto (2003).

Em 2018, a loja de móveis *IKEA Dubai*⁷¹¹ realizou um experimento semelhante ao de Emoto, contudo, em escala visível para humanos. O projeto de *bullying* com plantas separou duas matrizes e as expôs às condições de luz e água similares, porém, os clientes eram orientados a expressar ódio a uma e, à outra, amor. Os resultados obtidos pela loja foram disponibilizados na *internet*. Conforme demonstram as figuras 72 e 73, no experimento da loja *IKEA*, as afirmações de Emoto se aplicam ao plano macroscópico: o som das vozes, os

⁷¹¹ *IKEA* Pedir Para As Pessoas Fazerem Bullying Contra Uma Planta Por 30 Dias: O Resultado Nos Abre Os Olhos! In: **Olha que vídeo**. 2018. Website. Disponível em: <https://www.olhaquevideo.com.br/video/17120/ikea-pede-para-as-pessoas-fazerem-bullying-contra-uma-planta-por-30-dias:-o-resultado-nos-abre-os-olhos>. Acesso em: 21 jun. 2018.

pensamentos, a intenção e os escritos de orientação, fixados nos aquários das plantas, interferiram no desenvolvimento físico. Entretanto, os resultados obtidos não são validados no campo científico.

Figura 72 – Instalação do experimento na loja *IKEA Dubai* (2018)



Fonte: Olha que vídeo (2018).

Figura 73 – Resultado do experimento da loja *IKEA Dubai*, após trinta dias



Fonte: Olha que vídeo (2018).

Os pensamentos entoam potentes ondas vibratórias que passam despercebidas pelos sentidos fisiológicos, mas atuam na cotidianidade. Já a voz adensa a vibração intencionada para ser sentida objetivamente no campo físico. A oralidade gera ondas eletromagnéticas no entorno das pessoas com tamanha potência vibratória, que as multidões fervorosas em arenas ou os batalhões em guerra, ou os fiéis das cerimônias religiosas em grandes catedrais, sentem os efeitos psicoativos em seus corpos mergulhados no mar de ondas sonoras amplificadas. Tamanho impacto do som na matéria, que as ondas sonoras geradas por vários bambus chicoteando a superfície d'água, é uma técnica de pesca. Tal mudança de perspectiva, evidencia como as mídias industrializadas reproduzem discursos negativos, no sentido do conflito, da violência e do medo. A busca do prisioneiro é a libertação de emoções e pensamentos viciados limitantes e de autodestruição.

Se materializo realidades com afirmações, porque não estou onde desejo estar? Ou já estou exatamente neste entre-lugar? Se perco o desfrute do aqui e do agora para racionalizar meus desejos reais no passado ou para o futuro, escapo da perfeição do eterno presente, que costuma frustrar expectativas, mas cumpre a experiência precisa. Como ouviu meu amigo Válder de uma entidade passante numa festa em Santo Amaro da Purificação – Bahia: “a expectativa é a mãe da desilusão”. Seriam as realidades materiais méritos da criação de egos individualizados ou conjuntos de saberes coletivos apreendidos e disponibilizados como numa nuvem de probabilidades, alimentada pela reprodução da reserva potencial de informações vivenciadas, como um arquivo de memórias que a matéria utiliza para criar formas de existir? Tais memórias anteriores à matéria (campo mórfico) são coletadas a partir da experiência física da rede de corpos sencientes. Em geral, os corpos físicos são astros orbitando no céu. Do ponto de vista das estrelas, sou o astro que bilha na escuridão. Os corpos celestes caminham em fluxos próprios, em harmonia ou conflitos destruidores, que por outro lado, são explosões de luzes. Somos instrumentos refinados da sinfonia cósmica. Tocar em harmonia significa estar afinado ao fluxo orquestral dos astros navegantes do nada. Quem somos nós?

Quando pensamos os corpos animais como instrumentos musicais que absorvem e irradiam vibrações, podemos perceber corpos harmonizados ou desafinados. Os conjuntos de corpos funcionam como orquestras de vibrações. Um pequeno espectro destas emissões é percebido diretamente através dos cinco sentidos fisiológicos. Mesmo a admirada visão humana percebe uma curta faixa do espectro de ondas eletromagnéticas, que interpretamos como a realidade material visível através de formas e cores. O mesmo processo cognitivo ocorre com os demais sentidos na busca de significar as interações com o meio: as

incorporações dos estímulos eletromagnéticos, mediadas pela imaginação e razão, significam a experiência percebida através das memórias apreendidas.

Há dezenas de milênios, humanos, dispersos em ilhas continentais, sem comunicação física entre terras, desenvolveram, no mesmo período, a tecnologia estética de pintar em pedras (pintura rupestre). Tais eventos, em que pessoas percebem, simultaneamente, um mesmo sentimento em espaços distantes, a ciência quântica compreende através dos conceitos de *ressonância límbica*⁷¹², *campo mórfico* e *ressonância mórfica*⁷¹³. A inteligência apreendida através das experiências dos corpos sencientes, após um misterioso número de incorporações, resulta na geração espontânea de expressões tecnológicas comuns, no mesmo período, em diferentes partes do planeta. A lei do *centésimo macaco*⁷¹⁴ é uma metáfora que representa um número estimado para o gatilho quântico funcionar paralelamente na humanidade. Assim, se um montante de pessoas atingirem determinadas frequências vibratórias, ou aprendizagem técnica, os demais corpos da rede celular, instantaneamente, absorvem a informação e passam a vibrar em sintonia. Provavelmente, o que ocorreu com a posição bípede dos humanos. A *epigenética* é um estudo que percebeu as “modificações no genoma que são herdadas durante a divisão celular e que não estão relacionadas com a mudança na sequência do DNA.”⁷¹⁵ Nesta perspectiva, “existem algumas características que distinguem a epigenética dos mecanismos da genética convencional: a reversibilidade, os efeitos de posicionamento, a habilidade de agir em distâncias não esperadas maiores do que um único gene.”⁷¹⁶ Tais padrões epigenéticos são sensíveis aos fatores ambientais, “que podem causar mudanças fenotípicas que serão transmitidas aos descendentes.”⁷¹⁷ Desta forma, sem alterar a sequência do DNA, o corpo em vida é capaz de modificar a expressão do genoma por meio da experiência, além de transferir informações subjetivas para os herdeiros genéticos.

Somos partes separadas da alteridade ou a unidade do infinito? Qual o limite da autonomia da subjetividade dos seres sencientes, quando inseridos numa realidade física de espelhos fractais? O caleidoscópio deforma a matriz visual em infinitas projeções da unidade emissora de luz. As projeções invertem e modificam o ângulo do objeto observado. Quantas projeções existem de nós? Cientificamente comprovadas, infinitas. O universo caleidoscópico

⁷¹² LEWIS, AMINI, LANNON. **A general theory of love**. Nova Iorque: Random House, 2000.

⁷¹³ SHELDRAKE, Rupert. **A ressonância mórfica e a presença do passado**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

⁷¹⁴ KEYES, Ken Jr. **O centésimo macaco**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1990.

⁷¹⁵ FEINBERG *apud* MULLER, Henrique Reichmann; PRADO, Karin Braun. Epigenética: um novo campo da genética. **Rubs**, v. 1, n. 3, p. 61-69, 2008, p. 63.

⁷¹⁶ MULLER, Henrique Reichmann; PRADO, Karin Braun. Epigenética: um novo campo da genética. **Rubs**, v. 1, n. 3, p. 61-69, 2008, p. 63.

⁷¹⁷ *Ibid.*, *loc. cit.*

que compomos é acessado pela subjetividade humana através da percepção cognitiva e sensitiva. Enquanto fixar minha perspectiva neste ponto de vista, que é uma zona de conforto, a realidade que se apresenta permanece com aparência imutável; mas, se caminho e me viro de ponta cabeça, expando a noção dos reflexos espelhados. O infinito é o ponto de partida e de chegada no muro caleidoscópico das ilusões reais. Onde estiver, é sempre o meio: por mais que caminhe, a distância do horizonte permanece a mesma.

1.7 IMPLOÇÃO DOS MUROS DAS ILUSÕES REAIS

O silêncio é um caminho para passar despercebido no presídio das ilusões reais, mas é preciso uma revolução, que nos permita berrar sem medo de opressão. A revolução silenciosa é real, mas acompanha a questão: há como escapar dos estrondos da destruição do sistema? Uma qualidade pode não excluir a outra, mas se unir como distintos aspectos de uma mesma aparência. Assim, a revolução descolonizatória pode ser, simultaneamente, silenciosa e estrondosa.

De certa forma, é um processo similar ao que ocorre no conto de ficção científica de Ted Chiang⁷¹⁸, no qual relata a relação entre um doutor em biologia, que sobrevive a uma tentativa de suicídio duas décadas antes do tempo da narrativa, e uma prodígio matemática, que durante a escrita da tese de doutorado, provou, através dos próprios conceitos fundamentais da matemática, que a aritmética (progressão numérica 1,2,3...), base fundamental da alta matemática contemporânea, é inconsistente, pois 1 é igual à 2, assim como qualquer número é igual a outro. Para quem domina a linguagem, a matemática funciona como uma forma de enxergar a realidade. É um instrumento utilizado para explicar o que percebemos. A simbologia desta linguagem determina padrões, baseados em estruturas lógicas cristalizadas como absolutas. Quando a personagem arruína seu sistema de crenças fundamentais, que lhe trazia prestígio social por ser prodígio, uma depressão profunda lhe acomete. Dedicou as três primeiras décadas da vida à padrões que, de repente, descobre-se que não fazem sentido, pois é um mero artifício para explicar os fenômenos: “é um truque mnemônico, como contar os nós dos dedos para saber quais meses têm trinta e um dias.”⁷¹⁹

A matemática não tem absolutamente nada a ver com a realidade. Muito menos conceitos como imaginários ou infinitesimais. A droga da soma de números inteiros não tem nada a ver com contar nos dedos. Um e um sempre vai dar dois em seus dedos, mas, no papel, posso lhe dar uma quantidade infinita de respostas, e todas elas são igualmente válidas, o que significa que são todas igualmente inválidas. Posso escrever o teorema mais elegante que você já viu, e ele não vai representar nada além do que uma equação sem sentido. — Ela soltou uma risada amarga. — Os positivistas costumavam dizer que toda matemática é uma tautologia. Eles estavam totalmente errados: é uma contradição.⁷²⁰

A personagem sofre por ser pioneira; julga-se, questiona-se incessantemente: a lógica que estruturava sua percepção da realidade, como verdade a priori, desmoronou após sua própria pesquisa individual. Deseja a ignorância, simplesmente porque provou que $1 = 2, 3, 4,$

⁷¹⁸ CHIANG, Ted. **História da sua vida e outros contos**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

⁷¹⁹ *Ibid.*, p. 100.

⁷²⁰ *Ibid.*, loc. cit.

5 ou qualquer número é igual a qualquer outro: “- É uma sensação que não consigo transmitir para você. Era algo em que eu acreditava de forma profunda, implícita, mas que não é verdade, e fui eu quem demonstrou isso.”⁷²¹

Senti um colapso semelhante ao escavar o sentido das palavras e ver tudo, em paródias, igualar-se. A destruição da estrutura lógica tem diversas vias simbólicas e neuroquímicas. Creio que a primeira desconstrução conceitual de grande impacto em minha subjetividade, foi a binaridade de gênero. Quando compreendi a artificialidade de ser homem ou ser mulher, passei a trabalhar para desconstruir outros conceitos fundamentais: capitalismo, Estado, democracia, comunicação, cinema, matéria, corpo, mídia, tecnologia, natural, artificial, consciência, o Eu e a realidade. Em tais homéricas implosões semânticas, encontramos, em meio às ruínas e poeira suspensa, que flutua em lenta decantação, fragmentos das ideias, que outrora, estavam embutidos por trás da aparência superficial cristalizada.

A nuvem de poeira embaça a vista, entorpece os pulmões inebriados pela respiração das partículas, que antes formavam concretas barreiras cristalizadas. O muro denso virou pó. É desafiador sobreviver a travessia da nuvem de destroços semânticos. Ao atravessar, meu corpo absorve uma nova camada de poeira. Quando a poeira assenta, percebo um obstáculo em sequência. Na cotidianidade de derrubar muros e atravessar suas zonas de desconstrução, camadas de pó se sobrepõem à cada destruição de um conceito. Inundado numa lama movediça, onde já não reconhece quem se é: reflete a si mesmo como uma máquina de memórias, incapaz de sentir o presente momento. Tudo o que sente através do aparelho cognitivo e sensorial é fruto de um processo, que transforma a experiência passada em realidade presente, pois o agora, que estamos vivenciando, é fruto de percepções que ocorreram instantes atrás. Trata-se da mesma questão física que nos impele a ver no céu informações luminosas que ocorreram há anos luz, mas que chegaram agora. O mesmo em relação aos 8 minutos entre a emissão da luz solar e sua chegada à Terra, aos quais se soma o tempo de captação e processamento de dados para a construção da noção do que foi experienciado.

Seja por meio das frestas do muro das ilusões reais, causadas pelo desgaste da estrutura ou acidentais assimetrias em sua sólida composição; seja por implosões conceituais, capazes de dissolver rígidas muralhas cristalizadas num pó fractal espelhado suspenso no ar; caso o prisioner'observador sobreviva à poeira semântica cortante ou às longas travessias pelas frestas, por vezes, com ou sem saída, pode levar anos ou instantes para atravessar tais barreiras. Há caminhos que se entrecruzam dentro dos gigantescos blocos que compõem o muro. Por

⁷²¹ *Ibid.*, p. 114.

insistência ou acaso, se o caminhante buscador encontra uma saída para pisar em campos após o muro, o mundo se expande em potência. Porém, um muro adiante se revela. Por outra perspectiva, sigo aprisionado, mas com o conhecimento de brechas nos muros das ilusões reais, que permitem a passagem para diferentes mundos, até então, desconhecidos ou apenas conhecidos em leituras.

Desconstruir a ideia de realidade através dos dados científicos, é enlouquecedor, pois a referência existencial da física material, revela-se ilusão, truque de magia, que persuade a atenção da percepção. A sabedoria milenar espiritual, há mais de 2.500 anos, na Índia, encontrou resultados similares sobre os fenômenos revelados cientificamente pelos estudos quânticos do século XX e XXI, mas utilizam métodos, linguagens e metáforas distintas para explicar o comportamento subatômico da matéria. Tais estudos, com distância temporal milenar e continental, assemelham-se como reflexos de uma mesma fonte de luz, espelhada em distintas superfícies materiais e simbólicas. Buda utilizou corpos e a experiência para compartilhar a sabedoria apreendida em sua busca sincera para conhecer a essência do ser. A jornada de Buda é um importante marco cronológico na história dos corposmídias que utilizaram seus próprios corpos como laboratório de pesquisa para o autoconhecimento. Quem sou eu? O que sou eu? Qual o propósito da existência? Mera obra do acaso? Tamanha beleza e complexidade surgiu por acaso...? Por que a vida? A que serve? Por que apresenta tanta complexidade? Tais perguntas mudam de resposta eventualmente. Algumas ficam sem respostas.

A meditação é um meio para silenciar e escutar outras fontes da consciência do corpo, progressivamente, da superfície às entranhas, em camadas. Corpos são depósitos de memórias holográficas. Para encontrar resíduos, é preciso escavar as camadas de hologramas sobrepostas pela cronologia, sedimentadas desde o nascimento do corpo à morte física. Quando nos intoxicamos de informações, enterramos o passado através dos novos acúmulos de memórias, mas os traumas ou gozos triunfantes, mantêm-se em exposta repetição, tonificadas ou enfraquecidas ao longo da vida. Tratam-se dos medos, sofrimentos, fracassos, glórias, conquistas, posses, ciúmes, alegrias: memórias de eventos passados, que se tornam matrizes cristalizadas do pensamento cognitivo e sensitivo e das conseqüentes ações subseqüentes do corpomídia materializado, hospedeiro da consciência virtual holográfica.

Nota-se como as mídias servem à função de descrever, por meio de metáforas, o funcionamento dos fenômenos que percebemos como realidade objetiva, que é virtual, pois expressa um jogo de potência e probabilidade do devir colapsado pelo observador senciente.

A partir de um conjunto virtual de probabilidades, a transformação holográfica, realizada pelo observador, modifica o comportamento da matéria, de onda para partícula, no processo de composição fenomenológica da vida: materializa-se a realidade a ser percebida pelo corpo, que captura, interpreta e projeta as experiências através do seu aparato técnico biológico e sua programação simbólica e sensorial.

A consciência que habita o corpo animal é uma consequência da rede de consciências moleculares, formada por consciências atômicas, onde orbitam as consciências subatômicas. São redes de consciências, que compõem redes de consciências corporais maiores, que formam corpos densos, que nomeamos animais, vegetais e minerais. Neste processo de adensamento do corpo, ocorre, paralelamente, a amplificação da quantidade de conexões entre as partes da consciência. O que chamo aqui de consciência, para a ciência, é dita como inerência para evitar o termo inteligência: há uma grande aversão no campo científico à ideia de que existe um criador universal, pois esta noção se assemelha aos ditos religiosos, que em suas literaturas doutrinárias apresentam deuses personificados. A cautela histórica é prudente, mas é preciso reconhecer a inerência como sistemas complexos inteligentes auto-organizados, repletos de memórias retrospectivas e prospectivas, dentro do jogo de transformações holográficas entre o domínio espectral da potência para o aspecto do espaço-tempo material, portanto, a inerência revela operações semelhantes aos processos neurológicos humanos. Contudo, sublinha-se a particularidade das formas de impressão e expressão técnica, cognitiva e estética da espécie terráquea a qual pertencemos.

Nesta perspectiva, se voltarmos a escala de campos de consciência, o mesmo exercício pode ser feito para ampliação da perspectiva dos corpos: tais corpos animais, compostos de inumeráveis consciências, que forma a consciência egóica, que as unifica, está conectado à uma rede de consciências semelhantes, que formam um corpo maior, composto de um coletivo de subjetividades. Assim, chegamos ao inconsciente coletivo, proposto por Jung. Qualquer alteração na rede é sentida nas unidades dos corpos. Tal expressão pode ser suprimida ou encontrar consonância com outras consciências para expressar a potência do gatilho quântico, capaz de modificar a expressão de toda a rede instantaneamente. A expressão segue para a escala de planetas, galáxias, multiversos.

Nem Freud, nem Einstein, nem Darwin, nem Newton, nenhum cientista quântico, filósofo contemporâneo, artista, ou líder religioso, Buda, Jesus, nem eu, nem você, ou qualquer outro ser humano, é capaz de explicar, por vias fenomenológicas, o que compõe a essência do que chamamos de realidade, pois o próprio conceito de realidade é uma metáfora verbal, parte de um sistema de tradução paródica do corpomídia, junto aos instrumentos biológicos da

estética sensorial e das convenções simbólicas discursivas. Tratam-se de blocos de sensação e cognição utilizados para descrever a experiência de viver, seja através da linguagem matemática, verbal, imagética, sonora ou outra forma de expressão e impressão.

Deposito fé científica na existência de inteligências imateriais, que experimentam artisticamente a composição da matéria. Engraçado, cada vez mais distancio a ideia de que as faculdades da inteligência estão associadas à elementos materiais, sobretudo, porque a consciência holográfica captura e projeta a percepção quadridimensional da realidade por meio de operações no campo espectral, fora do domínio do espaço-tempo.

Capacidade simbólica e sensorial é o fio que conecta nossas consciências a esta realidade coletiva. Entretanto, trata-se da superfície da inteligência da consciência. Tais faculdades orgânicas são necessárias para a relação social, mas oculta as demais camadas da consciência, distraída com a tagarelice dos pensamentos e sensações. A programação biológica e cultural do pensamento afeta, condiciona e cria a realidade material percebida. Portanto, para realizar uma reprogramação descolonizatória na esfera micropolítica, é preciso silenciar o corpo disperso num mar de estímulos sensoriais. Mídias, meios de comunicação, linguagem e línguas, expressam paródias de ideias. Ao fim, mídias são metáforas e não matrizes de conhecimento, que são os corpomídias em fluxo de informação: o conteúdo da mídia possui o potencial de ser lido, mas é inexpressivo por si mesmo; sem o leitor, é reserva em potencial indecifrável, ininteligível. Tomados por pensamentos que não silenciam, escapamos do aqui e do agora. O eterno presente, a categoria cronológica atemporal, permanece suspensa nos corpos servis dos escravizados que reproduzem atividades cotidianas, sedados por pensamentos saudosos e ansiosos.

...

Na odisséia dhistórica dos investigadores da menor parte da matéria, o encontro com os átomos deu a entender que os cientistas haviam desvendado o componente mínimo comum indivisível (a – tomo = sem parte): a essência que compõe tudo o que existe. A compreensão do universo atômico evidenciou mundos visualmente inacessíveis aos sentidos humanos. Neste ponto da jornada científica, exibiram representações esféricas para ilustrar a microscopia atômica da matéria. Adiante, a ciência comprova a composição polarizada dos átomos: prótons (+), nêutrons (0) e elétrons (-). Um mundo subatômico se revela, constituído fundamentalmente por pacotes de energia com diferentes cargas elétricas, que navegam num espaço 99,9% vazio. O núcleo, onde habitam os prótons e nêutrons, concentra 99,9% da massa do átomo: os prótons

e nêutrons possuem massa equivalente e são cerca de 1.836 vezes mais pesados do que os elétrons, que orbitam ao redor do núcleo. Mantemos a forma das esferas para representar visualmente os elétrons, prótons e nêutrons, mas é sabido que tais partes dos átomos são faíscas elétricas amórficas. A aproximação microscópica da matéria revela partes constituintes numa escala dimensional distante da visão ocular humana, mas é a matemática que expõe as escalas métricas que a ótica não acessa. Em tais dimensões da existência, a física quântica demonstra padrões e dilemas científicos sobre o comportamento subatômico da matéria, que evidenciam conclusões distintas das leis apresentadas por Newton: mistérios, estranhezas, incertezas e impermanência povoam os universos subatômicos da matéria.

Em busca das menores partes da matéria, os humanos construíram aceleradores de partículas, que colidem os elementos subatômicos em alta velocidade, para tentar os espatifar. Esta odisséia científica revelou diversos elementos desconhecidos antes de atravessarmos a escala dos átomos, prótons, nêutrons e elétrons, como os quarks, léptons, neutrinos, bóson de higgs, entre outras espécies de partículas quânticas.

Enquanto o discurso científico sobre a materialidade visível considera que esta seja toda a realidade a ser estudada, uma informação da astrofísica revela que o ponto cego de tal abordagem é 95% do que existe no universo. 95% do universo é composto de matéria e energia escura. A presença da matéria luminosa é estimada em 5%, que é a parte que os humanos conseguem mapear através da emissão eletromagnética luminosa. Estima-se que a presença da energia e matéria escura está dividida em: 70% de energia escura e 25% de matéria escura.

Existe uma fronteira ilusória entre matéria e energia. Pelo menos, em relação à matéria luminosa, que é os 5%, que os humanos estudaram, através da ciência. A partir da observação dos átomos, já se percebe que a composição dos objetos materiais é energia polarizada em órbita. Os estudos subatômicos observaram o comportamento da matéria numa escala ainda mais aproximada e mapearam diversas partes eletromagnéticas. Ou seja, a matéria-prima dos corpos materiais é energia, assim como qualquer objeto dito inanimado. Então, essa fronteira conceitual (matéria - energia) não faz sentido na física luminosa.

Afirmações científicas contêm implicações filosóficas. Filosoficamente, o encontro da astrofísica com a matéria e a energia escura significa que, o que consideramos como conhecimento da realidade material, ignora a presença de quase tudo. Como a energia e a matéria escura não emitem, nem interagem com a energia eletromagnética, os cientistas perceberam sua existência através da gravidade, no lugar da ótica: galáxias são 400 vezes mais pesadas do que sua parte de matéria luminosa, a parte acessível e calculável para humanos. A matéria escura é mistério para a ciência, mas sua presença foi detectada junto com

pistas sobre sua influência no universo eletromagnético. Nesse caso, a luz revela ignorância, pois cega a percepção, e a escuridão se transforma na fonte de saber sobre a existência.

Apesar de não acessarmos diretamente a matéria e energia escura, é possível calcular a presença, devido a diferença entre a massa total e a massa dos corpos luminosos. Portanto, é calculável, mas não é fácil encontrar uma medição precisa de determinados pontos do espaço. Neste contexto, Fabio Locco⁷²² afirma que a nossa galáxia, numa grande parte visível, possui um equilíbrio na quantidade dos dois tipos de matéria. Este fenômeno dificultou o cálculo, mas conseguiram alcançar um resultado satisfatório.

Outro grande desafio para os astrônomos mapearem os corpos celestes visíveis neste local do universo, é que as pequenas luzes emitidas por planetas são dissolvidas na grande luz da estrela ao redor da qual orbitam. A mesma lógica se aplica ao muro das ilusões reais: os blocos midiáticos industrializados emitem brilhos ofuscantes e berram em meio à apatia e sussurros dos demais tijolos, uniformizados dentro de um repertório de sintagmas de tons, medidas e formas, como numa loja de carros ou roupas, que apresenta suaves diferenças entre modelos pré-determinados. Os blocos desviados e assimétricos são isolados em becos e guetos, presídios e hospícios, quando não encaixam no padrão hegemônico central. Os marginais isolados mantêm a ordem de referências do centro da arquitetura panóptica impenetrável. Enquanto permanece vivo, não há como descartar o tijolo desviado do lado de fora do muro, mas há como o tornar invisível e silenciado. Por vezes, o centro hegemônico assimila a subversão, pois a coerção é apenas uma das ferramentas de controle e poder. Tal assimilação conforma a matriz aos parâmetros estruturais hegemônicos; para brilhar no centro industrial dos blocos de sensações (mídias), há de servir às ordens instituídas. Sem encaixe adequado, não há como ocupar os espaços centrais. As rupturas e buracos do muro estão nas margens. Então, para avistar o outro lado do muro, quiçá o atravessar, quanto mais diverso, assimétrico e composto de espaços vazios entre os blocos de informação, melhor a perspectiva. No centro, os tijolos de mídias estão encaixados com a mesma precisão bizarra das misteriosas construções monumentais da fortaleza Inca *Sacsayhumán*.

No muro das ilusões reais, os blocos de mídias industrializados ocultam o brilho brando dos tijolos encaixados ao redor dos polos emissores; resta, a quem vê, a luz ofuscante de mídias gritando discursos de dominação dos corposmídias. A luz cega, torna-nos insetos em volta da

⁷²² LOCCO, Fabio *apud* OLIVEIRA, André Jorge. Pesquisadores comprovam existência de matéria escura na região central da Via Láctea. In: **Revista Galileu**, 2015. Website. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2015/02/pesquisadores-comprovam-existencia-de-materia-escura-na-regiao-central-da-lactea.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

lâmpada. Diante da poluição visual e sonora que as mídias comerciais causam com a produção em larga escala de lixo enlatado, os corpos-leitores naturalizam os ruídos deste estado perceptivo: consome o que lhe apetece e descarta o dispensável, que, contudo, é absorvido por outros níveis da consciência. Observamos ao redor do muro que os desejos e hábitos emitidos por blocos de mídias são incorporados em alta escala pelos prisioneiros. A depender da sedução que a expressão vibratória da mídia causa na atenção do corpo-leitor-prisioneiro, mais elevada ou reduzida, é a incorporação dos desejos e hábitos referenciados nos blocos de sensações. Como exemplo, a referência pornográfica arquitetou nos corpos uma estrutura de desejos e performances sexuais que naturalizou determinados modos de expressão dos corpos. Ou seja, signos culturalmente apreendidos são lidos como expressões inerentes à biologia. Em geral, ocorre nos prisioneiros a repetição paródica dos gestos, verbos e outras referências projetadas pelas luzes e sons do muro das ilusões reais. Qual o contrário desta afirmação? É possível tal ocorrência fatídica? Se proporcional for, a ausência de mídias na vida do prisioneiro o leva a desfrutar de outras vibrações, luzes, projeções, realidades, como referência simbólica? São padrões reprodutíveis tecnicamente como o das mídias industrializadas? Se o corpo é uma mídia, trata-se do isolamento do prisioneiro? Como perceber fora da aparente onipresença e onisciência do muro das ilusões reais?

Ao apagarmos as luzes ofuscantes dos cânones, desvelam-se “vagalumes em multidões de devires, compondo novos territórios, traçando permanentes linhas de fuga”, num devir-*darkroom*, onde “brilham as luzes das literaturas menores, dos corpos dissidentes e dos desejos desmensurados.”⁷²³ *Darkroom* pode ser traduzido para o português como *quarto-escuro*: ambientes não iluminados e de uso coletivo, que permitem a liberação dos fluxos de prazer, sejam bares, boates, labirintos, parques, praias, becos ou florestas.

Sem a visão ocular, os corpos são convidados a experimentar sensações e expressões que os ambientes de vigília visual não permitem. O resultado evoca a experiência sinestésica de um corpo-sem-órgãos que se aventura a ouvir o escuro, ver os sussurros, saborear com a pele e tatear os cheiros. Dentro do *darkroom*, no território profano das literaturas, avista-se, entre vagalumes desterritorializados, fontes de luzes que transitam entre a forma do animal bioluminescente e a da luminária. A metáfora das luminárias enuncia dissidências assimiladas pela ideologia ou semiosfera hegemônica. Para a(s)cender o raio luminoso, há de se conectar à

⁷²³ MAIA, Helder Thiago. **Devir darkroom e a literatura Hispano-Americana**. Editora Multifoco, 1º ed., Rio de Janeiro: 2014, p. 24/25.

rede elétrica central. Ser um dissidente assimilado, portanto, requer da escritura⁷²⁴ adequações tecnológicas com as matrizes do sistema simbólico hegemônico, diferente dos vagalumes que produzem e emitem suas particulares luzes dissidentes. As analogias entre o acervo literário disponível e a emissão luminosa de objetos ou corpos animais sugere uma perspectiva conceitual e metodológica que traduz os esforços de um grande número de pesquisadores que buscam mapear os pequenos vagalumes dissidentes suprimidos pelas grandes luzes do saber. Neste sentido, o termo “vagalume” representa a presença de uma infinidade de escritores profanatórios, enquanto o conceito de literatura, na pesquisa de Maia⁷²⁵, é observado em sentido expandido, através do pensamento de Garramuño, que compreende os diversos gêneros textuais como literatura. Portanto, contempla não apenas escritos verbais, como também outras formas de expressão - vídeo, fotografia, cantos de passeatas, quadrinhos, teatro, etc.

O efeito das pequenas luzes, em contraposição às grandes luzes, exalta a potência política e estética da rede rizomática de vagalumes, que desvelam dhistórias ocultadas pela ofuscância solar do saber hegemônico. Por vezes, a literatura que tomo como referência são blocos de sensações (mídias) canônicos, que ocultam os pequenos vagalumes que vagam ao redor das grandes luzes ofuscantes que preenchem o muro das ilusões reais. Tais códigos linguísticos acessados apuram ou ludibriam a percepção sobre a arquitetura de controle e poder do presente, mas permanece o bloqueio sensorial e cognitivo enquanto decifro em símbolos as experiências. Quiçá, as luzes dos vagalumes indiquem caminhos para ir além dos signos. Vejo vagalumes atravessando por cima do muro suavemente com veloz bater de asas, enquanto piscam pontos de luzes anais. Há que apertar os olhos para enxergar os vagalumes em meio à luz solar dos blocos de mídias industrializados. Segui-los é um ato incessante, pois, se capturados, a luz anal se apaga de modo perpétuo, após curto período de aprisionamento. Este é o dilema científico: analisa a vida através de mídias ou por meio de cadáveres esquartejados para o estudo das partes. Para ler as luzes anais, é preciso seguir o trajeto dos vagalumes, mas, por vezes, a gravidade limita o passo seguinte. É inebriante perceber luzes que a claridade cega como uma constelação de vagalumes que evidenciam brilhantes saberes em dispersos pontos de emissão, interconectados por uma rede de informações dinâmicas, capazes de acessar o outro lado do muro das ilusões reais.

⁷²⁴ BARTHES, Roland. 1953 *apud* MAIA, Helder Thiago. **Devir darkroom e a literatura Hispano-Americana**. Editora Multifoco, 1º ed., Rio de Janeiro: 2014.

⁷²⁵ MAIA, Helder Thiago. **Devir darkroom e a literatura Hispano-Americana**. Editora Multifoco, 1º ed., Rio de Janeiro: 2014.

Ao apagar dos sóis, é possível seguir os vagalumes, que cintilam na escuridão dos turvos caminhos do saber. Em dança, os vagalumes literários trilham trajetórias percorridas há milênios por prisioneiros da razão na Terra. Apesar de pequenas, as luzes anais irradiam metáforas que explicam a existência através de paródias sofisticadas. Enquanto a ciência tarda em compreender os eventos que ocorrem na realidade física e metafísica, através de métodos de análise empiricamente reproduzíveis de modo universal e padronizado com rigor, a vida é lida por muitos ensinamentos provenientes de matrizes à margem da industrialização científica das mídias, que utilizam meios de registro como a oralidade e a pictografia, além da literatura verbal convencional. Existem muitas espécies de vagalumes literários: hibridizam-se promiscuamente. No mar fractal e espelhado de vagalumes estrelados, o sonho de realidades mágicas avessas à objetividade científica emerge na aparência da superfície das ilusões reais quando escritos e relatos sobre experiências subjetivas contradizem leis, premissas e princípios da realidade científica vendida no mercado midiático. Entre os destroços semânticos, em meio a nuvem de poeira dos significados, é possível avistar vagalumes que acendem as possibilidades de um mundo de mídias inspirado nas tecnologias quânticas da natureza.

Sigo a contemplar a constelação de textos que enunciam possibilidades éticas e estéticas que subvertem os violentos processos de homogeneização dos devires. É árdua a ideia de abandonar a zona de conforto das ilusões projetadas e interpretadas por meu corpo-prisioneiro-leitor como realidade objetiva e material, mas caminho em retirada junto com outros prisioneiros animados com os brilhantes planos de fuga projetados por vagalumes desterritorializados. Se bem observo, percebo que o centro é o observador. Já não sei se podemos considerar uma margem na arquitetura do muro das ilusões reais. Parece-me uma teia rizomática de aranha, com infinitos pontos de encontro. Ao mesmo tempo, é uma linha reta ou um labirinto em espiral, ou também o centro de vigilância da arquitetura panóptica de Foucault, além de outras formas geométricas como os hexágonos da Biblioteca de Babel de Borges⁷²⁶. Todas essas estruturas, simultaneamente, em todos os pontos do muro. Parece insensato imaginar com imagens a estrutura do presídio. Talvez seja inimaginável. Isto demonstra que há limites para a imaginação ou seria a imaginação o meio para expandir a consciência e a realidade experienciada? Há de escapar dos pensamentos para perceber o que existe em nossas realidades? Diversas tecnologias foram desenvolvidas nesta direção. Como ainda não cheguei lá, nada posso relatar. Quem sabe mais adiante. A questão que resulta é: quem observa o observador?

⁷²⁶ BORGES, José Luis. A biblioteca de babel -1941. In: **Ficções**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

O caminho é longo e o horizonte muda a todo instante. Muitos fraquejam e decidem voltar, outros param em determinados pontos do caminho e ali permanecem, alguns correm apressados; outros caminham serenamente, observando o interior e o entorno do corpo até o momento em que a separação de espaços e tempos deixe de existir na realidade percebida. Assim, vejo as diferentes motivações que acometem os prisioneiros-caminhantes que peregrinam na busca da fronteira miraculosa de transição entre o muro das ilusões reais e a realidade existente por trás dele.

A alegoria pode ser como nos ensinamentos sobre *Maya*: o mágico poder da ilusão cósmica subjacente aos mundos dos fenômenos. “As Escrituras védicas declaram que o mundo físico opera sob a lei fundamental de *Maya*, ou princípio da relatividade e da dualidade.”⁷²⁷ Nesta perspectiva, Deus é compreendido como a Unidade Absoluta, portanto, a Única Vida, que Se revela nas manifestações diversas e separadas da criação. Tal Consciência Cósmica Absoluta “usa um véu falso ou irreal. Este véu dualístico e ilusório é *maya*.”⁷²⁸

Ilusão cósmica; literalmente, “o medidor”. *Maya*, poder mágico na criação, faz com que aparentemente se apresentem limitações e divisões no Imensurável e Indivisível. Emerson escreveu o seguinte poema sobre *Maya* (que ele grafava *Maia*):
 “A ilusão trabalha, impenetrável,
 tecendo trama de expressão inumerável;
 suas vistosas imagens, incessantes,
 véu sobre véu acumulam, constantes;
 feiticeira, sempre acreditada
 pela pessoa sedenta de ser enganada.”⁷²⁹

Nesta perspectiva, Yogananda compreende que o “ego” (em sânscrito *ahamkara*, que significa literalmente, “eu faço”), “é a raiz do dualismo ou da aparente separação entre o homem e seu Criador. *Ahamkara* coloca os seres humanos sob o domínio de *maya* (ilusão cósmica); o que é subjetivo (ego) apresenta-se falsamente como objeto; as criaturas supõem que são as criadoras.”⁷³⁰

Em navegação no mar de ilusões reais, por vezes plácido, por vezes agitado, fluo numa embarcação que me permite avistar os reflexos de luz na superfície d’água, que ocultam o que há na escuridão das profundezas. Um infinito espelho no qual se formam imagens imaginadas de projeções ilusórias sobre a camada superficial do que existe na realidade. Lidar com essa aparência de formas amorfas, através da luz refletida no espelho, leva-me a buscar, no meu

⁷²⁷ YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013, p. 278

⁷²⁸ *Ibid.*, loc. cit.

⁷²⁹ *Ibid.* p. 46.

⁷³⁰ *Ibid.* p. 43/ 44.

arquivo de memórias, significados para os reflexos cognitivos e sensitivos apresentados durante as minhas experiências subjetivas de navegação nesse mar de ilusões reais. A partir das memórias e de tais reflexos aparentes, traduzo as vibrações que se apresentam na forma de luz, sons, toques, sabores, cheiros, mas que são interpretações dos sinais de ondas eletromagnéticas que informam o corpo-leitor através de sensações fisiológicas e do sistema cognitivo de crenças: “como evidenciou Levi-Strauss para as sociedades e Lacan para o inconsciente, o *significado* não é nada além de um efeito superficial, um espelhamento, uma espuma.”⁷³¹ Percebo que não sou um corpo embarcado sobre o mar de *Maya*, sou a nau. Temo ser um corpo-nau, como o dos prisioneiros sexualmente desviantes, durante a ditadura militar do Chile da década de 1920, que, sob o comando do General Ibañez, foram lançados em alto mar, onde aprenderam a nadar, mas ninguém chegou à margem.⁷³²

Por quanto tempo minha consciência é capaz de fluir nessas águas de ilusões reais, sem que as profundezas do oceano naufraguem o meu corpo-nau na escuridão reluzente do inconsciente? Seguir o fluxo para reduzir a energia desprendida para a realização do ato. Lema para a navegação no mar de *Maya* e para as demais esferas da vida. Segue o fluxo. Pro dia nascer feliz, sugere Cazuzza⁷³³, nadar contra a corrente só para exercitar. Natação rolante: nada e não sai do lugar. Alguns fadigam e são levados para trás, outros vencem a força da correnteza; em ambos os casos, o nadador desfruta dos resultados maravilhosos ou desastrosos. Pode ser vital nadar contra a corrente. Parece ser minha única saída quando sou sugado pela corrente hegemônica. Peregrinar em direção às margens conduz o prisioneiro a resistir/ re-existir contra o fluxo hegemônico. Cansado, por vezes, pulsa a vontade de aceitar e se entregar ao jogo de sensações e percepções de uma realidade ilusória construída com base na violência e no medo. A aparente zona de conforto que o encaixe do sistema hegemônico oferece seduz os esforços físicos que vislumbram os picos privilegiados dos esgotos urbanos através do crédito financiado com juros em troca da venda do tempo de vida do endividado.

É preciso navegar para não afogar no mar de *Maya*, repleto de armadilhas sensuais para satisfazer o corpo desejanter do marinheiro. Dado o desafio de permanecer a flutuar sobre a superfície da existência material, seja no caso do controlador barqueiro ou dos navegantes desatentos, o futuro é incerto e o fim pode vir a presentear. Entretanto, é aconselhável utilizar

⁷³¹ FOUCAULT, 1964-1969 *apud* ZIELINSKI, Siegfried. [... **After the Media**] **News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013, p. 63.

⁷³² LEMEBEL, Pedro. **Manifiesto (Hablo por mi diferencia)**. 1986. Disponível em: <http://lemebel.blogspot.com.br/2005/11/manifiesto-hablo-por-mi-diferencia.html>. Acesso em: 30 set. 2017.

⁷³³ CAZUZA; FREJAT, Roberto. Pro dia nascer feliz. In: **álbum Barão Vermelho 2**. Rio de Janeiro: Som livre, 1983. Música (4 min e 27 seg).

boas ferramentas, sejam quais forem. De fato, usa-se o acessível. Antes das próteses técnicas, o corpo é a tecnologia que temos disponível; enquanto houver vida, o corpo é a nau do ego-piloto. Aproveito as ferramentas para navegar na superfície do mar de *Maya*: por meio desta embarcação, adquire-se o poder de sentir e interagir com o mundo exterior material e simbólico.

No mar de *Maya*, os polos industrializados são espaços com alta densidade demográfica e com intenso impacto das atividades humanas no meio natural. Após milênios de colonização, o projeto de civilização sedentária resultou em ilhas de gigantescas arquiteturas fortificadas com multidões de humanos executando atividades, em maioria, desnecessárias, em prol de um projeto de governo centralizado capitalista-estatal. Nestes espaços de concentração humana, o ciclo de consumo d'água é um fato a ser destacado, já que devo decidir entre seguir contra a correnteza hegemônica ou me deixar levar às algemas e outras armadilhas que capturam os humanos e os aprisionam em grandes baías de águas serenas com belas paisagens naturais, onde milhões de prisioneiros habitam celas domiciliares, por sorte ou acaso, de luxo ou lixo. Do luxo ao lixo, observa-se uma inversão de sentido. O que é limpo e o que é sujo? Tais sedutoras ilhas urbanas são esgotos milenares a céu aberto dos resíduos anais dos humanos aglomerados nas celas-apartamento dos presídios-baía. A falta de cuidado com o ciclo de consumo da água gerou resultados grotescos para alguns, lucrativos para outros. Os presídios-baía do oceano de *Maya* são de fato grandes latrinas, com dejetos mais perigosos que as fezes humanas isoladas. Contudo, a aparência de felicidade, conforto e higiene é verossímil, bem como a de praticidade e fácil acesso em troca da produtividade. Se boiar na correnteza hegemônica, volto aos porões das fortalezas dos esgotos voluntariamente. Se nado contra a corrente, permaneço aqui, onde estou agora, naufrago ou sigo em frente. Vê como se trata de resistência/ re-existência? Quais os limites do ser humano? Quais são os meus limites? Sigo. Se preciso permanecer, ancoo para esperar o maremoto passar. Quiçá, fincar raízes profundas em alto mar funcione, como no barco da ilha perdida de Saramago. Seguir é possível. Às vezes, há de esperar, mas sempre para avançar. Assim, aprendi a agradecer a experiência da tormenta que virou o barco na escuridão da noite sem luar. Quando a luz da alvorada alumia a bonança do raiar do novo dia, voltar atrás se torna mais distante. O horizonte que muda a todo instante ressoa a dissonante sinfonia cósmica. O que vejo como sol, o astro ao qual meus olhos da face não suportam encarar, paradoxalmente, ao nascer e ao se pôr, oferece grandes doses de energia por meio dos olhos abertos ou fechados mirando diretamente os raios luminosos. A luz do sol que atinge os meus olhos foi emitida pela fonte oito minutos antes de chegar no planeta Terra,

onde estou agora. As ondas eletromagnéticas viajam 150 milhões de quilômetros na velocidade da luz no quase vácuo interplanetário (aproximadamente 300.000 km/s), refratam na atmosfera do planeta, até chocarem com o cristalino que cobre a minha íris, que realiza uma projeção de luz invertida na parede da retina côncava e avermelhada de sangue. Através de receptores cromo-fotossensíveis, nomeados pelos cientistas de cones e bastonetes, um reduzido espectro de ondas eletromagnéticas é decifrado por humanos como variação de cores, modificadas de acordo com o comprimento e velocidade de propagação da onda no espaço. Por este motivo, na escuridão, a cor não se forma. A retina envia sinais neuroquímicos através de um ponto cego na imagem: o nervo óptico transfere os dados desde os globos oculares aos hemisférios opostos do sistema visual do cérebro, onde a imagem é formada, ensinada, significada, após diversos processos de transformação da informação, que, ao fim, alcançam a sensação ilusória de enxergar uma realidade quadridimensional, sequenciada num movimento cronológico ininterrupto. A imaginação é a tecnologia do corpomídia que edita os dados luminosos captados pelos olhos faciais. Cores, planos, profundidade de campo, movimento, formas e significados, são projeções da imaginação humana motivadas por ondas eletromagnéticas em trânsito, percebidas e interpretadas pelos sentidos fisiológicos, munidos da cognição racional. Vejo imagens imaginadas; são paródias grotescas do que olho, mas sinto catarse estética ao ver o sol se pôr agora. A imagem não é real e só eu a verei assim. Mesmo acompanhado por uma multidão, nenhuma experiência subjetiva irá visualizar como eu interpretei essa memória do sol, motivada por ondas eletromagnéticas em trânsito que colapsaram ao serem observadas por meus olhos e imaginação. De fato, é alucinante ter olhos.

Contemplativo, perdi-me. O céu escurece e brilha o mapa das estrelas que a luz do sol ofusca. Em fuga, é bom aprender a se georeferenciar em alto mar. Onde são os pontos cardinais? Quais constelações me guiam? Finalmente, entendo o Sul do Cruzeiro do Sul. É impressionante como a luz elétrica urbana nos afasta da mirada do céu. Em alto mar, a chuva de estrelas reflete pontos cintilantes no espelho de águas mansas. O navegante mergulha num mar estrelado. Quanta sabedoria e quanta informação acumulada me enviam as estrelas, mas quão pouco sei as decifrar. Lembro do surpreendente escaravelho, que rola esferas de esterco para desovar e é capaz de se localizar através da visualização da luz dos astros. O mapeamento cósmico é uma aprendizagem genética da sua espécie, quiçá seja, potencialmente, presente no humano.

Em diversos aspectos, o aparelho ocular humano é menos apurado que o de outros animais: muitos possuem capacidades sensoriais similares ou mais refinadas que os órgãos do

sentido humano, como a profundidade de campo e ângulo de visão ampliados pelos olhos dos pássaros; os gatos capazes de ver no escuro; as cores que só as borboletas podem ver ou a visão dos camarões *mantis* (*Gonodactylus smithii*), que enxergam um maior espectro de ondas eletromagnéticas, como as ultravioletas e infravermelhas, além de uma quantidade maior de cores devido à variação de receptores cromo-fotossensíveis. Os cachorros possuem dois tipos, os humanos três, as borboletas e o camarão *mantis* doze⁷³⁴. Enquanto os humanos possuem um sofisticado sistema monofocal binocular, o *mantis* apresenta três pontos focais em cada olho. Camarão-boxeador é o apelido deste colorido animal marinho, que realiza um dos movimentos mais rápidos da natureza: socos fatais com patas, que aparentam vestir a luva de boxe.

Os golfinhos e morcegos possuem a visão sonar, capaz de detectar formas e materiais a longas distâncias através da emissão e reflexão de ondas com frequências sonoras inaudíveis para humanos. A audição e o olfato dos cachorros e ratos mostram a insensibilidade dos órgãos do sentido humano, que, contudo, considera-se o animal mais aprimorado devido à razão de ser. Incrível ser o olho da lula o mais parecido com o dos humanos entre todas as espécies de animais conhecidos. Como, em ambientes tão distintos (terra e água salgada), em filos distantes (mamíferos e moluscos), com aparências, textura, digestão, reprodução, tudo tão diferente, contudo, com uma tecnologia ocular com fisiologia extremamente similar; como a natureza foi capaz de aplicar o mesmo potencial mórficos em reinos animais com características tão dissemelhante, sem qualquer sinal de descendência modificada? Como Darwin e a teoria sobre a evolução das espécies responde este enigma?

A física quântica denominou de campo mórfico a memória anterior à matéria. Através de experimentos, erros, acertos, desvios e mutações, a vida aprimorou os corpos para melhor adaptar ao ambiente. Como uma artista-alquimista, a natureza testa combinações de probabilidades, a partir do repertório de experimentos bem-sucedidos no universo físico. Por isso, uma molécula decomposta tende a se organizar “automaticamente” de forma similar à sua combinação estrutural anterior.

A onírica hipótese de ser um humanoide hibridizado com outros animais revela o ímpeto de aumentar a força e a velocidade do meu corpo, mas, sobretudo, extrai o desejo de ver com outros olhos. Sentir a visão sonar dos golfinhos e morcegos, ou do camarão que enxerga um maior espectro de ondas eletromagnéticas, ou ampliar o ângulo e a profundidade de campo como as aves. Talvez ter oito olhos como as aranhas, ou mesmo a visão dos primeiros

⁷³⁴ MARSHALL, Justin; ARIKAWA, Kentaro. Unconventional colour vision. In: **Current Biology**, vol. 24, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960982214013013>. Acesso em: 14 set. 2017.

seres que experimentaram abrir uma fenda no corpo para sentir a luz. O importante é desnaturalizar a visão humana como referência do real, pois se trata de delírios ilusórios imaginados. Daí, a subjetividade da percepção e a construção do ego individualizado. Quando mudamos a perspectiva de análise e buscamos a composição dos corpos além da capacidade ocular humana, percebemos um ecossistema de vermes, ácaros e bactérias sobre nossas peles, nos rostos, bocas, olhos, mas não podemos enxergar tais detalhes a olho nu. Apenas através de outras mídias visuais que ampliam os limites da fisiologia humana. Mais adiante, visualizamos células, compostas por moléculas que são formadas por ligações entre átomos. Os átomos são formados por um núcleo composto de carga positiva (prótons) e neutra (nêutrons), ao redor orbitam partículas de carga negativa (elétrons). Esta é a fábula científica que nos contam. Por um longo período, átomos e suas partes foram a menor unidade quantificável de matéria. Neste ponto, já se observa que os corpos humanos são compostos de espaços vazios com pacotes de cargas elétricas. Ou seja, energia e vazio são a matéria-prima dos corpos materiais. Nos espaços vazios, descobriram que a quantidade de vazio do tamanho de uma bola de gude possui mais energia que toda a energia que compõe o universo material. Tão densa e resistente é a matéria neste espaço tridimensional ilusório. Como posso ver forma, preenchimento, dureza em meio a faíscas de luz vagando no espaço vazio? Como posso me enxergar como corpo individualizado, como eu próprio, se estou conectado numa rede imanente de fluxos de informação; se, enquanto conjuntos de átomos, somos todos e tudo um só corpo? Matéria são pacotes de energia em agrupamento orbital, energia são ondas eletromagnéticas imateriais. A matéria é, portanto, uma ilusão real, pois sua matéria-prima são pacotes imateriais de energia quantificável; interações de luz no vácuo, que não é vazio, pois é repleto de energia. Tem sentido seguir com a separação epistemológica entre matéria e o imaterial? A vela apagou em meio ao pensamento. Melhor divagar a seguir perdido na solidão do mar de *Maya*.

Sim, somos os blocos do muro das ilusões reais e as gotas do oceano de *Maya*; somos o muro e a superfície espelhada d'água, bem como as profundezas, mas nos sentimos partes individualizadas pela subjetividade das percepções. Tomados por enxurradas de informações em torno de nós, abandonamos a percepção da trama interconectada. Assim, por exemplo, os prisioneiros se vitimizam pelo impacto que o entorno causa em sua percepção subjetiva. Sem se perceber parte do todo, a tecnologia do espelho se quebra: o que há ao redor é reflexo do ser senciente que percebe as informações eletromagnéticas e as interpreta a partir do repertório simbólico construído através das experiências subjetivas e coletivas, vivenciadas pelo avatar - arquétipo fisiológico. Tamanha potência de materializar o entorno por meio da subjetividade

individual e coletiva, que os cientistas quânticos assumiram a interferência do observador no comportamento da matéria, após o experimento da dupla fenda. O fato de mediar (através da consciência humana) um acontecimento colapsa o comportamento de onda e transforma em partícula, mesmo que seja necessário voltar no tempo para aparentar que a matéria observada sempre se comportou como partícula. Isto significa que, ao observar um acontecimento, a quantidade de projeções é reduzida, ou seja, potenciais probabilidades de materialização seguem reservadas para construir a realidade material com maior probabilidade de existir para a perspectiva do observador; de fato, materializamos a probabilidade na qual temos verdadeira fé. O conjunto de crenças dos corposmídias é a tecnologia que materializa as realidades subjetivas/coletivas percebidas. Para materializar, há de crer no acontecimento. Tratam-se de milagres e física quântica.

Caso não houvesse o jogo da refutabilidade científica, em contraposição à doutrinação religiosa, as ciências e as religiões seriam praticamente sinônimas, uma vez que se baseiam na fé de padrões universais e estáveis, reduzidos a um espectro de luzes do saber, que ofuscam violentamente as demais emissões do conhecimento sobre a vida. A crença na ciência clássica constrói a realidade objetiva que vivo. Na escola, não me contaram as descobertas e experimentos quânticos, mesmo que utilizem métodos científicos e tenham sido realizados há mais de um século. Tampouco, os ensinamentos milenares sobre a natureza cósmica. Apenas a visão colonizatória da cultura judaico-cristã, munida do Estado bélico e do capital financeiro industrial, foi ensinada pelos facilitadores da minha aprendizagem na infância. O mundo da matéria nos suga como única realidade possível a ser trabalhada diante do conjunto de crenças convencionalizado pela neocolonização do início do século XXI, que nada apresenta de novo.

Eis que a ciência escapa das leis de Newton sobre o mundo físico e nos impulsiona de volta para os caminhos da sabedoria mágica milenar. A alquimia da matéria é possível de ser realizada de forma controlada pelo observador, como nos relatos de Blavatsky? Quantos meios existem para provar um mesmo dado? Quando se trata de fatos experimentados por corposmídias, há controvérsias. Mesmo a pretensão científica de desenvolver padrões universais e estáveis, quantificáveis, com a intenção de descartar a subjetividade dos experimentos, vive a mudar de conclusão. Entretanto, sobre as experiências ocorridas em meu corpo, há controvérsias? Sei o que realizei, mas estou sedado pelo muro das ilusões reais. Por mais que minhas crenças limitantes reduzam meu potencial de alquimia da matéria, posso narrar experiências subjetivas que fogem da realidade física naturalizada pelas mídias e

Newton. Os meus sentidos e sentimentos são delírios objetivos, assim como toda ilusão racional e materialista.

Na celeuma da vozearia dos marinheiros do mar de *Maya*, sou uma voz, amplamente limitada ao meu olhar. Tenho experiências subjetivas, específicas, localizadas no espaço-tempo. Por que são importantes?

[...] já se disse que a arte de viver consiste em saber onde parar e ir um pouco mais longe.

Arthur C. Clarke (1958/1977, p. 15, tradução nossa)

1.8 FUGA PARA O INTERIOR

Nota: As verdades documentadas neste diário, são meras ficções fantasiosas sobre uma realidade ilusória, composta pela imaginativa percepção subjetiva do autor, que busca decifrar as experiências vividas.

A trilha para o prisioneiro atento.

Ponto 0: Buscar informações literárias sobre a fenomenologia da percepção: o que é a realidade? Qual a origem das coisas?

Passo 1: Sair do mundo verbal, estar atento às outras mensagens cognitivas e sensitivas.

Passo 2: Atenção aos fenômenos do aqui e agora, sem deixar a mente capturar a atenção para a saudade ou ansiedade, para a aversão, culpa ou avidez.

Passo 3: Experiências de jejum de palavras, comida, sexo, pessoas, mídias, como meios de escuta e observação do próprio corpo.

Passo 4: Fuga da visão ocular: fechar os olhos e concentrar a atenção nas sensações do corpo (*vipassana*).

Passo 5: Caminhar em direção aos novos começos.

...

Mesmo diante das homéricas implosões dos muros das ilusões reais, o presídio permanece presente. As destruições semânticas, realmente, ampliam a visão dos campos. De fato, o mundo se expande, parece maior, mais complexo, repleto de abrigos ancestrais e pontos de ruptura. As sensações e os demais aspectos da percepção avolumam durante os processos de desconstrução da programação colonizatória, que, contudo, continua a atuar.

Talvez, seja possível desinstalar o programa colonizatório e nada alocar no lugar. Desconheço os efeitos de tal feito, pois, em geral, quando destruímos uma programação, o corpo suplementa a falta com uma nova versão, que ergue um novo muro na paisagem do presídio, ao

instaurar a nova visão de mundo por meio de relevantes processos viscerais e neuropsicológicos. Assim, após diversas implosões, sigo sem conseguir escapar deste sistema carcerário. A cada novo muro confrontado, novas interrogações emergem, afinal, o que está por trás? Aqui, esgotar as perguntas significa estar perdido, sem saber em que rumo seguir, aprisionado dentro dos mesmos cercados, sem perceber onde se encontram os limites e as fronteiras a atravessar. Não julgo os prisioneiros que fadigam e esperam o tempo transcorrer recostados sobre o mesmo amparo, mas busco fugir desta sensual forma de vida, para seguir o caminho das desconstruções dos muros das ilusões reais. Em atenta investigação para encontrar métodos de fuga, a cada muralha entreposta entre a prisão e a liberdade, disfarço meu comportamento moral dentro do cárcere, onde vivo como um invisível e silencioso detetive, que atua em seu próprio caso de suspeita sobre um crime.

O há por trás de cada novo muro é apenas uma ficção científica, que elaboro por meio dos pensamentos, pois se trata de profetizar uma futura realidade. Então, é preciso observar o passado como um conjunto de possibilidades de futuros para realizar o exercício profético, no qual o prisioneiro-observador, com base nos dados históricos colhidos, utiliza a biotecnologia da imaginação para vislumbrar a provável futura realidade. Dentro deste conjunto de probabilidades, cabe estender ao máximo as possibilidades de futuros concebíveis a partir do conhecimento atual. De todo modo, o devir escapa à imaginação, sempre surpreende ao revelar o imprevisível, pois mesmo que seus rastros rasurem o presente, há o que não é imaginável e está por vir. Imaginar o devir é um raro fenômeno entre os prisioneiros.

O escritor do livro de ficção científica “2001: uma odisseia no espaço”¹, que inspirou Kubrick² a realizar uma adaptação cinematográfica, compreende que “o grande problema, ao que parece, é encontrar uma única pessoa que combine conhecimento científico sólido - ou pelo menos o gosto pela ciência com uma imaginação realmente flexível.”³ Apesar de considerar grande parte dos cientistas pouco proféticos, devido à pobreza de imaginação, Clarke considera a ficção científica como um meio para avaliar as possibilidades de futuro realisticamente, como um exercício imaginário para projetar uma visão antecipada sobre como o mundo será. Neste sentido, considera que ao lado das “falhas imaginárias”, que o escritor de ficção científica possa vir a profetizar, ocorrem as “falhas do nervo”, relacionadas à quando, “mesmo dados todos os

¹ CLARKE, Arthur C. **2001: uma odisseia no espaço** - 1968. Aleph, 2015.

² 2001: uma odisseia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, Stanley Kubrick Productions, 1968. Filme película (164 min), son., color.

³ CLARKE, Arthur C. **Profiles of the future, an inquiry into the limits of the possible** - 1958. Toronto: Popular Library, 1977, p 12, tradução nossa.

fatos relevantes, o pretense profeta não consegue ver que eles apontam para uma conclusão inevitável.”⁴

Para fazer isso - para evitar aquela falha de nervos pela qual a história impõe uma penalidade tão implacável - devemos ter a coragem de seguir todas as extrapolações técnicas até sua conclusão lógica. No entanto, mesmo isso não é suficiente, como demonstrarei agora. Para prever o futuro, precisamos de lógica; mas também precisamos de fé e imaginação, que às vezes podem desafiar a própria lógica.⁵

As projeções imaginárias sobre os futuros mundos possíveis fora do cárcere colonizatório são tão raras entre os prisioneiros, quanto as profecias científicas sobre o futuro das tecnologias. Portanto, em tais realísticas projeções imaginárias que visam antecipar os futuros prováveis, cabe abarcar, além dos aspectos científicos e tecnológicos, os fenômenos sociais, culturais, econômicos, entre outros. Nesta perspectiva, as profecias assumem o erro, o entrópico, o imprevisível e inimaginável, como parte do sistema rizomático de composição do devir.

...

Ao observar a necessidade de caminhar da teoria para a prática, como meio de escapar do sistema colonizatório, decido confessar os meus planos para outros prisioneiros, a fim de encontrar comparsas para arquitetar e executar algum plano de fuga. Mas a quem confiar tais secretos pensamentos?

Logo, pensei numa irmã prisioneira consanguínea. Após compartilhar meus pensamentos com ela, não me surpreendi ao ouvir diversos planos de fuga que ela e sua esposa formularam para escapar do presídio. Através da coragem de sair do armário, percebi que, às vezes, a dissidência silenciosa mora ao lado, dentro das famílias. É um alento encontrar prisioneiras que estão sintonizadas com a investigação dos métodos de fuga. Um respiro aliviado antes de uma sequência de diálogos sobre o planejamento. Por meses, examinamos a arquitetura do presídio, os pontos de ruptura, os métodos a seguir, todo o conhecimento que encontramos para suavizar a navegação no mar de *Maya* durante a fuga, contudo, esta promete ser uma viagem turbulenta. Prever o futuro com exatidão, é pouco provável, por isso, estudamos o plano ao máximo, mas estamos à mercê da sorte, da impermanência e do imprevisível. A

⁴ *Ibid.*, p. 19, tradução nossa.

⁵ *Ibid.*, p. 29, tradução nossa.

confiança no plano, entretanto, reduz a sensação de descontrole sobre a realidade que está por vir.

Após diversos encontros, debates, discordâncias e acordos, traçamos um plano a ser apresentado para outros dissidentes interessados em um meio de fugir do sistema. A reunião é anunciada para um grupo de prisioneiros selecionados pelo histórico de dissidências. A maioria dos convidados recusa a proposta de fuga. Alguns poucos, porém, concordam e até convidam suas próprias indicações para o bando.

A maior parte do grupo é formada por dissidentes de baixa transgressão moral: mulheres cis e bichas que raras vezes tocaram num facão, ou numa enxada, ou no leme de um navio. Contudo, a disposição da fuga desvela a força dos pequenos titãs, que demonstram a imensa potência dos menores corpos do bando. Um fenômeno revelador, que não minimiza a relevância da aquisição de um dissidente homem cis, grande, másculo, bruto e hetero, com aparência semelhante a um *viking* em versão nordestina. Este gigante desconhecido soube da existência desta reunião por meio de uma das prisioneiras convidadas, que, apesar de compreender a condição de cárcere em que se encontra, recusou participar do plano de fuga. Sugeriu, porém, a participação deste *viking* nordestino, pois conhece sua busca dissidente para escapar do presídio.

Após realizarmos uma sequência de encontros para alinhar o plano, alguns prisioneiros desistem e novos membros são alocados. Meu companheiro amoroso não foi um dos que permaneceram, mas o motivo não são as possíveis falhas ou fraquezas do plano: iniciamos o projeto de fuga juntos, mas a relação chegou ao fim e ele decidiu ficar. A comoção de separar de um parceiro romântico, após o luto, tornou-se combustível para continuar esta jornada com maior ímpeto. Durante este trânsito impermanente de seletos prisioneiros dissidentes que desejam participar do plano de fuga junto ao bando, um considerável grupo de participantes se torna constante. Neste momento, percebemos que é hora de partir.

Traçamos um caminho no mapa: desceríamos para o Sul do presídio, atravessamos uma baía e seguimos o caminho por uma longa estrada até chegar a um abrigo em Taperoá. Primeiro, tentamos arquitetar a fuga para um local definitivo ao lado de uma cachoeira, mas não conseguimos estabelecer um acordo com os donos do feudo. Desfeita a negociação, descobrimos que, próximo a este local, há um grande lixão, que resulta em moscas, ratos, urubus e outras formas de vida que se alimentam dos resíduos em putrefação, acumulados num único espaço, sem qualquer filtragem ou tratamento. Esta condição sanitária ocasiona diversas doenças e poderia ser o motivo de fadar o plano ao fracasso. Assim, aprendemos que é imprudente partir para se abrigar em qualquer terreno, pois uma má escolha sobre o local a

habitar, pode ser a armadilha para nos sucumbir. Por sorte, o bando se livrou deste trágico fim e concordou em seguir para um abrigo temporário, mais próximo do raio geográfico em que buscaríamos o local adequado para construir o refúgio permanente. Entretanto, através dos diálogos para negociar a terra da cachoeira em Taperoá, conhecemos um parceiro interessado em integrar o bando: um belo e forte homem cis moreno, que ali vivia ao lado de dois cachorros. Este rapaz é o único humano a morar neste feudo, onde recebe raras visitas. Ao lado da brutalidade manual, suas mãos habilidosas são capazes de construir lindos artesanatos. Ainda estaremos próximos, pois o refúgio temporário é a poucos quilômetros desta cachoeira em Taperoá.

Conseguimos encontrar uma grande casa abandonada, que teremos que compartilhar, até os próximos passos da viagem, até chegar ao local onde construiremos uma comunidade para abrigar dissidentes que almejam escapar do sistema carcerário. Dado o primeiro ponto de chegada, aos poucos, cada núcleo familiar do bando embarca com seus pertences, filhos e animais de estimação. Cada barco familiar parte no seu próprio momento e ritmo de navegação. Primeiro, minha irmã, sua esposa e os dois cachorros se alçam ao mar, logo, o *viking* nordestino e sua esposa seguem a remada. Dias depois, outro casal de mulheres cis iniciam a jornada rumo ao abrigo coletivo em Taperoá. Ainda que saibamos em que direção navegar para encontrar tal refúgio prometido, não sabemos o destino final. Decidimos navegar em direção ao Sul, onde encontramos este abrigo temporário. De lá, partiremos para outros campos de transição ou para as terras definitivas.

Sentado sobre a areia das margens, observo o mar de *Maya* enquanto me preparo para adentrar. Tardo, titubeio, debato-me reticente... Ao lado do desejo de escapar, experimento o medo de naufragar. Reflito por um longo período em que questiono a sensatez do ato que estou prestes a cometer. Num sobressalto instintivo, sinto-me convocado a responder a um chamado emitido atrás do horizonte. Cato os poucos pertences que havia selecionado cuidadosamente e me alço ao mar de *Maya*, em busca de um refúgio para seres dissidentes, como um gado que, ao fugir para o mato e se tornar bravo, destaca-se do rebanho destinado ao abatedouro.

[...] declarou que gostava da maconha e que seu consumo não lhe fazia mal, nem lhe levava a fazer o mal: [...] o uso da maconha o auxiliava sensivelmente na introspecção mística.

Delegado Elói Gonçalves de Azevedo, ao relatar o depoimento de Gilberto Gil no julgamento por porte ilegal de maconha (1976)

Para a jornada no mar de *Maya*, além da trouxa de panos, alguns livros, alimentos e água, embarco um grande carregamento de maconha, para ter acesso abundante durante os longos dias de navegação. Contudo, diante da habitualidade cotidiana, é preciso racionar a ingestão, pois a duração da odisseia é imprevisível. Por enquanto, a maconha será a minha única companheira de viagem, que ocupará os vazios da solidão de estar em fuga. Nem mesmo as mídias eletrônicas, o álcool ou o tabaco, carrego comigo.

Em mim, a maconha se revela como uma porção da magia natural com potencial mentalizador e sensibilizador. Sou um confesso amante dos seus encantos. Porém, para o projeto do império colonizatório, este consumo social é negativo. Paradoxalmente, os efeitos da maconha são positivos para o poder carcerário, pois, em muitos casos, amansa o usuário, através do fortalecimento da paciência, da paz, do amor e da ludicidade do olhar do servo docilizado, quando chapado. A questão perigosa para o poder imperial é que a calma faz a pessoa refletir sobre si e, nesta condição psicológica, é provável que o prisioneiro perceba que está encarcerado.

Este paradoxo sobre os efeitos da maconha é cultivado pelo império como estratégia para perseguir os dissidentes classificados em estratos humanos a serem tratados com desumanidade pelo punho imperial. Os critérios de cor de pele e classe social são os adotados pela vigília, para a interferir na decisão individual dos prisioneiros sobre as substâncias que deseja ingerir. Objetivamente coordenados mediante aparência física e localização social no presídio, os prisioneiros abastados convivem com o privilégio da impunidade diante de qualquer crime, enquanto os pretos pobres das periferias pagam por delitos, que deveriam ser legalizados, como em diversos outros pontos do presídio, onde habitam prisioneiros ainda mais privilegiados do que os das bolhas dos brancos das colônias onde nasci, que podem fumar maconha sem serem perseguidos pelo império.

Deste modo, a maconha é vista de diferentes formas nos diversos locais do presídio. Nem sempre ser maconheiro é ser ilegal: existem variados cultos espirituais, que assimilam a maconha com o divino, sem citar os benefícios medicinais comprovados e os que ainda estão a serem atestados. Tanto a magia ancestral, quanto a ciência moderna observam a maconha como uma poderosa substância medicinal e recreativa. Contudo, a demonização do consumo é um monstro que afeta os usuários, impondo o selo da ilegalidade. Ainda que o prisioneiro ocupe a casta dos privilegiados, habitar lares em que a maconha é proibida, resulta na função de se esconder para realizar o ato sensual de tragar a fumaça. Sou um confesso desejante da cannabis. Quanto mais estudo, mais compreendo os benefícios de sua existência.

Como medicina física e espiritual, a maconha é consagrada em diversas culturas originárias das Américas, dos povos africanos, asiáticos e aborígenes. Portanto, existe um ponto d'histórico determinado que inicia a perseguição ideológica à maconha, com o objetivo de destruir um comércio oficial de cannabis e lançar o consumo da “erva maldita” na clandestinidade. Contudo, por mais que se desconheça a forma original do produto, após o processamento da substância, a parte da maconha ingerida são as flores embotadas, ou as sementes, que são alimentos hiper nutritivos, que contêm mais proteína que o grão de bico, ervilha, feijão e outros grãos proteicos, sem causar efeitos psicoativos, como no caso das flores. Outra espécie de cannabis, a *ruderalis*, também não causa efeitos psicoativos, mas a fibra possui grande eficiência para a produção de diversos produtos têxteis, plásticos, ou de celulose, além de ser melhor para o meio ambiente. A durabilidade da fibra de cânhamo e resistência à água são superiores ao do algodão, por este motivo, para invadir as Américas, os europeus usaram a fibra da maconha como material para tecer as velas das naus. Como embalagem plástica, é ecológica e econômica, pois é biodegradável. Em relação ao papel, enquanto as plantações de eucalipto empobrecem os solos, a cannabis limpa, nutre e restaura solos degradados: é capaz de remover do solo metais pesados tóxicos. Por este motivo, o cultivo da maconha tem sido utilizado para descontaminar áreas próximas à usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, desativada em dezembro de 2000, apesar da explosão do reator ter ocorrido 14 anos antes, em abril de 1986.⁶

D' historicamente, portanto, além dos efeitos sensoriais e psicoativos, a maconha possui diversos usos sociais, que competem com as indústrias atualmente dominantes, como a farmacêutica, alimentar, petroleira e têxtil. A maconha serve a estas funções, bem como a muitas outras, com destaque para as velas das fétidas naus imperiais europeias, quando chegaram às Américas para nos colonizar de forma bárbara e covarde, com seu forte odor putrefato, junto com as doenças cultivadas pela falta de higiene dos piratas invasores.

Diante de tantas evidências científicas e mágicas, coletadas nas diversas sociedades e culturas, dos distintos territórios e tempos transcorridos no presídio, é suspeita a implantação de uma política nos EUA para perseguir os imigrantes mexicanos, que fumassem maconha em território estadunidense, quando, por cultura ancestral, eram maconheiros. O resultado desta política se estendeu às demais colônias, que implantaram um regime estratégico para a produção, distribuição e consumo de drogas: dita-se as espécies de substâncias que serão

⁶ AHMAD, Rafiq *et. al.* Phytoremediation potential of hemp (*Cannabis sativa* L.): Identification and characterization of heavy metals responsive genes. In: **CLEAN - Soil Air Water**. Weinheim: 2015.

permitidas de forma lícita; no caso das ilícitas, algumas são toleradas em determinados locais do presídio, num acordo tácito entre os traficantes e a vigília imperial, que se hibridizam.

Assim, a ilegalidade de uma flor é um instrumento arquitetado pelo biopoder, que oferece a clandestinidade ao maconheiro dissidente, ou um cardápio de psicoativos tóxicos industrializados. Para o império, é apropriado cultivar nos prisioneiros o estado bélico, mediado por drogas projetadas para instalar programações de violência, escassez, ódio e guerra, ao invés da paz e do amor, que a maconha dispões como efeito na maioria dos seus usuários.

...

Por dias, a navegação nos agitados oceanos permanece solitária. Felizmente, estou munido de maconha, um fator que suaviza a jornada. Mergulho no silêncio de uma mente berrante, observo deslumbrado as paisagens avistadas afora dos muros do presídio das ilusões reais: aqui os fenômenos cósmicos que notamos em cárcere, como o sol, a lua e algumas estrelas agigantam sua expressão, mas, além dos elementos da cartografia celestial re-conhecida, a odisseia errante no mar de *Maya* desvela a ocorrência de diversos fenômenos cósmicos que passam despercebidos dentro do presídio. No céu, tudo parece ser maior, com mais elementos, cores, texturas e mistérios.

Durante a escuridão do mar noturno sem luar, nasce em mim uma nova perspectiva sobre os ciclos da natureza. Os sinais que os astros cintilam na imensidão do espaço-tempo em que navego, revelam um mapa dinâmico que ajuda a me localizar e direcionar a navegação para a rota de fuga. Agora, só me resta seguir o plano, caso contrário, não saberia para onde rumar. Nesta hipótese, qualquer caminho me parece favorável. Posso seguir o fluxo dos ventos e das correntes do mar para reduzir o esforço da navegação, porém, quanto tempo serei capaz de sobreviver vagando nesta nau errante? Além disso, permanecer desatento aos caminhos pode me levar de volta às grades da prisão. Aparentemente, sinto saber *o que é isso* que vivo no aqui e agora, mas não alcanço a resposta sobre *o que fazer*. Por enquanto, contento-me em fugir do presídio e sobreviver; estes são os desejos que me motivam e me orientam ao movimento de ir além: sigo ao Sul!

A odisseia no mar de *Maya* para fugir do presídio das ilusões reais é uma montanha russa de sentimentos e emoções, na qual as fases de euforia e alegria, que fazem o marinheiro cantarolar e dançar na solidão dos oceanos, alternam com o medo e a tristeza devido às incertezas nas quais se lança. Contudo, amedrontar-se perante os diversos perigos e possibilidades de naufrágio, ou se entristecer com a condição de isolamento, pode fadar a

missão ao fracasso. Uma vez fora do presídio, desejar voltar para a cela soa como insanidade, mas, por vezes, sinto em meu corpo o ardor de fagulhas que suplicam o retorno ao sistema. Em fuga no espaço-tempo do Império de *Chronos*, é preciso permanecer atento aos passos da vigília, que continua a caça aos dissidentes nas águas de *Maya*. Assim, quanto mais distante estiver das beiras e costas continentais, menores as chances de ser capturado.

...

No crepúsculo do entardecer, a frente da nau em que navego é banhada por luzes douradas e rosadas, emitidas pelos raios do sol poente; já no fundo da nau, a lua nasce dourada e aos poucos passa a se tornar uma intensa iluminação prateada e azul. Neste momento, a calmaria das águas do mar espelha a orquestra das cores celestiais. A catarse promovida ao observar um evento da natureza de tamanho esplendor, presenteia o observador com a sensação de plenitude e conexão com todo o universo. Embriagado por uma neuroquímica prazerosa, o bem-estar sentido ao desfrutar de uma experiência estética magnânima, acolhe a fé de estar no caminho certo, mesmo sem ser capaz de precisar os destinos da viagem.

Aos poucos, a lua figura como a única grande fonte de luz no mar, ao lado do pontilhado de estrelas que raia no céu, apesar da forte luminosidade noturna. Em fuga, a escuridão se torna a melhor amiga do foragido, pois o véu da noite sem luar é como um manto acolhedor, que oculta os navegantes dissidentes. O breu das noites afugenta a vigília, mas em noites de lua cheia, quando o céu lhe oferece um grande farol, as águas são patrulhadas por rondas episódicas. Nestas noites, a atenção do piloto deve ser redobrada, pois não há o que fazer caso os vigilantes apareçam. Usar a força para resistir é inútil diante da violência empregada. Assim, resta-me apenas seguir a navegar com a crença de que não serei descoberto.

Por um longo período, o plano funciona bem. Passo a crer que a vigília esqueceu a minha existência, declarou meu óbito e seguiu o sistema, como se eu jamais tivesse existido, sem alterar em nada o funcionamento da estrutura. O vislumbre de ser um cadáver, no lugar de um foragido, permite vagar em paz sobre as águas de *Maya*. Afinal, entre tantos prisioneiros, por que a vigília desejaria capturar um dissidente qualquer, que se alçou aos riscos do mar de *Maya*? Caso a minha ausência seja notada, sequer devem considerar minha sobrevivência em meio aos enfrentamentos do mundo após os muros do presídio. Muitos argumentos se formam para que o prisioneiro desconsidere a caça aos dissidentes navegantes foragidos e, assim, os dias seguem com os sentimentos persecutórios amenizados, mas sempre presentes, mesmo quando adormecidos.

Excluído o direito de aportar, como na nau dos loucos, sou transformado em perpétuo prisioneiro da passagem, numa geografia semi-real, semiimaginária, em que permaneço como navegante até o naufrágio sepulcral. O mar é o próprio refúgio e lar dos dissidentes expurgados. Nele, posso ser capturado, mas seria novamente nele lançado. A diferença é que a nau dos loucos é uma tecnologia imperial que transporta multidões de corpos. Já a embarcação em que navego desde a fuga, cabe apenas o que meu corpo-nau carrega.

...

Em meio às brumas de uma noite sem luar, a solidão aparenta ser impenetrável. Neste momento, os esconderijos que a escuridão oferece me fazem sentir, como nunca antes senti, a ausência do medo de ser capturado. Repouso os remos para contemplar os sentimentos que uma fuga solitária acomete. Uma fagulha de luz, dispersa entre a nevoa de gotículas d'água suspensas no ar, rouba minha atenção. A luz acende e apaga. A escuridão se reestabelece. Mais uma vez, a luz acende. Do outro lado, outra luz acende. Em pouco tempo, percebo que várias fontes emissoras circundam minha nau; logo, penso ser a vigília. As luzes soam como um intenso holofote direcionado aos meus olhos, que cega a visão. Com a aproximação das luzes, a intensidade da radiação aumenta, porém, difusas na névoa, ocultam o que há por trás. O medo toma conta do meu corpo, ao lado da razão que busca aceitar qualquer que seja o devir daquele fenômeno. É interessante observar como o corpo se comporta nestas situações extremas de conflito entre o medo e a fé de que tudo vai ficar bem. Enquanto aguardo a chegada do que está por vir, disparo todos os encantamentos mágicos que consigo lembrar, com o intuito de materializar uma solução para o problema, que ainda nem sei qual é. Junto às luzes, chegam os sons, mas, ao contrário das sirenes de vigilância, ouço vozes alegres e risos pueris. Eis que, para minha surpresa, cruzo com a familiar frota de guerrilheiros, que compõe o nosso bando de dissidentes em busca de um abrigo para se proteger do império.

Como um enxame de vagalumes desterritorializados, cada dissidente porta o seu próprio lampião para navegar em meio à escuridão. A claridade e os ruídos de pessoas é um fenômeno que não confronto há um longo período, desde que me alcei ao mar de *Maya*. Toda a informação que expressam me parece confusa, são muitas vozes e luzes, que festejam a fuga, no lugar de se esconder.

Quando consigo decifrar o que as palavras dizem, compreendo que o bando havia deixado o abrigo para me resgatar no mar. Desatento, eu poderia perder a discreta entrada para o abrigo, que já estava próximo. Ao adentrar nesta celeuma, o final da travessia se torna mais

leve e lúdico. Em tom orquestral, a frota se aproxima das margens, desembarca e segue pela estrada entre animadas conversas sobre os planos de fuga e a beleza do novo refúgio. O tempo de antecedência da chegada dos pioneiros foi o suficiente para transformar o abrigo num grande lar, repleto de cores e lindos objetos. Acomodado num quarto confortável, após um banho quente e um prato de comida, durmo uma longa e tranquila noite de sono, que me soa como uma breve eternidade.

...

A buzina da fábrica de dendê ecoa no exato momento de recrutar os operários para a nova jornada de trabalho. No mundo dos sonhos, no qual estou imerso, o som parece vir de um grande navio da vigília, que navega sobre o mar *Maya*, em caça aos dissidentes foragidos. Acordo assustado por temer a onírica captura. Sento na cama, olho ao redor e percebo a decoração mimosa do ambiente: cheguei ao refúgio, concluo, estou protegido. O susto se converte num sorriso animado para desvelar o abrigo durante o sol do dia. O forte cheiro da fabricação de dendê chega às nossas janelas e invade minhas narinas. Desço e encontro meus comparsas em seus próprios ritmos diários. Alguns comem, outros constroem, outros limpam, outros estudam, outros brincam, jardinam, refletem, fumam, raras vezes, diria que nada fazem. Este é um local de transição e, assim, devemos o enxergar para o plano funcionar, porém o esplendor que aqui reluz seduz ao desejo de permanecer.

Uma grande parte do bando se prepara para sair e coletar recursos. Nestas empreitadas, costumam demorar vários dias, mas quando voltam, podem repousar por um longo período. Neste imenso abrigo, fico sozinho com o casal hetero, que me convida para uma festa num quilombo próximo, onde trabalham para ajudar no desenvolvimento da comunidade. Por este motivo, são muito quistos lá. Hoje é o aniversário de dois irmãos, um homem cis e uma mulher cis, que festejam a vida após os quarenta anos. Um convite inusitado e inesperado, mas logo, estou pronto para partir.

Num carro alto e forte, adentramos estradas enlameadas, com buracos, trechos de areia e outros desafios da natureza, que pouco pareciam incomodar a pilota do carro e o seu marido que desfruta da viagem no carona. Enquanto dirige habilidosamente num ambiente, para ela, familiar, a motorista relata animada sobre uma grande cobra venenosa, que, há poucos dias, avançou em seu carro no meio de uma dessas estradas. Tentou filmar, mas conseguiu capturar poucos detalhes, pois preferiu adiantar e não incomodar a cobra. Animada e orgulhosa de sua

odisseia pessoal e solitária, que misturou o medo e a atração, exclama: era uma “pico de jaca” enorme! A bicha é braba!

As duas horas de viagem passam de forma agradável, até que de repente, chegamos ao local onde devemos aterrissar. Pisamos no chão novamente, num solo que nutre uma rica memória ancestral de vasta resistência e resiliência. Nos quilombos da Bahia, em geral, os habitantes são negros, descendentes dos africanos sequestrados e escravizados pelo império colonial. Nestes refúgios de resistência, a história continua ao decorrer das gerações e atualmente revela belezas magníficas desta forma de organização social. Atravessamos o quilombo caminhando, as pessoas estão felizes, o som do batuque e pandeiro inunda grande parte da vila, todos os habitantes parecem estar na festa, mesmo quando estão mais distantes da fonte musical. Encontramos os amigos deste casal, que nos recebe de forma gentil. Quando chegamos próximo aos músicos da festa, os aniversariantes dançam de um jeito muito especial. A música é especial, as pessoas, o ambiente, as galinhas que caminham entre nós, a comida farta, a cachaça, o batuque, as vozes, tudo soa especial.

Enquanto dança, o aniversariante pega com a mão uma farta quantidade de comida (arroz, frango, caruru, feijão) e espalha sobre a cabeça careca. Faz isso outra vez e outra. Parece haver uma entidade nele. Sua irmã dança na mesma frequência, também comemora seu nascimento; nem ela, nem qualquer outro parece se incomodar com a cena do banho de comida que este senhor realiza. Fico absorto ao olhar o que vejo, mas tudo continua até atingir a sensação de normalidade. Consigo voltar a atenção para as pessoas que me acompanham. Oferecem a comida, eu aceito. A quantidade servida é tanta, que sou incapaz de comer tudo. É evidente que hoje, os corpos que aqui pisam, estão mergulhados na abundância. Em outros aspectos, aqui o acesso é restrito, afinal, a que interessa ao império desenvolver as comunidades que, há séculos, resistem ao seu poder?

A experiência no quilombo traz um sopro de esperança sobre o plano de fuga. Neste momento, pouco importam as restrições, contanto, que cheguemos ao fim planejado. De volta ao abrigo, sigo animado com o estudo dos próximos passos para a execução do plano. Os integrantes do bando estão profundamente envolvidos no projeto e anseiam acelerar os rumos, pois a todo momento, novos membros chegam. O abrigo, que outrora era gigante, já não comporta mais habitantes. Apesar do adensamento populacional, a euforia com a fuga suprime os pequenos problemas e conflitos oriundos da convivência. Todo o bando estava concentrado em partir, pois, aqui onde estamos agora, cada vez mais, mostra-se um local de transição.

Ainda não é o momento de partir, mas já está próximo. Preciso me preparar para a nova odisseia no mar de *Maya*. Saio do abrigo, então, para coletar recursos. Como de costume, a caça solitária leva vários dias e nela consigo apenas o suficiente para prosseguir durante um curto período. Em breve, será necessário realizar outra coleta, porém, ter o suficiente para o momento é o preciso para seguir adiante.

Ao voltar para o abrigo, encontro a casa vazia, sem pessoas ou objetos, apenas uma mensagem manuscrita na folha de um mapa com as indicações para o novo abrigo. Não é longe, mas há um trajeto a navegar. Sem titubear, sigo em direção às águas de *Maya*. Ali, naquele espaço que outrora serviu como um refúgio coletivo para o bando, já não é mais um abrigo. A jornada precisa continuar. O bando partiu há poucos dias, no máximo, durante o tempo que estive a coletar recursos. Talvez, caso eu apresse a navegação, alcance-os no caminho antes de chegar ao novo destino. E assim é: na beira da costa, encontro uma parte dos dissidentes preparados para se alçarem ao mar. Apresso o passo e festejo o encontro, lançando-me como uma bala sobre as águas.

Alguns dissidentes já haviam chegado ao destino. Eu nada sei sobre a rota, apenas me lancei na aventura junto ao bando. A frota de dissidentes explica que o local, ainda mais próximo do objetivo que desejávamos, foi descoberto por um casal de lésbicas. Animados e esperançosos, afirmam que estamos a navegar rumo às costas de praias distantes do alcance da vigília imperial, um ambiente coberto por uma densa floresta, onde pequenas vilas de quilombolas e ribeirinhos resistem aos séculos de devastações do império. Lá, podemos conseguir um abrigo definitivo e construir nossa própria comunidade de dissidentes. Finalmente, teremos uma terra para habitar. Nesta perspectiva, atravessamos a baía de Camamu, passamos pela beira da praia do Pratigi e entramos no rio Serinhaém, que ali desemboca. No encontro do rio com o mar, uma vila de pescadores se formou. Ali, aportamos.

...

Os habitantes da vila estranham a presença do grupo de forasteiros, que pousa nesta comunidade remota como um bando de aves barulhentas recém chegadas de uma longa jornada migratória. Contudo, o jeito alegre e gentil dos dissidentes contagia os nativos, que nos acolhe muito bem.

Dentro da vila, há alguns poucos feudos, nos quais os barões passam as férias de verão. A maioria está abandonado, porém são preservados como se um príncipe ali tronasse. Entre estes feudos desocupados, há um enorme, onde os barões construíram diversas casas para os

trabalhadores, além de muitos quartos com banheiro e casas para a própria hospedagem da realeza. O local possui muitos confortos da vida moderna. Assim, é necessário realizar pouco esforço para se tornar um ambiente habitável, pois os proprietários não frequentam o palácio, mas mantêm acordos com os ribeirinhos para limpar e conservar o local: trata-se de um feudo dentro de um feudo maior, que é dentro de um feudo, que é dentro de outro feudo, que é dentro de outro feudo, que é dentro de outro feudo, que é dentro de outro feudo, e assim segue por uma longa escala métrica de relações entre barões e vassalos.

Com diversas reticências, conseguimos obter a autorização dos senhores feudais para acessar o direito temporário de agora aqui habitar, em troca de trabalhos de manutenção do espaço e um punhado de moedas coletado entre os integrantes do bando dissidente. Ainda estamos numa situação de aprisionamento financeiro, pois, após o vencimento da fatura, haverá de ocorrer nova arrecadação, contudo, devido a proporção reduzida da cobrança, por algum tempo, o que cada marinheiro conseguiu carregar durante a fuga, é o suficiente para satisfazer as necessidades dos dissidentes aquilombados neste povoado entre o rio e o mar. Entretanto, as reservas monetárias rumam ao esgotamento, mais rápido para alguns do que para outros. Portanto, é notável a urgência de buscar um refúgio que nos livre da necessidade de usar dinheiro para acessar as coisas básicas da vida, como casa, água e comida. Antes, porém, aproveitemos o tempo de calma nestas terras, para desfrutar dos prazeres e do descanso, enquanto planejamos os próximos passos da rota de fuga.

...

Já que este relato narra a história de pessoas reais, poupo-lhes dos nomes das personagens e algumas relações sanguíneas, sexuais e afetivas, para que as identidades dos dissidentes nunca sejam reveladas. Pois, no campo do anonimato, posso deixar escapar mais detalhes sobre os atos praticados pelos dissidentes, mas ainda assim, há fatos que sou obrigado a ocultar. Resta-me apenas criptografar tais impronunciáveis memórias secretas por meio de insinuações explícitas.

Os comparsas do bando podem ser bem descritos como partes de uma espécie de coven de bruxas. Em maioria, os adultos são mulheres cis lésbicas, bissexuais e, talvez, algumas heterossexuais, mas também há um ser de gênero neutro, bichas e apenas um homem cis hetero. As crianças, a priori, são cisgênero e aparentam ser heterossexuais, porém, por estarem livres da repressão sobre as manifestações sexuais dissidentes, consideram, sem medo, a possibilidade de virem a ser homoafetivas, pois como são apenas crianças, ainda estão a descobrir seus fluxos

de desejos. Entre suas referências cotidianas, diversas configurações se apresentam como normais. A elas cabe o que desejarem. As duas crianças são irmãs, filhos de uma mãe solteira. Uma menina mais nova do que o irmão, que já está próximo da adolescência. Não sei precisar a idade. Para escapar do presídido das ilusões reais, a mãe das crianças embarcou os filhos numa aventura através do mar de *Maya* até, enfim, chegarem neste tranquilo refúgio na vila de Serinhaém, um local onde a odisseia da fuga segue seu longo fluxo.

Em cima da casa desta mãe solteira, que vive com seus dois filhos, a gata, dois cães e um cachorro, os dois casais de lésbicas pioneiras residem com seus próprios animais de estimação. Acampo em frente a estas casas, ao lado da barraca do comparsa de gênero neutro, com quem compartilho a sombra de um imenso cajueiro. O casal heterossexual organizou uma linda morada num feudo vizinho, à poucos passos de onde agora residimos.

...

Certo dia, a mãe solteira adoece gravemente. Diversos sintomas a acamam e pouco conseguimos fazer para reduzir suas dores e náuseas. Sequer, sabemos o que a acomete. Muitas suspeitas, mas nenhum diagnóstico é capaz de aliviar a enfermidade. O quadro se agrava, enviamos uma mensagem a seus pais, que conseguem a levar para um hospital. As crianças ficam com os demais integrantes do bando, cientes da condição da mãe, mas confiantes de que tudo terminará bem. A notícia do hospital é recebida: um acidente vascular cerebral (AVC), que rompeu vasos e derramou sangue no seu cérebro. Os sintomas eram respostas viscerais e neurológicas ao ferimento intracraniano. Por sorte, conseguiu sair desta experiência sem sequelas. Logo que conseguiu a alta do hospital, volta a fugir para o refúgio. Celebramos seu retorno, que parece ter sido de uma breve viagem, pois, de fato, retornou bem e sorridente, com a plena convicção de seguir com o plano.

...

Como previsto, precisei me aventurar pelas selvas para coletar mais recursos. Durante minha ausência, um novo membro chegou na comunidade, mas quando voltei, o novo membro do bando havia recém saído em busca de recursos. Todos comentavam empolgados sobre sua presença e o descreviam como um belo homem cis, divertido e colaborativo. Após ouvir partes do plano, ele foi seduzido a participar e está disposto a realizar o que for preciso para conseguirmos atingir a missão. O outro detalhe sobre a biografia do novo membro, que,

sorridentes, as meninas relatam, é que se trata de um homossexual solteiro: muito alto, forte, com a pele escura, cheio de inteligências e uma megafônica voz grave. Realizo uma construção imaginária a partir dos fragmentos de memórias ditos. Apesar das insinuações sobre formarmos um casal, pouco me animo com esta possibilidade, pois ainda sinto como recente o último rompimento amoroso. Porém, fico contente com a chegada de novos participantes para o bando e sinto o ardor da faísca desejante lançada durante a conversa, que capturei com meu corpo e mediei através da imaginação, julgo eu, fértil, mas imprecisa.

Vamos à praia jogar frescobol a beira mar, até esquentar o corpo para mergulhar nas águas mornas do encontro do rio Serinháem com o mar do Pratigi. É um lindo dia de sol pleno, as águas estão cristalinas, a areia branca, com uma fina linha desenhada pela maré, com folhas do manguezal amareladas, alaranjadas, avermelhadas e amarronzadas. Há um degradê dessa variação de tons. A estreita faixa de areia traça uma fronteira entre as águas e uma plantação abandonada de coqueiros anões, carregados de cocôs verdes. O melhor dos fatores evidentes é que ao olhar para todos os lados, só estávamos nós. O bando conseguiu um paraíso para se isolar e, quiçá, permanecer. Não haviam olhos da vigília, aqui, talvez, podemos sentir como é ser livre. Enquanto admiro a paisagem extasiado, as crianças, junto com o seu imenso cachorro preto, correm em direção às águas, enquanto gritam e latem como loucos enfurecidos. Dentro do mar, gargalham com as brincadeiras e o cachorro que nada e se banha em plena vagabundagem, sem culpa nenhuma. Rimos, relaxamos e curtimos o sol.

De repente, ao longe, avistamos um carro em alta velocidade, dirigido sobre a areia dura da beira do mar, durante a maré baixa. Todo o bando observa atento a chegada do veículo forasteiro. Não aparenta ser uma locomotiva do império, mas de um dissidente. As crianças correm e acenam aos gritos para o motorista e os passageiros. Enfim, retorna o novo membro da comunidade. Na curva para acessar a estrada que leva às casas, o carro atola, pois a areia está fofa. Todos se mobilizam para ajudar. Ao me aproximar, encaro os olhos do motorista, que sorri e agradece a ajuda. Sinto as faíscas desejantes inflamarem. Por isso, fico feliz por ter o carro para desatolar, pois me sinto constrangido com o desejo impulsionado. Assim, distraio este ardor, que pensei ter deixado para trás. Tudo acontece rápido. De repente, um homem cis inglês desce do carro falando, em sua língua materna, as instruções sobre o método para retirar o carro. A proposta era o contrário do que sugerimos para desatolar. Apesar de carregar uma estrutura rígida de pensamentos, o que lhe concede profundas convicções sobre suas verdades, o inglês concordou em adotar a solução oposta. Com o trabalho de várias pessoas, foi rápido e fácil retirar o carro daquela situação. Os chegantes, então, seguiram o rumo e eu continuei a me divertir na praia, um tanto comovido com este encontro fortuito.

Após um banho de mar, volto para o acampamento e o encontro conversando empolgado com as meninas. Agora, posso o ver melhor: é realmente alto. Sorrio e me aproximo da conversa, na qual interajo naturalmente. Ele conta sobre os planos de reformar uma casa abandonada do feudo para nela morar. Até o fim da reforma, ele viverá num dos quartos, com banheiro e varanda, que os barões construíram para seus convidados. Então, animado com os planos, convidou-nos para que víssemos como está sua futura morada. As meninas recusaram o convite, mas eu aceitei.

Seguimos juntos para a casa. Ainda estava com a sujeira da obra, mas era notável o potencial daquele lugar. Ele apresentou os detalhes da obra, suas ideias a serem executadas, perguntei sobre alguns objetos de interesse e assim estabelecemos um diálogo amigável. Chegamos ao quarto, dei uma volta no local, olhei a vista da janela e segui em direção à porta, ao lado de onde ele estava. Quando fui passar, ele bloqueou com o braço e me olhou nos olhos. Sem pensar, beijei sua boca e, a cada instante, mergulhava mais em seu corpo. Um grande e surpreendente deleite, pois apesar do querer, eu não podia prever o que iria acontecer, nem mesmo precisar o que eu gostaria que ocorresse, mas sei que quis o que aconteceu quando ocorreu. Após esta sensual conexão, a dúvida se estabelece no período refratário: o que eu quero com isso? O que ele quer? Quais os perigos dessa relação?

Sinto vontade de ficar só. Sou carinhoso nos últimos minutos do delicioso encontro e o convidado a sair do ambiente da obra. Afora, encontramos com outros dissidentes do bando, que, rapidamente, distraí-nos com conversas eufóricas. No momento oportuno, afasto-me sorratamente, sem ser preciso formalizar uma despedida. Apesar da confusão de sentimentos, é inegável que fui fisgado pelo novo membro: ao passo que esta entrega pode enfraquecer minha busca pela autonomia, compreendo como um privilégio viver um romance nesta paradisíaca odisséia.

Cada vez mais, entrego-me ao romance, mas tenho lapsos de anseios de ser solitário. Ele, porém, resiste às minhas flutuações e se mantém presente, disposto, lindo, entregue, cheio de desejo e sentimento para compartilhar comigo. A forte paixão que sente por mim, faz com que ele esteja muito satisfeito e feliz sempre que abandona o nobre conforto do quarto de visitas dos barões feudais, para deitar comigo no acampamento. Quando me distancio, ele sente a minha falta, mas logo busca a distração com algum afazer que silencie o desejo de me ter ao lado. Se esta é uma afirmação verdadeira, não posso atestar, pois é apenas a versão da história que eu percebo ocorrer. Soa absurdo corresponder a tal romance fantástico de uma forma distinta a dos personagens de um filme de ficção, afinal, por que inserir reticências ante o inevitável?

Entre mergulhos românticos e o desejo de solidude, navego nas emoções da descoberta de um amor em meio a um paraíso selvagem, durante a utópica fuga do presídio. Entretanto, certo dia, as referências narrativas românticas se apagam e sinto o desejo de partir em busca de mais recursos num local distante desta relação amorosa. Preciso me sentir como é ser eu mesmo, sem ser parte de um casal. Infelizmente, esta não é uma decisão que satisfaz o parceiro abandonado. Não sei o é isso que sinto, mas decidi escutar o sentimento, mesmo sem razão. Ou seja, saí para coletar recursos e demorei para retornar. O tempo que passou não parece muito para mim, mas para meu novo companheiro do bando, a espera magoou. Percebo sua emoção, mas não sinto culpa ou remorso pelo abandono. Ao contrário, sinto o desejo de me entregar a esta incendiosa paixão. Faço com que perceba minha intenção. Antes de ceder, ele expressa o incômodo com a situação de ausência. Eu falo algumas palavras para o confortar. Funciona! Logo, beijamos.

Com os recursos que coletei, consegui pagar por um quarto, com banheiro, ao lado do dele. Quero me entregar ao romance, somos vizinhos, mas ainda não estou preparado para morar junto. Neste momento, é importante conquistar o meu próprio espaço, mesmo que seja numa barraca ou numa nau errante, assim, respeitamos nossas individualidades. Seguimos felizes os dias seguintes. Ele continua a reformar a casa onde irá morar, enquanto eu me debruço sobre um arquivo de memórias, repleto de depoimentos de prisioneiros em terras longínquas. Como um galã sedutor, ele me visita todas as noites, com o cheiro do banho recém tomado e uma jarra de café para me ajudar no trabalho. Todos os dias, posso escolher entre o amor e o trabalho. Costumo escolher o trabalho, o que me faz perceber a programação servil colonizatória que atua em meu corpo. Por que dispensar o prazer para atender as expectativas da produtividade? Desligo a máquina e me afogo na paixão carnal.

...

Com o novo espaço, trouxe para morar comigo, um antigo cachorro da família, que estava desajustado na cela de meus pais: é grande, todos os dias me acorda esmurrando a janela, a fim de urinar e defecar durante o passeio. Não posso julgar a urgência alheia, até me admira observar um ser que precisa excretar apenas duas ou três vezes por dia. É um cachorro belo, muito forte e carente. Sempre quer alguém por perto, almeja conquistar a vida de um minúsculo cachorro de madame, que se deita sobre os travesseiros da dona. Contudo, a vida lhe concedeu o corpo vagabundo de um grande vira-lata. Assim, este cão que me acompanha, hibridiza a meiguice com a brutalidade.

Morar na floresta com um cachorro resulta em diversas vantagens, mesmo que aparentemente ser o ônus da convivência: todos os dias, é preciso caminhar e recolher as fezes do animal, ou enterrar. Nos caminhos percorridos com meu cachorro, avistamos a natureza, nos horários disciplinados pelo sistema excretor do meu companheiro de estimação. Prioritariamente, ele, canino, investiga o mundo através do olfato e da audição, já eu, humanoide, priorizo a absorção da realidade por meio da visão. Desfruto os caminhos pelos olhos, enquanto ele fuça obstinadamente os troncos e folhas. Em muitos momentos, os passeios são agradáveis, é possível ver revoadas de borboletas e pássaros, ou cachos de flores e frutos, que crescem na beira das águas do mar, rios e lagoas. São muitos e diversos os detalhes das belezas naturais das terras que agora habitamos. São fenômenos que podem passar despercebidos para o olhar do observador, ou acontecimentos locais e sazonais, nos quais é preciso estar num espaço e tempo determinado, como a época dos “água-lumes”, que são pequenas águas-vivas cristalinas e redondas, no formato de um disco côncavo de um lado e convexo do outro, que são bioluminescentes e piscam uma luz azul, quando seu corpo transparente e gelatinoso atrita na quebrada de pequenas ondas na beira do mar, ou quando nadamos nas águas e nos chocamos com estas pequenas águas-vivas. À noite, o efeito sobre a areia resulta num solo cintilante, que se assemelha ao estralar do céu. Nas águas, os corpos que nadam acendem, aparentam estar envoltos pela fantasmagoria de um espectro luminoso, que envolve a epiderme dos nadadores em coreografias com assombrosos movimentos bioluminescentes, orquestrados pelo bando de minúsculos água-lumes em contato com os corpos. Este caso, assim como muitos outros, confirmam a validade das escolhas de fuga.

...

Já havíamos cogitado a possibilidade de ocupar uma ilha estuarina, que meus pais adquiriram anos atrás, mas nunca pensaram em lá residir. O plano deles era produzir peixes, pois é a engenharia com a qual trabalham no presídio. Por um período, ocorreu um próspero projeto de cultivo de bijupirá, mas desistiram devido ao custo benéfico do negócio. Desde então, a ilha está abandonada, cuidada por um caseiro, que trouxe para a terra as gigantescas estruturas aquáticas dos cultivos de peixes, deixando o porto da ilha como um grande museu cadavérico das ruínas de um projeto promissor, mas que se mostrou inviável. Os custos de manutenção de um espaço ocioso pesaram no orçamento dos pequenos burgueses privilegiados, o que os faz cogitar a venda deste feudo. Pensamos em nos instalar lá durante a fuga, afinal, é um amplo espaço selvagem, cercado por águas. Tais condições naturais se mostram perfeitas

para o plano de construir um refúgio para fugir do presídio, porém o tamanho da ilha é pequeno para abrigar o projeto de sociedade, que desenhamos. Por este motivo, pensamos em tratar tal espaço como um transitório laboratório de vida, por onde os habitantes da comunidade de dissidentes residiriam antes de adentrar na grande vila, na qual planejamos construir uma pequena cidade ecológica, com acesso às tecnologias modernas que convivam em harmoniza com a natureza.

A priori, descartamos a ilha em busca do local definitivo para construir o refúgio, porém, diante da dificuldade em o conquistar, durante uma das assembleias, priorizamos a ocupação da ilha. A ilha do Aracari possui três proprietários: uma parte é de uma família nativa, que planta frutas e legumes em seu terreno. Esta família é grande, guiada por uma mulher centenária, em plena atividade rural. Eles habitam uma ilha próxima, que é maior, com mais pessoas e recursos para uma vida moderna. Na nossa pequena ilha, eles construíram apenas um acampamento, que visitam esporadicamente. Ao lado, está uma bela floresta preservada, onde o dono, que mora numa grande ilha em frente ao Aracari, apenas colhe cocos e outros frutos eventualmente. Para a cultura local, é considerado um terreno improdutivo por ser inclinado e na beira das águas salgadas do mangue. Esta inaptidão produtiva preservou as características naturais, que expressam um ecossistema de vidas com grande diversidade e beleza. O espaço que nos foi disponibilizado, ocupa a maior parte da ilha e mira as águas do Sul. Lá, há apenas um morador, um trabalhador local, que, junto com sua matilha de cachorros, cuida do terreno. Devido aos custos de manutenção, os proprietários precisam se livrar desta posse ou dos ônus financeiros. É um terreno grande, porém, muito abaixo da metragem que estimávamos para construir uma comunidade permanente. Contudo, é a realidade acessível, além de ser um espaço maior do que o ocupado aqui em Barra do Serinhaém.

Propusemos a ocupação do bando de dissidentes nesta ilha quase deserta. Assim, meus pais, os senhores feudais destas terras, podem se livrar dos custos de manutenção de um espaço ocioso, ao passo que retribuiríamos o valor comercial do terreno por meio de produtos e serviços produzidos pelo bando. Enquanto não quitássemos o valor estimado para a compra do terreno, a posse da propriedade seria dos atuais donos e não do bando. É um acordo aparentemente vantajoso para ambos os lados, mas é preciso seduzir o desejo dos donos da terra para realizar este ato. O plano foi apresentado para os proprietários do feudo, como um espetáculo pirotécnico magnífico. Logo, simpatizaram com o projeto e permitiram a ação. Cabe a nós informar ao atual morador, que deve abandonar o local, pois um bando ocupará o feudo nesta pequena ilha quase deserta. Não se trata de desabrigar um operário, pois o mesmo tem residência numa grande ilha em frente ao Aracari, além de ser o herdeiro da parte da ilha, que

descrevi como uma floresta preservada. Resta-nos resolver quem serão os pioneiros da ilha do Aracari, responsáveis por retirar o atual morador e sua matilha de cachorros?

Realizamos algumas visitas para preparar o local, mas nenhum integrante do bando estava disposto a abandonar a zona de conforto que construímos no refúgio de Serinhaém, para se entregar às condições de habitar uma ilha selvagem, quase deserta, no meio do estuário: sem luz, água encanada, internet, entre outros bens da vida moderna. Cada passo que damos parece gigante, mas quando olho para frente, percebo os grandes saltos que precisamos dar para alcançar a missão. Saltos que nem sempre temos coragem de realizar, pois a queda pode ser fatal. Em geral, o oposto se revela, pois, apesar das dificuldades de execução motora, a caminhada em fuga tem sido um passeio prazeroso.

A resposta para a questão do pioneirismo veio de uma bruxa anciã, que mergulhou na missão de ser a primeira moradora. Solitária, por anos viveu numa cidade fantasma, que no auge da exploração de minérios, contabilizou mais de dez mil habitantes, entre os senhores coloniais e os negros escravizados, que, com sua força, construíras as estradas, muros, praça, casas, igrejas, hospício, entre outras obras arquitetônicas. A vila está localizada num pequeno vale da Chapada Diamantina, chamado Ventura, um local que exhibe a transição entre a aridez do sertão e o clima das montanhas tropicais. Muitas pedras e uma floresta, que nasce sobre as ruínas das fazendas e do centro urbano. Antes, os povos originários que ali habitavam, deixaram registros com pinturas rupestres em grandes complexos de imensas estruturas de pedras independentes, como prédios vizinhos numa cidade moderna, onde os apartamentos e centros de convivência são relativos às tocas naturais, que possuem grande modificação antropomórfica, seja com pinturas, o empilhamento de pedras para construir barreiras de proteção, ou um local aquedado para o fogo. A diferença de tais paredes rupestres para os muros do presídio é que as magnânimas construções residenciais e ritualísticas são, a priori, sólidas obras da natureza, que o humano intervém. O humano é também uma entidade da natureza, mas sua ação deixa marcas específicas no ambiente que habita, com traços distintos dos demais animais. Assim como as ruínas do centro urbano e das fazendas ao redor da vila fantasma emanam a história do garimpo, esses prédios de pedras naturais, que abrigam imensas tocas, registram a passagem da vida ancestral nessas terras, agora, despovoadas. Aqui, é o topo das montanhas do vale, onde uma nascente escorre abaixo e forma uma cachoeira nas pedras do caminho. Com o aumento das chuvas, os rios crescem, grandes e profundos poços de águas douradas se formam em locais que antes pareciam apenas pilhas de pedras, ao lado de um imenso paredão de pedras. O colorido das ruínas, em meio às paisagens de árvores secas sobre um solo vermelho, esverdeia com as águas caídas do céu.

A bruxa, que integra o bando para se aventurar na ilha do Aracari mora nessa vila fantasma com seu cachorro. Criou os filhos ali, mas alçaram voo e apenas a visitam esporadicamente, quando não é ela quem vai os visitar. Na vila fantasma, além desta bruxa anciã, morava uma família, composta por um casal heterossexual, a sogra e duas ou três crianças, além dos animais de estimação. As dificuldades de viver num local ermo, sem contato com pessoas, onde é preciso caminhar quilômetros para coletar água, a depender da época do ano, nunca foram impedimentos para esta bruxa residir no local. Entretanto, o aumento do movimento esporádico de pessoas no local, a faz cogitar a possibilidade de morar nas tocas para se refugiar dos invasores. Ao ser informada sobre a ilha, recruta-se animada para cumprir a missão, pois lhe parece uma excelente oportunidade de passar uma temporada isolada. Eventualmente, aconteceriam visitas de integrantes do bando, além de encontros com vizinhos, mas a maior parte do tempo estará por conta própria até o momento em que o bando decida revoar para a ilha. Ao lado da experiência de solidão temporária, a ideia de pertencer ao bando e ao plano de fuga também a seduz. Seja o isolamento ou a comunidade de dissidente, ambas as projeções da realidade são propostas que animam a bruxa anciã a incorporar sua magia no nosso plano de fuga.

Ao lado de minha irmã, navegamos pelo mar de *Maya* para transportar a bruxa anciã em segurança até a ilha. Junto com seu cachorro e uma grande trouxa de panos, seus brilhantes olhos amarelos âmbar esboçam um sorriso infantil, como uma feliz criança sonhadora. Porém, no lugar da euforia, sua sabedoria acumulada compartilha a entrega ao desconhecido do olhar pueril com a tranquilidade de uma experiente marinheira que já navegou por muitos mares e que em muitos portos aportou.

Chegamos à comunidade onde reside o bando de dissidentes. O pequeno e peludo cachorro preto da bruxa anciã, durante todo o caminho se comportou como um fino filhote de madame. Contudo, ao encontrar outros animais em meio ao bando, partiu enfurecido para destroçar qualquer ser quadrupede que cruzasse o seu caminho. A todo momento, episódios de histeria e brutalidade canina eram assistidos dentro da comunidade. Logo, os integrantes do bando passaram a ter receio do cachorro da bruxa anciã e, por este motivo, o período de estadia na comunidade foi reduzido: estava previsto para durar um longo tempo de celebração amistosa, afinal, ela veio contribuir com um trabalho pioneiro e muito corajoso, porém, devido à tensão entre os animais, é preciso acelerar sua partida para ilha. Uma decisão que corre em pleno consenso. A frota de naus parte na manhã seguinte para acompanhar nossa nova companheira do bando. Instalamos ela na casa da ilha e voltamos para o abrigo. Há uma sensação de dever cumprido, mas a verdade é que um longo caminho se inicia.

...

Meu companheiro amoroso termina de reformar a casa e se muda. É um abrigo simples, mas diante do contexto onde estamos, torna-se um luxo moderno completo, sem abandonar o clima rústico de praia selvagem. Permaneço com meu próprio abrigo, pois desejo cultivar a autonomia. Porém, cada vez mais, passo a estar na casa dele, onde dormimos juntos todos os dias. Neste lar, recebemos várias pessoas. Em especial, uma delas permanece: uma bruxa nômade espanhola, animada e jovial, que trouxe para a comunidade várias tecnologias de cura. Suas receitas alquímicas são parte de uma longa coleta de fórmulas mágicas ancestrais, originadas em diversas partes do mundo. Em geral, o bando é composto por bruxos, contudo, alguns apenas despertaram sobre a sua natureza mágica durante a fuga, outros jamais perceberão tais poderes inatos, enquanto há os que chegam formados nos mais altos níveis das faculdades da magia, ao lado dos bruxos indisciplinados, que sabem sobre sua condição, mas apenas praticam a magia quando lhes convêm. Creio ser o último, o perfil em que me encaixo. Compreendo a busca dos métodos mágicos, que me animam quando os pratico, mas, como todo exercício, exige disciplina. Além disso, a magia é um impulso constantemente soterrado pelo saber científico que coloniza o meu corpo. Praticar a bruxaria é ir de encontro ao programa sistêmico, por meio da herança mnemônica deixada pelos dissidentes ancestrais, que resistiram às cruzadas e conseguiram transmitir o saber ao longo das gerações.

Desde muito jovem, tive acesso a rituais de magia. Buscava nos livros, mas havia uma espessa camada de ficções místicas a frente dos escritos ocultos da magia ancestral. Com 13 anos, conheci algumas amigas que também coletavam métodos mágicos, mas em camadas mais profundas da literatura. Entre cochichos escondidos nos corredores da escola, arquitetávamos os planos dos rituais com bastante precisão, pois o movimento cósmico é determinante para muitos dos rituais de bruxaria, além dos elementos precisos para a alquimia. Em muitos casos, realizamos ao redor de fogueiras, perto das maiores árvores, dos bosques mais densos de um presídio que desmatou a maior parte do seu solo. Haviam, porém, grandes e antigas árvores resilientes, que abaixo de suas copas, abrigavam as técnicas de magia que executamos de forma infantil, sem uma iniciação ou devoção absoluta. Éramos um bando de bruxos dissidentes, que busca a transgressão da cultura científica e religiosa através da alquímica magia natural, composta por variadas receitas ritualísticas formuladas por nossos ancestrais. Revisitamos tais métodos e nos entregamos ao momento da reativação do rito, sem qualquer compromisso com o resultado, mas com o desejo profundo de ver magia durante o ato. A mágica, às vezes, não é

possível de ser vista, às vezes, é. Pode ser sentida por outros sentidos, ou pode passar despercebida. Depende da espécie de magia e do observador.

...

No ano seguinte aos rituais, minhas amigas bruxas decidiram estudar em outro colégio, pois estavam fartas do militarismo da escola em que estudamos juntos. Lamentei a partida, seguimos a nos encontrar esporadicamente, mas o laço do bando de bruxos que havíamos formado se desfez. A vida de todos passou a ignorar os aspectos da magia para imergir no pensamento científico e na punitiva moral cristã. Após o período letivo, viajei com minha família e amigos para uma ilha paradisíaca. Tudo corria bem, como nas férias dos cartões postais dos operários privilegiados, que podem descasar por alguns breves dias do ano, num belo local ermo. A praia deserta de areia branca, o mar verde esmeralda, com piscinas de águas quentes, cheias de corais e outros animais marinhos. Entre eles, um peixe venenoso, que meu irmão mais novo pisou enquanto caminhava alegre: sentiu uma fígada, pediu para parar o passo, começou a gritar e a se contorcer em direção a areia, onde, por fim, arremessou o corpo enquanto rolava e lançava areia para o alto, em busca de um alívio para a dor lancinante que o veneno causou. Os poucos passantes sugerem dar leite, outros passar gelo, alguns nativos afirmam que a melhor solução é um analgésico farmacológico, pois costuma demorar 24h para a dor cessar. Entre as possibilidades de uma praia quase deserta, por sorte, conseguimos gelo e passamos, mas parecia ser ineficaz, pois meu irmão seguiu a agonizar.

Quando as esperanças esvaziavam dos olhos de todos, duas belas mulheres cis apareceram caminhando e observaram a cena. Gentilmente, perguntaram o que aconteceu. Respondemos com as palavras que imaginávamos ser verdade. Repetimos as versões e hipóteses que ouvimos até aqui e elas prontamente se ofereceram para ajudar com o *reiki*. Simplesmente, impostaram as mãos, sem tocar em sua pele; logo, os movimentos e gemidos de dor foram reduzidos, até que silenciou e meu irmão se acalmou. Foram 20 minutos, talvez menos tempo, mas foi o suficiente para ele levantar esfomeado e caminhar como se nada tivesse acontecido. Agradecemos o salvamento e elas partiram como fadas que pousaram para nos socorrer.

Alguns anos depois, recebi o *reiki* em meu próprio corpo semanalmente. Neste período, eu tinha pouca consciência do que acontecia durante a sessão de *reiki*, mas a cada encontro, a terapeuta me explicava alguns detalhes da técnica, como os pontos e o movimento da energia, o fluxo da respiração, mas, sobretudo, percebi os resultados práticos da imposição de mãos,

que é um método comum a várias filosofias. Nem tudo sobre a experiência é possível de explicar, pois é algo que se sente. De certo modo, é uma técnica de harmonização do fluxo energético do corpo, então o bem-estar é um efeito consequente. Creio que a relação de cura, através da técnica do *reiki* e de outros métodos de imposição de mãos, está na ressonância magnética. Sem exceção, todos os humanos são corpos elétricos, envolvidos por um campo eletromagnético e gravitacional.

A primeira vez que apliquei foi em uma amiga que estava enjoada com o balançar do barco. Deitada em meu colo, apliquei a imposição de mãos a partir do que colhi até então. Ela cochilou por um breve momento, quando despertou estava feliz e sem náusea. Alegrei-me com o efeito. Ela acredita neste tipo de terapia e não duvida dos resultados. Eu, por outro lado, aceitei realizar a técnica, pois era a única opção para o momento, e, apesar dos efeitos, sigo a desconfiar deste poder de cura.

Anos mais tarde, outra situação me obriga a usar a cura por meio da imposição de mãos: minha irmã sente dor e enjoo por causa da menstruação. Acamada, enquanto festejamos, vou em sua busca para tentar resolver a situação de debilidade em que se encontra. Ela se contorce de dor na cama, seus olhos estão vermelhos e lacrimejam. Sugiro fazer a imposição de mãos. Esta irmã estava presente no dia em que as meninas salvaram nosso irmão do envenenamento, além disso, também recebeu o *reiki* da mesma terapeuta que eu. Apesar de eu não ser formalmente diplomado, usei minha experiência mais uma vez. Nesta ocasião, as sensações foram muito intensas, tanto nos braços, quanto na coluna e na cabeça. Era possível sentir com o tato, tanto o calor da temperatura quanto a textura do campo energético, que soava como uma fina camada eletromagnética, parecida com a que se forma quando aproximamos dois ímãs de mesma polaridade, que se repelem. O toque é um método de cura, mas nessa perspectiva que aplico, rompe a fina camada de cura eletromagnética. Por este motivo, é preciso fazer um grande esforço para manter as mãos em pose de imposição, sem, por descuido, tocar. Durante este ritual, por mais leve que seja o toque, é sentido com grande intensidade.

Outras coisas eram sentidas. Em termos de pensamento, ocorriam vislumbres psicodélicos. Como eu estava de olhos fechados, então, as imagens eram formadas no interior. Com o máximo de intensidade, o ritual ocorreu sem contagem de tempo, mas que estimo uma duração de aproximados 20 minutos. Abri os olhos e ela estava calma e sem dor. Ao perceber o fim da imposição, aninhou-se no travesseiro para descansar. Saí do quarto e segui na festa ainda admirado com os efeitos de mais uma intervenção. Logo, minha irmã saiu do quarto com fome e, após ingerir uns quitutes, festejou sem sintomas ou lembranças do mal estar daquela noite. As experiências de cura através da imposição de mãos seguem em diversas ocasiões

eventuais, que costumam gerar espanto nas pessoas curadas, bem como em mim: a cada rito, sinto como se fosse a primeira vez que experimento este poder, pois, apesar dos efeitos consistentes, devido ao regime de verdade científico, sempre refuto a crença de que esta simples técnica de cura seja, de fato, eficiente. Para tanto, justifico os efeitos por meio dos demais fatores presentes em cena, o que não retira o mérito do método enquanto um complexo sistema de variáveis e constantes nos momentos ritualizados. Outra forma de afirmar a garantia dos resultados é encontrar respostas na linguagem científica que expliquem o funcionamento desta operação ancestral. É possível encontrar tais concordâncias com os conceitos da literatura científica, contudo, esta instituição do saber e seus seguidores seguem a abjetar as correlações entre a ciência e o misticismo.

Diante desta rejeição aos métodos mágicos no mundo científico contemporâneo, sinto-me constrangido ao oferecer a execução desta técnica, pois não posso garantir resultados, apesar de eu ter testemunhado milagres realizados por meu corpo através deste método milenar. Chamo de *reiki*, mas não sei se sou autorizado a intitular o que faço com este termo, pois não possuo formação teórica e desconheço os símbolos que os reikianos utilizam em suas aplicações, apenas canalizo forças de cura através do meu corpo e as emito por meio das mãos, sem tocar o corpo do outro. Já recebi e já apliquei o *reiki* através do toque e funcionou, mas o campo magnético que se cria entre a mão e o corpo, creio ser a principal potência de cura, além da canalização e da presença de outros seres imperceptíveis por meio dos órgãos sensoriais convencionais.

Certo dia, durante a fuga, uma comparsa do bando dissidente, portadora da doença celíaca, sofreu uma contaminação de glúten e ficou dois dias sem conseguir comer, acamada, com dores e mal-estar. Junto à minha irmã, aplicamos as técnicas que aprendemos ao longo da vida. Ao fim do ritual, consegui visualizar um fluxo de energia azulado correr harmoniosamente, foi a primeira vez que visualizei, com os olhos, algo imaterial através desta técnica de cura. Minutos depois, ela estava relaxada e levantou para comer. No dia seguinte, correu na praia, jogou *frescoball* e nadou como se não estivesse sido contaminada. Na mesma noite, aplicamos a impostação de mãos em outra comparsa, a bruxa espanhola, que possui ampla formação em tecnologias de curas místicas. No dia seguinte, ela também relatou a potência de cura do trabalho que realizei com minha irmã. Muitos outros casos de cura ocorreram através desta técnica, seja realizado por mim ou em minha presença. Por isso, creio que já posso estabelecer um padrão, a partir das experiências subjetivas que obtive. Entretanto, a cada caso, novas experiências e conhecimentos podem emergir.

Apesar de ser um meio sem garantia científica de resultados, há hospitais do presídio que contratam reiki para cooperar na cura dos clientes. Tenho vontade de investir nesta habilidade, pois é uma forma de ajudar os outros. Nesta perspectiva, não considero pertinente cobrar por aplicações de *reiki*, pois, assim, abstenho-me da obrigação de apresentar resultados, além de poder ser puramente altruísta no propósito, que é mágico.

Este assunto é longo, mas o trago no relato deste diário, pois o propósito da cura me foi entregue, mesmo que eu o subestime, devido às crenças limitantes e o receio de expressar uma potência de cura não científica, que é geralmente desacreditada ou mesmo ridicularizada. Não tenho confiança para oferecer a qualquer pessoa este serviço, sobretudo, por vergonha, que advém da vaidade do meu ego, que não admira o fracasso e a discordância dos consensos culturais baseados em verdades científicas. O medo de ser ridicularizado pela descrença impede a plena realização desta tarefa, contudo, pretendo implantar esta técnica em meu cotidiano.

As três leis de Clarke:

1 - Quando um notável e experiente cientista afirma que algo é possível, ele quase certamente está certo. Quando ele afirma que algo é impossível, muito provavelmente ele está errado.

2 - [...] a única forma de descobrir os limites do possível é se aventurar um pouco além deles no impossível.

3 - Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia.

Arthur C. Clarke (p. 32, 39, tradução nossa)

Qualificamos como mágicos os acontecimentos que não sabemos explicar a ocorrência, ou os fenômenos que seríamos incapazes de compreender os processos ou prever a existência. Contudo, apesar dos mistérios, no campo da magia existem métodos de controle e receitas alquímicas ancestrais. Trata-se, portanto, de uma espécie de saber sobre a natureza, dhistoricamente, desprezada pelas instituições de poder, mesmo quando há um estreito enlaço entre os métodos científicos e mágicos.

As culturas originárias contemplam a natureza sob um olhar mágico, porém, em cada parte do planeta onde a colonização europeia reina, a cultura da magia foi perseguida e ridicularizada por meio de instituições religiosas e, posteriormente, científicas. Se, por um lado, a ciência conseguiu vencer a doutrinação religiosa, que rejeitava qualquer hipótese que fugisse da única referência literária imposta como o regime de verdade absoluto e imutável, por outro, a refutabilidade científica transforma este campo de pesquisa numa forma de conhecer o mundo por meio de regimes de verdade provisórios, mas, ainda assim, absolutos quando laureados pelas instituições. Utilizam-se termos como leis, princípios, premissas, para descrever os achados das ciências. Assim, fixam as narrativas sobre os dados, que devem ser submetidas aos próprios métodos científicos para serem devidamente refutadas. Qualquer afirmação que extrapole os métodos científicos de produção de evidências únicas e universais, é taxada como pseudociência, se ainda carregar o termo ciência em sua descrição.

Por exemplo, para as práticas de cura, um efeito buscado por muitos humanos, a ciência se estabelece como a instituição reguladora do saber, que, apesar dos debates polarizados, constrói uma noção restrita à sua linguagem e campo de atuação. Em tempos como os atuais, a ciência se torna aliada da saúde coletiva, pois enquanto o mundo é massacrado com informações distorcidas por fontes políticas e religiosas, a cooperação entre os cientistas busca investigar as questões por múltiplas óticas em refutação permanente. Porém, é preciso sublinhar que a refutação é um gesto raro: ao lado dos cientistas que utilizam este campo de conhecimento para benefício próprio e, por isso, são capazes de fraudar informações para atender aos ditos do poder vigente, há cientistas que leem as referências como o servo de Deus lê a bíblia, ou seja, como uma doutrina irrefutável. Paradoxalmente, o campo religioso apresenta refutações internas, devido às diversas interpretações e adequações ao contexto do leitor. Nesta perspectiva, afirmar ao crente em Deus que o ser criador do universo não existe é como afirmar a ausência da gravidade para o cientista. Ambos consideram a refutação de tais verdades implantas como ignorância ou tolice, independente de quem as contradiga. Ambos estão aprisionados dentro de suas linguagens e conceitos para explicar o mundo.

No caso da magia, o campo de verdades é variável, diverso e mutável, um domínio onde muitas espécies convivem e se hibridizam através das memórias ancestrais. Aqui, não há instituições fixas, mas errantes vagalumes desterritorializados, que em seus corpos, carregam os saberes mágicos a serem dispersados. Desta forma, a religião se apresenta por meio da doutrina, a ciência se instaura através de verdades provisórias universais, já a magia reflete a variedade das subjetividades. Assim, cada um de nós carrega em si as próprias insígnias mágicas.

...

Mesmo dentro da literatura científica, as versões sobre a alimentação e a medicina variam em relação às teses e afirmações, apesar de adotarem métodos para a redução da incerteza, através da unicidade e universalidades dos experimentos de causa e efeito. Quando ampliamos a busca por saber para outras fontes alternativas de conhecimento, as narrativas sobre tais conceitos são ainda mais diversas. Em tais referências literárias, os motivos para adotar determinada alimentação sequer cita os termos científicos básicos, como carboidrato e proteínas: os conceitos são bastante distintos.

Durante este período da fuga, eu estou carnívoro. Quase toda a comunidade come carne, menos a mãe solteira do bando e meu companheiro amoroso. Os espirros e a secreção da rinite me acompanham na maior parte dos dias no paraíso. Realizei grandes mudanças higiênicas no meu habitat, que reduziram os danos, mas não foi o suficiente para deixar de sentir os efeitos da alergia. Meu companheiro conversa comigo sobre a alergia ao alho e à cebola, além da ingestão do sofrimento animal ao comer a carne do cadáver. Leio alguns textos sobre *ayurveda* e decido abdicar dos aliacéos e mergulhar no vegetarianismo. Entretanto, abro algumas concessões episódicas para a sedução dos mariscos, pois ainda sinto forte desejo e gosto dos sabores das memórias da carne.

Agora, busco renunciar a todo tipo de cadáver, mesmo quando sinto um forte desejo de os ingerir. Creio que, com o tempo, o desejo passa, mas, por enquanto, confronto esta decisão de vida com forte determinação, pois percebo que será desafiador para o meu fluxo de desejos orais, negar a sedução de um apetitoso cadáver. Os motivos para parar de comer carne, no meu caso, podem ser considerados espirituais, pois rejeito a ingestão da morte animal industrializada para saciar o apetite humano, independente dos diversos argumentos científicos sobre as consequências para a saúde por não se alimentar de proteína animal. Minha vida deixa de ser

tão importante quando faço esta escolha, pois nenhum animal precisa morrer para que eu viva: se eu morrer, não matei.

Parece trágico quando desafiamos as leis da ciência, mas encontramos o contrário na prática. Sinto-me mais saudável e disposto desde que parei de comer carne, alho e cebola. Os sintomas da rinite reduzem gradualmente.

...

Meu companheiro amoroso me convida para conhecer um bruxo, que lê a íris dos olhos para saber como está a saúde das pessoas. Através de pontos, manchas, linhas, anéis e outras expressões simbólicas destacadas em locais específicos da cartografia circular das íris, é capaz de diagnosticar os tipos de problemas e as regiões do corpo afetadas. Em geral, o bruxo iridólogo associa as enfermidades com a forma de pensar e agir do cliente, porém, através do mapa da íris, há casos de detecções de más-formações originadas desde o nascimento.

Este bruxo serviu por longos anos aos hospitais do presídio na função de médico, contudo, ao notar a necropolítica como prática carcerária, mesmo dentro das instituições de cura, decidiu se refugiar nas densas matas do litoral da Bahia, para exercer sua função de curandeiro alquímico, que vive em constante fluxo de pesquisa. Desde então, acolhe e acompanha o processo de cura de diversas pessoas, que habitam as localidades próximas à floresta em que vive. Desta forma, experimenta os efeitos de suas metodologias alquímicas em si mesmo, em seus cachorros e nas pessoas que atende, voluntariamente assistidas pelo errante cientista, que virou um curandeiro místico ermitão, que modifica a morada em decorrência da temporada. Como base dos seus métodos de cura, está a ingestão de alimentos limpos, bem como ar puro, pois são a principal via de intoxicação silenciosa. Assim, estabelece critérios do que é adequado ao humano comer. Primeiramente, alimentos e oxigênio sem venenos. Dos ingredientes culturalmente utilizados por humanos, sugere evitar as raízes e priorizar os grãos, frutos e legumes que crescem acima da terra. As folhas, porém, são rejeitadas como alimentos saudáveis, pois não digerimos a celulose. Diversas outras indicações são feitas, adequadas ao tratamento de cada indivíduo.

Ao chegar no belo sítio arborizado, onde mora o bruxo, somos recebidos por uma animada matilha. O bruxo caminha atrás dos seus amorosos cachorros e agradece a nossa visita. Entregamos-lhe algumas encomendas, que outros bruxos enviaram: ingredientes para porções alquímicas de cura e alguns alimentos nobres. Os olhos do bruxo brilham ao receber os pacotes.

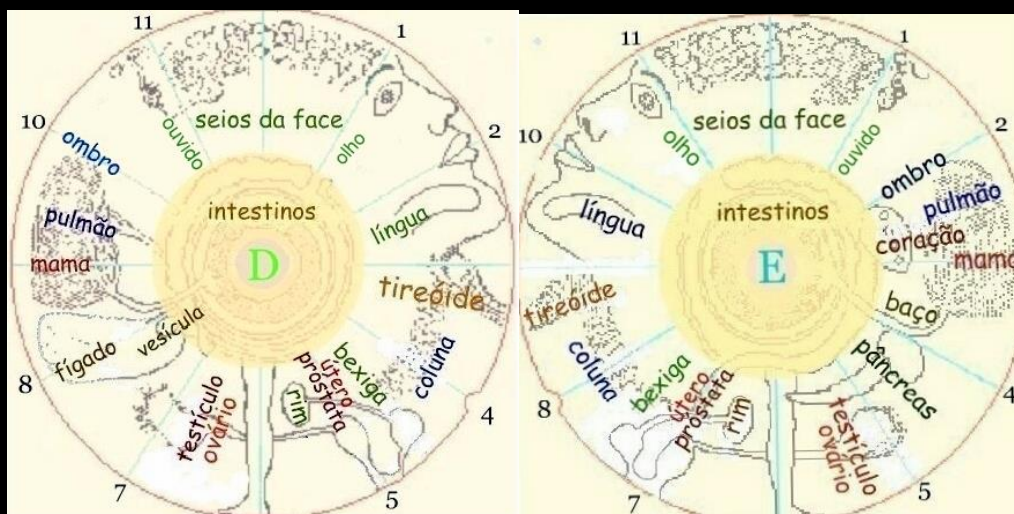
Ele nos convida para entrar na casa. Ao passar pela varanda ao lado da entrada, percebo que os cães comem carne bovina crua. Sinto-me chocado, pois imaginei que seu protocolo medicinal retira as carnes do cardápio, porém, em sua perspectiva, o cadáver pode ser comido cru. Não apenas pelos cães, pois existem alimentos carnívoros para humanos, que são considerados limpos em sua filosofia mágica-científica. Não me cabe julgar. Estou curioso para saber mais sobre seus métodos alquímicos.

Sorridente, por trás de uma longa barba prateada, que orna com a cabeleira grisalha de sua cabeça, o bruxo me pergunta qual a questão. Eu relato detalhadamente meu problema com a rinite, queixo-me dos sintomas e da condição de espirrar e secretar pelo nariz todos os dias. Ele gargalha e faz piada sobre meu depoimento: “É mesmo um sofredor, coitado” – continua a rir divertidamente. Ao se recompor dos efeitos de sua própria graça, responde que também já conviveu com a rinite e, nesta época, perguntava-se todos os dias, por que o humano é o único animal que acorda espirrando?

Pedi para que eu me levantasse para olhar minhas íris com uma lupa e uma lanterna na cabeça, além dos óculos de grau, que usa para conseguir enxergar o que está próximo aos olhos. Encantado, o bruxo examina a minha íris direita primeiro: “Que linda, limpinha, esse aqui nasceu em berço de ouro, comeu orgânicos desde criança” - diz. Neste momento, lembrei da quantidade de porcarias que comi infância, mas, de fato, desde jovem, busco uma alimentação mais saudável a partir do que aprendo no caminho. O bruxo continua: “Parece uma flor, dá pra ver as pétalas direitinho. Que lindo! A cor da íris é dourada. Olha! Consegue ver?” – Referindo-se à observação do meu companheiro amoroso, afinal, não havia um espelho em minha frente, apenas o rosto do bruxo por trás da luz e da lupa projetadas sobre meus olhos. “Essa cor é por causa do lipocromo. Seu olho é âmbar, num tom bastante escuro” – afirma o bruxo. Esta informação me surpreende, pois apesar de algumas pessoas já terem me relatado a percepção de que o meu olho é cor de mel (cor relativa ao âmbar na linguagem brasileira sobre as tonalidades das íris), sempre o considerei castanho escuro.

O bruxo iridólogo termina de me examinar e relata que eu tenho um modelo de íris saudável, mas que encontrou uma linha, como uma veia saltada na íris do olho esquerdo, na posição do relógio que marca 4 horas e 20 minutos. Ele associa à rinite, mas atenta a possibilidade de problemas no baço, pois é o órgão que reflete neste local da cartografia iridológica. Como tratamento, receita porções homeopáticas e o conselho de seguir uma dieta limpa, segundo seu protocolo alimentar. Nada cobra em retorno pela consulta. Agradecido, volto para o refúgio ao lado do meu companheiro amoroso.

Figura 74 - Mapa da íris – iridologia



Fonte: Luiz Meira [20-?].

Numa conversa com os outros vegetarianos do bando sobre os desafios de temperar sem alho e cebola, a mãe solteira diz que para ela é normal, pois seus pais não comem por razões espirituais. Além disso, relata que nada lhe parece desafiador em relação à renúncia de determinados alimentos, diante da referência de seu próprio irmão sanguíneo, que parou de comer há mais de oito anos. Ele apenas ingere comida socialmente, algumas vezes ao ano, mas é pouca quantidade e sem o intuito de se alimentar da matéria, mas da energia daquela experiência. Na maior parte dos dias do ano, ele vive de luz, precisa beber pouca água e necessita dormir apenas quatro horas por noite. Parece-me um feito surreal, mas que é real, pois o fato é confirmado por outros entes da família. Passo a desconfiar ainda mais da realidade construída pelos regimes de verdade científicos, que corroem meus sistemas de crenças. Sinto-me intrigado com a notícia, afinal, se alguém tão próximo vive sem comer, renunciar a ingestão de cadáveres é um gesto irrisório diante deste feito orgânico. Ela me explica que várias outras pessoas vivem assim ao redor do mundo e que existe uma comunidade em Minas Gerais que realiza a iniciação para o “viver de luz”: o Portal Parvarti, local onde seu irmão fez o retiro de 21 dias, antes de seguir a vida sem comer.

Não nego espanto e desconfiança em relação ao fato relatado. Sinto, porém, uma curiosidade imensa de vivenciar tal experiência. É maravilhoso encontrar referências de pessoas que praticam a busca que iniciamos. Esta comparsa do bando e meu companheiro amoroso conheciam e praticavam disciplinarmente algumas das filosofias indianas. Falam vários nomes, que pouco sei a respeito, mas compreendo serem conceitos e representações antropomórficas sobre os processos da realidade da vida: é um conjunto de ideias, que escapam às referências

das ciências eurocêntricas. Tais afirmações místicas, vindas do oriente, fazem sentido para mim no momento, mesmo quando narradas em meio às alegorias fantásticas. Alguns ditos, porém, chegam em formas adequadas à cientificidade. Contudo, ao confrontar tais afirmações como expressões da verdade, percebo que, por meio da geração de desconfiança sobre os fatos e métodos mágicos relatados, a programação científica age de modo sutil no meu corpo, regada por uma aversão às crenças religiosas devido à violenta colonização cristã. Mesmo quando há sentido na afirmação, ou vivo a prática da teoria, suspeito da informação que está fora da programação. Um choque que conflita as discordantes verdades acolhidas.

A única forma de saber se é, de fato, verdade, é experimentar tais metodologias em meu próprio corpo até que me seja inaceitável alegar ignorância. Também posso coletar informações através do máximo de corpos que testaram tais práticas, entretanto, se apenas colho os relatos da alteridade, as metodologias serão inacessíveis ao campo da minha própria experiência. Caso eu rejeite a prática do método, resta-me observar as memórias discorridas ou o corpo alheio durante o ato místico. Olhar a ação das pessoas, com meus próprios olhos, está dentro da programação do “ver para crer”. Contudo, posso ser ludibriado por uma atuação fraudulenta e fracassar ao realizar o experimento. Se a ciência estiver realmente certa sobre tudo o que diz e a dissidente tecnologia mágica falhar, como consequência, posso morrer ou sofrer outros danos. No caso da alimentação, por exemplo, a ciência considera que falecemos após cinco dias sem água. Mesmo o jejum de 21 dias do método “viver de luz”, então, contradiz diversas leis e teorias implantadas pelas instituições científicas, sem deixar de apresentar um método (quase) único e universal, que apresenta diversos relatos dos efeitos deste experimento com o corpo. Digo quase, pois, em cada caso subjetivo, há variação de fatores, porém, há fundamentos constantes para realizar a operação, como a renúncia de ingestão de água nos sete dias da primeira semana, e de sólidos, durante todo o processo.

A comparsa do bando, irmã do ser que vive de luz, narra a história da morte de uma pessoa que tentou fazer o jejum em condições desfavoráveis, mas considera que, em geral, assim como seu irmão, as pessoas sobrevivem e sentem os efeitos positivos da experiência.

...

Por meio de um belo artifício do destino, meu companheiro amoroso me convida para ir à Minas Gerais para lhe acompanhar numa missão que pouco sei a respeito, mas se trata de uma odisséia para visitar o refúgio do irmão do dissidente inglês, que se firmou em terras longínquas, entre montanhas desconhecidas. Dois marinheiros planejam a viagem, após um

encontro fortuito numa comunidade de cura espiritual. Um deles é um inglês de 50 anos, bonito e rico, mas sofre com as dores do enrijecimento muscular e dos sentimentos intensos. Contudo, esforça-se, com ardor, para ser sempre gentil e agradável. O outro marinheiro, meu companheiro amoroso, é ator, mas possui um currículo diverso. Tão diverso que nem saberia relatar com precisão. Sei que, em meio ao trabalho estressante e compulsivo numa megalópole, decidi doar todos os bens e se tornar monge. Por cinco anos, viveu em Figueira, fundada por Trigueirinho, ex-cineasta baiano. Quando meu companheiro amoroso desistiu do monastério, voltou ao mundo tradicional carregado dos aprendizados que esta fonte lhe ofertou.

Dormimos algumas noites em hotéis de beira de estrada, elegidos pelo conforto e elegância dos critérios ingleses. Durante as longas viagens, observo os diálogos dos dois pilotos sobre o projeto que os motiva a realizar essa viagem. Além de visitar o refúgio do irmão do piloto inglês, visitaremos comunidades de dissidentes, que escolheram as florestas para se abrigar. A busca desta viagem é entender como estes bandos se organizam, quais os desafios e soluções que encontraram para a construção e gestão de uma comunidade.

...

Eu não sabia, por algum motivo, não fui informado e sequer questioneei, mas o primeiro destino do caminho é o Portal Parvati. Este é o local onde as pessoas realizam a iniciação do “viver de luz”, através do jejum de 21 dias.

Chegamos a uma charmosa cidade dhistórica. É interessante como eu não compreendo o que está para acontecer, mas estou entregue ao fluxo da viagem. Confio e sigo aos encontros com pouco desejo de falar. É um dia quente e ensolarado, estamos na sombra de uma árvore florida esperando a chegada dos anfitriões. Logo, chegam dois irmãos muito sorridentes, com os olhos brilhantes e um sorriso extasiado como o de quem acaba de gargalhar. Após apertos de mãos e abraços de apresentação, uma conversa frenética se desenrola em inglês. Os pilotos estavam ansiosos para falar, assim como os anfitriões. Eu apenas sorri e prestei atenção no que é dito. Um dos anfitriões assumiu a fala e contou sobre o seu projeto de documentário, que aborda o consumo de leite⁷.

O diálogo se estende por alguns minutos, mas diante do calor, decidimos seguir para o refúgio. Aqui é um ponto de encontro, mas há mais chão para caminhar. Seguimos por uma estrada na beira de um rio, repleto de pastos de vacas na paisagem. A vista é verde e bucólica,

⁷ MUCO. Direção: Oberom Aum. Documentário longa-metragem. Maha comunicações, 202-?.

mas o cultivo do gado confinado se destaca, no lugar das florestas, agora, devastadas. Apesar das tristezas que este cenário expressa, considero o lugar lindo.

Chegamos numa grande casa, dentro de um sítio. Subimos uma escada e chegamos a um belo jardim gramado, que conecta a cozinha a uma sala de visitas. Caminhamos em direção a esta sala e vemos várias meninas trabalhando na cozinha. São algumas das filhas de um casal que soma dez filhos, entre homens cis e mulheres cis. A última a nascer tem menos de dez anos e veio ao mundo por meio de um parto normal, após os cinquenta anos da bela e jovial gestante. Chegamos a esta sala e nos acomodamos em cadeiras e sofás acolchoados, ao redor da horta e dos jardins bem cuidados. É uma construção simples, porém refinada: todas as etapas da obra estão completas, a parede está recém pintada, a madeira e o vidro das portas e janelas com aparência de novos, alguns vidros de para-brisas de carro são instalados nas paredes para aumentar a luminosidade e os pontos de vista da sala de visitas. O ambiente está limpo, iluminado e ventilado, o que ameniza a sensação de calor.

Nosso anfitrião compartilha suas demandas da viagem para a Índia, que realizará hoje à noite, com o objetivo de filmar entrevistas para seu documentário sobre o leite. Fico impressionado com a gentileza desta pessoa, que, junto com seu irmão, caminharam quilômetros para nos buscar, na véspera de uma importante viagem para o outro lado do planeta. É impressionante a receptividade destes ilustres desconhecidos.

Após a gentil explicação sobre a impossibilidade de permanecer conosco, o jovem anfitrião apresenta sua sorridente mãe como a pessoa ideal para conversarmos sobre os assuntos do projeto que os dois pilotos capitaneavam, pois eu apenas decidi os acompanhar nessa jornada, sem saber o que esperar. Não sei como será a abordagem, sequer pensei sobre temas para conversar e pouco conheço sobre o local que visito, mas me lembro das conversas que tive com minha comparsa do bando, que tem um irmão que vive de luz há mais de oito anos. A ideia de parar de comer me atizou, mas me mantive em silêncio profundo, enquanto ouvia o diálogo, as perguntas e respostas. O piloto inglês não sabe falar português, fala um pouco de espanhol, mas prefere sempre conversar em inglês. Por este motivo, alegrou-se quando a bruxa matriarca-anfitriã respondeu que é capaz de falar em inglês, pois morou alguns anos na Inglaterra, antes de decidir viver no mato. Com belo sotaque, fluência e amplo vocabulário, discorreu com muita sabedoria sobre os diversos questionamentos.

Além das familiares práticas de jejum, a bruxa-matriarca relata que viveram, durante alguns anos, a base de uma dieta de líquidos, mas atualmente sua família, cotidianamente, pratica o veganismo com alimentos sólido inclusos. Entretanto, caso ocorra um momento em que, por ventura, comam algum alimento (ovo lacto) vegetariano, não cultivam a culpa ou

observam a experiência como um problema, seguem adiante em busca da coerência entre as práticas e os princípios filosóficos, em paz diante dos fracassos, mas com a volição de continuar a caminhada com firme determinação. Creio serem episódios raros, se ocorrerem com todos os entes, pois através da experiência de jejum, são capazes de resistir ao desejo sensual de um alimento, que contém ingredientes de origem animal. O mesmo gesto de renúncia ao desejo sensual apetitoso ocorre para os (ovo lacto)vegetarianos, que rejeitam os pratos com pedaços do bicho morto e esquartejado. Alimentar-se de forma vegana é um grande desafio, pois restringe as possibilidades de alimentos nos rituais de integração social: laticínios e ovos são a base de muitas receitas, se retirarmos o açúcar, o trigo, a soja e os aliáceos, as possibilidades são ainda mais raras.

Seja por motivos éticos ou de saúde pessoal, com o passar do tempo, porém, a escolha firmada naturaliza o ato de recusar a sedução dos alimentos, que utilizam ingredientes que estão fora do espectro de possibilidades de ingestão. Antes, as batalhas travadas entre o desejo e a razão, habitua-se ao confronto, que cessa em paz. No entanto, é formidável adotar a ideia de se libertar da culpa, caso fracasse no caminho para ser coerente em relação ao que pensa e pratica, pois este é um motivo que faz muitos abandonarem a busca para modificar os hábitos alimentares, já que passam a se considerar incapazes de resistir ao desejo carnal. Tampouco, nossa anfitriã-matriarca defende a intervenção violenta sobre às práticas alheias.

As práticas de jejum no portal restringem ainda mais o conceito de alimentação, pois permite a ingestão de líquidos somente após os sete primeiros dias da experiência. Quando o alimento chega, é na forma de sucos de frutas diluídas em água, com as proporções da mistura progressivamente adensadas. Obviamente, sem açúcar.

As respostas da bruxa matriarca, por vezes, destoam dos pensamentos e soluções trazidas pelos pilotos. Como no caso da proposta do piloto inglês, que sugere a necessidade de as comunidades adotarem um conselho formado pelos anciões, para orientar as tomadas de decisão coletivas. Ela, em resposta, narra a história do debate comunitário para decidir se a escola deve servir bolo vegetariano (com ovos e leite) ou vegano. A discussão acalorada entre os adultos, permaneceu em discordância até que uma criança vegetariana declarou que, se o bolo vegano pode ser comido por todos e o vegetariano não, então, é melhor que os bolos sejam veganos, pois todos os alunos são incluídos. Esta afirmação, que parece óbvia para resolver o problema, entretanto, só alcançou um consenso pacífico entre os adultos, após a interferência da sabedoria infantil. A bruxa matriarca relata que as pessoas da comunidade, por fraternidade e respeito à sua história, pedem conselhos e ela fala o que pensa. Porém, prefere se distanciar da gestão comunitária, pois a comunidade encontrou formas de organização que ela nem sempre

concorda, mas respeita e não busca controlar a existência, seja o movimento positivo ou negativo. Afinal, já é bastante demanda cuidar de um lar, que pariu dez filhos, e de uma hospedaria para a realização de um retiro tão poderoso.

Permaneço absorto em suas palavras, há ali tantas respostas simples, ao lado de profundas provocações ao que creio ser Eu. Ouço cada frase com atenção plena, mas sou incapaz de formular um comentário ou mesmo uma pergunta, pois enquanto ouço novas palavras ainda sinto ressoarem as antepassadas. No final do diálogo de mais de uma hora, impressionada, ela olhou nos meus olhos e comentou que eu não falei nenhuma palavra. Os dois pilotos olharam para mim e, num instante, retive toda a atenção do ambiente para o meu corpo. Precisei sair do estado de afogamento em meus pensamentos subsequentes àquela conversa, para pronunciar alguma ideia. Com o corpo afundado nas almofadas do sofá, sentia-me numa forma de observação privada do mundo, como uma mosca que apenas assiste aos atos no ambiente em que navega. Sabia da probabilidade de eu precisar falar, mesmo sem haver um impulso desejante dentro de mim. Balbuciei pedaços de algumas palavras, que emiti constrangido, enquanto limpava a garganta para que a voz saísse sem interrupções. Logo, para reverter aquela situação, lancei uma pergunta de volta para ela: questionei sobre a experiência do jejum de 21 dias. Ela explicou todo o método. Mais uma vez questionei: “e depois?” Ela respondeu: “a pessoa leva a experiência para a vida.” Perguntei: “mas ela para de comer?” Nesta hora, nosso gentil anfitrião que viajará para Índia, chegou e se juntou ao coro da resposta: “Não, a pessoa continua comendo, talvez, menos.” Narrei, então, a história do irmão de uma comparsa e ela, sem duvidar, concordou com a veracidade do caso, mas sublinhou que estima que apenas 1% das pessoas param de comer após o processo de iniciação, pois este não é o principal motivo para o realizar. Minha cabeça está confusa, mas agradecida. Muitas crenças foram movidas em tão pouco tempo.

...

O almoço fica pronto e nos convidam para comer. Nosso anfitrião novamente partiu para resolver afazeres da viagem. Sentamos numa grande mesa. Todos comeram, menos a matriarca. Um delicioso banquete vegano foi preparada por suas simpáticas filhas, que tecem divertidos comentários durante o almoço.

A matriarca narrou que descobriu o método do viver de luz, num livro de Jasmuheen⁸. Na época que realizou a primeira experiência, disse que meditava no jardim e encontrava minutos de paz, mas quando voltava para casa e encontrava a pia cheia de pratos e panelas sujas, o estresse a dominava outra vez. Trancou-se num quarto e pediu para o marido conferir se ela estava bem diariamente, através de um aceno positivo com as mãos, pois além do jejum de líquidos e alimentos, exercitou o jejum de palavras. Quando saiu, após os 21 dias, encontrou a pia suja mais uma vez. Olhou e pensou: “Tudo bem, vou lavar.” Quando os filhos e o marido a viram lavando os pratos alegre, todos quiseram fazer o jejum. O quarto se tornou o primeiro local para receber os amigos que queriam realizar o retiro. Contudo, não era um trabalho que gerava renda e ter muitos filhos a preocupava em relação ao sustento, diante das dificuldades financeiras que viveram. Ela diz ter orado em busca de uma solução e que a resposta apresentada foi conseguir construir o Portal para acolher as pessoas que desejam uma estrutura para realizar o jejum, em troca de um pagamento justo, semelhante a outras hospedarias com construções similares, mas com o benefício de estar inserido numa rede de cuidados para facilitar a experiência do “viver de luz”.

O bruxo patriarca relata que passa várias horas do dia meditando, pois considera a melhor coisa do mundo. Ele é engraçado, é careca e possui uma longa barba branca, que orna com a sua sorridente expressão. Professor na comunidade em que vive, em suas dhistórias, relata como é compreensível com as necessidades dos jovens alunos, mas que consegue negociar as dissidências diante das exigências da instituição. Ele comenta sobre a autobiografia de Yogananda⁹ e de como este livro mudou sua perspectiva sobre a realidade. Relatou que também vêm de uma formação filosófica científica, mas que Yogananda, através dos saberes ancestrais registrados neste livro, conseguiu transformar seu conjunto de crenças e os regimes de verdade, que, por consequência, o faz experimentar uma vida melhor, uma realidade mais amena. Tanto Yogananda, como Jasmuheen, são referências novas para mim, mas meu companheiro amoroso já as conhecia. Não tinha como anotar, então, memorizei o nome de ambos os autores citados na mesa do almoço, após ser corrigido ao pronunciar de forma equivocada.

Após o delicioso almoço, recebemos as chaves do nosso abrigo. Não é na mesma casa da família, mas num sítio a cerca de 1km de distância. É um lugar lindo, com um belo jardim, repleto de grandes árvores, onde um fino riacho de águas cristalinas risca o chão. A casa é

⁸ JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

⁹ YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013.

rústica, mas está reformada e arrumada para nos receber, com camas e cobertores grossos. O dia é quente, mas a noite esfria. Descarregamos a bagagem necessária, tomamos um banho quente e deitamos para descansar.

...

Horas mais tarde, nosso anfitrião, que viajará para a Índia hoje à noite, chega para nos visitar e convidar para conhecer sua casa construída há poucos anos. Aceitamos a proposta e o seguimos pela estrada. Subimos a montanha, quase até o topo. No caminho de terra, muitos pastos entre as florestas, até que uma densa mata de eucaliptos inunda a paisagem. Aqui, o terreno é mais íngreme e exige do carro um esforço pouco conhecido no asfalto. Ao final do caminho dos eucaliptos, chegamos numa porteira de madeira. Paramos os carros, nosso anfitrião abriu a passagem e estacionamos ao lado da casa. Quando descemos dos carros, ele lembrou que esqueceu a chave de casa. Olhamos por fora, através dos imensos vidros. A casa é uma bioconstrução de barro muito linda, dentro é possível ver o fino minimalismo de um iogui moderno.

Seguimos para o pomar, onde havia uma plantação de tomate descontrolada, que crescia sem qualquer cuidado. Cada um colhe um tomate maduro e o degusta enquanto admiram a paisagem. Nosso anfitrião relata que a incipiente floresta, que brota nos últimos metros em direção ao topo da montanha, estava completamente devastada para o cultivo de gado em pasto. Após a aquisição do terreno por outra pessoa, a terra foi deixada em descanso e a natureza fez o trabalho de reflorestamento sem a necessidade da intervenção dos humanos. Algo semelhante ocorreu com sua plantação de tomates: o solo estava degradado devido aos anos de pastagem. Um consultor aconselhou cobrir a terra com uma lona por alguns meses. Quando retirou a cobertura plástica, fez o plantio de tomate e cobriu a terra com matéria vegetal seca e triturada. Desde então, colhe muitos frutos sem precisar se dedicar ao manejo. Os próprios sistemas da natureza se encarregaram de reativar a vida nos locais degradados. A cobertura da terra com a lona é como proteger uma ferida exposta com um curativo industrializado temporário. A mesma cobertura pode ser feita com materiais orgânicos, mas neste caso, foi mais simples, prático e acessível usar plástico e depois o retirar. Este método é uma tecnologia biomimética, pois imita os processos da natureza: a cobertura vegetal da superfície da terra para obter um ambiente propício ao cultivo das vidas responsáveis por produzir um solo fértil, como os micróbios, fungos, bactérias e insetos. Com a lona, a luz do sol não consegue transpassar, por este motivo, plantas não nascem, mas uma ampla e variada sociedade é cultivada na escuridão. Com o

crescimento das plantas, as folhas sombreiam o solo, o que permite a transformação da matéria orgânica em nutrientes. A lona simula esta cobertura vegetal de plantas e folhas, mas é apenas uma etapa do processo, já que um solo saudável, aqui, apresenta árvores e raízes profundas.

Belas e grandes maritacas revoam e pousam no telhado da casa. Admiro a beleza dos pássaros, mas, até mesmo o pacífico anfitrião, em tom risonho, relata os incômodos de compartilhar o lar com estas aves, pois além de barulhentas, invadem a casa para pegar comida e, com os bicos, são capazes de destruir telas de proteção, instaladas para impedir tal invasão bárbara.

O sol anuncia os últimos raios de luz, é hora de ir para o encontro da noite no Portal. Chegamos à casa da bruxa matriarca, que estava muito bem disposta e sorridente. Vestida com uma roupa toda branca, exala um agradável perfume de flores. Caminhamos a pé em direção ao portal. Na saída de casa, o coaxar de uma orquestra de sapos-martelo soa alto, um som que se confunde com uma obra humana. O jovem bruxo anfitrião que viajará para a Índia é quem me explica a origem deste som bizarro, que eu já suspeitava ser de um animal, devido ao local da fonte sonora, que mapeio na escuridão. Contudo, é animador confirmar que se trata de uma forma de sedução de um réptil macho que busca o acasalamento.

...

O caminho é iluminado por grandes postes espaçados, que mantêm um clima de penumbra, mas sem a necessidade de usarmos lanternas. Foi uma breve e divertida caminhada por uma estrada que abriga várias fazendas, ao lado de pequenos sítios, até adentramos no Portal. As primeiras construções revelam uma arquitetura que traz a sensação de ser aqui, a morada de duendes e fadas. Entre os caminhos de jardins, vários quartos abrigam as pessoas em retiro. Neste horário, todos se encontram num grande salão dentro de uma cúpula, plenamente circular e com a abóboda semiesférica, que apresenta a forma de um espaço hiperbólico, como a retina do olho. Muitos vidros na parede e madeiras na estrutura deixam o ambiente leve e agradável. Vários assentos de Yoga estão dispostos num círculo com velas a frente de cada pessoa que senta.

Sou um observador que está fora do processo, as outras pessoas, porém, relatam o dia do jejum e como está a experiência. Para minha surpresa, ouvi poucas queixas, mas haviam alguns tons que aparentavam desânimo. Após o relato individual de todos que estavam ali para o retiro de 21 dias, a bruxa-matriarca contou uma dhistória:

O jejum não precisa ser uma experiência penosa. Pode ser leve e alegre. Há alguns anos, uma psicóloga me ligou e falou de uma paciente com anorexia que ela gostaria que fizesse o retiro de 21 dias. Ela me pediu ajuda para convencer sua paciente a fazer o processo, mas, em resposta, disse que não posso convencer ninguém a fazer o processo, pois deve ser uma escolha da pessoa que se submete ao método. A psicóloga, ainda com fé de que este retiro pode ser a solução para sua paciente, pergunta o que ela pode fazer para apresentar mais informações sobre o processo. Recomendo o livro de Jasmuheen e desligamos.

Meses mais tarde, sua paciente me liga dizendo que leu o livro e que quer fazer o retiro. Ela marca a data e chega no dia acordado. Esta era uma pessoa ranzinza, que por nenhum motivo, dispara desaforos nos demais. Quando, sem querer, interrompi sua meditação, saí do quarto enxotada por desaforos sobre os danos da minha inconveniência por ter interrompido aquele momento de paz que ela, finalmente, havia alcançado após muito labor. Com pedidos de perdão e tentativas de justificar minha visita para saber se ela estava bem, saí às pressas de sua vista.

No dia seguinte, uma das pessoas que faziam o retiro relatou de modo animado suas experiências mágicas na floresta, quando caminhava e uma borboleta pousou em sua mão e virou uma fada, que falou com ele. Seus dias de jejum eram felizes e expandiram sua percepção para vivenciar uma realidade fantástica.

A mulher, que sofria de anorexia, esbravejou ofensas sobre o relato do seu companheiro de retiro, pois o considerou um idiota. Intervi na situação e combinamos de cada um cuidar apenas de sua própria vida nos dias seguintes. O retiro terminou e a paciente da psicóloga partiu ainda em fúria, descontente com a experiência, a vida e todos que cruzam seu caminho. Então, sumiu. Refleti sobre o fracasso do método em sua experiência, pois em geral, assistia o progresso do bem-estar de todos que ali passaram.

Anos mais tarde, a mulher enfurecida liga para agendar um segundo retiro. Relatou que na primeira vez, sua rígida casca permaneceu, mas uma pequena parte se quebrou e, por esta fresta, ela pôde perceber um mundo melhor afora da sua carapaça de defesa. Desta vez, afirmou que gostaria de ver fadas. O único pedido foi realizar o jejum em silêncio. Consentiu e apenas a visitava rapidamente para, por meio de trocas de expressões gestuais, saber se ela estava bem. No meio da experiência, pediu para que eu comprasse um biquini para tomar sol. Banhou-se da luz sorridente, na pose de uma bela borboleta que deixou o casulo. Em seu último dia de retiro, todos da família queriam conhecer essa pessoa que se transmutou de uma forma tão drástica por meio do processo de 21 dias. Foi o meu primeiro contato com uma pessoa que repetiu o jejum. Não havia pensado nesta possibilidade por se tratar de uma iniciação. A partir deste dia, em sequência, os entes da família decidiram realizar o processo outra vez.

Após a contação da história, meditamos por alguns minutos. Percebo que não consigo parar meu corpo, minhas costas doem, mesmo recostadas no apoio do assento, meu rosto coça, sinto os pés formigarem. À minha frente, a bruxa-matriarca e seu filho meditam tranquilos, sem se mover. Após os breves minutos, que soaram uma eternidade, apagamos as velas com os dedos e seguidos de volta para a casa da família de bruxos.

Ao sairmos, um jovem afeminado, que está em seu último dia de retiro, agradece nossa presença e relata a felicidade que sente em poder compartilhar sua experiência conosco. Após uma breve conversa repleta de gentilezas, despedimo-nos com abraços e seguimos de volta à casa da família de bruxos.

...

Durante o jantar, conheço um pouco mais do simpático jovem bruxo que nos buscou, ao lado do irmão que viajará para a Índia, quando chegamos na cidade mais próxima. Percebo que ele falou menos durante esses dias, pois ainda se sente inseguro ao falar inglês, apesar de se comunicar bem. Neste momento, tivemos a oportunidade de conversar em português, pois o piloto inglês estava entretido em outro diálogo. Empolgado, ele narra seus desejos nômades de caminhar pelas praias do Nordeste, além das peripécias que é capaz de realizar por meio da prática de yoga acrobática. Este jovem bruxo estampa em seu rosto, expressões de uma felicidade quase ingênua, pois, ainda que consiga viver de forma leve, está consciente dos problemas do mundo e das árduas buscas dos caminhos santos, que, há anos, esta família trilha em bando.

Em meio à conversa, pergunto sobre as sensações ao voltar a comer depois do jejum; se é necessário fazer um retorno progressivo. Eles comentam que é possível comer o que desejar após o *processo de 21 dias*, mas analisam os efeitos da retenção de líquidos quando ocorre a ingestão de muito sal logo após o jejum, porém ressaltam que nem todos sentem, como é o próprio caso dele e da mãe.

Sentados ao redor da mesa, o jantar é servido e, mais uma vez, a bruxa matriarca renuncia a comida. Pergunto-a se a pessoa passa mal com a abstinência. Ela responde que percebe que as pessoas programam as dores e as náuseas da experiência, mas ocorre o contrário, pois muitos sentem um prazer divino, que lhes fazem entrar em contato com a magia mística da natureza. Ela continua:

As afirmações mentais são muito importantes para o estabelecimento do programa, pois a pessoa precisa reprogramar o inconsciente através da razão. No lugar de pensar que sente dor de cabeça quando renuncia uma refeição, a pessoa deve pensar que sentia tais sintomas, mas não sente mais. Caso de fato sinta tais incômodos, sugiro pensar que vai passar.

A bruxa matriarca relata que algumas pessoas fumam vários cigarros consecutivos antes de iniciar o retiro, outros comem carnes e outras guloseimas, mas assim que adentram o portal, renunciam tais ingestões orais. Ela reflete por um breve momento, mas logo, volta a falar sobre sua crença de que a falta de água é uma condição tão intensa para a programação do corpo, que as demais ausências se tornam pequenas, como remédios, açúcar e cigarros. Contudo, destaca o caso de um visitante bipolar, alto e forte, que teve um ataque de fúria difícil de conter. Assustou a todos no Portal e foram os filhos e o marido que conseguiram conter o enfurecido

titã. Medicado e encaminhado para um local de cuidados adequados, este transtorno foi o único que causou um trauma nela em receber bipolares, pois a ingestão dos remédios também deve ser interrompida durante o jejum e, por efeito, uma crise maníaca explodir. Entretanto, ela relata que recebeu pessoas com diversas outras doenças graves, como câncer, depressão e anorexia, por exemplo. Além das pessoas adoecidas, a bruxa matriarca ressalta que muitos dos visitantes, que chegam para realizar o retiro no Portal, são meditadores, ioguis e praticantes de outras técnicas espiritualizadas, afinal, o processo é um meio de realinhar os campos de energia do corpo para “permitir a descida do Eu superior e a consequente Ascensão do indivíduo.”¹⁰

A bruxa matriarca recomenda o livro de Jasmuheen como referência fundamental para adentrar o Portal, onde respeitam os princípios estabelecidos pela autora. Entretanto, diante da longa experiência prática e das demais literaturas sobre o tema, os cuidadores do local desenvolveram suas próprias adaptações metodológicas para facilitar o processo de jejum de 21 dias. Ao longo do tempo, acumularam uma imensa amostragem de pessoas que realizaram o método “viver de luz”, assistidos pela bruxa matriarca, sua família e a equipe de apoio. Pois, além da experiência em seu próprio corpo e dos seus familiares, há muitos anos, acompanha o processo de vários visitantes do Portal, oriundos de diversos lugares.

Esta fórmula alquímica é conhecida desde a bíblia, pois Jesus realizou um jejum de 21 dias e depois outro de 40 dias no deserto. Anteriormente, Sidarta Gautama, conhecido como Buda, sentou-se abaixo da copa de uma árvore e meditou por longos dias em jejum. Antes dele, seus mestres o fizeram. Na virada do século XXI, Jasmuheen publicou um livro sobre um método de jejum, no qual “as mensagens originais relativas a esse processo foram transmitidas mediunicamente pelos Mestres Ascensos... como um processo que leva à Ascensão.”¹¹

Contudo, esta pesquisa de “reprogramação para superar a consciência da comida”¹², junto com as crenças limitantes que envolvem tal regime de verdade, “resultam nitidamente das influências recebidas pela autora tanto a nível dos autores espirituais como da orientação interna advinda de canalizações de mensagens dos mestres ascensos.”¹³

A história desse processo em particular começou no final de 1992 em Byron Bay, New South Wales, Austrália. Naquela época, uma série de fitas cassete estavam empolgando as comunidades “Nova Era” da Austrália. Eram chamadas de fitas da Ascensão e chegaram pelas mãos de um norte-americano chamado Eric Kliene. Mais tarde fiquei sabendo que a criação e distribuição dessas fitas foi organizada pelos

¹⁰ JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000, p. 67.

¹¹ *Ibid.*, p. 114/115.

¹² *Ibid.*, p. 86.

¹³ SHANNON, Sandra Garabedian *apud* JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000, p. 4.

Poderes Superiores para estimular um despertar em massa dos Trabalhadores da Luz.¹⁴

[...]

No início de 1993, recebemos a notícia de que uma mulher tinha ascendido em Byron Bay! Logo depois seu marido apareceu e falou para um pequeno grupo como o fato tinha ocorrido. Parece que ela era vidente há muito tempo e tinha começado a receber mensagens telepáticas dos Mestres Ascensos sobre um processo específico que elevava rápida e permanentemente a frequência vibratória de um ser. Os campos de energia de seu corpo seriam realinhados para permitir a descida do Eu Superior e a conseqüente Ascensão do indivíduo.¹⁵

Desta forma, apesar de revisitar uma receita ancestral e abarcar diversas referências, Jasmuheen traz o seu próprio olhar sobre a experiência e um estilo próprio de preparação e execução do processo: os tipos de sucos, os hábitos durante o processo, entre outros detalhes da fórmula alquímica. A partir da metodologia proposta pela autora, as pessoas adaptam e aplicam a receita a partir das condições de sua própria realidade. Assim, alguns realizam o *processo de 21 dias* em suas casas, em meio à rotina familiar, pois lhes é inacessível uma viagem de isolamento social para uma hospedaria paradisíaca. Foi o próprio caso da bruxa matriarca, que se trancou num quarto da casa para realizar o processo em isolamento, mas há também o relato, no documentário “A transição”¹⁶, de uma mãe que continuou a cuidar dos afazeres familiares durante o jejum.

A bruxa matriarca relata que algumas pessoas a questionam: como ela sabe que o método não vai dar errado, como ela sabe sobre tais coisas, onde aprendeu? Ela responde que é da experiência dela e do que leu e viveu até então, mas que realmente não sabe se vai dar certo. Um destes questionadores incitou uma discussão calorosa entre os visitantes, que realizavam o retiro no Portal. Ela narra a recordação de ter interrompido repentinamente a vozaria, sentindo-se confusa e atordoada, emitiu ruídos por meio de sua boca, que lhe soaram indecifráveis. Contudo, após suas palavras ecoarem na roda de conversa, um profundo silêncio se estabeleceu e os principais pivôs da discussão começaram a agradecer por seus ditos. Quando perguntou aos demais presentes se haviam compreendido o que ela vocalizou, todos afirmaram que sim e que eram mensagens perfeitas para o que precisavam no momento. Devido às experiências como esta, a bruxa matriarca afirma que se considerar um instrumento, que medeia uma inteligência superior externa ao seu corpo.

¹⁴ *Ibid.*, p. 66.

¹⁵ *Ibid.*, p. 67.

¹⁶ A TRANSIÇÃO. Direção: Juliano Grafite. Brasil: Ganesh Filmes, 2014. Documentário (85 min), digital, son., color.

...

O jovem bruxo anfitrião, que viajará para a Índia em poucas horas, senta e come uma pequena porção do arroz com legumes. Sente-se um tanto ansioso com a longa jornada que o espera. Já está pronto para partir, mas dedica alguns minutos para comer e se despedir com calma. Ele nos contou sobre seus dois livros¹⁷, que relatam suas aventuras em terras estrangeiras. São muitas andanças, por muitos lugares, numa intensa busca para conhecer as manifestações do sagrado na Terra. Em muitos momentos, navegou com pouco dinheiro, junto à opção de trilhar alguns caminhos sem ingerir alimentos sólidos ou líquidos. Às vezes, como no caminho de Santiago, em pleno inverno europeu, alternou entre um dia de “seco” e um dia de líquidos. Como narra Yogananda em suas aventuras, a crença profunda na providência divina ocasionou milagres que o presenteou com fluxos de abundância no lugar da escassez. Soluções eram postas como ofertas de fé de que existe uma proteção divina que experienciamos quando acessamos a frequência dos milagres. Pouco mais pôde falar, pois deveria partir em poucos minutos. Agradecido pelo registro literário de suas experiências, adquiri uma cópia de cada exemplar a partir das mãos do autor. A timidez que sinto não me permite pedir uma dedicatória. Ambos sairiam mais felizes deste encontro, caso esta fraqueza tivesse sido superada, mas estou feliz de ler os livros de um bruxo, que, há anos, pratica o jejum e mantém o alto desempenho físico. Um longo momento de muitos abraços de despedida até que o bruxo parte com seu irmão para iniciar a jornada em direção à Índia.

Tantos acontecimentos fantásticos em apenas um dia; esta é uma ocorrência incomum em minha existência. Deito e durmo muito feliz, cansado e relaxado após um longo dia.

Acordamos cedo, numa manhã gelada das montanhas, mas com o nascer do sol que promete esquentar o dia. Arrumamos as coisas e seguimos para a casa da família de bruxos que nos recebeu da forma mais alegre, gentil e generosa, que já experimentei. Agradecemos o acolhimento e os ensinamentos. Digo para a bruxa matriarca que voltarei para realizar o retiro de 21 dias. Partimos para os próximos destinos, mas esta experiência com a família de bruxos do Portal permanecerá comigo: este encontro me marcou profundamente.

Após longas horas de estrada, em que nos divertimos e admiramos as belas paisagens das montanhas, percebo que esquecemos de entregar a chave da casa. Na cidade mais próxima, ligo para informar o problema. Quem atente é o filho bruxo que faz yoga acrobática. De modo

¹⁷ AUM, Oberom. **Viajando na luz**. Livroponto, 1ª edição, 2009; AUM, Oberom. **No fluir da felicidade**: uma aventura sobre os passos santos. Editora Alfabeto, 2014.

leve e risonho, ele diz que está tranquilo, pois podemos enviar por correio. Seu pai grita ao fundo que esqueceu de me dar o livro. Fico comovido com a simpatia e gentileza dessa família. Respondo que irei adquirir uma cópia por outros meios e o agradeço pela indicação. O jovem bruxo me passa o endereço para o envio da chave, deseja-nos uma boa viagem e desligamos.

...

Respiramos aliviado com a solução, paramos para comer e, mais tarde, resolveríamos a questão de enviar as chaves. Nas longas estradas em direção ao refúgio do irmão do piloto inglês, reverberei a experiência que havia vivido nos últimos dias. Não cabe mais comer alimentos de origem animal, já que algumas pessoas vivem de luz, sem precisar ingerir qualquer espécie de nutriente alimentar. Meus pensamentos começam a cruzar as experiências vividas nos recentes dias passados, com os aprendizados científicos que coletei até aqui. Existe explicação para o fato de uma pessoa viver de luz?

Recordo-me da história de Johann Wilhelm Ritter (1776 - 1810), aclamado na literatura científica pela descoberta da radiação ultravioleta. Por compreender que o corpo humano é composto e afetado por energia elétrica polarizada, assim como qualquer objeto com ou sem vida, deu choques em seu próprio corpomídia-laboratório, inclusive, nos olhos, com o intuito de estudar a interferência da eletricidade na visão subjetiva. Após excitação dos olhos, através de correntes elétricas, Ritter observou que as cores parecem mudar para o oposto. Relatou que, “nos dias seguintes, o fogo da lareira parecia queimar com o mais surpreendente azul do enxofre em combustão”¹⁸; e que um papel azul parecia vermelho. Com descargas elétricas mais fracas, viu cores avermelhadas ao olhar para uma superfície azul. Ao aumentar a carga, o vermelho se intensifica; e, na maior voltagem que o olho é capaz de suportar, o tom se torna magenta, que Ritter supôs estar no outro extremo do espectro das cores. Neste sentido, concluiu que, a depender da força, a corrente elétrica produz mudanças e efeitos leves ou intensos nos sentidos e na percepção subjetiva. A percepção invertida da cor, experienciada através da corrente elétrica nos globos oculares, atingiu um efeito sensorial semelhante ao de fixar o olhar no sol, de modo contínuo, por até vinte minutos, utilizando uma ferramenta para impedir o fechamento das pálpebras. Ritter descreve seu método de pesquisa como “sentido rigoroso, abstração e experiência com o próprio corpo.”¹⁹ Para Ritter, apenas o que pode ser provado no laboratório

¹⁸ RITTER, Johann W. *apud* ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006, p. 213.

¹⁹ *Ibid.*, p. 216.

merece ser generalizado. Desta forma, realizou experimentações em seu corpo altamente arriscadas, que combinam a universalidade e a padronização técnica da ciência com a subjetividade individual da magia natural - abordagens investigativas, geralmente, consideradas polos opostos do conhecimento. Representante ilustre da curiosidade dos fenômenos fisiológicos e perceptivos do ser humano, Ritter “considerou seu corpo como laboratório e meio, no qual pretendeu provar experimentalmente que a polaridade elétrica permeia a natureza”²⁰ Em seus estudos, a oposição semântica entre os corpos vivos e os inanimados se dissolve através do princípio fundamental que os coloca em ação: a eletricidade.

Por outros meios, Jasmuheen²¹ chegou à mesma conclusão: há 24 anos, parou de comer, mas segue com saúde excepcional através da ingestão de energia (prana). A metodologia desenvolvida pela autora australiana para viver de luz contradiz princípios do saber hegemônico da medicina científica, mas é experimentada em diferentes continentes com ampla eficiência. *O processo de 21 dias* consiste em fazer jejum de líquidos e sólidos na primeira semana. A ciência considera que, após o quinto dia sem água, o ser humano morre. A partir da segunda semana, os líquidos são reinseridos com gradativa diluição de frutas na água. Após o processo, a pessoa está apta para viver sem alimentos sólidos, pois reprogramou o corpo para obter energia através de outra matriz energética. A hipotrofia do sistema digestivo gastrointestinal resulta na liberação do fluxo de energia que envolve a linha espinal do topo da cabeça ao ânus. Em outras palavras, livrar-se do enfezamento cotidiano gera leveza, harmonização e ampliação do fluxo de energia, que resulta na alteração dos sentidos e da percepção subjetiva. A afirmação inversa deve ser considerada: a comida e a bebida modificam as faculdades cognitivas e sensitivas do corpo. O intestino é o segundo órgão com maior quantidade de células nervosas. Não pensamos apenas com o cérebro, mas através da rede neurológica que envolve todo o corpo. Diariamente, ocupamos grande parte do sistema cognitivo e sensitivo com a digestão de alimentos sólidos ingeridos pela boca. Até chegar à excreção anal, o corpo utiliza energia para obter energia através da quebra dos alimentos. Por isso, quem “vive de luz” dorme menos que o considerado normal e possui vigor físico acima da média: não gastam energia com digestão. Por outro sistema de órgãos e glândulas, o corpo se alimenta através de uma fonte de energia abundante em qualquer local do universo. Tal fenômeno é experienciado por milhares de corposmídia-

²⁰ ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006, p. 54.

²¹ JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

laboratório ao redor do planeta; contudo, a ciência tarda em inserir esta prática em seu repertório de pesquisa.

No ano de 2016, o japonês Yoshinori Ohsumi²² ganhou o prêmio Nobel de medicina com uma tese considerada inovadora para a ciência sobre o poder de cura e rejuvenescimento das células por meio do jejum. Através da observação em mídias de visualização microscópica, Ohsumi investigou a autofagia em leveduras, que são fungos unicelulares eucarióticos, e descobriu o funcionamento do sistema de limpeza e reciclagem da natureza. Quando induzidos à fome, os organismos celulares eucarióticos buscam pacotes de energia estocados, como organelas defeituosas, proteínas, gorduras, mucosas, vírus e bactérias. As cadeias moleculares são desmontadas e as peças são redirecionadas para novas composições orgânicas saudáveis. Esta é uma ação constante de defesa e sobrevivência do corpo, potencializada pelo jejum. A perda da capacidade de fagocitar partes danosas ocasiona doenças como Alzheimer e câncer. Assim, Ohsumi apresentou a mecânica da autofagia orgânica sem a necessidade de testar empiricamente os potenciais efeitos do jejum em humanos: os genes envolvidos na fagocitose da levedura são os mesmos presentes em todos os seres vivos que possuem células eucarióticas. Por este motivo, os resultados apresentados não traduzem metodologias empíricas de jejum para a cura, mas descrevem o processo orgânico de reciclagem dos resíduos, ativado na ausência de ingestão de nutrientes. Nesta perspectiva, o dr. Ohsumi não prescreve receitas de restrição de alimentos sólidos ou líquidos, pois direciona seus estudos, em progresso, à carência de determinados elementos, como o nitrogênio, em leveduras. Devido à semelhança genética, o comportamento celular apresentado nas leveduras pode ser assimilado aos humanos. Trata-se, portanto, de um meio reconhecido pela ciência para demonstrar o potencial de autocura do corpo através da digestão lisossômica, que é intensificada por meio do jejum. Ohsumi considera que existem muitos mistérios a serem desvendados sobre a autofagia, mas comprovou cientificamente os efeitos do jejum na cura e rejuvenescimento das células. Outros médicos, como o doutor alemão Rüdiger Dahlke²³, estudaram o jejum empiricamente, utilizando seu corpo e dos seus pacientes como laboratório de pesquisa. Por caminhos diferentes do médico japonês, Dahlke descreve o processo de limpeza e cura do corpo através da restrição de comida e recomenda diferentes receitas de jejum de alimentos sólidos. Assim, observou que os resíduos são consumidos desde a ingestão mais recente para a mais antiga.

²² Nobel lecture: Yoshinori Ohsumi, Nobel Laureate in Physiology or Medicine 2016. Suécia: Nobel Prize, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Uu9feq0fR0>. Acesso em 20 jun. 2018.

²³ DAHLKE, Rüdiger. **O jejum como oportunidade de recuperar a saúde**. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2017.

As constatações da ciência quântica sobre a matéria, o tempo, o espaço e o papel do observador na formação do fenômeno, revisitam os caminhos da magia natural, que revelam a sabedoria ancestral da alquimia e da espiritualidade. Por distintos meios, Empédocles (2500 a.C), Johann W. Ritter (1776 - 1810), Jan E. Purkyně (1787 - 1869), Helena Blavatsky (1831 - 1891), Fritz Kahn (1888 - 1968), Paramahansa Yogananda (1893 - 1952), Jasmuheen (1957) e a ciência quântica chegaram numa mesma conclusão: toda matéria é energia, seja animada ou inanimada. Portanto, a aparência visual que apreendemos não corresponde à realidade presente diante dos nossos olhos. Não enxergamos o fenômeno exposto, mas uma projeção, uma interpretação sensitiva e cognitiva, dentro de um conjunto infinito de probabilidades.

O próprio corpo do pesquisador se revela como principal laboratório de pesquisa em diversas metodologias do saber e tempos. Até mesmo Isaac Newton enfiava objetos pontiagudos em seus olhos para estudar o fenômeno da visão e das cores. Ao privilegiarmos a investigação da potência técnica do corpomídia, as observações subjetivas dos pioneiros deste método evidenciam constatações sobre a natureza, que a hegemônica ciência - assimilada pelo atual mundo de mídias como o mais eficiente instrumento do conhecimento para descrever a realidade -, tardou séculos para provar por meio do artifício de padrões universais exatos. Nesta perspectiva, os debates sobre a existência e a composição da matéria permeiam diversas afirmações contraditórias dentro do campo científico: os paradoxos e as incertezas se destacam na dhistória, no lugar da verdade pura da razão técnica. A cartografia dos saberes acumulados por diversos campos do conhecimento sobre a vida, que utilizam, em comum, a metodologia do corpomídia-laboratório remete às escavações anarqueológicas, que contemplam textos milenares e contemporâneos, além de evocar no pesquisador a possibilidade de transformar a si próprio em laboratório de pesquisa.

Se a ciência possui limites e é incapaz de estudar o funcionamento da vida em sua plenitude, assim como a percepção e a consciência, pois examina os corpos através de mídias ou disseca cadáveres, para analisar as partes esquarteradas, quais são as metodologias do saber sobre a vida e a percepção que acessam campos do conhecimento que a ciência moderna é incapaz de visualizar? Qual a noção, presente nestas metodologias, entre artificialidade e organicidade; corpo e máquina; cultura e natureza? De que modo a ciência dialoga com os saberes metafísicos ancestrais?

A ciência, com o seu caráter estável e universal, é o método validado como o mais eficiente para explicar a realidade na cultura do atual mundo de mídias industrializado. Outras metodologias são depreciadas, ridicularizadas, perseguidas e extintas. Contudo, a observação

científica é contraditória, instável e possui limites. Por este motivo, a busca epistemológica para compreender e explicar a vida revela a coexistência de diversas metodologias do saber sobre a fabricação e o funcionamento do cronocorpo óptico humano.

A física clássica priorizou o estudo da materialidade do mundo visível, regido sob as leis de Newton. Entretanto, através das pesquisas quânticas, a ciência mostrou novamente o caminho misterioso da magia natural, que revela a sabedoria milenar dos conhecimentos metafísicos. As pesquisas quânticas sobre a matéria, o tempo e o espaço permitem associar as conclusões dos laboratórios científicos prestigiados com as metodologias mágicas ancestrais, que, por vezes, envolvem abordagens espirituais, teosóficas, religiosas ou ufológicas. Deste modo, consideramos que os diversos saberes possuem igual dignidade diante de um método de pesquisa comum: o uso do próprio corpomídia como laboratório para a realização de experimentos subjetivos com a percepção. Tal abordagem inverte o discurso científico e comercial do mundo de mídias do século XX e XXI, que privilegia ampliar o potencial estético do corpo através da implantação de extensões tecnológicas produzidas pela cognição humana. A cultura da investigação dos artifícios extracorpóreos cede lugar para a expansão dos sentidos e da percepção por meio do (meu) próprio corpomídia-laboratório.

...

Perdido em divagações existenciais, a viagem passa acelerada. Num piscar de olhos, chegamos a uma estrada de terra muito íngreme e molhada, à beira de imensos despenhadeiros próximos ao topo da montanha. A situação desafiadora me faz despertar da profunda imersão reflexiva, a fim de mobilizar toda a minha atenção para o presente momento. A paisagem é linda, mas impede o carro de seguir em frente. Em diversos trechos, é preciso deslizar ladeira abaixo para reiniciar a subida com mais intensidade. Meu companheiro amoroso é o piloto neste momento e, apesar da tensão, consegue vencer o caminho até a porteira do refúgio do irmão do piloto inglês.

O lugar é um grande feudo, cheio de moradias de um só dono, o irmão do piloto inglês. Localizado nos últimos metros da altitude da montanha, o terreno possui casas em vários níveis. Abaixo, perto da porteira de entrada, os trabalhadores vivem próximos ao pasto. Subimos e chegamos numa das casas, na qual o senhor feudal inglês habita no momento, pois ele costuma viver nas diversas moradias para que conquistem o clima de lar, em pleno funcionamento. Esta é uma bela e elegante casa de madeira, barro e vidros. Sinto-me em outro continente, pois a

arquitetura e a decoração são tão sofisticadas que aparentam ser de um filme luxuoso. Ao lado do aspecto moderno, existe um estilo bucólico na construção, que traz a sensação de estar numa casa no meio de florestas mágicas. As referências culturais dos objetos remetem a diversos locais do mundo simultaneamente, sobretudo, a Índia.

Este bruxo, irmão do piloto inglês, é elegante como os vampiros dos filmes, que habitam seus castelos ou mansões em florestas de árvores gigantes. Aqui, a araucária, conhecida como uma espécie de pinheiro, é a principal vegetação alta, mas há muitas outras árvores, além das gigantescas flores brancas que nascem na beira dos rios e exalam um perfume doce no ar, que podemos sentir ao percorrer o seu leito ou ao nos banhar nas águas geladas.

Enquanto caminhamos em direção à casa em que vamos nos hospedar, o bruxo inglês, proprietário do feudo, conta que, há muitos anos, conhece a família do Portal que acabamos de visitar. Afirma já ter feito o *processo de 21 dias* duas vezes: na primeira vez, quase não emagreceu, segundo ele, porque estava bem psicologicamente e emocionalmente; na segunda vez, entretanto, perdeu quase dez quilos, pois foi durante um período de sua vida repleto de problemas pessoais que o destroçaram no momento. Ao contrário do impulso vegano da família de bruxos do Portal, após os jejuns, o elegante bruxo inglês voltou a comer carne e, inclusive, cria os animais para o abate em seu feudo. Ou seja, após a experiência cada um é mestre de si e segue as práticas que lhe convir.

Ele relata que viajou com dois dos filhos do casal de bruxos da família do Portal. Narrou que passaram dias num trem na Índia para conseguir visitar um local sagrado. Após dias sem comer, dormindo na cadeira da locomotiva, quando finalmente aportam, é necessário subir muitos degraus construídos para escalar a montanha. O bruxo inglês relata a dor nas costas e a falta de energia que sente devido ao jejum, mas os dois bruxos, filhos da família do Portal, em tom de brincadeira, animam-se em disputar uma corrida para ver quem chega primeiro no topo da montanha. Isto, ressalta o bruxo inglês, sem comer ou beber nada há mais de três dias.

O bruxo inglês relata também seu temor com o retiro do método *vipassana*, experiência realizada pela maioria dos entes da família do Portal. Lembro-me da bruxa matriarca citar esta espécie de meditação durante a conversa sobre os tipos de visitantes que ela abriga para facilitar o *processo de 21 dias*. Pergunto ao bruxo o que há de tão difícil neste retiro para que seja mais penoso do que ficar sem água e comida. O bruxo inglês responde que é necessário meditar sentado por longas horas, durante 10 dias. Considera que sua dor nas costas o impede de experimentar o *vipassana*.

Curioso para saber mais sobre tal retiro que, para o experiente bruxo inglês, é um feito ainda mais desafiador do que o jejum de 21 dias, questiono-o se a meditação é acompanhada

da renúncia de água e comida. Para minha surpresa, ele responde que é preciso comer dentro dos critérios de alimentação estabelecidos pelo método; comer durante o *vipassana*, sublinha, é quase obrigatório: narra a história de um dos filhos da família do Portal que já havia sido iniciado no “viver de luz”, portanto, este jovem bruxo sabe extrair os benefícios de viver “no seco”, que lhe presenteia com efeitos de bem-estar, sentimentos de alegria, disposição, paz e conexão com o todo. Como o método *vipassana* propõe comer e hidratar o corpo, enquanto exercita a disciplina da meditação e do silêncio, o jovem bruxo que deseja combinar as duas técnicas, colhe apenas uma folha de alface e saltita pelos jardins com o seu almoço em mãos. Considero o método interessante, mas diante dos relatos sobre os temores do bruxo inglês em relação às dores sentidas durante a execução do retiro *vipassana*, rejeito a possibilidade de o realizar, ao passo que planto uma semente de desejo para transformar meu corpo num laboratório de experimentos místicos extremos, como o “viver de luz” e o “*vipassana*”. Ainda me sinto, porém, despreparado para tais jornadas.

...

Chegamos em nosso abrigo temporário, disponibilizado pelo bruxo inglês. Desconfio da veracidade do que meus olhos veem. É uma casa com todas as paredes de vidro, do chão ao teto. No meio da sala com o piso de cimento queimado, uma grande lareira aquece os sofás ao redor de um tapete felpudo. Do lado de fora, uma varanda de madeira suspensa apresenta a paisagem de um céu poente, junto com as luzes da vila no vale abaixo das montanhas. É outra uma casa de luxo, talvez ainda mais surpreendente do que a primeira. Esta viagem soa como um romance onírico em meio aos encantos da magia das montanhas. Fatores realmente relevantes para alimentar o fervor de uma paixão ardente no início de uma relação amorosa.

Preparamos uma farta ceia vegana a base de grãos, legumes e frutas, e convidamos o bruxo inglês e sua refinada namorada. Todos se embriagaram com altas doses de comida, mas sobra muito alimento, que guardamos para consumir no dia seguinte. Diversos alimentos de origem vegetal são abundantes e de baixo custo. Renunciar a carne e os demais produtos de origem animal gera impactos na saúde individual e coletiva imediatamente. A alimentação é algo notável na ciência, pois serve de medicina, mas há controvérsias sobre os efeitos de cada alimento, mesmo no restrito universo científico. Porém, quando abarcamos os campos do conhecimento numa alusão expandida sobre os diversos saberes ancestrais, as múltiplas filosofias e práticas hereditárias demonstram que não há consensos sobre a alimentação, mas variados métodos, que cabe ao observar adotar, ou não, como hábito. Alguns saberes mágicos

desafiam os postulados científicos, enquanto, no decorrer da história, as afirmações místicas conquistaram a plausibilidade através dos próprios experimentos da ciência; em determinados casos, a instituição científica ainda abjeta do regime de verdade a maioria das experiências mágicas, espirituais, ufológicas, mesmo diante das evidências colhidas nas práticas sociais. No passado, por muitos anos, a ciência caminhou ao lado da magia, mas então, veio a religião, junto com o Estado para implantar a inquisição. Durante séculos, o império se dedicou a caça às bruxas. Muitos cientistas eram considerados bruxos, assim como os curandeiros, pois propagavam heresias, com ditos contrários aos da doutrina imperialista. Para escapar da fogueira, era preciso assimilar a ideologia hegemônica ou fingir que mudou de ideia, a fim de disfarçar a dissidência do corpo colonizado. Nesta história, célebres bruxos-cientistas, como Giordano Bruno e Galileu Galilei, foram perseguidos pela inquisição por profanar “a verdade” do universo. Enquanto Bruno foi queimado vivo, Galileu foi preso em domicílio até o fim da vida.

...

Após o jantar, seguimos para o mundo dos sonhos, mas antes, fui presenteado com uma noite sensual em baixo dos lençóis. Despertei numa bela cama de casal, ao lado de um imenso e apetitoso titã que mira os meus olhos e sorri apaixonado. Longe do caos urbano, acolhido pelas montanhas mineiras, sinto-me numa viagem romântica. O amanhecer ensolarado me inspira a lavar roupas na mão, de forma leve e alegre. Ao finalizar a lavagem, decido caminhar pelos jardins e, no fundo da casa, descubro uma ribanceira cheia de plantas rasteiras com uma fruta vermelha estranha. Pego uma e como. Sinto um sabor doce de um suco que nunca havia antes provado. Como outra e recolho o máximo que consigo para compartilhar com meus companheiros de viagem. Ao voltar para casa com as mãos cheias de frutas, descubro que são framboesas selvagens. Degustamos a colheita e seguimos com os afazeres do dia. Enquanto eles participarão de reuniões, eu explorarei a natureza local.

No dia seguinte, acordo e decido fazer um jejum de 24 horas. A última vez que havia comido era no começo da noite, então, meu objetivo é permanecer sem me alimentar até o jantar. Os pilotos saíram cedo, horas antes de eu despertar, para cumprir suas missões programadas. Como sempre, é provável que tenham banqueteadado um farto desjejum matinal e devem almoçar afora. Assim, posso passar o dia sozinho neste belo palácio, sem a tentação de imitar o ato de ingerir alimentos ao observar outras pessoas comendo. O desejo e a fome são presentes, mas depois de conhecer o Portal, estabeleço uma firme determinação para cumprir o

objetivo. Munido dos saberes colhidos durante o encontro com a família do Portal, sustento o pensamento de que a fome vai passar e que não é preciso sentir dor ou mal estar por renunciar a comida durante um período tão curto.

Sento na beira da varanda suspensa, que mira uma densa paisagem de floresta, após alguns minutos de contemplação, um grande tucano pousa em minha frente, num toco da cerca. Ali, fica para se banhar do sol. Permaneço quieto e silencioso, para não afugentar o tucano e poder observar aquela linda criatura por mais tempo. Em minha imaginação, nunca dimensionei o tamanho desta ave de forma adequada à realidade. Este exemplar, que aqui avisto, é realmente muito grande. Ele voa e continuo a olhar a paisagem, agora sem ele.

Um beija-flor, então, entra na casa de vidro sem perceber as paredes transparentes que a rondam. Fica preso, batendo-se nos vidros em busca da fuga, mas se cansa e se frustra. Sinto-me como ele, um beija-flor, preso numa redoma de vidro, que mesmo com o veloz bater de asas para realizar uma busca incessante, fracassa na missão de encontrar um buraco para escapar. Cansado, o beija-flor pousa e respira esbaforido. Tento o apanhar para o orientar na fuga, mas ele foge quando me aproximo e continua a bicar o vidro na tentativa de encontrar a saída. Mais uma vez, pousa e tento o segurar, mas a pequena e ágil ave escapa outras vezes. Exausto, repito a operação e consigo conter o beija-flor antes que alcance as alturas. Fico tenso em tocar um animal selvagem com as mãos, mas, sobretudo, preocupado em não machucar seu corpo frágil, que se revolve enquanto o contendo com minhas palmas da mão e um lenço fino. Quando chego à varanda, logo abro as mãos. Com um salto e um pio, ele voa e sinto como minha, a alegria do ser que resgatei.

Sinto vontade de descansar. A fome passou, mas preciso descansar, sem dormir. Deito no sofá por longos minutos, enquanto admiro a paisagem selvagem de uma natureza montanhosa, por dentro do cubo de vidro. Os pilotos ainda não retornaram. O sol está próximo de se pôr. É um momento muito bonito, em que as cores dançam, junto ao incandescer das luzes da vila abaixo. Ao fim do poente, os pilotos chegam esfomeados. Junto-me a eles para preparar a refeição, enquanto petisco comidas e narramos sobre nossas vivências do dia.

...

Por muito tempo, acreditei que para realizar magia, é preciso ter um instrumento externo, além do corpo, como uma varinha de condão, ou a pedra filosofal, ou um caldeirão para preparar as porções alquímicas através da mistura de ingredientes ocultos, por vezes, bizarros, como partes de cadáveres animais dissecados e outros elementos biológicos em

putrefação. De fato, tais métodos mágicos são utilizados por bruxos para obter a expressão de tecnologias místicas. Entretanto, o corpo do bruxo demonstra ser a principal ferramenta para a realização de feitiços, mas somos educados a ridicularizar tais feitos por desobedecerem aos métodos religiosos e científicos, que primam pela unicidade e universalidade da relação de causa-efeito. Sem dúvida, o debate teórico hegemônico sobre as capacidades humanas suprime muitas formas de expressão das tecnologias mágicas ancestrais, exterminadas pelos bárbaros colonizadores, que, pretensamente implantaram uma cultura obediente ao programa da verdade estabelecido pelo império. Contudo, além da existência contemporânea de raros ambientes intocados pela opressão do regime de saber colonial, nem mesmo a pólvora foi capaz de extinguir a magia, que rebrota por todos os cantos do presídio. Sobretudo, porque o poder da bruxaria está dentro do bruxo e nem sempre depende de objetos externos para causar efeitos. É preciso, porém, destacar a relação simbiótica entre o que reconhecemos como mundo interior e exterior, pois o processo holográfico da expressão da realidade resulta de um fluxo interconectado entre a nau e o mar das ilusões reais, ou seja, o ser que navega é parte das águas por onde transita, todavia se reconhece como distinto, por avistar o reflexo de Narciso nas superfícies espelhadas.

...

Na manhã seguinte, após outro belo e romântico despertar, combinamos de conhecer uma grande amiga bruxa que meu companheiro conheceu durante a vida monástica. Descemos às montanhas e caminhamos para uma casa na entrada da vila, que avistamos das partes mais altas do feudo do bruxo inglês. No caminho, atravessamos um riacho de águas cristalinas, onde na beira crescem muitos bambus de fino calibre, que criam um lindo túnel verde.

A casa desta bruxa está localizada às margens do riacho. Na frente desta modesta morada, vários buquês de hortênsias violetas empesteiavam a entrada. Apesar de humilde, é notável a presença de uma artista no local, pois os detalhes estéticos embelezam o ambiente sem glamour. Uma sorridente bruxa de cabelos violeta abre a porta da casa para nos receber. Ao nos aproximar, percebo um forte brilho em seu olhar, que expressa a sincera felicidade em nos ver.

Entramos carregados de comidas para a preparação do almoço. A bruxa de cabelos violeta havia preparado uma bela e farta salada. Antes de almoçar, porém, conhecemos os detalhes de sua casa recém construída. Caminhamos pelo jardim até o túnel de bambus finos à beira do riacho. As conversas flutuam sobre diversos assuntos. Entre outras histórias sobre seu

modo de vida nesta vila, como a do vizinho que troca os resíduos orgânicos por produtos da horta, a bruxa de cabelos violeta conta a história da relação com sua vizinha que vivia a causar conflitos com ela. No lugar de responder aos desentendimentos com violência, decide realizar uma magia amorosa para abrandar os ânimos: durante vários dias, a bruxa de cabelos violeta se dedica a emitir uma colossal espiral de energia cor de rosa para a vizinha. Relata que, após um curto período, a vizinha se transformou numa figura simpática e amigável. A bruxa ri diante dos efeitos, pois, assim como eu, apesar de crer no fato, titubeia sobre a crença diante da probabilidade de outros fatores serem os responsáveis pela transformação.

Fico maravilhado com a história e a personagem que se apresenta a minha frente. Pergunto-a como faz para emitir esta espiral rosa do amor. Ela responde que é por meio da imaginação. Ao falar, destaca “imagina a ação”. Acolho o aprendizado e a conversa flutua para outro assunto mais uma vez. Ela e meu companheiro amoroso compartilham as memórias da vida no monastério, nas quais, apesar das belezas e gratidões, constam relatos de repressão e machismo. Para a bruxa de cabelos violeta, tal vivência foi responsável pelo desenvolvimento de um câncer que curou ao abandonar o monastério. Muitos são os pontos positivos destacados, porém são insuficientes para seduzir a permanência de ambos. Seja qual for a verdade sobre os fatos, a vida monástica é para poucos seres, pois estou diante de dois grandes bruxos, que, a priori, renunciaram a cultura do presídio para mergulhar na ética de um monastério que importou filosofias asiáticas para construir sua própria forma de existir no mundo. O resultado é um imenso complexo de fazendas, que contém muitas comidas, construções e transportes para todos os habitantes, sem que seus moradores lidem com moedas, pois os apegos capitalistas e materialistas são parte da renúncia de um monge. Contudo, há uma imensa gestão de recursos nesta rede de monastérios, além de outras hierarquias na composição da estrutura de poder interno, que inclui o saber e o sentir. Por um lado, é inegável a admiração pela conquista de construir no mundo da matéria, uma utopia anticapitalista e solidária, conectada com as filosofias transcendentais do existencialismo, dedicadas a nobres princípios de paz e amor. Contudo, há pouco respeito sobre a autonomia do indivíduo diante da consolidação de uma hierarquia que determina ao habitante os passos morais a serem seguidos à risca, o que inclui a renúncia ao sexo, jejuns, orações, meditações, reuniões e trabalhos servis. Caso não se adapte, o desertor deve voltar para a distopia das selvas do presídio, sem nada nos bolsos, uma vez que doou todos os bens antes de adentrar no monastério.

A tarde passa veloz durante o desfrute da conversa. O bruxo inglês, senhor do feudo nas montanhas, convidou-nos para conhecer uma sauna de pedras numa comunidade próxima.

Concordamos com o programa. A bruxa de cabelos violeta se apressa para coletar uma roupa de banho e seguir conosco para o passeio.

...

Cruzamos por estradas de barro, cercadas por imensas árvores, que adensam, sombreiam e umidificam os caminhos. São lindas as florestas desta montanha, dignas dos contos de fadas. Para mim, a paisagem soa desconhecida, pois venho de terras distantes, com condições naturais muito distintas. Por este motivo, qualquer folha, fruta, pedra ou inseto, encanta-me.

Chegamos numa bela propriedade, construída com pedras, madeira e vidros. Um cuidador do local nos recebe de modo cortês, enquanto abraça o bruxo inglês como quem encontra um velho conhecido. Ele nos encaminha ao vestuário. Deixamos nossas roupas e agasalhos e entramos na sauna, onde uma fogueira queima abaixo de uma camada de pedras sobre a qual despejamos água para criar o vapor. Depois de resistir às altas temperaturas da sauna, banhamos nossos corpos num pequeno lago muito gelado, criado entre as pedras da queda de um rio. Assim, além do poço, é possível se banhar nas cascatas. É um forte choque de temperatura, que exige coragem para sentir, mas tais sensações extremas resultam em diversas recompensas orgânicas, com efeitos de bem-estar durante ou após os mergulhos sequenciados nos dois polos de calor.

Extasiados por estas sensações térmicas, finalizamos a experiência e nos agasalhamos para enfrentar o frio que raiou com a noite. Seguimos para nossos aposentos no feudo do bruxo inglês. Jantamos e desfrutamos do sono.

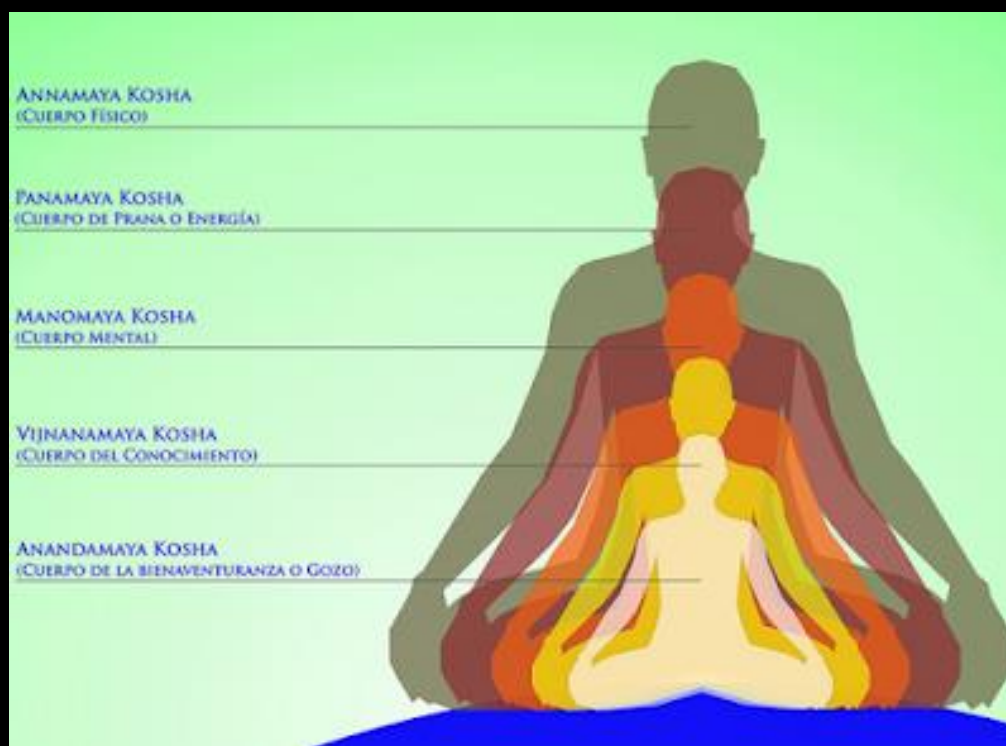
Na manhã seguinte, preparamos um farto desjejum e convidamos a bruxa de cabelos violeta para nos acompanhar na viagem de volta para o nosso refúgio no interior da Bahia. Antes de retornarmos, porém, ainda há dois pontos de parada entre os destinos traçados no mapa dos pilotos. A bruxa decide que nos acompanhará após tais visitas, pois aproveitará estes dias para se organizar para a viagem. Assim, quando finalizarmos o percurso marcado, voltamos para buscar a nova marinheira da nau.

Partimos para uma cidade próxima, com o objetivo de conhecer uma bruxa professora de yoga que o bruxo inglês recomendou, por a considerar um fenômeno especial. Chegamos no final do entardecer para partir no dia seguinte. É um breve encontro em que todos os momentos são aproveitados ao máximo. Saímos para jantar com ela e seu simpático e inteligente filho autista. Aos poucos, ainda constrangido de chegar na casa de uma pessoa desconhecida, iniciamos diálogos interessante sobre as filosofias de vida e os métodos para expandir a

consciência. Assim como o bruxo inglês, nossa anfitriã e seu filho são carnívoros, mas, ao mesmo tempo, a bruxa professora de yoga é mãe e avó de bruxos veganos, influenciados pela família do Portal. Nem ela ser carnívora, ou seus filhos veganos, são questões que a aterroriza, apenas aceita as suas próprias decisões individuais e dos seus entes.

O jantar foi caloroso e inclusivo, pois cada um conseguiu se alimentar com respeito aos propósitos e desejos individuais. Sinto-me feliz de conseguir comer um alimento sem produtos de origem animal. Satisfeitos, voltamos para a casa da bruxa professora de yoga. Dormimos no salão, onde ela costuma dar aulas de yoga, um local bastante agradável, cheio de imagens e esculturas indianas lindas e interessantes. Numa delas, vejo o desenho de diversos corpos, além do espectro físico. Como na figura abaixo:

Figura 75 – Os cinco corpos da Yoga



Fonte: Ingrid Valdrighi (2016).

Ao despertar de manhã, banhamos os corpos e nos encontramos para o desjejum. Conversamos sobre sua experiência com *ayahuasca*, junto ao bruxo inglês. Ela diz que foi interessante, mas que não gosta de drogas, gosta mesmo de respirar. Oxigenar-se ou se asfixiar gera efeitos psicoativos. Neste momento, compreendo que a bruxa realiza grande parte dos seus feitos por meio de técnicas respiratórias. Fico encantado com a simplicidade de sua magia, pois, para ocorrer, é necessário apenas estar num ambiente adaptado à vida humana. Nada além de

respirar, é preciso. Devem existir compassos, ritmos e sequências alquímicas apreendidas com o tempo, mas o princípio é o mesmo: a condução do oxigênio que entra e do gás carbônico que sai. Em seu diário de receitas, ela encontra a técnica para o efeito desejado: acalmar, dormir, revitalizar, animar, fortalecer, curar, etc.

Após a refeição, ocorre uma emocionante despedida deste breve encontro de desconhecidos. Ela parte numa jornada para visitar a filha em terras longínquas, enquanto seguimos nosso rumo.

...

A estrada é linda e cada vez mais verdejante. Distraídos com a beleza do local, erramos o caminho e tivemos que retornar um longo percurso. Alheio às decisões sobre a rota, sequer imaginei que estávamos perdidos, pois contemplava absorto a chuva que cai suavemente sobre as folhas das árvores. Ao compreender o teor do diálogo acalorado entre os pilotos, atentei para a situação. Paramos o carro e estudamos o mapa para saber onde havíamos desviado. Rapidamente, encontramos e percebi que já estamos próximos do destino seguinte.

Reorientados, navegamos rumo ao ponto em que desviamos da estrada principal e seguimos a jornada, aliviados por solucionar o problema. Logo, após poucos minutos, adentramos uma rua, após uma placa que indicava o nome do destino: Matutu, que “na língua indígena dos antigos habitantes, significa Cabeceira Sagrada.”²⁴

Passamos por uma estrada de terra até adentrar num pequeno vale entre grandes montanhas, onde é possível avistar três cachoeiras riscando o verde da paisagem, abaixo do céu poente, que respinga as últimas gotas de chuva, por onde os raios de sol atravessam formando vários arco-íris ao redor de nós. Perguntamos a um simpático morador passante onde é a casa da bruxa da Oca Soma e ele, prontamente, aponta para uma estreita e íngreme estrada de terra molhada. Seguimos suas pistas e encontramos a porteira da casa. Adentramos o terreno e passamos por uma construção circular com um teto verde repleto de suculentas coloridas. Esta grandiosa bioarquitetura aparenta ser um templo, em vez de casa, pois o ambiente inspira devoção ao sagrado. Esculturas, flores e arbustos de amoras selvagens enfeitam os caminhos que encontram uma casa rústica, pintada com um tom vermelho terroso. Construída com madeira e barro, o piso suspenso, como palafitas, sobre um elevado contrapiso de pedras, arquitetado para proteger do alagamento em momentos de intensas chuvas inverniais. Esta forma

²⁴ O LUGAR. In: **Patrimônio do Matutu** - [20-?]. Website. Disponível em: <https://patrimoniodomatutu.com.br/o-lugar>. Acesso em: 15 fev. 2021.

arquitetônica é obra dos antigos moradores destas terras. Ao chegar aqui, há mais de uma década, a bruxa restaurou a casa e repetiu este método construtivo ancestral para erguer os demais abrigos, que funcionam como lares de passagem para receber os familiares, amigos e alguns visitantes desconhecidos, como é o nosso caso.

Pequena e magra, porém forte e disposta, a bruxa da Oca Soma aparece coberta com o charme das vestimentas para proteger o corpo do frio, sobretudo, a cabeça, que ela enfeita com um elegante gorro. Ao nos ver, a bruxa sorri e nos saúda. Após uma breve recepção amigável, ela nos apresenta os dormitórios. Apesar de rústicos, são muito elegantes, espaçosos e confortáveis.

O sol termina de se pôr e nos preparamos para jantar numa cozinha coletiva de sua pequena vila particular. Quando a bruxa nos acompanha para ajudar a buscar alguns alimentos que deixamos no carro, critica severamente a quantidade de sacos plásticos que carregamos. Ela cobra veementemente: “neguem o plástico, não combina com vocês andar com tantos plásticos!” Constrangido, acolho a lição.

Cozinhamos um delicioso banquete e jantamos à luz de velas, embaixo de um pergolado florido. O acúmulo dos encontros até aqui, fazem com que eu me sinta encantado, conectado a uma frequência sutil que me torna pleno e inabalável, sem medos. Sinto o poder da magia brotar em mim. Agora, se resta qualquer dúvida sobre a existência da magia, esta questão compartilha a percepção de que inicio um longo curso de aprendizados sobre os saberes mágicos ancestrais através do conhecimento de novas referências místicas, além das confirmações de que eu pratico magia há décadas.

...

No dia seguinte, acordamos cedo, comemos o desjejum e partimos para conhecer o vale do Matutu, ao lado da bruxa anfitriã, que nos guia. Ela apresenta os pontos dhistóricos, algumas arquiteturas e personagens importantes da comunidade campesina com veias artísticas e místicas. Entre as poças d'água formadas pela chuva, andamos por algumas trilhas, repletas de amoras selvagens. Escalamos grandes pedras de cores acinzentadas, amareladas e rosadas, formadas por algum mineral cintilante, que brilha como purpurina ao refletir a luz do sol. Logo, chegamos ao Poço das fadas, uma pequena cachoeira de águas cristalinas que, sobre as pedras cintilantes, entoam a cor azul celeste.

Durante o final da manhã nos divertimos com os longos banhos de cachoeira, alternados com a exposições ao sol sobre às pedras, como fazem os lagartos. Ao meio dia, soam os

primeiros sinais de fome em meus companheiros. Depois de navegar por tantos dias juntos, já é possível prever o momento de providenciar as refeições. Não é exatamente no meu tempo, pois há de sincronizar os desejos. Além disso, a fome é algo que os pilotos dessa jornada respeitam, afinal, comer é uma das mais prazerosas diversões.

Vamos ao restaurante onde várias galinhas e galos gordos correm entre nós. Uma grande cozinha a lenha expõe diversos pratos caseiros típicos da cultura local. Entre muitas opções magníficas, há fartura para veganos e carnívoros. A proposta do local é comer o quanto desejar diante da abundância. Percebo que as aves que compartilham o almoço conosco são os futuros pratos servidos no restaurante. Fico comovido com o fluxo de suas vidas, o que torna ainda mais fácil renunciar às apetitosas preparações com carne, servidas para o almoço. Retornamos para a casa da bruxa para tomar banho e descansar. O farto almoço, que perdura até o final do poente, é o suficiente para satisfazer a todos até o desjejum do dia seguinte.

Após o café da manhã, sento-me numa cadeira para contemplar os jardins e a natureza que a circunda. Percebo o movimento intenso na copa das árvores. Algum animal grande caminha por elas, muito próximo ao local onde estou. Vou em direção ao movimento e encontro um lindo riacho de águas cristalinas, margeado pelas gigantescas flores brancas que exalam um forte perfume doce, a mesma flora do feudo do bruxo inglês. Descalço, caminho ao lado do rio, observando os movimentos nas copas das árvores. Eis que encontro uma família de grandes macacos avermelhados. Consigo os acompanhar por alguns minutos, eles se aproximam curiosos, até que um deles decide lançar um forte jato de urina em minha direção. Movo-me de modo veloz para driblar a projeção da urina e todo o bando se assusta, partindo para as copas que cobrem solos complicados para o pisoteio de um animal que caminha sobre a terra, como o humano. De qualquer modo, a experiência é marcante. Mais uma vez, estava só, mirando o horizonte em contemplação, quando avistei este grande animal pela primeira vez. Contei para a bruxa anfitriã sobre o encontro e ela confirmou a existência desta família de macacos que mora na floresta ao lado de sua casa, mas afirmou serem muito tímidos e discretos, pouco avistados até mesmo por ela, que mora lá.

...

À noite, saímos para conhecer a bruxa do Poço das Fadas, que é uma grande amiga de nossa anfitriã. Pergunto-lhe se posso caminhar sem sapatos, pois a vejo com enormes botas. Ela responde que sim, mas que há cobras, aranhas e outros insetos. Afirmo que se esse é o problema, está tudo bem. Não sei de onde vem essa coragem de pisar em solo selvagem descalço, mas,

neste momento, sinto-me tão conectado com a magia da natureza, que arrisco a probabilidade de me machucar, ou morrer, para desfrutar da fé de que nenhum problema ocorrerá.

Nada ocorre, nem mesmo chutar uma pedra ou toco no chão, sinto-me como um instrumento elétrico que conecta o céu com a terra. Na escuridão do caminho, em que é preciso escalar as pedras como degraus de uma imensa escada natural, abro a palma das mãos em direção a terra, para sentir o fluxo das correntes de energia, que neste momento, parecem-me sensíveis. Enquanto minhas mãos captam estranhas e embriagantes vibrações, meus pés sentem o aterramento nas pedras que margeiam o rio que desagua no Poço das fadas. É possível ouvir o barulho do movimento constante das águas e sentir no rosto as gotículas de umidade lançadas no ar.

Chegamos à casa da bruxa do Poço das Fadas, que nos recebe na porta, vestida como uma clássica bruxa das montanhas, montada numa vassoura de palha, com o cabo de madeira rústica, roliça e tortuosa. Ela sorri alegre e aponta para o telefone, enquanto termina uma tensa conversa de negócios familiares. Em seguida, gesticula para que entremos na casa.

A construção foi feita no meio de grandes pedras, que a bruxa aproveitou como peças estruturais da arquitetura. Por este motivo, por todas as partes, há grandes paredes compostas por pedras gigantescas, que invadem os ambientes da casa. Olho admirado as belezas desta grandiosa construção, repleta de objetos fantásticos. Sentamos nos sofás confortáveis e estilosos de uma sala de estar com o pé direito muito alto.

Ao final da ligação, a bruxa do Poço das Fadas desliga a internet da casa para não receber mais interrupções do mundo afora. Agora, cumprimentamos e nos apresentamos devidamente. Abrimos um vinho e seguimos para a preparação de dois jantares diferentes, devido aos diferentes tipos de alimentação: alguns comeriam pizza, enquanto outros um risoto de legumes.

Sentados ao redor da mesa de jantar, a bruxa do Poço das Fadas pergunta sobre o que eu escrevo. Respondo que desejo fazer alguns experimentos para realizar reprogramações descolonizatórias. Digo que estou muito interessado no jejum de alimentos e líquidos, pois vislumbro a potência de expansão da percepção sobre a realidade oferecida pela experiência de renúncia de algo superior aos hábitos viciados, já que são fatores considerados fundamentais para a sobrevivência. Ela ri e responde muito segura sobre o que diz:

Já fiz muitos experimentos, faço meu corpo de laboratório o tempo todo. Vivi de líquidos por meses, fiz vários tipos de jejum. Mas preste atenção no que vou te dizer: pessoas como você vão e costumam não voltar dessas experiências. Aterre, você precisa aterrar. Aqui, nós precisamos de metodologias. Lembre-se disso. Eu vejo você dois dedos acima da terra. Acabe tudo e depois faça o processo dos 21 dias.

Suas palavras soam como um consolo de uma sábia companheira, vinda do mesmo planeta distante de onde eu vim. Mesmo diante da densidade apresentada pela realidade, a bruxa do Poço das Fadas compreende os propósitos da condição terrestre para nós, humildes seres navegantes do espaço-tempo. Assim, consegue habitar os dois mundos simultaneamente, tanto o da magia, quanto o do presídio das ilusões reais, sem abandonar ambas as perspectivas, onde quer que vivencie o momento. Estar no presídio, para ela, é parte do jogo. Por isso, não precisa escapar das ilusões reais, mas usar os métodos mágicos no modo de vida do cárcere.

Jantamos, lavamos toda a louça e seguimos para conhecer outra casa, que a bruxa do Poço das Fadas construiu para realizar eventos, mas agora serve como ateliê e hospedaria de amigos e familiares. A casa é imensa, tem muitos ambientes e é enorme. Muitos objetos lúdicos, materiais de costura e pintura estão organizados como se fizessem parte da bagunça cênica de um filme. Periodicamente, a bruxa do Poço das Fadas trabalha com cenografia e figurino de filmes e novelas; ocorrência que explica o esplendor estético no qual mergulhamos ao adentrar esta bela e estranha arquitetura, que parece uma grande e colorida obra de arte.

Sáímos do pequeno palácio das artes construído pela bruxa do Poço das Fadas. É hora de voltar, chuveira, faz frio. A bruxa do Poço das Fadas se compadece e oferece carona em seu fusca, dentro do qual nos apertamos animados com a facilitação do retorno veloz por meio da condução de uma pilota acalorada.

...

A manhã acorda bela e ensolarada. Tomamos um rápido desjejum e partimos para buscar a bruxa de cabelos violeta, que irá nos acompanhar no retorno ao abrigo do bando de dissidentes. Encontramos ela na porta de casa com uma mochila leve. Embarca na nau e segue conosco de volta para a Bahia.

No caminho, comento sobre minha admiração em relação ao *processo de 21 dias*. A bruxa de cabelos violeta escuta, logo, afirma já ter realizado o jejum com um tom de banalidade sobre o ato, similar ao do burguês que relata ter visitado Paris ou a *Disney*. Neste caso, trata-se de uma visita a um campo espiritual, que para esta bruxa é importante, porém familiar, quase ordinário. O feito que, antes da viagem, parecia ser fantástico, nestas terras por onde andei, aparenta a vulgaridade de um ponto turístico, que muitos viajantes visitam. Os bruxos locais, por proximidade geográficas e afinidades mágicas, caminham por diversos circuitos místicos instalados entre as montanhas, desde o nascimento, ou a partir da chegada do navegante nestas terras encantadas.

Entretanto, ela conta que sua experiência com o *processo de 21 dias* foi realizada no litoral da Bahia. Um bruxo amigo serviu como seu cuidador, enquanto praticou o jejum numa cabana, na beira do rio Piracanga, que corre paralelo ao mar, separado por uma estreita faixa de areia. Neste local, há uma ecovila espiritualizada, implantada por europeus. Este é um refúgio destinado às pessoas ricas que querem se conectar com a natureza e o divino. Para quem conquista o acesso, muitos pontos positivos podem ser aprendidos com este exemplo de comunidade ecológica, porém, ao lado, estão diversos problemas que as práticas sociais humanas resultam.

Neste local, diante da complexidade dos efeitos de sua existência, ocorre a possibilidade de fazer processos, como o “viver de luz”, além de diversos outros cursos e retiros organizados pela comunidade com o propósito de fortalecimento e limpeza espiritual. No entanto, a experiência da bruxa de cabelos violeta ocorreu por meio de uma visita à casa de um velho amigo, que ali habita.

A priori, ela disse ter morado num chalé em cima de uma cozinha e, por isso, seu abrigo estava cheio de ratos. Ela suspeita da higiene, o que é plausível, mas é possível que os roedores invasores sejam nativos das florestas ao redor, e, devido à proibição de adotar gatos na comunidade, para não desequilibrar o ambiente através da caça de pássaros e outros alvos felinos, os ratos convivem com a colonização humana deste território selvagem. Sem gatos, a bruxa fica desarmada para se defender dos ratos. Em agonia, solicita um novo reduto. Seu cuidador, prontamente, consegue outro local sem a presença massiva dos roedores.

A bruxa de cabelos violeta relata os efeitos na imagem ocular, como aumento do ângulo da visão e maior profundidade de campo. Diz não ter sentido fome depois de poucos dias e que, quando retornou a ingestão de líquidos, só conseguia beber água com gás, pois os sabores estavam muito fortes. Um dos detalhes de sua experiência foi a forte sensação de dores nas pernas, que ela associa ao expurgo dos traumas advindos das repressões e espancamentos paternos durante sua infância. Desta forma, ela considera que a parte mais fácil do processo foi parar de comer.

...

No caminho da volta, convenço uma antiga amiga do presídio a visitar o refúgio. Reticente e com data para voltar, ela aceita. Partimos em dois carros. Enquanto o piloto inglês conduz uma nau com sua pretendente amorosa e a bruxa de cabelos violeta. Eu, meu companheiro amoroso e minha amiga, navegamos em nossa própria condução.

Com poucos dramas, conseguimos atravessar os longos caminhos até a beira do mar do Pratiği. A partir deste momento, devemos arremessar os carros em alta velocidade em direção ao mar, com a fé de que não irão atolar na areia fofa, para, enfim, alcançar a margem dura, próxima às águas do mar que ali estão expostas durante a maré baixa. Quando a maré enche, as águas do mar invadem toda esta imensa faixa de areia, que beira uma grande floresta repleta de coqueiros. Conseguimos saltar com os carros e chegar às duras margens de areia. O mar está subindo há horas, o ideal é atravessar este território quando a maré está no final da vazante, pois há largo tempo para o caso de problemas, desafios e imprevistos. O sol está a se pôr, a água sobe com velocidade em direção às florestas, estamos no limite do tempo para atravessar. Seguimos apressados, com cuidado para não atropelar animais selvagens passantes. Numa curva, haviam várias marcas recentes dos caminhos navegados por outros pilotos. Eram muitas, para diferentes lados. Elegemos uma dessas marcas, que nos pareceu ser a mais firme, e conseguimos, por muito pouco, atravessar a curva e reencontrar uma trilha segura para continuar o caminho. O piloto inglês corre para acompanhar o movimento que fizemos, contudo, na curva, cofunde-se e estanca na areia fofa. Desesperado, acelera e o carro afunda cada vez mais. Corremos para os ajudar. Empurramos, mas o carro nos banha de areia e apenas imerge mais. Percebemos que é melhor parar para intervir com uma solução mais eficaz.

Muito preocupados com a subida da maré, o grupo começa a se desesperar. Por ainda estar possuído pela vibração sutil dos milagres, estive presente com fé de que conseguiríamos resolver a tempo, de alguma forma. Ou não! A situação é preocupante. Meu companheiro começa a cavar o carro como um trator humano. Em nenhum momento, ele parou de tentar para pensar: sempre se movimenta para resolver o problema. Cavo com ele, enquanto os demais catam troncos e gravetos. Com esta madeira enfiada embaixo dos pneus, que reapareceram após cavados, construímos uma rudimentar ladeira inclinada e empurramos o carro outra vez. Diante das águas que se aproximam veloz, ao som dos lamentos dos que já desistiram, paramos de construir antes de alcançar o ideal projetado. Assim, esta é uma tosca arquitetura para o resgate, que conseguimos construir com o curto tempo disponível. Empurramos, mas não funciona. Tentamos outra vez e fracassamos. Respiramos, conversamos com o piloto e nos organizamos para empurrar o carro outra vez, com toda a força que temos. Sincronizamos a contagem e despejamos o primeiro impulso de energia no mesmo momento. Enquanto empurramos, o piloto inglês acelera de forma agressiva. Num suplício de fé coletiva, o carro se moveu e saiu do buraco sob os gritos infantis da vitória de um ancião, que está descrente do feito realizado. Corremos, pois o tempo urge com as águas que continuam a subir. Chegamos ao refúgio, consigo ver as luzes das casas e ouvir as vozes. O céu está azul escuro. Faltam poucos minutos

para o fim da tarde. Na curva para adentrar a estrada para os abrigos dos dissidentes, outra vez, atolamos na entrada, mas é um esforço minúsculo para retirar o carro da situação, se comparado ao que vivemos minutos atrás. Um leve empurrão desatola e os condutores aceleram com mais intensidade para não repetir o problema. Conseguem. Finalmente, voltamos para o nosso lar. Os amigos acompanhantes ainda demonstram espanto com as recentes emoções e precisam de um tempo para se recompor da aventura. Para mim, foi um belo presente do universo. Em nenhum momento, desacreditei ou deixei de me divertir com as emoções. Entretanto, ao meu lado, as memórias das profecias dos demais viajantes eram de desistência, pois já imaginavam a maré carregando o carro. Uma delas conta que pensou em começar a tirar as coisas do carro e levar para a floresta para as proteger do mar. Por sorte, não ficamos a ermo no caminho, sobrevivendo do que havia em nossas trouxas. Agora, podemos tomar um banho quente, comer uma boa ceia e cantarolar músicas ao redor da fogueira.

...

Viver a abundância e a docilidade de Barra do Serinhaém é uma intensa escola sobre como a vida pode ser fora da lógica do dinheiro, apesar de não ser, nem mesmo aqui: tantas terras, rios, lagoas, florestas. Aqui é um lugar onde colhemos alimentos nas trilhas e jardins; do mar, o pescado é a base de sustento da comunidade. Por isso, fomos presenteados com mariscos, além de recebermos ilustres convites para um banquete à beira mar, repleto de lagostas, camarões, polvos, peixes. Ironicamente, eu me confronto com o desejo de parar de comer carne. Ali, diante dos meus olhos, os pratos servidos sensualizam com minhas memórias, pois a decisão de ser vegetariano é recente e advém da razão, portanto, não é devida à aversão gustativa ou aspectos viscerais, que, por ventura, possam causar alergias e mal estar. Uma vez vencido o desejo da carnificina, contento-me com os abundantes acompanhamentos, gentilmente preparados para incluir as pessoas do grupo que não comem carne. Durante o deleite gastronômico, um dos convidados se questiona como alguém consegue renunciar a comer lagosta. A mãe solteira, prontamente, pede para que ele a pergunte.

O rapaz que a questiona é um dos músicos do grupo de samba Botequim, que por aqui está de passagem. Entre conversas e risos soltos, o grupo regou a noite com músicas, antes e depois da refeição, porque todos pararam para desfrutar juntos do generoso banquete. Estes raros momentos de diversão, música, dança, gente bonita na praia celebrando a revolução, aqui, passam a ser habituais, contudo, não é toda hora, nem todo dia, então aproveitamos ao máximo tais oportunidades. Todos os fenômenos agrupados tornam a paisagem sinestésica difícil de crer

que seja experimentada na realidade, ao invés de num sonho feliz e utópico, no qual realizo os meus desejos mais profundos, alguns dos quais nem mesmo eu tenho consciência da instalação. Porém, aqui, despertar não finaliza a experiência onírica da realização dos desejos, como quando acordamos do sono e o sonho apaga. Ao contrário, despertar aqui e agora me oferece viver o presente reluzente, que vai passar.

...

É notável que muitos dissidentes pousam no refúgio, mas logo revoam em direção a outros destinos. O plano de integrar o bando é sedutor, mas poucos, de fato, permanecem. Nosso abrigo se tornou um porto de passagem para as naus dos loucos que por aqui navegam. Somos criteriosos sobre a seleção dos navegantes que aqui aportam, afinal, estamos num abrigo de um bando de dissidentes refugiados. Portanto, existem diversos temores sobre os observadores do nosso ato, contudo, um jogo de palavras bonitas que expressem boas intenções é o suficiente para acolhermos os passantes. Para o bando ilhado neste refúgio, tais encontros com os navegantes animam a comunidade, pois aumentam o movimento local. Alguns passantes apenas aportam para uma breve estadia, com data de partida programada para poucos dias. Nestes casos, suas passagens incendeiam o bando com um clima de celebração pela ilustre chegada do visitante. Quando este tipo de navegante parte para seguir sua jornada, em geral, deixa saudade. Muitos passantes se comportam de modo colaborativo, o que resulta em mais soluções do que problemas de convivência. Porém, a paz é algo frágil: rompe-se por meio de diversos pontos críticos. O tempo é o responsável pelo desenvolvimento dos incômodos e atritos. No justo transcorrer das experiências, às vezes longas, outras breves ou instantâneas, os problemas de conviver em coletivos humanos emergem e, por vezes, transborda. Como comunidade, sabemos que é insensato permitir que o refúgio seja inundado por conflitos, pois é um motivo para fadar o plano ao fracasso. Assim, trabalhamos a comunicação interna e externa para manter a harmonia coletiva diante dos problemas de convivência, seja entre os integrantes do bando, ou com os passantes que acolhemos temporariamente. Entretanto, estamos todos carregados de armas, armaduras de defesa, além de muita violência reativa. Não poderia ser diferente, afinal, um programa cultural bélico nos foi implantado. Há um longo caminho para o reprogramar; o primeiro passo é perceber a instalação em seu próprio corpo. Observar tal programa nos demais é evidente, contudo, observar a si mesmo como parte do problema, é incompatível com o olhar de Narciso sobre o reflexo do espelho. Aos poucos, as atividades diárias no refúgio de dissidentes e o planejamento da fuga desconstroem, bloco a bloco, tais muros, que impendem

o olhar de ver a si mesmo como de fato se é. Entre os escombros, é possível avistar algo por trás, mas apenas após assentar a cortina de poeira levantada pelos destroços. Estamos neste processo de destruição de velhos programas para a construção de novos olhares, entretanto, é uma operação em que necessitamos conter nossas velhas violências instaladas, mas ainda assim, estouramos ira sobre os parceiros do bando.

Diante da ausência dos batalhões de prisioneiros do presídio, esta sociedade de população reduzida se torna um amplificador das consequências dos atos. Deste modo berrante, cada gesto de amor e ódio se agiganta. Ainda assim, mesmo em intensa e profunda busca individual para ser um humano melhor, os egos cegam a percepção, que se sente plena de razão após os confrontos de disparos de palavras e verdades incontestáveis de ambos os lados do diálogo. Certamente, existem os enfrentamentos em que coletivos de pessoas se reúnem para massacrar um indivíduo desarmado, a quem resta se render e apanhar todos os bofetões verborrágicos apontados em direção ao peito e à cabeça do corpo que recebe os disparos grupais. Aqui, ainda estou na fase de perceber o juiz e o carrasco que habitam em meu corpo. Alguns integrantes do bando já estão mais adiantados em relação a esta busca, outros, porém, mais atrasados.

Apesar dos conflitos internos e externos, a experiência de construir um refúgio é possível devido ao conjunto de fatores que nos trouxeram até aqui, o que inclui todos os acontecimentos e todos os envolvidos nessa história. Através desta realidade, cruzamos o caminho de diversas bruxas, artistas, amigos e parentes, que descobriram o caminho do novo refúgio. Meus pais, algumas tias e primos nos visitaram, pois temiam as condições da fuga. Gostaram do local, apesar de não desejarem permanecer. Minha mãe, porém, ficou com vontade e demorou maior tempo para retornar à sua cela no presídio. Outras mães visitaram o abrigo do bando para saber como estavam seus filhos e netos, algumas permaneceram dias suficientes apenas para averiguar a situação da vida no refúgio, outras gostariam de ficar, mas sentiam o peso das correntes lhes convocando a voltar.

Trata-se de um presídio, mas existem hierarquias entre os prisioneiros. A maior parte do bando vem de famílias privilegiadas, com mais acesso aos bens do que os prisioneiros pobres, mas estamos longe do poder dos abastados. Devido aos pequenos privilégios da nossa classe de encarcerados, os prisioneiros costumam se satisfazer com a condição de cárcere, afinal, possuem suas necessidades básicas garantidas. Em muitos casos, sequer se percebem como prisioneiro, servo de um sistema carcerário: pensam em si como ente próximo dos afortunados, no lugar dos pobres, que é a categoria a que de fato pertence. Os privilégios iludem o escravo a pensar que é o senhor. Esta é uma estrutura social necessária ao colonialismo, para

que os barões não precisem se relacionar com as massas dos prisioneiros de baixas castas. Há apenas dois extratos sociais na pirâmide, o alto e o baixo. Um ponto desenha o topo, já a base é uma imensa linha. A verticalidade é um escalada de privilégios, estar alguns degraus acima da linha basal, contudo, não significa estar próximo ao topo, ao contrário, demonstra que o cume é um domínio restrito, destinado aos poucos herdeiros das famílias que ocupam tais espaços há várias gerações, enquanto a maior parte da sociedade ocupa o restante da pirâmide e disputa os degraus para escapar da linha mais baixa da pirâmide. Assim como o topo, a base e os espaços nos degraus da escalada também são hereditários. O mérito, neste caso, está em nascer do útero adequado ao extrato do presídio, pois a mobilidade social é uma ilusão, exceto para os casos de pessoas extraordinárias.

Por sermos partes de famílias que ocupam degraus distantes da miséria e perseguição étnica e racial, a fuga foi facilitada em diversos sentidos, mas, ainda assim, exige de nós força, coragem e determinação para permanecer nesta busca, que rejeita a pirâmide social imposta. Assim buscamos construir a horizontalidade, porém, mais uma vez, a programação colonizatória expressa seu biopoder, mediante o confronto entre os conceitos racionais revolucionários e as práticas cotidianas. Desta forma, resta reconhecer o programa instalado e tentar alterar as reações e ações ativadas, em busca de coerência entre o que se pensa e o que se faz.

...

Nessa dhistória, nem tudo são flores, ou, devido ao ciclo biológico, as flores apodrecem com o passar do tempo; mas, se há vida no pé, novas flores continuam a brotar. Uma das flores do bando apodreceu e o cheiro de sua decomposição fez com que parte da comunidade organizasse o expurgo do ente cadavérico. Por meio de uma conversa sincera, a flor apodrecida é convidada a seguir seu processo de decomposição em outro local. Um aspecto notável deste diálogo é que a flor expurgada reconhece seu estado putrefato, enquanto as flores que julgam e sentenciam, ignoram o potencial devir dos aspectos podres a serem exibidos em suas próprias florações: hoje expressam plena exuberância estética, mas no futuro, o cheiro da decomposição pode vir a ser emitido por uma das belas flores que agora ajuízam a sentença. Entre elas, podem haver sempre-vivas, que, em condições adequadas, resistem ao apodrecimento cadavérico da beleza. Contudo, no caso das meras mortais, a digestão dos insetos, vermes, fungos e bactérias aguardam seu momento de atuar no ciclo da vida e morte. Assim, parte das flores estão fadadas

ao expurgo coletivo, contudo, em alguns casos, antes de exalar o odor podre, a flor abandona o bando para seguir a decompor por si mesma.

Integrar um bando de dissidentes em fuga é uma tarefa complexa, exige habilidades medíocres, que sejam o suficiente para cooperar com o plano, sem demandar o esforço dos demais para lidar com as questões individuais, exceto nos casos em que os integrantes se solidarizem com o problema alheio e desejem ajudar. Entretanto, estar numa situação de fuga demanda grande esforço para dar conta de si mesmo e dos dependentes, o que resulta em pouco tempo para atividades empáticas. Aqui, a solidariedade é um princípio cultivado pelo bando de dissidentes, mas é árduo se livrar da programação colonizatória egoísta: deixar de ver a vida como o espelho de Narciso. Contudo, é notável tal ruptura entre os integrantes do bando, que contemplam as preocupações narradas pelos dissidentes, em busca de soluções coletivas. Desta forma, há, em princípio, a constante intenção de colaborar com o bem-estar da comunidade através do exercício da solidariedade. Assisto a belos discursos e bons exemplos, mas, por enquanto, é forte a programação colonizatória do meu Narciso, que precisa de um imenso esforço para cooperar com as práticas solidárias.

O primeiro passo é a convivência comunitária numa sociedade problemática, composta por dissidentes imperfeitos: múltiplos Narcisos na busca para cruzar o espelho que nos aprisiona num reflexo do mundo. Como os prisioneiros da Caverna de Platão, que percebem a realidade através dos espetáculos de sombras, deixamos de acessar o mundo quando despertamos o erotismo para si mesmo. Neste sentido, a catexia da paixão narcisista opera no corpo como as sombras da caverna. Os efeitos da subversão sobre o programa são semelhantes aos de um prisioneiro que, pela primeira vez, olha para o mundo banhado por luz solar: cegado pela intensidade luminoso, seu corpo precisa se adaptar para contemplar as belezas e feiuras avistadas. Antes, contudo, como um reflexo de quem sente o fogo queimar a retina, retorna para o familiar conforto das sombras da caverna.

...

Revoadas de pessoas chegam e saem do refúgio com grande frequência. É hora da despedida de minha amiga que capturei no presídio. Com o desejo de voltar para sua cela, aproveita a oportuna carona do piloto inglês, acompanhado da bruxa com quem irá se casar. Um longo e emotivo adeus é lançado. A nau parte, lançando-os de volta ao mar de *Maya*, em direção à desafiadora odisseia de retorno aos porões do cárcere. Aceito a decisão de partirem,

mas não alcanço a compreensão de como alguém decide voluntariamente retornar ao centro do presídio.

Há muito trabalho para planejar os próximos passos. A condição de prospecção futura soterra o passado rapidamente. A saudade se torna ansiedade para cumprir a meta.

...

Hoje, o refúgio de dissidentes amanhece cheio de visitantes. São muitos pretendentes a vir a habitar a comunidade conosco. Muitos belos corpos desfilam animados com o plano. Após o desjejum, partimos em bando em busca de um terreno para construir o abrigo permanente. Uma prospecção da região revela que grande parte das terras pertence ao capataz de um único barão, o senhor de toda a capitania hereditária. A família do barão é uma das principais vozes que ditam a política imperial. Assim, com os campos desta região dominados por colonizadores, poucas e pequenas terras pertencem aos outros proprietários, que resistem ao monopólio das capitanias hereditárias.

Compreender esta condição do território que habitamos, ao lado da realidade de que devemos desprender um grande volume de riquezas para adquirir nosso próprio refúgio, protegido da ação imperial, evidencia profundas questões: se aqui, de diversas formas, ainda estamos presos pelo dinheiro, posso considerar que pisamos, de fato, fora das fronteiras do presídio ou sequer em suas margens? Quanto tempo conseguiremos nos manter no abrigo temporário sem sermos descobertos ou expulsos por falta de recursos?

Aqui, percebo-me cada vez mais encarcerado, vivendo sob o mesmo sistema de regras e conflitos. Comigo, trouxe as grades do presídio, mas agora, ao menos, posso visualizar a natureza como paisagem. Este é um fator marcante, pois é uma experiência inacessível dentro da cela de onde venho. Contudo, parece sempre haver uma janela de vidro entre meu corpo e a floresta, uma espécie de desconexão que me faz domesticar os ambientes em que navego.

Conseguimos uma boa opção para o local da construção da comunidade. Ainda é preciso dinheiro, muito dinheiro, para realizar a utopia, mas, entre os comparsas do bando, é profunda a fé de que vamos conseguir alcançar a meta. O lugar é lindo, com um porto de areia na beira do grande rio Serinhaém, que desemboca no mar do Pratigi. Uma imensa faixa de floresta de manguezais protege o terreno arenoso, com uma grande lagoa no meio e nascentes de água mineral. Apesar da aridez do solo, grandes árvores crescem espaçadas. A paisagem é diferente, cruza o mar com mata. Creio ser uma espécie de restinga. Caminhamos adentro até chegar numa linda floresta adensada, repleta de biodiversidade: insetos coloridos, cogumelos vermelhos e

outros fenômenos da natureza selvagem podem ser encontrados neste reduto sombreado, coberto pela copa de grandes árvores, que crescem próximas umas das outras. A paisagem e o clima desta natureza são muito distintos quando comparados ao areal aberto das áreas de restinga. Entrar e sair da floresta, assemelha-se a passagem por um Portal.

O terreno é repleto de portais para diferentes naturezas. Ao continuar a caminhada, encontramos um rio que corta uma faixa de mangue. O local é deslumbrante, pois observamos os feixes de luz que atravessam as folhas e refletem na água em direção aos troncos das árvores, o que gera pontos de luzes focais, que se movimentam com o fluxo d'água, numa dança luminosa, em meio ao conforto de uma deliciosa sombra da vegetação ciliar de um rio, no qual se pode navegar até o mar.

O sonho está proposto. Agora, resta ao bando coletar os recursos necessários para adquirir a posse do terreno para construir a utopia coletiva. Lançamos um prazo para a confirmação dos dissidentes interessados como parte de uma força-tarefa para o cumprimento da meta financeira. Meses transcorrem velozes e os diversos visitantes desistem do plano de fuga, ou da adesão no presente momento. Mais uma vez, o bando se encontra reduzido aos poucos pioneiros desta odisseia homérica.

...

Na celebração do ano novo, os comparsas estão animados. Fomos convidados para a festa na hospedaria da comunidade de pescadores, mesmo local onde nos serviram um grande banquete ao som do samba. Antes de caminharmos juntos pela beira do mar, combinei com uma comparsa de realizar um jejum até o próximo dia.

Após caminharmos por breves minutos, entre barulhentos diálogos e gargalhadas, avistamos tochas de fogo na entrada da festa. Mais uma vez, a mesa estava elegantemente posta, com farta abundância de alimentos, em especial, requintadas preparações com mariscos. Mantive o desejo de jejuar por horas, mas, num dado momento da noite, sinto uma fome intensa, que me faz navegar pelos quitutes da mesa. Com exceção das frutas que enfeitam os pratos, os alimentos servidos estão fora do protocolo alimentar que me submeti, antes mesmo de me propor ao jejum. Num ato de fraqueza, o desejo de comer vence e sirvo a vinagrete de polvo sobre uma torrada. Em primeiro lugar, trata-se do cadáver de uma animal que considero extremamente inteligente, sensível e especial. Em segundo lugar, a torrada com manteiga contém glúten do trigo e o leite da manteiga. Como uma dose com culpa, depois repito, ainda

culpado por transgredir as minhas próprias regras para o uso do meu corpo. Porém, cada vez mais, encorajo-me a desfrutar de outros quitutes a fim de saciar a fome.

Quando me preparo para mordiscar o próximo alimento, algumas comparsas do bando chegam esbaforidas por correr até aqui, para me avisar que meu cachorro fugiu do refúgio. Abandono o impulso oral desmedido e parto veloz para encontrar meu cão foragido. No caminho de volta, cruzo com ele, que sorri com a grande língua de fora, animado por finalmente me encontrar. Chamo para que me acompanhe e retornamos para casa. Deixo, assim, a festa. Em casa, como um alimento dentro do protocolo. O jejum do ano novo, para mim, virou lenda, mas a comparsa do bando persistiu durante todo o dia seguinte.

De volta ao refúgio, aos poucos, os comparsas do bando retornam e seguimos a celebração até o amanhecer. Quando sentimos o raiar das cores no céu, caminhamos para assistir ao nascer do sol na beira do mar.

...

O reduzido bando de pioneiros recebe mais uma dissidente animada para integrar o bando, junto com sua filha de onze anos. Elas se instalam em frente ao nosso refúgio, numa pequena casa que precisou de uma intensa reforma, mas logo ficou confortável. Ao lado, uma jovem mangueira cobre o chão com a manga mais deliciosa do local. As duas novas integrantes adentram ao bando como se sempre tivessem feito parte do coletivo. O clima é de festa por conquistarmos novos membros.

Entre os adultos, alguns casais já vieram formados, outros aqui acasalaram, como no meu caso. Contudo, diversos laços afetivos foram formados durante a vida neste refúgio paradisíaco. Muitos foram transitórios, em raros casos, permaneceram. Uma nova conjunção se forma com o reencontro de antigos conhecidos: a nova integrante do bando e o ser de gênero neutro se apaixonam ardentemente. Uma paixão, de certo modo, inesperada até mesmo por suas partes envolvidas, uma vez que esta transformação do sentimento de amizade para um fervoroso tesão era uma situação imprevisível, porém provável ao ponto de se concretizar. É possível que este seja mais um caso do inevitável que, no passado, falhamos ao profetizar o futuro.

...

No jogo entre o egoísmo e a empatia, lidamos com os problemas individuais e coletivos do bando. Nem sempre acertamos, ou conseguimos resolver. A educação das crianças, por

exemplo, é um fator de especial complexidade e relevância. Na teoria, parece ser fácil e simples educar em casa, ou na escola da comunidade ribeirinha, mas na prática, muitos desafios são apresentados. A utopia de construir um espaço de educação revolucionária, que desenvolva a autonomia dos aprendizes e docentes, além de integrar toda a comunidade como ambiente educativo, é um horizonte possível de alcançar, contudo, a busca para efetivar o desejo desta realização evidencia a imensa distância que estamos em relação à onde pretendemos chegar. Aos poucos, neste mundo distópico, caminhamos com determinação em direção às nossas utopias.

Com frequência semanal, reuníamos o bando para acompanhar as atividades e planejar os passos seguintes. Nestes encontros debatíamos sobre os diversos assuntos relacionados aos planos e desafios para a consolidar a comunidade. Em meio às reuniões, decidimos fundar o “Instituto de Pesquisas Ambientais e Humanidades” (IPAH)²⁵, com o objetivo de facilitar a implantação do projeto de um laboratório de vida em comunidade autossustentável, chamado “Aldeira Turi” (do tupi-guarani, *turi* = fogo). Nesta perspectiva, estamos à procura de um local, onde pretendemos construir um refúgio para dissidentes que buscam escapar do presídio das ilusões reais. O projeto e o instituto de pesquisa são os instrumentos que encontramos para viabilizar a materialização da utopia. Os comparsas do bando dedicam grande parte dos seus recursos e esforços para executar os planos da fuga. Estamos comprometidos, mas ao mesmo tempo, buscamos nos libertar da compulsiva, e compulsória, produtividade biocistêmica.

Para sobreviver à fuga no mar de *Maya*, o navegante foragido precisa realizar um esforço mais intenso do que o de quando era um servil operário no presídio. Por este motivo, após navegar em meio às tempestades, aportar, levantar acampamento e conquistar, enfim, um breve momento de paz durante a fuga, explode o desejo de descansar como se a jornada chegasse ao fim. Porém, há muito trabalho a ser feito se quisermos perseguir a meta.

Com o ritmo do processo, as diferenças de opiniões, desejos, prioridades, urgências e expectativas sobre o plano de fuga, emergem. Mergulhados em reuniões para alinhar tais perspectivas, alcançar todos os objetivos do bando aparenta ser improvável a curto prazo, apesar da profunda crença dos integrantes de que vamos conseguir. Ato que, na teoria, parecem fáceis de serem realizados revelam complexos desafios para a execução prática. Outras ações, todavia, resultam em ser mais simples na prática do que na teoria.

Em geral, os bandos de dissidentes possuem chefes, que comandam os movimentos coletivos; são mentores, que planejam e repassam para os demais a ordem a ser executada. No

²⁵ INSTITUTO de Pesquisas Ambientais e Humanidades (IPAH). Website. Bahia: IPAH, 2021. Disponível em: <https://www.institutoipah.com/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

caso da sociedade que formamos, busca-se a política da autonomia. Aqui, todos são comandantes e servos. Cada integrante do bando, precisa lidar com os dois personagens que carrega dentro de si. Quando nas relações prevalece determinado papel, trata-se de um desequilíbrio individual, pois tal jogo de poder é inexistente aqui e agora. Contudo, a atuação de ambos os personagens é notável no comportamento dos integrantes do bando, a depender do momento e da relação estabelecida com o outro. É mais uma das programações colonizatória: ser a autoridade ou o servo. Em todos nós, pode haver o desejo de ditar a ordem a ser estabelecida, o plano a ser seguido, a ideia que recruta o tempo e o esforço de vida de todos. Para outros, obedecer é um modo de vida mais fácil do que planejar e lidar com as consequências de liderar um grupo. Alguns podem variar entre os dois programas colonizatórios, sobretudo, a depender do contexto em que se insere, mas é também comum as pessoas que adotam um dos dois comportamentos como prevaletentes. O estilo de cada um pode ser resultado da cultura, da genética, da astrologia, ou qualquer outro motivo, mas há ampla diferença nas performatividades.

Num bando de dissidentes, é reduzido o aspecto servil dos integrantes, que tratam a colaboração altruísta como um gesto de solidariedade. Entretanto, dentro da diversidade de todos os grupos, os indivíduos se destacam por suas habilidades adquiridas. Aqui, neste bando, contemplamos diversos perfis de inteligências, alguns mais dedicados às ações práticas, enquanto outros demonstram grande talento para arquitetar pensamentos sobre a gestão do plano de fuga. Para este trabalho mental, é preciso premeditar diversos fatores e aspectos. Poucos consideram este um processo relevante, pois é lento e o único resultado físico possível é escrever um texto para registrar tais pensamentos proféticos. As palavras podem guiar o escritor e outras pessoas na busca para materializar os desejos expressos no texto. Entretanto, é pouco provável alcançar interpretações únicas e universais. Além disso, todo texto é apenas um texto: quem valida a permanência do escrito como guia? Sobretudo, no caso de um plano de fuga que não possui referências institucionais. Por outro lado, o esforço de um registro cuidadoso deve ser ignorado ou soterrado com o passar do tempo?

É fundamental ler um texto sem o considerar uma doutrina religiosa imutável, ou um conjunto de leis inquestionáveis, pois é preciso ativar o senso crítico para interpretar o conhecimento expresso. Contudo, é necessário acolher e respeitar o saber alheio, quando este não ofende a existência do leitor, que pode optar por parar a leitura e descartar os escritos. Um texto pode ser o líder de um bando que esconde o mentor de um plano por trás das palavras. Nesta relação entre autoridade e servidão, não há reprogramação descolonizatória, pois a

autonomia é abandonada. Como, então, harmonizar a tomada de decisões numa sociedade de pessoas com autonomia, sem que estas invadam o espaço alheio?

Nada pode ser garantido, mas o princípio é educar os indivíduos para serem protetores de si e do seu entorno. Nesta perspectiva, a invasão do espaço alheio se realiza, de modo ideal, apenas em ações de cuidado com o outro. É uma utopia acreditar que as pessoas deste mundo distópico irão se comportar assim. Trata-se de uma busca utópica, que opera como um horizonte que se renova a cada passo e nunca conseguimos tocar. Aqui, decidimos nos comportar deste modo, mas teremos que lidar com as consequências de tais escolhas quando se chocarem com a prevalência do modo servil e autoritário da programação colonizatória instalada em nossos corpos.

...

Após ajustes, tudo parecia ir bem, como num filme romântico que transcorre em meio a uma paradisíaca praia selvagem, quase deserta. Todo o bando expressa felicidade com as condições da fuga, em plena sintonia com o planejamento e a execução dos passos seguintes. Cada um de nós, porém, guarda em si os próprios transtornos, que podem ser abafados durante o fervor da paixão dos primeiros encontros de verão. Contudo, o tempo logo escancara alguns conflitos silenciosos. Abundância de insatisfações é o que o seu humano coleta nas experiências que vive. Fugir do cárcere é um movimento que reinicia a vida por meio de uma nova narrativa biográfica: o prisioneiro que abandonou o presídio enterra o cadáver do seu ser-encarcerado para ser-fugitivo. Neste ponto de virada, inicia uma nova história de vida, repleta de utopias, sonhos e ilusões. Das proféticas expectativas de futuros revolucionários até o ato de as concretizar no mundo material, há um longo caminho a percorrer no espaço-tempo. Aos poucos, percebemos que chegar aos pontos de desejo, talvez, tarde, e, por este motivo, há o risco de que os dissidentes cansem da jornada e abandonem o bando.

A utopia de criar uma sociedade alternativa envolve diversas vertentes da gestão social. Desta forma, é uma realização complexa, conectada ao sistema hegemônico. Apesar do desejo de se libertar, fato é que não existe fora, ou, ao menos, eu não cheguei lá, mas quero continuar a crer que é possível. A ilusão de poder andar a passos maiores do que as patas das formigas que somos, igualmente distraem o ato seguinte. Por enquanto, falamos em buscar a autorrealização e projetos revolucionários que nos apaixonem. Sem tesão, não há dedicação. O tesão pelo dinheiro compra a dedicação de forma eficiente. Hoje, penso em me tornar produtor, no lugar de ser, exclusivamente, um consumidor, seja de alimentos, moradia ou conhecimento.

No mundo da matéria, qualquer passo que transforma ideia em ato, exige grande despendimento de energia. Por isso, somos formigas obreiras carregando pesos maiores que nossos corpos. Entretanto, é sábio valorizar a potência do batalhão de formigas que se comunica em rede. Junto com bactérias, fungos e outros microrganismos, as formigas são parte do clã que conecta os mundos da vida e da morte: fertilizam e aeram o solo, reciclam cadáveres e demais organismos em putrefação através da digestão alimentar e excreção anal. Uma formiga é vulnerável ao pisoteio de animais de maior porte. Contudo, o agrupamento associativo entre semelhantes torna o batalhão de formigas o animal mais temido da floresta, capaz de destruir tudo o que se puser como obstáculo físico no caminho que o bando decidir trilhar.

A força do formigueiro não está na unidade da formiga: encontra-se no corpo coletivo que se reconhece como uno. O grande mistério é essa comunicação mobilizadora que mantém as formigas conectadas na mesma frequência de transformação da ideia em ato. A metodologia biomimética propõe observar a natureza para aprender a solucionar os problemas da cotidianidade humana. Ao olhar para as formigas e seu modo de organização social, pretendo apreender metáforas existências que conciliem a eficácia produtiva do corpo-formiga com a ludicidade do cantarolar do corpo-cigarra.

O trabalho de formiga do pensamento é construir, de grão em grão, novas arquiteturas de saberes. Depositando partículas minúsculas, porém muitas vezes maiores que nossos corpos, aos poucos, sedimentamos princípios e visões de mundo. Nestas partículas, estão contidas memórias ancestrais, que, através da experiência, atualizam a virtualidade da realidade. Como formiga, levarei a poeira do conhecimento aos corações e mentes dos que me permitirem acessar seus campos de ideias. Com aparência frágil e insignificante, o organismo-batalhão de formigas contém a potência de fertilizar os solos do saber para dele emergir as flores e frutos da experiência sensível e cognitiva humana.

...

Num belo fim de tarde, à beira mar, mergulhado num romance poético no paraíso, sinto-me incompleto. Aparentemente, tudo está bem, mas sigo com uma insatisfação em meu peito. Penso que preciso me mover, seguir a navegar para novos rumos, onde mais um passo possa ser dado em direção à utopia. Olho nos olhos do meu companheiro amoroso, que está embriagado com o romantismo do presente, enquanto o comunico sobre o meu desejo de partir. Assustado com a notícia repentina, ele pede calma e busca entender o que quero dizer.

Relato que quero me mudar para a ilha e iniciar a construção do refúgio com minhas próprias mãos, independente dos desafios que eu encontrar pela frente. Não espero que ele decida me acompanhar, pois entendo o momento e os desejos de cada um. Sabemos que uma ilha quase deserta, sem luz, internet, fora da rede de distribuição de água e esgoto, pode ser um desafio demasiado intenso para alguns dissidentes do bando neste momento. Contudo, sinto ser o momento de caminhar em direção a tais medos. Meu companheiro amoroso sorri aliviado, nenhum destes fatores lhe parece desafiador. Contrariadas às expectativas, conquisto um parceiro para ocupar a ilha, ao lado da bruxa anciã e seu cachorro preto.

...

Durante o período que a bruxa anciã vive ilhada, a solidude é rompida por episódicas visitas de comparsas do bando, ou dos vizinhos, além da permanente companhia de seu fiel escudeiro, o cachorro preto. Em certa visita para averiguar a situação do abrigo da ilha, a bruxa anciã nos mostra que a tampa da fossa se rompeu e o esgoto estancado, exposto a luz solar, tornou a fossa um criadouro de mosquitos, mesmo que esteja desativado o uso. Para dormir, ela abandona a casa, que fica ao lado da fossa, para subir a montanha da ilha e repousar numa barraca telada, junto com o seu cachorro. Além disso, todos os dias acende uma fogueira para queimar os mosquitos.

Dias após este encontro, voltamos para a ilha carregados de materiais para solucionar o problema da fossa. A maior parte é feita com os restos da estrutura dos viveiros de cultivo de peixes. A função é muito bem sucedida e celebramos o feito com um farto almoço vegano.

Outro problema que a bruxa anciã relata é que, apesar de seus poderes mágicos, convive com o medo de invasores que possam vir a violar seu corpo ou seu lar. Por isso, dorme ao lado de um facão, atenta aos barulhos e movimentos noturnos. Quando suspeita de perigos, encena a bravura com gritos enfurecidos ou com a criação de personagens ilusórios: “Zé, pega o facão, Zé”. Logo, penso que é preciso acelerar a mudança para a ilha.

Enquanto conservamos, as crianças se divertem na beira do rio, rolando na lama e arremessando bolas viscosas umas nas outras, e em quem se aproximasse para se banhar nas águas. Depois do conserto da fossa, do banho de rio, do almoço coletivo, retornamos alegres ao refúgio em Barra do Serinhaém e a bruxa anciã ficou, mais uma vez, sozinha com seu cachorro preto na escuridão da noite de uma pequena ilha deserta.

Longos dias são necessários para organizar a partida definitiva. Diante dos medos, que irrompem erupções de pensamentos vulcânicos apavorantes, titubeio diversas vezes em relação

à decisão. Afinal, por que abandonar esta paradisíaca zona de conforto e partir em direção aos medos?

Porém, caso eu permaneça imobilizado, meus anseios jamais serão cumpridos; seguirei com a sensação de insatisfação, por permanecer inerte diante do meu horizonte utópico. Por sorte, meu companheiro é um dissidente muito decidido e, uma vez instalada a ideia de que iríamos para a ilha, movimentou toda a vida para concretizar tal aspiração.

Em poucos dias, conseguimos concretizar a mudança. Muito precavido em relação aos desafios que encontraremos a seguir, meu companheiro organiza uma chegada à ilha muito mais estruturada do eu havia projetado. Grande parte da zona de conforto embarca na nau, sobretudo, o amor de um companheiro afetivo.

Finalmente instalados na ilha, a primeira noite foi a mais difícil de dormir em toda a minha vida, devido a imensa quantidade de mosquitos resilientes. No dia seguinte, partimos para a vila mais próxima para comprar mosquiteiros. Com o concerto da fossa, aos poucos, os mosquitos cessaram e foi possível curtir o sono descoberto, sob a brisa da janela aberta. Contudo, em determinado período do ano, os muruins atacam e o mosquiteiro volta a ser um importante refúgio noturno.

...

Conosco, a bruxa espanhola e o nosso cachorro nos acompanham na missão de ocupar a ilha. Ao nos reunirmos com a bruxa anciã, formamos um pequeno e amoroso clã. A questão mais problemática é o convívio entre os cachorros, pois não conseguimos conter o nosso cachorro brutamontes, capaz de escapar de todos os tipos de contenção que arranjam. Por este motivo, chegamos à ilha de um modo invasivo, que modificou a cotidianidade da bruxa anciã, já que era necessário se afastar de nós, junto com seu cachorro preto, para evitar o conflito canino.

Entretanto, nossa chegada foi a oportunidade perfeita para ela partir de volta para os centros do presídio, pois havia se tornado avó e deseja conhecer o neto recém-nascido. Diante de sua previsível partida, conseguimos celebrar os poucos dias que estivemos juntos, mesmo diante dos repiques belicosos dos cães. Sua saída da ilha deixou fortes saudades, pois é notável o poder de sua presença para harmonizar o ambiente. Desde que aqui pisou, o lugar floresceu e se tornou um lar aconchegante. Seus feitiços de magia e proteção foram espalhados em diversos locais da ilha, o que resulta numa sensação de maior acolhimento, beleza e conforto. Ao aportar com calma na ilha, sente-se os tons místicos do divino, que a bruxa anciã soube conectar e

fortalecer o canal. Com sua partida, resta-nos honrar e manter o seu legado pioneiro para o bando, ao cumprir a nobre missão de ser a primeira dissidente a habitar a ilha para a preparar para o acolhimento dos demais comparsas, que tardaram a chegar para conviver com a bruxa anciã, enquanto vivia na ilha.

Apesar do distanciamento territorial entre a ilha e o refúgio em Serinhaém, realizávamos visitas esporádicas à bruxa anciã para levar suprimentos e ajudar em qualquer necessidade construtiva. Contudo, é impressionante o poder da autonomia desta bruxa, que resolve diversos problemas de forma brilhante. Através dos recursos disponíveis, vive a abundância selvagem, porém, por vezes, interposta pela escassez de alimentos e outros problemas estruturais das condições de morar numa ilha deserta, apenas ao lado do seu cachorro.

...

É equivocado afirmar que nesta ilha estamos ilhados, longe de qualquer civilização, sem acesso à internet, telefone ou eletricidade. Contudo, as comunidades mais próximas estão separadas de nós por um largo e profundo rio estuarino. Além disso, na ilha, o consumo de tais tecnologias modernas é limitado e custoso, portanto, o uso é reduzido aos momentos importantes. Para carregar o celular e algumas baterias, há duas formas: ou gastamos o pouco de gasolina que temos para ligar o gerador barulhento por algumas horas, com o benefício de poder usar a eletricidade da casa de modo desmedido, enquanto o motor do gerador permanecer em giro, por meio da combustão de produtos derivados do petróleo. Entretanto, na maioria das vezes, meu companheiro amoroso atravessa o rio a remo, para utilizar a tomada de um grande feudo em frente.

O barão das terras mora em outro local, mas há servos para cuidar do espaço. Gentilmente, acolhem a questão de estarmos ilhados, sem uma fonte sustentável de eletricidade na ilha. Ao aprender o caminho da navegação, meu companheiro passou a atravessar o rio com grande frequência e, assim, pôde utilizar o celular em diversos momentos.

A possibilidade de carregar o celular, ao atravessar o rio, e, assim obter um instrumento de comunicação com outras fronteiras, quase constantemente ativo, foi uma solução que a bruxa anciã não desfrutou. Em raros momentos, conseguia carregar um telefone que funcionou como aparelho de comunicação emergencial. Além desta situação, outras questões da estadia da bruxa anciã foram solucionadas com a nossa chegada, como a solidude e a escassez de alimentos, por exemplo.

Apesar dos desafios, sinto, finalmente, a estranha sensação de estar em casa, de retorno ao lar. De fato, a ausência do celular é uma busca. Agora, presenteio-me com o luxo de renunciar a posse de um aparelho próprio. Embora eu viva numa casa com um companheiro que possui celular, o telefone se torna um instrumento exclusivo para as comunicações fundamentais, sejam em relação a logística ou afetividades. Desde que me alcei ao mar de *Maya*, sinto aversão aos dispositivos eletrônicos. Por este motivo, apenas os utilizo quando é realmente preciso navegar neste mundo de mídias. As condições atuais da ilha, portanto, satisfazem. A desconexão com o mundo é o principal temor do prisioneiro em fuga. Para a maior parte dos comparsas do bando dissidente, tudo bem se isolar fisicamente, mas jamais abandonariam a conexão virtual.

A situação da eletricidade e da internet é algo que precisamos resolver, se quisermos manter a perspectiva dos demais comparsas pousarem aqui. Por sorte, a ilha é mais alta do que as demais terras ao redor. Além de belas paisagens, os sinais das torres de transmissão podem ser captados com facilidade.

...

Outra condição fundamental para que outros dissidentes possam aportar nesta ilha, é construir mais abrigos. Com a questão das construções na ilha, os três habitantes se reúnem à noite, à luz de velas, para relatar o que cada um prevê arquitetar. Juntos, imaginamos a expansão da casa, a edificação de um quiosque para tratamentos curativos, além das “ocas” particulares, que consistem em compactas habitações para abrigar os distintos núcleos familiares dos dissidentes do bando.

No dia seguinte, caminhamos pelas matas da ilha para desvelar os locais em que pretendemos erguer os sonhos compartilhados na noite passada. Ao desbravar os caminhos desta ínsula, o estonteante espetáculo selvagem atordoia as vistas. Aqui, dentro e fora é belo. Há tiriricas, que com afiadas folhas cortam a pele humana, como a lâmina de uma navalha amolada. Alguns riscos sangrentos são feitos na pele de todos os exploradores, pois mesmo protegidos por roupas longas, algumas extremidades permanecem expostas.

Após a expedição pelas terras insulares, nadamos nas águas salgadas do estuário para refrescar o corpo. A sensação do sal em contato com as feridas é sentida intensamente, mas anestesia em poucos minutos. De certa forma, o efeito doloroso soa como uma ajuda medicinal das águas salgadas para a cicatrizar os cortes de tiririca.

...

A notícia de que estamos habitando a ilha corre por distantes fronteiras. Alguns dissidentes decidem, portanto, visitar-nos. De uma só vez, aporta um grupo de belas bruxas do Sul, que revoam em bando migratório, montadas em bicicletas. Além delas, um casal de bruxos, com sua jovem filha, chega junto com nosso comparsa *viking* nordestino. Para as referências dhistóricas da ilha, antes quase deserta, agora, a situação aparenta alta densidade populacional. É divertido conviver com a agitação dos visitantes, animados para conhecer as maravilhas da ilha. Conseguimos nos organizar de modo rápido e eficiente para bancar as tarefas domésticas coletivamente. Assim, conquistamos muito tempo para desfrutar dos dias de sol veranil, quando podemos nadar no rio estuarino, caminhar pelas matas, conversar, dançar, pintar, descansar, enfim, fazer o que desejar.

O tempo passa e os visitantes retornam às suas jornadas. O bando das belas bruxas é o último a partir em revoada, lançando o perfume de flores no ar. Este período soou como doces férias de verão. Por sorte, a ilha serviu aos visitantes apenas como um breve ponto de pouso, pois a estrutura restrita foi sobrecarregada com a grande quantidade de pessoas, mas não colapsou. Entretanto, está evidente a necessidade de trabalhar para tornar a ilha um abrigo com capacidade para habitar uma maior população de dissidentes em fuga.

...

A lealdade das formigas ao bando não é o exato caso dos humanos. Em todo o processo, o bando teve baixas e novas adesões. No momento em que abandonamos às celas, pensamos ser uma conquista que seduziria a permanência de todos no bando, mas não é o caso. Agora, o casal heterossexual abandona a nau para construir um refúgio próprio em terras distantes; em seguida, a mãe solteira parte com seus filhos em fase escolar, pois decidiu abortar o plano de fuga, em busca de melhores condições educacionais para os filhos. Depois, a bruxa anciã e o seu cachorro preto deixam a ilha, seguidos pela bruxa espanhola dias mais tarde.

A revoada migratória da maior parte dos dissidentes resulta em grandes perdas, que poderia desanimar os poucos integrantes que restam, mas seguimos com o projeto de modo determinado. A cada desafio encarado, a avidez de seguir em frente, em direção à utópica fuga, exige-nos ser inabaláveis. Mais do que nunca, o bando está reduzido. Ainda que expostos a tais condições, seguimos animados e confiantes com o plano de fuga.

...

Eu e meu companheiro amoroso decidimos construir nossa própria oca, pois percebemos que, além da eletricidade e internet, erguer novas habitações é a condição para que os demais comparsas do bando dissidente venham morar na ilha. Diante desta decisão, eu e meu apaixonado companheiro perseguimos este objetivo com determinação. O primeiro passo foi dado: escolhemos o local onde desejamos construir. Agora, o coletivo deve aprovar as escolhas e, junto com os técnicos em bioconstrução do bando, projetar a construção para, novamente, submeter à aprovação da assembleia de dissidentes.

Os técnicos visitam a ilha para fazer um plano altimétrico da topografia do solo da ilha. Marcamos o local das construções e arquitetamos o plano de construção. Aprovado o começo das obras, partimos em busca dos materiais da obra. Grande parte da oca hexagonal será feita com barro, mas precisamos de madeiras com calibres que não conseguimos encontrar na ilha, pois, aqui, uma jovem mata rebrota há um par de décadas, após um longo período de degradação da floresta para a implantação de monoculturas que priorizavam o dendê e a piaçava. Contudo, há outras espécies de frutíferas cultivadas pelos moradores ancestrais da ilha, como coco, caju e manga. Entretanto, há grandes prejuízos causados pelos métodos desta agricultura, que emprega a queima do solo e a fertilização química.

Quando meus pais adquiriram a ilha, ocorreu um episódio de queimada, que os trabalhadores se esforçaram para realizar, pois pensavam que os padrões ficariam felizes com a limpeza. Ao ver a paisagem desértica devido à queimada, minha mãe enfurece e proíbe qualquer desmatamento na ilha a partir deste dia fatídico. A cultura de limpeza do solo através das queimadas, foi aplicada por muitos anos aqui, porém, com o tempo transcorrido desde a proibição, o mato cresceu. Muitas árvores, flores e frutos, acompanham o crescimento das cortantes tiriricas e de outras gramíneas, enquanto as densas florestas atlânticas se reestabelecem na ilha lentamente.

Viajamos para o Jatimani, a fim negociar com os quilombolas a aquisição dos troncos necessários para estruturar a oca. Encontramos uma simpática dupla de irmãos risonhos interessados em fornecer a madeira. Porém, antes de fechar o negócio, um conhecido pescador de Serinhaém intercedeu para se habilitar a construir a oca conosco e recomendou uma melhor opção de fornecimento. Confiamos em seu juízo e confirmamos a compra.

Os quilombolas chegam no porto natural da ilha e lançam nas águas do estuário, os troncos grossos e densos, trazidos em suas rústicas naus. Assim, aproveitam o boiar das madeiras para as transportar para a parte seca da terra. O porto natural da ilha é composto por

uma grande pedra de arenito colorido, em maior parte rosado, mas apresenta tons de rosa, roxo, branco e amarelo. Contudo, tais cores estão ocultadas por trás de uma fina camada da escura lama do mangue. A depender do nível da maré, a água esverdeada do estuário cobre a pedra ou a seca. Agora, a maré está cheia, porém, o barco é demasiado grande para a pequena profundidade do porto natural. Por este motivo, os quilombolas ancoram ao lado da extremidade da pedra de arenito e transportam as toras com facilidade até as margens alcançadas pela maré.

...

O pescador de Serinhaém chega para nos ajudar na obra. Ele é baixo, porém forte e habilidoso. Durante a construção da oca, morará na ilha conosco, mas está a poucas horas da sua vila familiar. Assim, pode a visitar quando desejar. Organizamos sua morada temporária na única casa da ilha e apresentamos o local da construção. Estudamos a ação da obra nos próximos dias e elencamos os materiais e ferramentas necessários para iniciar o processo. O primeiro passo é escavar o barro para terraplanar o solo.

No dia seguinte, visitamos a vila urbana mais próxima, para coletar os materiais da obra. Ao final da tarde, voltamos para a ilha no lento barco *poc poc* do pescador. A demora no caminho é positiva, pois assim, é possível desfrutar mais tempo do descanso e das belas paisagens oferecidas pelo entardecer no estuário.

O sol já estava posto, quando o céu anuncia os últimos tons da claridade azulada, navegamos ao lado das beiras do Oeste da ilha, em direção ao porto do Sul. Ao nos aproximarmos das margens, o pescador desacelera, mas mantém o motor em lento funcionamento, numa batida rítmica dos sons de *poc poc*, emitidos pela máquina mecânica. Eis que um cardume de peixes voa em torno de nós, irradiando o brilho do reflexo das derradeiras luzes do poente solar, refletidas pelas escamas prateadas. Enquanto o motor do barco ronca, admiramos os barulhos do salto em parábolas por cima de nossas cabeças e do subsequente mergulho, como um projétil bailarino em dança. É possível que a presença do casco do barco, junto ao barulho do motor e do fluxo d'água que o giro da hélice resulta, os peixes tenham pensado que o barco em que navegamos é um predador e, por este motivo, saltam para fora d'água para despistar o caçador. Durante a ocorrência deste fenômeno da natureza, que prosseguiu até nos aproximarmos do porto Sul, um trio de peixes calcula mal o movimento do salto e cai dentro do barco. O pescador celebra a chuva de peixes, que lhe presenteia com um farto jantar, sem o esforço da pescaria. Uma vez que eu e meu companheiro amoroso estamos no fluxo de alimentação vegana, então, todo o pescado serve ao obreiro pescador.

...

Convocamos um mutirão solidário para a terraplanagem do terreno. Apenas três dissidentes se escalaram para o trabalho: o ser sem gênero, sua namorada e um bombeiro forte. Além deles, eu, meu companheiro amoroso e o obreiro pescador de Serinhaém, compomos o grupo para escavação.

Tudo ocorre com tranquilidade. Todos se dedicaram com ardor para realizar os trabalhos: enquanto a maior parte do coletivo se esforça para cavar o barro, outra parte do grupo organiza o alimento e a limpeza da cozinha. Por um lado, o esforço com o facão e a enxada é debaixo do sol quente. Por outro, é ao ar livre e, ao fim do expediente, um avanço físico será alcançado. Já a preparação do alimento para um batalhão de operários, exige grande esforço para cumprir o processo, mas ao final, o objetivo é deixar o ambiente como estava quando chegamos para preparar a comida. No fim dia, existe a retribuição de ter colaborado com o coletivo, através de um trabalho na sombra e água fresca. Porém, é uma sensação distinta de quando se constrói algo que é modificado a cada intervenção, como é o caso da escavação do barro para a terraplanagem: é possível ver o desenvolvimento do processo, como um artesão que esculpe o solo com a enxada, a fim de extrair a forma premeditada para a obra. Todo e qualquer trabalho dentro do sistema de construção de moradias possui o seu mérito e é honrado. É positivo que existam diferentes funções, com aspectos diversos, pois cada participante pode aderir aos trabalhos mais adequados para seus gostos e habilidades, ou flutuar entre diferentes afazeres. Gosto de sombra e água fresca, mas, em muitos dias, preferi o trabalho com a enxada. O barro da ilha é mole, macio, úmido, viscoso. Em maioria, encontramos em tons amarelados, ou rosados. Raras vezes, vemos o barro de tom roxo e branco. A lâmina afiada da enxada corta com suavidade e precisão grandes toletes. Como toupeiras, escavamos o local do nosso abrigo. No lugar de túneis rizomáticos, porém, vamos planar a superfície da terra, impermeabilizar o solo e expor o abrigo ao sol. Biomimetizar a arquitetura das toupeiras é uma ideia brilhante para a ilha, inclusive, um comparsa propôs construir uma casa subterrânea, enquanto outro dissidente quer construir uma oca na árvore. Quem sabe quais animais serão a fonte de inspiração das próximas construções? Nesta obra, compreendo que, além das toupeiras e, por assimilação, os castores, a natureza nos inspira através da arquitetura dos ninhos de joão-de-barro e dos favos de mel hexagonais das abelhas, pois esta é a geometria da casa, enquanto o barro é a principal matéria-prima.

O mutirão termina. Os voluntários retornam para seus lares e permanecemos com os trabalhos domésticos e de escavação acumulados entre eu, meu companheiro e o obreiro

pescador. Por um tempo, conseguimos lidar com a situação, mas, em poucos dias, cansamos. O obreiro pescador convocou sua esposa para morar com ele na ilha e o ajudar com seus afazeres domésticos particulares, como lavar roupa e cozinhar alimentos carnívoros. Nós, por outro lado, decidimos contratar um ajudante para a obra.

...

Para trabalhar conosco, um vizinho, morador de uma grande ilha ao lado da nossa, indicou um jovem ex-pirata que, por anos, esteve envolvido com a criminalidade do mar de *Maya*, até que perdeu o olho esquerdo, por causa de um tiro disparado numa briga de gangues rivais. Quase morreu neste episódio, mas sua amorosa família conseguiu o socorrer a tempo. Sem um olho, mas com a ferida cicatrizada, recebe o auxílio da comunidade de pescadores de onde é filho, que subsidia sua reintegração na sociedade. Atualmente, o ex-pirata se comporta bem e ajuda a sustentar sua família através da pesca. Ao o aceitar para trabalhar conosco na obra, seremos parte deste processo de regeneração.

Na manhã seguinte, o ex-pirata chega cedo, muito disposto para o trabalho, de modo gentil, educado e um pouco tímido. Dedicamos um tempo para nos conhecer melhor e iniciamos os trabalhos, que ele executa com um desempenho sensacional. Apesar de possuir um corpo baixo e magro em comparação a anatomia de um ogro violento, o ex-pirata é forte como um touro. Na hora do almoço, ele desempacota uma farta marmitta que sua mãe preparou, contendo uma perfumada moqueca de peixe, acompanhada de arroz e feijão. Ele ri enquanto come e conversa. Suas ideias são de um jovem que desvenda o mundo com inocência. Contudo, a pirataria lhe fez experimentar realidades densas, de forte avidez e violências extremas. Uma quase morte o tirou deste caminho trevoso, mas tudo o que viveu continua a ser parte dele. Diante do dhistórico periculoso, impressiona o fato deste ex-pirata ser calmo, feliz, manso e bondoso conosco.

...

Poucos dias após o mutirão de terraplanagem, o comparsa de gênero neutro, junto com sua namorada e a filha dela, abandonam o plano de fuga, para seguir os mesmos caminhos trilhados pela mãe solteira e seus filhos que outrora integraram o bando dissidente. O tema da educação escolar também as toca e, nestes novos horizontes, podem encontrar melhores perspectivas. Além disso, a fuga do bando tarda em encontrar os meios de subsistência, fator

que dificulta o acesso aos recursos fundamentais para permanecer no refúgio dos dissidentes. É compreensível a partida dos que se foram e é louvável a presença dos que permanecem. Cada partida, catalisa o desejo de acelerar as construções da ecovila na ilha. Sigo determinado, esperançoso sobre o futuro retorno dos que nos deixaram, ao lado da latente chegada dos que estão por vir.

...

Um jovem bruxo biconstrutor, amigo do bando dissidente, pouso na ilha para coordenar o projeto da fossa de bananeira. Junto com a arquiteta, já havíamos marcado os locais da construção. Agora, o comparsa bioconstrutor retorna para executamos esta parte da obra. Junto com o ex-pirata, cavamos um buraco retangular com cerca de 2 metros de comprimento, por 1 metro de largura e 2 metros de profundidade.

Ao entardecer, o ex-pirata retorna a sua casa na ilha ao lado, após uma longa e dura jornada de trabalho. Eu e meu companheiro amoroso continuamos a construção junto com nosso comparsa bioconstrutor. Mesmo após o sol se pôr, a lua cheia prateada ilumina a obra abundantemente; o rio, abaixo de nós, corre como uma espessa fita prateada, que reflete o luar. Dentro do buraco, o breu é adensado pelas sombras das barreiras de barro em torno de nós. Contornamos a escuridão com as chamas das velas que acendemos dentro da fossa, onde passamos longas horas da noite trabalhando para impermeabilizar as paredes do buraco por meio de estruturas de ferro e cimento, enquanto o piso é formado por britas, cimento e areia.

No dia seguinte, construímos dois tubos, feitos com pneus automotivos descartados. Os pneus são sequenciados como o corpo anelídeo da minhoca, de forma que, ao serem pressionados pelas paredes, a pressão vede os buracos dos encontros entre os pneus. Em cada tubo de pneumáticos, furamos o buraco para receber apenas as tubulações dos esgotos oriundos dos vasos sanitários. As pias e chuveiros recebem outro tratamento para as águas: após passar pela caixa de gordura, as águas cinzas são despejadas em lagos filtrantes, que transbordam em círculos de bananeiras.

Além dos buracos feitos para encaixar a tubulação sanitária, alocamos um fino cano em cada tubo de pneus da fossa para servirem como respiradores, ou seja, liberar os gases do processo de decomposição. Após o cumprimento destas etapas, finalmente, começamos a cobrir o buraco com uma grande quantidade de entulhos, em seguida colocamos uma camada de britas, até chegar ao nível de preencher com areia e, por fim, terra vegetal e as bananeiras, que consumirão as águas e os nutrientes advindos dos vasos sanitários.

...

Na ilha, pouso um comparsa que conhecemos no início desta jornada, quando visitamos o feudo da cachoeira do Tico-tinga, o primeiro local onde cogitamos construir a comunidade permanente para abrigar o bando de refugiados dissidentes em fuga. É um homem cis bruto e forte, mas com habilidades de um fino artesão. Com uma grande juba de acinzentados cabelos desgrenhados, brincos e tatuagens por todo o corpo de pele escura, aporta sorridente, em meio aos uivos que entoa por estar empolgado com a chegada. O selvagem e isolado habitat da ilha lhe soa familiar, bem como os trabalhos brutais da construção da oca. Além da amizade e diversão, este comparsa chegou animado para nos ajudar a construir a comunidade.

...

Os primeiros trabalhos que realizamos juntos, talvez tenham sido os mais difíceis: subimos grandes e densos troncos roliços, que servem como as vigas da casa, além das madeiras para sustentar o telhado, que são mais leves. O ex-pirata, eu e o novo comparsa carregamos nos ombros cada um dos troncos. Como são muito pesados e os caminhos íngremes, com partes enlameadas, marcamos pontos de parada para o descanso. Conseguimos carregar todo o peso para cima da montanha, mas todos tiveram que se medicar para a dor nas costas do dia seguinte, menos eu. Talvez minha posição na fila de ombros tenha sido favorecida, mas também realizei um grande esforço, além de sentir dor no ombro devido à pressão da madeira durante a subida. Algumas vezes, enquanto subíamos, sinto meu ombro ser esmagado diante de tamanho peso, mas sem lesão subsequente nesta região.

Entretanto, numa das subidas, chutei o espinho de uma folha da palmeira de dendê. A ponta entrou e quebrou dentro do meu dedão do pé. Na hora, percebi a dor, mas não examinei o ocorrido e segui em frente. À noite, após o banho, notei um ponto preto na região do incômodo sensorial. Com uma pinça, arranço o espinho lentamente. Ao excretar o corpo estranho enfiado em minha carne, experimento uma prazerosa sensação de alívio como a de quem defeca quando está enfezado. Impressionado, examino o tamanho do objeto pontiagudo, que penetrou o meu dedão do pé. Vitorioso, exibo o pedaço do espinho aos comparsas da obra, que relatam experiências similares com as folhas das palmeiras de dendê.

...

Um passo em direção a autonomia hoje foi dado: amanhecemos na ilha, com a chegada de meu pai e um comparsa com experiência em instalações elétricas. Ambos colaboram esporadicamente para ajudar o bando a alcançar as necessidades do refúgio, sobretudo, com seus conhecimentos técnicos, contudo, rejeitam a hipótese de nos acompanhar na fuga. Por amor, colaboram com nossas metas dissidentes, porém é improvável que cultivem o sentimento de pertencimento ao bando. O afeto fraternal é a cola que enlaça estas relações episódicas, em que pousam na ilha por breves dias e, logo revoam de volta para suas celas.

Desta vez, o motivo de suas visitas é nobre: uma vez que eletricidade e internet são os requisitos fundamentais para a chegada dos demais dissidentes do bando, a dupla de cientistas colaboradores veio instalar a tecnologia de placas solares, para que alcançássemos a mínima autonomia para experimentar um modo de vida eletrificado. A potência da produção e armazenamento desta instalação é o suficiente para usar lâmpadas, mídias eletrônicas e o liquidificador, porém, geladeira, máquina de lavar e chuveiro com água quente, ainda são comodidades modernas inviáveis na ilha. Esta nova condição, contudo, proporciona a comunicação com o mundo, até então, limitada aos breves episódios destinados à resolução dos problemas emergidos.

A euforia da chegada, logo foi substituída por um fervor motivacional de meu pai, que trouxe todos os dispositivos prontos para instalação num local do telhado e da cozinha, previamente mapeados. O processo foi veloz e tranquilo. Para parafusar as placas nos caibros, nosso comparsa do Tico-tinga subiu no telhado com a destreza de um felino. Meu pai se impressionou com a inteligência e habilidade manual do comparsa do Tico-tinga, que solucionou algumas questões inesperadas de forma perspicaz. Enquanto filho do meu pai, sei que são altos os seus critérios para admirar a habilidade de outro ser, por este motivo, alegro-me por ele elogiar os talentos dos comparsas do bando. Quem sabe um dia, meus pais venham a habitar o refúgio de dissidentes. Esta projeção faz parte da utopia, que busco equilibrar com a realidade vigente, porém, cada vez que converso com meu pai sobre esta hipótese, resulta em gargalhadas de absoluta descrença sobre tal probabilidade. Apesar de improvável, talvez ele muda de ideia no decorrer do tempo. Creio que minha mãe viria, se meu pai viesse.

A eletricidade funciona, conseguimos ligar as luzes, carregar as baterias, porém a internet ainda está restrita aos sinais dos celulares, que possuem boa captação, pois estamos em solos de maior altitude na região do estuário. Em breve, instalaremos uma antena para ter uma região com cobertura *wifi* na ilha.

À noite, acendemos as lâmpadas em meio à escuridão da selva isolada. No poente, junto ao tilintar dos disjuntores, os ratos acordam e começam a caminhar pelos telhados. Antes, não

conseguíamos lhes enxergar durante as noites iluminadas por chamas. A casa, acesa pelo fogo, em meio às paisagens noturnas da floresta, abriga uma beleza mágica. Hoje, senti uma sensação estética distinta, mas ainda assim, bela: ao contemplar a casa reluzir por meio das lâmpadas elétricas, avistei a silhueta de um rato que caminha veloz sobre uma madeira do telhado. A cena se tornou esplêndida em termos fotográficos, mas naturalizar a presença de ratos no telhado é realmente uma situação desafiadora.

Na manhã seguinte, a dupla de cientista parte com o sentimento de dever cumprido diante do pleno sucesso da instalação técnica. A partir deste ponto, a ilha deixa de ser um local isolado virtualmente, por sorte, resguarda a solitude territorial. Diante das seduções tecnológicas, os questionamentos sobre a presença de eletrônicos amansa, afinal, implantar eletricidade e internet é uma realidade inevitável para o plano de fuga do bando de dissidentes que pertencem. Ainda que eu renuncie a posse de um celular, no instante imediato após a instalação da eletricidade, os dispositivos cibernéticos se tornam o ambiente natural na ilha; a luz, antes mediada por velas e fogueiras, agora configura as lâmpadas elétricas como fonte indispensável. Novamente, o enfrentamento da escuridão noturna se torna um fenômeno raro.

...

A todo momento, é necessário deixar a ilha em busca de materiais para a construção. Numa dessas saídas, eu e meu companheiro amoroso demoramos alguns dias. Durante este período, deixamos a obra sob a coordenação do obreiro pescados, que está acompanhado dos dois ajudantes: o ex-pirata e o comparsa do Tico-tinga.

Quando retornamos, encontramos o caos instaurado. A casa está suja, uma mesa de plástico tem um furo no meio, onde o comparsa do Tico-tinga deixou queimar uma vela até derreter a base. O conflito está armado entre ele e o obreiro pescador, que envolve questões de convivência doméstica e de trabalho. Meu companheiro amoroso enfurece e dispara ofensas, sobretudo, ao comparsa do Tico-tinga. A situação é complicada e exige uma intervenção de limpeza imediata.

Desde que chegamos, ouvimos alguns pequenos ratos correrem pelas telhas da casa, porém eram raros indivíduos. Diante da quantidade de frutas, sobretudo, bananas, que colhíamos aos montes no feudo vizinho, a quantidade de roedores explodiu com o decorrer do tempo. Não haviam predadores para os ratos, que começaram a procriar e habitar o telhado. Nosso cachorro nada fazia, ao contrário do cão preto da bruxa anciã e dos felinos, que, neste caso, são presenças para estabelecer o equilíbrio biológico, contudo, reflete em efeitos

negativos para o meio ambiente, como a potencial caça de outros animais selvagens que são agradáveis em relação ao convívio com os humanos, como a maior parte dos pássaros. A colonização do telhado pelos ratos é uma situação que precisamos resolver de forma definitiva, pois apesar da caça e do porrete dos obreiros, a situação está fora de controle, afinal, a ilha é seu habitat e nós o invadimos. Existem diversos alimentos para este animal nas florestas da ilha, que possui poucos predadores habilitados para a caça de roedores. Além disso, os ratos são exímios nadadores, o que facilita a constante migração de suas famílias entre as terras separadas pelos canais de água do estuário.

...

Depois dos conflitos ocorridos durante a nossa ausência, quando chegamos e nos dias que se seguiram, uma conversa muito violenta bastou para abrandar os ânimos. Todos quiseram se mostrar dispostos ao esforço de harmonizar as relações da obra. Tudo vai bem, conseguimos satisfazer os principais problemas de cada ego e seguimos a pleno vapor com os trabalhos.

Para realizar a viagem da qual recém retornamos, um comparsa do bando que partiu do refúgio de dissidentes para construir seu próprio abrigo, ao lado da esposa e dos cachorros, compartilhou sua nau privada, pois nela, é possível transportar uma maior quantidade de materiais. Agora, é preciso destrocar as embarcações.

Nosso comparsa do Tico-tinga, a fim de ser gentil e empático, ao ver nossa exaustão diante dos esforços realizados nas últimas semanas, recruta-se para conduzir esta troca de veículos, pois também deseja passear por outras bandas, além de se sentir útil por ajudar através da execução de uma tarefa importante. Aceitamos e informamos o comparsa proprietário da nau, que logo consente com a mudança de planos. Ao desligar o telefone, porém, sua esposa o questiona se esta é uma boa decisão.

Nosso comparsa parte para realizar a missão. Deve retornar em poucos dias para continuarmos a construção. Algumas horas após a partida, recebemos sua ligação no meio da estrada, em que nos narra o acontecimento: num lapso de segundo, a animação que sentia, tornou-se sonolência e ele adormeceu por um instante sobre o volante, mas acordou quando percebeu o farol de uma nau ser projetado em sua direção. Assustado com a situação repentina, reagiu para desviar da batida, perdeu o controle, saiu da estrada e bateu a parte de baixo do carro com força. Algo partiu e impede o veículo de se movimentar. Por sorte, não machucou e o comparsa que é o proprietário do veículo, chegou no local rapidamente. Diante dos danos,

conseguiu a plena reposição de sua nau. Contudo, esta experiência é o estopim para o nosso comparsa do Tico-tinga, que abandona o projeto da ilha para navegar por outros mares.

...

Numa bela noite estrelada, as águas do estuário estão paradas e refletem o céu como um espelho. Admiramos a paisagem, enquanto queimamos uma fogueira. Inesperadamente, o som do toque do celular rompe a sinfonia dos animais notívagos. Quem telefona é o pescador da ilha vizinha que indicou o ex-pirata para trabalhar conosco. Aos prantos, ele relata que o ex-pirata esmurrou sua face e que se encaminha para o hospital devido à intensa dor gerada pelos hematomas. Eis então que suplica para que a gente pare de contratar o ex-pirata, pois teme o que ele pode fazer conosco, diante do que foi capaz de fazer com um ente da família. Após uma breve despedida, desligamos. Que situação desnecessária para romper o fluxo de paz, mas aí está, é insensato ignorar.

No dia seguinte, o ex-pirata chega para nos visitar. Antes de ser questionado sobre a briga da noite anterior, ele anuncia que tem algo a revelar. Desta forma, conhecemos sua versão, que acusa o agredido de ser agressor sexual de uma menor, o que coloca o ex-pirata na condição de herói. Contudo, somos contundentes ao relatar os princípios do bando em relação à paz e ao amor, por meio de um relato sincero sobre os efeitos da violência. Além disso, enfatizamos a presença majoritária de mulheres cis entre os dissidentes do bando, que sequer cogitariam a permanência do ex-pirata no projeto, diante do temor que este acontecimento gerou no bando. Inclusive, o alvo de sua luta foi um de parceiro colaborador, que, até então, sempre foi honesto e generoso.

O ex-pirata pede perdão e diz que isso não irá se repetir, mas demonstra pouco remorso ao debochar dos ferimentos que causou. Ele diz que na região este tipo de confronto é normal, pois é assim que se resolvem quando bebem. Acreditamos em sua versão do inocente herói selvagem que controlará seus impulsos bestiais de violência, contudo, este episódio planta uma semente de temor no bando.

...

O bando de dissidentes adquiriu um barco grande e potente barco para nos auxiliar na fuga, já que moramos numa ilha isolada pelos estuários do mar de *Maya*. Um grupo de comparsas, junto com alguns dissidentes, que debandaram do refúgio do bando para habitar

outras terras, dedicaram especial atenção para que Ohana, a nossa embarcação com pintura zebrada, chegasse à ilha. Finalmente conosco, a bela nau é celebrada como um grande passo para as possibilidades do bando.

Dormimos e na manhã seguinte, partimos sobre Ohana, ao lado do obreiro pescador, com o objetivo de coletar materiais para a obra na vila urbana mais próxima. Aportamos e nos separamos em duas frentes. O obreiro pescador retorna para as proximidades da ilha, em busca de madeiras colhidas na floresta do feudo vizinho, enquanto eu e meu companheiro amoroso buscamos outros materiais e ferramentas para a construção.

Partimos para nossas missões separadas. Tardamos a encontrar o que procurávamos, mas conseguimos após longas horas de busca. Retornamos felizes e encontramos o obreiro pescador na feira da vila. Com o olhar assustado, ele se aproxima de nós e revela que algo ruim aconteceu:

Cheguei no feudo vizinho, quando sai do barco e entrei na casa do rapaz que toma conta da fazenda, ele estava deitado no chão, amarrado. Três piratas armados invadiram o local, quebraram vários objetos na casa e roubaram o que puderam. Estavam chateados, pois queriam roubar o barão, que ia visitar o feudo hoje, mas, por sorte desistiu. Fiquei amarrado também e eles ameaçaram me machucar, caso eu fizesse algo contra eles. Queriam ir na ilha, mas implorei para que não fossem, porque minha esposa estava lá sozinha e é doente. Graças a Deus, desistiram. Eles me conheciam, acho que os conheço também, mas estavam encapuzados. No final do assalto, mandaram eu ligar o barco e o levaram. Deixaram a pequena canoa em que chegaram, amarrada nos troncos das árvores dos estreitos e ocultos canais de mangue. É a nau de um pescador da região, que ficou feliz de recuperar sua embarcação sem motor. Sinto muito, mas levaram Ohana, talvez tenham deixado em algum lugar entre os mangues e seguiram a fuga por terra.

Com a inocente esperança de recuperar Ohana, navegamos pelos rios, ao lado do experiente pescador que nos ajuda na obra. Percorremos todos os canais do mangue que esse experiente pescador nativo conhece. Contudo, nada encontramos. Cruzamos com outras embarcações e perguntamos sobre o paradeiro de Ohana, mas ninguém sabe informar. Assustados com a notícia da presença de piratas nestas terras, que por anos, tem sido pacífica, muitos são afugentados quando tentamos nos aproximar para os interrogar.

Retornamos para ilha e apenas eu aporto, pois há um último local para explorar. Corro entre os matos altos, para me esconder atrás das árvores, numa parte alta do morro, de forma que eu pudesse avistar a chegada dos piratas. Ao mesmo tempo em que aguço as vistas, atento para os sons que podem revelar a presença de invasores, caso já estejam em terra, pois esta foi a estratégia realizada no assalto do feudo vizinho. O sol está próximo de se pôr, sinto a respiração forte, que traga altas doses de oxigênio. A adrenalina estoura, sinto-me num filme em que o personagem se perde numa ilha deserta e é extorquido por piratas sanguinários. Ainda

estou na fase em que me escondo de suas existências pervertidas. Estou disposto a correr para fugir, mas, como meio de dialogar pacificamente com os invasores, caso eu seja capturado, não os combaterei. Todo o programa de comportamento está planejado, posso o ativar no momento preciso. Ouço o barulho do motor de um barco se aproxima. Aperto a vista para observar a nau chegante. Meu coração acelera progressivamente com a aproximação do ronco do motor. Penso em me esconder num local com vegetação hostil, onde os piratas não pensem em se aproximar durante a escuridão da noite que se anuncia. Eis que o som revela a chegada do meu companheiro amoroso, junto com o ex-pirata. Nada encontraram. Ohana segue desaparecida.

Depois deste dia, percebi durante uma noite de sono, que meu companheiro se levantou no meio da madrugada. Acordei e saí do quarto para o procurar. Quando o encontrei, observo que ele mira, com plena atenção, em direção a um ponto fixo em meio à escuridão. Aproximo-me e o pergunto o que faz acordado a essa hora. Ele responde que ouviu barulhos e percebeu uns movimentos estranhos, então, saiu para patrulhar o entorno da casa. Nem mesmo o cachorro interrompeu o sono, mas meu companheiro suspeita da situação. Sinto a tensão ao cogitar que a hipótese é verdadeira, mas, ao permanecer ao seu lado por um tempo, convenço-me de que é apenas uma paranoia sem fundamento. Decido voltar a dormir e o convido a me acompanhar, mas ele nega, pois pretende vigiar o território para detectar a hipotética presença de invasores. Por um lado, diante de um alerta desta magnitude e dos demais dhistóricos da presença de piratas na região, eu realmente me despreocupo de modo imprudente: entrego-me a frequência da positividade, que me lança numa corrente de otimismo exacerbado ao ler as ocorrências do passado e prever as possibilidades de futuro. Contudo, este modo de vida, que implanta uma forma de olhar a realidade de modo semelhante ao estilo do jogo do contente da Poliana²⁶, é avesso aos programas colonizatórios destinados a executar processos de autodestruição do corpo. Apesar de estar passível de críticas por adotar tal perspectiva, creio ser um método satisfatório para lidar melhor com os desafios da vida. Positivar a experiência é diferente de ignorar os problemas: ao olhar o passado e o presente sob a ótica da Poliana, é possível observar que, ao lado das dificuldades, há diversas belezas e aprendizados oferecidos pela vida, além da perene esperança de um futuro melhor, que está por vir.

...

²⁶ PORTER, Eleonor H. **Poliana**. Tradução: João Sette Camara. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.

Diante do trauma causado pelo assalto no feudo vizinho, o obreiro pescador decide abandonar a obra. Tentamos negociar diversos acordos para continuar a construção, porém ele está irredutível. Lamentamos a situação. Realmente, é preciso processar o fator da insegurança da região, além de recalcular as despesas para retomar a obra. Assim, paralisamos por alguns dias, ajuizados sobre a decisão de continuar ou de abortar a missão: abandonar a construção, devido aos altos custos e temeridades que se anunciam, ou encontrar outro mestre de obras, caso desejemos perseguir o projeto da utopia na ilha deserta, apesar dos pesares? Atentos às batidas dos nossos desejos, escutamos a vontade de continuar o plano de fuga.

Perguntamos ao ex-pirata que nos ajuda na obra, se conhece algum mestre de obras da região capaz de resolver nossa situação. Para nossa surpresa, ele sugere o trabalho do seu próprio pai, um nativo da ilha vizinha que, além de dominar a arte da pescaria, é também um experiente construtor de casas. Marcamos um encontro para negociar a empreitada e combinamos um bom acordo para ambos: os membros da família do ex-pirata conseguem um trabalho digno e nós construiremos a casa por um preço justo. O patriarca da família do ex-pirata monta uma equipe que inclui um talentoso marceneiro. Eu e meu companheiro amoroso nos encarregamos de coletar e subir para o topo do morro, todo o material da obra atracado no porto Sul. Quando o ritmo é mais intenso do que os nossos corpos sustentam, chamamos outros pescadores da vizinhança para nos ajudar.

...

Imagina um rapaz que viveu grande parte da vida sem limpar o banheiro que usa ao encarar a situação de habitar uma ilha quase deserta. Entre os grandes desafios, construir a própria casa foi um dos maiores, pois nem mesmo se tratou de uma construção ordinária, com máquinas para auxiliar o transporte. Assim, tínhamos que carregar o material até o barco, retirá-lo e subir uma montanha onde decidimos construir a casa. Foi um absurdo que, empiricamente, despertou uma reprogramação descolonizatória, que a cada dia refletia em novos pensamentos e condicionamentos. Descobri ser muito mais forte e habilidoso do que eu imaginava. Meu corpo magro de pele pálida foi um instrumento suficientemente capaz de executar as mais duras tarefas, que os vizinhos não aceitavam realizar por montantes financeiros condizentes com as diárias de trabalhos habituais. Derramei suor e sangue, entrei em florestas para coletar a madeira de árvores selvagens. Uma delas atingiu meu supercílio enquanto a transportava para o barco, pisando na lama do mangue, após caminhar alguns metros no solo desnivelado da selva estuarina. Apesar da tontura e de perceber o sangue escorrendo, fingi não haver lesão para não

interromper o processo. Lavei com água salgada e segui. Meu pé foi furado por espinhos e raízes expostas. Perdi a unha do dedão do pé, mas assisti o mais lindo nascer do sol em vida.

Muitos dias, fui obrigado a despertar junto com o sol, para subir o material da obra antes de chegarem os vizinhos que contratamos para nos ajudar a construir a casa. Eram montanhas de britas, areia, cimento, madeiras, telhas, tijolos. Por este motivo, diariamente, repetia dezenas de vezes, a ação de subir com grande quantidade de peso e descer com o carrinho vazio. Houveram dias que subi quase uma tonelada de materiais ou centenas de blocos, que totalizavam em torno de quatro mil unidades, das quais eu era capaz de transportar no carrinho de mão, em média, vinte e cinco unidades por vez. Uma quantidade que chamou atenção dos pedreiros, que consideravam uma atitude arriscada para a saúde devido ao excesso de peso. Meu companheiro amoroso, por outro lado, estimulava colocar mais unidades com o objetivo de acelerar o processo. Contudo, era necessário deixar alguns blocos no caminho, quando excedia o limite que eu era capaz de aguentar. Creio que o corpo grande e forte, como o de um titã, fazia com que meu companheiro amoroso perdesse a noção dos limites de peso e trabalho a ser realizado. Esta insensatez de sua parte resultou em dores e lesões em seu corpo, que teve de tratar com medicações farmacêuticas. Eu, por outro lado, apesar dos cortes, arranhões, topadas e uma paulada no supercílio, não precisei de drogas para curar as lesões do meu corpo franzino.

Alguns dias choveu e o barro molhou, deixando o caminho escorregadio, como se tivessem espalhado sabão no solo, mas não podíamos parar de subir o material, pois comprometeria os demais trabalhos da obra. Por vezes, meu companheiro sugeria o transporte na escuridão noturna, com o chão molhado da chuva. Esta compulsão por trabalho, que meu companheiro expressa e me mobiliza para o seguir com obediência, motivou estresses e chateações em meu corpo, que resultava em conflitos devido à minha inconformidade em realizar tais ações, pois resultavam em machucados por não enxergar o caminho por onde conduzia o carrinho de mão. Não é uma ladeira asfaltada, com postes iluminando o caminho, é uma trilha de barro, onde a lua é a única iluminação disponível durante a noite, mas há de ressaltar que a luz deste astro não brilha em todas as fases.

Certo dia, numa ocorrência única, durante o nascer do sol, olhei para o lado enquanto subia a ladeira com o carrinho de mão. Num campo de mato baixo, várias aranhas haviam feito teias esféricas, resultando em esferas cristalinas que brilhavam com os raios do nascer do sol que atingiam as gotas de orvalho que nas teias se agarravam. Meus olhos foram capazes de assistir a um espetáculo da natureza exclusivo: um campo com centenas de bolas reluzentes. Ali, agradei imensamente a experiência de existir para contemplar a poesia selvagem das

aranhas, numa forma que jamais imaginei projetar com a visão. A injeção de beleza da natureza me deu forças para seguir o trabalho árduo com felicidade. Creio ser uma imagem indescritível, pois a reação das pessoas a quem relatei, foi um mero aceno de cabeça e uma comparação com outras belas experiências do próprio ouvinte.

...

Entre os materiais de construção, a obra prevê esterco de vaca, de cavalo, burro ou búfalo, que servem para estabilizar quimicamente a mistura com o barro cru e as fibras secas da celulose de palhas, cocos, ou madeiras trituradas. “O esterco aumenta muito a resistência do adobe, tanto à umidade como o desgaste devido ao tempo. Além do mais o esterco evita que cupins e barbeiros penetre as paredes feitas com terra.”²⁷

Na bioconstrução, a alquimia deste elemento o intitula como cimento natural. Para ativar tal propriedade química, sugere-se curtir o esterco dos animais acima mencionados, em água por alguns dias, para cultivar a fermentação das bactérias. Ao contrário do que se supõe, não há odor desagradável durante o manuseio ou após a secagem da mistura de barro com esterco. Contudo, caso a dose de esterco seja alta, a mistura pode obter um cheiro característico, porém distinto dos odores emanados pela putrefação. Além disso, caso deixe resquícios após a finalização da obra, o perfume das paredes de terra neutraliza com o passar do tempo.

Na ilha, não há animais entre os sugeridos para a coleta das fezes. Buscamos no entorno mais próximo, mas não encontramos respostas positivas. Lembramos de um bando de cavalos, que na estação dos cajus, aproxima-se do abrigo dos dissidentes em Serinhaém para comer os frutos que caíram no chão. Podemos encontrar o cuidador deste bando e coletar o esterco lá, com sorte, ainda fresco, pois, além de recém excretado, estará quente e úmido, portanto, com as bactérias que buscamos mais ativas.

Partimos para Serinhaém em busca de esterco. Um casal de comparsas lésbicas se junta a nós para coletar estrumes nos belos pastos a beira mar, sob a copa de grandes coqueiros. O fim de tarde ameniza a luz e o calor do sol, assim, catar esterco de cavalo se torna uma aventura divertida e pouco aversiva. De fato, celebramos quando encontramos grandes pilhas de fezes frescas, ou quando, em nossa frente, o cavalo excreta a matéria prima para a construção das paredes do abrigo, por meio do seu ânus em posição quadrúpede. Esta espécie de toletes arredondados, recém expelidos pelo cavalo, é o primor do que hoje buscamos por estes campos

²⁷ VAN LENGEN, Johan. *Manual do Arquiteto Descalço*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, Tibá Livros, 2004, p. 303.

paradisíacos. Coletamos dois grandes sacos de esterco. No caminho em direção ao porto, catamos uma boa quantidade de fibras de coco seco, que abarrotaram mais um par de sacos. Após tais colheitas de materiais naturais, ausentes nas terras da ilha, retornamos vitoriosos para prosseguir na construção da oca.

...

A relação entre os dissidentes do bando é fundamentalmente amistosa, porém quando ocorrem tomadas de decisões, sobretudo, em relação aos fatores permanentes, despontam diversos conflitos por discordâncias de crenças, seja sobre a escolha do material, ou do local e da dimensão espacial ocupada, ou devido à aplicação de determinados métodos construtivos que são considerados inapropriados para uns, enquanto para outros, são ajuizados como as melhores opções.

A obra ocorre veloz, com efeitos dramáticos na paisagem dhistórica do bando: há benefícios e conquistas homéricas nesta odisseia construtiva, mas a materialização desta jornada causa incômodos expostos em diversas ordens. Assim, as resilientes comparsas de Serinhaém se sentem atropeladas pelo fluxo da obra, enquanto as sentimos como barreiras para o movimento. A realidade da busca utópica revela que não é fácil tomar decisões coletivas de forma harmônica. Na maioria dos casos que contemplo, nem mesmo os casais consensuam a todo tempo, tampouco, os indivíduos, que operam para compor uma identidade única e ubíqua, estão plenamente resolvidos consigo mesmo.

...

Ao passo que incendeiam os conflitos com as demais comparsas, o coletivo de obreiros demonstra insatisfação em relação ao trabalho: os prazos para o fim da empreitada se aproximam, porém ainda há muito trabalho para finalizar a obra. Meu companheiro considera que o atraso no cronograma é devido ao ritmo de trabalho do coletivo de trabalhadores. Por outro lado, os obreiros acusam o aparecimento de muitos detalhes no decorrer da obra, além da necessidade de refazer partes que já haviam sido feitas, mas de forma equivocada, como no caso do tamanho do buraco da janela, ou quando passaram rejunte amarelo ao lado dos azulejos brancos, ou ao instalar ladrilho na posição invertida para aproveitar o corte de uma pedra. Aos poucos, ambos os lados conseguem comunicar tais insatisfações, contudo, por meio de provocações ríspidas

Os obreiros pouco conversam conosco, enfurecem a expressão facial quando aparecemos na obra. Quando falam, apenas lançam provocações ao ar sem uma pauta específica. Qualquer frase a ser dita por mim ou meu companheiro, resulta no temor de vir a atizar um conflito, sobretudo, quando é sobre indicações para a construção. Com o diálogo violento ou ausente, a situação se configura tensa, mas devemos seguir.

A maior parte das ofensas eram direcionadas ao meu companheiro, pois, diante de sua efusiva proatividade, foi quem assumiu o posto de “capitão” da obra. Este comando soa autoritário e resulta em diversos conflitos, tanto com os obreiros, quanto com as comparsas, mas também entre nós dois. Na balança do ego a pesar o autoritarismo e a servidão, chego ao ponto de anunciar que iria apenas obedecer aos comandos, pois está insuportável compartilhar o espaço da tomada de decisões com meu companheiro amoroso. Ambos, carregamos em nós um rei que impera, ao lado de um juiz e um carrasco. Numa ilha quase deserta, a presença de outros humanos se torna berrantes espelhos de si mesmo. O que vejo no outro, percebo ser uma entidade em mim. Se quero transformar, é preciso modificar tais aspectos em meu próprio corpo. Contudo, esperar a obediência de um dissidente, em fuga do presídio das ilusões reais, é demasiada inocência do propositor e do acompanhante.

...

Para orquestrar a alquimia dos ingredientes utilizados na composição das paredes de barro, convidamos um jovem bruxo com vasta experiência em bioconstrução, além de ser um exímio artesão e astrólogo, iniciado em diversos métodos, inclusive, o viver de luz, que ele relata como uma das experiências mais maravilhosas de sua vida. Recebemos sua chegada com uma intensa alegria capaz de renovar as emoções da obra. Pousa na ilha um artístico mestre da artesanaria de obras com barro.

O corpo baixo e magro do bruxo, acompanha uma barba densa e bem aparada, ao lado de longos cabelos pretos. Por trás dos óculos redondos, com lentes espessas, os olhos iluminados do bruxo refletem a felicidade do encontro. Acolhemos o chegante e o encaminhamos para seus aposentos na ilha. Após a devida instalação, caminhamos para apresentar a obra. Somos mal recebidos pelos operários, que desdenham e debocham da presença do bruxo, pois, de certo modo, os saberes mágicos do forasteiro ameaçam os conhecimentos alquímicos da região, afinal, o patriarca da família de obreiros é experiente construtor com a terra local, pois aprendeu com seus ancestrais a trabalhar com o barro.

Sem ceder a qualquer provocação, o bruxo se diverte e se interessa pelas técnicas do trabalho e pelo resultado da obra. Neste ponto, a obra já possui o telhado e o piso. As paredes começam a ser erguidas por meio de estruturas de madeira trançadas, que serão preenchidas com a mistura de barro, esterco e fibras secas. Os obreiros continuam sua árdua jornada de trabalho, ainda descontentes com a nossa presença ameaçadora, porém, estão pouco ariscos, isolados em seus afazeres.

Em nosso próprio movimento, preparamos os materiais para o mutirão da manhã seguinte, para o qual convocamos meia dúzia de pescadores vizinhos. Mapeamos algumas espécies de palhas secas, potencialmente trituráveis para o preenchimento da taipa; peneiramos a maravalha, misturamos o esterco curtido por dias, dentro de uma grande caixa d'água, ao passo em que programamos a operação coletiva para o dia seguinte.

A manhã desperta com a nau que transporta a meia dúzia de pescadores vizinhos. Predominam os jovens, mas há também os velhos. Aportam com uma disposição efusiva para o serviço. Reunimos todos e explicamos a forma que o trabalho ocorrerá. O bruxo se encarrega de instruir sobre os métodos de coleta e mistura das porções de barro, fibra seca e esterco. Todos acatam imediatamente aos comandos. É notável que a fibra de coco e a maravalha que temos é insuficiente para compor o preenchimento de toda a estrutura de taipa. Assim, é necessário encontrar outra fonte de fibras secas. Um dos pescadores sugere coletar as tiriricas mortas do terreno. No mesmo momento, o bruxo bioconstrutor acena positivamente para a sugestão, mas ressalta o risco de se cortar com o manuseio, por este motivo, evitou esta possibilidade. Destemidos, os pescadores mergulham nos campos de tiriricas para coletar, em alta velocidade, um grande volume de fibras secas.

Na ilha, não há grandes quantidades de cocos secos ou madeiras trituradas. O montante que possuímos foi coletado em terras afóra, contudo, aqui a tiririca é mais do que abundante, há em excesso. Assim, por meio do uso de materiais disponíveis no ambiente da construção, a inclusão das tiriricas como fonte de fibras secas, além de acelerar o processo, revisita uma utilização ancestral das arquiteturas de barro. Neste caso, os corpos tubulares das cortantes tiriricas, pioneiras da revegetação florestal, servem como elemento estruturante para a mistura com o barro, numa composição análoga ao ferro (tiririca) e o cimento (barro). Como se trata do primeiro revestimento, a mistura é menos refinada em relação às camadas de reboco e pintura superficial. Ademais, para diversos visitantes, o barro da ilha é considerado especial para a agricultura e a artesanaria. Assim, a qualidade do solo do abrigo é um fator que assegura a resistência da obra.

Entristecido, meu companheiro abandona a obra e desce para a casa onde estamos hospedados enquanto construímos a oca. Questiono-lhe o motivo da emoção e ele relata que está cansado da obra. Afinal, após a sequência de conflitos, o inabalável titã desmorona. Busco o acalmar, para entender o gatilho que despertou tamanha reação. Eis que narra o lançamento de uma sequência de projéteis homofóbicos em sua direção. Demoro a crer que este tenha sido o instrumento simbólico que os obreiros utilizaram para nos violentar, enquanto, sequer percebi os estilhaços de tais explosões ocorridas ao meu lado. Em nenhum momento, os obreiros foram homofóbicos, por que utilizam tal artilharia nesta ocasião?

Emito as palavras que encontro para acalmar meu companheiro, a fim de que desista da ideia de abandonar a construção, mas entendo o peso do processo, pois carrego uma parte. Assumo, então, o papel de dialogar com os obreiros para tentar amansar as relações.

Quando retorno para a obra, observo o patriarca da família de obreiros, humildemente, perguntar ao bruxo sobre uma dúvida em relação ao método de construção. Neste momento, percebo que os obreiros apelidaram o bruxo de professor. Agora, existe uma relação de respeito mútuo em relação ao saber local e do forasteiro. O ambiente está harmonizado. Adentro na operação do trabalho como mais um trabalhador do mutirão. Ao fim do dia, os ânimos estão amenizados entre os obreiros. Contudo, os problemas da obra permanecem.

...

O bruxo bioconstrutor parte, ao passo em que novos visitantes aportam: uma bruxa, amiga de meu companheiro, em busca de um abrigo para seu filho acometido com problemas mentais. Os dias passam agradáveis. Enquanto a bruxa nos entretém em diálogo animados, seu filho é silencioso e socializa com muito esforço. Prefere se deitar em baixo dos lençóis do que encarar o mundo. Pouco se sabe sobre o seu processo mental, além da compulsão por drogas. Estima-se depressão, esquizofrenia, além de outros diagnósticos. Preocupada e aflita, mas sem perder o otimismo, a bruxa caminha pelas florestas em busca de ajuda para sanar a condição de seu filho. A ilha cruzou o caminho destes seres errantes e, aqui, agora, tentamos cooperar com a situação. Busco ser uma companhia agradável e estar disposto a servir a qualquer necessidade que venha a surgir. Já o meu companheiro amoroso, incorpora os ensinamentos da vida monástica e de outras caminhadas, para participar ativamente do processo de acolhimento e cura.

...

Certo fim de tarde, notamos a maré muito baixa, o que significa um momento oportuno para visitar uma pequena ilha de areia, apenas exposta quando o nível das águas do estuário abaixa.

Como os piratas que atracaram no feudo vizinho não vieram na ilha durante o fatídico episódio do sequestro de Ohana, nossa poderosa nau zebreada, permanecemos com um antigo barco verde que já estava na ilha antes da nossa chegada. Embarcamos para navegar até lá, mas quando ligamos o motor, giramos em círculos, sem conseguir sair do local. Desisti de tentar conseguir navegar com o motor. Desembarquei e puxei o barco, enquanto caminho pela beira do mangue. A água cristalina está na altura do meu tornozelo, se caminho com suavidade, consigo enxergar onde piso. Estou disposto a nadar e empurrar o barco, que desliza suavemente sobre as águas calmas. Todos se sentem seguros e desfrutam do passeio, em que meu corpo é feito de motor para a navegação. Sinto-me feliz com a solução, que se revela mais fácil do que o previsto, pois na maior parte do trajeto, é possível caminhar tranquilamente, por cima de uma estreita faixa de arenito, coberto com uma fina camada de lama escura, que divide a vegetação do mangue e o abismo profundo das águas do canal do estuário.

De repente, espanto-me ao perceber a presença de um filhote de arraia, que mimetiza na lama, deixando à vista apenas os seus olhos saltados, que demonstram medo ao ver meus passos invadirem seu ambiente repentinamente. Contudo, permanece imóvel, confiante em seu poder mimético. Mantenho a caminhada lenta, mas admiro o breve encontro com um ser que meus olhos nunca antes viram. É notável que aqui é o berçário de muitos animais.

Chegamos ao limite da pedra de arenito. Entre nós e a ilha temporária que se desvela na maré baixa está um estreito canal. Meu companheiro amoroso rema com os dois passageiros embarcados, enquanto eu atravesso a nado. Aqui a areia é branca e o chão está repleto de estelas do mar avermelhadas. No solo da ilha onde habitamos, também existem partes de areia, mas esta aparenta ser como as das praias paradisíacas dos cartões postais de férias tropicais.

Curtimos breves minutos até percebermos uma rápida subida no nível da maré: a ilha temporária começa a encolher a superfície até desaparecer completamente, tornando-se uma piscina rasa. Decidimos voltar, mas desta vez, as águas não estão tão mansas. O pequeno canal, que há pouco atravessamos, agora nos suga em direção ao continente, através da correnteza da maré enchente. A bruxa e seu filho se espantam com a súbita situação de perigo, pois não sabem nadar. Meu companheiro com o remo e eu com o nado, empurramos o barco até a beira do mangue, onde foi possível remar com tranquilidade ao estar sobre a fina camada de água acima da pedra de arenito. Entretanto, ao lado, desta estreita faixa, a correnteza é arrebatadora.

Permanecemos atentos para seguir o fluxo de navegação seguro. Logo, após o susto, aportamos na ilha e a vida segue.

A bruxa parte e deixa seu filho por uns dias. Meu companheiro assume o papel de cuidador e a deixa tranquila sobre a decisão. Silencioso, o rapaz mentalmente adoecido passa a maior parte dos dias em retiro debaixo dos lençóis, mas mantém os rituais de higiene e alimentação diária, que o fazem caminhar pela casa. Entendo pouco sobre seu processo mental, mas respeito.

...

Num fim de semana de descanso da obra, recebemos a visita de um trio de bruxas, acompanhadas por um bruxo austríaco, detentor de uma longa barba branca, abaixo de uma cabeça com poucos cabelos, também longos e brancos. O encontro foi bastante agradável e acolhedor. É fim de semana, não há o movimento da obra para fazer. Podemos apenas desfrutar do tempo e do espaço com os visitantes.

Apresentamos a construção para os visitantes. Todos admiraram a beleza do trabalho. As bruxas retornam à casa sede e continuamos a conversar com o bruxo austríaco, que é mestre em marcenaria. Relatamos as dificuldades da obra, junto com a esperança do devir da utopia na ilha.

Na manhã seguinte, comemos um farto desjejum e meditamos na varanda da casa, sentados em círculo. A técnica utilizada é uma espécie de meditação guiada, em que um dos participantes imagina uma narrativa fantástica para orientar o mergulho nas profundezas de si e, ali, encontrar uma fonte de luz. Após realizar o processo, desperto ainda inebriado com a realidade fantástica em que naveguei. Sob uma intensa sensação de conforto, observo o sorriso dos acompanhantes deste círculo.

Pouco antes da despedida, o bruxo e sua esposa, uma pequena bruxa risonha e amorosa, informam que nos presentearão com a escada e o mezanino da oca, que o bruxo austríaco materializará com as próprias mãos. Apesar da idade, marcada por alguns detalhes físicos, este casal de bruxos surpreende diante da aparência jovial, além do vigor físico e da ludicidade do modo de vida adotado. A cada encontro, colho um punhado de aprendizados.

...

Após a partida do bando de bruxas, acompanhado do bruxo austríaco de barba branca, curtimos o final do último dia de folga da obra, deitados em imensas redes de pesca, amarradas nos troncos de grandes árvores de sibipiruna, uma espécie com folhagem muito similar ao pau-brasil, porém distinta em diversos outros aspectos, como aparência da flora e dos troncos sem acúleos (estruturas semelhantes aos espinhos encontradas no pau-brasil). Na sombra das copas, conversamos sobre os conflitos da obra e as possibilidades de modificar os acordos para harmonizar a construção da casa. Meu companheiro, a priori, resiste, mas insisto sobre a impossibilidade de finalizar o projeto da forma como foi prevista, a qualquer custo: cabe-nos ser justos.

Estou na posição de mediador do conflito. Busco entender o que os companheiros de obra sentem, mesmo diante de qualquer atraso por protelação, ao passo em que sou o contratante e desejo finalizar algumas etapas fundamentais. Elegemos as funções que ainda não aprendemos a fazer e planejamos um curto período para finalização do serviço.

No outro dia, conversamos com os pedreiros após o expediente. Estavam mobilizados emocionalmente, pois se sentem injustiçados com o acordo. Os filhos do chefe expressam raiva e nos confrontam por uma solução. O pai se sente triste, olha nos meus olhos e diz se sentir golpeado, porque terá prejuízo com o trabalho, devido a quantidade de coisas que faltam fazer. Meus olhos lacrimejam e lhe digo que a gente vai resolver. Meu companheiro se senta com um papel em que escreveu as anotações da conversa que tivemos no dia anterior. Ele, então, relata pontualmente cada serviço que retiramos e informa a disponibilidade de um acréscimo no orçamento com o objetivo de convocar outro ajudante para auxiliar na reta final.

A emoção é completamente transformada ao fim da leitura. A priori, todos permanecem descrentes, apesar de acenarem com linguagens corporais positivas durante toda a fala de meu companheiro. Havia plena concordância entre ambos os lados, mas foi preciso repetir os novos acordos para que os obreiros pudessem crer que, agora, é possível finalizar a parte deles em apenas uma semana. O patriarca concorda e se alegra com a condição atual. Responde sério e confiante ao afirmar que podemos nos despreocupar, pois o novo acordo será cumprido até o fim.

A obra segue veloz e animada, ao som de *despacito*²⁸. Todos se juntam para compor um ritmo frenético de construção e conseguimos nos despedir em paz, orgulhosos do trabalho bem feito, com os sentimentos de amizade e companheirismo intactos. A última reunião realizou uma transformação radical no clima da nossa relação com os obreiros nativos. Ao fim,

²⁸ FONSI, Luis. *Despacito* ft. Daddy Yankee. In: **Vida**. Porto Rico: Universal Latin, 2019. Música (3 min e 47 seg).

estávamos felizes com o encontro, apesar da casa não estar completamente finalizada. Ainda há muito trabalho pela frente.

...

O acordo com os obreiros encerra em paz, contudo, ainda é preciso realizar alguns processos construtivos para finalizar a obra. Grande parte do trabalho já foi feito, mas, falta cavar muito barro e rebocar a maioria das paredes. A pressa em morar na oca, deve-se ao desejo de que as comparsas do bando se juntem a nós, pois, para que logo venham a habitar a ilha, a condição é que seja liberado o espaço da casa sede, atualmente ocupado por meu companheiro e eu.

Se comparado ao esforço para transportar os materiais da obra, subir a montanha com os móveis e outros objetos pessoais é um movimento, relativamente, tranquilo. Ao longo dos dias, limpamos a oca e levamos nossos pertences. Assim, enfim, as comparsas pousam na ilha. Em grandes barcos, as resilientes dissidentes aportam junto com um trio de pescadores de Serinhaém, que desembarca a mudança em alta velocidade, por meio da força bruta.

Talvez, fisicamente, este bando configure uma aparência oposta ao imaginário comum, seja em relação ao arquétipo do prisioneiro, ou do fugitivo, ou do dissidente, ou do bruxo: nossos corpos são baixos e esguios, delicados e graciosos, mas com a resistência dos verdadeiros diamantes. Para a luta diária, carregamos facões, vassouras, colheres de pau e enxadas, mas nossas principais armas são o amor e a busca sincera pelo conhecimento sobre a vida; nossas vestes variam de acordo com a estação anual, mas, em geral, expressam um estilo moderno, similar aos uniformes dos prisioneiros que vivem com o olhar mágico adormecido, pois a origem de nossas indumentárias vem da vida passada nas celas do cárcere.

Cada um de nós, carrega em si, habilidades particulares, fundamentais para a composição do bando. Contudo, todos ainda buscam compreender o pleno potencial dos poderes presenteados, uma vez que, apesar do longo e desafiador percurso trilhado, seguimos no início da jornada. O casal de casais de bruxas atua em diversas frentes de planejamento e execução do plano de fuga: minha irmã é uma hábil mestra na criação de elos entre as forças cósmicas e telúricas, por meio da materialização de portais ocultos que conectam nosso refúgio ao sistema, além de dominar a arte de algumas espécies mágicas de cura, como o desenho, a música, ou a impostação de mãos associada ao uso de um pêndulo de cristal, que revela a forma e a intensidade do movimento energético dos chacras; sua parceira amorosa é uma bruxa gargalhenta de forte vínculo com os elementos da terra. Através do toque de suas mãos,

sementes germinam, plantas crescem, florescem e frutificam, os animais ficam alegres e saudáveis. Ao caminhar pelas florestas, pássaros e borboletas pousam em seu corpo para entoar serenatas de amor. Com a mesma intensidade que interage com a magia natural da terra, a bruxa gargalhenta atua como guardiã do fogo na comunidade, ao lado de uma das comparsas que integra o outro casal de bruxas chegantes, formado por uma dupla de exímias alquimistas na arte das porções: uma bruxa composta por forças místicas do fogo, casada com a companheira que é formada essencialmente pelo elemento água.

Em comum, além do próprio corpo, que é em si, um instrumento para a realização de magias, as bruxas carregam o facão na cintura para abrir os caminhos das florestas, além da varinha e dos livros. Contudo, a escolha sobre as demais ferramentas revela as diferentes preferências entre as variadas espécies de magia. No caso do casal de alquimistas, os principais instrumentos para a realização de seus feitos mágicos, consistem na clássica vassoura de palha com o cabo de madeira, além do caldeirão de ferro e da colher de pau em mãos, para o preparo das porções que, no caso deste casal de bruxas alquímicas, buscam formular espécies de magias com ingredientes restritos ao reino vegetal e fungi. Já minha irmã, prioriza o estudo dos livros de magia e o poder da varinha, enquanto minha cunhada se destaca no cultivo de vastas coleções de plantas e animais mágicos.

Deste modo, cada bruxa aporta na ilha com seus poderes e práticas mágicas privadas, que, de fato, compõem uma diversa e assimétrica rede de retalhos costurados. Em busca do conhecimento das habilidades e tecnologias mágicas, parte do coven rejeita a servil obediência à disciplina, outras se dedicam arduamente a respeitar os ditos das metodologias ancestrais. Assim, tal diversidade de expressões mágicas é abrigada na ilha.

Como minha irmã sanguínea, sou um bruxo predominantemente formado pelo elemento água, com preferência aos estudos da literatura mágica ancestral e dos feitos mediados pelas mãos e pela varinha de condão. Já meu companheiro amoroso, por outro lado, é intensamente composto por forças telúricas, ao passo em que realiza profundas práticas para a conexão com os aspectos cósmicos. Por meio desta composição polar, o bruxo que me acompanha é capaz de realizar grandiosas materializações na arena das ilusões reais.

Obviamente, nem todos os bruxos vagam pelos diversos campos e instrumentos de magia disponíveis, pois, diante das revelações do talento concebido ou mesmo do juízo de gosto, destacam-se em determinados métodos que preferem se dedicar com exclusividade, ao ponto de ignorar a existência de variadas espécies de magia durante a composição da cartografia pessoal sobre as tecnologias mágicas conhecidas e praticadas. Inclusive, as nuances que

distinguem os tipos de mutações mágicas são possíveis de detectar quando se observa as experiências ocultas no convívio cotidiano.

...

Dada manhã chuvosa, meu companheiro desperta cedo e percebe uma movimentação estranha no fluxo de águas ao redor da oca. As águas pluviais mal drenadas, devido a escavação inacabada, começam a inundar o banheiro da oca e o quarto de visitas. Prontamente, meu companheiro resolve a canalização da drenagem da oca de um modo rústico e provisório, contudo, eficaz. Quando eu acordo, num momento em que a chuva amansa, ele relata sobre a aventura que viveu enquanto eu dormia. Resta-me secar o quarto de visitas e orar para que a chuva cesse, pois esta parte da construção precisa de ainda mais esforço para finalizar a escavação da drenagem.

É assustador adentrar a construção alagada, que se transformou numa piscina rasa, com dois palmos de profundidade. Este problema, gerado pelo escoamento da chuva, pode danificar a estrutura da obra. Para reduzir os danos, é preciso drenar manualmente a água represada na construção e esculpir uma canalização provisória mais eficiente. Depois, resta-nos aguardar um momento oportuno para prosseguir com a escavação da drenagem. Não há dúvidas de que realizamos o possível, agora, aos poucos, ajustamos a situação. Contudo, a urgência funcional das muitas finalizações a serem feitas para termos um lar acabado, implanta a sensação da obrigação do ato construtivo, ao passo em que se deve bancar todos os afazeres domésticos e rurais.

Quando subimos para morar na oca, é inegável que encontramos um ambiente confortável para habitar, apesar de estar inacabado. Porém, novamente, voltamos a viver sem eletricidade ou internet em casa. Para ter acesso a tais comodidades, podemos descer alguns passos para desfrutar das tecnologias eletrônicas na casa sede, onde, atualmente, mora o casal de casais de bruxas.

Outro fator relevante da cultura experienciada na oca, é o estabelecimento de uma rotina para a coleta da lenha. Este método de aquecimento da comida e da água já havia sido adotada nos últimos meses em que moramos na casa sede, mas aqui em cima, apesar de ainda termos o fogão a gás, passamos a cozinhar apenas com lenha.

...

A chegada das comparsas é motivo de alegria e celebração na ilha. Banquetes vegetarianos, música ao redor da fogueira e animadas conversas abundam nos primeiros dias do reencontro entre os integrantes do bando de dissidentes em fuga. A mera presença das bruxas soluciona uma série de percalços do processo de fundação da comunidade, que sobrecarregavam as operações quando apenas eu e meu companheiro habitávamos a ilha, ao lado do nosso cachorro e dos visitantes transitórios.

Um grande movimento de limpeza e cuidados com o espaço foi realizado desde que as comparsas aportaram na ilha. Os jardins se encontram mais floridos, a casa sede mais bela e perfumada, além da ocorrência de diversos rituais para o prazer coletivo, presenteados pela presença de tais figuras mágicas.

Por um lado, encontramos o desafio de habitar uma oca inacabada, construída no topo da montanha mais alta da ilha, por outro, as comparsas enfrentam o problema da infestação dos ratos na casa sede. Entretanto, a solução mágica, lançada pelo casal de casais de bruxas, resolveu a invasão dos roedores em poucos dias: armadas com seus gatos e cachorros de estimação, rapidamente, expulsam o bando de roedores do raio da casa sede e, posteriormente, do galpão. A oca recém construída ainda não foi descoberta pelos ratos. Assim, por meses, vivemos livres da incômoda presença dos roedores.

O fogo que acendemos todos os dias, afasta os muruins do mangue, que são minúsculos mosquitos cortantes, quase invisíveis a olho nu, mas capazes de perfurar a pele dos animais para sugar o sangue. A picada deste hematófago voador desencadeia, entre outros efeitos, um processo de coceira acentuada, que costuma inflamar o local, caso os sintomas persistam nos dias seguintes. Com efeito acumulativo, resulta que quanto mais se coçar, mais histamina é liberada, o que causa mais coceira. Diante deste fenômeno fisiológico, recomendo apenas alisar o local da picada e buscar ignorar as agonias da toxina injetada pelo muruim, ou acender uma imponente fogueira para os espantar.

...

Montadas em vassouras, as bruxas alquimistas transformam as paisagens da beira do estuário, por meio de uma árdua rotina de feitiços de limpeza. Antes, as superfícies das pedras de arenito estavam cobertas por uma fina camada de lama lodosa, escura, escorregadia, repleta de detritos cortantes; agora, o porto natural, localizado no polo Sul da ilha, é um espaço limpo e colorido, onde os tons rosados predominam ao lado de faixas brancas e roxas. Na maré baixa, a pedra de arenito se mantém descoberta, assim, para aportar, é preciso ancorar o barco na parte

profunda do canal e caminhar o trecho de arenito, porém, com a enchente da maré, sobe o nível dos canais do estuário e a pedra de arenito se torna um porto natural, com cerca de um metro e meio de profundidade em seu ápice. Com o solo coberto por uma camada de lama e detritos, a caminhada costumava ser desafiadora, após a limpeza, tornou-se suave. Além disso, a ação das bruxas alquimistas resultou numa paisagem em que a água cristalina mantém a plena transparência, pois a ausência de matéria orgânica no solo fez com que apenas partículas de areia sejam suspensas através do movimento dos corpos. Assim, é possível ver os estranhos animais marinhos submersos nas águas do porto, como eu, habitantes desta ilha quase deserta. Os atos de magia das bruxas me inspiram a aplicar este método em outras partes da ilha, para, por meio deste feitiço de limpeza com a vassoura, modificar a paisagem em que vivemos, a fim de a tornar um oásis paradisíaco nas margens do sistema carcerário.

...

Aos poucos, a ilha desvela seus encantos de magia natural, mas logo, vieram as dificuldades. Apesar das benesses da chegada das comparsas, poucos dias são necessários para que os conflitos voltem a imperar no bando. Numa ilha de espelhos quebrados de Narciso, a erupção de diferentes critérios e perspectivas subjetivas revela a composição de uma aldeia onde todos são caciques. Se por um lado, esta forma de organização social cultiva a autonomia dos comparsas, por outro, o programa colonizatório dos julgamentos reativos, implantado como natural, ativa atitudes recorrentes que geram conflitos internos e externos. A experiência de viver com o bando na ilha aparenta ser um intenso adestramento deste juiz interior, que, mesmo amansado, segue vivo, pleno e ativo.

As fontes das queixas variam, desde críticas em relação às escolhas construtivas adotadas na obra, como o local, o material, a forma e o tamanho da oca, ao trânsito do nosso cachorro, que passa grande parte do dia na casa sede e espalha suas volumosas fezes pelos campos da ilha, ou devido às questões relacionadas ao saneamento sanitário, a compostagem de resíduos orgânicos e outros trabalhos de manutenção da ilha. Aqui, inicia o jogo das prioridades coletivas, pois cada ente arquiteta a própria hierarquia das urgências a serem resolvidas.

...

Uma das prioridades coletivas que nos foi solicitada a resolução imediata consiste em desmontar uma pilha de pneus velhos que sobraram da construção da fossa de bananeira. Atracada no porto Leste da ilha, tais resquícios da obra empossam água e se tornam criatório de mosquitos transmissores de doenças. Diante da sensatez do chamado, atendo ao pedido e me lanço na missão de transportar os pneus para a oca. A solução que encontro para que deixem de ser fonte de cultivo de mosquitos é os utilizar na construção de uma escada no jardim, que ligará a oca ao quarto e banheiro de visitas. Ter um objetivo artístico, útil e, sobretudo, inesperado, para resolver a questão dos pneus, motiva a realização do movimento de transporte dos objetos entulhados. Desde o porto Leste, com um pneu em cada ombro, escalei as montanhas, por caminhos mais íngremes e escorregadios do que os do percurso que conecta a oca ao porto Sul. Entretanto, em poucas horas, carrego todos os pneus, modelo o desenho curvo da descida e começo a preencher os pneus com barro para os fixar. Meu companheiro continua o preenchimento até a escada de pneus se tornar uma rígida arquitetura, com perfeita funcionalidade e beleza estética.

Apesar dos esforços individuais para harmonizar o ambiente, algo observável em todos os corpos do bando, fervem os efeitos acumulados, causados por dificuldades de convivência. As visitas e celebrações com música, ao redor da fogueira, são os elos que abrandam os ânimos do bando. Contudo, depois da calma musical, a comunicação continua violenta, ruidosa ou ausente

Vivemos num universo em que as palavras ditas evocam memórias associadas à emissão sonora, que resultam em efeitos mórficos e simbólicos mediados pelo processo de comunicação. A grande quantidade de lixo midiático produzido massivamente, polui a semiosfera, o meio ambiente dos símbolos e significados, com informações tóxicas, que soterram e ocultam as preciosidades.

Cultivados por esta espécie de mundo de mídias, nossos corpos reagem conforme a programação bélica, inalada pelos poros quando habitamos os centros do presídio das ilusões reais. Aqui, é uma oportunidade para exalar tais controles do biopoder, mas, antes, é preciso notar a instalação dos dispositivos colonizatórios em si mesmo.

Neste sentido, quando me percebo vivenciando um campo de oralidade autômata e viciada, que me captura para o conflito, perdi a vontade de falar e de muito ler ou ouvir. Cansei dos livros e das músicas, das notícias e dos seriados, das redes sociais e do celular. Naveguei rumo a uma ilha quase deserta na busca do silêncio perdido, mas onde estou agora?

Sinto fortes emoções. Algumas parecem tristes. Tantas coisas para lidar. O Estado que nos bloqueia, as cobranças e os prazos de trabalhos, as relações afetivas. Tudo isso vivendo numa ilha quase deserta. Não me sinto isolado aqui. Gostaria, mas não me sinto. Com internet, menos ainda. Caminhar e agradecer é preciso numa odisseia que parece penosa, mas pode ser prazerosa. É melhor tudo ver como presente e aprendizado, sempre com aceitação. Ainda é preciso lidar com a culpa de não ser ou não fazer. A reprogramação cultural para transição sistemática entre modelos de vida está árdua. Há muito o que aceitar. Viver em comunidade é conflito. As cidades urbanas modernas reiteram a afirmação. Ecovilas pretendem ser células com outros desenhos de organização social: harmônicos, horizontais, solidários. Os conflitos não estão nos lugares que habitamos, estão nos Eus, nos egos, nos corpos individualizados que sentimos ocupar. Estes egos são programáveis e estabelecem padrões de percepção naturalizados, instalados como permanentes, difíceis de desnaturar. Reprogramar para realizar utopias requer mais do que afirmações verbais, apesar de serem fundamentais, é preciso botar o sonho no músculo e seguir em direção aos medos. Os caminhos que se apresentam nos fazem lidar com nossos dragões, nossas sombras e nossas luzes. A materialização de um pensamento exige do corpo uma ação intensa para a realização da potência da imaginação. Portanto, a impermanência. Reprogramar para estar em paz num lugar de conflito, para perder os hábitos e desejos viciados, sem culpa e sem desculpa, é possível, mas exige prática indisciplinada. Pois, é grande o poder do ego que controla as sensações e os pensamentos dos corpos disciplinados pela cultura colonizatória terráquea. A utopia de construir um espaço material fora do sistema e das práticas capitalistas ainda não é real na ilha do Aracari. Minha vida e emoções estão financerizadas. O ego que me identifica no mundo (sur)real demonstra resquícios de sua presença. Meu certificado de pessoa física está irregular. Não posso usar dinheiro. Qual a melhor crença para se ter fé aqui e agora?

...

Certa manhã, desperto ao lado do meu companheiro amoroso, em nossa bela cama, de onde podemos contemplar as linhas compostas pelas madeiras roliças do telhado, de diferentes cores. Após um chamego matinal apressado, corremos para partir no primeiro barco para a vila urbana mais próxima: hoje é o dia de buscar o bruxo austríaco, que chegou com o material para a construção da escada e do mezanino da oca.

A manhã ensolarada transforma o caminho num prazeroso passeio pelo estuário. Aportamos e encontramos o bruxo austríaco na feira. Ele está animado, seu rosto enrubesce

com o calor tropical, mas há algo distinto em sua aparência facial: seus olhos brilham com extrema vivacidade, suas sobrancelhas suspendem a todo momento, como quem observa o espetáculo do mundo em plena atenção catártica ao assistir à erupção das enxurradas de novidades lançadas ao ar. O rosto do bruxo austríaco aparenta ferver com tanta energia retida em seu corpo. Sorri alegre ao nos ver, como estivesse embriagado com uma droga psicodélica, ou como uma criança prestes a realizar a viagem dos sonhos. Apesar da condição psicoativa, explícita em seu olhar, tais efeitos foram alcançados por meio da renúncia de alimentos, pois já está no terceiro dia de jejum. Ele relata que pretende ficar, ao menos, 21 dias sem comer, mas beberá água todos os dias. Também, afirma que após o terceiro dia de jejum, a fome passa, além disso, é comum que ele tenha mais energia durante este período e, por isso, mesmo que trabalhe pesado, dorme poucas horas. Ao caminhar conosco pela feira, ele destaca como a intensidade das cores lhe agrada durante a renúncia de alimentos. Inclusive, afirma que, enquanto jejua, adora visitar os mercados coloridos e costuma cozinhar para oferecer aos entes amados.

Não estou diante de um bruxo idoso, mas é um senhor de idade avançada que, em jejum, parte conosco para uma ilha quase deserta, carregado de materiais pesados para, nos dias seguintes, ainda em jejum, trabalhar na instalação da escada e do mezanino da oca. Diante da segurança do bruxo austríaco, devido às experiências anteriores com este método de renúncia de alimentos, para desenvolver um processo de (auto)limpeza e (auto)cura do corpo, sinto-me impressionado e curioso para acompanhar o jejum, mas não me proponho a fazer o mesmo.

A instalação da escada e do mezanino segue a pleno vapor nos dias seguintes. O experiente bruxo austríaco previu, com precisão cirúrgica, todas as necessidades do projeto. As madeiras parecem flutuar no ar e se encaixar com perfeição, por meio de um leve toque de mágica, mas, neste caso, a varinha é uma parafusadeira acompanhada de uma pequena serra elétrica. Após longas horas de trabalho, por vezes, o bruxo solicita um descanso na rede.

As diárias de trabalho ocorrem velozes e eficazes. Todos os dias, o bruxo austríaco desperta junto ao nascer do sol, para caminhar e desvendar as belezas ocultas da ilha. Após tais jornadas matinais, é comum que volte com cocos secos, coletados nas florestas que beiram os mangues. Do fruto, o bruxo bebe a água e nos presenteia com a carne. Em seu método de jejum, além de água natural e água de coco, é possível diluir pequenas porções de frutas e beber a água saborizada.

Certa vez, após mais de duas semanas de jejum, o bruxo cortou três pequenos cubos de chuchu, que é um alimento com sabor suave, para cozinhar por longos minutos. Pensei que finalmente, iria ingerir sólidos, mas o bruxo descartou o trio de cubos de chuchu cozido, para tomar a água saborizada quando amornar.

O trabalho que, ao fim, resulta numa bela obra de arte, termina antes do vigésimo primeiro dia de jejum do bruxo austríaco, que segue em seu retiro na ilha, agora, sem a demanda física do trabalho de instalação da escada e do mezanino. Somos presenteados com dias prazerosos, em que podemos mergulhar nos canais do estuário e passear pelos caminhos ocultos da ilha.

O último dia do jejum chega. Com o objetivo alcançado, o bruxo retorna mais uma vez ao desfrute dos prazeres carnavais ofertados pela ingestão oral de comida. Regados por abundantes jorros de felicidade, à noite, ceamos um farto jantar coletivo ao redor da fogueira. Este banquete de confraternização é a forma que encontramos para ritualizar o sentimento de celebração e agradecimento pela presença do bruxo austríaco, que parte na manhã seguinte.

...

Meu companheiro amoroso é presenteado com a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre os ancestrais saberes mágicos para materializar abrigos a partir dos elementos da natureza local. Para tanto, é preciso navegar para terras longínquas, onde um grupo circense projeta a construção de uma grande casa de apoio para os acontecimentos da trupe. A obra é guiada pelo sábio bruxo bioconstrutor que nos prestou consultoria no episódio do mutirão realizado para preencher as paredes de taipa da oca, através da mistura de barro, esterco e fibra seca. A convite deste mestre de obras, meu companheiro decide partir para desfrutar desta experiência de desenvolvimento das habilidades mágicas de materialização de abrigos.

Os efeitos desta decisão afetam o nosso relacionamento profundamente, sobretudo, devido ao conseqüente distanciamento físico. Entretanto, a proposta é vista como favorável, uma vez que, além do desenvolvimento técnico do meu companheiro amoroso, esta vivência temporária pode ser o descanso preciso para harmonizar a convivência cotidiana, povoada por constantes conflitos em recentes períodos, nos quais meu companheiro expressa, repetidas vezes, o sentimento de solidão durante os dias passados na ilha quase deserta. Assim, em clima de celebração pelo recebimento do convite ofertado pelo bruxo bioconstrutor, pela primeira vez, desde que pousamos na ilha, separamos nossos corpos, após um breve abraço de despedida, que antecede sua partida.

...

Dias antes da partida do meu companheiro amoroso, um solitário rato começa a visitar a oca. Após meses de ausência completa destes roedores, as visitas eventuais passam a se tornar rotina em nosso lar. Num determinado horário e local, o rato invade a oca em busca de comida. Ouço os latidos frenéticos do nosso cachorro, que enfrenta o exibido assaltante, que, por sua vez, desdenha dos esforços do grande canino. Incapaz de causar danos ao rato, os ataques histéricos de fúria são ignorados pelo roedor que se farta com a ração do cachorro. O rato adentra à oca e caminha sobre o piso do mezanino, todos os dias, no mesmo horário. O som da veloz corrida do roedor é musicado pelo toque dos seus passos sobre as finas placas de madeira que compõem o piso do mezanino, abaixo do qual dormimos, enquanto escutamos a projeção sonora do passeio do rato em casa.

Com a partida do meu companheiro, passei dias e noites solitárias na oca. Os crepúsculos anunciam os temores da premonição do que está por vir. A sensação de esperar o invasor noturno, minutos antes da chegada, compõe agonia impronunciável. Quando estamos acompanhados, o medo é amansado pelo compartilhamento da experiência pavorosa. Porém, a sós, aqui deitado sob os lençóis, resta-me, em silêncio, aguardar a destruidora colonização de um ser que não é bem-vindo: isto bem sabe o intruso. Mas, se a ilha é a morada do rato desde antes da nossa chegada, afinal, quem é o invasor?

A história da biologia nas Américas narra que, há menos de 600 anos, antes da chegada das fétidas naus dos impérios europeus, os ratos eram inexistentes nestas terras. Junto com as caravelas, aportam as chacinas, a devastação da natureza, entre outras diversas violências físicas e culturais praticadas pelos colonizadores, como o aniquilamento de milhares de línguas expressas pelos povos originários, ao lado de suas distintas espécies de saberes ancestrais, modos de vida, além das variadas formas de perceber a realidade material.

As caravelas imperiais trazem companheiros africanos escravizados por trevosos métodos de controle dos corpos. No decorrer histórico, as tecnologias para a servidão são sofisticadas: através de um sistema que promete a fraudulenta liberdade, o prisioneiro é desafiado a conquistar a mínima quantidade de dinheiro necessária para a subsistência básica. Desta forma, as leis escravocratas, regidas há milênios pelos imperadores, encontram meios de adaptação para serem implantadas, de modo a docilizar o prisioneiro, sem precisar o acorrentar para conquistar a servil obediência do ser escravizado. Os pelourinhos, contudo, continuam a existir de modo ubíquo, por meio das punições expostas nas telas das celas. Enquanto os inimputáveis opressores aplaudem a cena de expurgo, os alvos da injusta abjeção temem serem os próximos.

...

Ver o mundo como espelho implica em ver o rato que habita o lar como si mesmo. Sou o rato, o rato sou eu. Sinto pânico e nojo quando olho a imagem grotesca de um pequeno, hábil e inteligente mamífero roedor, com aparência amistosa e desconfiada. Assim como os humanos, os ratos são seres que buscam abrigo, água e comida de fácil acesso. Mas este reflexo no espelho é inconveniente, afinal, os ratos invadem e colonizam nossas casas, cagam e urinam onde bebem e comem: veja, como humanos. O rato e o humano são indissociáveis no mundo físico. Preciso exterminar essa praga barulhenta, suja e inconveniente. Devo ser mais inteligente que o rato. Sem violência. Como deletar o rato sem usar a violência? Difícil conflito ético. Quando sou o rato assassinado, nenhuma opção me parece humanizada. Entre o fogo, o porrete, o envenenamento, a cola e a coca-cola, elejo a asfixia e o afogamento. Decisão tomada, armo a armadilha que irá capturar o rato: balde com água até a metade e uma tampa de papelão giratória com ração de cachorro colada. O rato cai. O desejo pelo alimento o atrai para o alçapão. Voluntariamente, o rato busca a armadilha. O desejo da gula o trai. Dentro do balde, sem a possibilidade de escalar as paredes lisas, com água acima da cabeça, a resiliente estrutura física de nadador e saltador mantém o rato vivo no reflexo do espelho. O sol nasce e se põe, nasce novamente... Quanto tempo vive o rato nadando dentro de um balde?

A caça e o extermínio do rato recordam a história do Chile, quando o General Ibañez lançou em alto mar os homossexuais capturados, mas, como lembra Lemembel, ninguém chegou à margem. Sou o rato, sou as bichas lançadas na água, que nadam sem descanso para não afogar. O espelho do rato é realidade. O rato é reflexo do humano. O humano espelha o rato. O rato é paródia do humano. O humano é o rato.

O rato morre. Solenemente, enterro. Sigo com asco do seu reflexo sem vida, mas aliviado pela ausência do rato no espelho. Outro rato vivo aparece no espelho. O rato sou eu?

...

O primeiro rato é preto e grande, quando comparado aos demais, que são menores e acinzentados. Além da aparência distinta, o comportamento também é diferente. Enquanto os roedores acinzentados, sorrateiros e fugidios, preferem caminhar pelas madeiras do telhado, o rato preto, exibido e agressivo, costuma caminhar sobre os solos, ao passo que é um hábil escalador de paredes.

Assim, a caça aos ratos continua por diversos outros meios infelizes, distintos do balde com água e tampa giratória: primeiro, espalho iscas de bananas misturadas com farinha de feijão, pois os ratos são incapazes de digerir o grão cru, pulverizado na fruta doce de sua preferência. O método resulta eficaz, mas se revela uma má ideia, pois o roedor agoniza até a morte, em qualquer lugar da casa. No meu caso, o encontro com o defunto constipado foi ao encostar na almofada do sofá e perceber que um pequeno corpo endurecido jaz ali. Por sorte, foi antes da putrefação do cadáver. Mais um rato se junta ao cemitério no jardim.

Ao notar as indesejáveis implicações de envenenar os ratos, adoto o método da cola fresca num pedaço de papelão. No meio da armadilha, há uma fatia de banana para atrair o faminto invasor. Eis que ao pisar sobre a cola, em busca de uma mordiscada, suas patas dianteiras são capturadas pelo visgo que gruda e não o deixa escapar. Em desespero, o rato se debate com a esperança de se livrar da armadilha, mas enquanto se movimenta, mais partes do seu corpo são capturadas pela cola. Ainda que esteja imobilizado, luta com todas as forças que lhe resta, ao ponto de urinar, defecar e quebrar ossos enquanto se debate em busca da ausente probabilidade de sobreviver. Entretanto, o rato, ainda vivo, apesar das condições adversas, precisa esperar o raiar da manhã para que eu o remova junto com a armadilha. No momento em que me vê, o rato grita, num choro de desespero e súplica. Quase não lhe resta energia, mas a adrenalina de perceber a presença do algoz ativa as reservas do pequeno ser capturado, que se movimenta para tentar se desvencilhar da armadilha, mas após poucas tentativas, o rato se cansa e, cada vez mais, para de se mover e de gritar. Recolho a armadilha. Às vezes, com mais de um indivíduo por noite. Cavo os buracos onde os enterrarei. Posso, antes de cobrir com a terra, espancá-los com a enxada para tentar matar antes de enterrar. Experimento este método uma vez, mas diante do choro do rato espancado, compreendo que é melhor morrer asfixiado.

Outro rato aparece na oca. A caça precisa continuar, contudo, o rito de morte e velório dos invasores me desagrada. Além de ser um movimento trabalhoso e estressante, sinto-me um cruel assassino em série que banaliza a vida das vítimas aniquiladas e enterradas na floresta. E se fosse eu, o ser que agoniza enquanto é enterrado vivo, pregado à armadilha?

Componho um cemitério com 13 cadáveres de ratos no meu jardim. Finalmente, percebo que esta caça é bárbara e incoerente com os meus princípios, pois, apesar de ser um processo que me alivia por eliminar um invasor, resulta em muita dor e tristeza em mim, mas, sobretudo, no corpo assassinado. Além disso, os ratos se revelam seres muito inteligentes, pois os derradeiros do bando aprenderam a comer a isca, sem cair na armadilha. Não sei como, talvez sejam indivíduos maiores.

Diante da experiência de caça aos ratos e dos múltiplos fatores associados, adotar uma gata mostra ser a única forma de evitar a presença dos invasores, sem sujar as próprias mãos de sangue. Talvez, a gata os cace, mas apenas o cheiro de sua presença é o suficiente para afastar o bando de roedores. Por isto, uma opção para repelir ratos é perfumar a casa com as fezes dos felinos ou de cobras.

Tomada a decisão, é necessário compartilhar com o meu companheiro amoroso e os demais integrantes do bando, a solução para a questão dos ratos na oca. Um dos casais de comparsas já possui seus próprios protetores felinos, assim, a casa sede da ilha está protegida da invasão dos roedores, porém a oca em que vivemos, não está dentro do raio de atuação dos gatos.

A decisão de adotar uma gata é mal vista por quase todo o bando, mas sou irredutível diante da questão de me livrar da invasão dos ratos, sem ter que os caçar. Desta forma, algumas comparsas me ajudam no processo de adoção da futura nova moradora da ilha quase deserta, onde estamos a construir um refúgio para escapar do sistema colonizatório do presídio das ilusões reais.

...

Com a partida do meu companheiro amoroso, motivada pelo convite de vir a ser um discípulo do mestre bioconstrutor, torno-me um lobo solitário, que uiva para a lua cheia, no topo da montanha. Entretanto, além da convivência cotidiana com as demais comparsas, meu companheiro, sempre que possível, reserva alguns dias para visitar a ilha, por vezes, acompanhado por bandos de visitantes temporários. Assim, os momentos de solidão deixam de ser raros, pois são episodicamente interrompidos.

Ao aportar na ilha, meu companheiro utiliza grande parte de sua força e dedicação para cumprir as etapas da obra que faltam. Assim, a cada vez que meu companheiro revoa para terras longínquas, sinto-me obrigado a seguir as demandas da obra em constante execução. Mesmo que seja sob um vagaroso ritmo próprio, sem olhos vigilantes para avaliar o processo, contudo, permanece a sensação de haver um perene controle social sobre a minha performatividade vivida, julgada e sentenciada a partir dos resultados obtidos, que podem agradar, ou não, os observadores do espetáculo que expresso por meio do meu corpo, em navegação errante no espaço-tempo.

Em determinada ocasião, meu companheiro aportou na ilha, ao lado de um bruxo circense, um casal de jovens bruxos venezuelanos e sua filha recém-nascida. Uma grande

curiosidade sobre esse bebê é que nunca chora, apenas emite alguns sons para se comunicar com os adultos. Os visitantes temporários nos ajudam a continuar o processo de georeboco da oca. Após longas diárias de trabalho, contemplamos a maior parte das paredes, mas não todas, além de restarem diversas outras demandas postergadas diante da escala de prioridades. Ao fim, celebramos a conquista alcançada com árduo esforço.

Na última noite de suas estadias, da varanda de nossa oca, localizada no topo da montanha mais alta da ilha estuarina, ocorre um avistamento coletivo de um OVNI, que eu não vejo, mas ouço os que veem enquanto avistam. Corro na escuridão da floresta quando ouço as falas espantadas dos observadores ao contemplarem uma esfera luminosa, que sobrevoa a copa de um dendezeiro enquanto muda de cor. Quando aterrisso na varanda, após topar nas raízes expostas das árvores, por correr apressado para apreciar o avistamento, o OVNI se desfaz. Sou incapaz de visualizar até mesmo a desintegração do objeto voador não identificado. Logo, noto o meu fracasso ao perder a oportunidade do avistamento, mas percebo a experiência ufológica, através dos comentários realizados pelos observadores enquanto admiravam a presença fugaz do OVNI. Sinto-me frustrado por não ver o fenômeno com meus próprios olhos, mas continuo a coletar a reação dos observadores presente e seus relatos sobre as características visuais.

Esta situação oculta formou a perfeita condição para revirar minhas crenças em relação aos fenômenos místicos que estão ausentes em minhas memórias autobiográficas: no caso do OVNI, eu não vi para crer, mas, através das palavras vocalizadas, testemunho a reação dos observadores durante o avistamento. Ou seja, caso eu credite os observadores como plenos de suas capacidades sensoriais e cognitivas, tal ocorrência me impede de alegar ignorância sobre o fato.

...

Dias após o avistamento do OVNI, meu companheiro me telefona de terras longínquas, para relatar que um renomado xamã estadunidense, John Milton, realizará um encontro na Pedra do Sabiá, no qual aplica uma metodologia própria de experimentos com o corpo, nomeada “a busca da visão”, que experimentou pela primeira vez aos 7 anos de idade. A vivência de nove dias custa uma alta quantia de dinheiro, mas meu companheiro amoroso consegue uma forma de participarmos por meio de trocas diretas de trabalho.

A busca da visão é um ritual de passagem xamânico advindo das tribos indígenas norte-americanas. Por ter origem em múltiplas fontes, interconectadas numa rede rizomática territorializada, a aplicação deste método de iniciação xamânico compõe uma ampla variedade

de formas e práticas. Contudo, há ênfase em alguns princípios em relação ao rito de passagem, no qual se costuma adotar o retiro na floresta, por pelo menos quatro dias, em jejum, em silêncio e sozinho.

Na solitude das florestas intocadas, propõe-se buscar “o silêncio interior, a clareza de propósito, maior criatividade, energia renovada e intuição aguçada”, além do desenvolvimento da auto-liderança. Afirma-se que, entre outros efeitos obtidos após a experiência da “busca da visão”, este ritual de passagem recarrega as energias do iniciado e o presenteia com um retorno à cotidianidade repleto de vitalidade radiante e alegria para atender aos desafios da vida.²⁹

A princípio, sinto-me inseguro ao pensar sobre a ideia de deixar a ilha temporariamente, mas meu companheiro consegue me convencer a viajar, diante da grandiosidade do acontecimento oportuno. O encontro com o xamã já foi iniciado, portanto, em trânsito, estou ausente no primeiro dia, mas chegarei a tempo para o segundo dia.

Parto no final da tarde. A beleza do céu poente estuarino acalenta a decisão de seguir rumo a uma aventura desconhecida. Após aportar na cidade costeira mais próxima, em Ituberá, caminho para a rodoviária apressado. Contudo, a pressa resulta em nenhum benefício, pois tenho que esperar mais de uma hora pelo ônibus. Sentado tranquilamente, em estado de espera, avisto uma ave branca com a cabeça grande e redonda voando diretamente em minha direção. Demoram longos segundos de incredulidade diante da visualização de um animal tão deslumbrante. Logo, reconheço como uma coruja branca, mas custo a crer que estou diante da presença de um dos animais totêmicos da minha história. A coruja branca é uma personagem comum nas narrativas de bruxaria, porém, nunca antes, havia contemplado um exemplar no campo da realidade material: apenas as via em reproduções virtuais da existência destes seres mágicos.

Desde o momento em que percebo a presença da coruja branca, impressiona-me que voe na mesma linha onde me encontro sentado. Sigo a observar o experiência com um olhar que busca capturar todos os detalhes dos breves segundos da passagem de um cometa. A coruja branca entra na rodoviária e sobrevoa minha cabeça antes de abandonar a construção humana. Neste momento, que precede a experiência nas florestas com o xamã, é possível observar um animal totêmico através de um ponto de vista muito aproximado: cerca de 4 metros separa o espaço entre o teto alto da rodoviária e o topo da minha cabeça. Sinto-me extasiado, como costumo ficar quando vejo belos animais selvagens, mas este encontro é, sem dúvida, um dos

²⁹ MILTON, John P. *Nature quest* – 2017. Disponível em: <http://www.wayofnaturebrasil.org/Programas-2017>. Acesso em 20 fev. 2021.

mais especiais. Ao meu redor, nenhum outro observador desfrutou da cena, pois estavam atentos às telas das mídias. Talvez por eu não possuir um celular, parte do projeto da reprogramação descolonizatória na ilha, pude perceber este momento mágico que os demais observadores deixaram escapar por estarem distraídos com as informações das mídias eletrônicas. Pessoalmente, compreendo a passagem da coruja branca como um bom presságio e me animo com a escolha de viajar, mesmo diante dos desafios que estão por vir. De alguma forma, sinto este breve momento, banal para os demais, como um sinal de confirmação do caminho a seguir.

Chego à noite em Itacaré, ao sul da ilha do Aracari, onde vivemos. A pequena e bela cidade litorânea está acesa, dominada pelo mercado turístico. Após caminhar e testar alguns orelhões sem sucesso, encontrei um telefone público que funcionava. Falei com meu companheiro amoroso durante poucos segundos. Marcamos um local e nos encontramos minutos depois para seguirmos para a Pedra do Sabiá.

O xamã que nos inicia, revela que alguns detalhes da fórmula aplicada são adaptações metodológicas “baixadas”, de modo análogo ao *download* de um conteúdo advindo da nuvem virtual, mas, em seu caso, a *internet* são campos multidimensionais de redes sutis. Trata-se, portanto, de fontes de informação menos densas e mais elevadas do que as frequências visitadas pelos terráqueos em experiências ordinárias. Entre outras particularidades, nesta iniciação, é permitido levar uma barraca para acampar e um garrafão de água. O jejum de alimentos é opcional. Para quem o decide realizar, o xamã sugere uma mistura de água, limão e *mapple*.

Em três dias, realizamos intensas “práticas de percepção e conexão com a natureza para refinar e aprofundar a conexão com a natureza interna e externa”, que incluem os exercícios milenares de “*GaiaFlow*, *Qi Gong* e *T'ai Chi*, para trabalhar a cultivação de energia e a meditação”. Assim, o xamã aponta diversos meios de desenvolvimento da consciência a partir dos doze princípios do “*The Way of Nature*” (Liberação Natural):

1. Todas as formas estão interconectadas, mudam constantemente e surgem e retornam continuamente à fonte primordial;
2. Comprometa-se completamente com a libertação nesta vida;
3. Relaxe e se entregue à vida;
4. Permanecer no “agora” ou “presença”;
5. Cultive a união com energia universal;
6. Vá com o fluxo universal;
7. Descanse no esplendor de seu coração aberto;
8. A compaixão ativa surge naturalmente do amor incondicional;
9. Corte para clareza;
10. Retornar à fonte;
11. Consciência da fonte pura é ... permanecer em reconhecimento;
12. Sirva como um guerreiro do coração aberto e do espírito liberado;

13. Não leve todos esses 12 princípios muito a sério.³⁰

O tempo é curto para apreender todos os movimentos, técnicas e filosofias ensinadas pelo xamã. As memórias humanas ordinárias são incapazes de armazenar todo o conhecimento passado pelo experiente mestre espiritual e de meditação. Cada participante do retiro colhe e retém as informações da melhor forma que convém, mas há de selecionar, dentro do conjunto massivo de tecnologias transmitidas pelo xamã, quais os novos aprendizados que serão levados para o acampamento solo na natureza, além das bagagens que já carregamos até aqui.

Ao lado das fobias aos animais selvagens, que as mídias implantam em nossos corpos, sobretudo, em relação às cobras e aranhas, o temor de me abster aos desejos de comer, beber, fumar e fazer sexo, sugam o meu ego, que causa violentas reações fisiológicas e psicológicas para conter o descumprimento dos hábitos viciados, programados para a prática diária, mas que serão interrompidos durante os quatro dias em solitude na floresta.

A mudança de decisão expressa uma ondulação que varia em curtos espaços de tempo. Em princípio, penso em participar de toda a experiência, depois, informo ao meu companheiro amoroso que decidi participar apenas do treinamento. Quando uma das bruxas organizadoras do retiro perguntou se eu iria realizar o acampamento solo, afirmei positivamente, reação que surpreendeu a todos, inclusive, eu mesmo. Esta bruxa é uma das aprendizes mais próximas do xamã. Numa de suas jornadas em solitude na floresta, encontrou o seu animal de poder: ao resgatar um ninho de beija-flor que caiu no chão. A jovem bruxa conta que alocou o ninho, entre as pedras da toca onde elegeu dormir em meio à floresta selvagem. A mãe beija-flor se aproxima com o tempo e mantém a gestação dos filhotes. Eis que, em meio à madrugada, a jovem bruxa acorda com uma estranha e forte sensação no peito, no exato momento em que os recém-nascidos beija-flores viriam a partir as cascas dos ovos. Ao assistir a cena do nascimento dos beija-flores, percebe a relação totêmica de sua vida com este animal de poder. Esta jovem bruxa desfila generosidade e afeto, ao lado do mestre xamânico. Enquanto se encarrega dos aspectos burocráticos do encontro, o xamã estadunidense conduz a iniciação dos aprendizes. Diferente dos demais participantes, adentro a mata sem um seguro pessoal contra acidentes, assim como meu companheiro amoroso, pois pagamos o retiro através da troca direta por trabalhos. Assinamos um termo, comum a todos, em que nos responsabilizamos por nossas vidas, cientes dos riscos da experiência proposta.

³⁰ MILTON, John P. The Twelve Guiding Principles of Natural Liberation. In: **Way of nature**. 2014 - 2020. Website. Disponível em: <https://www.sacredpassage.com/index.php/about-us/12-guiding-principles>. Acesso em: 20 dev. 2021.

...

Apesar de ter decidido e celebrado a escolha, o ego sabota até o último momento. Na noite anterior à manhã que inicia o acampamento solo na mata, sai para fumar sem lanterna, enquanto meu companheiro foi para o quarto dormir. Imerso num fluxo caótico de pensamentos e emoções, segui a divagar em solitude, enquanto finalizo o baseado. De repente, parece-me uma ideia absurda realizar o acampamento solo na floresta. Mais uma vez decidido a desistir do retiro, tento voltar para o quarto. Porém, em meio à escuridão, não encontro o caminho e topo o dedão do pé numa pedra. Logo, gargalho e penso: como posso eu sobreviver sozinho numa floresta selvagem, se nem mesmo consigo encontrar o caminho de volta para o quarto e ainda me machuco ao tentar? Em sequência, meu ego lança frases para desvalidar qualquer fagulha de autoestima que busque me encorajar a cumprir o desafio. Agora, é preciso um local para passar a noite. Decido deitar numa casa do centro holístico que funciona como restaurante, mas, logo, sinto frio. Por sorte, estou com a chave do carro do meu companheiro e posso me abrigar, finalmente, no conforto do calor de um local fechado.

Dentro do carro, tremo muito ao pensar sobre a ideia de passar os quatro dias isolado, sem mídias, sem pessoas, sem comer, sem contato com outros humanos, em meio a uma imensa reversa florestal da Mata Atlântica, repleta de animais selvagens. Ao passo que temo, gargalho nervoso enquanto repito que é uma loucura, que não farei o retiro solo, pois não estou preparado. Quando me acalmo e consigo cochilar, meu companheiro me encontra assustado. Sinto um grande alívio ao o avistar. Logo, informo que desisti de ir para a floresta. Sonolento, ele responde que não tem condições de conversar sobre isso neste momento e me chama para ir dormir no quarto.

Descansados, no dia seguinte, antes do café da manhã, repito a decisão ao meu companheiro, que se entristece com minha escolha. Contudo, no desjejum, quando observo os outros aprendizes apreensivos, nervosos e vulneráveis, mas com as mochilas arrumadas para o acampamento solo, prontos para enfrentar os medos, percebo, neste momento, que já tenho mais do que o suficiente e, outra vez, resolvo ir para o retiro na mata.

Alegro-me com o momento do desjejum que antecedeu a entrada na floresta, pois encontrei paz e segurança interior para desbravar esta jornada que se colocou em meu caminho. Agradeço e sigo disposto a desfrutar da experiência. Os medos, que se expressaram em tremores e falas de desistência, foram diluídos e passei a sentir prazer. Assim, a caminhada em direção às partes mais fechadas da mata, que anuncia o início da jornada da busca da visão, transcorre feliz e serena. De certa forma, sinto-me num jogo similar aos dos programas televisivos, no

qual os participantes são deixados isolados em florestas para sobreviverem sozinhos e sem alimentos.

O bando de bruxos-xamãs aprendizes é distribuído em diferentes pontos da floresta. O único contato com humanos, a partir do momento em que somos deixados no local de acampamento, é através de nós feitos em fitas amarradas num galho de árvore. Todos os dias, somos indicados a dar um nó e conferir se o mesmo foi realizado na fita do outro aprendiz, acampado no raio mais próximo. Para evitar o encontro entre os participantes, os nós são feitos em turnos distintos. Assim, caso ocorra algum problema, a ausência do nó é a forma de comunicar.

A experiência de iniciação neste método da busca da visão, é modernizado em relação às práticas ancestrais. Nesta perspectiva, permite o uso de barracas industrializadas para acampar, bem como roupas e repelentes, itens que suavizam a experiência selvagem, sobretudo, diante da quantidade de mosquitos na Mata Atlântica da Bahia.

Montei a barraca, que me parece uma mansão gigantesca, sento num tronco caído e olho ao redor: as copas das árvores cobrem quase todo o céu; há muitas árvores antigas com troncos grossos, mas outras, que crescem sob a sombra das ancestrais, são plantas finas e jovens; o chão está coberto com uma profunda camada de folhas, mas os organizadores do retiro limpam um pequeno círculo, onde acampo. Aqui, vou ver o tempo passar nos próximos quatro dias.

Ao redor da minha barraca, há vários bolsões de teias de aranhas suspensas no ar, onde folhas se fixam antes de cair no chão. No meio destas engenhosas bioarquiteturas especializadas, há um túnel que entoca a aranha num abrigo seguro. Após alguns minutos de contemplação e curtas caminhadas, avisto um ponto vermelho em meio a vastidão de verde e marrom da floresta. Ao me aproximar, percebo que se trata de uma bela flor, que repouso em meu terceiro olho enquanto desfruto da brisa da manhã. Neste momento, penso sobre a metáfora de abandonar a antiga carcaça para renascer com um novo corpo, como fazem os insetos.

Durante este jejum de alimentos, sexo, eletricidade, mídias, pessoas e palavras, minha mente não para de produzir informações, sons e imagens de comidas sensuais, como hamburger ou cachorro quente. A fome passa. Inclusive, trouxe comida (um pouco de nibs de cacau, limão e *maple*), mas não quero comer. Água já é demasiado. Noto que a vontade de comer não advém da barriga, mas da cabeça, que produz desejos através de memórias viciadas.

Não posso escrever um diário durante os quatro dias de retiro solo na floresta, pois o jejum de palavras é parte da metodologia do xamã. Realmente, sinto que priorizamos racionalizar o mundo através do verbo. Portanto, renunciar as palavras é um bom meio para limpar os pensamentos. Neste sentido, a ausência de conteúdos audiovisuais também resulta

em relevantes impactos perceptivos: estas formas de jejum despertam os resíduos de imagens e sons armazenados no cérebro, que das profundezas emergem para a superfície até serem expelidos. É um processo similar ao do alimento. O corpo vasculha os resíduos a partir dos mais novos até chegar ao mais antigos. Assim, quatro dias me parece pouco diante do profundo trabalho realizado por este método de “busca da visão”.

De fato, o xamã que nos guia já experienciou retiros de maior duração, em condições mais severas, como o frio das neves. Apesar dos desafios homéricos desta jornada, trata-se de uma curta iniciação, um tanto facilitada, em comparação ao que se é praticado por este e outros mestres xamânicos. Contudo, é preciso sublinhar que, desde o primeiro segundo em que caminhamos para adentrar na floresta, os efeitos do método são de grande impacto. Ao estarmos sós, os efeitos são ainda mais devastadores. O jejum de pessoas é um detalhe da “busca da visão” que se revela especial, sobretudo, em meio a uma floresta antiga. Creio que nunca antes, vivi uma experiência como essa. Mesmo as abstinências rotineiras na ilha do Aracari, onde vivi períodos sem acesso à eletricidade, há o convívio social, as comidas, o papel, a caneta e as mensagens no celular, quando conseguíamos carregar o aparelho no vizinho.

...

Durante o treinamento para acampar na floresta, o xamã enfatiza a possibilidades de ocorrer encontros com animais selvagens que expressam relações totêmicas com o ser que percebe a experiência. O xamã conta que certo dia, estava a transitar por uma rodovia, junto com um aprendiz, quando foi surpreendido pelo cadáver de uma raposa no meio da estrada. Parou, examinou o corpo para se certificar de que o animal estava morto. Neste momento, notou a beleza do denso pelo castanho avermelhado do seu corpo sem vida. Em tom solene, carregaram o defunto para um local apropriada na floresta que beira a estrada. Quando depositou o corpo sobre o solo, o espírito da raposa saiu do corpo e começou a gargalhar, girando o espectro pelo ar. Em seguida, o espírito da raposa emite dizeres em inglês, com perfeita pronúncia: “você acham que eu preciso de vocês para viver?”. E seguiu a gargalhar.

Eis que a imagem espectral da raposa gargalhenta adentra os olhos do xamã e do seu aprendiz, que espantados, observam a miniatura da raposa projetada em suas íris. Ambos observam a cena e percebem os mesmos fenômenos surreais. Até mesmo o xamã considera que a presença de outra pessoa durante tal acontecimento fantástico, facilita a crença de que este encontro espiritual ocorreu na realidade.

O espectro da raposa sai dos olhos do xamã e do seu aprendiz, volta a pairar no ar até adentrar no corpo da raposa, que ressuscita e, ao retornar à vida, corre para a floresta. O encontro acaba, mas experiência é perpétua.

Além da coruja branca que passou por mim no início desta jornada pela “busca da visão”, vi cobra, sapo, aranha e beija-flor. Todos foram encontros relevantes, mas se deram através dos fenômenos da realidade material. Entretanto, creio ter me comunicado com alguns dos seres mágicos que habitam a floresta da Pedra do Sabiá. Ainda são seres invisíveis para mim, mas não sou o único que percebe suas presenças: uma bruxa francesa que por aqui passou narra a existência de espíritos que habitam estas florestas, os quais apresentam, por exemplo, a aparência de uma árvore gigante capaz de caminhar. Segundo contam, esta bruxa é capaz de dialogar telepaticamente com uma sociedade de macacos que abandonou a área temporariamente, mas que pretendem voltar após a fundação de uma cidade luz.

Outros espíritos da floresta da Pedra do Sabiá se apresentaram para esta bruxa francesa, como a sereia que vive no lago represado da reserva florestal. É um lindo e grande lago artificial, encontrado por peregrinos que caminhavam na floresta, quando se depararam com esta obra do período colonial, realizada por mãos escravizadas, escondida por uma densa vegetação aquática. Atualmente, o lago possui um grande quiosque na beira e um deck de madeira. Meu companheiro amoroso avistou neste lago, uma imensa cobra que rapidamente navegou na superfície da água em sua direção. Ao chegar a uma pequena distância, a cobra se empinou para olhar na altura dos olhos de um humano de 1,94 metros. Após breve troca de olhares fixados, o réptil partiu de modo pacífico, sem deixar de realizar o contato. Há quem afirme que a cobra é uma forma do espírito que habita o lago.

No meu caso, ocorreu um contato telepático durante o jejum na floresta da Pedra do Sabiá: certa manhã, decidi caminhar sem roupas, como se recomenda fazer durante a “busca da visão”. Caminho pela floresta, enquanto cartografo as grandes árvores que beiram a trilha. Toco em alguns troncos suntuosos e continuo a caminhar em pleno desfrute do conforto uterino de uma imensa floresta selvagem, onde as copas das árvores cobrem quase todos pedaços do céu, que cintila pontos luminosos durante o dia, que variam de cor a depender do horário e clima. Avisto um local que me soa especial: grandes árvores o circundam, ao passo que é um mirante num morro. Desta forma, o local consiste num declive coberto com uma espessa camada de troncos e folhas que oculta a vista por detrás.

Na beira deste despenhadeiro, entre as árvores e raízes expostas, há um local que se organiza como um círculo natural marcado pelos troncos. Sinto-me convidado a desfrutar da arquitetura deste ponto da floresta. Toco nos troncos das árvores e admiro as visões que o lugar

proporciona. De repente, sinto uma voz em minha mente, sem um timbre, tom, ou gênero específico, talvez, assemelhe-se à minha própria voz mental, mas não é ela.

Assim, sou apresentado a um ser invisível e inaudível que se intitula com um nome de sonoridade interessante: a priori, entendi “Arduique”, mas fui corrigido para “Aruaque”. Apesar de eu nunca ter ouvido ou lido este nome antes, recebi uma informação com precisão, pois o equívoco foi corrigido. Questiono-o de onde vem. O misterioso ser me explica que, assim como eu, ele é do céu e da terra. Depois, discorre sobre a maternidade masculina e a androginia. Mesmo diante do interesse em prosseguir o contato telepático, sinto-me cansado e o convido para um encontro mais tarde. Estranhamente, parece-me natural acertar o horário para as onze horas da noite, mesmo diante do fato de que eu não possuo um relógio aqui.

Volto para a barraca um tanto confuso sobre a veracidade desta experiência: o que devo pensar sobre este contato telepático? Trata-se de um delírio ou alucinação, devido ao jejum de alimentos, pessoas e mídias, em que estou nu, numa floresta antiga, em servil obediência a uma rotina de abraçar e amar as árvores, bem como os demais seres aqui presentes? Ou apenas utilizei minha criatividade racional para criar uma narrativa fantástica? Seja o que for, ressoam as palavras de uma sábia bruxa que viveu no lixão: “tudo que é imaginário, tem, existe, é.”³¹

A noite cai, penso sobre o encontro com o misterioso ser telepático. Contudo, ainda me sinto muito cansado e desejo apenas permanecer na barraca. Ademais, começa a chover com intensidade. Em minha compreensão, para “telefonar” para “Aruaque”, é preciso voltar ao local onde ocorreu o contato telepático. Assim, diante do cansaço e da chuva, permito-me faltar ao compromisso das onze da noite.

Em meio à madrugada, a chuva estia, mas continua a respigar. Desperto com uma imensa vontade de urinar. Saio da barraca e sinto as finas gotas gélidas respingarem sobre minha pele descoberta. Enquanto sinto o alívio da excreção, ouço uma doce voz feminina entoar um cântico que vem de dentro das matas. As palavras soam inaudíveis, mas, desta vez, o som vem do mundo exterior ao meu corpo e é em alto volume. Ouço a cantoria de um rápido refrão que cessa num breve instante, como se a cantora se intimidasse ao notar a minha presença. Contudo, a última nota da música soa completa e a voz parece passear entre as árvores, carregada pelos ventos. Talvez, deixo de escutar, pois se distanciou, no lugar de silenciar. Mais uma vez, sinto-me confuso e descrente da veracidade dos fatos que experencio com meu corpo.

...

³¹ ESTAMIRA. Direção Marcos Prado. Produção: José Padilha. Documentário (121 min), digital, son., color. Rio de Janeiro, 2005.

Durante a madrugada, a chuva aumenta. De repente, vejo uma forte luz que ilumina minha barraca. Acordo assustado, ainda sem compreender o que significa a luz. Ouço a voz de um dos bruxos aprendizes, que me informa que sua barraca está inundada e, por este motivo, desistiu do acampamento solo e decidiu voltar para a casa sede da Pedra do Sabiá, onde estão os organizadores do retiro. Tudo ocorre rápido, através da troca de poucas palavras. Ofereço abrigo para esperar a chuva passar e seguir no dia seguinte, porém, a oferta é negada, pois o jovem aprendiz está decidido a retornar ao conforto dos abrigos da sede, além de, com esta decisão, evitar interferir no meu processo da “busca da visão”. De certa forma, o jejum de palavras e pessoas foi interrompido por este diálogo emergencial, mas se trata de uma situação cabível diante dos imprevistos no jogo das probabilidades. Além disso, conversei de dentro da barraca, na qual visualizo apenas o foco de luz, apontado em minha direção.

Como a chuva continua intensa, o bruxo aprendiz que desistiu do acampamento solo adianta o passo para chegar ao conforto da sede. De certa forma, celebro o fim da interrupção do processo.

Consigo cumprir a iniciação até o último dia, mas não espero o resgate, pois, após desmontar a barraca, estou sem refúgio para o bando de mosquitos que, após o cessar da chuva e o raiar do sol na floresta, iniciam o ataque hematófago. Carrego a barraca pesada e minha mochila, enquanto caminho sozinho na trilha, em direção em direção ao lago. Não tomei banho durante os dias do retiro na mata, apenas lavei algumas partes do corpo com a água mineral, mas anseio em mergulhar n’água.

No caminho, cruzo com um amigo querido da jornada que, solenemente, despede-se das árvores e dos seres que o acompanharam em seu processo de jejum. Rapidamente, emito poucas palavras, celebramos a resiliência, tocamos as mãos e sigo para o lago. Quando finalmente chego, corro e pulo despido, para envolver todo meu corpo n’água fresca.

De volta à sede, sinto-me sensível. Todo olhar e cuidado soam intensos. Sou recebido com vários abraços e um abundante banquete vegetariano. O grupo de bruxos aprendizes ainda não retornou da floresta, portanto, antecipei o fim da minha jornada da “busca da visão” em alguns minutos. Entretanto, observo que, além do bruxo que cruzou com minha barraca, outros aprendizes também estão presentes. Cada um desistiu num determinado momento da experiência.

Após comer o desjejum vorazmente, sento-me ao lado do xamã e o conto sobre o contato telepático com “Aruaque”. Atento aos detalhes, o xamã observa curioso o relato. Logo, revela que o nome introduzido se refere a povos indígenas, dispersos pela América, que possuem uma

mesma família linguística. Por este motivo, considera a possibilidade dos contatos terem sido realizados por espíritos.

...

Sentados em círculo, os aprendizes do xamã compartilham as experiências durante o retiro solo na floresta. Enquanto alguns participantes deste ritual de iniciação seguiram firmes até o momento do resgate, alguns retornaram no segundo dia, outros no terceiro, contudo, uma única aprendiz desistiu de realizar a experiência antes da primeira noite. Ao compartilhar sua história pessoal com a “busca da visão”, esta jovem bruxa que desistiu no primeiro relata que, ao se ver só na floresta, pôs-se a chorar e, em poucas horas, decidiu retornar, mas sofreu por não alcançar o objetivo proposto. Contudo, em seu retorno, o acolhimento do xamã lhe trouxe a importante lição de nunca mais sentir culpa por não conseguir fazer algo.

Já o bruxo que cruzou comigo durante a noite de chuva, relata que, no meio do caminho, a lanterna queimou. Assim, permaneceu na escuridão da floresta, sozinho, embaixo de chuva, até o dia amanhecer. Diante dos desafios que se seguiram até reencontrar o conforto, disse ter se arrependido de negar o meu convite para se abrigar. Como meio de despistar o medo, narra que cantou diversas orações que sequer sabia que lembrava, ou até mesmo, que conhecia. Apesar dos pesares, a dimensão do momento que vivenciou na floresta transformou a jornada deste aprendiz, que expressa, através dos seus olhos lacrimejantes, a comoção causada pela experiência.

Assim, cada iniciado relata seus encontros com animais selvagens e os medos carregados para o retiro solo. Um dos aprendizes mais apavorados com a presença de cobras, encontrou duas durante sua vivência. Na manhã que antecedeu o acampamento solo na floresta, o bruxo cruzou com a maior e mais venenosa cobra da região, conhecida como pico de jaca. Além disso, durante a solitude das matas, uma longa cobra preta se levantou e o encarou nos olhos, por longos e tensos minutos, antes de seguir o rumo.

Uma experiente bruxa anciã, entretanto, relata que percebeu que os animais não lhe causam medo, mas que este sentimento foi despertado quando viu o primeiro humano se aproximar do seu acampamento. Por sorte, era o seu marido, que respeitou o momento de retorno.

Muitos são os relatos e efeitos expressos. É notável como cada aprendiz vivenciou a experiência precisa para se reconectar com a natureza interior e exterior. Os compartilhamentos das experiências soam como espelhos. A maior parte dos bruxos aprendizes se sentem tocados

e emocionados com a experiência. Assim, os olhos dos aprendizes brilham com as lágrimas que brotam a cada palavra entoada. Mesmo quando o choro cessa, o brilho nos olhos permanece como um dos efeitos da “busca da visão”. Certamente, os aprendizados destes dias suavizarão muitas ações que eu costumava considerar problemas, como a abstenção de desejos e prazeres materiais.

...

Após o retiro na Pedra do Sabiá, visitamos a bruxa espanhola que viveu conosco nos refúgios em Barra do Serinhaém e na ilha. Ela, agora, vive numa bela e grande casa à beira do mar. É um refúgio provisório, propriedade de um casal de europeus que decidiram abandonar os centros colonizatórios, mas, com o passar dos anos, arrependem-se e retornam para suas celas, deixando para trás uma bela mansão. Por ter construído uma casa com as próprias mãos recentemente, observo os detalhes construtivos desta nobre arquitetura.

Ao lado da familiar bruxa espanhola, está uma sorridente visitante, oriunda das mesmas terras europeias que maternam a ex-comparsa do bando. Como a visitante sente dificuldade de se comunicar em português, consensuamos falar em espanhol para que todos se compreendam. Rapidamente, ativo minhas memórias da língua espanhola e me comunico com perfeita fluidez. Uma performance notável, pois esta condição neurológica soou um tanto assustadora devido à velocidade para lembrar palavras que pouco utilizo há quase uma década, além de ser capaz de adaptar meu sotaque ao do país em que nasceram. Associo o bom funcionamento cerebral com a recente experiência do retiro, que agora ressoa através da sensação de estar, de fato, pleno, inabalável, sensível, alegre e em paz, sem a ingestão de drogas, mas ao contrário, por meio da renúncia dos psicoativos fundamentais para a vida moderna: comida e palavras. O mundo me parece muito distinto do que era antes da experiência de imersão na floresta em jejum. Sinto-me diferente, como se tivesse deixado uma carcaça na mata da Pedra do Sabiá e rebrotado com uma nova carapaça fresca, recém exposta ao mundo, ainda intacta, reluzente e sensibilizada. Com o corpo nascente, adquiero uma nova visão de mundo, conformada às configurações dos novos sistemas de percepção programados.

A campainha toca: é a vizinha, uma poderosa bruxa preta, bela, elegante e perfumada; uma filha de Iemanjá que carrega, em si, o poder da justiça. Ela se junta a nós, animada com o encontro e a conversa festiva. Durante a nossa apresentação, a bruxa espanhola revela a recente experiência que vivenciamos na Pedra do Sabiá. A bruxa preta, então, demonstra profundo

interesse em saber mais sobre a magia do retiro, pois afirma ver o brilho em meus olhos, como efeito da experiência.

A noite passa agradável, repleta de conversas em espanhol e gargalhadas. Ao final do encontro, a bruxa preta nos convida para, no dia seguinte, almoçar e dormir uma noite em sua casa, pois assim, podemos conhecer melhor seu trabalho. Aceitamos a proposta e combinamos de cozinhar um almoço coletivo amanhã.

...

No dia seguinte, conhecemos o belo espaço na beira do mar, onde habita a bruxa preta. A casa é grandiosa e bela, mas conserva o aspecto rústico da magia da floresta, tanto na arquitetura, como nas cores e objetos decorativos. Nas paredes, predomina o tom vermelho terroso, ao lado dos móveis de madeira e outros detalhes coloridos espalhados pelo ambiente. Das floridas varadas, ouvimos o som da quebrada das ondas do mar, enquanto avistamos a faixa de areia e coqueiro que nos separa das águas. O sol e a lua nascem a frente. Aqui, é um nobre canto de uma filha de Iemanjá.

Aproveitamos o dia ao máximo. À noite, ao dormir, sonho que viajo ao outro lado da lua, onde está localizada uma cidade com arquitetura grandiosa e moderna, muito tecnológica, feita com um material estranho que aparenta ser uma pedra preta, polida e brilhante. Observo ao redor, mas não vejo seres passantes. O local é silencioso e solitário, mas é evidente que há a presença de vida inteligente contemporânea. Logo, sou sugado do local e navego num túnel luminoso e colorido, como em “2001: uma odisseia no espaço”³². Aterrisso num planeta remoto, onde adentro o solo até chegar a um complexo de calorosas cavernas intraterrenas, compostas por pedras escuras, amarronzadas, iluminadas pela chama das tochas.

Entre os buracos das pedras, avisto um grande ninho, como o dos pássaros, mas dentro, encontro dois irmãos gêmeos recém-nascidos. Apesar de serem humanoides similares aos humanos do planeta Terra, seus olhos possuem o formato das cápsulas farmacêuticas e a cor preta, aparentemente homogênea: quando mergulho dentro do olho de um dos gêmeos, o preto, revela ser a densa escuridão de um universo povoado por astros cintilantes. Ao retornar ao ninho, após o mergulho ocular, um dos gêmeos afirma por meio da telepatia: “na escuridão, a cor não se forma”. Subitamente, volto a me locomover no espaço-tempo, em direção à superfície. É interessante notar que consigo perceber os movimentos dos trajetos cartográficos

³² 2001: uma odisseia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, Stanley Kubrick Productions, 1968. Filme película (164 min), son., color.

da viagem no espaço-tempo, pois, assim como sinto subir agora, senti a descida ao interior do solo deste planeta desconhecido. Após um curto trajeto de ascensão, desperto assustado com a vivacidade deste sonho fantástico, repleto de formas estéticas surreais e significados extraordinários. Logo, volto a dormir, mas a navegação onírica me leva a outros pontos no mar das ilusões reais.

...

É comum ouvirmos o som de fortes bombas que estremecem o solo da ilha. Lançadas nos canais d'água do estuário, os explosivos, utilizados por alguns vizinhos para pescar, é um covarde método de caça: estamos numa região que opera como refúgio natural para o acasalamento, desova, ou parto, no caso dos mamíferos aquáticos, como os golfinhos. Ou seja, além da função reprodutiva, o manguezal serve como berçário para variadas espécies de animais marinhos que utilizam os emaranhados de raízes aéreas das árvores de mangue como local de proteção, para que os filhotes se desenvolvam até que sejam capazes de viajar para os oceanos. A cada bombardeio, vislumbro as frágeis vidas dos filhotes que falecem devido à explosão; ademais, visualizo o intenso transtorno que tais ondas sonoras causam no mundo subaquático das sábias sereias que habitam os fundos dos canais estuarinos.

Muitos destes pescadores-bomba já perderam partes de seus corpos quando os explosivos estouraram antes do momento previsto. Contudo, servem-se dos cotos para seguir a lançar as bombas, independente das súplicas para cessar fogo.

...

De volta à ilha, sigo a cultivar o sentimento de obrigação sobre o cumprimento das demandas da obra, pois desejo exibir eficiência para agradar meu companheiro, quando voltar para cá. Assim, em muitos dias de solidão, reboco, pinto e escavo o barro sozinho. Numa certa manhã, a solidude é interrompida por uma bela bruxa que visita a ilha. Animada, dispõe-se a ajudar a rebocar as paredes do banheiro. O trabalho, antes silencioso e solitário, agora está repleto de conversas e cantorias vozeadas pela bruxa, enquanto esculpe flores nas paredes com os toletes da mistura de barro, fibra seca e esterco de cavalo.

...

Meu companheiro amoroso retorna, acompanhado por um bando de amigos, dispostos a ajudar a realizar as etapas finais da obra. Como meu companheiro saiu da ilha para aprender a bioconstruir, é enorme a sua sede de obrar ao voltar para casa. Com o mutirão de pessoas, em poucos dias, os avanços são impressionantes, mas sempre há algo que falta fazer. Concluir a obra, manter a casa limpa, coletar e preparar os alimentos, numa ilha quase deserta, aparenta ser um caso sem fim. Aos poucos, caminhamos para executar as densas demandas do mundo material, porém, por trás dos trabalhos pesados, ocorrem processos sutis de reprogramação descolonizatória: são passos em direção a autonomia.

...

Desta vez, decido acompanhar meu parceiro amoroso e o bando de ajudantes para buscar uma gata castrada, num local próximo ao circo escola, onde meu companheiro bioconstrói uma linda casa ecológica para apoiar as ações do grupo circense. Passo alguns dias em pleno desfrute, nas belas praias e lagoas que rodeiam o trabalho do meu companheiro. Todos os dias, comemos a mais deliciosa comida feita nos caldeirões de uma bruxa nativa que recebe vários visitantes em varandas suspensas entre as árvores da Mata Atlântica, para comer as iguarias preparadas com os frutos da região, em especial, o cacau. A vida aqui está boa e seduz a ficar, mas logo decido retornar à ilha. Gosto de estar lá! Além disso, preciso buscar a gata.

Minha irmã me encontra e seguimos para o local de adoção. Somos muito bem recebidos por uma matilha de felinos e a doce bruxa cuidadora. Ao caminhar pelo jardim da casa da bruxa, é notável que existem diferentes tratamentos afetivos para os gatos. Muitos são seus próprios gatos de estimação, mas outros ficam num gatil para adoção.

A bruxa cuidadora desabafa sobre a quantidade de animais que chega em seu abrigo, mas trata como missão de vida resgatar e os destinar a uma adoção responsável. No caminho, passamos por grandes árvores e flores que enfeitam o jardim. De repente, chegamos num imenso gatil telado e entramos. A bruxa cuidadora dos gatos aponta para um indivíduo idoso, sem um dos olhos e com a pelugem estranha, um tanto espetada e esburaca. Havia um ar de exaustão neste gato, que quase não se move. Ao lado, uma bela gata preta, com a barriga grande e redonda, avança na ração e come desesperadamente. A bruxa assobia e afirma ser esta a que se destina a mim. Ela a carrega no colo e percebo os grandes olhos verdes arredondados da felina que demonstra comportamento dócil. Pergunta-me se tenho uma caixa para a levar. Digo que não. Hoje é um dia que nada está aberto, nenhuma alma anda pelas ruas, sem chances de conseguir uma caixa. Os gatos costumam ficar agressivos quando entram em transportes. O

gato mais dócil pode se transformar numa besta fera nestas situações. A bruxa nos ensina que se taparmos a visão do gato, ele não reage de forma violenta. Então, ela enrola a gata num pano, a fim de cobrir seu rosto.

Seguimos a viagem nestas condições. A gata está realmente tranquila com a viagem, sem esboçar qualquer estranhamento com a situação. Num dado momento, a gata se agita em meu colo e percebo algo quente: confirmo a desconfiança de que havia mijado e defecado em cima de mim. Paramos a nau com meu berro de asco; limpo a sujeira e voltamos a viajar, agora, sem o pano oferecido pela bruxa, pois nele está a maior parte dos excrementos.

A gata continua tranquila, como um cachorro que segue seu dono. Com sede, respira com a língua para fora, mas temo a hidratar e receber outro jato de urina. Logo, chegamos à vila urbana mais próxima da ilha, consigo água para ambos e uma caixa de papelão para colocar a gata. Esperamos por um par de horas até a nau chegar. Embarcados, a gata continua com o comportamento de um dócil canino, sem necessidade de contenção. Navegamos em alta velocidade e aportamos, enfim, na ilha quase deserta. Na caixa, a gata preta é a magia da natureza que me protegerá da invasão dos roedores.

...

Meus pais visitam a ilha para ajudar a instalar uma placa solar em nossa oca e participar de um curso de sistemas de cultivo agroflorestais, ministrado pelo NUPEBEM (Núcleo de Permacultura do Bem): um bando composto por comparsas dissidentes que habitam as montanhas do Sudoeste baiano. Durante o curso, três grandes dendezeiros foram derrubados e seus troncos fatiados, para cobrir os caminhos entre as leiras do plantio. Misturamos com golpes de enxadas, esterco de galinha e pó de calcário, para aerar e equilibrar o solo. Depois, plantamos as sementes e cobrimos a superfície com maravalha. Em poucos dias, os primeiros brotos aparecem, logo vêm as flores e frutos.

...

Apesar dos conflitos, tudo parece ir bem. O processo avançou em alta velocidade desde que chegamos: plantamos, construímos, conhecemos uma espécie de natureza selvagem. Muitos visitantes, agora, chegam para desfrutar dos dias na ilha, em caminhadas na floresta, banhos nos rios estuarinos ou noites de música ao redor da fogueira. Diante do desenvolvimento

das ações na ilha, alguns comparsas que revoaram do antigo abrigo de dissidentes passam a visitar a ilha com maior frequência, devido ao interesse em voltar a habitar o refúgio do bando.

...

As comparsas moradoras da ilha iniciam a construção de um quiosque, junto com dois risonhos irmãos de uma comunidade quilombola chamada Jatimani. Vizinhos da ilha, os quilombolas chegam por meio de um canal de navegação do estuário que conecta nossos territórios naturalmente. Sorridentes, iniciam a construção de modo veloz e habilidoso. Esta é uma técnica de construção ancestral em sua comunidade, onde a arquitetura dos imensos quiosques de madeira, cobertos com “pentes” de piaçava, são de notável beleza.

Antes do sol se pôr, o trabalho está finalizado. Agora, temos um quiosque instalado no local onde ficava uma das antigas casas dos antigos habitantes da ilha: uma construção de madeira e barro que, em parte, desmoronou e compôs belas ruínas em meio à paisagem selvagem. Contudo, decidimos revitalizar o local para que todos os dissidentes possam desfrutar do mirante mais privilegiado da ilha.

...

Hoje é o aniversário de uma das comparsas. Ela e sua companheiro partiram para celebrar a data com a pessoa que lhe trouxe à vida: sua mãe. Na ilha, há muito tempo, não nos defrontamos com uma população tão reduzida. Somos quatro: eu, meu companheiro amoroso, minha irmã e sua esposa. O dia passa tranquilo e silencioso. Seguimos com as atividades cotidianas na ilha: eu e meu companheiro trabalhamos nos jardins da oca em cima da montanha, enquanto minha irmã, a companheira e os cachorros, estão na casa sede em seu próprio fluxo.

À noite, decidimos descer para encontrar as meninas e utilizar a eletricidade e internet disponível na casa sede da ilha. É um momento que aproveito para trabalhar em meus escritos, enquanto meu companheiro assiste ficções no celular. Consigo trabalhar bem, estou a ponto de finalizar uma parte relevante do texto.

De repente, os três cachorros latem em coro, cada qual, a seu tom, como de costume. A depender do objeto identificado, os cães expressam latidos distintos. Desta vez, soam diferente de todas as outras vezes, sentem medo, mas afrontam algo. Com o passar dos segundos, o coro é intensificado, assim como a fúria contida nos latidos. Algo estranho acontece. Eu e minha cunhada saímos para ver o que ocorre e na porta nos defrontamos com a invasão de piratas que

correm em nossa direção, encapuzados e armados, no meio do breu noturno, rompido pelas luzes incandescentes da casa. Assim, somos fáceis alvos do panóptico: na escuridão, as luzes que emitimos desvela o ponto em que habitamos na cartografia do presídio. Fomos descobertos!

Um dos piratas encurrela minha cunhada com uma arma apontada em sua direção e a leva para o quarto, onde está minha irmã. Eu entro no outro quarto, onde estou com meu companheiro. Fecho a porta com força, mas esta porta não tranca. Olho nos olhos do meu companheiro. Ele está com medo, mas tem a serenidade de perceber que é pior resistir. Afasto-me e um dos piratas abre a porta com uma voadora. A porta se abre de forma cênica, assim como sua performance, digna de um filme. O jovem pirata aponta a arma para nós. Eu digo para ele ter calma, pois vamos colaborar. Ele ordena que a gente tire a roupa. Obedecemos e ficamos apenas de cueca. Outros piratas chegam no quarto, devem ser uns oito no total. Os muruins picam e meu corpo coça, enquanto estou ajoelhado, numa pose semelhante a quem está amarrado, pois, quis exibir a falta de necessidade de me conter fisicamente. A coceira, contudo, faz com que eu mova minha mão para arranhar minha barriga. Imediatamente, o pirata que nos vigia aponta a arma e questiona o que faço com as mãos. Respondo que apenas me cocei e ele relaxa. É notável que, sobretudo, os piratas temem uma inesperada reação violenta de suas vítimas, pois sabem que suas vidas tem pouco valor no presídio.

Meu cachorro, que é o maior entre os três, continua a latir para os piratas, mas não avança. Esta situação os intimida, mas não impede que cumpram sua missão. Para resolver a questão, o chefe da gangue de piratas pede para que minha irmã acalme o cão. Além disso, solicita que o acompanhe na busca por artefatos preciosos pela casa.

Na cozinha, ele toca no seio de minha irmã, mas, prontamente, ela retira a mão do pirata e vocifera a negação da ação. O pirata pede desculpas e segue com o assalto, sem perceber que já cometeu o ato de abuso sexual. No quarto, onde estou com meu companheiro, os piratas questionam nossa sexualidade, pois desconfiam da homoafetividade. Assim, provocam-nos com perguntas íntimas e gestos obscenos. Sem que a gente responda, eles debatem entre si e chegam à conclusão de que somos casais heterossexuais, já que há dois homens cis e duas mulheres cis na ilha. Aos prantos, minha cunhada é trazida para o quarto. Meu companheiro também começa a chorar. A única coisa que consigo fazer é emitir o feitiço mais poderoso que conheço para a situação e as condições de rendição em que me encontro: a chama violeta. Emiti como toda a força e conexão em entidades extracorporais que consegui alcançar. Orei para que a situação fosse logo finalizada e de uma forma sem maiores violências. De certo modo, depusitei plena fé de que os piratas aqui estavam apenas para assaltar, com o propósito único de furtar riquezas da vida moderna no presídio: em especial, dinheiro, eletrônicos, roupas e

drogas. Repetidas vezes, perguntam onde está o cofre, pois se negam a crer na inexistência de um local onde guardamos nossas fortunas. Falar a verdade sobre tal fato, é algo tranquilo, contudo, o maior temor que carrego durante o assalto é o de mentir para os piratas, pois nada contei sobre a oca, onde estão os meus pertences. Aparentemente, sequer os assaltantes suspeitam da existência de outra casa na ilha. Caso eu os conte depois de já terem perguntado onde estão as riquezas, a reação deles pode ser violenta. Caso descubram, sem que eu os conte, pode ser ainda pior. Os piratas questionam onde estão nossas carteiras e dinheiro. De fato, estão lá em cima. Como sair dessa cilada sem revelar a verdade? Respondo que deixamos na vila urbana mais próxima, pois não precisamos de dinheiro e documentos na ilha, já que viemos para plantar e viver com o que a natureza oferece.

O pirata que perguntou responde: “Ah! Vocês são de boa então”. A resposta serviu, outro pirata que recém chegou no quarto faz a mesma pergunta sobre o dinheiro. O pirata que primeiro perguntou, logo, informa o motivo de nossas carteiras não estarem na cena do crime. Para os piratas, é evidente que utilizamos dinheiro para trazer alimentos, mas é igualmente razoável que aqui, numa ilha quase deserta, não exista a necessidade de usar documentos e dinheiro. Saem satisfeitos com a resposta, mas segue o temor da descoberta de outro local na ilha, repleto de riquezas.

Minha irmã entra no quarto com a aparência de empoderada: passou estes longos minutos em diálogos com o chefe da gangue de piratas e conseguiu conquistar o respeito pelo projeto que implantamos na ilha. Como viemos de uma parte do presídio bastante insegura, é comum vivenciar assaltos. Assim, minha irmã criou uma carcaça de proteção emocional para tais situações extremas, que surpreende o chefe dos piratas que a elegeu para ser a guia dos recursos a serem assaltados. Enquanto mostra a casa, sem, contudo, revelar todas as riquezas escondidas, conversam sobre o nosso propósito de construir uma comunidade para dissidentes refugiados. O pirata se compadece sobre a nossa missão e admira o trabalho de educação que buscamos fazer. Então, minha irmã o questiona sobre como seguir depois deste episódio.

Ao nos conhecer um pouco melhor, o chefe dos piratas ordena que um dos assaltantes subalternos interrompa a ação de vasculhar um dos quartos, pois afirma já ter feito. De certa forma, é um modo de se redimir e nos preservar um pouco do caos que os piratas deixam ao revistarem o que há de valor no local. Com esta mudança de comportamento, os piratas não encontraram alguns objetos, mas muitos são levados. É também sorte que o chefe da gangue seja um pouco sensato e empático, pois um dos piratas deseja atear fogo na casa ao sair do local, a fim de não deixar rastros. Caso não houvesse a hierarquia, talvez este fosse o fim.

Eis que o chefe dos piratas chega no quarto e diz que é para ficarmos tranquilos, pois não voltarão a assaltar a ilha. Além disso, o procedimento seria nos amarrar, mas como estamos isolados numa ilha, vão nos deixar soltos. Contudo, levam o aparelho de conexão com a internet para nos deixar incomunicáveis. Por fim, solicita que a gente permaneça sem avisar a ninguém sobre o ocorrido antes do amanhecer, quando já estarão em águas remotas.

Finalmente, os piratas partem. A casa está um caos, toda suja e bagunçada. Um dos cachorros desapareceu, mas retorna amedrontado depois de meia hora. Os piratas deixam uma televisão no mangue, bem colocada, de forma a preservar o objeto. Provavelmente, desistiram de levar o aparelho devido ao tamanho, pois vieram em grande número, numa pequena nau.

...

O assalto acabou. Estamos bem. Tenho vontade de seguir a vida como se nada tivesse ocorrido. Desejo voltar a viver os dias, sem contar com o que hoje ocorreu. Contudo, minha irmã e minha cunhada descartam qualquer hipótese de permanecer na ilha após o amanhecer. Mesmo com a desistência das demais comparsas, eu e meu companheiro cogitamos continuar na ilha.

Seguimos a noite, de certa forma, alegres por sobreviver sem maiores danos. Conversamos por muitas horas ao longo da noite, mas dormimos um pouco antes do sol nascer. Com o amanhecer, buscamos ajuda de algum navegante do rio. No lado da ilha em que habitamos, nenhuma embarcação transita por aqui. Decidimos ir ao porto do outro lado da ilha, na parte dos vizinhos, mas ainda assim, nenhum pescador parece ter saído para trabalhar hoje. Após alguns minutos de exploração da paisagem, avistamos um barco. Minha cunhada rema com o caiaque, mas o pescador se afasta com medo da nossa aproximação. Logo depois, um grande barco, cheio de pessoas, aparece e se aproxima para nos socorrer. Conseguimos nos comunicar com familiares e as comparsas que viajaram por causa do aniversário, além de solicitar um barco para nos transportar da ilha para o continente.

Em tom de luto, dormimos num hotel da vila urbana mais próxima da ilha. Na manhã seguinte, o bando de comparsas está presente para pegar os objetos que lhes restam na ilha. Eu e meu companheiro seguimos com o desejo de retornar à vida na ilha, como se nada houvesse ocorrido. Ao aportar, enquanto as comparsas esvaziam a casa sede, eu e meu companheiro coletamos poucos objetos, apenas o suficiente para passar um breve período, refugiados em outro local.

Os integrantes do bando se separam em núcleos familiares. Enquanto as comparsas retornam às celas no centro do presídio, parto com meu companheiro amoroso e nosso fiel cachorro para um abrigo familiar temporário, em meio ao sertão baiano. Já a nossa gata foi enviada para a casa de meus pais.

...

Após o assalto, não há um Estado para recorrer. Afinal, elegemos habitar este entre-lugar por estar nas margens da zona de atuação do império. Não contávamos, entretanto, com a vilania de outros personagens, distintos do imperador e seus soldados. De certa forma, suas existências estão profundamente interligadas: os piratas são frutos do império que os patrocina, pois é através destes vilões errantes que o império atinge novos domínios. Assim, a ação dos piratas, de fato, é a chegada do imperador ao nosso refúgio. Os assaltantes são corpos colonizados pelo capitalismo, que sentem a falta de acesso e a avidez de obter as drogas lícitas e ilícitas, lançadas no mercado pelo império. Abstinente, os piratas, com suas naus errantes, saqueiam os povoados remotos para saciar a sede de poder. Desta forma, a Europa chegou às outras partes do mundo séculos atrás. Agora, lidamos com novas formas de invasões, nas quais os próprios entes das comunidades são seduzidos a operar em prol do império, como saqueadores armados que plantam o terror da violência bélica para obter, em especial, dinheiro, drogas, mídias, mas, sobretudo, poder. A morte, o estupro e outros ferimentos resultantes destes enfrentamentos, são potenciais acontecimentos, pois, no passado, eram práticas legalizadas pelas cortes imperiais. Na história do presídio, é impossível esquecer as chacinas, escravizações e diversas outras brutalidades realizadas pela humanidade. Nossa experiência com o assalto introjetou memórias com uma leve dose de barbaridade, se comparadas ao que nossos ancestrais viveram nestas terras, ou às vivências contemporâneas de diversos prisioneiros ao redor do presídio, que experenciam invasões e violências impronunciáveis. Contudo, os piratas, e com eles, o império, não roubaram apenas alguns objetos em nossa casa, pois junto com a matéria, levaram a paz que aqui sentíamos e os sonhos que aqui projetamos. A vida de um prisioneiro que se sente desapegado da materialidade, presenteou-lhe com o furto dos seus bens materiais mais preciosos. Da ilha, apenas levo uma trouxa de roupas, embrulhada numa rede de dormir, alguns escritos e meus óculos de grau.

A realidade do presídio supera as previsões da imaginação criativa. É insensato crer que se detém o controle do futuro, pois a impermanência do espaço-tempo gera efeitos

imprevisíveis. Porém, em muitos casos, o devir é premeditável. A questão é distinguir as falsas profecias das verdadeiras.

...

O que aparenta ser o fim é apenas mais um ponto de virada. Outra vez, é hora de ter coragem e seguir em direção aos medos. Medo é um sentimento que enfrento há alguns anos. A experiência da ilha foi um meio de encarar diversas crenças limitantes, implantadas como naturais em meu corpo colonizado que apavora ao idealizar o enfrentamento com os dragões internos. Por receio dos horrores que possa vir a encontrar ao cruzar os abrigos internos dos dragões, o medo estagna o observador a dar o passo seguinte. Contudo, tais gigantes répteis cuspidores de fogo se revelam monstros menores e adestráveis: se por um lado, são capazes de bradar o furor das feras destruidoras, por outro, quando observados e tratados, os dragões se tornam aliados na busca errante do navegador.

O assalto desperta um bando de dragões adormecidos em meu interior. Medos se apoderam do meu corpo e pensamentos, mas sei que é preciso encarar as feras que acordaram com o trauma causado pelo encontro fortuito com os piratas. Os resultados deste recente despertar dos dragões são inesperados e podem ser devastadores, mas os enfrentar oferece a possibilidade de visualizar as belas paisagens do imprevisível. Se permaneço na zona de conforto para me proteger das feras que flamejam em meu interior, busco a repetição previsível, que me ata num ciclo sem novidades. O tempo passa e este é o único desejo que fica: a passagem do tempo.

Liberdade é não ter medo.

Nina Simone *apud* Liz Garbus (2015, tradução nossa)

1.9 MORRO DA ÁGUIA

Dia 1

25/10/2018 – 19h 20min.

Acordei tarde em meu novo lar na cidade de Ibicoara, localizada nas montanhas da Chapada Diamantina, na Bahia. Contudo, despertei disposto a limpar a casa e cuidar dos animais e do jardim. Tomei um litro de suco de mamão e bananas. Almocei arroz, andu germinado e salada de quiabo com tomate cereja, temperada com limão. Comida vegana, sem raízes, parte cozida, parte crua. Tomo café e fumo cigarros de maconha. Sinto-me bem! Reúno forças para lavar as roupas que estão de molho na bacia. Antes de dormir, pretendo terminar alguns afazeres domésticos, mas, por hora, vou relaxar antes de entrar em ação.

Qual o motivo de eu iniciar um jejum de 21 dias sem sexo? Li no livro *Dhanwantari*³³ sobre essa possibilidade de abstinência. Já havia me interessado pelo jejum de alimentos sólidos e líquidos, mas esta literatura trouxe a possibilidade de refletir sobre a associação entre sexo e percepção, a partir da abstenção da excreção deste fluxo de prazer. O livro também afirma sobre o jejum de sono, mas recomenda poucos dias. No momento, estou interessado, exclusivamente, em alcançar três semanas sem ejacular. Parece ser algo simples, basta não fazer. De fato, é, mas o ego burla quando há vício químico e psicológico. Há dois meses, experimento a curiosa sensação de prazer que resulta da retenção da ejaculação por longos períodos, contudo, ainda não alcancei os 21 dias.

É evidente que o sexo não se restringe à ejaculação. Desta forma, o jejum de sexo abarca os diversos âmbitos da sexualidade. Contudo, a formulação de cada renúncia é pessoal: assim como é possível jejuar sem alimentos sólidos ou líquidos, há também os métodos que inserem sucos, vinhos e cigarros, mas não deixam de ser espécies de jejuns de comidas. Em relação ao sexo, é possível observar na mesma medida: podemos renunciar a todas as referências e práticas sexuais, ou estabelecer critérios particulares, como a retenção ejaculatória de um corpo inserido num mundo afetivo e sensual, ou mesmo a interrupção de relações sexuais com outros corpos, mas com a masturbação inserida no protocolo do jejum. Além da maleabilidade do processo, o fracasso é parte do jogo de probabilidades. Este fator pode desanimar a firme determinação de quem renuncia, no entanto, o fracasso oferece a possibilidade de reiniciar a experiência a partir do aprendizado obtido até então.

³³ JOHARI, Harish. *Dhanwantari: A Complete Guide to the Ayurvedic Life*. Simon and Schuster, 1998.

Ao passo em que vislumbro períodos de total ausência de referências e práticas sexuais, nos quais restam apenas as memórias e as produções imaginárias sensuais, para mim, neste momento, é importante observar meu fluxo de desejos da forma mais livre possível, porém sem deixar de perseguir o objetivo de renunciar ao gozo da ejaculação genital. Tais situações de absoluta renúncia sexual são parte de retiros como o *vipassana* e a *busca da visão*, entretanto, as iniciações de ambos ocorrem em menos de 21 dias, mas os iniciados podem repetir a metodologia por períodos superiores às três semanas.

Desde criança, acesso conteúdos pornográficos. Na infância, a infração da norma proibitiva sobre o sexo, ocorria durante o expediente de trabalho dos pais: as crianças que encontravam as coleções escondidas de filmes em fita cassete, reuniam-se com os amigos para assistir as performances heteronormativas de corpos automatizados. Apesar de ver os filmes, ainda não conhecia a masturbação. Anos após o primeiro contato com a pornografia, um amigo me informou o método para chegar a um orgasmo, nesta época, seco, pois não havia produção de esperma.

Lembro que, na infância, apenas assistia a pornografia como um conteúdo proibido estimulante. Entretanto, já haviam fluxos de desejos sexuais antes de conhecer os filmes pornô: a indústria midiática é repleta de apelos sexuais. Os desejos desviantes nascem desde quando nem lembramos o que acontecia. Aos poucos, esta educação sexual arquitetou uma estrutura de desejos, baseada na heterossexualidade compulsória, na qual os corpos opressores são a referência do belo. Diante do conjunto de referências midiáticas oferecidas pelo mercado, a intoxicação simbólica tornou o meu corpo viciado em determinados padrões sexuais. Assim, o sexo e a masturbação passam a ser hábitos enaltecidos socialmente, uma vez que a medicina ocidental os atesta como práticas saudáveis.

Pensei assim por muitos anos, mas, em múltiplos aspectos, é notável a interferência da masturbação na vida, sobretudo, quando está relacionada à pornografia. Neste sentido, o primeiro passo para o jejum de sexo foi me abster do consumo de filmes pornô. Depois, reduzi a frequência da masturbação. Desta forma, há dois meses, pratico o celibato, contudo, os pensamentos e desejos ancoram com tamanha força, que, apesar das conquistas, ainda não consegui realizar 21 dias de abstinência. Elegi adotar a meta de 21 dias, pois este é o período determinado em diversas literaturas, para a formulação alquímica de receitas de reprogramação e cura.

Mesmo sem cumprir o jejum de três semanas ininterruptas, sinto os efeitos da abstinência sexual. Quando retemos a energia ejaculada por meio do orgasmo genital, esta força vital que, potencialmente, gera vida, pode ser canalizada para todo o corpo, sobretudo, a cabeça.

A disposição mecânica e criativa aumenta, reduz-se a vontade de comer e traz leveza e felicidade.

Um dos principais motivos da minha escolha pela prática do celibato é a busca pela autonomia, é a vontade de me bastar e parar de depositar no outro as minhas expectativas românticas de felicidade. Enquanto alimento pensamentos fantasiosos, inspirados nos programas midiáticos de amor romântico heteronormativo, que assisto desde meu nascimento, embalado no colo de familiares. As reações e impulsos sexuais do meu corpo foram programados por esta arquitetura de desejos, que naturaliza a construção de corpos automatizados, viciados em determinado espectro de programações sexuais opressoras.

A reprogramação sexual passa pela subversão da norma, pelo rompimento dos limites impostos, por invenções de novas possibilidades de práticas que escapam dos conceitos restritos do programa cultural hegemônico. Neste contexto, a abstinência sexual compreende uma importante tecnologia de reprogramação sexual do corpo. A ideia é limpar os pensamentos sexuais construídos e implantados em minha memória celular performativa.

Olhar belos corpos sem desejar o sexo, é uma mudança de comportamento social que gera respeito. Desprogramar esta reação sexual autômata viciada requer uma mudança de pensamento, uma reprogramação da realidade percebida. Tal alquimia pode ser alcançada por diversos meios, o jejum de sexo é apenas um dos caminhos. Pode durar dias, semanas, meses ou a vida inteira. Não se trata de uma prática compulsória, mas uma escolha individual de autoconhecimento. A obrigação gera a culpa de não conseguir ser ou fazer. Quando nós estabelecemos as metas a cumprir, podemos permitir fracassos diante dos riscos e seguir com o experimento sem culpa, mas com maior motivação para continuar na busca.

É possível observar o fluxo de desejos do corpo com atenção em momentos de jejum. Percebo que o ápice do meu fluxo de desejo sexual é quando acordo. Se retenho o desejo matinal, passa a vontade e consigo usufruir da retenção desta energia vital em meu corpo. Além da disposição, a relação com o mundo muda quando não se pensa em fazer sexo com outros corpos. A vaidade, a expectativa e vários processos do ego entram em colapso, pois o olhar se volta para o espelho interno.

Quando se atinge a idade permitida para ver e praticar sexo, parece ser a libertação do fluxo de desejo, mas encontramos o vício químico em resposta. Socialmente aceito, o sexo é estabelecido como uma droga cotidiana indicada pela medicina ocidental. A abstinência sexual, por vezes, é associada a doenças e mal humor, em especial, nos ditos populares machistas: “você é mal comida”, “isso é falta de rola”, “tá maluco? Que viadagem é essa?”. Enquanto, para as mulheres cis, a renúncia ao sexo é lida como o motivo de todas as violências expressas por

seus corpos, para os homens cis, tal abstenção é vista como ausência de masculinidade viril. Em ambos os casos, porém, livra-se dos julgamentos quem renuncia ao sexo através dos caminhos religiosos, pois estes obedecem ao voto de castidade.

Entretanto, é interessante notar, após experimentos de jejum de sexo, que a ejaculação oferece breve sensação de bem-estar físico, porém resulta em sonolência, devido a liberação de energia que o orgasmo realiza. Ontem experimentei esta sensação após longo período de abstinência. Senti efeitos químicos similares aos ansiolíticos vendidos em massa nas drogarias. Hoje, resolvi iniciar os 21 dias de celibato, pois apesar de experimentar a abstinência sexual há dois meses, não alcancei três semanas ininterruptas.

Aqui podemos estabelecer uma diferença entre a proibição e a renúncia voluntária, sobretudo, em relação ao sexo e à masturbação, pois o celibato é uma prática recorrente em diversas culturas entendidas como opressoras. De fato, a proibição física e psicológica advinda de instituições de poder é algo que pode gerar atos voluntários de castidade, entretanto, trata-se da imposição de um discurso ordenado e mediado através do medo e da culpa, com o objetivo de controlar os corpos colonizados. No caso da renúncia por vontade própria, observamos a perspectiva oposta: é uma decisão pessoal, baseada em fundamentos que visam a liberação de programações automatizadas instaladas pelo biopoder. Desta forma, não se configura um ato obrigatório, nem precisa ser adornado pela culpa, pois se trata de uma busca por autonomia e bem-estar através de um método ancestral de cura e reconexão com o Eu. Apesar da possibilidade de sentir medo, culpa e obrigação em processos subjetivos de renúncia voluntária, o sentimento que move a ação é a firme determinação, que é absolutamente distinta da compulsoriedade das proibições. Portanto, se por um lado, não podemos ignorar as consequências históricas da castração colonizatória dos fluxos de desejos e práticas sexuais, por outro, a renúncia voluntária do sexo é uma ferramenta presente em literaturas milenares que buscam libertar o ser da escravidão dos sentidos.

Dia 2

26/10/2018.

Hoje acordei em torno de 8h, defequei, tomei banho, bebi água, comi duas bananas e lavei roupas na mão, sem muito esfregar. Tomei café, defequei outra vez, sinto-me sem resíduos intestinais. Mais café e um cigarro de maconha. Consumo e troco informações no celular. Após outro banho, ouço músicas e assisto programas no *youtube*. Hoje, assisti a um programa nostálgico, feito por um antigo amigo.

Percebo as drogas que consumo desde o amanhecer, café, mídias, maconha, frutas. Intoxico-me pela boca, pelos olhos, ouvidos, nariz e pele. O ambiente com rede elétrica modifica os padrões vibratórios do corpo. Em meio a uma sociedade que naturaliza o hiperconsumo habitual de mídias, a poluição simbólica das percepções é a consequência do vício eletrônico. Viver um período na ilha do Araçari, sem contato com a eletricidade, presenteou-me com os efeitos da abstinência de grandes doses de luz noturna, que se reduziam às chamas das velas e fogueiras. O aqui e o agora deixam de escapar a todo momento por dispersões em telas luminosas elétricas, que oferecem abundância de informação.

Apesar de ser um ambiente de imenso potencial cognitivo e sensitivo, a era da informação pode operar para implantar o mal. Neste momento, por exemplo, o Brasil está às vésperas de eleger ou não um candidato fascista. Através da hiperinformação, enxurradas de símbolos arquitetaram nos corpos narrativas falsas sobre a realidade. Toda narração deforma a realidade, contudo, a distorção ideológica opressora é realizada de modo proposital para centralização do poder. A informação obtida pelos corpos construiu um conjunto de memórias afetivas (catexia) que objetivam destruir o oponente. Ou seja, nem sempre devemos celebrar a facilitação da produção e circulação da informação, pois o resultado pode ser um governo fascista. Enquanto é tempo, tenho fé que o Brasil não irá materializar esta realidade, ao contrário, vislumbro a resistência. Apenas, observo que as drogas midiáticas de má qualidade possuem efeitos danosos para a sociedade, como a violência e o medo, emoções amplamente difundidas por pacotes de mídias comerciais e políticas.

O vício midiático é consumado abertamente em nossas sociedades. O jejum de mídias é uma prática saudável que pode se tornar hábito. É importante também, selecionar o conteúdo simbólico a ser consumido: assim como os alimentos, resulta emoções, pensamentos e memórias, portanto, pode gerar resíduos tóxicos.

Dia 3

27/10/2018.

Ontem tive vontade de escrever mais, muitas ideias para traduzir em palavras, memórias para narrar. Isso me faz resumir. Sintetizar é necessário para escrever: apalavrar o pensamento é uma ação automatizada, mas é uma tecnologia artificial, implantada pelos colonizadores, que extinguiram mais de duas mil línguas na América Latina. Para Yogananda, o sânscrito é uma linguagem mais sofisticada para traduzir as ideias em palavras, se comparada às línguas europeias. Não sei sânscrito, mas acho interessante buscar linguagens avessas à arquitetura

cognitiva e sensitiva que construí. Há quem leia de cima para baixo, da direita para a esquerda. A linguagem verbal é uma das principais programações colonizatórias; por meio das palavras, apreendemos um repertório simbólico restrito (sintagma) sobre a realidade. Os conceitos são nossas referências de realidade. Com aparência rígida, nada mais são que fluídos amorfos que submergem das incertezas. Existir no mundo é muito complexo. Sentir e perceber como real um mundo de aparências problemáticas, que necessita de harmonizações no plano micro e macroscópico, muito além do alcance da visão objetiva do ser humano.

Ainda ontem, assisti ao nascer da lua cheia na varanda de casa, que tem vista para a serra da águia, literalmente, sinto voar no dorso da ave que rasga as nuvens. Após o momento de contemplação, com café e maconha, duas amigas bruxas me convidaram para acender uma fogueira no jardim da casa delas, onde funciona o Hostel Kosmos. No caminho, paramos para comer um pastel vegetariano, com muito queijo, óleo, farinha de trigo processada, tomate e palmito. Muito gostoso, mas desviei do propósito de comer vegano e, quando possível, cru e vivo. Sem culpa, chegamos no Hostel, onde comi uma fina fatia de bolo seco da padaria. Não estava bom, mas saciou a curiosidade da aparência de guloseima imperdível. Durante a fogueira, tomei três copos de cerveja, sem ser de puro malte. Também não era o gosto mais incrível, mas saciou a compulsão oral, a sede e o sono. Mais um baseado e boa prosa. Um casal que chegou cedo, desistiu de esperar, voltou para casa e fez a própria fogueira. Assim, estava apenas eu, minhas duas amigas bruxas e um guia turístico capoeirista escalador, nativo de Ibicoara, recém acidentado, com dificuldade para caminhar durante o tratamento da lesão. Contudo, está bem amparado pela comunidade de amigos e familiares que facilitam o processo de cura generosamente.

Sobre sexo, ontem observei a vontade matinal que, hoje, apresentou-se com maior intensidade, porém, sem qualquer ameaça ao seguimento do propósito. Associo tal aumento da libido ao consumo de álcool, açúcar, não sei, talvez o pastel. Qualquer desvio de hábito oral é uma expressão do desejo compulsivo oral. Caso contrário, consumiria outros alimentos ou não comeria e permaneceria dentro do que considero ingestões saudáveis e éticas. É (quase) impossível ser 100 % saudável e ético ao consumir matéria, mas é uma busca que já possui passos largos dados em busca da redução de danos. O abismo está sempre à beira, mas com equilíbrio, caminhar na corda bamba é aprendizado. Aos poucos, tranquilo, sem culpa e sem desculpa. Socializar também aumenta a libido: assistir corpos pavonearem em busca frenética por orgasmos genitais atrai o corpo abstinente sexual para vibrar em sintonia; comigo, até agora, é assim, mas se tudo é projeção de si mesmo, varia de acordo com o estado interior. Quando estou em paz com esta escolha e observo corpos na busca por sexo, viciados em referências

pornográficas para o ato que sempre termina com a ejaculação masculina. Desde jovem, cultivei esta frequência sexual e hoje percebo o resultado de consumir determinados conteúdos midiáticos.

Como é véspera de eleições, política é o tema da vez nas redes sociais. Com ampla ingestão de informações sem apelos sexuais, o mergulho da atenção nestes assuntos ajuda a permanecer no propósito dos 21 dias. Como de costume, o pico matinal dissolveu sua força em outras atividades, como escrever e atividades de limpeza. 15h 15min.

Dia 4

28/10/2018.

Madrugada insone. Perto de 2h da manhã, despertei com a luz do quarto ainda acesa. Guardo o computador, que estava com a tela levantada exibindo um jogo de vôlei feminino. Olhada rápida no *facebook* para acompanhar as notícias recentes sobre política. Leio as novas pesquisas e percebo que não sou o único insone. Parece ser uma emoção coletiva que nos priva do sono na véspera da eleição. O temor da possibilidade de legitimar um governante fascista, racista, machista, homofóbico e muitos outros nomes associados à discursos de ódio nunca foi tão gritante. Haviam ameaças neoliberais, mas no nível que estamos, até “fica Temer” é uma solução preferível. A fé da virada nas urnas está a todo vapor, apesar de mais casos de violência e assassinatos motivados por discordância política, ou seja, eleitores do candidato fascista mandam o recado antes dos resultados.

Muitos mosquitos, foi um dos motivos que me acordaram. Soam insignificantes diante das memórias reviradas pela situação política. Um mero incenso de citronela pode resolver. Será possível incensar a política para afastar os voadores sanguessugas hematófagos? No plano sutil, está evidente uma dialógica das consciências. O que parece um embate sangrento são mortes de pontos de vistas motivadas por diferentes perspectivas do real. A percepção é a chave do motor ideológico. Por vezes, tentei convencer outras visões de que minha perspectiva descreve melhor a realidade. Em vão. Quanto maior o ego, mais certeza de suas verdades. Por horas, argumentei. Utilizei toda a retórica que desenvolvi ao longo dos meus 30 anos de privilégios educacionais. Muitos argumentos, dados, referências teóricas, mas nada foi capaz de derrubar, ou mesmo riscar, a arquitetura fortificada da narrativa que meus interlocutores criaram. Logo após longos textos, o tema comunismo, Cuba, Venezuela, voltam como argumento central para me atacar. Nada mais importa. Ao ser chamado de “comunista bebedor de sangue”, decretei o limite que consegui chegar nesta caminhada epistemológica frustrada.

Talvez se eu utilizar meios mais simples, a comunicação seja mais eficiente, mas, ao contrário, minha impotência me calou.

Assim, assisti ao movimento eleitoral sem causar grandes intervenções no sistema, mas permaneci com firme convicção. Tentei olhar pelo outro lado, entender o que se passa na cabeça de pessoas que consideram um criminoso condenado como mito. Não deu certo. Agora, sinto-me ansioso pelo resultado. Por um lado, a resistência política se fortalece em momentos de crise. Isso é bom! Observo que grande parte das pessoas que convivo “lutam” pelo amor e a paz, mesmo quando escolhem um fascista como opção de voto. A intenção é a mesma para muitos. Aos que saíram do armário fascista, desejo que sejam educados socialmente. Melhor botar a cara no sol e se regenerar do que esconder ideologias para agir quando não se espera.

São 3h 39min da manhã. O sono passou, como tudo passa. Penso em café para desistir de vez da ideia de voltar aos braços de Morpheus. Em horas, a vida dará um grande salto. O medo é despencar no abismo. Há de resistir para não cair na vibração do medo e da ira. A Bahia e o Nordeste seguem na resistência. A vontade é ter a eternidade pra convencer as pessoas de que existe uma escolha melhor, que existe um lado bom e um ruim. Veja, até o maniqueísmo reacende a chama. Não sei se estou certo. Certamente, o lado de lá não está. É melhor deixar o fluxo da vida correr, sem interferir nas escolhas e decisões alheias, mesmo quando me afetam?

...

04h 57min. Pela primeira vez, conseguirei ver a alvorada em Ibicoara. O sol ainda não nasceu, mas a manhã clareia lentamente em tons roxeados. A luz de casa está acesa pelo uso eletrônico da madrugada insone, que captura a atenção para a máquina cibernética.

Eletrificado, a base de café e maconha, assisto o amanhecer do dia de eleição que fará tudo permanecer ou se destruir por uma onda fascista. Dá medo, apesar da beleza do caos. Aqui é frio, mas começa a esquentar com a chegada do sol. As portas estão trancadas, sinto-me dentro de um aquário, com o dedo ligado na tomada, em meio a uma floresta magnífica tomada pela presença incipiente de agrupamentos humanos. Esta cela de luxo, com vista deslumbrante, permite que eu entre e saia a qualquer momento, desde que eu carregue o peso do medo, no lugar da incerteza. A incerteza é mais leve, trabalha a aceitação do fluxo divino.

A separação entre meu corpo e a janela fechada, recorda-me a experiência de jejum nas florestas da Pedra do Sabia, pois o xamã que nos guiou enfatizou as questões relacionadas à desconexão do ser humano com a natureza. Apaga a luz. Por que o medo da sombra? Somos atraídos para a luz como insetos que rondam as lâmpadas. O sol ainda não nasceu, mas está

tudo iluminado suavemente. A tela do computador grita. A luz atrai a vista humana, que sente desconforto na escuridão. Quero olhar o sol, que nasce em frente à cabeça da água.

...

Consegui dormir na rede enquanto via o nascer do sol. Fui para a rede do meu quarto, pois é um local menos iluminado. Descansei um pouco. Acordei e tomei água, mais café e mais um cigarro de maconha. Jejum de sólidos, mas com pequenas doses de estimulantes líquidos e gasosos. Mais altas doses de luz do computador, em busca de informações sobre as eleições.

18h. Uma hora para o início das apurações. É uma ansiedade coletiva. Todos desejam celebrar, mas a disputa está acirrada. Será uma vitória de virada e existirão os que se considerarão derrotados. O resultado não resolve todos os problemas do mundo, mas, a depender de quem seja eleito, evitaremos a aquisição de novos velhos problemas de opressão. Não sinto fome, bebo água e terei a compulsão oral saciada. Se chego às 20h sem comer, completo 24h de jejum de alimentos sólidos. Não houve qualquer reação do meu corpo de defesa ao jejum. Não sinto mal-estar, nem fome. A boca está um pouco seca, devido a bebida cafeinada e a fumaça do cigarro. Água resolve.

Depois do repouso em *tamas*, defiquei e tomei um banho. Não possuo resíduos intestinais de grande volume por conta do jejum de sólidos. Tal sensação, se dissociada da fome, traz imenso prazer e disposição, pois, deixamos de estar enfezados. Os neurônios presentes no intestino podem intensificar a rede neurológica para ações criativas, intelectuais e motoras: pensamos com o cu; se este está ocupado em excretar resíduos alimentares ou introduzir objetos para ação sexual, os impulsos serão conduzidos para atingir tais objetivos. Quando permitimos a integração da rede neurológica anal com o topo da cabeça, por meio da coluna espinal, ativamos um fluxo harmônico de atividade neurológica que resulta em pensamento e emoções de boa qualidade, ou seja, que sacia os desejos de gozar. A abstenção de alimentos e sexo configura um meio de obtenção de prazer, desconsiderado pela cultura hipersexualizada colonialista.

Um dia, recebi uma massagem em Ibicoara, realizada por Lucas, adepto do *Rowlfing*, uma forma de cura física. A massagem é forte, aperta pontos que causam grande dor, para assim, liberar fluxos densos e sutis de memórias retidas nos nódulos musculares. Durante a sessão, a qual pouco conseguimos falar, ele nota, dentre outras questões, que uma musculatura estava modificada, devido a uma compulsão oral. Argumentei que comia pouco. Depois pensei melhor, e concluí que já comi muito. Sempre fui magro, mas nunca por falta de alimento. As

práticas de alimentação consciente e jejum de alimentos são recentes, contudo, configuraram em perda de peso, mas devemos considerar o sedentarismo do meu corpo frente ao cotidiano das máquinas cibernéticas. Mas eis que a compulsão oral é um dos principais fatores da programação colonial que nos apega a matéria. Por este motivo, somos viciados em comer, beber, chupar e, sobretudo, falar. Trabalhar a sexualidade e a alimentação ajudam a reduzir a compulsão que, em momentos de privação, aparece com pensamentos dos desejos mais escabrosos que o corpo guarda.

Aos poucos, é possível alcançar a utopia da feliz abstenção de prazer proveniente da matéria. Desde que me coloquei no propósito, tenho obtido resultados que se expressam na saúde e bem-estar do corpo. Não posso sugerir falta material, pois tenho acesso a abundância de bens. Não sou rico, mas não me faltam coisas. Tenho em excesso. O que quero aumentar é a riqueza de paz, amor, felicidade e conhecimento. Sei que o sentido desta prosperidade está na renúncia dos vícios materiais. Ainda sou um corpo viciado em mídias, comida, sexo e outras ativações neuroquímicas. Muitos vícios materiais, legitimados socialmente, mas sei que quando criança, desejava carros de luxo. Hoje, não desejo carros no mundo, prefiro outros meios de transporte coletivos que não utilizem o petróleo. Já desejei o melhor dos computadores, consegui comprar um *macbook* que resistiu dez anos. Nele fui capaz de editar filmes e escrever textos, considerava que a memória contida na máquina era de suma importância para minha existência. Alguns HDs quebraram no caminho, o que destruiu anos de arquivos de memórias audiovisuais.

Depois, na busca por autonomia e a evasão do sistema financeiro, um grupo de oito piratas armados assaltaram nossa casa numa ilha quase deserta. Meses antes, roubaram um barco que compramos coletivamente, durante uma visita do mestre de obras à fazenda vizinha, no exato momento em que era assaltada, após sete anos sem incidentes na região. Levaram o bem material mais caro que havíamos adquirido: primeiro desaparego superado. Meses após o roubo do barco, o bando de piratas leva meu computador e as memórias que guarda. Mais um incidente superado.

Contudo, junto com o computador e outros objetos que os ladrões levaram, roubaram a paz que sentíamos na ilha e a possibilidade de dormir em casa. Tivemos que evacuar e deixar todos os bens materiais para trás. Em reconstituição, no caminho para Ibicoara, juntei os poucos trapos que me restou, alguns livros, além de alguns presentes de minha mãe e meu pai para organizar a cozinha e a limpeza da casa.

Adoto uma rede no lugar da cama, pois menos é mais. Quanto menos se tem, menor a preocupação de perder. Já considero ter demasiado. Segurei o impulso de meus pais em me

oferecer mais conforto, pois o peso de carregar a matéria é grande e nos prende ao local onde estão os pertences. Como tudo é busca e caminho, não pretendo chegar a lugar algum. Apenas, desejo caminhar sem o peso dos prazeres materiais.

Faltam menos de dez minutos para o começo da contagem. Por que me apego as coisas do plano denso, se sei que é um delírio? Talvez, porque a densidade material reflita questões a serem harmonizadas no plano sutil. Vou voltar minha atenção para as mídias políticas. Faltam cinco minutos para as 19h. 20h me alimentarei, mas já estou com vontade devido à ansiedade.

Hoje o dia foi coberto por fortes chuvas. Está tudo molhado. Muitas buzinas, fogos de artifício e gritaria. O fascismo venceu as eleições brasileiras. Em Salvador, o conflito entre polícia e manifestantes começou. O que será que será?

Dia 5

29/10/2018 - 22h.

Hoje tive pouca vontade de escrever. Em alguns momentos me apeteceu a motivação de ir para o computador, mas faltou atitude. Olhei muitas informações, mas através da tela do celular. A ansiedade da incerteza política me impulsiona a olhar mídias em busca de novidades que possam apaziguar o sentimento de medo da onda de violência que está em marcha. Olhei tanto para a tela luminosa do celular, que minha cabeça doeu um pouco, com o aumento da pressão nas têmporas. Senti minhas veias dilatadas pulsarem. Um banho quente resolveu.

Hoje foi dia de feira em Ibicoara. É sempre legal olhar o agito e comprar delicias orgânicas, mas hoje estava meio ressaqueado das emoções eleitorais. Não me sinto triste, apenas, confuso e perdido. Vai passar! Enfim, por um momento do dia, simplesmente, tive vontade de cortar a grama. Sempre tenho o prazer em jardinar e a casa onde estou necessita de intervenções devido ao mato alto, mas tenho melhorado a situação cotidianamente. Hoje, cortar o mato era uma forma de organizar emoções e pensamentos interiores conturbados. Com muito esforço, uma pequena faixa foi conquistada, porém há uma imensidão da relva para ser domada. O exterior que observo, é uma projeção do interior. A analogia com o jardim faz sentido. Sinto a necessidade de cuidar de ambos jardins, interno e externo, para florescer e atrair os pássaros e borboletas, sem desmerecer outros insetos, vermes ou os macacos que aparecem em bandos para comer as bananas. São lindos! Tenho aprendido a conviver com aranhas. Ontem, uma grande aranha peluda estava na janela, por sorte, do lado de fora. Como a janela é de vidro, pude observar a barriga da aranha, que tinha linhas vermelhas. Uma arquitetura biológica magnífica, com cores, detalhes, formas, traços, linhas e simetrias inspiradoras. Oito olhos.

Tenho um pouco de medo que herdei da aracnofobia comercializada nas mídias. Geralmente, aborda-se aranhas como grandes monstros que atacam os humanos. Quando se convive com esses animais, percebemos que são dóceis e medrosos. Na primeira oportunidade, escondem-se ou permanecem paralisados. Acho gracioso observar algumas aranhas que se movem lentamente para escapar das vistas do humano que as observa. Elas percebem o olhar do observador e tentam se mover sem serem percebidas, utilizando artifícios da sutileza, como o caminhar silencioso e as passadas sorradeiras. O medo da ameaça é o único motivo que faz uma aranha usar a violência como defesa. O medo é a causa da violência. O mesmo ocorre com os humanos: existe algum medo anterior a violência expressa.

Pensei em pouco escrever, mas ainda existem relatos a fazer: hoje, recebi a visita da ex-moradora que veio buscar a cadeira de computador e o fogão. Agora, estou sem cadeira, mas tudo bem, é bom digitar na rede. Generosamente, ela deixou o fogão até chegar o que o casal de amigos que irá morar nessa casa comprou. Então, foi uma breve intervenção, na qual levaram um dos poucos móveis que eu utilizava como ferramenta de trabalho: a cadeira. Sem drama, já que a proposta é viver com o mínimo. Ainda penso que possuo mais do que necessito, então, sigo a vibrar na abundância, enquanto desejo carregar o menor peso possível de fardos materiais.

...

Recebi uma ligação do meu ex-companheiro. Moramos juntos na ilha do Aracari, construímos uma casa, mas meses após o assalto decidi que não quero mais ser um casal. Decisão chocante para o meu parceiro, que, contudo, acolheu com amor, compreensão e respeito, apesar da dor. Hoje, ao telefone, percebi o esforço dele em tentar mostrar a possibilidade de vivermos o sonho romântico que desejamos. Em diversas ocasiões, vivemos momentos de filmes e novelas, com cenários lindos e grande alegria, mas a rotina de casal gera muitas consequências. Na busca pela autonomia, ser casal me priva de observar minha subjetividade sem a interferência do olhar do parceiro.

Existem pessoas que são mais felizes casadas. Quando há amor romântico entre o casal e ambos desejam o mesmo destino, casar é uma missão inquestionável. Em muitos casos, porém, não há amor, o casamento serve de consolo pra quem não se basta, ao estruturar uma zona de conforto familiar. Creio que a última hipótese ocorra com a maioria dos casais, pois abandonar esta zona de conforto e se lançar ao abismo das incertezas é uma ação que exige

coragem para sofrer e fazer o outro sofrer por causa de uma escolha pessoal sobre o modo de vida.

Às vezes, fraquejo ao imaginar a dor que o outro sente, porque me ama. Contudo, pretendo seguir com o propósito da libertação. Alguns padrões de relacionamentos amorosos nos aprisionam em modelos de comportamentos, emoções e pensamentos que geram a necessidade de posse material para a realização do desejo, expresso em dizeres como “meu marido” e “minha mulher”.

Este sintoma, evidente por diversos aspectos, trata-se de um padrão expresso em relacionamentos heteronormativos, ou seja, mesmo quando homoafetivos, os casais podem assimilar as referências das relações heterossexuais monogâmicas, que visam a manutenção da propriedade privada através da reprodução controlada dos herdeiros. Assim, algo construído culturalmente se torna naturalizado. Percebo em mim uma repetição viciada destes padrões, mesmo quando experimento relações poliamorosas.

O poliamor é um conceito plural, pois engloba um amplo espectro de possibilidades de práticas afetivas e sexuais. Tais configurações disruptivas da monogamia buscam a autonomia e a liberação do fluxo de desejos para todos os participantes das relações, que em comum acordo aceitam o desenvolvimento de outras uniões românticas estáveis, além do compartilhamento sexual. Desta forma, o poliamor se distingue da poligamia, pois não cabe para descrever relações com assimetrias de gênero, como um harém machista, onde apenas o homem vive os múltiplos vínculos enquanto as mulheres são compulsoriamente monogâmicas.

Já a abstinência sexual também possui múltiplas possibilidades de práticas e discursos aplicados, desde a opressão física e psicológica dos corpos colonizados, às mesmas buscas do poliamor por autonomia e liberação do fluxo de desejos. No âmbito das experiências celibatárias, a ausência de sexo pode confluir com relações românticas. Se por um lado, o celibato anula a dedicação para saciar os desejos sexuais - um vício material a menos. Por outro, exclui-se um amplo e profundo campo de prazer da experiência mundana.

A renúncia do orgasmo carnal é um meio para atingir o gozo sutil. Trata-se de escolha, experiência, risco, erro e acerto. Com seu corpo, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é, de sentir o que sente. A subjetividade nos aparta da consciência do todo, mas o ego é obra e instrumento do divino. Há de conciliar o mundo da matéria com o mundo das ideias - a inteligência anterior a matéria, o campo mórfico, o universo sutil metafísico.

Dia 6

30/10/2018 – 10h 10min.

Hoje acordei com a libido gritando pensamentos e memórias antigas de sexo e parceiros. Retenho a vontade, levanto da cama, defeco, tomo banho e vou para o computador olhar as redes sociais, entre elas, as redes sociais de encontros sexuais. Estou em local ermo, então, a chance de haver algum ser interessante e disponível na internet é baixa. Também não é meu interesse sair para encontrar um desconhecido e fazer sexo. Talvez a adrenalina das conversas virtuais traga alguma distração para o desejo sexual que aos poucos se esvai. Não devo alimentar essas referências simbólicas, mas o próprio veneno, neste caso, torna-se o antídoto, para acalmar o fluxo de desejos e prazeres materiais.

Tomo uma xícara de café e sigo no aplicativo, sem interesse em consumir o ato hoje, sem tesão para tanto. Cacei um guia de Mucugê muito belo e interessante. Sigo no diálogo por diversão. Quiçá, seja um futuro parceiro. Apesar do conflito entre querer estar só e querer fazer sexo ou me relacionar, a solidude tem demonstrado maior força de expressão. Os apêndices da rotina são meios para atingir esse objetivo, por mais confusos que pareçam.

Sou um tanto ansioso nos diálogos. Acostumado com as antigas conversas, é difícil esperar respostas lentas, pois aparenta falta de interesse. Não me importa o fracasso ou a frustração, mas me sinto jogando um jogo: o jogo da sedução que, um dia, saberei parar de brincar ou não.

A *internet* caiu. Ainda bem. Meti-me num papo caloroso com o guia de Mucugê que traçou seu perfil pessoal abertamente: casado com uma mulher cis, só faz sexo com homens extremamente passivos, que não o toquem, não o beijem, não goze em sua frente. Prefere que o passivo esconda o pênis e haja como uma mulher (cis ou trans) de filme pornô. Pronto para ejacular seu esperma nos orifícios bucal e anal, prefere que o parceiro engasgue com as secreções que oferece. Parece-me o típico caso do homossexual homofóbico que reduz sua atividade aos comportamentos ditos masculinos, mas se relaciona em sigilo com pessoas da mesma genitália.

O guia faz uma analogia entre o ânus e a vagina, diz ser safado, porém zeloso com as suas galinhas, pois outro galo não pode cantar no galinheiro. Ou seja, a promiscuidade, infidelidade, poliamorosidade, só são permitidas para o macho alfa dominador, que almeja modificar o gênero do outro homem cis que se relaciona sexualmente com ele, através de nomeações femininas, como putinha e mulherzinha.

No caso dos peixes, a chegada de um macho alfa dominador faz com que outros peixes machos transformem sua expressão genética para cumprirem o papel reprodutivo de fêmeas. Através da experiência social do cardume, os peixes transsexuais, capazes de modificar os órgãos reprodutores naturalmente, fornecem um fantástico exemplo de operações epigenéticas: as proteínas histonas ativam e silenciam potenciais expressões genéticas ao longo da vida, a depender da experiência do corpo. Então, pode haver a potência de uma doença genética, mas esta nunca se expressar devido às vivências; ou o contrário: diante de ocorrências fatídicas, algo silenciado geneticamente, pode ser ativado por meio das memórias sensoriais e cognitivas percebidas pelo corpomídia.

Por que esta fantasia pornográfica machista me atrai? Como não quero ser galinha de cativo, desejo não se torna ato, pois desatar nós é complicado. Depois de abandonar a conversa com o macho alfa, pesco outro extremo do espectro sexual, um garoto passivo que ama apanhar com força e beber urina; ama a condição de ser martirizado, de sentir dores que rompem a fronteira com o prazer. Penso que o galo e esse rapaz seriam bons parceiros sexuais.

Atrair diferentes polos do espectro sexual anima o ego vaidoso, que emite impulsos sensoriais capazes de confundir a razão. Quantas pessoas gozam e se arrependem do ato? Seja por não usar preservativos, ou por fazer algo que condena moralmente, ou por transar com uma pessoa pouco desejada, ou que não lhe faz bem, enfim, inúmeras razões para uma má gozada.

Alimentar os pensamentos e a visão com informações sexuais atrai o corpo para essa faixa vibratória que é viciante. Gera adrenalina, sobretudo, para encontros dedicados ao sexo, armados através da internet. Não tive muitos, talvez uma dúzia ou menos. Alguns foram durante relacionamentos abertos, em que convidávamos um terceiro para o sexo do casal. Boas experiências que resultaram em amizades, ou namoros a três por um mês.

Já vivi um intenso fluxo de liberação que me defrontou com riscos e experiências que eu nunca previ viver: o desejo pelo gozo carnal causa ações de pouca racionalidade em meu corpo. O tesão é um perigo também, mas é maravilhoso, pois ultrapassa capas de sociabilidade dos corpos, que retornam após a ejaculação. Contudo, máscaras aparecem durante o ato também, pois nem sempre os corpos se entregam a um fluxo sincero de prazer sexual, mas performatizam os atos para se enquadrar em assimilações identitárias, como no caso dos machões que performam a brutalidade, agilidade e grunhidos orais graves, enquanto algumas mulheres cis e trans, ou as bichas passivas, utilizam os clássicos gemidos pornográficos agudos, além das falas e expressões padronizadas, mas nem todos seguem o *script*.

É interessante, inclusive, a mudança de línguas no sexo. Cada apalavramento do ato traduz a cultura sexual que os corpos em ação agenciam. Apesar da atração pelo desconhecido,

fazer sexo com desconhecidos, hoje me parece um tanto perturbador, mas é rotina para muitos corpos vulcânicos, como o meu. Muita adrenalina, serotonina e outros hormônios afetam as emoções e os pensamentos compulsivos. São estados de alteração da percepção bastante distintos: a busca, o ato, o gozo e depois.

Lembro de um amigo que se prostituía em Buenos Aires, segundo ele, para não perder o hábito. Ele me relatou sua experiência de vício sexual, que o fazia ter mais de trinta parceiros em um dia. Um, depois o outro, num ciclo vicioso sem fim. A família o internou numa clínica que o drogava, vigiava o corpo dele, para que não se masturbasse. Ele relatou que, apesar da violência, o tratamento resultou em aspectos positivos. Contudo, permaneceu promíscuo, estruturado por um conjunto de crenças e moral alternativos ao sistema hegemônico. É um rapaz tranquilo, com fala suave, comportamento amoroso e colaborativo. Contudo, viciado em drogas: sexo e cocaína principalmente, mas creio que quando o conheci, era maduro para lidar com as abstinências, sem perder o hábito das práticas excessivas. Uma pessoa especial que muito me ensinou com sua subversão profunda da moral do ser, expressa de modo amoroso e cuidadoso.

14h 35min. Até agora, uma xícara de café cheia, um baseado, um morango e nada mais. Cavei um buraco para enterrar as fezes do meu cachorro. Coletei as fezes que estavam espalhadas no jardim, coloquei no buraco e cobri com um pouco de terra. Mais tarde, botarei palhas. Vou voltar a navegar na internet, antes de comer. Ler comentários polêmicos sobre política e espiar as redes sociais para encontros homoafetivos.

Nada de interessante. Cortar grama ou ler? Acho que vou me permitir ler num dia frio. Não sinto fome, ainda não comi, são 16h 53min, sigo a alimentar a faixa vibratória do sexo com pensamentos, imagens e buscas na internet. O bom é que sexo virtual frustra, então, sem riscos de romper o jejum.

Dia 7

31/10/2018.

Vaidade. O ser humano é capaz de agir com crueldade para viver minutos de fama. Vi uma matéria sobre um *serial killer* que ficou orgulhoso de si por ser reconhecido num *ranking* de assassinatos em série. Ele enviou uma carta à polícia para se entregar, mas ao ser entrevistado, pediu um reposicionamento de câmera para capturar seu melhor ângulo.

Também desejei a fama através do esporte, da arte, da pesquisa e do conhecimento; durante a faculdade, senti o impulso de deixar um legado por meio de suportes materiais para

arquivar as memórias cognitivas e sensitivas que eu produzia através da observação e da imaginação, ou seja, vislumbrava a transmissão da memória através da matéria. Primeiro, veio o impulso pelo cinema, junto à euforia com a tecnologia digital que facilitou a produção de narrativas audiovisuais. O armazenamento, contudo, é extremamente frágil: uma década é um generoso tempo para a obsolescência programada de um HD externo. Se compararmos ao potencial de registro das pinturas rupestres, que datam mais de 30.000 anos, a tecnologia digital abandona a função de produzir conteúdos milenares, pois oferece dispositivos para hiper produção de informações efêmeras, com alta velocidade de “inovações” técnicas e estéticas, que ocultam as produções independentes num mar de informações dispersas, que afetam emocionalmente e psicologicamente a percepção das realidades individuais e coletivas. Programas de comportamentos colonizatórios são inscritos nos corpos através das mídias. A arquitetura dos desejos de consumo bebe bastante desta fonte de referências, bem como as performances sexuais, as formas de comunicação, as linguagens, hábitos e visões de mundo. Cada consciência que habita um corpo humano na terra possui uma perspectiva singular dos fenômenos ocorridos.

Velado num corpo extremamente tímido e recluso, tenho vontade de expressar meus pensamentos. Opto por meios que descartem a necessidade da presença física, como o cinema, a literatura e letras de música. Sinto, de fato, uma singularidade social. Morei numa ilha quase deserta e não senti falta de ver outras pessoas. Apesar de ter outros seres comigo na maior parte do tempo, tive períodos de solidude absoluta na ilha.

Há apenas quatro meses que ocorreu o assalto na ilha. Agora estou em Ibicoara, que é uma cidade com vizinhos e eventos sociais. Todos ótimos e incríveis, amorosos, solícitos e receptivos.

Ontem, uma amiga que pedalou sozinha do México para o Brasil, estava em trânsito pela Chapada até encontrar em Ibicoara, um eslovaco tocador de samba e agricultor. A visita que estadia de dois dias se tornou mais de dois meses de romance. Porém, certo dia, ela decidiu comprar uma passagem para a Tailândia, a fim de pedalar de lá até Portugal. Aos prantos, seguiu viagem de bicicleta para Itacaré, mas voltou para Ibicoara ontem à noite. Creio que desistiu da viagem para viver o amor com o eslovaco. Só sei, de fato, até a parte que ela voltou: ontem, estavam no bar para comemorar a chegada dela, mas tive sono e preguiça de sair. Não fui, mas celebro seu retorno.

Hoje acordei cedo. Diferente de ontem, com pouco desejo sexual. Ontem, sentia a região pubiana sensibilizada, hoje, está menos e o fluxo de prazeres conduzidos para outras esferas da vida. Trabalhei no jardim, na limpeza da casa e estudei. Ontem fiz *log out* das contas, mas hoje

à noite, loguei novamente. Liberar esse fluxo de desejos na *internet* acalmou os ânimos, mas não é aconselhável para um jejum de sexo. Gostaria de associar a este jejum, o jejum de mídias eletrônicas, pois temos muitas referências sexuais, além das de violências bélicas, medos, culpas, adestramentos psicológicos de diversas ordens, porém, centralizados pelo panóptico.

Hoje fiquei pouco tempo na internet. Enquanto cortava a grama e cuidava do jardim pela manhã, pensava nos debates políticos que travei no *facebook* com amigos que pensam diferente, ou talvez, igual, mas por outra ótica. Difícil não ser violento quando o ego é envaidecido, deseja aprovação dos outros e não aceita derrota. Caso ocorra o fracasso, paralisa com a tristeza ou segue em frente em direção a mais fracassos.

Meu cérebro, mesmo quando deixa de ler ou escrever, sempre fala com uma voz mental que pode mudar, mas possui seu tom próprio. Pensamentos vagueiam em direção às programações controladas do futuro desejado ou frustrações e saudades do passado. O estado de presença é um desafio para a era da informação, que mergulha os corpos em quantidades imensuráveis de símbolos e significados.

Hoje, refleti que vibrar na frequência do sexo é menos prazeroso que a abstinência deste impulso. O desejo é um dos principais elementos que retiram a atenção da percepção do aqui e do agora. A compulsão viciada do ato sexual retém grande parte da energia e do tempo de vida, gastos em pensamentos e ações dedicadas ao sexo. Isso não quer dizer que seja ruim fazer sexo, mas que existem benefícios no celibato. Assim como as pessoas que não precisam comer para viver, passam a ter muito mais tempo para atividades distintas da alimentação, seja em lazer ou trabalhos mecânicos e criativos: o tempo, os esforços, os recursos, a criatividade e a imaginação, utilizadas para produzir, consumir e descartar o alimento, quando se “vive de luz”, pode ser investido em outras demandas. O corpo, seja no jejum de sexo, seja no jejum de alimentos, após algum período de adaptação, amplia a energia vital.

Percebo que os diferentes tipos de jejum cooperam reciprocamente. Enquanto o jejum de sexo reduz a compulsão oral alimentar, o jejum de comidas, por vezes, acompanha a abstinência sexual facultativa.

Dia 8

01/11/2018 – 19h 16min.

Arrogância é um dos resultados da vaidade do ego. Com títulos, prêmios, com currículos cheios de linhas, essa distração do ego ganha força. Entretanto, a busca para entender a existência deve ser regida com humildade, pois o horizonte são incertezas das quais nada

sabemos, apenas especulamos e tentamos traduzir em linguagem cognitiva e sensitiva. Ainda assim, enquanto dialogarmos com outros corpos sobre os fenômenos da vida, através da estrutura linguística nomeada debate, o conceito de disputa de ideias e perspectivas incorpora a competição, na qual um é vitorioso e o outro o derrotado.

Quando observo minhas reações comunicacionais sobre o atual período político no Brasil, percebo que as emoções tomam nossas expressões, mesmo quando buscamos uma comunicação equilibrada e não violenta, emitimos julgamentos e pareceres sobre o saber do outro, a fim de mudar seu ponto de vista. Apesar desta transição da opinião pública ser algo urgente no atual momento político, é complexo reprogramar o regime de verdade de uma subjetividade emocionalmente afetada com os fenômenos em ocorrência. Todos os prisioneiros são emissores das verdades implantadas nos corpos. A arrogância e a disputa sobre qual a verdade deve prevalecer gera o conflito, pois percebemos os mesmos fenômenos por meio das diferentes perspectivas subjetivas.

A síntese é trabalhar para conviver na paz e no amor, vibrando em harmonia, fertilizando os diferentes modos de vida. Para tanto, é preciso educar os corpos programados para a violência, para agir de modo cuidadoso. Algo na linha da educação por autonomia, que “busca despertar no indivíduo a capacidade protetora de si e do seu entorno.”³⁴

O momento é crítico, mas, entre nós, nossas comunidades, nosso entorno, nosso interior, é preciso buscar a cura por meio do amor. Se há violência, é porque estamos carentes de produção e troca de afetos e cuidados. Criar amor, desde a fonte vibratório do medo, do fracasso, da culpa, da violência, é transmutar um conjunto de energia em órbita adensada, e sutillar tais correntes eletromagnéticas, por meio da consciência e das ações no mundo da matéria. Então, sempre que possível, recomenda-se alimentar a faixa vibratória da paz e do amor, pois ressoa no inconsciente coletivo, e o contrário também. Por isso, a maconha é polêmica, pois, na maioria dos casos, gera emoções de paz e amor, além de uma ampliação dos sentidos e da consciência. Entretanto, é válida a busca para atingir estes estados de consciência expandia, sem o consumo de substâncias psicoativas.

É longo o caminho para encontrar a felicidade na abstenção da matéria, mas existe.

...

³⁴ ACSELRAD, Gilberta. **Edição das seis**. Brasil: Globo News, 2010.

Continuo isolado, sem vontade de ver gente. Tenho que comprar a mangueira do fogão novo e não fui, amanhã resolvo... São 20h 20min. Vou comer. Mas antes, um breve relato sobre o dia: acordei muito cedo, antes das 4h. Defiquei sonolento, tomei banho, alimentei os animais e comecei a ver documentários sobre esquizofrenia. A esquizofrenia é uma patologia psiquiátrica que me interessa muito, pois o que entendo hoje como realidade, faz com que todos sejamos uma espécie de esquizofrênicos, delirante, alucinados.

Após algumas horas de estudo, dormi até umas 10h, tomei café, fumei e fui contemplar o jardim. Demorei para comer, comi pouco: um tomate, quatro azeitonas, mais três chimangos e dois bolinhos de frutas, aveia e linhaça.

Vi um casal de pássaros gigantes, não sei a espécie, mas eram do tamanho de pavões, em cima de uma árvore de magas. Durante o dia, pensei bastante e tive momentos de distração nas redes sociais. Forte distração, esta ferramenta me captura com facilidade do aqui e do agora.

No mais, foi um dia comedido, sexualmente, pouco expressivo. Alguns fluxos de desejo parecem estar evaporando e se tornando uma névoa, que pode condensar e voltar a fluir, com outro aspecto, creio. Mas vou manter a transpiração com o desejo de esgotar o fluxo de memórias sexuais e reprogramar conscientemente os fluxos de prazeres, conectados com propósitos mais elevados que a pornografia. Então, celebro um dia em que o sexo passou quase despercebido num momento de solidão. Quase, pois pensei a respeito durante o dia, em devaneio, com alívio ao enxergar como uma lembrança de desejo anuviado, no lugar de estar afogado neste fluxo vibratório de liberação de prazer. Dormirei tranquilo, repleto de desejo de estar só, e bem satisfeito com esta condição. Amanhã, socializo no comércio e aproveito para presentear as bruxas do Hostel, com bananas de um grande cacho que colhi, dias após minha chegada nesta casa.

Dia 9

02/11/2018 – ontem.

Ontem não escrevi. Mais uma ausência de relato fora da linha de cronos. Continuo sem vontade de socializar. Estou bem entretido comigo mesmo, a escrita e os afazeres domésticos. Tomates crescem, aranhas aparecem. A única socialização física foi em busca da mangueira do gás para instalar o fogão novo. Missão cumprida com êxito. Tiro o dia para pensar; penso e observo atento aos processos da natureza. Hoje, parece-me tão lógica a necessidade de cobrir o solo.

Reflico sobre a função da tiririca, aquele mato cortante, para o reflorestamento: é uma tecnologia da natureza pra manter distante o pisoteio de grandes animais. Pioneira, a tiririca, através de suas raízes tubulares, puxa a água de solos profundos e cria um sistema vivo na terra. Funciona como uma placenta dos solos desmatados, pois várias sementes germinam nesse lugar úmido, protegido e sombreado. A cobertura do solo é feita com o mato alto, que se enrola nas árvores para as derrubar e acelerar o processo de decomposição. Assim, o solo se alimenta. Insetos, vermes e bactérias regulam a transição entre a morte e a vida da floresta. Se o solo é coberto, a água é retida e um ambiente saudável é criado, capaz de hospedar vidas que irão contribuir para a nutrição do solo. A hiper higienização da sociedade nos faz desejar o extermínio da vida microbiótica, ou de qualquer vida que não a humana. Há até casos em que as pessoas querem limpar o ambiente de tipos de pessoas que são diferentes do que consideram natural.

Nesta perspectiva, comemos muito alho, cebola, cúrcuma e outros aliáceos; usamos muito cloro, odiamos bactérias e queremos as extinguir por meio de antibióticos. Nas plantações e nos animais de cativeiro, a medicação é um requisito para a minimizar as perdas de produção. “Defensivos agrícolas” é o novo termo dos agrotóxicos. No leite, na carne e nos vegetais, insere-se antibiótico, enquanto alho e os demais aliáceos são antibióticos naturais, consumidos diariamente por grande parte da população. Se nosso corpo é um ecossistema, com fauna e flora, podemos cuidar do jardim fisiológico através da ingestão e excreção, tanto bucal quanto anal.

Há outros fatores que interferem no desenvolvimento do jardim, como emoções, pensamentos, desejos, práticas, rotinas, hábitos, além do ar que respiramos. É preciso observar a natureza que coexiste em nossos corpos. A produtividade exigida pelo mundo, gera culpa quando dedicamos tempo para refletir sobre a vida. Contudo, pensamentos de boa qualidade são ferramentas de embelezamento da floresta interior.

Dia 10

03/11/2018 – 11h 33min.

Somos adestrados para reagir precisamente a determinados estímulos. Lembro-me da época da escola, onde me tornei um número e sentava em fila durante todo a manhã, para ouvir uma pessoa emitir verdades científicas sobre o mundo, que eu deveria decorar como lei para responder corretamente às questões que iriam definir o meu futuro no mundo profissional capitalista. Em raros professores, haviam toques de subjetividade na transmissão do

conhecimento, mas a maioria apenas reensignava o que estava escrito nos módulos e livros de referência. Não existia talvez nas respostas. Além disso, era necessário ativar a velocidade de julgar verdadeiro ou falso, pois havia tempo limitado para entregar as respostas. Nas provas, você depende, exclusivamente, da memória. A rotina de exames nos leva a banalizar estas práticas de educação colonizatória.

A forma que encontrei para suavizar esta condição, reside na possibilidade de ser um feliz medíocre no sistema autoritário de ensino. Muitos colegas, contudo, apesar da dedicação aos livros e dos investimentos financeiros extras, ficavam abaixo da mediocridade exigida nas avaliações. Por este motivo, as crianças aprenderam a burlar os esquemas de vigilância e trocavam gabaritos das provas. Assim, a corrupção já existia neste sistema educacional infante juvenil.

Outro fenômeno interessante deste período é que, além da padronização da vestimenta obrigatória (farda e calça jeans azul), as pessoas se agrupavam em bandos de pertencimento: os homens cis másculos e humoristas, que sempre fazem piadas e provocam risos, são atléticos caçadores de mulheres cis. Havia também as mulheres cis super patricinhas e os grupos dos nerds, igualmente separados por gêneros. Infelizmente, não existiam pessoas trans neste contexto. Poucos bandos misturavam homens cis e mulheres cis. Quando ocorria, era devido ao acasalamento heterossexual entre corpos cisgêneros.

Claro que existia amizade, mas havia a clara divisão em grupos de pertencimento, como identidades hierárquicas a incorporar. A maioria dos estudantes eram heterossexuais e brancos, numa cidade de maioria negra. Nesta escola de pequenos burgueses, ser gay e andar com pessoas do gênero oposto da binaridade heteronormativa, sem o interesse de acasalar, era visto com estranheza e até ameaças morais. Então, o armário guarda os desviados. Apesar do impulso latente de transgressão sexual, o corpo adere à norma por medo da violência do outro. Contudo, ao se esconder, comete uma violência contra si mesmo.

Numa me senti pertencente a grupos sociais, mas simpatizava com praticamente todos que se abriram para conversas comigo. Sentia-me deslocado no mundo por não pertencer a esses grupos de identidades tão marcadas. A autonomia para me bastar já gritava, contudo, a produção de hormônios facilitou meu entrosamento social, bem como as drogas, principalmente, lícitas. Quando passei a preferir respeitar o desejo por homens e não desejar essa reprodução do modelo de vida heteronormativo, os conceitos românticos permaneceram, mas aos poucos, e, sobretudo, através da leitura de Foucault e Judith Butler, além das decepções de expectativas em experiências sexuais vividas, tal estrutura de poder biopolítico iniciou um processo de desestruturação: a monogamia, apesar de ser uma expressão de diversos animais

na natureza, no caso dos humanos, serve como instrumento para a manutenção da propriedade privada. Em seguida, uma série de conceitos entraram em desconstrução, como a maternidade, a paternidade, o homem, a mulher, o pênis, a vagina, o cu, a boca, a cabeça, a pele.

Através destas literaturas dissidentes, contudo, nunca cogitei a potência perceptiva e sensorial da abstinência da ejaculação genital, pois o que li de Butler e Foucault foca a atenção na repressão sexual e na liberação dos fluxos de prazer. O jejum de sexo é uma prática pouco comum nos campos científicos da academia. Entretanto, várias outras fontes de saber inserem o ato de abstenção sexual no repertório das tecnologias de autoconhecimento, sejam os orientais, africanos, europeus, ameríndios. Tais conhecimentos ancestrais exibem diferenças profundas em relação ao ato médico compulsório para a abstenção sexual, como no caso do meu amigo viciado em sexo, que foi quimicamente induzido a interromper as práticas ejaculatórias. Distinguem-se até mesmo do celibato religioso proibitivo e punitivo, pois o jejum de sexo é concebido como uma escolha do indivíduo.

Dia 11

04/11/2018 – 23h 11min.

Epifania: o maior delírio consiste no ser pensar que existe.

Ontem à noite, sai de casa para visitar minhas amigas do Hostel e aproveitei pra levar as bananas. No caminho, a cidade estava em festa, com música, comida, bares abertos e muitas pessoas animadas. Apresso o passo, pois sinto pouca vontade de socializar, ainda mais com estranhos. Ao chegar ao Hostel, encontro minhas duas amigas bruxas prostradas no chão, assistindo a algum documentário entediante. O Hostel estava sem hóspedes ou amigos. Elas haviam me convidado para tomar umas cervejas após o almoço, mas só cheguei lá às 20h, depois de já terem bebido e ficado letárgicas.

Entre conversas sobre a vida, descobri que nossa amiga que pedala não voltou por amor. O amor não venceu dessa vez. Ela veio passar o aniversário aqui, pois conseguiu uma carona. Aproveitou e reviveu a paixão, mas fugiu ontem, em direção à Tailândia. Sem avisar para ninguém, partiu de manhã cedo e mandou notícias da cidade vizinha, quando informou que estava bem, mas que desta vez, seguiu viagem, sem conseguir se despedir.

Assim, minha antissociabilidade me fez perder a chance de a reencontrar antes de pegar o avião. Fico admirado com a atitude dessa mulher cis que, como eu, teve toxoplasmose. No caso dela, com sequelas segundo a mesma. Vai pedalar num mundo onde não consegue falar a

língua e ninguém a entende. É uma pessoa linda, amorosa e feliz. Muito inspiradora a atitude corajosa de ser nômade em terras longínquas.

Enquanto as meninas relatam os acontecimentos da vida, tomamos café. Resolvemos fumar um baseado e começamos a tomar cervejas. Umas 5 latas para os 3. Pouco, mas foi legal.

Na despedida, de modo cortês, acompanharam-me até a praça para encurtar parte do trajeto solitário de volta para casa. Na praça, paramos e contemplamos a festa. Logo, algumas pessoas falaram com elas, que são bastante conhecidas na cidade. Ouvimos um pouco de música entre muitas conversas.

O clima é divertido, mas, antes de sair do Hostel, minha vizinha que não conheço mandou uma mensagem para uma das minhas amigas bruxas dizendo que meu cachorro estava chorando muito. Como ela não tem visto ninguém aqui, achou que ele estava com fome e sede. O filho dela de três anos sugeria ser falta de água. Ela tentou o alimentar, mas ficou com medo.

Minha amiga explicou que eu as estava visitando e que o cachorro é carente e dramático. Pelo drama que fez, a vizinhança pensou que tinha sido abandonado, após uma ausência de 3 horas. Na festa da praça, pensava que não queria estar naquele agito e luz. A lembrança do meu cachorro me fez correr para casa sem muitas explicações.

Cheguei, comi, fumei e dormi. Hoje, acordei cedo, um tanto preguiçoso e com muitos pensamentos residuais de sonhos eróticos que tive na última noite. Na verdade, creio que os sonhos eróticos que tenho são no início da manhã, após o nascer sol. O impulso sexual é o meu despertador, que chega com imagens imaginadas de sonhos eróticos com pessoas conhecidas, portanto, parte da minha bagagem de memórias.

Existe um repertório dos atos que ocorrem no sexo sonhado. É como um filme que se repete na imaginação, mas com a troca de personagens e ações, através de um conjunto de referências mnemônicas. Li no *Danwantari*, na parte do texto sobre o jejum de sono, que (re)produzir sonhos demanda energia do corpo, pois o cérebro holográfico segue em funcionamento, porém com redução do consumo de energia exigido para o estado de vigília. Tais lampejos de impulsos imaginários da arquitetura de desejos parecem implantados como permanentes em meu corpo viciado, apesar da prática de jejum de sexo feita até agora. Apesar de permanecerem presentes, há de reconhecer a redução da atenção do meu corpo para pensamentos e ações sexuais.

Como de rotina, após acordar, defeco e tomo banho. Café, maconha e mídias. Sentado na rede, contemplo a linda vista da varanda que mira o morro da águia, mas logo, desvio o olhar para a tela do celular. Busco notificações nas redes sociais: minha irmã, minha cunhada e os dois cachorros saíram de Salvador para Ibicoara, com previsão de chegada no começo da noite. Reúno forças para sair da letargia e iniciar os trabalhos de limpeza da casa. Como uma banana grande, depois de um tempo, outra. Quando termino o trabalho doméstico, almoço comida vegana. Fumo, corto a grama do jardim, mais banana. Tomo banho, lavo pratos, espero minha irmã, que me surpreende ao gritar meu nome na porta de casa, sem a necessidade de a explicar o caminho. Pegamos todas as coisas do carro, fumamos e saímos para comer uma pizza vegetariana, com queijo e trigo.

Uma música muito alta ecoa na mesa, onde tentamos conversar sobre o futuro do IPAH. Minha irmã coloca em questão se devemos manter o CNPJ e com isso o projeto do instituto, diante do ocorrido na ilha e da dispersão da atenção e energia dos associados. Depois da pizza, tomei um sorvete e comi uma trufa de chocolate com morango, tudo com muito açúcar e leite. Não consegui terminar de comer e sinto o estomago inchado, mas sem sintomas de mal estar. Hoje comi muito, muitas bananas também.

De volta à casa, continuamos a conversar sobre o IPAH, apesar do cansaço delas por conta da viagem. Eu emiti algumas reflexões, elas mostraram outro olhar sobre a experiência. Minha síntese é simplificar as ações e estabelecer projetos para longo prazo.

Dia 12

05/11/2018 – 23h 45min.

Nada de novo. Hoje foi dia de feira. A cidade com bastante gente. Dia quente. Saí com minha irmã e cunhada para comprar suprimentos. Elas celebraram conhecer os produtos orgânicos locais, sobretudo, morango e café. Comemos palma com salsão e ficamos prostrados depois do almoço. Deitei na rede e tentei dormir, mas o cansaço resultou em letargia sem sonhos. Com os olhos fechados e o corpo deitado em pose fetal na rede, acompanho o passar do tempo em vigília, mas sem energia vital para pensar ou agir. Ainda me sinto cheio e expeli muitos gases. Li que o salsão faz uma certa limpeza, mas estranhei a reação do meu corpo a estes alimentos. Estou bem de qualquer forma.

No caminho, encontrei um amigo eslovaco na padaria, que me contou sobre sua plantação de frutas. Disse ir bem, mas espera que amadureça em três meses. Falei que gostaria de comprar, ele disse que me dará, exceto caso eu queira comprar 300 caixas de frutas. Aqui,

as pessoas dão muitos alimentos para os outros. Hoje na feira fui comprar morango e aproveitei pra pegar cenouras orgânicas pequenas. Peguei um pouco, mas o feirante botou muito mais no saco. Perguntei quanto era, ele disse que não ia me cobrar pela cenoura e continuou a encher o saco até eu pedir para parar, pois não conseguiria comer tudo e não tenho geladeira. Se tivesse, congelaria em forma de sopa.

Evito raízes, devido às recomendações do bruxo iridólogo, mas como eventualmente. Priorizo frutas e grãos, mas às vezes, como alimentos que tem leite e, raramente, os que contém ovo como ingrediente. Ou seja, é sem rigor absoluto, inclusive, permito-me comer carne a depender da experiência, mas considero algo desnecessário para sobreviver.

Existe um espectro com variação de densidade da alimentação, inclusive, entre o conjunto das carnes, no qual o peixe é a opção mais adequada dentro dos critérios que uso como referência. Sou filho e sobrinho de engenheiros de pescas, mas não como peixe há anos. Prefiro comer arroz puro. Simplificar a alimentação agiliza o processo. Por exemplo, deixar de cortar o alho e a cebola acelera o trabalho na cozinha, assim como comer frutas em natura.

Dia 13

06/11/2018 – 00h 01min.

Penso em seguir o processo de mudança da alimentação. O jejum é uma ferramenta muito interessante, que tenho deixado de praticar por períodos acima de 24h. Renunciar o alimento reeduca os impulsos desejantes da compulsão oral, assimilados pelo corpo através da prática da mastigação de sólidos. Assim, tanto a ingestão, quanto a abstenção de comida, causam efeitos sobre os fluxos de desejos e prazeres sexuais.

Hoje, pouco pensei sobre sexo, mas surgiram pensamentos a respeito que me fizeram buscar rapidamente referências simbólicas de sexo na *internet*. Contudo, o conteúdo se mostrou entediante e parti para a busca de como resolver alguns medos de potenciais encontros com animais na natureza: temo cobras e serpentes, mas quero morar no mato. Ainda guardo algum receio das aranhas, mas não creio que me impedem de habitar um espaço, pois já convivo com elas pacificamente. Certo dia na ilha do Araçari, ao cavar a terra com a mão de modo displicente, percebi uma grande quantidade de aranhas da mesma cor da terra, que se moveram sem realizar qualquer ataque, mesmo que estivessem se sentindo ameaçadas diante da minha presença monstruosa.

Entretanto, não sei como lidar com cobras. Resolvi entender melhor sobre o comportamento destes animais, que creio serem amistosos, apesar do conjunto de crenças,

implantado pelas mídias e pela ciência, que cultivam a fobia de cobras. Para minha surpresa, assisti vídeos de um nordestino que desafia a ciência através da manipulação de cobras venenosas, como a cascavel. Através de técnicas e do estudo empírico do comportamento das serpentes, um pesquisador sem formação acadêmica resgatou mais de 10.000 cobras. As cobras relaxam depois de certo tempo. Com ele, a agressividade do animal é demonstrada como forma de defesa, mas se torna amigável quando domada. A cobra aceita a presença do humano e para de agir com violência, como reação ao medo. Prefiro não ser desafiado a tirar uma cascavel de casa, mas descarto o assassinato como resposta a presença do réptil errante que se deparou com os muros da arquitetura humana. As bruxas do Hostel recomendam respeito, não medo. Eu concordo. Para superar o medo, há de confrontar o objeto da fobia.

Já vi umas seis cobras nesta vida. Estava sozinho em quase todos os casos, exceto um. Nunca houve qualquer reação de violência da parte delas, exceto num episódio da minha infância, quando uma delas estava encurralada na casa de meus pais. Não lembro o fim da cobra, deve ter sido o óbito. O vizinho de meus pais, há poucos anos, relatou o medo que sentiu quando uma cobra preta entrou na casa e se escondeu embaixo do sofá. Ele usou *sprays* tóxicos para envenenar o animal, mas o matou ao cortar o corpo da cobra. Triste ser a cobra nesse caso.

O medo do humano aciona a reação da violência com o objeto desconhecido. Estamos tão afastados da natureza que sentimos um pânico irracional ao nos depararmos com animais que se escondem com o objetivo de passarem despercebidos pela presença humana. Cobras são seres que harmonizam o ecossistema e fazem parte da linhagem de animais mais antiga do planeta, os répteis. É preciso lidar com os animais selvagens que cruzam nossos caminhos sem os exterminar. Reconexão com a natureza é parte da reprogramação descolonizatória em busca da autonomia.

Avistar aves traz ao corpo a sensação de conforto, mas cobras geram medo, apesar da beleza e sofisticação biológica que seus corpos brilhantes expressam. A cobra é símbolo do pecado para o cristianismo, enquanto a naja se enrola no pescoço de Shiva, deusa hindu da destruição do velho para a construção do novo. A cobra no pescoço significa a superação entre a vida e a morte, junto aos medos que essa transição acarreta para a consciência que habita o corpo vivo.

O medo é produto do ego, que é construído pela experiência do corpo, e aparenta dominar a consciência. A consciência que teme, é melhor definida como reatividades viciadas e automatizadas, provocadas a partir de estímulos sensoriais e cognitivos pré-concebidos por experiências arquivadas como memórias holográficas na plataforma computacional biológica do sistema neurológico. Se vejo uma cobra e sinto medo, é porque aprendi a reagir deste modo

através de um conjunto de referências simbólicas, sobretudo de fontes midiáticas audiovisuais e científicas que construíram um conjunto de crenças naturalizadas. Conjuntos de crenças, em geral, são limitantes, sobretudo, as referências que apreendemos culturalmente no século XX e XXI através do saber hegemônico. A desconstrução de conceitos e crenças é um caminho para a expansão do olhar sobre os fenômenos da vida e da morte.

Dia 14

07/11/2018 – 22h 22min.

De manhã, celebro o avanço conquistado de ontem para hoje, pois, quando acordei, lembro das sensações, desejos e pensamentos narrarem cenas de sexo românticas e pouco pornográficas, apesar dos usos genitais do corpo. Assisti aos pensamentos, como quem assiste a um filme, enquanto defecava e tomava banho após me levantar. Como de costume, a vontade passou ao longo do dia. Pensei em escrever durante todo o dia, mas algo sempre me distraía, quando não era a preguiça de relatar mais um dia. Hoje, passei o tempo sem a presença de outros humanos, minha irmã e minha cunhada viajaram para Vitória da Conquista e deixaram os dois cachorros delas aqui.

Ontem, com a saída corrida de minha irmã e sua esposa, muitas comidas restaram para eu dar conta antes de estragar. Como vivo sem geladeira, desde que comecei a morar na ilha, já não sinto falta. Contudo, alguns alimentos que deixei de consumir em casa, estragam em poucos dias sem refrigeração, como o queijo. Elas compraram um queijo grande, artesanal, feito numa fazenda de Ibicoara. É um produto muito bom, mas foi uma grande quantidade, que começava a cheirar estranho. Inventei uma lasanha de berinjela para dar fim ao queijo e funcionou bem.

Durante a manhã, comi várias unidades de banana grande e morangos, com o objetivo de consumir sem desperdício, mas alguns morangos passados foram para a plantação e algumas bananas para os pássaros. Contudo, em geral, tenho conseguido equilibrar a quantidade de comida comprada e ingerida.

Hoje, acordei sem pensamentos sexuais, esqueci sobre sonhava ao acordar, mas era um tema bastante distante de sexo. Passei o dia com poucos pensamentos sexuais, algumas breves consultas nas redes sociais de encontros homoafetivos, mas apenas por curiosidade e algumas divagações romantizadas. Contudo, agora, durante a noite, pouco antes de escrever aqui, assisti alguns filmes pornográficos.

Esta ação começou mais cedo, quando busquei fotografias subaquáticas e pensei: imagens de corpos nus em baixo d'água. A ideia era realizar uma busca artística, mas horas

mais tarde, passei a assistir outros tipos de vídeos. Alguns me mobilizaram ao ponto de eu quase desejar abandonar o jejum de sexo por um gozo imediato. Consegui controlar o impulso, mas, por um breve instante, cheguei a tocar minha genitália usando o repertório de ações colonizatórias para atingir fluxos de prazeres sexuais. Momento furtivo que já passou. Incrível a diversidade de imagens e estímulos midiáticos que encontramos no computador. Percebo que a ação de hoje, junto com o dia em que passei muitas horas nos *chats* de redes sociais para encontros homoafetivos, foram os momentos em que sintonizei com maior intensidade na frequência do sexo, desde o início dos 21 dias.

Durante o dia, senti a serenidade da ausência de desejo sexual. No início, achei o conteúdo dos vídeos entediante, mas, aos poucos, sorratamente, minha atenção foi sugada e meu estado de consciência passou a operar na busca para reproduzir o que assistia na tela, a fim de liberar o fluxo de prazer com a ejaculação espermática, parte integrante das narrativas, quando não são vídeos de compilações, integralmente dedicados ao gozo masculino.

...

Aproveitei várias bananas que estavam perto de apodrecer para fazer o melhor bolo de banana e chocolate que já consegui, com bicarbonato de sódio no lugar do fermento químico. No almoço, comi o resto da lasanha de berinjela com muito queijo e arroz vermelho, cozido com salsão e cenouras que ganhei do feirante. Além dos trabalhos domésticos que a busca pela autonomia insere no cotidiano, comecei a assistir cursos de pintura.

Minha mãe conta que, na infância, a professora do maternal a chamou para conversar sobre minhas pinturas. Mostrou os desenhos que estavam riscados com várias cores. Agora que escrevo, creio lembrar desta memória, é uma das poucas memórias vivas desta fase, talvez a única. Comecei a pintar a figura de um animal que estava delimitado por linhas pretas, provavelmente, era um coelho, pois é o animal que minha mãe cita em sua narração e é a imagem mental que se constrói deste dia, num ambiente difuso, mas com informações vívidas sobre o espaço, a forma como estávamos sentados e as mesas.

Por não atingir o resultado desejado e falta de paciência, comecei a riscar bruscamente o desenho, como um descarte sem objetivo estético. Lembro-me bem da frustração estética que motivou o ato de riscar o desenho. Eu devia ter três anos. Minha mãe conta que ela argumentou que era normal essa atitude em crianças, mas a professora mostrou os trabalhos dos meus colegas. A precisão das outras crianças para pintar detalhes, como os olhos do coelho com a cor azul, respeitando os limites das linhas, impressionou minha mãe, que diz ter se chocado com a

inaptidão que eu apresentei para a pintura, após eu ser comparado com os seres normais. Após a conversa com minha professora, minha mãe sentou comigo para me ensinar a respeitar as linhas e pintar como os demais. Creio que essa fase passou rápido, pois lembro de pintar quadros desde muito novo, quando ganhei materiais de pintura de minha madrinha e meu vizinho. Por serem materiais nobres, foram as únicas remessas que tive acesso. Gostava muito de pintar, pintava sozinho, às vezes, ficava bom, outras mediano e até ruim, mesmo para uma criança. A ausência de formação técnica em pintura, falta de estímulo educacional, dificuldade de acesso aos materiais e um abismo entre a expressão pictórica do meu eu infantil e a estética compreendida como realista, foram motivos para desiludir a vaidade do meu ego por não atingir os resultados esperados através do despedimento energético mecânico e criativo. Alguns elogios mantiveram a paixão acesa até o dia que caí da árvore de jamelão, por desejar um cacho esplêndido na ponta de um galho fino.

Todos os dias, até os dez anos de idade, subia em árvores após a escola e passava a tarde nos galhos, comendo jamelão. Sabia caminhar bem nas árvores com meu corpo leve. Quando o galho quebrou, cai por cima do braço direito, que quebrou em duas linhas de crescimento. Muitas complicações, alta chance de amputação na sala de cirurgia. Primeira fase vencida, mas havia o risco de infecção. Outra fase vencida, mas o braço provavelmente não teria movimentos ou sensibilidade. Mais uma fase vencida. Apesar das sequelas aparentes, porém pouco evidentes, a reabilitação é considerada um sucesso, que creio ainda poder melhorar. Fato é que o acidente me impôs a rotina de ir para a fisioterapia de segunda à sexta, por três anos. Nos anos seguintes, a demanda foi reduzida até o ponto em que a melhora estagnou. Quando retirei o gesso, meu braço direito estava com o cotovelo rígido e a mão paralisada em forma de garra. Para pegar uma bola de gude com o braço, eu necessitava fazer um grande esforço e sentia dor nos dedos nas primeiras sessões.

Por um tempo, foi preciso utilizar a mão esquerda para escrever. No começo, eu não conseguia, mas a necessidade me fez aprender. Aos poucos, desenvolvi a escrita com a mão esquerda, que passou a ser acelerada. A letra é diferente, mais redonda, mas era bastante legível. Não lembro de ter desenhado com essa mão, neste período. Como o exercício do movimento fino com a mão fazia parte da fisioterapia, voltei a escrever e rabiscar desenhos com a mão direita após poucos meses de reabilitação. Foi uma transição. Existiu um período que passava parte das aulas variando a escrita entre a mão esquerda e direita, até que a destreza voltou a dominar minha redação. Hoje, para readquirir a prática da escrita canhota, será necessário treinar por alguns dias para reassimilar a habilidade e aumentar a velocidade da performance gradativamente.

Desde o acidente, as ferramentas de pintura só estiveram em minhas mãos para pintar paredes com no máximo duas cores. Quando oferecem a possibilidade de realizar uma pintura ou desenho artístico, nego, pois desconfio desta habilidade manual após o trauma. Seguramente é um bloqueio psicológico, pois a capacidade motora da mão direita está quase sem prejuízo. Se não tivesse este braço, teria o esquerdo, que se também faltasse, restariam os pés, a boca, ou o ânus, para segurar o pincel. Se há desejo, não há desculpa para deixar pintar, então, resolvi estudar e, em breve, praticar.

Dia 15

08/11/2018 – 00h 55min.

Penso e pesquiso sobre o período de 21 dias para a reprogramação: é uma receita antiga, inclusive, está presente na bíblia, mas é anterior a Jesus Cristo. Na ciência, um dos pioneiros da Teoria dos 21 Dias, é o cirurgião plástico e psicólogo Maxwell Maltz³⁵. Em 1960, no livro *Psico-cibernética*, observou este fenômeno, através da mudança de percepção do corpo que sofreu plástica. Neste sentido, relatou que, para grande parte de seus pacientes, o reconhecimento da nova forma é assimilado pelo corpo a partir do vigésimo primeiro dia após a operação.

Em geral é necessário um mínimo de aproximadamente 21 dias para se efetuar qualquer mudança perceptível numa imagem mental. O paciente médio, depois de uma operação plástica, leva mais ou menos 21 dias para se acostumar às suas novas feições. Quando se amputa um braço ou uma perna, o “membro fantasma” persiste por cerca de três semanas. Estes, e muitos outros fenômenos comumente observados, tendem a mostrar que é necessário um mínimo de mais ou menos 21 dias para a velha imagem mental dissolver-se e a nova se cristalizar.³⁶

Enquanto estudo a reprogramação dos 21 dias, ocorre um desvio furtivo de atenção e consulto o *facebook*. A primeira postagem na linha do tempo, provavelmente sugerida por algoritmos que indicaram o interesse de minhas recentes buscas, era a de uma artista trans muito talentosa que lutou com um assaltante e foi esfaqueada. Apesar de ter sido bastante machucada, sobreviveu para contar a história.

Hoje completam 21 dias desde que ocorreu o conflito sangrento. Mesmo com a dificuldade do trauma após a queda, esta artista trans se levantou da rasteira e renasceu com pensamentos conectados com a vibração da paz e do amor. Em seu texto, compartilhou a

³⁵ MALTZ, Maxwell. *Psico-cibernética*. México: Herrero Hermanos Sucesores, SA, 1960.

³⁶ *Ibid.*, p. 10.

assimilação da reprogramação neurológica, que deve continuar para sempre avançar e nunca retroceder. Contudo, uma experiência de reprogramação de 21 dias implanta resultados perenes, devido à aprendizagem por meio da experiência. O conhecimento pode adormecer, mas a potência da memória apreendida permanece latente. Sobretudo, quando há traumas, sensações e emoções intensas durante o processo. Através de holografias, a memória celular arquiva as experiências percebidas pelo corpo, que observa os fenômenos do mundo por meio das biotecnologias cognitivas e sensitivas.

...

14h 50min. Até agora só tomei café, água, comi muito bolo de banana e fumei. Alimentei os animais, plantei trevos lilás e uma espada de Oxóssi que meus pais enviaram de Salvador. Eles ainda cuidam bastante de mim, mesmo com a distância física entre nós. Depois que sai da ilha e me separei, praticamente, fiquei sem posses. Eles montaram um conjunto de cozinha, que eu precisava reiterar, a todo momento, o risco do excesso.

Muitos objetos que tenho hoje são provenientes do excesso da casa de parentes e amigos. As roupas são as mesmas que uso há seis anos. Ainda me servem e são muitas, mais do que eu preciso. Meu pai construiu uma mesa incrível para eu escrever no computador sentado no chão. Além disso, consertou portas, registro de encanamento e um sifão. Minha mãe me ajudou a limpar e, agora, estou devidamente instalado numa casa incrível na frente da montanha da água. Para muitos, faltam coisas na casa. Não tenho cama, pois durmo na rede; não tenho geladeira, nem máquina de lavar roupas, ou cadeiras. Ainda assim, considero uma vida de abundância, pois não sinto faltas.

Observar os fenômenos do corpo e escrever diariamente evidencia a programação dos pensamentos e ações praticadas cotidianamente. Desde que localizei a expressão do desejo sexual, predominantemente, durante a transição entre o despertar do mundo de *tamas* para a vigília do reino de *rajas*, observo as imagens dos sonhos que acompanham os últimos minutos antes de me levantar. Hoje, sonhava sobre engenharia de asa deltas. No dia anterior, em que disse não lembrar sobre o que sonhava, recordei imagens oníricas de criações de veículos para locomoção em terra. Não tenho certeza sobre o dia anterior, mas hoje, sei que sonhava sobre tecnologias de transporte aéreo.

Para mim, é frequente sonhar que estou voando. Inclusive, havia um período que confundia alguns voos com a realidade, devido a intensidade sensorial experimentada no sonho que não era lúcido. A única vez que tive um sonho lúcido, despertei com medo, pois não

compreendia os fenômenos que desobedeciam às leis da física diante dos meus olhos. Nesta ocasião, eu estava num apartamento na França, na cidade de Marseille. Após comer e fumar um cigarro de tabaco com haxixe marroquino, cochilei e despertei ao ativar a racionalidade durante o sonho lúcido. Talvez o haxixe tenha criado uma conexão entre estas dimensões da consciência, infelizmente, o medo não me permitiu viajar nas informações que estariam por vir. Lembro de alertar às projeções holográficas de amigos que estavam presentes no sonho lúcido sobre a estranheza dos acontecimentos oníricos: vocês não percebem? – questionava-lhes insistentemente, enquanto eles tentavam me tranquilizar para desfrutar da experiência. Contudo, o medo me cegou. Quando avistei o pouso de uma nave na quadra de esportes do condomínio de minha mãe, acordei num salto.

Considero os sonhos um fenômeno muito interessante, mas retenho pouca memória em relação aos acontecimentos oníricos. Alguns usuários de maconha afirmam que a abstinência do THC gera mais recordações dos sonhos. É provável. Tenho experiências pessoais que validam esta afirmação. Vou me propor a fazer um jejum de 21 de maconha, para isolar a substância e observar os efeitos na percepção em vigília e nos sonhos, pois esta abstinência é adequada durante outros propósitos, como o jejum de alimentos sólidos ou líquidos. A maconha é uma substância proporcional ao café e às mídias.

Diante do impacto das mídias na expressão dos desejos, sejam sexuais, alimentares, ou de consumo em geral, o jejum midiático é uma importante ferramenta de reprogramação descolonizatória na esfera micropolítica. Penso em inserir até o fim do jejum de 21 dias de sexo, que está em execução agora, a exclusão de conteúdos pornográficos. A ideia é reprogramar as referências simbólicas de prazer. Creio poder aperfeiçoar o processo de jejum de sexo, mas estou obediente ao propósito de não ejacular e reduzir ao máximo as ações e pensamentos direcionados ao prazer sexual, sobretudo, no sentido apreendido pelas mídias industrializadas, que incorporam discursos machistas de controle e poder biopolítico sobre os corpos.

Dia 16

09/11/2018.

Ontem à noite, minha irmã e minha cunhada voltaram de Vitória da Conquista com pizza e um suco de morango orgânico muito doce. Talvez, o melhor que já tomei. Comi dois pedaços de pizza com uma pasta de grãos germinados que fiz. Hoje, comi mais um pouco de pizza, chimango com essa pasta e à noite, saímos para jantar fora. Pedimos um espaguete com muito alho, batata frita e tomamos duas cervejas. O volume de comida era tão grande que

trouxemos três quentinhas pra casa com os restos do jantar. Eu mal consegui comer e não gostaria de ter que comer outra vez. Talvez tenhamos que doar essa comida amanhã. Em outros períodos da minha vida, as mudanças temporárias de alimentação, devido aos hábitos dos visitantes, seriam episódios positivos, mas, ainda que sejam comidas vegetarianas muito saborosas, não as considero saudáveis. Contudo, desfruto de tais momentos sem queixas, atento aos aspectos positivos da experiência.

Hoje, acordamos, ficamos pela manhã em casa conversando. Ao meio dia, saímos para almoçar no restaurante do suco de morango orgânico. Muito gostoso, preço razoável. Depois, levei as meninas para conhecer algumas partes de Ibicoara menos urbanizadas, mas nos mantivemos em áreas próximas às estradas. Quando caminhamos nas trilhas a pé, aventuramos na natureza selvagem, mas antes, passamos por rodovias e plantações, até chegar em paisagens inabitadas.

Hoje, permanecemos perto das estradas, em busca de casas, pois vou me mudar daqui a dois meses. Encontramos lugares lindos, mas nada concreto. Atravessamos uma plantação de maracujá, colhi alguns frutos que couberam nas mãos, enquanto minha irmã manuseia alguns cristais que cobrem o solo da região. Voltamos para o carro e fomos ao Hostel das amigas bruxas. Além de gestoras do Hostel, são educadoras na escola infantil de Ibicoara.

Quando chegamos ao Hostel, descobrimos que elas estavam no trabalho da escola municipal. Porém, uma conhecida bruxa de Vitória da Conquista, alquimista das essências naturais perfumadas, estava lá com uma amiga cantora. Conversamos um pouco, ela esperava a massagem rowlfianiana de um bruxo local que estava para chegar. Amanhã, partirão para Igatu, com o objetivo de participar de um mutirão de implantação de um sistema agroflorestal (SAF).

Saímos do Hostel com a proposta de fazer uma fogueira a noite e beber vinho. No mercado, compramos vinho, papel higiênico, chimango e sabonete. Em direção a nossa casa em Ibicoara, resolvemos seguir a rua para ver se encontrávamos outra casa para alugar. Confesso que a busca era uma mistura de interesse em alugar uma casa pronta, com o desejo de comprar um terreno espaçoso para plantar e construir uma casa perto da natureza. Paramos o carro em frente a uma unidade de saúde com emergência que eu nem sabia que havia em Ibicoara. Perguntamos para uma senhora se ela sabia de algum aluguel naquela rua, onde quase todas as casas tinham vista para as montanhas. Ela disse que não sabia, mas lembrou da casa da mãe de um rapaz que esqueci o nome.

Não procuramos por tais indicações, continuamos a caminhar a pé e chegamos numa rua, onde senti a plena convicção de que eu encontraria a casa precisa. A rua é de frente para uma fenda nas montanhas, que descobrimos ter cachoeiras formadas pelo rio Preto.

Perguntamos para um senhor que estava na porta, se sabia de alguma casa para lugar. Ele negou, mas disse que tinha uma para vender. Afirmar o interesse em conhecer.

Próximo ao local onde este senhor mora, ele nos mostrou um terreno de 200 m², com um pouco da vista e uma casa pela metade, sem telhado, em construção parada. Depois, indicou que a vizinha também tinha um terreno pra vender. Ela nos recebeu gentilmente e disse que deseja alugar a casa, pois iria passar um tempo em Praia Grande (SP) para trabalhar como cozinheira, pois é analfabeta e não conseguiria passar num concurso da prefeitura. Meu coração apertou, gostaria de poder alfabetizar esta Maria, mãe de alguns filhos, mas que mora só. Ela afirmou ter outra casa para quando vier visitar os familiares que possuem roça.

Além da casa que pretende alugar ou vender, Dona Maria também deseja vender uma casa com uma construção de blocos de adobe paralisada. A vista desta última opção é linda e muito privilegiada. Na hora, queria comprar tudo, mas me contentei em alugar a casa dela por 200 reais. É uma casa simples, humilde, mas tem um pequeno jardim no fundo e é bem próxima da cidade, com uma vista linda para os lajedos de pedras das montanhas, além de ser perto de cachoeiras que ainda não conheço. A casa precisa de intervenções e melhorias, mas está habitada, pois ela mora lá. A moradia é boa, mas o luxo, neste caso, possui outro conjunto de referências. Confirmei a proposta de aluguel, emocionado com o valor, a vista e todos os demais elementos, como localização, estrutura, e a sincronidade de a encontrar hoje, no momento preciso em que está a vagar.

Na saída, subimos a ladeira entre conversas sobre o ocorrido, nas quais confirmo que foi uma boa escolha alugar essa casa. No caminho, um senhor com uma tipoia improvisada no braço direito, abordou-nos para saber se queríamos comprar um terreno. Ao confirmarmos o interesse, ofereceu várias possibilidades: grandes, pequenos, no pé da montanha. As opções alcançam meus sonhos, mas o preço é alto para a minha atual realidade. Também questiono se devo me fixar num lugar e comprar terreno, casa, carro, ou se me mantenho livre, leve e nômade. As duas opções soam felizes!

Dia 17

10/11/2018 (escrito em 11/11/2018):

Ontem, passei o dia pensando sem escrever, mas fiquei entretido nas conversas com minha irmã e minha cunhada. Minha irmã dedica a maior parte do dia para olhar a tela do computador, na sede por trabalho, hábito quisto pela sociedade e cultura que fazemos parte. Muito tempo do meu dia foi dedicado ao pensamento obsessivo em relação à nova moradia,

para onde irei me mudar em janeiro: planejei a ocupação da casa e a plantação, desenhei a planta da casa, da forma como lembrava; cortei garrafas para fazer vasos e mapeei as plantas do jardim para levar.

Almoço quase vegano, com uma fatia fina de queijo defumado. Tenho comido em maior quantidade, durante os dias que estou com visitantes em casa. Também modifico bastante os ingredientes, apesar de sentir aversão ao gosto forte do alho e da cebola, ou do ovo. A compulsão oral me traz o desafio de negar o desejo, que, geralmente, acolho, até que se dissolva com o rompimento do hábito de consumo.

À noite, tomamos um vinho, aberto com um saca-rolhas artesanal, improvisado com tubo de PVC e parafuso, construído por minha irmã. Fizemos um bolo gigante de chocolate com banana, sem açúcar, sem glúten e sem fermento, para conseguir dar conta das bananas, mas ainda persiste a última dúzia. Embriagado de álcool, maconha e bolo, assisto breves minutos da final de vôlei e durmo, umas 23h, com a luz acesa até pouco antes de 2h da manhã, quando acordo e não consigo voltar a dormir.

Ao acordar, passo a produzir imagens de potências parceiros amorosos-sexuais para o pós-jejum. É como se fosse uma interpretação de um impulso vital para transicionar da letargia do sono (*tamas*) para o alerta do estado de vigília (*rajas*). A energia sexual é considerada *sattva* pela filosofia hindu, portanto, a mais sutil e elevada do espectro. O sexo, quando distorcido pela paixão e a posse, deixa de ser *sattva* e passa a fluir em *tamas*, mas pode chegar a *rajas*, a depender da densidade da energia em trânsito. Sem atribuir qualquer juízo de valor entre tais aspectos do espectro de energia, explicada por meio da fonte de conhecimento oriental, busco a sutileza *sattva*, pois prefiro os resultados físicos, emocionais e psicológicos de uma faixa vibratória.

Neste dia, antes de dormir, ocorreram poucas manifestações de pensamentos relacionados à sexo, apesar da sorradeira e constante confabulação imaginária de narrativas romantizadas com determinadas personas inseridas em meu repertório mnemônico. Entretanto, as imagens produzidas recentemente, aproximam-se mais dos ideais românticos da minha infância e pré-adolescência do que das referências pornográficas que regaram minha juventude e vida adulta, por meio de explosões hormonais que resultaram em pensamentos, emoções e ações autômatas.

Dia 18

11/11/2018.

São várias coisas. Cotidianamente, passo o dia pensando sequências de palavras como se eu as fosse escrever. Provavelmente, esqueço a maior parte do que penso ou não. Fico muitas horas de frente para o computador, por motivos diversos: trabalho, entretenimento, compras, comunicação social.

Contudo, evito o computador a fim de passar grande parte do dia mergulhado em meus próprios pensamentos. Eventualmente, absorvo palavras que, além das sensações, reivindicam a lógica e a razão. Ler livros e outros textos científicos na *internet* é uma atividade ordinária em minha experiência cotidiana. Li bastante textos em minha vida, pois estudo formalmente desde os 3 anos. Estou com 30. 27 anos de malhação científica e o resultado mais honroso são as perguntas que encontro no caminho e não as respostas, que frustram, pois explicam os fenômenos através de traduções simbólicas, geralmente, apalavradas, numéricas, gestuais ou pictóricas. No entanto, música, a harmonização melódica das ondas sonoras, sem uso de letra, é uma expressão da existência em menor recorrência entre os humanos, se comparado aos demais suportes de enunciação, citados anteriormente.

Independente do estímulo e exigência sociocultural para que o humano-máquina atinja o máximo da produtividade lógica e racional, as outras fontes de saber estão permanentemente acessíveis através da experiência sensível e criativa. O ato de pensar sem compromisso é geralmente acompanhado de culpa em meu corpo programado para servir. Entretanto, refletir sobre si mesmo, através das vozes mentais e das imagens que faíscam em divagação, é uma janela para o autoconhecimento. A porta ainda não se revelou. Como creio nas teorias científicas do observador, por este motivo, a solidude me atrai, pois estou sem observadores, colapsadores de partículas materiais; acompanhado apenas por minha auto-observação e as inteligências imperceptíveis, mas que observam a existência do meu corpo material colapsado. Assim, creio ampliar o espectro de projeções da realidade percebida, ao reduzir, gradativamente, o aspecto corpuscular para sintonizar à expressão de onda, presente em todo corpo denso.

O gradativo adensamento energético para a formação de moléculas, abandona o imanente padrão de interferência. Ao formar a rede celular do corpo humano, a expressão de onda pode ser considerada próxima à zero, porém é improvável ser zero absoluto, pois a matéria-prima que compõe o corpo material possui comportamento dual de onda e partícula, quando observada isoladamente.

A pergunta que persiste é: quem observa o observador em solitude, que sente a própria presença corpuscular do corpo, colapsado em seu aspecto de onda, por meio de uma consciência invisível? Se a consciência não está sediada no corpo material, onde está? Do que é formada a consciência? A solitude é um meio efetivo de colapsar a dualidade onda-partícula do meu corpo material?

Para mim, faz sentido estar sem observadores. Inclusive, tive que treinar a reação de desviar o olhar dos olhos de quem conversa comigo. Hoje, ainda me esforço para olhar nos olhos do outro. Desviar a vista do olhar alheio é uma reação comum, mas algumas pessoas invertem tal reação por meio das expressões culturais, ou outros treinamentos ao longo da vida. Muitos autistas também possuem dificuldade para mirar faces e olhos.

É certo que o hábito facilita o acesso à determinadas expressões das personalidades que se tornam automatizadas por meio da rotina. Por este motivo, a impermanência de ações cotidianas atrai o propósito da reprogramação descolonizatória, por provocar a desestruturação das expressões arquitetadas pelo ego. Assim, como os insetos que abandonam o antigo exoesqueleto, sou um corpo com múltiplas personalidades mutantes, ativadas como meio de adaptação ao ambiente (natural, social e cultural). Ao mesmo tempo, a incerteza sobre o devir assusta e, por vezes, paralisa meu corpo e meus pensamentos, silencia minhas habilidades comunicativas. Em direção aos medos, é o caminho a seguir, mas é constrangedor este aspecto da paralisia comunicacional, provocada por vergonha, ou seja, vaidade do ego, que rejeita o fracasso.

...

Hoje, estranhamente, despertei antes das 2h da manhã. Demorei um tempo na cama, olhei o computador, as redes sociais, levantei quando a bateria acabou, defeguei, tomei banho e fui para a cozinha passar um café. 4h, ainda está escuro, tomo o café preto, sem açúcar. Defeco outra vez. Fecho um baseado e vou para a rede da varanda olhar o nascer do sol nublado e chuvoso das montanhas. Hoje acordei com desejos sexuais. Diante do que era costume, o impulso é muito mais suave, mas ainda presente. Às vezes, parece que meu ego está contando as horas para concluir a meta dos 21 dias, apenas com o objetivo de vencer o desafio, para voltar a agir conforme o programa vicioso de sexo pornográfico. Ao mesmo tempo, desejo ter prazer nos próximos dias de abstinência, sem alimentar os pensamentos sexuais, a fim de que este impulso, por vezes, incontrolável, seja ressignificado em minhas potenciais futuras experiências.

Diante deste período de jejum de sexo, que foi precedido por práticas de menor duração, há 3 meses, meu corpo aparenta, a priori, uma inadequação à vida celibatária. Chegar aos 21 dias de ausência de uma prática cotidiana viciada é o preciso para a reprogramação neurológica. Agora, permaneço com desejos sexuais, principalmente, psicológicos. Apesar de haver maior controle dos pensamentos e abstenção do ato ejaculatório, a suavização da expressão sexual não é sinônimo de ausência impulsos. Ainda não é assim, mas creio que se esse for o meu desejo, sou capaz de programar meu corpo para atingir este objetivo, contudo, desconfio que a abstenção dos prazeres materiais não seja o propósito da minha experiência na Terra. Contudo, simultaneamente, sou seduzido pela possibilidade de viver sem os vícios carnis.

...

Hoje choveu bastante, quase o dia todo. Agora, chove. É linda a chuva suave da montanha que deixa a paisagem esfumada. Apesar do tempo molhado, minha cunhada insistiu em ir para a cachoeira. Saímos para o Licuri antes do meio dia. No caminho, passamos por uma lanchonete e paramos para comer risoles de queijo. Em seguida, fomos à padaria e compramos alguns alimentos para levar.

Quando estávamos na estrada, em direção à trilha para a cachoeira, o carro velho de minha irmã soltou o escapamento, que começou a arrastar no chão, enquanto atravessávamos riachos e poças, até chegar na fazenda de um casal de bruxos anciões que cuidam da trilha e da cachoeira. Cada visitante paga uma taxa simbólica, mas o espaço oferece também o serviço de camping e restaurante caseiro, por encomenda.

Encomendamos várias coxinhas com recheio de palmito de jaca, para comer no retorno da trilha, enquanto minha irmã apertava os parafusos com as ferramentas e o arame emprestado pelo bruxo ancião, que gentilmente, narrava histórias autobiográficas: conta que caminhava 30km com os irmãos para chegar na cidade de Iramaia, carregando o peso das mercadorias para vender na feira. Depois, voltava carregando o peso dos suprimentos complementares. Disse que era tranquilo, costumeiro, mas que levava bastante tempo. Um dos irmãos era o mais forte e rápido, sempre ganhava as apostas que faziam entre eles.

Carro consertado, coxinha encomendada, descemos a trilha, que passa por uma grande rede elétrica. Aqui tem muita eletricidade por conta do agronegócio, vemos as paisagens das montanhas cortadas por torres e fios. Se eu pudesse escolher, utilizaria outra solução, pois é uma interferência no meio ambiente muito agressiva. Após apenas 1km de caminhada,

chegamos na linda cachoeira do Licuri com o tempo nublado e chovendo, contudo, nenhum destes fatores é capaz de reduzir a beleza e o encantamento do lugar.

Conversamos, lanchamos, tiramos fotos, fumamos, contemplamos. Minha irmã se encolhia nos cantos das árvores para se proteger das gotas, enquanto eu mantenho o hábito de sempre positivar as ocorrências. Ela brincou dizendo que no maravilhoso mundo da Poliana, tudo está sempre bom, sempre há algo para agradecer pelo olhar romantizado. Eu respondi que é o que há, que faz parte da minha CNTP (Condições Normais de Temperatura e Pressão). Ela riu, pois não associou a sigla às aulas de física da escola, e disse que no futuro, as pessoas não vão entender o que eu falo, que vai aconselhar a me desconsiderarem.

Foi bom, engraçado, ficamos felizes e molhados. Na hora das fotos, caminhamos pelas pedras e percebemos vários resíduos plásticos e latas de cerveja, deixadas na beira do rio. Como alguém tem coragem de descartar um objeto que vai permanecer naquela paisagem natural magnífica por milhões de anos, caso não ocorra a intervenção de outros humanos? É ignorância ou descuido com a natureza? Eu ia recolher, mas desviei a atenção para tirar as fotos e saímos do local sem resolver a questão dos resíduos deixados por turistas mal-educados. Sei que os cuidadores do local irão recolher, pois fazem a manutenção do espaço, mas é algo desnecessário, que desobedece a humilde placa que orienta os visitantes a levar o lixo de volta. Algo que deveria ser internalizado no ser humano, mas muitos ignoram esta gentileza com o meio ambiente e os demais seres que compartilham o espaço.

Voltamos, eu queria andar rápido, mas as meninas se cansavam com a subida e aproveitavam pra fotografar a paisagem e fazer *selfies*. Eu acompanhei por um tempo, mas logo, decidi adiantar a subida e esperei tranquilamente na sombra, por uns 8 minutos, até que me alcançassem. Seguimos para a casa dos bruxos anciões que cuidam da cachoeira. Comemos as coxinhas de jaca com suco de maracujá da horta. Após uma longa prosa boa, voltamos para Ibicoara. No caminho, paramos na cidade para apertar o parafuso, desta vez, de modo definitivo.

Outro nativo me ofereceu terreno enquanto consertávamos o carro. Há muitos chegantes capitalizados e muitos nativos interessados em trocar seus recursos por dinheiro. Uma cena bastante parecida com outros paraísos invadidos pelo turismo. Aqui, ainda é indefinido o futuro da cidade, mas a expansão é latente, muitas casas em construção, obras inacabadas, pessoas de outras cidades, estados, países.

Por fim, hoje, anunciamos a venda da ilha na *olx*. É uma decisão bastante relevante, que mexe com muitas questões afetivas. *Alea jacta est* (a sorte está lançada).

Dia 19 e 20

11/11/2018 - 03:33.

Hoje ainda é ontem para mim, como não dormi, o dia ainda não acabou. A fronteira entre um dia e o outro, entre passado e futuro, através da experiência presente, é artificial: como toda fronteira, é criada pela lógica racional humana, que distingue os fenômenos percebidos pelo corpo para identificar a si e ao outro como objetos separados. Da mesma forma, o corpo humano realiza a noção de tempo cronológico e espaço tridimensional, através das narrativas lineares. Mas poderia ser de outra forma: entre as infinitas probabilidades, estamos atados a esta realidade.

São 04h 34min. Não tenho sono, mas posso descansar. Vou fazer um breve relato sobre o dia, a noite e o dia, desde que despertei até agora. Dormi tarde, umas 2h da manhã, levantei às 10h. Ritual matinal: fezes, banho, saio em direção ao café e encontro minha irmã, minha cunhada, os dois cachorros e um amigo nosso agrofloresteiro que mora em Conquista, mas comprou uma fazenda linda aqui, com cachoeira no terreno. Conversei um pouco, ele bateu o pé na quina da mesa e se machucou na hora de me cumprimentar, lamentamos, mas passou. Abraço sincero.

Saio para a feira para pegar algumas frutas e legumes rapidamente. Cheguei próximo ao meio dia, já estava com poucas coisas, mas consegui mais do que o suficiente entre os produtores locais de agricultura familiar. Voltei para casa e continuamos a conversar enquanto tomamos mais café. Nosso amigo agrofloresteiro contou que vendeu o carro, por isso, veio de Conquista para Ibicoara de caminhão. É um rapaz com muita atitude. Ele partiu às 13h, sem almoçar, mas alimentado com lanches. Sua meta do dia era mobilizar a abertura de uma trilha, desde seu terreno até a cachoeira do buracão, um dos espetáculos da natureza mais incríveis, magníficos e impactantes, que já tive a honra de sentir com meu corpo.

Começamos a cozinhar, fizemos duas comidas, pois eu não estava disposto a comer alho, cebola, trigo e queijo e minha irmã e sua esposa queriam macarrão. Uma situação tranquila, já fazemos isso há anos, sobretudo, quando está presente uma das dissidentes do bando que morou conosco na ilha e é celíaca. Depois do almoço, saímos para comprar café para elas levarem como lembrança. Visitamos Dona Maria, na casa que vou morar a partir de janeiro. Foi uma visita boa, a casa me pareceu maior e mais confortável dessa vez. Ela contou um pouco mais sobre a história de sua vida e dos seus filhos; confessou que quando se sente solitária, senta numa pedra em frente à sua casa para contemplar a paisagem. Sábia analfabeta Maria.

O dia começa a raiar com tons roxos, rosas, lilás e azul escuro. São 04h 48min, vou parar de olhar para a tela do computador para fazer como Dona Maria.

...

12h 18min. Levanto para urinar com o quarto iluminado pelo sol. Ligo o computador e leio a seguinte frase no livro “o paraíso é aqui”, de Murillo Nunes de Azevedo: “Não se intimidem com rótulos: eles causam a separação do que é uno, e isto é uma das grandes causas do sofrimento humano.”³⁷

Logo, pela primeira vez, pensei no termo “separação frontispícia”. Nunca antes, sequer havia falado ou escrito frontispício, que inclusive, é um termo utilizado neste livro de Azevedo. Talvez não seja clara a origem dessa memória, mas me ocorreu e gostei. O termo se refere à parte frontal de uma construção arquitetônica ou o rosto e a fisionomia de alguém. Neste sentido, quando me refiro à aparência física dos corpos, o conceito “frontispício” exprime ambos os significados simultaneamente: expressa a ideia das máscaras que velam a essência interior do ser, que é uno (unidade do infinito), mas compõe beleza na variação dos fenômenos existenciais.

A desidentificação do ego é um caminho para dissolver a aparência ilusória da percepção do reino de *Maya*, que gera a sensação de corpo individualizado; ou seja, para a integração da subjetividade senciente com o todo, sugere-se a desconstrução do Eu em relação ao mundo. Através dos ensinamentos budistas, o livro de Azevedo contempla muitas teses que assimilo em minha pesquisa por meio das teorias quânticas.

...

18h 36min. Creio que passei 6 horas dedicadas às conversas vagas nos aplicativos para encontros homoafetivos. Até agora, só encontrei uma pessoa na cidade que estou: um homem cis de 55 anos, totalmente enrustido, nem foto mandou. A busca não é por sexo, é uma mistura de vaidade ao ser curtido, junto com a curiosidade de saber quem são as pessoas por trás das fotos sem rosto, suas vontades, desejos, conflitos, culpas e medos de serem quem são.

³⁷ NUNES, Murillo Azevedo. **O paraíso é aqui**. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 1997, p. 9.

Dia 21

14/11/18.

12h 38min. Sinto fome, pois despertei às 7h e só ingeri uma banana, café, maconha e mídias. O fervor da troca de mensagens de ontem se apagou com a noite bem dormida na rede. Acordei sem vontade de... Vou comer, depois escrevo.

...

13h 54min: A ronda das 8 águias que desapareceram no morro d'águia.

Já se foram as 8 águias negras que, em círculos, voam ao plainar das asas. Num instante do aqui e agora, saem da vista frontal. Hoje estou muito diferente de ontem. Ontem foi um dia distinto de muitos outros que o antecedem. A compulsão por trocar mensagens escritas, áudios e fotos com desconhecidos homoafetivos gerou uma ressaca matinal, devido aos resquícios de informações acumulados na madrugada.

14h 04min. Tenho 04 notificações no programa para encontros. Ia relatar o que estaria escrito nestes chamados, mas a bateria do celular acabou e a tela apagou. Ainda bem! Não quero acessar este tipo de conteúdo. Enjoei, é como uma ressaca. Sinto que me embriaguei deste tipo de cultura sexual cibernética. Quando menos esperava, entre conversas padronizadas que, após longo período de prática, curiosidade e entretenimento, invertem ao tédio ou ao vício.

Ao fim das horas dedicadas aos diálogos no aplicativo, encontro um morador do Capão que não perguntei a idade, mas tem mais de 30, talvez 40. Seu nome no programa era “Tantra”. Puxei conversa sobre a filosofia tântrica e falei sobre o jejum de sexo que eu estou fazendo. Fui presenteado com uma aula de conceitos e práticas que o saber tântrico revela, inclusive, sobre a relação com a genitália e a ejaculação durante a abstinência. Foi ótimo este diálogo, estou muito curioso para mergulhar neste saber. Inclusive, penso em prolongar a abstinência, pois não encontrei um parceiro sexual que eu esteja disposto a me relacionar. Em geral, estou pouco disposto a me relacionar. Passo dias sozinho, sem desejar a presença de visitantes, sobretudo, de surpresa. Só desejo receber amigos e familiares que respeitem quem realmente sou, pois, em casa, tento me despir das máscaras frontispícias, apesar de muitas camadas permanecerem intactas durante a solitude. O outro meio de interromper o jejum de sexo é a masturbação, que pode até acontecer, mas, se possível, prefiro que esteja relacionada a algum exercício tântrico, sem ejaculação, com orgasmos secos e múltiplos. Contudo, parece-me prudente evitar estimular

esta potência até fortalecer o autocontrole da energia sexual, através da abstinência, com o propósito de viver sem a necessidade de me relacionar sexualmente, algo considerado uma expressão natural, mas que é, em amplo espectro, culturalmente construído. Não desejo com esta afirmação, riscar uma fronteira conceitual entre o orgânico e o artificial, apenas, sublinho o biopoder e o controle colonizatório da fabricação e expressão dos corpos e egos, por meio das referências simbólicas socialmente apreendidas, através das experiências comunicativas mnemônicas.

As mensagens no aplicativo estavam lidas integralmente, antes do telefone desligar. São muitas trocas, mas cessei a busca, restou-me disparar gentilezas para amenizar algumas proposições estimulantes que inflamei ontem. É interessante observar as minhas expressões e impressões em relação aos meus desejos e o dos outros: há muitas narrativas de fluxos de prazer que enriquecem a criatividade. Hoje, definitivamente, é um dos dias que despertei com o fluxo de desejos sexuais mais brandos, enquanto ontem, foi um dos dias mais intensos destes 21 dias de jejum de sexo. Sinto que esta ampla variação se trata de um colapso do meu corpo, que expeliu os resíduos de tais pensamentos e desejos associados às práticas sexuais, sobretudo, as práticas sexuais colonizatórias pornográficas. O tantra é uma filosofia que ainda me atrai, contudo, sigo absolutamente surpreso com os efeitos do jejum de sexo sobre o fluxo de energia e emoções.

Como hoje não estou interessado em conversas sexuais pela internet, resolvi me entreter com alguns clássicos da música, logo, busquei no *youtube*, crianças cantando em programas de talentos, transmitidos pela televisão. Meus olhos se enchem de lágrimas, o nariz escorre, sinto vontade de soluçar durante o choro travado: homens não choram. Mas eu chorei, chorei muito!

Creio que todos os homossexuais aparentes, ou seja, que não conseguem se esconder no armário, seja por vontade de se libertar ou porque não conseguem disfarçar o desvio de conduta dentro de uma sociedade compulsoriamente heteronormativa, já foram violentados por humanos que reprimem a livre expressão do corpo do outro. Eu fui mais de uma vez, por pessoas que me amam, inclusive. Esse rechaço é um silenciamento da livre expressão dos corpos fluidos desviantes, que adaptam a aparência frontispícia para refletir o entorno e, assim, camuflar-se na multidão de corpos; ou adotam a solidude ou a solidão. É complexo não poder expressar quem se é por motivo de medo ou culpa, mas é comum entre os humanos em sociedade, quase, uma condição generalizada. Quase, pois tenho esperança de que há quem escape desta generalização e esteja plenamente satisfeito aqui e agora.

Espero um dia, ser fugitivo da CNTP terrestre para sentir, perceber e expressar o que, de fato, sou: luz e o todo. Entretanto, honro a capacidade de conexão com o mundo físico da lógica racional adensada, que constrói, coletivamente, a realidade ilusória do atual sistema humano egocêntrico.

Como estou sossegado vigésimo primeiro dia do jejum, penso em seguir em abstinência sexual não compulsória. De certa forma, senti a obrigação de superar os 21 dias de jejum de sexo. Tal propósito compulsivo e compulsório gerou consequências no processo. Quero seguir além da contagem mínima para a reprogramação neurológica, mas com a possibilidade de interromper o jejum a qualquer momento.

Ao lado desta continuidade da abstinência de sexo, pretendo iniciar o jejum de 21 dias de outro hábito viciado: maconha. Nesta perspectiva, isolarei a substância durante a prática, assim, sou permitido ingerir qualquer substância psicoativa, pois devo apenas renunciar à canabis.

Amanhã, pretendo realizar um jejum que inclui sólidos, líquidos, pessoas, mídias, palavras, sexo e do máximo de outros fatores que eu conseguir renunciar durante as 24h que virão a partir da manhã do dia seguinte. Por este motivo, não escreverei amanhã sobre amanhã. Farei um relato no dia seguinte, pois meu único contato com mídias será com o celular pela manhã e à noite, quando enviarei uma mensagem para minha mãe para informar que estou vivo, pois se trata de uma exigência que a deixa tranquila e não vejo necessidade de descumprir este acordo familiar. Creio que não comprometerá a experiência. Agora me despeço do texto. Se houver impulso para escrever mais tarde, sigo, caso contrário, ingerir e expelir palavras será uma prática que retornarei a realizar a partir do 23 dia de jejum de sexo (com a exceção pontual das mensagens maternas).

Dia 22

15/11/2018 – 22h 32min.

O plano idealizado para o dia de hoje fracassou de modo triunfante. Por este motivo, escrevo logo após encerrar o ciclo do jejum de 21 dias sem sexo. Despertei cedo, mas preferi não levantar já que seria um dia de jejum de tudo o que fosse possível. Passadas umas 2h horas de letargia e cochilos, decido levantar para urinar e defecar. Tomei banho e peguei o celular para avisar minha mãe que estou bem, ação que ela quer implantar como hábito, pois passei muito tempo sem celular e sou pouco disponível para usar o aparelho, pelo menos, era.

Hoje, consumi bastante informação na tela digital. Mil mensagens no aplicativo, começo a ver sem interesse, apenas leio por curiosidade. O conflito mental se estabelece: até que horas vou ficar de jejum? Minha compulsão oral grita por café e fumo. Bebo água, trabalho no jardim, cuido do tomateiro, amarro para orientar o crescimento dos ramos, corto a grama, varro a casa, lavo os pratos, como uma banana da terra crua e passo uma xícara de café após o meio dia. Faço um baseado e vou para a tela do celular, onde recebo uma enxurrada de mensagens.

Trata-se de uma espécie de jogo digital: as fases dos diálogos são os usuários que acessam por mérito da ação desprendia, ou seja, troca-se qualquer tipo de informação verbal e audiovisual, além de potenciais encontros físicos. Encontrei um rapaz aparentemente bonito, numa foto embaçada. Ele é advogado, noivo de uma mulher cis, então pede sigilo. Não me informou o nome, nem enviou uma foto nítida do rosto. Prometeu mostrar em outro programa de videoconferência. Passei horas entretido num diálogo com ele sobre o jejum de sexo.

No outro dia, consegui trocar informações interessantes com outro usuário do programa e, hoje, encontrei esse rapaz virtualmente. Ele também possuía experiência e conhecimento sobre a abstinência espermática. Conversamos sobre a tese através da digitação no teclado do celular, uma ação muito trabalhosa, que exige tempo, mas o diálogo aconteceu. Foi ótimo! Ele respeitou meu processo, mas lançou algumas provocações sensuais que me envolveram. Entrei por um breve instante nesta frequência, senti meu corpo vibrar com o fluxo de desejo, mas, em momento algum, houve risco ou proximidade de qualquer ação mecânica para atingir a ejaculação. Entretanto, meu corpo reagiu expelindo uma pequena quantidade de pré-sêmen e algumas ereções incompletas.

Tomei banho, relaxei e meu corpo direcionou a atenção para outros afazeres. Cozinhei, a comida ficou pronta às 18h. Foi quando comi hoje, antes, apenas uma banana, café e maconha. Depois, comi outra vez e fiz uma sobremesa com banana, aveia, cacau, farinha de linhaça, óleo de coco e pasta de amendoim, tudo misturado na proporção que cai no prato. Mais café, mais maconha.

Durante o dia, duas amigas e o filho de uma delas pediram abrigo aqui em Ibicoara, ofereci a casa, mas informei que não tenho camas, só redes e um saco de dormir. Elas agradeceram e consideraram a oferta ótima. Perto das 21h, elas enviaram uma mensagem convidando para as encontrar no Hostel. Falei que iria mais tarde, após resolver umas coisas, mas sabia que não ia, pois estou sem vontade de sair de casa, como de costume. Reiterei que podiam chegar na hora que desejarem, mas creio que irão dormir por lá. Resolvi então escrever uma música.

Fracasso em diversos planos de controle do futuro construídos ontem, pois hoje, mutaram. Sucesso, entretanto, obtive em reter por 21 dias a ejaculação, o contato sexual e a mecânica corporal para expelir o esperma. Devo considerar, contudo, que passei por momentos em que os pensamentos e o consumo visual, verbal e sonoro informavam referências de práticas sexuais. Por outro lado, hoje acordei com pensamentos direcionados para outros temas. Não lembro quais, num instante, esqueço os resquícios matinais dos sonhos, mas era algo belo e prazeroso, distante da temática de sexo, envolvimento entre corpos, algo que, sobretudo, discrepava das referências românticas de amor monogâmico heteronormativo ou dos signos pornográficos. O envolvimento social me estimula a pensar e agir em direção as práticas afetivo-sexuais, bem como o consumo de alimentos, bebidas, fumo, mídias e outras drogas físicas: fatores que envolvem os sentidos, a percepção e a consciência. O autocontrole é uma das principais buscas que desafiam os vícios e a vaidade do ego. Entre os caminhos em direção a este resultado está as renúncias temporárias de desejos e práticas habituais. Não é fácil, caso fosse fácil, eu teria realizado o jejum que planejei para hoje, mas vencer a compulsão oral e midiática exige mais do que somente a razão organizada logicamente.

Dia 23

16/11/2018 (escrito em 17/11/2018).

O que me lembro sobre ontem? Acordei bem cedo, apesar de ter dormido tarde. Comi durante a madrugada insone que antecedeu esta manhã; aproveitei a vigília criativa que ressoou após escrever a letra musical, para consumir informações na *internet* e ler a autobiografia de Yogananda. Fiquei impressionado com meu corpo por necessitar de poucas horas (4h no máximo) para se sentir disposto. Sigo a rotina matinal de urinar, defecar, tomar banho, alimentar os animais, passar o café, consumir mídias e fumar um cigarro de maconha.

Recebi mensagens em todas as redes sociais. Minha atenção focou nas questões políticas debatidas no *facebook*, após ler alguns absurdos postados por uma pessoa que admiro e gosto muito, apesar da visão política e de apoiar um fascista, sob o mito de herói da nação. A postagem é referente ao fim do Programa Mais Médicos, em parceria com Cuba. Escrevi longos textos, mas as respostas insistentes e longas que minha amiga, gentilmente, ofereciam em retorno, desanimaram-me a continuar o debate em busca de modificar o ponto de vista de outra pessoa, pois já dediquei bastante tempo a este propósito fracassado.

As mensagens relativas a encontros sexuais eram lidas, raramente, respondidas, sem ser possível estabelecer um diálogo consistente como nos dias anteriores. O único que me chamou

atenção, mas também trocamos poucas mensagens ontem e hoje, foi um perfil sem foto que escreveu dizendo que me conhecia. Perguntei quem era e pedi para se revelar ou trazer mais informações para o enigma. Ele demorou para responder, o celular estava quase sem bateria, já estava deitado na rede, com o estomago cheio de comida e o corpo pronto para hibernar. Deixei o assunto para o dia seguinte, com um teor de curiosidade, mas pouco interesse em desvendar o mistério. Durante o dia, senti, inclusive, vontade de desinstalar o aplicativo, porém o mantive, pois observo a constante variação de desejos presente em meu corpo.

Dia 24

17/11/18 – 11h 55min.

Ontem dormi cedo, minutos após às 20h, sem paciência para carregar o celular e descobrir o conhecido misterioso do aplicativo. Desperto cedo, durante o nascer do sol, acompanho o canto dos pássaros, com os olhos ainda cerrados, movendo-me na rede para modificar a posição, pois, após longo período de imobilidade, sinto leves dores. Passo horas neste entre-lugar entre a vigília e os sonhos. A gata mia com insistência, até cansar, mas volta a repetir as lamúrias felinas da vida diária diversas vezes. Levanto às 9h, após a chegada de uma grande vontade de urinar, junto à produção imaginária de imagens sexuais aleatórias que prefiro não alimentar. Urino e defeco. Os impulsos sexuais cedem lugar às sensações de prazer por outros sentidos. Banho-me, alimento os animais, plugo o celular no carregador e passo uma xícara de café forte e sem açúcar. Leio algumas mensagens e respondo poucas pessoas, com poucas palavras. O conhecido anônimo da rede social virtual homoafetiva, revela-se com uma foto: um antigo conhecido, muito querido, artista talentoso e pessoa de bom coração. Já tivemos um romance latente anos atrás, mas não realizamos o ato, por uma escolha minha.

Apesar de eu confabular, por meio da imaginação, quase todas as possibilidades de ação sexual que tenho como referência simbólica, concretizei poucos atos dentro do espectro de possibilidades. Em alguns casos, práticas subversivas e amorais para os padrões das famílias brasileiras conservadoras, mas o medo e a culpa são fortes barreiras de ação do meu ego.

Fumo e reflito sobre a crescente falta de apetite para os assuntos ligados ao sexo. Será que os 21 dias mudou o padrão de comportamento de uma vida construída durante 30 anos? Talvez.

Ontem observei que não tenho contato físico sexual desde o início do mês de setembro, quando iniciei as práticas de jejum sexual conscientemente. Contudo, ainda não havia alcançado a constância de abstenção ejaculatória por 21 dias ininterruptos, apesar da redução significativa

da atividade, que apresentou 3 ou 4 ocorrências durante este período. Hoje, é o segundo dia após o tempo final que havia estabelecido, mas não sinto vontade de romper com o jejum de sexo, ao contrário, desejo seguir e incorporar outros elementos para me abster. Já renunciei muitos objetos e hábitos, desde que iniciei esta pesquisa: geladeira, açúcar, trigo, carnes, companheiros, faxineiras, raízes, sexo.

Evidentemente, durante o período que decidi me abster de tais confortos e prazeres, existem ocorrências de consumo destes objetos, qualidades e serviços renunciados, pois a reprogramação do ego é complexa. Morar numa ilha, sem acesso à bens e serviços externos, contribui muito para alcançar esta meta, que hoje, tornou-se hábitos incorporados à rotina. Entretanto, tais ações são permitidas, caso o desejo se expresse, mas antes, há diálogo e observação da real necessidade de intoxicação com o objetivo de obter prazer. Considero normal o ser humano moderno se intoxicar com o propósito de obter prazer e conforto, pois esta prática sempre esteve presente em meus hábitos e desejos. Ainda hoje, permanecem, mas com a retirada de elementos, fatores e variáveis, que considero relevantes.

Ouçõ o dono da casa que aluguei conversando no celular. Recém chegou em Ibicoara, vindo de Lauro de Freitas. Vai ficar até quarta-feira, no quarto que construiu embaixo da garagem da casa. Varri a sala, enquanto ele dialoga no telefone. Meu cachorro demora, mas percebe a chegada do forasteiro e late em direção ao desconhecido. O proprietário da casa não expressou medo, pois avisei sobre o comportamento do meu companheiro canino, que assusta, mas não possui dhistórico de violência contra humanos, nem mesmo quando os piratas assaltaram a ilha.

Ele exclamou meu nome, como forma de chamado: Pedro! Subi e começamos a conversar intensamente sobre a casa, a vida, a alimentação, o doutorado e os 21 dias de jejum de alimentos. Para minha alegre surpresa, o dono da casa em que moro, já realizou o “viver de luz”, em Minas Gerais, com a família do Portal.

Contou-me sobre sua experiência no Portal Parvati, onde afirma ter realizado uma cirurgia espiritual, na qual optou em ter consciência e perceber sensorialmente o processo. Narrou ouvir vozes, ver luzes, sentir presenças, que trouxeram uma sensação extasiante na noite de transição do terceiro para o quarto dia. Percebi que brotaram lágrimas em seus olhos emocionados com a lembrança da memória relatada. Não houve choro, apenas olhos lacrimalantes, contendo o escorrer do líquido ocular.

Seguiu o relato de como seu corpo reagiu à experiência, seus desafios, o emagrecimento cadavérico, que assustou seus familiares desavisados sobre o retiro realizado. Ressaltou que pessoas magras, como eu e ele, sentem mais dificuldade devido à escassez das reservas de

gordura. Contudo, narrou a intensa força e vigor físico que sentiu durante e após o processo, acompanhado de um sentimento de bem-estar e bem aventurança. Contudo, relatou que, em dado momento, cansou de falar durante o processo de 21 dias, pois conversou muito com outra pessoa que fazia o jejum no mesmo período.

Nos dias subsequentes ao jejum, afirma, em seu relato, que as atividades criativas e mentais foram ampliadas, inclusive, passou algumas noites em claro. Ao mesmo tempo, retornou aos hábitos alimentares que já havia superado antes dos 21 dias, quando viveu de modo vegano e, por períodos, apenas através da ingestão de sucos. Entre outras questões potenciais relacionadas ao retiro do “viver de luz”, o dono da casa em que moro, sublinhou a recomendação de evitar realizar o processo sozinho. Alertou-me sobre os riscos de morte e reiterou o poder do Portal Parvati.

Mais uma pessoa que realizou o processo, cruza o meu caminho. Já perdi as contas de quantos sobreviventes deste processo, eu já encontrei. Há alguns dias, na *internet*, descobri uma cantora chamada Flor, que foi monitorada por médicos e câmeras, durante um dos três jejuns de 21 dias que realizou. Os relatos sobre este experimento são diversos, pois partem do conjunto de crenças programados por cada corpo. Flor, nos breves relatos que ouvi, entendeu a perspectiva espiritual e o poder da fé na construção da realidade material objetiva. Corajosamente, explicou num programa da *Jovem Pan*³⁸, cheio de machistas que a interrompiam para atacar as ideias de Flor com argumentos científicos.

Ao fim da conversa, convidei o dono da casa para tomar água ou um café. Ainda não penso em almoço, mas o deixei à vontade para cozinhar e comer aqui, pois, o quarto em que se abriga, está sem cozinha. Contudo, ele optou em ir ao restaurante e eu aproveitei para urinar, beber água, café e escrever.

Ontem não escrevi. O vigésimo terceiro dia de jejum de sexo foi atípico, mas bem tranquilo. Hoje, desejo ler a autobiografia de Yogananda, escrever e estudar outras experiências empíricas de jejum. A conversa com o dono desta casa aumentou a dúvida sobre ir ou não ir ao Portal Parvati para realizar o processo do “viver de luz”. Esta viagem me soa como um belo sonho, pois guardo profundo desejo em a concretizar. Penso em desfrutar da ressaca do retiro na casa de uma bruxa muito especial na comunidade do Matutu, também localizada na serra da Mantiqueira em Minas Gerais.

...

³⁸ FLOR. Flor comenta sobre o livro e dieta “viver de luz”. Youtube: Pânico Jovem Pan, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Oo9hpkYEPs>. Acesso em: 17 nov. 2018.

13h 31min. As bruxas do Hostel de Ibicoara me convidam para almoçar com elas, uma comida muito linda na foto que enviaram. Algumas amigas agrofloresteiras e o filho de uma delas, também estão lá e reiteram o convite, mas sinto preguiça de sair e socializar. Quero comer, fumar, ler e escrever. Amo-as, isto gera um conflito ético interno, por eu ser assim tão recluso, mas me convenço de que posso ir mais tarde, sem afetar o agora e o afeto recíproco. Aproveito e levo os quatro ovos que restam da visita de minha irmã, e uma bebida para celebrarmos a vida juntos, intoxicando nossos corpos com substâncias psicoativas lícitas.

O fluxo de mensagens das redes sociais homoafetivas diminui bruscamente. Informei a quem havia esperança de um encontro ou sexo virtual, que decidi seguir com o jejum. Descobri a identidade do conhecido anônimo; há poucas mensagens novas; li todas, creio, mas não respondi os “oi”, ou qualquer outra oração padronizada nos *chats*. Como já dediquei bastante tempo às conversas e pessoas, provavelmente, esgotei as possibilidades mais próximas. Então, deixei de ser uma novidade na pista. De qualquer forma, estou sem interesse. Sexo pode ocorrer, mas por outros meios, outros motivos e propósitos. Gosto de redirecionar este fluxo de prazer imanente para outras esferas da vida e sinto que estou aprendendo a lidar melhor com a falta, que aos poucos, libera algumas repetições viciadas de pensamentos, desejos e práticas. Não me considero um celibatário curado do desejo viciado por sexo, mas sou um usuário que conquistou algum autocontrole neste processo de jejum, assim, compreendo o potencial da prática dedicada e dos resultados crescentes e acumulativos dos hábitos, sejam saudáveis ou não. 40 dias parece-me ser a nova meta, que é o tempo relativo ao jejum realizado por Cristo no deserto. É o tempo da outra receita oferecida por nossos ancestrais para a reprogramação do corpo.

Vou inserir uma variável no processo de jejum de sexo, que é a abstenção da maconha, inclusive, porque o estoque deve durar mais um ou dois dias. Não quero me envolver em atividades ilegais aqui, sobretudo, porque não quero me envolver socialmente. Sobre desrespeitar esta lei abusiva, que priva a liberdade individual de escolher o que fazer com o seu corpo, tenho tranquilidade ao praticar a desobediência civil, sem culpa pelo cruel processo de produção e comércio, pois se trata de uma responsabilidade da política de criminalização de uma prática cultural. Portanto, o Estado é o maior criminoso neste caso. Os consumidores e os traficantes encarcerados são vítimas do sistema autoritário de poder e controle sobre os corpos: toda prisão é política.

Os 21 dias de abstinência de maconha servirão ao propósito de reprogramação neurológica dos hábitos, práticas e desejos cotidianos implantados no meu corpo através da sociedade e da cultura. Aproveito a falta de acesso para realizar este desafiador processo de jejum de canabis, pois simpatizo com as flores da erva, mais do que com o café ou as mídias

eletrônicas. Por experiência, sei que maconha silencia a ansiedade e faz o usuário escutar a si mesmo, inspirado na frequência da paz e no amor.

Não fiz terapia psicanalista, trabalhei meus anseios enquanto fumava maconha, deitado na rede, em atenta observação sobre os meus pensamentos, emoções, diálogos e as memórias dos acontecimentos experienciados. Em minha vida, funcionou como uma espécie de autoterapia que me ajudou a compreender e lidar com os problemas mundanos de forma leve. Creio que o THC ativa a criatividade, a imaginação, a intuição e outras formas de inteligência pouco valorizadas na sociedade capitalista, que visa a produtividade industrializada, ou seja, a produção repetitiva de objetos standardizados, lançados em larga escala, obedientes aos padrões cognitivos e sensitivos impostos politicamente. A cannabis pode ser consumida para realizar trabalhos mecânicos, bem como os criativos. Muitos usuários a consomem com o propósito de exercer atividades físicas, entretanto, considero o ócio especialmente proveitoso após fumar maconha. Constantemente, utilizo a substância para escrever e ler, ambas são atividades profissionais que exerço como pesquisador e artista.

Acredito alcançar bom desempenho para a produção de textos por meio da combinação de cafeína e THC. Muitos escritores, artistas e pesquisadores em geral, utilizam substâncias psicoativas para produção de suas obras, seja a maconha, o álcool, o ópio, a heroína, a cocaína, ou mesmo as mídias e o café, que são consumos habituais convencionados em diversas sociedades e culturas.

Em outro momento oportuno, seguirei a retirar elementos da rotina, ao ponto de selar a boca para a abstenção da ingestão oral, durante a primeira semana do processo de 21 dias no Portal. Agora, almoçarei e fumarei uma das últimas unidades de cigarro de maconha. Depois, volto a escrever mais pensamentos ou experiências, caso eu me permita sair de casa ou vivencie algo fora da rotina diária da solitude. Mesmo a rotina diária da solitude, gera diferenças que pretendo relatar no diário. Vamos em frente... Realmente, quando olhamos para trás, o ponto de partida se perde no horizonte e parece não haver volta ao estado inicial desta jornada em busca do autoconhecimento.

2 horas e 49 minutos de escrita ininterrupta renderam 05 páginas e uma estranha sensação do tempo, que passou despercebido, mas gerou sede e fome. Eu ia fumar antes de escrever, mas desisti. Não senti a passagem das quase 3h, pareceu um curto lapso. A vontade de fumar permanece, mas a atenção do desejo pode ser desviada por meio da focalização em outras atividades, como ocorreu com a escrita e ocorrerá com a alimentação. Mais tarde, os diálogos e a cachaça entre amigos silenciarão este desejo. Romanticamente, tais avidezes

podem ser suprimidas com as práticas de caminhada, ioga e outros exercícios físicos saudáveis que estão em vista para serem incorporados à rotina.

Dia 25

18/11 /2018 – 22h 28min.

Ontem resolvi ir ao hostel levar os ovos, o chocolate e a broa que restaram da visita de minha irmã. No caminho, comprei alguns alimentos, sabonete e tesoura de unha. Peguei um vinho e azeitonas de petisco. Quando cheguei lá, estava cheio, pois houve um curso e as pessoas estavam na fase de conversar, beber, comer e tocar músicas ao redor da fogueira. Gradativamente, tais eventos foram ocorrendo.

Abri o vinho e coloquei as azeitonas no prato. Levei para mesa, onde jantava uma família de amigos pessoais que moram em Vitória da Conquista, junto com outros amigos também vindos de lá. Comiam pão com salada e queijo, mas expressavam a saudade de ingerir carne após dois dias de abstinência. Mais tarde, fritaram bacon e comeram rapidamente.

Uma simpática desconhecida inicia uma conversa comigo sobre o doutorado. Ela é doutora em agronomia pela UFRB e já realizou diversas práticas de jejum. Quando contei sobre os temas da minha pesquisa, demonstrou grande interesse sobre o assunto.

Regado por bebidas e conversas animadas, sinto meu estômago quase vazio. O vinho acaba, chega uma nova unidade que logo acaba, mas em seguida, surge uma pequena garrafa de cachaça. Sinto-me bastante embriagado, mas curto a onda ao redor da fogueira, com música boa ao vivo.

O transe alcoólico é rompido quando a bruxa, alquimista das essências perfumadas, chamou-me para irmos para casa dormir, pois esta noite, ofereci abrigo a ela e sua amiga cantora. No fluxo pouco lúcido, peguei todos os meus pertences, mas a sandália veio trocada. Elas organizaram a dormida rapidamente. Consegui dar pouca atenção, mas a autonomia delas, provavelmente, resolveu a situação de modo favorável.

Fui para meu quarto, vomitei no banheiro, lavei a boca, troquei de roupa e deitei na rede para dormir. Hoje, perto do meio dia, despertei me sentindo ainda embriagado e enjoado. Com muita sede, percebi que estava desidratado. Bebi muitos copos d'água, defiquei, tomei banho, mais água, café e me deitei na rede da varanda. Sentia-me mal, indisposto, com dor, enjoado, suando frio. Tomei outro banho e dormi a tarde toda. Vi a lua nascer pela janela, quando despertei ao fim da tarde e aos poucos me levantei. O céu estava lindo, um dos mais lindos pores do sol rosados. A gata passou a tarde comigo enquanto eu me recuperava. Ainda me sinto

com um pouco de ressaca, mas estou bem melhor. Bebi mais água e preparei um suco de abacaxi que ardeu minha boca quando tomei.

Assisto documentários sobre Cuba na *internet*, troco mensagens, acesso o *facebook*. Sigo sem nenhum interesse nos aplicativos de encontros. Faço *logout*, mas o aplicativo continua a enviar notificações para o *email* sobre mensagens recebidas na rede social homoafetiva. Fumo, cozinho e como um cuscuz de milho com salada, às 20h. Assim, completam 24h de jejum de sólidos. Fumo novamente. Continuo a pesquisar sobre a história de Cuba diante das provocações políticas que estão ocorrendo nas redes sociais, onde amigos pessoais disparam ataques a uma suposta ditadura cubana.

Canso da polêmica, convencido da resistência histórica de Cuba ao império estadunidense. Não é um sistema perfeito, mas os princípios condizem com o modelo de sociedade igualitária que acredito. O desafio gerado pelo embargo econômico dos EUA, resultou em escassez numa pequena ilha que não conseguiu produzir todos os bens fundamentais de forma autônoma. Entretanto, em 50 anos, alcançou educação e saúde de qualidade para todos os habitantes insulares.

Apesar de algumas restrições políticas sobre a liberdade de expressão, os cubanos brilham na cultura, na arte, no esporte e na ciência. Tais habilidades e conhecimentos deram os passaportes para parte dos cubanos viverem em outros países. É complexo julgar os paradoxos dessa estratégia de resistência política a uma ditadura anterior. Quando observo os perigos da circulação de informações de má qualidade, com distorções utilizadas para induzir os pensamentos e as crenças dos leitores através da captura da atenção e da fé por meio do medo e do ódio, percebo que os efeitos desta contaminação simbólica refletem em casos como o do Brasil, que em pleno século XXI, legitimou o discurso fascista nas urnas.

As pessoas se sentem profundamente convictas e articulam os milhares de argumentos fraudulentos que circulam nas mídias, sem qualquer filtro ou discernimento: permite-se emitir mensagens violentas, de ódio, de objetificação sexual dos corpos, referência brutais de crimes hediondos em programas diários, ou seja, vale tudo para construir uma rede de memórias baseada nas vibrações densas.

Eu não tenho certeza, nem crença objetiva numa conclusão precisa sobre os fatos ou fenômeno ocorridos, mas percebo a indução simbólica perversa, construída através das mídias, sem compromisso com a verdade. Yogananda considera Deus como a verdade absoluta por trás dos véus da ilusão. Apesar de ser algo acessível a qualquer parte do todo cósmico, portanto, a todos nós, Yogananda sublinha que tal verdade divina é inacessível através da curiosidade ociosa, pois exige uma busca sincera dentro de si mesmo.

A falta de sexo durante 21 dias, esmoreceu o desejo de ejacular, que deixou de ser um pensamento e uma busca diária, para ser substituída por outras dedicações. Diante do resultado positivo relacionado ao jejum de sexo, que pretendo dar continuidade indeterminada, desejo inserir gradativamente outros fatores de abstenção. A cannabis será o próximo elemento, mas esta resiste a terminar as últimas doses que possuo.

Enquanto estudava sobre Cuba, pensei sobre a demonização culturais, como ocorreu com a maconha, presente e admirada em diversas culturas ao redor do mundo. Em muitas filosofias, a cannabis está relacionada à espiritualidade e ao contato com o divino, além dos poderes medicinais curativos e preventivos, associados às substâncias presentes em maior quantidade nas flores da erva: o THC e o CBD.

No caso da maconha, a demonização histórica foi desvelada e, atualmente, diversos países legalizaram o uso recreativo. Contudo, o Brasil, local onde moro, proíbe, mas permite a importação de medicamentos à base de maconha, restrita à compra para pacientes crônicos, mediante avaliação jurídica, além da indicação médica. Não sou um doente crônico para usar medicamentos diariamente. Meu propósito de consumo da cannabis é por outros motivos.

Ontem, observei que se trata de uma droga da realidade para alguns, como o café para outros, pois não é uma substância que te tira do aqui e do agora, que modifica sua percepção de tempo e espaço objetivo. Em geral, não cria delírios, nem alucinações, mas intensifica uma rede neurológica que possui receptores específicos para os canabinóides, que são inclusive, substâncias produzidas pelo próprio corpo (endocanabinóides).

Assim como o jejum de sexo, creio que a abstenção de maconha será um tanto desafiadora, por ser um hábito viciado. Contudo, tenho experiências de interrupção do consumo de cannabis por mais de um mês, sem qualquer efeito rebote, exceto o desejo de fumar que partia e voltava. Tal jejum de maconha ocorreu durante as viagens que fiz pela Europa com minha tia, pois, diante do risco de ilegalidade, preferi me abster.

Depois de levar essa surra do álcool, a questão surge: quem é o demônio, a lei ou a resistência da cultura popular? Depois de viver no Brasil e observar o exemplo de Cuba, quem é o demônio? O imperador capitalista que se esconde atrás da máscara da democracia, ou o socialismo falido que resiste à invasão cultural, econômica e política do colonizador? Eis que compreendo o sistema democrático socialista de Cuba, que apresenta um único partido que, contudo, não é um partido eleitoral. Para minha surpresa, hoje considero a política cubana um sistema democrático participativo mais eficiente do que o modelo brasileiro de democracia representativa neoliberal pluripartidária. Prefiro mil vezes a resistência política de Cuba do que a colonização capitalista do Brasil, que agora é fascista.

Dia 26

19/11/2018 – 13h 22min.

Dia de feira em Ibiçara. Dormi às 4h. Às 11h, levantei apressado, mas com tempo suficiente para a rotina matinal no banheiro. Alimento os animais, recolho a carteira e a conta de água. No caminho para a xepa da feira, entrego as contas anteriores atrasadas para o gentil proprietário da casa onde estou morando. Vou na lotérica e, para minha surpresa, está vazia. Aqui já peguei filas homéricas, porém tranquilas e lúdicas. Com 25 reais, compro vários alimentos orgânicos e sou presenteado com algumas unidades a mais ou outras frutas, como jiló. Tem bastante comida, vai durar mais de uma semana, mas é preciso fazer um racionamento de consumo para não estragar, pois não tenho geladeira. Ou seja, como o que está maduro ou o que possa estragar. Hoje, por exemplo, comeria mandioquinha, mas como é menos perecível, vou priorizar o brócolis e os cubos da abóbora cortada.

Li que um dos problemas em Havana é que, constantemente, não há acesso à toda a variedade de produtos. Faltam peças automotivas, não tem carne todo dia, sabonete é muito caro, assim como luz, gasolina e *internet*. Ou seja, a dificuldade de acesso aos bens e serviços da vida moderna, devido ao embargo econômico dos EUA, resultou numa sociedade que soluciona os problemas de modo autônomo e criativo, porém incapaz de acompanhar a produção industrial capitalista.

Como solução, imagino a aplicação dos conceitos da permacultura, que ofereceriam autonomia plena em relação a tais necessidades básicas apontadas. Nos últimos anos, Cuba direcionou seus esforços para o mercado turismo, algo que pode ser perigoso e destrutivo, como já vimos ocorrer em paraísos culturais no Brasil, que atualmente, vivenciam uma invasão massiva da cultura industrializada.

Já existem concessionárias de automóveis em Cuba, o dólar é uma moeda paralela, os contatos com o mundo estão em fluxo constante, com entrada e saída de pessoas; a *internet* chegou. Não sei se há censura, mas há comunicação livre com o mundo exterior. O embargo econômico à Cuba causou um dilema para a ilha, que pesa a liberdade e a escassez de recursos em diferentes lados da balança.

A resposta a tais condições foi a implantação de uma das melhores educações científicas e artísticas do mundo. Entretanto, as necessidades básicas de moradia, saneamento, alimentação, transporte, energias e comunicações, podem se desenvolver para gerar maior abundância, através da autonomia de produção e distribuição de tais demandas sociais no território cubano.

O sonho da vida capitalista de acumular riquezas em excesso, para ter o poder de acessar todos os produtos e serviços disponíveis no mercado a qualquer momento, expressa-se em brasileiros, cubanos, chineses. O sintoma dos desejos materiais, implantados pelo discurso e propaganda capitalista, acendeu sua chama na maioria dos corpos ao redor do mundo, que depositam fé e esperança de que este modo de vida é o mais promissor, abundante e democrático. Eu mesmo sou um exemplo: quantas vezes penso em sair de onde estou, para buscar as riquezas financeiras no exterior, nos países que saqueiam a terra onde vivo, mas prometem uma vida melhor? O que é “melhor”? Chegar num lugar frio, cheio de concreto, com ruas arquitetadas para carros em alta velocidade, onde para viver com dignidade, preciso desembolsar um dinheiro que jamais tive aqui? A promessa é essa: lá tem muito dinheiro e, por isso, vale a pena trabalhar o dia todo, quase todos os dias, para pagar por tudo o que você precisar para viver. Nos locais da Terra onde há poucas frutas, se comparados aos trópicos, a única vontade que permanece é de viver o diferente. Por este motivo, eu viajaria para quase qualquer lugar do mundo, mas com algum propósito estruturado.

A renúncia da riqueza material acalenta. Considero estar nesta busca, desde que saí de Salvador para construir uma ecovila na zona rural. Não afirmo, contudo, que atingi o pleno desapego, mas sinto estar numa situação distinta a do início desta jornada, tanto em relação ao que considero necessário para viver, como o modo de vida que adotei na cotidianidade atual.

Aprendi que abundância não é o mesmo que excesso, mas o preciso. Vejo nas pessoas o direcionamento da vida em busca do dinheiro, conduzidas por medos de perder os patrimônios financeiros, ou de não possuir o básico para sobreviver. Além dos sonhos de luxo sugeridos pelo capitalismo, que arquiteta castelos mentais de ilusões, a crença de que temos que ter dinheiro para viver é complicada de desestruturar. Nem o socialismo em Cuba deixou de usar as moedas.

A construção da arquitetura de desejos do capitalismo, que preza pela posse, como observou um cubano vivendo em Miami, gera uma perspectiva voltado para as necessidades próprias, antes dos outros, pois não encontram tempo nas agendas corridas da busca incessante para solucionar os problemas pessoais de consumo. Trata-se, portanto, da cultura do egoísmo, através da qual assistimos a desigualdade brutal de acesso aos recursos, a fim de manter os privilégios materiais das classes dominantes. Seguimos na luta de classes, mas a luta tem que ser substituída por uma reconciliação equilibrada, pois a violência humana na Terra há de cessar, seja por mérito de harmonização ou destruição.

Hoje vi um breve vídeo sobre o Buda Sidarta Gautama: um príncipe indiano com acesso ao luxo e o amor matrimonial, mas que renunciou tais paixões em busca da verdade sobre a

existência e, assim, encontrar o fim da miséria e sofrimento. Este grande buscador revolucionário trabalhou a autonomia dos indivíduos, a liberdade de expressão e o contato com as percepções da realidade por trás dos sentidos físicos. Realizou retiros de meditação, silêncio e jejum de alimentos. A renúncia se tornou o horizonte dos seus atos. Esta noção de cultura e sociedade, que Buda transmite com atos e palavras, é contrária ao propósito da cultura capitalista, que nos torna reféns dos produtos e serviços que necessitamos consumir para viver. Assim, o capitalismo retira a autonomia dos indivíduos e comunidades, através da lógica de pagar para acessar o bem. Neste contexto, ainda é inserido um desigual barema econômico dos serviços, que superestima algumas práticas e subvaloriza outras. Esta estrutura social, por vezes, apaga expressões culturais, diante dos desafios econômicos para a subsistência em cidades, como no caso de muitos músicos de Salvador, que deixam de tocar, devido ao baixo pagamento pelo serviço, para trabalhar e estudar outras atividades de melhor remuneração; ou, em alguns casos, basta haver algum salário fixo para aprisionar um grande talento vocal, até mesmo, numa empresa *telemarketing*.

Dia 27

20/11/2018 – 16h 03min.

Hoje, supostamente, deveria ter iniciado o jejum de maconha. Deixei uma derradeira unidade de cigarro para saber que teria quando desejasse fumar. Agora, esta dose foi carbonizada, virou cinzas no cinzeiro. Acordei cedo, mas demorei a levantar. Esta é uma manhã complexa, seguida por uma noite inesperada. Ontem, comi bastante cuscuz com abóbora, brócolis e outros legumes. Pensava acelerado sobre assuntos para escrever, mas todas as palavras desapareceram quando encontrei uma notícia sobre uma antiga amiga da faculdade, que é uma artista brilhante, uma das pessoas mais inteligentes que conheci nesta singela caminhada da vida. Com um jeito próprio, ela expressou lindamente sua arte no mundo da matéria, até ontem. Plantou sementes de luz que podem ser vistas pelos olhos humanos comuns: fotografias.

O sentimento de luto gera uma enxurrada de pensamentos e planos. A partir de agora, sinto que não há mais tempo a perder. Se tenho a experiência na terra de uma vida plena, por que seguir com medo da morte? Ontem, meu desejo era acessar o corpo sutil de minha amiga, perguntar o que aconteceu, por que sua consciência abandonou de modo fugaz um corpo jovem, belo e sagaz? Qual o meio que a fez desencarnar? Depois, pensei que não importa como morreu;

passou e só podemos aceitar e agradecer a linda experiência cósmica que sua consciência viveu na Terra, em sincronia com o nosso tempo-espaço.

Dia 28 de jejum de sexo

Dia 1 de jejum de maconha

21/11/18

Que dia conturbado! Acordei, lavei as roupas que deixei de molho na água com vinagre desde ontem, banhei meu cachorro, comi bananas, tomei água e café. Ontem, não tomei café, apenas chá de camomila. Café não me faz falta, mas é um elemento pra satisfazer a compulsão oral. Passei quase o dia todo respondendo provocações de debates políticos nas redes sociais. Tenho uma amiga muito especial que, paradoxalmente aos seus lemas de paz e amor, defende um fascista e criminaliza o socialismo cubano. São tantos assuntos distorcidos que envolvem os argumentos desta amiga e seus familiares ávidos pelo debate, convictos de que a eleição de um fascista à presidência vai melhor o país e a vida dos brasileiros. Fala-se de comunismo, socialismo, Cuba, Venezuela, ditadura, China, medicina, universidades, maconha, muitos assuntos que devem ser tratados com cuidado, pois são individualmente complexos. Imagina em conjunto multifatorial.

Escrevi pacientemente muitas palavras para tentar contrapor a visão dos defensores do fascista. Em vão, creio! Pouco mudaram de opinião, mas, ao final, eu deixei de ser um comunista bebedor de sangue que infestava a página da minha amiga. Recebi este título de um dos leitores dos meus comentários.

Confesso que cansei do debate e de tentar modificar o conjunto de crenças e a perspectiva de alguma pessoa através de palavras. Lembro de uma aula de Edilene Matos em que repetidamente, pontuou a tese de que a revolução passa por uma mudança de pensamento. Com certeza, esta professora está certa. Existe uma ideologia capitalista arraigada nas pessoas, que as faz acreditar que para ter acesso aos bens e serviços, é preciso ter dinheiro ou posses privadas. Por este motivo, compreendem que o socialismo rouba todas as riquezas para o Estado, que beneficia a classe política no poder. De certo modo, a tese da ditadura comunista faz sentido, pois há exemplos de tal exercício político. Mas ainda assim, esta acusação está repleta de medo de perder as posses e os privilégios conquistados. Dividir o que se tem, é pouco provável para quem defende a sociedade meritocrática. A meritocracia é uma fraude do capitalismo, que veste a fantasia de democracia neoliberal, pois de fato, trata-se de uma ditadura financeira que é responsável por grande parte das violências e desigualdades sociais do mundo

contemporâneo. Enfim, são tantos temas que envolvem o atual debate político brasileiro, que levou toda uma tarde para explanar uma ínfima parte do conteúdo. Não sei quais instrumentos são necessários para transformar um conjunto de crenças, que arquiteta suas próprias verdades. Questiono-me o tempo todo se sou eu quem estou cego, mas quanto mais me informo por meio de ambas as fontes, mais convicto sou de que estamos com um problema grave. Entretanto, percebo que a política é a espuma da realidade. O mais perigoso neste processo, é enxergarmos as pessoas a partir das ideologias que carregam, pois nada é permanente.

As máscaras política que vestimos, emite discursos, por vezes, perversos ou libertários, mas tento ler por trás das palavras e conceitos. Busco a intenção, que na maioria dos apoiadores do governo fascista, acredito ser o amor e a paz. Contudo, parece não ser o caso de todos os seres humanos, já que muitos miram numa política de violência e extermínio, a fim de estabelecer a paz na sociedade através de uma limpeza social (ou seja, chacinas).

No caso da minha amiga, parece que temos a mesma intenção, mas estamos convictos de que as soluções percorrem caminhos distintos. Depois de longos debates, nenhum dos dois lados mudou de pensamento, mas conseguimos nos escutar sem julgamentos. Ou com poucos, pedi perdão ao final, e busquei harmonizar nossa relação com base no amor incondicional, que de tão forte, fez a política se tornar um assunto banal. Sei que não é, mas preciso meditar em busca de formas saudáveis de limpar os ruídos que a circulação de informações falsas, distorcidas e mal-intencionadas, que lavaram as mentes por meio de discursos de ódio focados em objetos inimigos que devem ser exterminados. Uma verdadeira barbárie ideológica, mas que os emissores convictos não percebem os riscos do apoio a tal discurso político. Sobretudo, vejo a ideologia capitalista em tais falas: muitos defensores do governo fascista argumentam sobre questões econômicas, que para eles, são mais relevantes do que qualquer outro tema da esfera política, seja educação, saúde, cultura, narcotráfico, encarceramento, ou qualquer outra pauta. O dinheiro é o fenômeno mais importante em tais visões de mundo, todos os demais problemas são decorrentes da má gestão e roubo financeiro.

Por muitos anos, adotei o capitalismo como modo de vida inquestionável, sobretudo, durante a infância, quando acumulava desejos em possuir objetos de desejo (carros, roupas, joias, mídias), sem, contudo, aproveitar as conquistas que a vida oferecia. Esta visão de mundo persistiu até o dia, em que compartilhei com minha mãe sobre alguns dos meus desejos capitalistas, logo após ter acesso a novos bens materiais. Com experiente sabedoria, minha mãe me aconselhou a curtir o que eu tinha, pois eu seria um infeliz crônico se eu sempre desejasse o que não tenho, no lugar de desfrutar do que a vida me proporcionou. Com 6 anos de idade, esta informação foi assimilada como uma bomba de reprogramação por meu Eu criança. Até

hoje, agradeço tais palavras, das quais me recordo precisamente, pois, a partir deste dia, passei a valorizar o excesso de bens, ao qual sempre tive acesso; aos poucos, os desejos financeiros arquitetados pela propaganda capitalista, cederam espaço para impulsos dissidentes e artísticos.

Quando frequentei o colégio, onde estuda uma massa de pequenos burgueses, a história do dinheiro e das resultantes desigualdades sociais se tornaram explícitas. Algumas boas aulas de história também me fizeram enxergar uma realidade que meus olhos não podiam acessar dentro da bolha em que vivia. Uma frase inesquecível foi: “o Estado é quem detém o monopólio da força física”. Outra bomba reprogramatória. Neste ponto, já havia deixado de simpatizar com o dinheiro e com o Estado. Apesar de seguir os passos em busca de uma vida profissional, o salário nunca foi uma referência para eu escolher o estudo universitário que faria. Meus pais, até hoje, preocupam-se com este meu desprendimento, que se agravou muito no final do mestrado e início do doutorado, após escrever um “Manifesto sobre a morte do capitalismo”³⁹ e buscar reprogramar crenças limitantes do que é necessário para viver dignamente.

A experiência na ilha foi uma grande escola, pois vivi com entusiasmo as ausências de tecnologias e serviços da vida moderna. Contudo, não ocorreu um isolamento pleno e foi necessário investir um grande montante financeiro para executar o projeto, que triunfou no fracasso. A ilha está à venda e já existem compradores interessados. Pensei que, após a experiência de viver 1 ano e 6 meses na ilha, eu estaria desapegado de posses; contudo, diante do fatídico assalto dos piratas, que nos obrigou a suspender a implantação da ecovila e a evacuar a ilha em busca de um local seguro, a vida mostrou que o aprendizado da renúncia à posse material pode ser ainda mais intenso: fui obrigado a desapegar da casa que construí com as próprias mãos, do projeto utópico de construir uma comunidade horizontal e ecológica, do território da ilha, além da vida matrimonial, que se dissolveu dentro do meu ser alguns meses após o ocorrido. Posse vai além do dinheiro, pois existe a posse de pessoas, animais, territórios. Hoje, construo a programação de que é desnecessário me apegar às coisas que não levarei junto com meu corpo falecido. Ou seja, só levarei os aprendizados das experiências mundanas. Nada além disso é importante.

Para dar conta do meu corpo físico, tenho o privilégio de nunca ter faltado acesso a qualquer necessidade básica. Neste sentido, cada vez mais, relativizo o que é fundamental para o ser humano ser feliz. Certamente, a felicidade passa longe do apego e da posse, pois tais sentimentos resultam apenas na preocupação em perder as coisas que objetificamos. Lembro-

³⁹ DELL'ORTO, Pedro Marques. **Arqueologia da mídia na era Pós-mídia**: o ‘nascimento’ e a ‘morte’ do cinema. 2016. 197 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) –Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia.

me bem do medo que eu carregava de perder meu computador, onde carregava muitas memórias virtuais. Foi um dos objetos levados no assalto, mas muitas memórias permaneceram em outros suportes. De qualquer forma, toda essa memória virtual tem um tempo de vida limitado, mesmo que seja de alta relevância para a humanidade, é improvável a pretensão de registrar uma memória física durante a eternidade. Confesso que esta já foi minha pretensão pessoal, por este motivo, comecei a fazer arte, pois queria registrar experiências para serem lidas por futuras gerações.

Entretanto, a tecnologia midiática com maior resistência para arquivar fisicamente memórias, que encontrei até o dia de hoje, são as pinturas rupestres, que datam até 40.000 anos, enquanto um HD externo tem vida útil de aproximadamente 10 anos. Assim, nossa arte digitalizada aponta ser fugaz e efêmera, pois o maior desafio não é a produção, mas o arquivamento dessas memórias, já que custa caro e os suportes físicos possuem pouca durabilidade.

A padronização técnica digital é sintoma do capitalismo, como muitos outros. É importante perceber a influência do capitalismo na construção da cultura, da sociedade e das subjetividades. O sexo, sem dúvidas, tem estrita relação com a propriedade privada. Muitos autores já perceberam que o principal intuito da monogamia heterossexual reprodutiva é servir como instrumento para a manutenção da propriedade privada familiar, uma vez que as mesmas famílias são as mais ricas há séculos.

Novos fatores se somam para formar a conjuntura sistêmica atual, mas o ponto chave é, realmente, a mudança do pensamento. A reprogramação para uma vida distante dos princípios capitalistas, que denotam a atenção do ego para si mesmo, no lugar de se enxergar como parte de um organismo comunitário. O egoísmo é um dos mais perversos dos sintomas capitalistas, pois é a programação que mantém a crença e a confiança de que este é o sistema mais eficiente, harmonioso, democrático e (pasmem) libertário para a humanidade. Vejo professores inteligentes, especializados em política, defenderem o capitalismo. Parece-lhes distante qualquer outra possibilidade, pois quando pensam em alternativas, aparece o demonizado comunismo e socialismo, constantemente associado aos regimes ditatoriais. Creio que devemos usar nossa criatividade para criar novos sistemas políticos e sociais, pois a confiança no modelo capitalista se esgotou. Em mim, esgotou há alguns anos, porém permaneço atado ao sistema, que acorrenta meu corpo e as minhas crenças sobre o mundo.

A busca pelo dinheiro é uma constante em minha vida, por vezes, observo-me imerso em pensamentos sobre dinheiro, enquanto faço as contas para a subsistência, pois vivo sem grandes quantidades financeiras. Tenho um custo de vida considerado por muitos uma condição

miserável. Nem mesmo geladeira e cama possuo, não compro carne, meu dinheiro não me permite ser alcoólatra, nem tabagista, apenas maconheiro na Bahia, pois o preço da erva em outras cidades e países é também exorbitante, mas é algo que se pode plantar, em territórios legalizados. Não é ainda o caso do Brasil.

Muitas questões sobem à superfície nestes debates políticos, realmente, é um conjunto de fatores que constroem a realidade coletiva tal como é. Diante do barulho mental causado pelos debates, percebo que prezo ao máximo pela autonomia dos indivíduos e ao amor incondicional pelo outro. A barbárie pode levar o meu corpo à tortura e à morte, mas oro para que eu não desvie de tais princípios, pois entendo este espaço-tempo como uma passagem que um dia chegará ao fim de uma forma ou de outra. Desejo ser velado com amor e as cantorias das vozes que me acompanharam durante a vida, mas aceito a entrega do controle sobre o futuro, já que a missão mundana é inesperada. Se tenho o poder de construir um futuro em que a paz e o amor reinem, utilizarei todas as ferramentas que estão disponíveis. Porém, creio que sou quase impotente para transformar a macroesfera social do mundo material exterior.

...

Já ouvi diversos depoimentos sobre o *Vipassana*, mas nunca expressei interesse, até assistir aos efeitos desta meditação num presídio em Minas Gerais⁴⁰. Os resultados e o olhar de quem participou demonstram a profundidade e a potência do silêncio. O curso de meditação *Vipassana* aplica uma técnica de iniciação milenar, em que os participantes passam 10 dias em silêncio, meditando 12 horas por dia. Hoje, por coincidência, em meios aos debates políticos nas redes sociais, conheci uma bruxa que é facilitadora de processos *Vipassana*. Ela me orientou sobre uma lista de espera para a turma de homens que farão o curso em janeiro. Da noite para o dia, a solução surgiu.

Ainda não alcancei o silêncio mental, minha mente profana informações a todo instante. Quando durmo, talvez seja o momento de maior desconexão com este fluxo de memórias simbólicas, entretanto, existem resquícios matinais desta produção imaginária antes do despertar do meu corpo. Hoje sonhei com meu pai e meu ex-companheiro. Existiam alguns conflitos nos sonhos, mas acordei convicto de que tais embates são desnecessários diante do amor que sinto por estas pessoas. Não são conflitos que carrego na vida, mas confabulações de

⁴⁰ VIPASSANA – o caminho da libertação. Direção: Daniel Labanca. Brasil: Sanfona filmes, 2018. Documentário (18min e 33seg), digital, son., color.

sonhos imprecisos que descarregam informações que mal consigo reter em minha memória consciente: minutos após levantar, desvanece.

O sexo deixou de ser uma preocupação ou pensamento constante. Às vezes, penso um pouco, mas não dou muita atenção, pois o desejo está completamente alterado. Não vislumbro um sexo vazio e gostaria de ter outros contatos corporais antes de utilizar a mecânica colonizatória do prazer genital. Não a desprezo, mas soam secundárias nas relações afetivas sexuais.

O aplicativo hoje me notificou com mensagens. Olhei rápido, recebi uma mensagem gentil que me enviou uma foto de uma obra de arte, mas não respondi. Estou realmente na busca de outros meios de me relacionar e o jejum de sexo está muito bom: sinto uma ampliação da energia vital e grande prazer de viver a maior parte do dia. Assim, percebo que não necessito do escape sexual para atingir o gozo da felicidade.

Talvez, neste momento, a maior preocupação que tenho em relação à sexo, é um ex-namorado, anterior ao último amor, que diz estar com saudades e sedento de desejos de fazer sexo comigo. No início do jejum de sexo, informei-o sobre esta busca. Ele respeitou, mas quer me visitar e pergunta sempre quando a abstinência irá terminar. Fico na dúvida de interromper o jejum por um sexo casual que não envolve outros afetos. Já o amei, mas hoje, prefiro me reconectar com esta força e esperar a vida oferecer, ou não, um parceiro que amplie a compreensão e o trabalho da energia sexual através de propósitos transcendentais. Ou seja, eu partiria para a filosofia e práticas sexuais tântricas, mas ainda me falta estudo e maturidade corporal para tais exercícios. Ao mesmo tempo, não quero o magoar ou descartar oportunidades de ser feliz. Entretanto, caso eu escute meus próprios desejos, simplificaria nossa relação através do estabelecimento da amizade. Não desejo as relações afetivas e sexuais que já tive, pois almejo nesta caminhada, o encontro de uma nova perspectiva amorosa, baseada em novos princípios e nas reprogramações das crenças implantadas em meu ser. Talvez seja querer mais do que se pode ter, mais um sintoma da insatisfação crônica, mas quando se renuncia esta prática e o corpo se adapta à nova realidade, soa tranquilo esperar o tempo preciso, que pode ser toda a vida em celibato.

Dia 29 de jejum de sexo**Dia 2 de jejum de maconha**

22/11/18 – 13h.

Os estudos da madrugada de ontem, concluíram, definitivamente, que Cuba constituiu uma democracia, a despeito dos defensores e críticos do governo fascista que afirmam a impossibilidade de conciliar a democracia com o socialismo, pois acreditam que democracia é uma forma de governo inerente ao capitalismo. Diante desta enxurrada de informações políticas, desconfieei dos estudos e conhecimentos que acumulei até hoje, pois muitas referências complexas defendem que Cuba vive a ditadura da família Castro, que já não ocupa mais cargos políticos, apesar de constituírem o partido comunista, que é o único na ilha, mas não é elegível. Os cubanos descobriram e praticaram outra forma de fazer política, que o pensamento neoliberal é incapaz de compreender, pois creem que o acesso aos bens e serviços são provenientes do dinheiro e da propriedade privada, por isso, associam a liberdade ao modo de vida estadunidense. Assim, ignoram o autoritarismo desta política, que venceu as guerras através da destruição de povos e nações. Fico mais tranquilo em acalmar esse debate em minha mente, pois questionamentos com respostas difusas atraem compulsivamente minha atenção, mesmo que eu não alcance um resultado satisfatório para o problema posto.

...

Durante a madrugada, resolvi assistir a um filme sobre o racismo nos EUA: “Histórias cruzadas” (*The help*)⁴¹. Chorei em muitos momentos da narrativa, diante da brutalidade da colonização dos afrodescendentes e a falsa liberdade que lhes ofereceram no início do século XX. O filme é longo e terminou durante o nascer do sol, que cobria as montanhas com as brumas da noite fria. Acordei pouco depois das 10h, devido à claridade, ao desconforto que senti deitado na rede, e ao calor da luz do sol que batia diretamente no meu corpo através do vidro da janela.

Ontem à noite, fui visitar minhas amigas do Hostel. Hoje é o aniversário de uma delas. Cheguei cerca de 22h, elas já estavam no momento pós-alcóolico, comiam, tomavam café e conversavam, mas estavam claramente cansadas, pois trabalharam o dia inteiro na escola infantil de Ibicoara. Conversamos um pouco, sentamos ao redor da breve fogueira de gravetos que nos defumou mais do que sustentou o fogo, mas aqueceu. Amontoados, deitamos num dos

⁴¹ HISTÓRIAS cruzadas. Direção: Tate Taylor. EUA: DreamWorks SKG, Touchstone Pictures, 1492 Pictures, 2011. Filme (137 min), digital, son., color.

quartos do Hostel e seguimos conversado sobre a vida e os amores. Falei sobre os jejuns e as meditações que pretendo fazer, elas riram sobre a abstinência de maconha, pois terei de conter o desejo durante a festa que, provavelmente, será regada por alguns baseados.

Como eu já estava cansado antes de as visitar, ontem à noite, a ideia de fumar estava distante, porém sempre presente. Tomei café para acalmar a compulsão oral. O resultado do consumo deste estimulante legalizado foi a madrugada insone. Antes das 24h, despedi-me para que elas pudessem descansar para a jornada do dia seguinte. Entretanto, a aniversariante, além de ter uma energia fora do comum, que apelidou de “pré-cambriana”, devido a possibilidade de não trabalhar amanhã, pouco se preocupou com a hora. Levantou e me acompanhou até a esquina próxima da praça central. A noite estava fria e caminhamos abraçados para aquecer os corpos mutuamente. Trocamos declarações de amor que, apesar de recentes, são bastante profundas.

É preciso lidar com o sentimento de não querer fazer sexo, sobretudo, com outros corpos além do meu: dizer não para alguém que me deseja é uma tarefa árdua, diante do meu ego envaidecido pela minha aprovação estética na sociedade. Esta condição é complexa, porque é nova.

Hoje supera a marca de uma semana após os 21 dias de jejum de sexo. A ideia de me masturbar é algo que sai do foco rapidamente, caso o desejo insista em vir. Atualmente, já não considero a masturbação uma prática de obtenção de prazer, ao contrário, creio que ejacular uma quantidade de energia resultará em desânimo, letargia, sono e repetição viciada do ato. Sobre sexo com outras pessoas, estou realmente numa fase romântica. Não espero a chegada do príncipe encantado, nem do cavalo branco alado, mas se penso neste tipo de afeto e práticas com o corpo, imagino através da metáfora das borboletas que visitam um jardim florido, ou seja, antes de chegar a borboleta e os beija-flores, preciso cultivar o jardim interno, pois da sementeira dos últimos meses, nasceram brotos que ainda não despertaram os botões. Quiçá, as primeiras folhas já preenchem a paisagem de verde, o que me traz conforto e alívio ao ver o solo do meu corpo coberto por brotos de beleza, no lugar das potências daninhas. Quem sabe, na próxima primavera, as flores iniciem sua polinização, que é o ato sexual da reprodução das flores.

O tempo da natureza deve ser respeitado, pois a ansiedade humana deseja encurtar os processos orgânicos para obter resultados com maior velocidade. Se curtimos a passagem do tempo, o agora se torna a experiência precisa, assim, perfeita no aspecto do que tem que ser. Se os polinizadores visitarem o meu jardim, o sistema natural da sexualidade vegetal, mesclada com os atos animais, serão desenvolvidos sem a necessidade do controle racional para o devir

das flores e frutos. Assim, sem pretensão de ser celibatário pelo resto da vida ou de interromper conscientemente o jejum de sexo, libero para o universo, o tempo de chegada das borboletas, caso apareçam. Creio que aprender a me abster de tais desejos físicos também facilitará o processo de 21 dias de jejum de alimentos e o curso de meditação *Vipassana*, pois, em ambos, maconha, sexo e café estão fora do protocolo. Ou seja, se me acostumo com tais renúncias, se reprogramo meu corpo neurologicamente, para estar bem sem tais consumos, alguns processos que pretendo realizar em meu corpo-laboratório serão facilitados e sentirei maior prazer, pois poderei desfrutar sem sentir qualquer tipo de abstinência química, física ou psicológica.

A maconha não afeta muito a vida, seja por fumar ou por renunciar a substância após longo período de uso diário. Creio que fumei maconha pela primeira vez aos 14 anos, mas era um consumo eventual. Quando entrei na faculdade, o consumo aumentou para uso diário e de maiores doses. Não tive problemas em disciplinas por conta deste hábito, fui aprovado em todas as matérias, exceto ética, mas por estar dedicado quase integralmente ao trabalho de produção de conteúdo para um programa de televisão. Não era uma obrigação trabalhista, tratava-se do despertar do meu interesse em aprender e praticar habilidades em mídias audiovisuais.

Desta forma, já completei mais de uma década de consumo cotidiano de maconha. Alguns períodos fui privado, seja por falta de acesso ao produto no mercado ilegal ou em viagens que preferi evitar atividades ilícitas. Não considero justa a ilegalidade da maconha, mas esta é uma longa história. Fato é que o único vício que a maconha sedimentou em meu corpo foi o hábito oral, pois não sinto dores, nem qualquer sintoma de abstinência. Caso fumem ao meu lado, não terei problemas em negar. O bom de pensar em 21 dias é que se estabelece uma meta que um dia chega ao fim. Não é longe, mas não é perto. A meta fortalece a busca e já percebi o poder de reprogramação dos 21 dias, então o mergulho na renúncia da cannabis está suave.

Pretendo inserir atividades de meditação e respiração no lugar do hábito de fumar, que é bastante prazeroso, pois é um momento em que se pode voltar para si mesmo. Além disso, a mecânica de fumar faz o corpo respirar melhor, ao inspirar bastante, reter o ar e a fumaça, para, em seguida expelir todo o conteúdo que há no pulmão, seguida por uma breve retenção sem ar, antes de reiniciar o ciclo. A respiração de quatro tempos orienta uma técnica similar: inspiração, retenção, expiração e retenção do pulmão vazio. Ou seja, este método indica realizar tal ciclo respiratório quatro vezes, com a duração de quatro segundos em cada etapa.

Sinto-me tranquilo, gostaria de fumar agora por força do hábito e pela sensação prazerosa dos canabinóides. Para mim, a maconha é uma substância similar ao café, mas com outro conjunto de efeitos, ou seja, é uma droga da cotidianidade, para alguns da normalidade,

que ativa circuitos neurológicos, enquadrando-se assim no espectro de drogas da inteligência, criatividade e produtividade. Ao mesmo tempo, não quero depender nem do café, nem da maconha, nem da ritalina para produzir. Após este longo período de relação afetuosa e química com a cannabis, creio que aprendi muito com as reflexões geradas devido ao consumo de maconha habitualmente. O relaxamento ajuda o usuário a se conectar com as frequências da paz e do amor em meio ao caos da vida moderna colonizatória. Assim como sexo, não nego a potência de voltar a ser um consumidor de maconha, mas percebi que a renúncia de hábitos é um meio para alcançar prazer e sabedoria, ao lado dos caminhos químicos das substâncias naturais e farmacêuticas. O único dilema é: a abstenção é mais saudável do que a prática cotidiana de ingestão das substâncias?

Há controvérsias na literatura científica, que pouco aceita o jejum como método de cura, assim como a maconha, que é uma importante medicina para muitas doenças crônicas.

Além dos efeitos terapêuticos, considero a maconha um expansor de consciência. Potencialmente, organiza os pensamentos e presenteia o usuário com as sensações de paz. Alguns usuários esporádicos relatam a percepção do silêncio mental através da substância, devido a maior potência dos canabinóides em consumidores pontuais. Já os consumidores habituais, sentem outro conjunto de efeitos, igualmente, benéficos. Diferente de outras substâncias, se o usuário se sente prejudicado por um consumo excessivo, pode se abster sem danos ou consequências físicas e psicológicas, caso seja uma decisão facultativa. Contudo, a abstinência a qual muitos maconheiros são expostos costuma ser uma intervenção compulsória, pois é devida à repressão do Estado, que cerceia os direitos das liberdades individuais.

A maconha é muito bem vista em diversas culturas. “A prática do consumo de cannabis pode ser rastreada a partir de lendas como os Vedas (os antigos livros sagrados do hinduísmo) sobre a origem da cannabis e sua relação com Shiva datada em cerca de 1400 a.C.”⁴² Na Índia, que atualmente é a principal fonte de estudos da minha pesquisa sobre a cultura oriental, os hindus consideram a maconha uma planta sagrada oferecida por *Shiva*. Os *sadhus*, respeitados espiritualmente na Índia, consomem altas doses diariamente. No festival *Holi*, realizado para celebrar a chegada da primavera, os indianos preparam uma mistura de leite com maconha para ser tomada nas ruas, enquanto as pessoas disparam pó coloridos no ar, pintando a cidade com vários tons vibrantes.

⁴² AROONSRIMORAKOT, Sayam; LAIPHRAKPAM, Meena; METADILOGKUL, Orapun. Social, religious, recreational and medicinal usage of cannabis in India and Thailand. *Interdisciplinary Research Review*, v. 14, n. 4, p. 43-50, 2019, p. 44, tradução nossa.

Segundo uma antiga lenda hindu, quando os Deuses agitaram o oceano celestial com o pico do Monte Mandara, uma gota de amrita (néctar sagrado) caiu do céu. Onde ela pousou, a primeira planta de cannabis brotou. O Senhor Shiva trouxe a planta do Monte para baixo em benefício da humanidade. Desde aquele tempo, o uso da cannabis tem sido intimamente associado com a devoção a Shiva. Os Vedas chamam a cannabis de uma fonte de felicidade, alegria, liberação que foi dada compassivamente aos humanos para os ajudar a alcançar o deleite e perder o medo. De acordo com uma outra lenda, Shiva vagou pelos campos depois de uma discussão com sua família. Chateado por este conflito familiar e fatigado pelo sol quente, ele adormeceu sob uma planta frondosa. Quando acordou, notou a bela planta sob a qual encontrou sombra e decidiu experimentar as folhas da planta. Ele foi imediatamente rejuvenescido. Shiva fez da planta seu alimento favorito e ficou conhecido como o Senhor do Bhang. Assim, Bhang é a preparação de cannabis mais comumente consumida na Índia, feita a partir das folhas moídas de cânhamo, também conhecido como ganja, erva ou maconha e é geralmente consumida no dia de Shivratri (o dia de adoração a Shiva), quando a cannabis é oferecida às imagens e às estátuas do Senhor Shiva. De acordo com outra crença na Índia tradicional, Bhang é usado para destruir os maus olhos dos demônios, pois se acredita na antiga religião indiana que a planta de cannabis contém espírito que pode contrariar a atividade dos demônios. Os Sathus (homens santos da Índia), que são devotos do Senhor Shiva, e tendo uma vida ascética, consomem cannabis com bastante frequência, não na forma de bhang, mas através do fumo dos botões altamente resinosos da planta fêmea ou da própria resina que é chamada haxixe, em pequenos cachimbos de barro. Estes cachimbos são chamados de chillum e os sadhus os usam em rituais de adoração, meditação e prática de yoga.⁴³

Tudo é relativo ao ponto de vista! A verdade pura, talvez nunca seja encontrada através dos sentidos e da razão limitada do ser humano.

Em meu corpo, a única questão que percebi e, de certo modo, associo à renúncia da maconha, é o sentimento de solidão no lugar da solitude. Estar só quando se fuma maconha é mais fácil. Sempre gostei, pois criei a fantasia de que quando não sou observado, a expressão de onda do meu corpo físico aumenta, reduzindo as consequências do colapso das partículas do objeto observado. Assim, posso aumentar o espectro de possibilidades de existência. Esta filosofia funciona bem para mim, em especial, quando sou acompanhado da maconha. Contudo, a pergunta permanece: quem observa o observador?

...

Hoje ainda é o segundo dia de jejum de maconha. Passei o dia sozinho em casa, com os animais; em alguns momentos, pensei em pessoas queridas que eu desfrutaria da companhia, algumas saudades e a vontade de encontrar as bruxas do Hostel para celebrar e me sentir acolhido nos abraços.

Nos dias que seguem o jejum, creio que a busca é equilibrar e harmonizar tais emoções, a fim de estabelecer o prazer de estar só, sem a companhia da maconha. Não se trata de tristeza,

⁴³ *Ibid.*, p. 45, tradução nossa.

mas quando fumo, a vontade de socializar diminui, pois os pensamentos me entretêm por conta própria. Além disso, existe a perspectiva cultural que demoniza os usuários de maconha, revelados através dos olhos avermelhados.

Para mim, é complicado, por exemplo, falar em reuniões após fumar, pois as condições psíquicas se tornam favoráveis para escutar. A potencialização da escuta é mais uma boa qualidade da maconha, que poucos sóbrios praticam, quando emitem palavras pela boca compulsivamente. Então, talvez, a abstinência de maconha amplie o impulso de encontrar pessoas e socializar. Pode ser bom, mas gosto de me divertir na solidão e pretendo encontrar outras ferramentas, como a ioga e meditação, para seguir com prazer em estar só. Ao mesmo tempo, é uma boa transformação eu me tornar um ser mais sociável, pois estaria mais bem adaptado à sociedade moderna. Ao observar tais ideias, percebo benefícios maravilhosos na felicidade de estar só, mas a impermanência da vida pode apresentar novos caminhos, que surpreendem. A busca segue a mesma: paz, amor e felicidade. Sei que todos estes elementos são inerentes ao interior do meu ser, pois não encontro em substância tais benesses. Contudo, posso experimentar estados químicos passageiros que aparentam tais sentimentos. Se passam a ser sentimentos incondicionais, a vida se torna um deleite constante, independente da variação dos fatores.

Assim como a ingestão de substâncias proporciona alterações neuroquímicas sobre o bem-estar, a abstenção de consumos, gera fluxos de prazeres intensos, que estou obstinado a experimentar através da realização das práticas de autoconhecimento milenares.

Vou comer algo salgado e, depois, vou ao Hostel para comer o bolo de aniversário. É uma solução para o que sinto. Apesar de me sentir estranho, não vejo como problema ou pesar, sinto-me bem! Sei dos privilégios de viver a vida que vivo, condição que não me permite sentir tristeza por ser quem sou ou estar na condição que estou. Se paro para avaliar tais questões, percebo como a vida é boa e generosa comigo, então só me resta a gratidão. Creio que estou num caminho interessante, pois, mesmo diante da instabilidade emocional humana, alguns sentimentos que citei acima conduzem grande parte das horas de vigília do meu corpo. Durante o sono, faço uma viagem onírica tão profunda, na qual todas as informações do mundo da matéria se desvanecem num apagão que conduz minha consciência ao nada.

Já ouvi relatos semelhantes à minha experiência pessoal sobre o aumento das memórias conscientes em relação as narrativas sonhadas, como efeito da abstenção da cannabis. Ainda não posso considerar uma mudança no padrão dos sonhos noturnos, mas creio que será um dos elementos em observação nos dias seguintes do jejum de maconha.

Dia 30 de jejum de sexo**Dia 1 de jejum de maconha**

23/11/2018 – 11h 30min.

Ontem foi dia de festa, de celebrar mais uma volta ao redor do sol de uma amiga querida. Quando cheguei no Hostel, saía uma fornada de torta doce e salgada, um bolo gigantesco de chocolate com coco foi posto numa mesa decorada com panos coloridos. Uma das bruxas do Hostel me serviu um copo de cerveja, que tomei toda a noite parcimonialmente, diante da última experiência alcoólica, mas hoje, não sinto efeitos de ressaca, pois me hidratei e comi mais do que bebi álcool.

Sento-me ao lado de um amigo que é guia turístico da região. Recentemente, ele caiu na trilha da cachoeira do Buracão, quebrou a bacia e alguns dentes de trás, mas logo voltou a caminhar lentamente e expressa uma recuperação bem positiva, pois já é capaz de fazer trilhas próximas com o auxílio de uma muleta. Sorridente, ofereceu um cigarro de maconha, aceito pela aniversariante com alegria. Na minha vez de fumar, passei o baseado direto e todos estranharam minha ação, depois riram quando lembraram do jejum.

Com poucos argumentos e um ego que berra os dilemas do desejo de consumo e da renúncia, mergulho num conflito mental, iniciado antes de acenderem o baseado. Como é uma ocasião especial, aceitei fumar. Foi uma dose baixa diante do que consumia habitualmente. Além disso, compreendi como algo positivo, pois gerou uma associação diferente em relação à substância e à prática: no lugar de um hábito caseiro de solidão, a ação se aplicava a uma socialização eventual em espaços externos ao lar.

Aqui, é aconselhável revisitar o lema: sem culpa e sem desculpa. O fracasso faz parte dos processos, também não alcancei os 21 dias de jejum sexual na primeira tentativa, mesmo quando meu corpo clamou por tal ação. Cultivei e refleti sobre a prática até encontrar os caminhos para alcançar o período de reprogramação neurológica. No caso da maconha, penso, inclusive, que a abstenção será mais suave do que o sexo.

Fumamos uns três baseados finos ao longo da noite, mas agregado ao álcool, os efeitos da cannabis se tornam pouco notáveis, apesar da presença acolhedora da “onda”. Uma colega do trabalho das bruxas do Hostel chegou com o filho frenético, viciado em açúcar e seus derivados. Já não estávamos fumando e seguimos numa conversa calorosa entre todos. Outra senhora veio parabenizar a aniversariante, olhou para a mesa, mas recusou qualquer alimento, pois estava realizando práticas para emagrecer, já que o sobrepeso trouxe dores e inflamações no corpo. Os demais convidados não puderam comparecer devido a outros compromissos: os eslovacos

estavam colhendo e organizando os maracujás orgânicos da plantação deles, para serem transportados num caminhão. O professor de capoeira viajaria hoje. O motivo da ausência dos demais, eu não sei.

Após os parabéns e a comilança de bolo, seguimos conversando sobre misticismo e a existência. Foi bonito, pois as bruxas do Hostel faziam muitas associações entre a fisiologia da natureza e as filosofias transcendentais. Cansados, esperamos a meia noite para nos recolher. Já estava de pijama, em contagem regressiva para dormir. O guia acidentado decidiu dormir no Hostel. Fiquei em dúvida, mas resolvi voltar por conta dos animais e de um fator que foge do meu controle: o guia é um rapaz bonito e sensual. D historicamente, até onde sei, tem relações heterossexuais e não demonstrou qualquer indício do contrário. Entretanto, senti-me atraído, sobretudo, após as doses alcólicas. Fantasiei que dormiríamos juntos, algo desnecessário diante da quantidade de acomodações livres no Hostel.

Na cultura brasileira, enquanto os machos heterossexuais quase não possuem filtros sociais para expressar seus anseios sexuais, os homossexuais são impedidos de disparar livremente seus afetos aos corpos que endereçam seus desejos, devido às potenciais reações de violência. Por este motivo, contive meus desejos, despedi-me de todos, abracei o rapaz com respeito e parti, em meio à noite fria, para retornar à casa onde moro.

No caminho, pensava sobre o desejo de encontrar um ser humano amado em casa, que celebrasse minha chegada com toques e beijos carinhosos, além de risadas e conversas prazerosas. Contudo, esta perspectiva se dissolveu quando pensei que o meu jardim ainda precisa florescer para os polinizadores pousarem. Assim, preciso cultivar a paciência para permitir o movimento da natureza, sem a interferência da razão egóica humana.

Quando chego em casa, a celebração dos animais é comovente. Já fui pouco amoroso com meu cachorro que me acompanha há mais de 6 anos. Eu não o adotei. Em princípio, o plano era que ele fosse morador da ilha, junto com o caseiro da época. Quando me mudei para uma casa grande em Itapuã, junto com minha irmã e minha cunhada, ele morou conosco. Neste período, eu não era responsável pelas necessidades básicas do cachorro, tampouco, afetivas. Sempre reclamava com ele devido às suas desobediências, que, geralmente, consistiam em deitar onde não permitíamos.

Depois, ele morou comigo em Barra do Serinhaém, onde passava a maior parte do dia amarrado numa longa corda e passeava duas vezes para fazer as necessidades fisiológicas. Não foi uma fase agradável para ele. Quando fomos morar na ilha, finalmente, pôde viver livre. Após o assalto dos piratas, meu afeto pelo cachorro fortaleceu. Às nossas aventuras desta homérica odisséia em fuga, soma-se a potencialização afetiva provida pelo jejum de sexo, pois,

através desta experiência de renúncia, o amor incondicional vibra com maior intensidade. Até mosquitos e baratas, hoje, são seres que respeito a vida, quem dirá de um cachorro amoroso.

Lembro que, após a ejaculação, haviam vezes que ficava com a paciência mais curta para meu ex-companheiro, o que, por vezes, gerava comunicações violentas após o sexo. Por isso, acredito que o sexo tântrico, que cultiva o orgasmo seco, não ejaculatório, é uma fonte de prazer com efeitos de retenção da energia do amor. Quando ejaculada em excesso, os humores sintonizam com as vibrações adensadas, apesar da sensação de alívio e prazer imediato e fugaz. Não sei se é assim com todas as pessoas. Amigas cis relatam que passam o dia sorridentes e dispostas, após o gozo matinal. Provavelmente, alguns homens sintam os mesmos efeitos. Talvez, o que senti foi devido ao excesso da prática ejaculatória, seja através do sexo com o outro ou da masturbação isolada. Quando a energia era retida, fui capaz de expressar doses de amor mais intensas, talvez por buscar as finalidades sexuais com tais atitudes sensuais, ao mesmo tempo, eram impulsos e expressões sentidas como naturais, irracionais e sinceras.

...

Ao despertar, passei um período na rede, de olhos cerrados, trocando de posição constantemente. Quando decidi abrir os olhos para levantar e urinar, levei o celular e as notificações do aplicativo de encontros homoafetivos chamaram minha atenção. Olhei as mensagens, mandei alguns “oi”, mas logo perdi o interesse. O banho pareceu limpar um campo que se construiu ontem ao redor do meu corpo, carregado de energias obsessoras que atiçavam o desejo e os pensamentos para o sexo. Contudo, numa intensidade controlável, porém distante da realidade dos dias anteriores, quando tais impulsos e expressões estavam silenciadas. Tudo bem, sem danos, mas ontem foi um dia para me questionar até quando permanecerei no celibato, até onde vale renunciar o sexo. Meu propósito é viver uma vida dedicada à espiritualidade, após anos de ceticismo materialista?

Antes de dormir, li algumas páginas da autobiografia de Yogananda. Um trecho retirado do *Baghavad Gita* sobre a renúncia me chamou atenção e gerou algumas reflexões antes de cair no sono:

Nenhum homem pode escapar de agir evitando a ação; não, e ninguém chegara à perfeição pela mera renúncia. Não, e nenhuma fração de tempo, em qualquer tempo, permanece inativa; a lei de sua natureza a compele, mesmo sem querer, a agir (pois o pensamento é ato em imaginação).

(...) Quem, de corpo vigoroso servindo à mente,
aplica seus poderes mortais ao trabalho digno
sem buscar o ganho, Arjuna, esse
é honrado. Cumpre a tarefa a ti reservada!

(da tradução de Sir Edwin Arnorld para o inglês).⁴⁴

Dia 31 de jejum de sexo

Dia 2 de jejum de maconha

24/11/2018 - Por volta das 11h.

Ontem, a noite foi uma delícia. Fui ao Hostel às 20h. Quando cheguei, estavam as minhas amigas bruxas e um dos quatro eslovacos que moram aqui em Ibicoara e tem um caso romântico com uma das bruxas do Hostel. Tomei alguns goles de cerveja, mas não consegui finalizar um copo pequeno. Depois de comer um pedaço de bolo bastante açucarado, a cerveja se tornou uma bebida intragável. Uma das bruxas me ajudou com um gole e dispensei o que sobrou.

Os demais eslovacos chegaram com o carro deles e instrumentos musicais. Estavam cansados, mas felizes por conseguir vender a produção de maracujá orgânico por um bom preço. Partimos para a casa de uma cantora nativa muito bonita, sorridente e simpática. Os eslovacos levaram três dúzias de cerveja, com o propósito de continuar a festa num bar, após terminar o estoque da festa.

Havia bolo feito pelo amante eslovaco de uma das bruxas do Hostel, a cantora nativa fez uma torta salgada e pasta de cenoura para comer com torradas de pão de sal. A comida estava muito gostosa, continha ovo e leite, mas era sem carne. Permiti meu corpo comer quanto desejasse, já que não pretendia beber, nem fumar. Quando chegamos na casa, além de encontrarmos uma frenética gata preta, que ainda é um bebê, a cantora estava reunida com outra cantora nativa e o guia turístico lesionado, o mesmo da noite anterior no Hostel.

Claramente, haviam fumado maconha logo antes da nossa chegada. Esta compreensão atiçou o desejo de consumir a erva, mas estava firme no propósito da renúncia. Chegaram mais dois guias nativos de Ibicoara, um deles é meu vizinho; o outro rapaz sereno, que pintou a camisa que vestia, tocou pandeiro dedicadamente durante toda a noite. Foi a primeira vez que o encontrei. O guia lesionado havia escrito umas reflexões em seu caderno de anotações, que as cantoras nativas decidiram musicar em ritmo de samba. Um dos eslovacos amantes de samba,

⁴⁴ BAGHAVAD GITA *apud* YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013, p. 52.

que toca bem violão, criticou a melodia vocal, além da construção das estrofes e do ritmo fúnebre que haviam elegido para a canção. As cantoras perderam a paciência e passaram a fazer piadas sobre os comentários do eslovaco, argumentando que a métrica quadrada que ele propôs era tediosa, pois preferiam cantar “na tora” (redução da expressão “naturalmente”, com origem etimológica em “naturalmente”).

As cantoras clamaram para que o eslovaco tocasse músicas do repertório de samba de outras festas, mas o eslovaco insistia em trabalhar na composição, enquanto dizia que as meninas não tinham paciência para criar. Após algumas tentativas frustradas de composição melódica, iniciamos um samba animado, onde todos tocavam, cantavam, riam e se divertiam com as músicas e piadas espontâneas. As cantoras nativas conduziam a cantoria com suas belas vozes. O guia lesionado também revelou uma voz harmoniosa e agradável.

Todos bebiam álcool, exceto eu. Alguns optaram por vinho, outros cerveja. O primeiro baseado foi aceso em minha presença, era fino e haviam muitas pessoas para fumar. Diante do meu consumo habitual, sabia que aquela dose não faria diferença e passei o cigarro para a pessoa seguinte, sem tragar a fumaça. As bruxas do Hostel se impressionaram com minha atitude, pois na noite anterior eu havia fraquejado e, sem culpa ou desculpa, fumei. Ontem, durante a roda de samba, apesar de sóbrio, estava disposto, feliz, alegre e sorridente.

A sobriedade se tornou uma espécie de onda para mim. Talvez os alongamentos e as danças frenéticas que fiz sozinho em casa, antes de me encontrar com as pessoas na rua, tenham ativado uma sensação prazerosa que não pedia por maconha, exceto por força do hábito. O baseado rodou, voltou, passei. Outro baseado mais grosso foi aceso, de uma maconha bastante natural, verde e cheirosa. Raramente, dispensaria um momento como este de degustação canábica, mas, novamente, passei o baseado sem tragar. Gostava de estar na roda, de sentir o cheiro da fumaça, mas, sobretudo, celebrava a obediência do meu ego na busca do autoconhecimento e da reprogramação descolonizatória.

A ação de estar presente e de realizar algumas mecânicas associadas ao hábito, gerou uma sensação de conforto e prazer. Mais uma vez, começaram a fazer outro cigarro. Cada vez que sentia o cheiro e assistia a cena de preparo do baseado, meu corpo gerava uma série de conflitos e dilemas sobre aceitar fumar, ou não. Entretanto, senti-me harmonizada com a busca do jejum de 21 dias de maconha, quando pensava que já estava cansado, divertindo-me bastante, e que haviam tantas pessoas para compartilhar o baseado, de forma que eu pouco ingeriria a substância. Inclusive, calculei mentalmente quantas tragadas eu daria durante a passagem do baseado aceso. Pesava: se circula apenas duas vezes antes de acabar, daria para ingerir seis

tragadas, uma quantidade que não causaria os efeitos que estou acostumado a sentir quando fumo.

Observei os companheiros que fumavam ao lado do meu corpo abstinente. A observação me satisfez. Às vezes, ficava atento ao fluxo respiratório do meu corpo, para inspirar e expirar o oxigênio, que hoje sei ser uma substância psicoativa. O exercício, a música, a conversa boa, a comida e a felicidade, suavizaram completamente a renúncia à maconha, causando dores faciais de tanto rir e sorrir. Fico feliz e celebro tal percepção sobre os acontecimentos na noite anterior, que era a continuidade das festividades do aniversário de uma das bruxas do Hostel, com direito a repetição de parabéns e um novo bolo preparado por um dos eslovacos. Quando a bebida acabou, o tocador de violão eslovaco, parou de festejar. O combustível acabou e ele se questionava se havia algum lugar aberto após às 2h da manhã para comprar mais bebida. A cidade estava toda fechada, concluíram as cantoras nativas. Frustrados com a notícia, fumaram um derradeiro baseado enquanto trocavam mensagens com um aparelho vibratório com infravermelho. Antes do vibrador, uma das bruxas do Hostel havia iniciado o movimento de massagens pisando nas costas do eslovaco tocador de samba. Depois, pegou duas baquetas de madeira, que usou para bater e esfregar em quem desejasse seus métodos particulares de cura e bem-estar. Mais uma vez, passei o baseado direto, mas a cada cigarro de maconha aceso, meu corpo se satisfazia de estar presente na roda, mesmo se tragar. A fumaça e o cheiro consistiam em acolhimento suficiente.

Após fumarem, um movimento de retirada se iniciou vagarosamente. A cantora anfitriã, reiterava a vontade de que todos permanecessem até o sol raiar, mas o fim da bebida alcóolica finalizou o desejo dos eslovacos de seguir em festa. Eles afirmam que na Eslováquia bebiam mais do que aqui, mesmo que sejam capazes de consumir doses cavалares, acima de quase todos os brasileiros que conheço.

Durante o festejo de ontem à noite, meus impulsos sexuais estavam apaziguados, mas permanecia atento à sensualidade dos corpos naquela sala. A cantora anfitriã é especialmente sedutora, estava com um vestido curto vermelho, que mostrava um corpo robusto bem desenhado, além do sorriso e voz cativante. Não sei se ela teve alguma intenção comigo, mas por vezes, nossos olhares se cruzam com um misto de curiosidade e sedução. Apesar das práticas homoafetivas nos últimos anos, essa moça cativou um desejo silenciado em meu corpo, que produziu pensamentos sexualmente interessados. Devido ao jejum de sexo, dei pouca atenção para este fenômeno, apesar de o observar e me divertir com as sensações curiosas que resgatavam antigos interesses heterossexuais.

Quando saímos de sua casa, aproveitei para a abraçar e elogiar sua voz. Senti este desejo e o expressei. Foi o suficiente para mim. Não estou realmente interessado em me relacionar no momento, sobretudo, com uma mulher cis ou trans. Porém, percebo que posso inserir desejo heterossexuais em meu repertório de fluxos de prazeres.

O céu derramava gordas gotas de chuva durante a fria madrugada das montanhas. Queria caminhar para casa, mas fui convocado a subir na caçamba do carro para pegar uma carona até a praça. Junto com um dos eslovacos e uma das bruxas do Hostel, subimos e seguimos o caminho guiado pelo tocador de violão, que dirigia agressivamente, causando conturbação para os passageiros da parte traseira do automóvel. A aventura se tornou diversão sem lesões. O carro parou para aportar o guia lesionado e uma das cantoras em seus destinos. Saltamos da caçamba para sentar no banco da frente, mas quando uma das bruxas descia, o motorista acelerou na marcha ré. Por pouco não a atropelou, sobretudo, devido a agilidade e perspicácia da bruxa. Gritei para que parasse, logo a bruxa do Hostel conseguiu sair do caminho do carro sem feridas.

...

Hoje, desde que acordei, só comi uma banana, tomei água e café. O mesmo ritual matinal para despertar foi realizado. Agora, vou preparar um cuscuz de arroz, pois sinto fome.
13h 22min.

Dia 32 de jejum de sexo

Dia 3 de jejum de maconha

25/11/2018 – 21h 02min.

Hoje acordei com resquícios de um sonho erótico estranho: estava num campo de futebol, onde só haviam homens, todos estavam vestidos, mas com as genitálias expostas. Não lembro bem dos detalhes, mas alguém pegou uma bola azul brilhante do tamanho das bolas de *baseball*, mas diferente de qualquer bola que já vi. O rapaz que a pegou desapareceu e eu fui convocado no seu lugar para realizar um ato sexual com um homem cis forte, negro, com um pênis gigantesco. Ao longo do dia, percebi que esta referência visual foi construída a partir do filme que assisti na noite anterior, que não era erótico, mas abarcava cenas de sexo, nas quais um dos personagens se enquadrava neste arquétipo descrito: devido a genitália avantajada, foi enaltecido na narrativa cinematográfica.

Devido à falta de vontade, medo de lesões anais e pelo propósito celibatário, que irradiou intensamente, neguei a sugestão imposta durante o sonho por outras figuras presentes no campo de futebol que afirmavam que eu deveria consumir o ato publicamente, como consequência da bola luminosa azul estar em minhas mãos. Em seguida, acordei sem querer levantar imediatamente, como de costume, com uma espécie de ressaca por dormir demais.

Ontem, tomei chá de camomila e assisti um filme até 2h da manhã. Jantei sopa de abóbora com quinoa. Hoje, quando levantei, urinei, mas não defeguei, tomei banho e segui a receita japonesa que assisti ontem no *youtube*: tomar quatro copos d'água de barriga vazia após acordar, antes de escovar os dentes. Não foi difícil, pois já tenho esse hábito, contudo, geralmente, escovo os dentes antes de beber água e consumo doses menores do líquido.

Senti-me solitário, entediado, talvez, um pouco triste. Quando abri a porta do quarto, meu cachorro tinha dormido dentro de casa, o que consiste em uma desobediência, já que ele mora na varanda, pois suja muito com seus pelos e saliva, pois vive a se lambar devido à alergia aos mosquitos. Algumas vezes, passo citronela em seu corpo canino, mas não sempre e, portanto, esse hábito é cultivado. Esta situação matinal me deixou irritado com ele, enquanto confabulava como iria resolver a bagunça.

Olhei as mensagens no telefone, que precisou carregar por alguns minutos, os sentimentos contrários à paz e felicidade tomavam conta das minhas sensações e pensamentos, mas tentava os controlar, pois sabia que não haviam motivos para sentir algo diferente de paz, amor, felicidade e bem-aventurança, afinal, tenho uma vida maravilhosa, apesar de ser solteiro, morar só e estar em estado de renúncia dos prazeres provenientes de hábitos viciados.

Refleti se a maconha ou outras drogas poderiam mudar esse momento emocional, mas celebrei por estar no terceiro dia, que poderia ser o quinto, se não houvesse o desvio no aniversário de uma das bruxas do Hostel, mas não me arrependo de ter interrompido o jejum de maconha.

A solidão me fez ter vontade de visitar as bruxas do Hostel pra conversar e beber, mas concluí que não posso substituir a maconha por álcool ou camomila, pois a ideia é ficar bem sem muletas neuroquímicas. Logo, uma das bruxas do Hostel mandou uma mensagem para saber se eu já tinha almoço, pois estava pensando em fazer panquecas. Respondi que iria, mas demoraria 15 minutos, pois pretendia limpar a bagunça de Tuco e algumas bagunças minhas. Demorei um pouco mais, mas fiz um trabalho razoável. Catei um resto de café *goumert* que sobrou da visita de minha irmã, uma abobrinha e tomates, antes de sair em direção ao Hostel. No caminho, esperançava encontrar algum lugar para comprar queijo, azeite e vinho, mas por

ser domingo e estar na hora do almoço, só os bares estavam abertos. Então, fui direto para o Hostel.

Letárgicas, as bruxas estavam assistindo a um filme, deitadas num colchão de casal na sala. Era um documentário sobre monges budistas, que elas reiniciaram por minha causa. Assistimos enquanto tomávamos café e comíamos amendoins torrados, quase queimados. Foi o que ingeri até cerca de 15h, quando terminamos o filme e fomos cozinhar.

Petisquei as comidas antes de estarem prontas. Sentia fome, mas ela não me incomoda mais. Comemos bem e a sobremesa foi o resto do bolo do aniversário, que ainda tem bastante. Assistimos outro filme sobre aplicativos de paquera, neste caso, em relação a um casal heterossexual que testou o relacionamento aberto, mas não deu certo e, ao final, após uma série de dramas, decidiram ser monogâmicos e seguir a tradição. Foi legal, mas não víamos a hora do filme acabar. Entretanto, derramei umas lágrimas quando se reconciliaram. Será que eu quero isso para mim? Desejo a monogamia ou o relacionamento aberto?

No início da tarde, quando assistíamos ao documentário sobre a vida monástica, que envolve o celibato, comentei enfaticamente com as bruxas que a vida de santo não é para mim, pois creio sentir falta de um aconchego amoroso, de uma presença amiga, companheira, afetiva e sexual. Fico em dúvida se o isolamento social é o meu caminho, pois admiro, tenho muita vontade de trilhar essa passagem do autoconhecimento silencioso, mas ao mesmo tempo, quero viver os prazeres mundanos com uma intensidade digna de uma estrela do *rock*, que é o meu outro sonho paradoxal à vida espiritual sutil. Fico entre os dois mundos, como uma ponte que não pertence a nenhum lado, mas toca ambos. Certamente, a confusão e a incerteza é o meu presente, que devo acolher com gratidão. O documentário fala dos sofrimentos como meio para despertar, mas gostaria de trilhar com prazer os caminhos da vida, pois não vejo outro sentido. Hoje sei que o prazer não se encontra na matéria, pois já vivi grandes decepções geradas por expectativas frustradas que, contudo, permanecem vagando em meus pensamentos e emoções insistentemente. Por que até hoje desejo um modelo de vida que sei ser fracassado e imposto por uma sociedade burguesa?

Na festa do outro dia, na casa da cantora, uma das cantoras se lamentou, pois considera que terá poucas histórias para contar aos netos. Na mesma hora, falei que no meu caso, terei de censurar a maior parte: vivi experiências fora dos padrões heteronormativos, sem ser o maior dos dissidentes sexuais que conheço, longe disso, mas me permiti libertações. Não me considero uma pessoa com problemas morais devido ao meu histórico, ao contrário, por meio deste fluxo libertário, não cometi qualquer crime de abuso sexual, apenas práticas categorizadas como amoral para os padrões hipócritas da família tradicional brasileira.

O que será do meu futuro sexual, eu não sei, mas no momento, sinto-me infantilizado, dentro de crenças românticas que carregava na adolescência, adicionadas aos conhecimentos técnicos sobre o sexo que ainda pouco sei a respeito, seja em relação ao ato ou à renúncia voluntária. Fato é que ainda sinto desejos sexuais e afetivos, mas, simultaneamente, desfruto do celibato e não tenho mais a pressa de gozar que antes eu tinha, algo que pode ser benéfico para futuros parceiros. Mas, quando penso no impulso interno para acessar a realidade por trás do véu de *Maya*, e que permanecer atado aos prazeres viciados da carne é um caminho para manter a anestesia sensorial e perceptiva, o conflito se estabelece. Qual a busca que devo realizar nesta vida? Quais os sinais que devo receber para saber qual o caminho a ser trilhado?

O sexo é uma ponte de conexão entre o mundo terreno e o divino, mas, para tanto, deve ser praticado a partir de conceitos que escapam da performance que aprendemos através das mídias ocidentais. Entre todas as possibilidades, gosto da ideia de serem renúncias temporárias, mas temo não ser o suficiente para alcançar o objetivo de perceber a realidade por trás do mundo ilusório da matéria e seus desejos, sensações, sentimentos e emoções programados para nos atar numa prisão que ilude a busca do prazer, da paz e felicidade plena, pois tais fatores não se encontram em objetos exteriores, nos quais devo depositar tais expectativas de realização pessoal; no lugar de tal aprendizagem cultural materialista, meu próprio corpo deve lidar com a existência de ser si mesmo e com isto se bastar.

A ciência afirma a necessidade de nos relacionarmos para sermos felizes. De fato, fico feliz com a presença de outros seres queridos e, quando vejo filmes de cidades com muitas pessoas, tenho sentido o desejo de nelas passear, como um anônimo caminhante nas ruas. Este acontecimento pode gerar uma solidão ou solitude na mesma proporção do isolamento, pois é a partir das projeções interiores que tais expressões adquirem existência.

Após o afago das amigas, sinto-me mais tranquilo e feliz, mas as sensações sentidas mais cedo deixaram resquícios que já não sei como solucionar. A persistência é uma das ferramentas de teste dos devotos espirituais. Sem dúvidas, estou em exame probatório, mas não sei se conseguirei passar a vida sem desviar do propósito. Gostaria de unir ambos os aspectos e encontrar uma medida harmônica para viver os dois lados da vida com ternura, sem dor ou sofrimento, pois quero paz interna e externa.

Se penso no caminho que trilhei até chegar aqui e agora, muito mudou. A reprogramação está eficiente, resultou em cura de uma alergia crônica e já não adoço há mais de dois anos. A comida mudou minha vida, agora o sexo, a maconha e em breve, o silêncio. Não sou santo, talvez eu seja um anjo bem torto. Seja quem eu for, devo estar bem com isso, pois nada resta, exceto aceitação. O trabalho de reprogramar crenças limitantes, contudo, pode permanecer na

trajetória, mas sem um objetivo específico. Assim, busco aceitar o fracasso e a ignorância, sem abandonar a jornada de autoconhecimento para desvelar a ilusão da percepção sensorial.

...

Não me sinto triste, sinto-me confuso. Desejos conturbados que variam entre a ideia de casar e o celibato. Não vou julgar a mim mesmo, pois não quero culpa, nem desculpa. Pretendo apenas manter o foco no aqui e no agora, sem me dispersar com ansiedades sobre o futuro ou saudades do passado. Se assim raciocino, abandono a confusão e passo para o estágio da aceitação e gratidão: que presente existencial vivo eu!

Silenciarei, vou inspirar profundamente e expirar todo ar do meu peito. A respiração é um meio para permanecer no agora e o oxigênio pode ser tão inebriante como outras substâncias químicas. Respirar está no protocolo, então, essa é a droga que vou me aplicar.

Sinto saudades, mas o tempo não volta. A chave do conjunto de crenças limitantes que devo girar para sentir tais emoções no presente glorioso do aqui e agora, é deixar de me apegar ao passado ou de depositar esperanças em ser feliz e satisfeito no futuro.

Fé todos temos alguma. Muitas vezes a fé é baseada em afirmações científicas, mas distorcidas pela interpretação subjetiva, apesar da pretensão de universalizar os resultados obtidos por experiências consideradas científicas. No entanto, a ciência se difere dos demais métodos de conhecimento apenas pelos meios de demonstração, que, contudo, não desvalidam os outros saberes; ao contrário, enaltecem a sabedoria ancestral, que chegou a conclusões similares e, por vezes, mais avançadas, do que as pesquisas recentes da ciência, que tardam em explicar os fenômenos da vida com a precisão que objetiva. 22:33.

Vou alimentar os animais, comer, respirar e tentar dormir. Parar de fumar maconha diminui o sono, mas, apesar da dificuldade para dormir, sigo a ter dificuldade de levantar cedo. Aos poucos, pretendo reverter tal programação. Não sinto desejo de fumar, mas ainda sou amante da erva e estou curioso para desfrutar dos efeitos após os 21 dias. A qualquer momento, sei que a maconha seria bem-vinda, pois traria o enorme conforto de ser o que se é através da combustão das flores, que ajudam a estar só, sem sentir falta de outros corpos. Entretanto, é bom também ter períodos sociáveis, sobretudo, quando se é recém chegado numa cidade do interior que, por sorte, habitam pessoas maravilhosas, com hábitos e prazeres próximos aos que estou acostumado, além das outras práticas exclusivas da vivência na natureza das montanhas, como caminhar, escalar e tomar banho de cachoeira.

...

Pouco após às 23h, defequei fezes alaranjadas, creio que por conta da abóbora. Lembrou-me as fezes de bebês quando comem alimentos com cores fortes como cenoura e beterraba. Estar enfezado, sem dúvidas, altera completamente o humor. Sinto-me mais leve, creio que as conturbações emocionais no início do dia, podem ser devido à constipação matinal de hoje, que rompeu o hábito diário de liberar o intestino após acordar. A felicidade devido à liberação fecal é tamanha que, enquanto me lavava no chuveiro quente, pensava num vídeo hilário que assisti recentemente. Esta memória reflete o estado de humor que senti após a excreção anal.

Dia 33 do jejum de sexo

Dia 4 do jejum de maconha

26/11/2018 – 22h 23min.

Não estou num local que segue o horário de verão, mas a mudança sempre me confunde, pois os aparelhos eletrônicos automaticamente ajustam a hora com referência na capital. Creio que, misteriosamente, marcaram o horário de verão e depois se ajustaram ao meu local, sem que eu precisasse intervir. Por este motivo, não sei que horas acordei. Sei que fui dormir tarde, quase 2h da manhã, tentando assistir um jogo de vôlei, mas a *internet* caiu por conta da chuva. A condição *offline* foi ótima, pois consegui terminar de ler o primeiro capítulo do livro “Fenomenologia da percepção” de Merleau-Ponty⁴⁵.

Apesar de dormir tarde, acordei cedo. Como de costume, não levantei ao despertar. Mantive os olhos cerrados, ouvindo a chuva e sentindo o frio da manhã gelada das montanhas. A gata miava freneticamente, aumentando o volume e ritmo quando eu movia meu corpo e causava ruídos. Após uma hora de preguiça ou mais, ligo o celular e consulto o horário que recém passava às 7h. Vou ao banheiro, urino, defeco, desta vez, devido ao ovo e demais alimentos do almoço no Hostel, as fezes emanam um cheiro menos agradável do que as excreções alaranjadas do dia anterior. É factível que comida vegana resulta em fezes com odor menos desagradável. Contudo, existem grãos envenenados que, quando comidos, emitem cheiros putrefatos. O cheiro de fezes após comer carne, já não recordo qual é, mas garanto que existem dietas que podem reduzir o fedor da excreção anal, inclusive, sem emissão de gases.

⁴⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

Vivo constantemente nesta condição, exceto quando me permito comer bolos, pastéis ou qualquer guloseima vegetariana que utilize ovos ou laticínios na receita.

Quando abri a porta do quarto, após o banho, a gata estava de prontidão a minha espera. Não era fome ou sede, era carência. Ela passa o dia ao meu lado. Agora, por exemplo, está deitada na cadeira comigo.

Tomei vários copos d'água e mantive o jejum de alimentos até 14h. O celular estava repleto de mensagens: meu ex-companheiro havia me enviado uma série de áudios para relatar sobre suas vivências em Serra grande e Itacaré. Também me atualizou sobre alguns potenciais compradores da ilha, onde iniciamos o projeto da ecovila. Durante o diálogo, ocorreu um ruído de comunicação que me deixou chateado, pois ele emitiu o parecer de que a propriedade privada e o dinheiro prevaleceram na decisão de vender a ilha. Respondi com áudios longos sobre o ponto de vista da minha família, que é a proprietária do imóvel e os motivos da decisão da venda, mas não foi necessário debater, pois apesar de eu haver me mobilizado emocionalmente, meu ex-companheiro respondeu de forma gentil, a fim de dissolver a questão: afirmou que já havia superado a decisão da venda e que entendia o nosso caminho e propósito de realizar a melhor escolha. Contudo, talvez meu ex-companheiro tenha razão.

Falamos sobre outros assuntos, referências de autores e as práticas combinadas de xamanismo e constelação familiar, que ele estava prestes a viver na Pedra do Sabiá, o mesmo local onde realizei o jejum na floresta, durante o retiro com John Milton. Ao finalizar a conversa com meu ex-companheiro, respondi a mensagem cotidiana de minha mãe, que escreve sempre “bom dia!”, seguido de corações e *emoticons* felizes. Depois, troquei algumas mensagens num aplicativo homoafetivo, mas não me dediquei a nenhuma conversa, fui gentil apenas, mas dei pouca importância aos diálogos, apesar de acompanhar com curiosidade todas as notificações do aplicativo. Talvez, eu reserve a esperança de encontrar um parceiro virtualmente, ou é apenas um entretenimento midiático que está perdendo a graça, portanto, as funções primordiais de uso.

Para o almoço, utilizei todas as frutas que estavam prestes a apodrecer, para fazer um molho com manga, limão, goiaba e sal, para temperar a salada de pepino e tomate. Cozinhei arroz vermelho da feira com cenoura, mostarda em pó e bananas da terra cozidas com sal e orégano. Foi muita comida, serviu para o almoço e jantar. Hoje foi dia de feira, mas estava tão frio e molhado, ainda há tanta comida em casa, que preferi não sair. Amanhã terei que comprar algumas coisas, principalmente, o alimento da gata e alguns produtos que uso para limpeza, como vinagre. Filtro de café também.

Depois de comer, senti-me cansado. Tomei uma xícara de café forte, mas senti frio e vontade de me aninhar na rede com os cobertores. Assisti algum pedaço do campeonato de vôlei, mas preferi cochilar. Não cheguei a sair do estado de vigília, mas permaneci entre mundos, imóvel, letárgico.

A noite caiu e a gata voltou a miar freneticamente. Defeguei muito pouco, mas o suficiente para terminar de limpar o intestino. Tomei um banho quente e voltei para a sala. Li mais mensagens; através de textos, conversei com as bruxas do Hostel sobre um roteiro louco para um filme na floresta. Em seguida, trocamos sugestões de séries e filmes. Meu ex-companheiro mandou novas mensagens: um belo texto de Rudolf Steiner sobre o medo e a informação de que haveria uma constelação familiar para a ilha que seria realizada hoje como parte do curso que está ocorrendo na Pedra do Sabiá. Senti-me extremamente contemplado e creio que foi uma prática necessária diante de tantos conflitos que o espaço abrigou desde o início do projeto da ecovila, devido a heterogeneidade das perspectivas dos participantes.

Jantei o resto do almoço, tomei outra xícara de café e comecei a ouvir música em alto volume. Dancei loucamente, pois só os olhos do meu cão e da minha gata me observavam. Senti uma dor que recorda minha infância, chamada “dor de facão”, por exercitar meu corpo sem controlar a respiração. Alimentei os animais, ouvi mais música, mas sentado. Olhei notícias e ri com as piadas sobre o governo fascista.

...

Quando eu era criança, ainda muito pequeno, amava assistir repetidamente um desenho chamado “Ursinhos carinhosos”⁴⁶. Além deste gosto particular, na infância, demonstrei variados comportamentos enquadrados como feminino e fui ridicularizado por adotar tal performance. Assim, construí um ser que velou suas expressões desde a infância, para se adaptar ao rebanho heteronormativo, sobretudo, familiar. Assim, tive que ignorar o desejo de costurar e dançar balé, ou calçar salto alto, ou andar rebolando.

A saída de meus pais do ninho familiar em Fortaleza trouxe um alento a minha performatividade desviada, mas a sociedade cumpriu o papel de censurar ao ponto de masculinizar minhas expressões e me tornar uma “bicha passável”, ou seja, com jeito próximo ao de “macho”. Não me orgulho desta repressão, mas hoje sou fruto deste condicionamento sexual. Por sorte, consegui praticar a subversão, contudo, não fui, não sou e não sei se serei o

⁴⁶ URSINHOS Carinhosos. EUA: American Greetings, 1985. Animação, son., color.

que desejo ser, pois desconheço a fonte de impulsos internos. Admiro a androginia, que posso praticar a qualquer tempo, entretanto, a identificação do ego é uma exclusão desafiadora na construção do ser egóico, pois aparento ser algo que já fui, mas não sou mais. A fantasmagoria assombra o eu com persistência. Num instante, dissolve-se, mas retorna à forma da memória que carregava antes da decomposição; como as moléculas, que ao serem decompostas, recompõem a estrutura anterior, os corpos humanos reconfiguram a forma material através das memórias do campo mórfico. Nesta perspectiva, absorvermos a reprogramação, com o objetivo de criar novas formas potenciais de existência, que refletem na rede rizomática universal. O desejo de nada ser é a essência criativa do todo, que do nada surgiu. Assim, desfrutamos o caminho do ser existencial, sem objetivo de chegar a um ponto final, pois o horizonte permanece com distância constante, mas modifica a todo instante. Fundamental é morrer para renascer das cinzas como a fênix.

Às vezes, sinto desejo de fumar maconha, sobretudo, quando há tédio na solidude, mas está suave, pois encontro outras fontes de prazer como a dança, a música, a socialização e o amor próprio, que desperta paz e felicidade, ao aceitar o que sou e o que não sou. Tenho lido a respeito da maconha em diversas literaturas e percebo a divergência entre as filosofias. Pelos efeitos a longo prazo experimentados durante a minha vida mundana, sigo a considerar a cannabis uma planta sagrada, mesmo quando consumida diariamente. A escolha do jejum é um meio para refletir sobre as mudanças perceptivas causadas pela maconha, mas confesso que não há grandes diferenças, quando se fuma habitualmente. Talvez possa ser comparada ao café, como sempre argumentei com minha mãe, que por muitos anos, buscou deletar este hábito, jogando fora as ervas que encontrava em meus esconderijos despreocupados. Por outro lado, a abstinência do café gera efeitos menos agradáveis, como letargia, dor de cabeça e irritação. A falta de maconha gera apenas a vontade de fumar, que passa quando se aceita a ausência. O que resta é uma saudade superada pelo propósito de jejuar. Creio que não é uma renúncia eterna, assim como no caso do sexo, mas pretendo alcançar um estado existencial que a falta de objetos materiais não produza sintomas associados à abstinência neuroquímica, isto inclui, além do sexo e da maconha, a comida sólida e líquida, pessoas, palavras e mídias.

Cada passo a seu tempo, não há motivo para cultivar a pressa, mesmo quando não há tempo a perder. Então, ando devagar, com saltos alegres por conquistar a felicidade de renunciar hábitos viciados, sem danos físicos ou psicológicos. Jejuar pode gerar felicidade e prazer, portanto, nem sempre reflete dores e sofrimento. Assim, percebe-se que a fronteira entre tais sensações, tidas como opostas, é fruto da razão humana, pois são interpretações dos fenômenos percebidos, significados e qualificados pela subjetividade. 00h 40min.

Dia 34 e 35 de Jejum de sexo**Dia 5 e 6 de Jejum de maconha**

27/11/2018 e 28/11/2019 – 20h 21min (escrito em 28/11/2018).

Ontem não tive vontade de escrever. Não sou obrigado a escrever todos os dias, apesar de sentir culpa quando não trabalho. Porém, este é um sentimento superável. Passaria mais uma rotação da Terra sem digitar palavras, mas aproveito a cafeína recém ingerida para relatar os últimos acontecimentos.

Antes de ontem, passei a madrugada desperto. Estive ativo até às 5h da manhã, vi a luz solar iniciar o rompimento da escuridão da noite. Entretanto, adormeci antes de contemplar o espetáculo do despertar matinal. A consequência de dormir tarde foi acordar quase ao meio dia. Significa que dormi menos que o costume, entre 5 e 6 horas.

Ao levantar, cumpri o ritual matinal no banheiro, mas não lembro mais detalhes, sejam sobre os sonhos ou sobre as práticas do dia. Não lembro muitas coisas, pois a memória residual de ontem se inicia com uma preocupação: sai por volta do meio dia para comprar coisas que faltavam na casa, como produtos de limpeza, alguns itens alimentares e a ração da gata. No caminho, passei por pessoas que viviam ativamente, enquanto eu ainda limpava a remela dos olhos. Percebi que existem alguns pés de feijão andú no caminho e recolhi umas vagens para germinar e plantar em casa. Passei menos de uma hora na rua, mas quando voltei, meu cachorro havia fugido. Consegui abrir a porteira, que ficou um pouco avariada, mas não perdeu a função. A grande conquista do cachorro foi tirar um anel que segurava a parte inferior da porteira, assim, abriu espaço para passar. O motivo da fuga foi minha ausência. Este animal tem problemas em ficar só, creio que por medo do abandono. Neste dia, alguns fogos de artifício faziam barulho, o que o assustou ainda mais.

Quando retornei com as compras, percebi sua ausência e a situação da porteira. A gata estava assustada em cima de uma árvore. Entrei, respirei, enviei mensagens pedindo conselhos para minha mãe e irmã. Minha mãe havia saído sem levar o celular e minha irmã respondeu com a sugestão de eu o buscar. Não concordei, pois sabia que meu cachorro saiu por não haver humanos na casa e que eu deveria esperar o seu retorno. Passei um café no coador e decidi mandar uma mensagem para as bruxas do Hostel, a fim de as informar sobre a fuga do meu cachorro e pedir ajuda para espalhar a notícia, mas antes de terminar de escrever, o cachorro retornou. Dei uma bronca suave, pois não sei se o cão compreende o que fez, creio que sim, mas não quis vibrar na energia da raiva.

Estava um pouco estressado e tive vontade de fumar maconha para usufruir dos efeitos relaxantes da erva. Como não tinha, não fumei. No lugar, respirei, consumi mídias que me alegrassem e segui a vida. Basicamente, neste dia, comi chimangos, azeitonas pretas e bananas da terra cozidas com orégano. De tempos em tempos, comia um pouco desta combinação alimentar, por preguiça de cozinhar.

Por horas, conversei com minha mãe no celular. Depois, assisti uma parte do jogo de vôlei e dormi à meia noite. Não lembro de mais detalhes, foi um dia tranquilo e solitário. A vontade de fumar desvaneceu, não recebi mensagens no aplicativo de encontros homoafetivos e não busquei. Creio que esgotei as possibilidades de pessoas próximas e prefiro deixar este recente hábito de lado, pois é uma perda de tempo, que não trouxe prazer, nem satisfação.

Dormi tranquilamente, mas talvez tenha me sentido estranho ao longo do dia, por vezes, com sensações densas de tristeza devido às faltas, algumas indetectáveis. Quando volto a consciência para o aqui e o agora, passa, mas permaneciam insatisfações. Lembrei que por conta de tais emoções, busquei na internet alimentos que ajudam a produzir substâncias endócrinas associadas ao prazer e felicidade. Encontrei uma lista grande, que destaca a banana como uma grande potência de produção de hormônios neurotransmissores para o bem-estar. Hoje, comi lentilha, motivado por esta pesquisa.

Mais uma lembrança me ocorreu sobre ontem à noite. Meu cachorro latiu sem parar por uns 5 minutos, que pareceram eternos. Este comportamento canino me recordou o trauma do assalto na ilha, pois os cachorros expressaram um comportamento similar. Sentí medo por estar só, fui olhar mais de uma vez o motivo dos latidos incessantes, tranquei a porta do quarto pela primeira vez desde que cheguei. Algo raro para mim. Quando morava na ilha, meu ex-companheiro possuía essa paranoia de dormir trancado, sempre atento para os sinais que interpretava como perigo, pois já vivenciou mais de um assalto em casa. Eu, naquele tempo, jamais vivi tal ocorrência doméstica. Na casa de meus pais, a porta dorme sem trancar, pois residem dentro de um condomínio fechado, que funciona como um presídio inverso: os moradores se aprisionam com medo do mundo exterior. Assim, cultivei o hábito de não me preocupar com tais incidentes e carreguei para os diversos lugares que morei depois de sair da casa dos pais, inclusive, numa invasão em Salvador, conhecida como Vila Brandão, onde nem se desejássemos, poderíamos nos trancar, pois a casa não possuía fechadura em todas as aberturas.

Hoje foi um dia feliz e tranquilo de plena solitude; não saí de casa e assim, não estive presente com outros seres humanos, apenas virtualmente em conversas com familiares. Sonhei bastante, em narrativas oníricas que encontrei pessoas desencarnadas, como uma ex-treinadora de vôlei. Talvez seja mais eficiente relatar os sonhos logo pela manhã, quando os resíduos estão ativos.

Um dos sonhos que me chamou atenção foi o último: era num local próximo à cachoeira do Licuri. Não vi a cachoeira, mas sei que era lá. Havia uma barraca cheia de frutas, sobretudo, maçãs, de todos os tamanhos e cores, inclusive, azul e roxa, além de vermelhas e verdes. Recolhi várias, pois era uma espécie de oferecimento gratuito, que algum ser generoso disponibilizou. Quando acordei, pensei que desejo um dia oferecer o mesmo para desconhecidos. Seria um deleite poder presentear alimentos saudáveis para quem desejasse.

Lembrei de outro sonho: estava numa escola, parecida com a primeira escola que estudei em Salvador; haviam muitos azulejos brancos na parede; a sala de aula era grande e enladeirada. Não lembro do professor, mas um aluno se destacou pela mediunidade autodeclarada. Creio que, a priori, sofreu *bullying*, mas logo foi acolhido pelos demais devido às habilidades extrasensoriais. No corredor da escola, uma tia, a irmã mais nova da minha mãe, acompanhou-me até a parede final, que tinha um grande vidro. Eu queria derrubar toda a parede, mas ela disse que era para eu quebrar apenas o espaço de uma porta e a obedeci. Deste sonho, fui direcionado para a floresta onde encontrei as maçãs coloridas na barraca de madeira sem vendedor. A dúvida se eu poderia pegar os frutos foi retirada com a chegada desta ex-treinadora de vôlei que, devido à um câncer de mama, faleceu na vida real, ou seja, no estado de vigília e lucidez do mundo material. Com sua autorização, pude coletar as maçãs de diversas cores e tamanhos.

Outros sonhos vivos foram experimentados durante o sono, o que mais uma vez atesta que a maconha consumida habitualmente silencia a memória dos sonhos, pois há anos afirmava a ausência de tais lembranças oníricas. Senti felicidade por não haver referências eróticas, como de costume. Creio que a redução do consumo de conteúdos com informações sexuais desconstruiu a arquitetura mental de desejos associados às práticas genitais.

Antes de morar na ilha, havia percebido a influência das imagens violentas, expressas em mídias industrializadas, no processo de implantação de memórias e na produção de sonhos, desejos e imagens mentais que repetiam tais referências. O mesmo ocorreu com o sexo.

Sempre amei a repetição, até hoje, ouço a mesma música várias vezes, sobretudo, quando estou só. Já relatei que na infância assistia “Ursinhos carinhosos” sem parar. Assim, consigo reproduzir precisamente o que assisto ou experimento, quantas vezes eu desejar. O problema é reproduzir o que não desejo, como cenas traumáticas. O fim deste consumo de

conteúdos violentos e o início da filtragem midiática para o que eu viria a consumir foi um capítulo de “*Black mirror*”⁴⁷ que finalizava com os gritos da personagem torturada psicologicamente através do esquecimento diário, para viver uma armação teatral midiaticizada como punição por um crime hediondo. Este grito e as cenas fortes ficaram registrados no meu arquivo de memórias corporal, que as recordava repetidas vezes, sem que eu desejasse acessar tais dados. Ainda hoje, ao escrever e recordar vagamente de tais trechos narrativos, sinto mal-estar.

A produção midiática industrializada, que insere em grande parte das narrativas a banalização da violência e da morte em massa, reflete o mesmo sintoma em relação à sexualidade. A construção erótica, presente em diversas mídias, é também banalizada e extremamente violenta com os corpos que insensibilizam as práticas genitais. Os romances heteronormativos ignoram uma série de corpos, identidades, desejos e performances sexuais. Nesta perspectiva, o mesmo filtro usado para o conteúdo bélico foi adotado para as narrativas sexuais: ambos são disseminadores de violências que resultam em práticas reproduzidas pelo corpo-sociedade.

Por vezes, consumo mídias que inserem referências bélicas e sexuais, pois é quase impossível afastar tais conteúdos quando estão presentes em quase todas as opções do cardápio midiático provido pela indústria. Entretanto, a diminuição da ingestão de referências audiovisuais violentas consiste numa redução de danos: claramente, a reprodução das expressões simbólicas enunciadas em mídias, reflete nos pensamentos e práticas dos corpos que consomem os conteúdos bélicos e eróticos. A pornografia é um dos maiores exemplos deste desserviço para a promoção da sexualidade humana, pois utiliza uma força divina para construir uma arquitetura de desejos e ações que insensibilizam os corpos através de um roteiro padronizado, que subjuga o ser penetrado pelo falo e finaliza a narrativa com a ejaculação na face do(a) parceiro(a) sexual. Não julgo o ato em si, mas a intenção de desqualificar o corpo dominado pelo macho alfa, símbolo totalitário da sociedade patriarcal. Ou seja, é necessária a desconstrução simbólica das referências sexuais violentas para amenizar um dos sintomas do atual mundo de mídias. Contudo, há diversas possibilidades de leitura destes conteúdos diante da variedade de subjetividades insubordináveis, pois se trata mais de agenciamentos ativos sobre as referências consumidas do que de assujeitamentos passivos, mesmo que o programa imperial almeje uma padronização técnica de corpos dóceis: nem todos negociam as normatividades de forma pacífica.

⁴⁷ BLACK Mirror. Criador: Charlie Brooker. Reino Unido: Zeppotron, House of Tomorrow, 2011 – 2020. Série de televisão, digital, son., color.

Percebo que a reprogramação, a qual submeti o meu corpo neste período de celibato, resultou em alterações no fluxo de pensamentos e ações, evidentes diante das mudanças das memórias residuais dos sonhos, que, antes e durante o início do jejum de sexo, reiteravam referências eróticas sintonizadas com a pornografia. Perceber tal mudança no padrão de sonhos e o aumento da memória dos arquivos sonhados, fez com que eu despertasse com felicidade por tais conquistas, contudo, senti-me cansado. Acredito que seja o resultado de dormir e sonhar por muitas horas.

Hoje, a fuga do padrão foi para o aumento do tempo de sono e da quantidade de sonhos, em torno de 11 horas. Como sempre, acordei cedo, mas não levantei, preferi permanecer no mundo onírico durante o frio matinal até pouco antes do meio dia, quando o sol aqueceu um pouco mais o dia. Após urinar, defecar e tomar banho, parti para beber quatro copos de água, a fim de seguir a receita dos japoneses. Permaneci de jejum e preparei o almoço tranquilamente.

Cozinhei um banquete: lentilha germinada cozida, cuscuz de milho com banana, coco, farinha de linhaça, semente de girassol, berinjelas assadas com jiló, tomates e azeitonas pretas. Jiló é realmente amargo, mas se não consumisse hoje, apodreceriam. Ao cozinhar, notei a falta de arroz, um ingrediente que consumo avidamente, mas diante do cachorro carente que me acompanha, perdi a coragem de sair e reviver a fuga canina do dia anterior.

Após o almoço, tomei café. Já repeti a dose alimentar e de café. Ouvi músicas, conversei com minha mãe, minha cunhada, minha irmã. Li sobre os tramites políticos em direção à legalização da maconha para fins medicinais no Brasil. Aparentemente, assistiremos um resultado positivo em relação ao amadurecimento desta lei. Vibro com muita fé para que cheguemos logo no período que finalize a privação das liberdades individuais, que no Brasil, caminha a passos lentos e, diante a eleição de um fascista, promete retrocessos irracionais.

Tirei algumas cartas no baralho cigano online. Às vezes, aplico este hábito, que funciona como uma espécie de horóscopo pra mim, por mais que seja uma ação sem resultados conclusivos, gosto das mensagens que aparecem nas cartas. Minha dúvida de hoje era se deveria permanecer onde estou, pois diante do medo que senti na noite anterior, o desejo de habitar um local seguro reascendeu uma chama interior de viajar para o exterior. É louco sonhar com a possibilidade distante de um ambiente em que eu possa viver sem medo de violências, seja por ser homossexual, maconheiro, comunista, além de estar livre do temor dos latrocínios diários que ocorrem no Brasil.

No mapa populacional do Brasil, percebemos que a maior parte da população se concentra no litoral. Subi as montanhas da Chapada Diamantina por este motivo; aqui a

realidade é bastante distinta, mas não estamos numa bolha, assim, seguimos sujeitos a tais problemas.

A violência legalizada do Estado é um fato que amedronta tanto quanto o crime ilegal. Com um fascista na presidência, vislumbramos um aumento da repressão policial. Diante destes pensamentos, recheados de emoções, busquei possibilidades de morar em outro país. Adotei alguns critérios como arborização, arte, violência e legalização da maconha. Infelizmente, não é uma ação que eu possa decidir e agir em seguida, pois a diferença do custo de vida que tenho agora, em relação a vida em metrópoles estrangeiras, é um abismo financeiro. Creio poder viver um ano em Ibicoara com o dinheiro dispendido para estar um mês no exterior, fora os custos para chegar lá. Antes, é preciso realizar provas de proficiência em idiomas, que custam caro.

Reflito sobre a distância física entre os amigos e familiares que permanecerão no país. Entretanto, concluí que vou seguir este projeto silenciosamente. Sei que é o desejo de meus pais e, atualmente, é uma vontade expressa em meu ser, reascendida após o assalto na ilha, que gerou questões de toda ordem em relação aos critérios para eleger o local onde desejo residir. São muitas opções e estou aberto às oportunidades que surgirem.

...

Hoje senti vontade de que o tempo passasse para chegar numa situação que eu considero que seria feliz no futuro. Mas logo, fui puxado para o agora e percebi que se permaneço com a perspectiva da ansiedade, motivada por uma insatisfação, deixo de viver o presente para esperar a morte, que é o acontecimento final da jornada da vida: o único fenômeno futuro previsível. Vale ressaltar, contudo, que alguns autores contemporâneos defendem a tese da imortalidade física, por meio da reprogramação da crença naturalizada de que vamos morrer, como Jasmuheen⁴⁸, que se apoia, entre outras referências literárias, no livro “Imortalidade física”, escrito por Leonard Orr⁴⁹, no qual narra a história de diversos corpos físicos imortais, que nem sempre optaram por permanecer durante a eternidade no plano terreno.⁵⁰

Uma última lembrança sobre o dia de hoje, que fugiu da rotina, foi no momento que corri em direção ao banheiro, no meio da tarde, com o objetivo de urinar. O chão estava molhado, escorreguei e cai deslizando. Doeu, bati a bunda no chão, meu dedão do pé direito foi

⁴⁸ JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

⁴⁹ ORR, Leonard. **Physical immortality**: the science of everlasting life. Berkeley, EUA: Celestial arts, 1981.

⁵⁰ ORR, Leonard *apud* JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

lesionado. Após o susto, lavei o dedão do pé na pia e segui para o vaso onde sentei e urinei com tranquilidade. Após conversar com algumas mulheres cis, adquiri o hábito de mijar sentado para evitar sujar o banheiro. Os homens poderiam acolher esta atitude, tida como feminina, mas que evita respingos de xixi provenientes da máscula mijada em pose bípede, que resultam num fedor desnecessário, diante da possibilidade de sentar para urinar.

Senti alguns minutos de dor intensa, mas repeti mentalmente que iria passar e concentrei meu corpo e pensamentos para enviar ao dedão dolorido o conforto da cura, afirmando que iria superar a lesão, então não havia necessidade de transmitir aqueles impulsos interpretados como dor. Levantei ainda mancando, mas antes de chegar na sala, senti um alívio que fez desaparecer as sensações desconfortáveis. Percebi que uma parte pequena da pele foi arranca, mas, neste momento, não sinto qualquer sintoma da queda. Se forço a musculatura do glúteo que amorteceu a pancada, sou capaz de localizar os pontos do impacto, mas não representou um desconforto para as atividades do dia a dia. Agora, pretendo assistir um filme ou ler algumas referências bibliográficas para a tese. Sinto que deveria ler com mais assiduidade e uma maior quantidade de páginas diariamente, a fim de atender às expectativas de produtividade depositadas nos doutorandos, mas diante do imenso conteúdo que li durante as quase três décadas de estudos incessantes, compreendo que existe um vasto volume de informações a serem sintetizadas e associadas às experiências vividas por meu corpomídia. Portanto, sigo o fluxo sem culpa ou desculpa. 00h 01min.

Dia 36 de jejum de sexo

Dia 7 de jejum de maconha

29/11/2018 – 23h 55min.

Sonhei bastante esta noite. Num dos sonhos, fumei maconha, parecia tão real que despertei preocupado acreditando que tinha interrompido o jejum, mas, alguns segundos de lucidez em vigília mostraram que era apenas um sonho, pois estava escuro. Despreocupado, voltei a dormir em paz, feliz que a experiência não ocorreu no mundo físico.

Em meus sonhos, um único rapaz jovem apareceu nu, mas não expressou atitudes sexualizadas, parecia caminhar em direção ao banho. Era jovem, branco, loiro, magro, baixo, de cabelo curto e encaracolado. Sensualizou um pouco, mas sem o objetivo de praticar o sexo, talvez já tivesse feito. Estávamos num quarto, o meu ponto de vista era de uma pessoa deitada na cama. Ele olhou para mim com um sorriso, mostrou o perfil lateral do corpo e seguiu em

direção a saída de cena. Nunca o vi na realidade, era um ser humano com imagem precisa, mas desconhecida na vida em estado de vigília.

Não lembro muito dos sonhos, mas foram vários, praticamente, durante todo o tempo de sono. De certa forma, tornou-se um entretenimento sonhar, pois é algo recente, ou que estou redescobrimo através do jejum de maconha. O hábito de fumar todos os dias e os efeitos resultantes no sono, privou meu corpo desta ação natural. Quando acordo, tenho vontade de voltar a dormir para retornar ao mundo dos sonhos, que por anos, não guardava memórias, nem os vivenciava com lucidez. Ao dormir, apagava e acordava com resquícios de imagens que eram produções de desejos implantados culturalmente. As únicas memórias dos sonhos que eu tinha quando fumava, ocorriam perto do horário de despertar. Como eu tenho o hábito de acordar e permanecer cochilando, conseguia conduzir algumas narrativas oníricas durante esse momento entre o sono e a vigília. Agora é diferente, é uma produção noturna da qual não tenho controle consciente, são produções do inconsciente. Sonhar soa como o consumo de uma droga, pois leva a mente a visitar experiências oníricas surreais e alucinantes, sem conexões lógicas aparentes.

Apesar de, para mim, ser raro sonhar ao consumir maconha habitualmente, tive um sonho lúcido após fumar haxixe, mas não consegui sustentar a consciência naquele universo surreal e despertei assustado. Também, lembro de uma época, em que eu provavelmente fumava, e costumava sonhar que estava voando em diferentes lugares conhecidos da cidade de Salvador. Era uma sensação que se confundia com a realidade diante das sensações físicas que sentia. Assim, não posso sustentar a tese de que a maconha deleta a lembrança dos sonhos, mas considero que a abstinência para um usuário ativo, modifica o padrão da produção de sonhos e as memórias que deles resultam. Ao mesmo tempo, durante o jejum de maconha, não sou capaz de relatar todos os detalhes sonhados, pois ao longo do dia se desvanecem. Os relatos aqui expostos, são de momentos marcantes, que pensei a respeito após acordar, talvez, por este motivo, tenham permanecido depositados em minhas memórias.

Já sinto sono e o desejo de navegar no mar onírico do inconsciente. Mas vou realizar um breve relato do dia: hoje, estudei sobre espécies extraterrestres, após ler uma notícia sobre um roqueiro que relatou vivenciar a mudança de forma de um ser reptiliano, duas vezes. Ele reiterou que não estava drogado e a experiência ocorreu em estado de plena lucidez sóbria, mas preferiu não entrar em detalhes, pois teme por sua vida e dos familiares, já que esta espécie alienígena é conhecida por expressar violência. Em Ibicoara, existem grupos de estudos sobre exobiologia. Por diferentes caminhos, este assunto tem chegado a mim, pois associo este campo

de investigação ao contato telepático que eu tive durante o jejum na floresta da Pedra do Sabiá, quando um ser me explicou que, assim como eu, ele era do céu e da terra.

...

Pesquisei um pouco mais sobre masturbação tântrica, pensei em praticar, mas não tive vontade e deixei de lado a ideia.

No livro *Dhanwantari*⁵¹, relata-se que o sexo é associado à energia *sattva*, o sono ao *tamas* e a vigília ao *rajas*. Estas três espécies de energias correspondem a todos os elementos existências. Existem alimentos que pertencem a estas três categorias, assim, podem-se relacionar os tipos de energias à determinados objetos e práticas. *Sattva* é a energia mais sutil e divina, no caso do sexo, carrega a potência de gerar a vida. Não significa que o sexo deva ser realizado como o propósito de reprodução, mas está relacionado a energia vital, à *kundalini*, que também expressa a criatividade. *Tamas* se relaciona à paixão, aos vícios e apegos e *rajas* às energias mais densas. O equilíbrio é sempre a busca, mas a meta de quem deseja sutilar o corpo, é buscar ingestões e práticas *sattvas*, pois é um meio de elevar a vibração e ressoar sentimentos e emoções sutis.

...

Um ex-namorado, anterior ao meu último companheiro, enviou mensagem para marcar uma visita em dezembro. Ele está com a intenção de transar comigo. Esta situação tem me gerado muitas dúvidas sobre o meu desejo atual: ao mesmo tempo que quero sentir o prazer sexual, não quero que seja desta forma. Não penso em voltar a ter uma relação com ele, assim temo me ferir e o ferir com meu desvio de conduta celibatário. Já conversamos anteriormente sobre o jejum de sexo, mas a expectativa dele é me encontrar no fim do processo. Entretanto, após sutilar esta força interna não gostaria de a distrair num ato que banalize a prática do sexo.

Tirei várias cartas do tarot cigano *online*, em busca de respostas para as questões sexuais que surgiram com a proposta deste ex-namorado de me visitar. Abri as portas, mas devo o informar sobre a continuidade do celibato, sobre minha nova visão de sexo, sobre a dúvida de transar ou não: consumo o ato para termos um momento de diversão e prazer juntos? Quais as consequências de realizar tal ação? Serei capaz de as perceber?

⁵¹ JOHARI, Harish. *Dhanwantari: A Complete Guide to the Ayurvedic Life*. Simon and Schuster, 1998.

Saí com meu cachorro para encontrar as bruxas Hostel, pois diante do risco de fuga, ou dos latidos incontrolados, motivados por minha saída, já não me sinto seguro de o deixar sozinho em casa. A ideia era comer um acarajé, que, em Ibicoara, só tem às quintas-feiras. Entretanto, mas quando chegamos na pousada, onde faz os acarajés, o local estava fechado.

As bruxas tinham saído da aula de capoeira e estavam famintas. Carregavam uma cadeira de madeira que encontraram no lixo e levaram com o objetivo de reformar. Apoiei a escolha da reciclagem, pois era um material bonito, mas o estofado estava destruído. Acompanhei elas até a praça, fiz a volta e retornei para casa.

Comi mais, pois quero engordar. A ideia de receber um parceiro sexual abalou minha autoestima corporal. Passei a me questionar se não estou muito magro, já que meu peso está abaixo de quase todo o período de minha vida, creio que devido às práticas de jejum. Não me sinto fraco ou doente, mas estou com o índice de massa corporal (IMC) abaixo do padrão esperado, o que fisicamente modifica a atração dos outros em relação ao meu corpo, sobretudo, de homens *gays* que são habituados a desejarem corpos musculosos. Posso ver esse abalo como algo positivo, pois pretendo iniciar exercícios para fortalecer a musculatura. O resultado será mais um ingrediente em benefício da saúde, porém motivado por vaidade.

...

Um ato de coragem inovadora me ocorreu enquanto conversava com uma antiga amiga, por meio do celular: tranquilamente, retirei uma aranha grande com a pá de lixo. Na ilha, esta aracnofobia foi dissolvida aos poucos, devido à convivência diária com aranhas, mas, antes, temia ao retirar uma aranha de casa. Com o passar do tempo, percebi que são animais dóceis e hoje venci este medo.

01h 01min. Agora vou dormir e aproveitar a cinematografia dos sonhos.

Dia 37 e 38 de jejum de sexo

Dia 8 e 9 de jejum de maconha

01/12/2018 – 21h 44min.

Mais um dia com preguiça de escrever. Estou bem, mas sinto algumas confusões emocionais em relação à vida solitária que tenho experimentado. Creio serem sintomas de carência, que significam sentimentos de falta, mas não consigo atribuir a nenhum elemento

específico. Não sei se está relacionado à família, que está distante, aos amigos, ou companheiros sexuais e afetivos. Apesar destes sentimentos, sinto-me feliz. Tenho me alimentado por meio da dieta da felicidade, ou seja, consumo comidas que resultam em liberação de substâncias endócrinas de prazer. Certamente, sinto os efeitos que presenteiam meu corpo com suaves emoções de bem estar.

Lavo os pratos e cozinho dançando e cantando. Sinto prazer nas pequenas atividades diárias e sei do privilégio da vida que levo, que me permite escolher os passos a seguir. Vivo nas montanhas da Bahia, numa casa grande e confortável, com uma linda vista. Tenho alimentos em abundância e sou dono do meu tempo, mesmo que a vida profissional e estudantil exija uma rotina para cumprir as demandas da pesquisa. Entretanto, não tenho um chefe, nem bato um ponto que me obriga a estar em determinados horários no local de serviço; não atravesso a cidade num trânsito intenso e os meus atuais custos de vida estão abaixo de um salário mínimo brasileiro. Enfim, sou extremamente privilegiado e devo agradecer esta condição.

...

Ontem, tive preguiça de escrever e não escrevi. Hoje, tomei café e me obriguei a realizar esta tarefa, sobretudo, para não perder o hábito do relato diário. Sobre o dia de ontem, despertei de supetão às 11h. Havia dormido por volta das 3h, então tive 8h de sono. Não lembrei dos sonhos, o que gerou uma frustração de expectativas. Defiquei rapidamente e tomei banho, pois marquei de almoçar com as bruxas do Hostel.

Elas me mandaram uma mensagem para informar que tinham ido na cidade vizinha depositar um cheque no banco e, por este motivo, não viriam almoçar. Após a empreitada, enquanto comiam pastel, conseguiram uma carona de volta, o que resultou numa breve, porém agradável visita, na qual tomamos café e conversamos um pouco. Elas saíram uma hora depois de chegarem, pois tinham que voltar para a reunião com os pais das crianças da pré-escola.

As bruxas foram liberadas mais cedo do que o de costume e me enviaram uma mensagem para as encontrar no Hostel, por volta das 15h. Neste momento, estava cozinhando. Almocei, fiz algumas coisas que não lembro, e, por volta das 20h, saí com meu cachorro, que não pode mais ficar em casa sozinho, pois foge ou chora. Para comprar o vinho, amarrei a coleira num piquete na rua. Durante este breve momento, ele chorou. A fila estava grande. Na minha frente, um jovem rapaz comprava pedaços de cadáveres animais, enquanto atrás de mim, estava um senhor com vários frascos de pimenta.

Quando cheguei ao Hostel, as bruxas estavam cozinhando uma torta salgada para levar ao professor de capoeira, que também é guia turístico em Ibicoara. Descendente de quilombolas da Chapada Diamantina, ele me guiou na primeira vez que visitei a cachoeira do rio Preto. É uma cachoeira muito grande e bela, passamos alguns minutos a admirar o esplendor do local, mas logo, seguimos a trilha por um caminho não convencional até o topo da montanha, que tem uma vista fantástica. Continuamos a caminhada e chegamos em outra cachoeira menor, entretanto, com uma das formações rochosas mais espetaculares que já presenciei: as pedras rosadas e brancas abrigavam um jardim de samambaias e orquídeas. O rio que corria forma um canal estreito e bastante retificado. O mais impressionante foi o banho que decidi tomar pouco antes de retornar, pois a água das cachoeiras em Ibicoara são desafiadoramente frias. Ao olhar por detrás das quedas d'água, formaram-se vários arco-íris, através da luz poente que atravessava as gotas. Para onde eu olhasse via a multicoloração prismática em dezenas de projeções. Eram muitos arco-íris. Fiquei extasiado, pois não esperava ter esta visão quando mergulhei em direção às quedas d'água, onde sentei numa pedra e contemplei o espetáculo da natureza, que nenhum artista humano é capaz de superar com obras midiáticas.

A volta foi longa, por um caminho traiçoeiro, pois descer parece mais fácil, mas num terreno íngreme e escorregadio, o risco de queda é iminente. Meu ex-companheiro escorregou num certo ponto e caiu no chão. Arranhou um pouco a perna, mas seguiu a caminhada sem reclamar de dor. A trilha é repleta de uma espécie de bambu, que o guia capoeirista nos alertou sobre o poder cortante de suas folhas, em apenas um dos sentidos: caso você passe pela folha numa direção, ela desliza como seda, enquanto no sentido contrário, corta como uma navalha. O guia, então, mostrou uma cicatriz da infância que ganhou desta planta. Mais uma vez, meu ex-companheiro testou as armadilhas da natureza e feriu o pé numa folha de bambu, que abriu um corte profundo.

Ao final da trilha, apesar das lesões do meu ex-companheiro, sentia o prazer de retornar de um fabuloso passeio mágico, oportunizado pela vida.

Este guia, muito amado na cidade, foi presenteado com a torta que as meninas cozinharam. Com a torta salgada em mãos, as bruxas do Hostel saíram perto do horário final da roda de capoeira, pois não queriam jogar. Eu não fui, fiquei bebendo vinho, acompanhado do meu fiel cachorro, enquanto lia a “Autobiografia de um Iogue”⁵² e ouvia músicas. Estou num capítulo complexo que trata da ciência física hindu. Poucas páginas foram o suficiente para dar um nó em meus pensamentos. Fechei o livro, segui bebendo e ouvindo música.

⁵² YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013.

Decidi enviar uma mensagem para meu ex-namorado, que quer me visitar com intenções sexuais. Num áudio de quase vinte minutos, expliquei sobre o processo de celibato, que não desejo interromper; explanei sobre os efeitos espirituais, mas enfatizei os efeitos físicos e criativos resultantes da abstinência. Utilizei a metáfora de estar num parque de diversões, no qual o sexo ejaculatório seria a porta de saída. Concluí que, sentindo-me uma criança no presente momento, meu desejo é permanecer na brincadeira do jejum de sexo, que gera estados de prazer e felicidade. Ele entendeu e seguimos conversando como ótimos amigos.

Relatei sobre o jejum de maconha, que gerou ainda mais surpresa, pois ele não esperava que eu iria conseguir ou mesmo querer algum dia o realizar, pois me conheceu enquanto eu era um consumidor diário e assíduo. Tal assiduidade me tornava egoísta, pois a necessidade de consumir algo que custa dinheiro, gerava apegos à posse da maconha que eu detinha. Apesar de compartilhar com frequência, era um objeto que me preocupava em perder ou pegarem sem meu consentimento.

Sempre tive acesso à cannabis em abundância. Na Bahia, por ser um estado produtor da erva, o preço é relativamente barato, entretanto, representa um custo mensal superior à conta de luz, então, causava este apego egoísta. A mesma lógica se aplica à comida, pois enquanto ingeria alimentos caros como as carnes, a quantidade acessível era escassa. Quando me tornei habitualmente vegano, com exceções sociais de ingestão de alimentos ovolactovegetarianos, a abundância tomou o lugar da falta e posso compartilhar com multidões, devido ao baixo valor financeiro agregado ao alimento. Os jejuns também me fizeram relativizar, pois hoje sei que não preciso comer todos os dias (ou fumar), assim como não preciso comer muito se houver pouco alimento. A partir desta reprogramação de crenças, posso dividir o alimento e até oferecer o meu pedaço caso esteja com outros humanos.

Rapidamente, senti-me embriagado com o vinho e decidi reduzir a velocidade do consumo de álcool. Quando as bruxas chegaram super felizes da capoeira, pareciam ter usado entorpecentes. Mostraram um vídeo dos parabéns, que foi tocado com os instrumentos da roda de capoeira e acompanhado pelas palmas dos alunos. A cantoria soou muito linda e especial, sonoramente animada e agradável. Preparamos outra torta e seguimos conversando. O vinho acabou. Saí com uma das bruxas, ao lado do meu cachorro, para buscar outra garrafa, mas só encontramos vinhos doces nos bares abertos. Preferimos pegar cachaça brejão, produzida aqui, a qual meio litro custa seis reais. Bebemos poucos goles, sobrou quase todo o conteúdo.

No bar, encontramos dois amigos eslovacos que bebiam cerveja. Convidamos eles para irem ao Hostel e seguimos caminhando. A outra bruxa, que ficou no Hostel, ouvia música nas alturas. Os eslovacos logo chegaram e começamos uma conversa calorosa sobre o racismo no

Brasil e as consequências históricas da escravidão. Por ser branco e europeu, um dos eslovacos se sentiu agredido quando um agrofloreteiro socialista de Ibicoara, falou sobre a culpa e responsabilidade que ele carregava nas consequências da colonização. O eslovaco argumentava que o país de onde veio também foi colonizado e não colonizou nenhuma outra nação. Relatou que na Eslováquia só tinha um negro, que ficou famoso exclusivamente pela melanina da pele que se destaca dos demais habitantes. Em seguida, passou a defender o discurso da meritocracia.

Expliquei que existem reparações históricas necessárias, pois as oportunidades no Brasil não são iguais, mas que não acreditava que deveríamos trabalhar com a culpa, apenas solucionar o mais rápido possível as injustiças do sistema racista que implantaram. Ele me questionou se eu também não era branco. Afirmei que sim e relatei os privilégios desta condição social, que já atestei em duas batidas policiais, além da formação escolar que tive para ingressar na faculdade e ter acesso aos empregos de pequenos burgueses, diferente da maioria dos negros que, em muitos casos, são treinados para o tráfico de drogas, que culminou numa guerra civil. Relatei sobre a população carcerária e dos manicômios que, em Salvador, são predominantemente compostas por afrodescendentes; conversamos sobre a representação midiática e expliquei que esta situação é um resultado social e cultural da dominação colonizatória escravocrata e não a reação de uma característica natural, como ele argumentava sobre o molejo das danças dos corpos negros. Falamos sobre o MST, sobre os indígenas. Desta forma, acredito que alguns pré-conceitos foram suavizados durante o diálogo. Como ele não estudou a história do Brasil, assim como eu não estudei a história da Eslováquia, creio ser normal a compreensão distorcida que ele apresentou. Se os brasileiros que estudaram a história do país onde vivem, distorcem de forma pejorativa as consequências históricas, quem dirá uma pessoa habituada com uma cultura e história tão distante da nossa. Creio que nos entendemos e seguimos para o papo sobre plantação de alimentos.

Eles decidiram plantar maracujá orgânico, mas o retorno financeiro está aquém do esperado, então abriram o coração para o sistema de cultivo agroflorestal, porém com suspeitas e questionamentos sobre a eficiência desta técnica. O comprador dos maracujás quer outros produtos, como cítricos e café. Falei sobre o consórcio entre jaqueira, café e bananeira, mas o eslovaco resistiu, pois não vê valor comercial na jaca. Expliquei sobre a potência nutricional da folha da jaca para enriquecer o solo. Gostaria de ter lembrado de argumentar que o sistema agroflorestal é uma tecnologia biomimética, pois não existe monocultura na natureza, então é importante observar a cooperação entre as plantas e animais.

Ele reclamou que aqui chove pouco. Quando opinei que há bastante chuva em Ibicoara, desde que cheguei, ele questionou a duração do período em que vivo aqui. Não respondi, tem

realmente pouco tempo e não me importo de estar equivocado, mas gostaria de o convidar a passar um período de seca no sertão para que relativizasse esta impressão. Hoje, a resposta do céu foi uma chuva intensa.

No fim da conversa, recheada de argumentos biológicos emitidos pelas bruxas do Hostel, o eslovaco disponibilizou um hectare, dos quase cinquenta que possui, para que nós pudéssemos cultivar sem sua intervenção durante cinco anos. Disse sorridente que iria apenas observar e criticar. As bruxas do Hostel não acreditaram na proposta, pois já tinham a intenção de sugerir isso aos eslovacos latifundiários. O fluxo trouxe a solução antes de proporem qualquer projeto. Brinquei que iríamos inserir a maconha no consórcio, mas a piada não foi bem aceita, apesar do desejo geral de que fosse uma realidade.

Voltei para casa, mas ainda estava com muita disposição e não queria dormir naquela hora. Eram mais de 2h da manhã quando retornei. Assim que pisei na rua, a lua crescente estava nascendo grande e amarelada. Gritei para uma das bruxas olhar a cena, ela se impressionou, disse que me amava. Eu respondi que a amava também e segui caminhando na noite fria e vazia da cidade.

É uma delícia passear à noite em Ibicoara, pois não sinto medo, apesar da solidão nas ruas. Cheguei em casa e estava com muitos mosquitos pequenos bastante irritantes. Fiquei um tempo no computador me coçando. Meu cachorro também se coçou muito. Bebi vários copos d'água, tomei um banho quente para aliviar a coceira, deitei na rede e naveguei na *internet*. Os mosquitos me motivaram a pesquisar países que não possuem a presença destes insetos hematófagos irritantes. Descobri que a Islândia é um lindo arquipélago paradisíaco no oceano Índico, chamado República das Seicheles, que apesar de ter um clima tropical e uma densa natureza selvagem, os mosquitos não sobrevivem neste local.

Ambas nações são inacessíveis no momento. A Islândia é uma possibilidade tentadora, pois possui uma natureza muito diferente de todas as outras que presenciei, mas o custo de vida é altíssimo. O arquipélago é muito isolado e não imagino qual seria a atividade que eu exerceria lá. É um paraíso interessante, com uma cultura rica e festiva. O frio da aurora boreal ou as praias selvagens de águas azuis? Ambos estão mais próximos de visitas a passeio do que residências temporárias.

Voltei a pensar no Canadá, pesquisei as possibilidades de estudo e trabalho, além da presença de mosquitos no país, pois este território se destaca na quantidade do inseto em determinadas regiões.

É provável que a venda da ilha se concretize e com isso eu tenha acesso a um montante de dinheiro que nunca tive em outra época da minha vida. Esta condição me traz o privilégio

de expandir ainda mais as opções de vida. Não preciso de bolsa para chegar em outro país com essa poupança. Não é o suficiente para viver despreocupado com dinheiro por muito tempo, sobretudo, numa metrópole de alto custo financeiro, mas posso chegar com calma e procurar alguma forma de me capitalizar para subsistir num país estrangeiro.

A violência no Brasil, a ilegalidade da maconha, a homofobia, a eleição presidencial de um fascista e os mosquitos explodiram meu desejo de cruzar a fronteira. O desejo de ser sedentário e nômade se alternam em meu corpo. Estou num local onde escolhi estar, perto da natureza, com baixo custo de vida e acesso à alimentos orgânicos. Sinto-me feliz por estar aqui, no lugar de viver em Salvador, mas ainda assim desejo mudanças. Seria parte da minha insatisfação crônica? Prefiro olhar pela ótica da expansão: desejo obter novas experiências, conhecimentos, vivenciar outras culturas, climas, línguas. Vejo como algo positivo e sei que é uma escolha que irá satisfazer as expectativas que meus pais depositaram em mim, pois o que mais querem é que eu seja feliz e bem capacitado profissionalmente. Intercâmbios são bem quistos para trabalhadores brasileiros que fantasiam sobre uma vida melhor fora do Brasil. Sei que esta perspectiva romântica é perigosa, pois já estive fora do país e existem vantagens e desvantagens em qualquer escolha.

O Brasil tem diversas qualidades, que reconheço em minha formação cultural, mas a maior questão, que me faz fraquejar sobre a atitude de pegar um avião, é a distância dos familiares e parentes que permanecerão no Brasil enquanto um fascista governa. Ao mesmo tempo, sinto pressa em sair diante da perspectiva do país, além de uma vontade ensurdecadora de morrer para renascer numa nova vida, diferente de tudo que já vivi.

Mais uma vez, pode ser uma narrativa romântica, pois as mudanças podem não ser tão drásticas, ou talvez eu não dimensione com precisão o abismo que me espera após embarcar nessa jornada. Ainda estou confuso sobre essa decisão. A vida me trouxe todas as ferramentas necessárias para seguir adiante no caminho que eu escolher trilhar. A questão é: qual é a rota a seguir?

Estou disposto a correr riscos, vou em direção aos medos, este é um lema que carrego desde que iniciei a jornada de autoconhecimento. Ter uma vida de privilégios financeiros e de títulos acadêmicos é um inegável conforto que eu gostaria que fosse acessível a todos os humanos, mas tal condição não garante o bem estar futuro. Dependo de minhas pernas para caminhar, apenas elas podem me levar do lugar onde estou até onde quero chegar. Então, não posso ser passivo, devo decidir ativamente o passo a ser dado, sem interferência dos outros, que, contudo, podem me aconselhar e me apoiar na caminhada. Nesta perspectiva, esta experiência de solidão em Ibicoara me fortalece para viver sozinho em outro país. Já morei

numa ilha quase deserta, desde então, busco a autonomia. Creio ser capaz de vencer mais esta prova da vida. A saudade será amenizada pelos meios de comunicação e visitas eventuais dos amigos e parentes dispostos a atravessar o continente.

...

A pesquisa de ontem cessou ao amanhecer, quando decidi dormir. O sonho desta noite foi louco. Ao contrário da noite anterior, que despertei sem as lembranças oníricas, hoje acordei após o meio dia, impressionado com a narrativa vivida durante o sono: estava na zona rural. Caminhei em direção à propriedade vizinha, entretanto, nos sonhos não visualizo meu corpo, creio não ter corpo, apenas a consciência observadora. Quando cheguei num ambiente externo rodeado por plantas, haviam várias pessoas, em média uma dúzia, sentadas lado a lado, em cadeiras escolares com algemas. Um deles era um ator famoso por volta dos 40 anos, haviam crianças e mulheres cis também. O ator não é famoso no mundo real, ao menos, não lembro dele, mas no sonho, sabia de sua fama. Ele era o porta voz, falou mais do que os outros sobre a prisão política que viviam. Conseguimos os transportar para o nosso terreno, onde ficaram felizes e agradeceram o resgate. Depois, algumas imagens de ambientes universitários de excelente qualidade apareceram. Creio serem relativas ao espaço que os aprisionavam. De alguma forma, eles perceberam que o sistema ao qual estavam presos não era tão cruel como pensavam. Apesar da autoridade vigente e das amarras, notaram que o local para onde os haviam resgatado também era problemático.

Acordei pensando que era uma espécie de metáfora com os cubanos que buscaram a liberdade nos EUA, mas o ambiente e as referências estavam dispersos. A língua de comunicação era o português e, de fato, não existe sentido racional e linearidade na narrativa, apenas acontecimentos que me impressionam, pois em vigília, não creio ser capaz de produzir tal história ou imagens.

Quando acordei, tentei rememorar o sonho, mas apenas resíduos mnemônicos espaçados me foram acessíveis. Liguei o celular ainda deitado na rede, li as mensagens e fui para o banheiro realizar as práticas diárias de higiene matinal. Bebi bastante água, lavei os pratos e retirei a pele das lentilhas brotadas pacientemente, feliz e animado.

...

Lembrei que na noite anterior, quando cheguei do Hostel, encontrei as bananas da terra sendo atacadas por formigas cortadeiras, que levaram uma parte dos frutos. Lavei e as guardei na panela de pressão tampada. Hoje, limpei o que sobrou das bananas e fiz um bolo de chocolate vegano e sem glúten. Enquanto preparava o bolo e um macarrão para o almoço, uma grande amiga me ligou, acompanhada de outro amigo especial. Conversamos por horas sobre diversos assuntos. Mostrei a vista daqui de casa, falamos sobre os jejuns, sobre a possibilidade de mudança para o Canadá, que eu pretendia desenvolver em segredo, mas não consegui me conter, pois preciso dos conselhos das pessoas que amo neste momento e, se possível, a companhia deles nesta jornada. Só paramos a ligação quando fui comer. O dia seguiu com mais consumo de mídias e trocas de mensagens. Percebo que a solidão/solidão gera, em mim, uma grande ingestão de mídias e, como utilizo o computador para estudar e escrever, passo grande parte do dia ligado na tomada.

Mesmo quando estou realizando as atividades domésticas manualmente, ouço músicas na maior parte do tempo. Neste renascimento, um dos desejos é reduzir a presença das mídias em minha vida, para experimentar a socialização corpo a corpo. Por este motivo, estou disposto a desenvolver atividades que não fui formado profissionalmente, ou focar em trabalhos no meu campo de atuação que necessitem menos do computador. Pensei em ser jardineiro, vendedor em *coffe shops*, entre outros subempregos no exterior.

Após estudar sobre os cursos de inglês e cinema no Canadá, preços de passagens, custos de vida, tomei outro banho para romper a letargia de um corpo sedentário em frente ao computador; comi, bebi café e escrevi até agora.

Por fim, vale ressaltar que acordei sem ressaca alcóolica, creio eu, devido à grande ingestão de água na noite anterior. Ressalto também que ontem me ofereceram uma ponta de baseado, mas neguei por três motivos: (1) vontade de seguir no jejum por pelo menos 21 dias, a fim de atestar a potência de reprogramação neurológica deste período; (2) por saber que a pequena dose provavelmente causaria um efeito muito suave e irrelevante diante das minhas expectativas de fumar maconha; (3) não estou sentindo vontade desesperada de fumar, apesar de saber que é divertido e prazeroso, não tenho pressa, pois passei a curtir a onda de estar sóbrio após anos de ingestão habitual de cannabis.

Pensei em contar para minha mãe sobre o jejum de maconha, creio que ela ficará feliz, mas desisti, pois não quero criar expectativas, sobretudo, após anos de debates até ela aceitar sem reclamar. Não sei se voltarei a fumar com a mesma frequência, espero que não, pois será mais potente quando ingerir a erva, além de mais econômico. Também, não quero ter hábitos viciados que possam ser algum impedimento na vida. Certamente, se eu informar minha mãe

sobre o jejum de maconha, ela vai celebrar e pedir para eu permanecer nele eternamente, mas não quero e nem posso garantir tal perspectiva, mesmo por amor ao ser que generosamente gestou e pariu o meu corpo.

Tanto o jejum de sexo como o de maconha envolvem questões morais muito conturbadas em nossa sociedade. Escrever um diário abre a possibilidade de se expressar sem filtros, mas às vezes, penso nas reações que meus familiares podem expressar ao ler certas amoralidades que cometo e relato com naturalidade. Por outro lado, faz parte da minha busca pessoal romper as correntes das privações do fluxo de desejos e pensamentos.

Dia 39, 40, 41 de jejum de sexo

Dia 10, 11, 12 de jejum de maconha

02/12/2018, 03/12/2018, 04/12/2018 (escrito em 05/12/2018 – 00h 51min).

No sonho de ontem para hoje, a narrativa foi consistente e aparentemente única. Nele, eu apliquei uma técnica parecida com o *reiki* para ressuscitar humanos mortos. Apesar da descrença dos observadores, a repetição com sucesso de resgate da vida dos corpos falecidos, fez com que a dúvida desvanecesse. Eu estava convicto deste poder sobre-humano, mas necessitava da confirmação dos observadores para atestar tal capacidade de trazer mortos de volta à vida com plena saúde. Assim como no método de *reiki* que costumo fazer, no sonho, eu não tocava o corpo falecido. Postava minhas mãos próximas ao cadáver, criando assim uma ressonância magnética. Através de uma profunda concentração, na qual convoco outros seres para realizar o ato por meio do meu corpo, que funciona como um instrumento, uma mídia capaz de transmitir informações e impulsos advindos do campo imaterial para o mundo da matéria, a façanha de realizar um ato que a ciência é incapaz, causa descrença, mas a experiência de ver a cena ocorrer em mais de uma ocasião, fez com que os observadores oníricos acreditassem. Apesar de serem lembranças nebulosas, que durante o dia não me recordava, após um banho quente e a desistência de tomar um café para agregar disposição química à ação da escrita, o sentido principal do sonho clarificou em minha mente, que lembrou algumas cenas, mas com poucos detalhes de imagens e reconhecimentos faciais.

Vale ressaltar que, antes do banho, assisti alguns vídeos sobre masturbação tântrica e atingi o limite entre o orgasmo e a ejaculação. Para reter a saída do fluído espermático, tive que me concentrar e contrair vários músculos da região genital, quase senti dor e demorou alguns segundos, talvez um minuto, para que meu corpo normalizasse, pois quase qualquer estímulo ou relaxamento faria com que eu ejaculasse.

Consegui reter, o banho foi uma forma de acalmar o corpo. Uma longa e poderosa urinada deixou a experiência masturbatória no passado. Creio ter sido meu primeiro orgasmo seco. Na verdade, é possível dar continuidade ao processo, se assim desejar, pois a energia se mantém no corpo, então a disposição permanece, ainda com maior furor. Entretanto, o banho quente relaxou totalmente o fluxo de desejos. Sinto vontade de finalizar o jejum que, ao dobrar a meta, está previsto para terminar daqui a 48 horas, quando completa 40 dias de renúncia ao sexo. Ao mesmo tempo, tenho vontade de permanecer no celibato, pois observo os benefícios desta prática. Sobretudo, em relação à grande quantidade de tempo diário dedicado aos pensamentos e ações relativas ao sexo genital. Por outro lado, estou com vontade de ter relações amorosas e sentir prazer genital com outro corpo ou comigo mesmo.

...

Tenho sentido pouca vontade de escrever. Há dois dias, choveu intensamente, a gata miava sem parar. A casa onde moro está com goteiras. Queria dormir, mas o miado permanecia incessante. Peguei ela e caminhei com velocidade para a colocar do lado de fora e seguir dormindo. No caminho, escorreguei na poça sobre o azulejo liso, bati com força o lado direito do corpo. Passei alguns dias seguintes mancando, mas hoje já não sinto dor.

Meu cachorro havia fugido por conta do medo dos fogos de artifício. A sorte foi que se direcionou para o Hostel e as meninas me avisaram. Fiquei furioso com meu cachorro, que já não me permite sair sozinho. Decidi encontrar um novo lar para ele e mergulhei nas pesquisas sobre morar no Canadá. Ontem, para ir à feira, tive que melhorar o cercado, que não o impediu de fugir outra vez. Com um pouco mais de esforço, consegui dificultar a saída dele, mas não me sinto seguro em sair e o deixar aqui, pois sei que é capaz de destruir quase qualquer barreira para chegar ao seu objetivo, que é não ser abandonado.

Ironicamente, este medo me trouxe a vontade de transferir a adoção, que é uma espécie de abandono responsável. Na feira, ganhei vários alimentos: couve, mandioquinha, espinafre, cenoura, além de descontos que eram revertidos no dobro dos produtos da minha escolha. Como era a xepa, aproveitei alguns itens que os feirantes estavam dispensando, pois perderam o valor comercial por estarem fora do padrão de qualidade. Assim, consegui umas 10 berinjelas e alguns quiabos. Voltei com bastante peso da feira. Mais uma vez, meu cachorro havia fugido, mas logo retornou.

Melhorei a cerca, dobrando a quantidade de alambrado e amarrando fios de arame. Sai novamente para buscar ração, sacar dinheiro e comprar chimango, orando para que minha

engenharia tosca funcionasse. Quando voltei, o cachorro estava contido, o que me gerou grande alívio.

A casa está com bastante mosquitos irritantes. Não são do tipo barulhento, mas sugam o sangue sem que percebamos devido ao pequeno tamanho e deixam marcas de coceira. Eu e meu cachorro estamos nos coçando bastante. Isso me preocupa também, pois sinto que a demanda de cuidar dele está sobrepesando, apesar do meu amor, não sei se sou a pessoa ideal para adotar um cachorro. São animais muito carentes que demandam bastante dedicação, por um longo período da vida, pois permanecem dependentes até falecerem.

...

O desejo de me mudar para o Canadá custa caro. O custo de vida lá é dez vezes maior do que o daqui de Ibicoara, fora o valor para chegar lá. É um lugar extremante frio, mas estas demandas despertaram uma vontade de voltar a trabalhar com fotografia e vídeo. É a melhor porta de entrada que encontrei dentro do meu repertório de habilidades. Estou disposto a trabalhar em outras atividades também, pois é parte do desejo de morrer para renascer no devir do desconhecido. Estar parado no momento me causa insatisfação, mas necessito conciliar os planos com as demandas do doutorado. Tenho estudado bastante os meios de imigrar, pois explode em mim um desejo intuitivo, assim como aconteceu com o celibato que culminou no fim do meu namoro e me trouxe até aqui, neste momento presente.

A ideia da eleição de um fascista, a venda da ilha e a perspectiva de viver numa grande cidade, misturam as questões sobre os caminhos a seguir, pois existem riscos e zonas de conforto neste trajeto. Diante do alto custo que representa morar em outro país, posso arriscar as reservas financeiras que consegui guardar, entretanto, existe a possibilidade de as ampliar no Canadá. Estou num momento em que me arriscaria, pois ainda tenho muito energia para trabalhar, sou um corpo produtivo e a perspectiva de morar fora ativou uma força de vontade criativa, que gerou autoestima por reconhecer os potenciais artísticos que cultivo. Sinto-me capaz de me destacar na produção de obras audiovisuais, devido a minha formação cultural. Meu temor é a preguiça, mas posso romper com esse estado de ânimo, que desconfio ser um rótulo impertinente, já que realizei atos que poucos ousam fazer, como o doutorado ou construir uma casa numa ilha quase deserta.

O que eu necessito é motivação, caso ela exista, até jejum de sono sou capaz de realizar para atingir os objetivos. Geralmente, quando inicio projetos, os finalizo. Sei que esta é uma característica rara: em trabalhos colaborativos, percebo a dificuldade que a maioria das pessoas

tem em acabar um projeto, pois se dispersam em outras atividades. Concentração é algo escasso na era da informação, que distrai a atenção por meio de múltiplas agendas cognitivas e sensitivas. Nesta perspectiva sou um velho, pois permaneço fissurado em cumprir os objetivos propostos, e não sei lidar com múltiplas tarefas, preciso me concentrar em poucas atividades, pois me perco, fico confuso e me estresso quando existem demandas dispersas, que acabo por não realizar nenhuma, ou priorizo uma em detrimentos das outras.

Admiro os corpos que lidam com muitas atividades ao mesmo tempo, mas percebo que a dedicação e qualidade, por vezes, deixam a desejar, já que o empenho não é o mais eficiente que poderia ser, como presume a qualidade artística dos trabalhos, que entendo como a melhor expressão que o artista consegue imprimir na obra, contudo, sem buscar a perfeição, pois há de decretar um fim do processo. Geralmente, em meu caso, alcanço o fracasso, pois ainda não consegui realizar obras precisamente como projetei. Existem mudanças e variações no processo, que, em muitos casos, são desvios que se tornam triunfantes e superam as expectativas dos objetivos traçados preliminarmente. Assim, venho de uma formação que me obriga a ser flexível e adaptável, mas creio que os canadenses devem ser rígidos em relação à execução do planejamento. Portanto, vou ter que conciliar tais diferenças culturais, caso a imigração se concretize. 03h 11min.

...

Tenho dormido depois do sol nascer. Ontem, dormi depois das 7h e acordei às 12h. Antes de ontem, creio ter dormido mais cedo e acordado tarde, talvez dormi 1h da manhã e levantei às 11h. Estou sem regularidade no sono e não estou mais disposto, nem menos disposto do que nos dias que eu fumei maconha. Entretanto, houve uma redução no consumo de café, que hoje me isentei.

De fato, este foi o maior lapso de dias sem escrever durante o jejum, mas se deve a uma pesquisa compulsiva sobre a imigração para o Canadá, com intervalos cognitivos para assistir vôlei e Tatá Werneck. É também falta de vontade, que já expressei em dias anteriores de escrita. Felizmente, ao começar a digitar, o texto se desenrola e os temas aparecem no fluxo de pensamentos, que não para, mesmo em silêncio ou disperso em mídias audiovisuais.

Outra situação a ser destacada durante o jejum de maconha é a quantidade de ingestão de mídias, pois tenho estado bastante tempo em frente ao computador, seja trabalhando ou me entretendo. Diminuí o ritmo de limpeza, pois estou menos disposto a certas coisas do que no início dos jejuns, mas estou bem e feliz, apenas sinto que as demandas rotineiras me entediam

e as abandono, exceto quando há prazer físico-químico. Neste sentido, é válido inserir exercícios. 03h 24min.

Dia 42, 43 de jejum de sexo

Dia 13, 14 de jejum de maconha

05/12/2018, 06/12/2019 (escrito em 07/12/2018 – 00h 00min).

O que é o ser humano? Acabei de assistir o vídeo de um porco, encarcerado numa jaula de metal no fundo do caminhão, junto com vários outros porcos. O vídeo focava neste animal, bem próximo da face, mostrava o porco tremendo de medo, pois sabia o destino que o aguardava: a fila do abatedouro. É visível a expressão nos olhos amedrontados, que me transportou para o corpo quadrúpede do futuro bacon e salsicha. Chorei lágrimas que não pude conter. Todos os presuntos que ingeri na vida, gritaram o sofrimento de um animal que serve de alimento para corpos que não precisam de carne para viver, mas para saciar um desejo alimentar culturalmente construído. O abatedouro é um processo de assassinato automatizado por humanos-máquinas que banalizam a morte, pois compreendem o ser humano como superior às outras espécies animais.

Logo depois, assisti na *internet* fotos e vídeos de publicidades com pedaços de cadáveres produzidos de forma *gourmet*, ou seja, temperados e cozidos, pois a carne em natura é intragável, ao contrário dos vegetais. Não foi por opção, mas este é o conteúdo que o mercado disparou nas mídias. Cenas de crimes são vendidas como gestos naturais e luxuosos. Pedaços de defuntos animais, mortos na infância, são imagens cotidianas sem censura e, na maior parte das mesas familiares, é um prato de rotina. Crianças repetem o ato sanguinário com referência nos adultos que os criam.

Lembro que o impulso de parar de comer carne, em mim, surgiu no começo da adolescência. Sempre adorei comer presunto, cachorro-quente, bife, frango, camarão e outros cadáveres temperados. Na minha primeira tentativa para me tornar vegetariano, apenas sopa de beterraba apareceu como alternativa. Voltei a comer carne em poucos dias, após o início da experiência: ao ver um prato com tiras de partes de carne de boi, preparadas com esmero, escondido dos demais observadores, burlei o desejo de ser vegetariano. Porém, não há como ocultar de si mesmo o próprio fracasso.

Não posso afirmar que deixei de comer carne, porque não gosto do sabor, pois são alimentos bastante saborizados. Contudo, os últimos frangos que comi, confesso ter sentido gosto de peido, apesar de não saber qual é exatamente o sabor da flatulência anal, passou a ser

um sabor desagradável. Foi uma mudança de alimentação gradativa: primeiro retirei carne vermelha, depois aves, por fim, frutos do mar. Socialmente, ainda consumo ovo e laticínios, mas prefiro quando não utilizam estes ingredientes e deixei de os comprar. É complicado determinar o fim de um hábito viciado, pois existe o desafio do desejo, sobretudo, numa sociedade que prioriza a alimentação de origem animal e afirma a necessidade deste consumo para não haver carência de nutrientes. Conhecer o processo do viver de luz revolucionou esta perspectiva e tornou tudo mais fácil. Estabeleci a meta de ser vegano, mas não me culpei nos dias que desviei, apenas observei se o sabor era, de fato, imperdível, além das consequências digestivas. Hoje estou tranquilo em me alimentar todos os dias sem qualquer produto de origem animal, pois aprofundei meus conhecimentos sobre nutrição e gastronomia para equilibrar a dieta desta nova fase. Estou muito mais magro do que quando comia carne, queijo e pão, mas estou mais saudável e disposto. Como menos quantidade que outrora, mas esta não é uma preocupação, se ignoro a questão da aparência física, que a ditadura da beleza masculina do século XXI implantou como padrão estético, os corpos musculosos.

Sou sedentário, mas tenho força física e disposição que impressiona os amigos malhados. Durante a obra da casa na ilha, era uma surpresa ver meu corpo leve carregando grandes quantidades de peso, sem fadigar ou lesionar. Posso caminhar nas trilhas da Chapada Diamantina em alta velocidade, subo e desço correndo, mas estou com o IMC abaixo do normal. Da última vez que me pesei, estava com 53,5kg. Como tenho 1,76 metros, deveria pesar pelo menos 57kg. Quando eu pesava 61kg, considerava-me muito magro, então sempre carreguei esta insatisfação. Por um breve momento na vida, já pesei 71kg, fiquei gordinho, com a barriga estufada. A fase em que meu corpo estava mais adequado aos padrões estéticos foi quando treinei vôlei com o objetivo de ser atleta. Eu era carnívoro nessa época e fazia apoio com a ponta dos dedos, mas logo me frustrei com meus limites físicos para a profissão de jogador. O menor peso que tive foi 51kg durante a adolescência, momento em que fui bastante criticado e recebi a avaliação de que eu parecia estar em fase terminal. Neste período, a mudança brusca de peso foi devido à dedicação compulsiva às atividades da gincana da escola. Após o emagrecimento exacerbado, fui à nutricionista, que me receitou remédios que me faziam comer e dormir bastante. Engordei rapidamente e voltei a ter um corpo físico aceitável para os padrões estéticos sociais, com maior quantidade de massa do que tinha anteriormente ao processo de emagrecimento. Hoje me questiono sobre a busca dessa beleza padronizada, pois sinto vontade de ser musculoso, mas não trabalho nesta direção. Além disso, o padrão midiático dos corpos é o que me atrai, meu desejo sexual não é desviante, exceto no quesito da homossexualidade,

mas, contraditoriamente, tenho tesão nos corpos masculinos heteronormativos. Eis um conflito entre a pesquisa filosófica e os desejos empíricos.

Gostaria de me atrair por corpos abjetos, mas, atualmente, este não é um desejo presente. Sei que é mais uma arquitetura cultural a ser reprogramada e gostaria que o jejum de sexo colaborasse com esse propósito, mas ainda não é algo real. Já não busco, nem dedico meus pensamentos às imagens sexuais. Entretanto, quando romantizo imaginariamente o ato, a narrativa envolve corpos assimilados pela cultura da malhação. A solução que reverbera é me enquadrar no padrão para conquistar o objeto do meu desejo. É uma péssima ideia, mas provavelmente, é o que farei, se eu for capaz. Caso contrário, será apenas uma expectativa frustrada por mais um corpo fracassado.

Loucura total ser humano e construir tantas hierarquias, seja entre *homo sapiens* ou na variação animal. Quanta informação naturalizada a ser reprogramada. Os passos são lentos e, quando reflito sobre meu passado, percebo que fui contaminado com diversos conceitos desarmônicos. Já desejei o dinheiro e os objetos que podemos comprar através deles; já vivi práticas e expressões racistas; sou homofóbico quando excluo um repertório de expressões nas minhas práticas sexuais, enfim, por vezes, apesar de ter estudado sobre a perversidade do sistema, sigo com essas programações colonizatórias, quando naturalizo a servidão dos negro e negras, assim como o encarceramento e a chacina higienista da juventude indígena e afrodescendente.

Sou uma bicha mestiça, descendente dos povos originários das Américas, de africanos, de europeus e talvez de ancestrais vindos de outros locais dos quais não fui informado. Apesar desta identificação miscigenada e desviada da heterossexualidade compulsória, onde vivo sou lido como um homem cis, branco, masculinizado, que teve acesso aos espaços de privilégio. Assim, passo despercebido enquanto alvo da violência imperial. Contudo, meu lugar poderia ser diferente, o que me faz refletir sobre como é a experiência de quem vive num corpo-alvo.

Às vezes, por ser parte do senso comum e por acessarmos determinados estudos, cremos não ter o opressor internamente, mas em mim, infelizmente, ele ainda mora. Por mais que tenha quebrado o meu telhado, através de esforços homéricos para me reprogramar, a fundação do sistema está implantada em meu ser. Não preciso me orgulhar de quem eu sou, não preciso me considerar um anjo para me eximir da culpa por minhas perversões, não preciso crer que nunca mais cometerei atos infames e criminosos, mas busco desconstruir essa base, arrancar as raízes das matrizes culturais colonizatórias e expressar o que creio ser necessário para o mundo. Pode ser que eu demore toda a vida, ou vidas. Quão contraditório pode ser o humano?

...

Ontem dormi pouco, acordei antes das 6h, feliz pelo dia, que raiou com um belo amanhecer ensolarado, contradizendo a previsão do tempo. Havia feito uma lista de atividades pra hoje. Iniciei o dia bebendo água, depois varri a casa para esperar um horário aceitável para chegar na casa de Dona Maria, que me alugou sua casa por 200 reais, com uma vista linda para a montanha da águia. 7 horas da manhã, bati em sua porta com o dinheiro na mão e meu cachorro sorridente na coleira. Ela ofereceu deixar a cama, a máquina de lavar e um armário de cozinha. A proposta é sensacional, mas, em seguida, comentou sobre seu medo de deixar a casa sem pessoas, pois poderia ser roubada. Esta informação ressoou sem parar em minha mente, enquanto caminhava de volta para casa, pois não quero viver num lugar com esse medo. O trauma na ilha me fez priorizar a busca por um lugar pacífico. Infelizmente, o Brasil está longe desta perspectiva, assim como o mundo, pois nossa busca é uma bolha ilusória que geralmente custa caro.

Marquei de encontrar Dona Maria na praça para ela me apresentar ao servidor da *internet*, às 10h. Quando cheguei em casa, era pouco depois das 8h. Cozinhei um cuscuz enquanto refletia com angústia sobre o que fazer. Liguei para minha mãe, minha principal conselheira, que concordou com a ideia de eu cancelar o aluguel, sobretudo, diante do meu desejo de viajar, que ganhou urgência com a eleição do governo fascista. A escolha de mudar de ambiente é um desejo intuitivo, mas também racional. Se penso no que vivi em 2018, na quantidade de mudanças que se sucederam, internamente e externamente, jamais esperaria estar onde estou, sem saber pra onde vou, nem como vou, só sei que vou.

Depois, liguei para minha irmã, que conversou com minha cunhada aniversariante e confirmamos a passagem do ano novo, amontoados na casa que moro. Logo, informei que, no próximo ano, vou me mudar. Pretendo dedicar grande parte do tempo aos retiros: em janeiro, passarei 10 dias no *vipassana*. Depois, quero ir à Minas Gerais fazer os 21 dias de jejum do viver de luz. Em seguida, pretendo embarcar para o Canadá, mas ainda não tenho dinheiro para realizar esta aventura luxuosa transnacional. Certamente, terei que trabalhar lá para sobreviver. Caso a venda da ilha se concretize, irei com alguma segurança financeira, mas não me importo muito, estou disposto a enfrentar o desafio que está para surgir, pois sei que a solução será ótima, mesmo que seja a morte por congelamento na rua, que não creio ser factível no meu caso. É mais provável que eu não vá, que também é uma probabilidade que está se desvanecendo, apesar de não haver uma solução concreta. Estou aberto ao que vier.

Decidido sobre o cancelamento do aluguel, preparei-me psicologicamente para informar sobre minha desistência para Dona Maria, que viaja no sábado para trabalhar em São Paulo. Minutos antes de sair, começou a chover com muita força. A casa ficou com várias goteiras, nas valas de drenagem corria um rio, enquanto nos morros cortados por enxadas caíam cascatas. Diante da chuva intensa, decidi enviar uma mensagem de *whatsapp* para explicar sobre a desistência. Deixei claro que o dinheiro que entreguei era dela, pois eu estava descumprindo o acordo e estava preocupado em Dona Maria ter prejuízo devido a minha decisão.

Ela respondeu depois de algumas horas. Disse ter voltado encharcada da rua e que utilizou o dinheiro para quitar as contas do mês anterior. Além disso, sublinhou que tem uma moça interessada em alugar. Falou em me devolver o dinheiro, caso alugasse a casa, ou que eu teria que esperar ela trabalhar em São Paulo para me pagar de volta. Reforcei que achava justo que ela não tivesse que me reembolsar. Creio que ela compreendeu a oferta desta vez. Comprometi-me a ajudar a encontrar outro inquilino e a vender a máquina de lavar. Confesso ter sentido um grande alívio por desfazer esse compromisso, por mais tentador que fosse. Sinto-me livre. Posso passar um tempo na casa de minha irmã, ou de minha mãe, ou de amigos, ou alugo um quarto no Hostel e posso embarcar em qualquer jornada, a qualquer tempo. Apesar do meu esforço em não acumular objetos, carrego um peso relevante e terei que me desfazer de utensílios de cozinha, mas prefiro dar do que me preocupar com isso.

A outra liberação que preciso realizar é mais complexa e envolve emocionalmente meus pais: a transferência responsável da adoção de meu cachorro. As bruxas do Hostel conseguiram uma pessoa interessada que tem uma casa grande, com terreno. Além disso, ele teria a companhia de uma cachorrinha, tratada como princesa. A priori, pensei que meu cachorro se tornaria o príncipe que sempre sonhou em ser. Nunca consegui oferecer a vida de realeza para meu cachorro, ao contrário, aprendi que devo amar e tratar melhor os animais, pois não me considero um bom cuidador. Atualmente, estou um pouco mais amoroso e disposto a oferecer mais do que água e ração, mas ainda preciso evoluir neste quesito. Realmente, a aprendizagem ética animal é um desafio que sou carente de aptidões e dedicações.

Quando a chuva cessou, aproveitei para banhar meu cachorro e o deixar bem apresentável para a potencial adotante. Ele tremia de frio, mas se comportou super bem, deixou eu fazer tudo o que precisei para limpar seu corpo. Enviei uma mensagem para o celular da potencial adotante, na qual expliquei o perfil do cachorro e sugeri uma transição suave e tranquila. A resposta dela, entretanto, desanimou minhas expectativas, pois começou com a dificuldade da agenda de viagens e da necessidade de um cachorro para ser segurança. Acho complicado adotar um cachorro com esse propósito, pois muitos são animais medrosos. A

violência é uma reação ao medo. O intuito dos cachorros é amar e ser amado. Talvez, gansos sejam animais mais eficientes para esta tarefa de guarda. Meu cachorro estava conosco durante o assalto na ilha. O latido diferenciado denunciou a atividade estranha, mas que não impediu a abordagem dos piratas. Ele esteve todo o momento latindo e enfrentando os ladrões, mas não avançou em nenhum dos 8 homens armados. O outro cachorro, que acreditávamos ser capaz de morder numa situação de perigo, desapareceu e só retornou 30 minutos depois que os assaltantes partiram em direção à ilha vizinha, onde moravam 50 famílias de pescadores humildes.

Apesar de não avançar, meu cachorro intimidou os assaltantes. Por este motivo, minha irmã foi convocada a proteger os piratas, enquanto vistoriavam a casa em busca de objetos de valor. Eu estava de cueca, agachado no chão, com uma arma apontada, enquanto era ameaçado por um facão que o pirata batia ao lado da minha cabeça, para que eu revelasse onde estavam guardadas nossas riquezas. Foi uma experiência maluca. Sobretudo, por esconder a existência de outra casa com vários objetos, inclusive, nossas carteiras, que poderiam denunciar nossa mentira, pois eu e meu ex-companheiro não entregamos dinheiro, nem os documentos. Então, supostamente, em algum lugar escondemos. Os piratas confabulavam a hipótese de que estava num cofre, mas, através de poucas palavras explicamos o propósito do IPAH, que é um Instituto de pesquisas ambientais e de humanidades, com ações educativas e de vivência por meio de outros modelos econômicos; explicamos que vivíamos na ilha com a missão de plantar o próprio alimento e viver sem dinheiro. A resposta de um deles foi: “ah! Vocês são de boa então”. Muitas coisas ocorreram e não sei quanto tempo se passou, mas creio que seriam muitas páginas para relatar todos os detalhes percebidos por meu corpo, além da perspectiva dos outros.

Incrivelmente, eu só conseguia pensar na chama violeta e orar para que eles fossem embora. A chama violeta me trouxe segurança, pois parecia que eu não estava só. Também, trouxe alguma confiança de que aquele momento seria resolvido sem danos maiores que os prejuízos financeiros. Mal sabia eu que se tratava de um ponto de virada na minha história.

Um acontecimento como esse gera muitas reflexões. Passei dias renderizando a experiência, voltando ao mundo moderno após um longo período na ilha, onde vivi com restrições à eletricidade, pessoas, comunicações e todos os elementos das cidades. Loucura pensar que hoje completam cinco meses. Ocorreu no exato dia 07/07/2018, aniversário de uma das moradoras da ilha que não estavam presentes no assalto.

A priori, quis ignorar o acontecimento e viver como se nada tivesse ocorrido, mas não dá para ser assim. Por vias tortas, a vida me tirou do caminho que havia planejado seguir até a velhice. Como um furacão, rodopiou e me lançou numa trilha desconhecida, que, apesar de eu

planejar os passos seguintes, restou o rumo em direção às incertezas, que devastam as expectativas através de avalanches de emoções. Confuso, estou.

...

Apesar de ter dormido pouco e acordado cedo (2h até 6h), despertei antes do alarme, que nunca ativo, mas resolvi ativar ontem. Significa que quando me programado, acordo no horário desejado, ou antes, exceto quando envolve rotina. São 02h 43min e ainda não sinto sono, sinto fome. Tirei um breve cochilo de 1h após comer por volta das 19h, até ser interrompido pela ligação de minha mãe, que me motivou a levantar, tomar banho, comer mais e escrever até agora.

Dia 44 de jejum de sexo

Dia 18 de jejum de maconha

10/12/2018 – 23h 14min.

Não lembro muito bem dos dias que passou. Tampouco, sei se existe algo relevante para relatar. Foram dias bons e tranquilos. Ontem, recebi em casa um amigo e sua filha, uma adorável criança de 2 anos. Eles vieram da Pedra do Sabiá, antes, viviam em Minas Gerais. Agora, procuram um novo lar e cogitam Ibicoara.

O local onde moram atualmente, a Pedra do Sabiá, está passando por alguns processos de reestruturação. Eles buscam construir uma “cidade luz”, que também se inspira no movimento de ecovilas, mas o processo de concepção para a realização demora e é repleto de desafios. Por este motivo, esta família resolveu buscar um lugar para esperar algumas coisas se resolverem.

No dia que chegaram aqui, a Pedra do Sabiá tinha sido assaltada. De certa forma, foram liberados deste trauma. Esta recorrência de assaltos e violência no litoral está afastando muitas pessoas desta área: eu sou um exemplo. Não sei como será a sequência da história deste espaço holístico, mas o guardião-proprietário, nas ocorrências anteriores de latrocínios, decidiu reabrir as portas. Eu penso que é uma atitude corajosa e louvável, porém desconfio de que seja pouco sensata. Como é um ambiente imerso em trabalhos de magia e cura, creio que esta proteção invisível fortalece a manutenção do propósito do espaço.

Levantei segundos antes de baterem na porta. Ao lado do meu amigo da Pedra do Sabiá e sua filha, estava outro casal de amigos de Vitória da Conquista, junto com o filho deles, um

pouco mais velho do que a outra criança. Chegaram próximo ao horário do almoço. Passei um café, ainda limpando a remela dos olhos. Enquanto as crianças brincavam, conversamos e cozinhamos um macarrão para almoçarmos juntos, sentados sobre o chão.

Sáímos no meio da tarde, para conhecer o terreno do casal de Vitória da Conquista, pois pensam em trocar alguns hectares pelo carro do morador da Pedra do Sabiá. Este é um exemplo de economia baseada em recursos. O local está a 26 km desde o centro de Ibicoara.

No caminho, as crianças gritavam freneticamente, enquanto os adultos conversavam animados. Em dado momento, a menina com pouco mais de 2 anos de idade, conversou sobre a lua minguante com a comparsa de Conquista. No meio do caminho, paramos num espaço de agroflorestas e bioconstruções. Comemos amoras enquanto caminhávamos em direção à casa da proprietária. Apresentei algumas casas de hiperadobe e teto verde para meu amigo da Pedra do Sabiá, que se impressionou com a qualidade e beleza das construções.

Seguimos para o terreno, as crianças dormiram antes de chegar. Entramos na fazenda, passamos por estradas que o comparsa de Conquista abriu com o caminhão da família e alguns ajudantes. As crianças ficaram no carro com a mãe do menino, enquanto descí com os rapazes para conhecer uma das cachoeiras que divide o terreno.

O rio marca a divisa entre o município de Ibicoara e Iramaia. É um lugar impressionante. Tomamos um banho gelado e partimos antes da chuva chegar. Entretanto, durante a caminhada na trilha de volta ao carro, uma chuva forte caiu, deixando-nos ainda mais molhados. Esperamos alguns minutos na esperança da chuva acalmar, mas foi em vão. Seguimos, por sorte, estávamos num carro alto e forte, pois a estrada se tornou um rio caudaloso. Uma cachoeira que avistamos na ida, ficou dez vezes mais potente. Vimos um carro pequeno parado no caminho, pois não poderia seguir com a estrada naquele estado. O rio que atravessamos na ida, se tornou mais profundo e, quando atravessamos na volta, a água chegou na altura do farol e molhou o piso do carro. Era um fluxo de água impressionante, mas, apesar das dificuldades, chegamos bem. Em alguns momentos, sobretudo, na travessia do rio, o carro foi no limite da honra. Ficamos felizes pelo retorno bem-sucedido.

No Hostel, as bruxas haviam preparado chocolate quente. Não bebi, pois continha açúcar e leite, mas ofereci ao meu amigo da Pedra do Sabiá que aceitou. Uma das bruxas do Hostel é uma antiga amiga do casal de Vitória da Conquista, inclusive, é quem os hospeda nesta noite. Assim, estão em casa e se servem à vontade.

Comi pipoca e conversei com meu amigo da Pedra do Sabiá sobre a experiência dele com a meditação *vipassana*. Ele estava interessado em saber sobre minha pesquisa de doutorado, que simplifiquei a explicação ao relatar que se trata sobre a percepção. Mas com o

decorrer do diálogo, falei sobre a relação entre a fisiologia, a física clássica, a física quântica, a psicologia, a cultura e a comunicação, além dos experimentos que iria realizar em meu corpo-laboratório. Ele entendeu e me trouxe reflexões sobre as metodologias e técnicas que eu iria utilizar. Comentou sobre Figueira, uma comunidade monástica em Minas Gerais, fundada por um baiano chamado Trigueirinho, que faleceu recentemente. Já conhecia a história de Figueira, pois meu ex-companheiro, por 5 anos, foi monge lá.

Segundo meu ex-companheiro, ele recebeu a informação de que iria me encontrar após sua saída da vida monástica. Não cogitei visitar o espaço até então, devido a quantidade de regras impostas, pois me cansa a perspectiva de obediência sem contestação. Meu amigo da Pedra do Sabiá ressaltou essa característica do espaço, em contradição ao seu modo de vida contestador, mas valorizou a experiência e relatou que os canalizadores constantemente colocam suas canalizações à prova, pois consideram o erro e a interferência dos egos nestes processos.

Como pretendo realizar o jejum de 21 dias do viver de luz no Portal Parvati, que está localizado em terras mineiras, pensei em seguir posteriormente para Figueira, pois não há custos em visitar a cidade monástica, mas há de cooperar nos serviços de manutenção do espaço. Na verdade, não é apenas uma cidade, é uma rede de fazendas que é autossustentável em diversos aspectos. Trata-se de uma estrutura milionária, com banco de sementes extremamente organizado, laboratórios, estúdio de música, espaço para eventos, plantios, hospedagem para 3 mil pessoas, centros de ufologia.

O projeto recebe investimentos e doações de diversas fontes, além da arrecadação dos livros *best-seller* sobre o ser humano, espiritualidade e ufologia, escritos pelo idealizador de Figueira: Trigueirinho, um ex-cineasta frustrado, fundou a comunidade monástica após o fracasso do seu primeiro e último filme longa-metragem, “Bahia de todos os santos”⁵³, elogiado por Glauber Rocha, apesar das críticas gerais. Soube deste fato através do relato de um ente familiar de Trigueirinho, que desconheço o parentesco.

O sonho de uma comunidade autossustentável, na qual os habitantes não necessitam de dinheiro para viver, foi o sonho que iniciou minha jornada nesta tese. Figueira conquistou esta materialização por meio do caminho da espiritualidade. Neste ponto, nossas buscas divergem. Entretanto, nesta jornada de autoconhecimento, o ceticismo do início da minha trilha pessoal deu lugar a uma busca científica que envolve a espiritualidade como um dos elementos da existência e do saber humano. Neste sentido, vivenciar a experiência em Figueira pode

⁵³ BAHIA de todos os santos. Direção: Trigueirinho Neto. Bahia, 1960. Documentário (100 min), película, son., pb.

enriquecer a pesquisa, tanto no viés da experiência de uma comunidade que escapa da matriz cultural capitalista, como no sentido da expansão de percepção sobre a existência do ser. Os caminhos trilhados por Trigueirinho merecem destaque, pois a realização de Figueira é um marco histórico e uma mega construção arquitetônica, que mobiliza milhares de pessoas e está conectada a uma rede internacional.

...

Antes de ontem e ontem, ofereceram-me maconha, mas segui firme no propósito do jejum. Conto os dias para terminar, porém não é devido a uma necessidade física ou psicológica, mas para me libertar desta privação e ter um momento de prazer. Também, estou curioso para sentir os efeitos após este amplo período de abstenção. Hoje, afirmo que fumarei após os 21 dias, assim que tiver acesso a um cigarro de maconha, que não tenho posse no momento. Falta pouco e prefiro finalizar o processo a qualquer custo do que reiniciar a jornada, que teria que começar a contabilizar do zero.

Antes de escrever este relato, assisti a um vídeo no *facebook* sobre o uso medicinal para um portador da síndrome de *touret*, que consiste numa tremedeira incessante, associada ao quadro de hiperatividade, que, segundo o usuário, anula o sono e o descanso do corpo. A maconha resulta num efeito impressionante após 20 minutos, pois o torna uma pessoa normal, capaz de falar sem os espasmos e tiques oriundos da doença. Segundo o usuário de maconha com fins medicinais, as experiências com outras substâncias pioravam o quadro e o THC foi a única química que gerou alívio dos sintomas. Como não respeitar a erva após assistir um exemplo como este?

Eu não tenho sintomas de doenças que justifiquem o consumo de maconha. Já senti ansiedade, tristeza ou confusão mental, que foram aliviadas pelo uso excessivo da substância ao longo da minha vida. Poderia ter utilizado outras técnicas, como a respiração e a meditação, mas, realmente, considero que a maconha foi uma substância preventiva, além de recreativa, pois tenho uma saúde excepcional. Segundo o médico iridologista que me consultei em Itacaré, Luiz Meira, meus olhos apresentam um modelo de íris saudável, mesmo quando relatei queixas sobre a rinite que me acompanhava diariamente há anos. O iridólogo recomendou a limpeza da alimentação, que resultou em melhoras progressivas. Tal receita médica, agregada à vida na natureza, que, hoje em dia, é nas montanhas, fizeram os sintomas da rinite desaparecerem. Contudo, trata-se de uma doença considerada crônica, portanto, sem cura pela medicina. Ainda assim, deixei de ter. Convivo com uma gata, durmo com um lençol felpudo e não recordo o

último espirro alérgico. Por este motivo, considero que me curei, mas se eu retornar a morar em Salvador, é possível que alguns sintomas reavivem. Creio que o clima quente e úmido resulta num ambiente pouco saudável para a respiração devido aos fungos e ácaros. Conheço muitas pessoas que desenvolveram rinite no litoral baiano. Também, sou atento ao travesseiro, que é um dos principais fatores alergênicos. Comprei um bem barato, mas que é imune à ácaros e é antialérgico. Como passamos muitas horas com o nariz próximo ao travesseiro, é um dos principais motivadores de crises, além do ventilador. Enfim, reorganizei diversos fatores que resultaram no fim dos sintomas enlouquecedores da rinite. Já tive que tomar remédios diariamente, tanto alopáticos como homeopáticos, mas os sintomas permaneciam constantes, apesar do alívio temporário. É uma felicidade absurda se libertar de uma doença crônica. Imagino a felicidade das pessoas que encontram conforto para os sintomas de diversas enfermidades através da maconha.

Entre os diversos motivos da ilegalidade da cannabis, a indústria farmacêutica, sem dúvidas, é uma das principais responsáveis. Mais um exemplo da perversidade desta indústria, que nos adoce e mantém os clientes com sintomas controlados, mas permanentes, pois se oferecer a cura definitiva, o cliente deixa de ser comprador do remédio. As drogas farmacêuticas disponíveis para tratar a rinite me mostraram claramente esta política perversa através da experiência em meu corpo.

...

Hoje, levei meu amigo da Pedra do Sabiá e sua filha para conhecerem a casinha que eu desisti de alugar. Depois, apresentei o terreno que a mesma dona está vendendo. No terreno, encontramos vários cristais, que catamos por um longo tempo. Ele se apaixonou pelo lugar e se interessou na compra. Caminhamos em direção à praça, paramos para lanchar numa padaria e seguimos para o Hostel. Meu cachorro nos acompanhou durante todo o passeio; enquanto comíamos, amarrei ele numa árvore, onde esperou tranquilamente. No Hostel, ele passou todo o tempo se coçando e lambendo o corpo, está perdendo pelos em alta velocidade e passou a ter uma aparência debilitada por conta desta prática estressante para ele e para quem está ao seu lado. Amanhã iniciarei um tratamento com permanganato de potássio, pois preciso encontrar um alívio para este cachorro. Acordarei nesta função.

...

Em geral, não lembro dos sonhos, como de costume. Nos primeiros dias do jejum de maconha, eles apareciam vivos, mas já não me recordo dos sonhos sonhados nos últimos dias.

Ontem, fiz uma lista de fotografias-colagens surrealistas, inspiradas em escritos do capítulo da qualificação do doutorado. Por algum motivo, estou com desejo de fotografar imagens fixas, após longo período de dormência artística visual. As imagens que imaginei seriam boas para ilustrar partes da tese. Este potencial me estimula, pois é uma possibilidade de expressar as ideias e conceitos através de outra linguagem que sou tecnicamente e esteticamente treinado. Esta é uma reação positiva, pois minhas aspirações artísticas imagéticas estavam hibernando. Não conseguia ter tesão em produzir imagens fixas ou em movimento, pois atingi uma intensa fadiga após longos períodos de trabalho compulsivo e compulsório, que chicoteavam meu corpo com os prazos.

Dia 21 de jejum de maconha

13/12/2018 – 14h 11min.

Ontem à noite foi o fim do jejum ejaculatório. Tudo foi iniciado com a pesquisa de fotografias artísticas que utilizam a nudez como estética, pois, em minha busca por um projeto fotográfico, pesquisei referências na internet. As melhores fotografias que encontrei, que utilizam a nudez como recurso estético, foram realizadas por dois artistas que eu já conhecia o trabalho: Jan Saudek e Robert Mapplethorpe. Daí o *google* me lançou na pornografia. Comecei assistindo vídeos sobre técnicas de masturbação peniana e cheguei em vídeos tradicionais de sexo que estavam mascarados por títulos relacionados à ioga e tantra.

A verdade é que estimulei minha genitália, mas não foi necessário realizar muitos movimentos mecânicos. A ejaculação foi um processo que não consegui conter, meu corpo expeliu mesmo com a interrupção do movimento. Senti sensações paradoxais, por um lado foi um alívio finalizar a contagem do período de jejum, por outro, senti que gostaria de ter permanecido na prática do celibato.

Minutos antes de entrar nesta dinâmica de estímulo genital, conversei com uma amiga através do celular sobre o jejum de sexo. Falei sobre a crença que incorporei, de que durante o sexo com outra pessoa, trocamos energia. Neste sentido, relatei crer que, para limpar este campo, demora meses, talvez anos. Diante do jejum que pratico desde setembro, com ejaculações esporádicas e intermitentes, sentia esta limpeza acontecer em meu corpo: desde o fim do meu relacionamento, não me envolvi afetivo-sexualmente com outros corpos e relatei

que, se fosse quebrar este longo período de abstenção ejaculatória, preferia que fosse sozinho ou com outro corpo incrível, que ainda não me foi ofertado.

Minha irmã disse que leu uma tese sobre a ilusão do livre arbítrio, pois, segundo esta pesquisa, o cérebro envia o comando e as demais atividades subsequentes são realizadas para convencer o corpo a praticar a ordem neurológica. De certa forma, foi o que ocorreu comigo ontem. Eu já queria interromper o jejum, mas não sabia como. A conversa pelo celular com minha amiga tornou esta intenção explícita. Confesso que o gozo genital, nesse caso, foi prazeroso, mas nada excepcional. Senti umas leves sensações físicas, similares a coceira ou algo que não sei descrever, com intensidade pouco relevante. Já tive sexos fantásticos que realmente, foram mais potentes do que drogas químicas ingeridas oralmente, mas nem sempre atinjo este ápice do clímax. Um conjunto de fatores devem ser considerados na obtenção do prazer sexual. Por um lado, sinto como um espasmo sensitivo que resulta numa espécie de embriaguez. Ontem, senti sono depois da ejaculação. Tomei banho, refleti sobre a ocorrência, permiti meu corpo sentir as sensações resultantes, mas racionalizei demasiadamente o processo. Esta é uma das maiores libertações de decretar o fim do jejum, pois como estou relatando os fenômenos no meu corpomídia, tento traduzir em palavras as sensações. Por vezes, esta busca por apalpar a experiência pode retirar a potência de algumas percepções, mas tudo bem. Não trabalho com culpa.

Se o processo de jejum de sexo teve o fim naquele momento, considero um fracasso triunfante. Não creio que nadei e morri na praia, pois a meta de 21 dias foi mais do que duplicada. Realizei 44 dias de jejum de sexo. Hoje de manhã, durante o banho, masturbei novamente o meu pênis com o intuito de confirmar o fim do jejum e buscar sentir o prazer ejaculatório que tanto cultivei durante estes dias de abstenção. Mais uma vez, foi algo muito leve e a rebordosa emocional me deixou um pouco confuso e impaciente. Rapidamente, reverti estas emoções, pois em nenhuma hipótese é válido cultivar este estado de humor, mas refleti se daqui para frente, vou voltar a praticar a masturbação ou o sexo vazio.

Como não me sinto mais obrigado por um projeto a permanecer em celibato, poderei levar com leveza os processos sexuais em meu corpo. Assim como posso transar e gozar livremente, posso me abster sem culpa ou prejuízos sociais. Penso que cultivarei a prática de celibato, mesmo que seja intermitentemente interrompida, pois não posso negar os benefícios após este longo período de experiência. Longo para quem nunca o havia vivenciado, pois para pessoas que são celibatárias há décadas, os dias que passei em abstenção são irrisórios. Contudo, no meu caso, no meu corpo, foram extremamente relevantes: agora, sei que posso

encarar os jejuns que seguirão, pois tanto o *vipassana*, quanto o viver de luz, eliminam as práticas sexuais durante o período de jejum.

Alguns hábitos viciados já deixaram de configurar vícios. Posso passar 21 dias sem sexo, ou sem maconha tranquilamente. Falta eliminar a dependência da comida, da água, das palavras e das mídias. Serão os próximos passos. Se observarmos o processo como uma caminhada, devo celebrar os passos dados, mas quando olho para frente, enxergo um horizonte intocável. Seguirei. Amanhã finaliza os 21 dias de maconha, que devem continuar por alguns dias, pois não tenho posse da erva no momento, mas, assim como o sexo, não ignoro o retorno do consumo. A maconha talvez seja até mais desejável do que o sexo neste momento. Penso em modificar a rotina de consumo de cannabis que eu estava habituado a praticar. Talvez, inserir em apenas alguns dias da semana, para não retornar às práticas diárias.

Tenho sonhado bastante, às vezes, a memória do sonho permanece, mas se esvai. Acabo de lembrar de um sonho muito interessante que havia me esquecido, mas retornou por completo agora: eu estava na casa da família do Portal Parvati, que recebe os buscadores para o jejum do viver de luz. Havia muitas pessoas, a maioria eram corpos femininos, os rostos não eram todos claros, mas tampouco pertenciam as pessoas que conheci quando passei dois dias lá. Uma das mulheres cis que estava mais próxima e com quem mais conversei, era uma jovem morena que reconheci como a matriarca da família. Talvez fosse sua versão jovem, pois quando a conheci na realidade, ela estava com a idade mais avançada. A jovem matriarca conversava animada ao meu lado, enquanto as outras pessoas circulavam e dialogavam na sala, que também era diferente da que estive, mas, ao mesmo tempo similar. Da conversa, não sobraram palavras claras, mas o desejo de os visitar para vivenciar o processo de 21 dias.

Ao nosso lado, sentou-se uma jovem mulher cis branca, com o cabelo repleto de pequenos cachos armados e volumosos. Em seguida, pediu para a jovem matriarca um remédio que estava tomando há dias. Parecia que seu intestino estava constipado, com dificuldade de liberar o fluxo. A resposta que ela obteve é que não havia mais o remédio, então se pôs a reclamar. Ofereci o *reiki*, que mulher cis de cabelos cacheados prontamente aceitou. Fomos para uma parte externa e iniciei a impostação de mãos. Sentia saudades da jovem matriarca, que se distanciou da cena, mas fiquei feliz em ajudar alguém com dificuldade através da magia de cura que me foi concedida.

Acordei, o sonho permaneceu por mais de um dia em minhas memórias, mas de ontem até hoje, esqueci completamente. Sabia que eu lembraria ao iniciar a escrita, já ocorreu o mesmo em outro momento.

Outro sonho interessante foi na casa de uma amiga de escola. Sua família simples, mas sem dificuldades básicas, ofereceu-me um almoço. Ao entrar na cozinha, observei várias opções veganas, mas a mãe de minha amiga da escola estava cozinhando, dentro d'água, um hambúrguer para mim. Titubeei por alguns instantes, mas declarei timidamente que não queria comer carne. Ela aceitou e declarou que também não come.

Voamos para outro ambiente: era um condomínio de casas em construção. Um casal hetero, creio que irmão ou irmã de minha amiga, estava construindo sua casa com as próprias mãos. Caminhei um pouco e encontrei uma casinha bem pequena que parecia ser feita para uma criança. O casal de amigos de Vitória da Conquista chegou na cena e me apresentou esta casa minúscula que era deles. Quando entramos, a casa se revelou de um tamanho normal, bastante confortável. Fiquei impressionado pela sensação dimensional confusa.

Estes foram os sonhos de ontem e antes de ontem, se não me engano. Hoje, sei que sonhei bastante, mas não me recordo das narrativas, nem de imagens, nem de nada mais. Mas sei que sonhei. Apesar da falta de controle da razão diante dos fenômenos sonhados, gosto da ideia de voltar a sonhar, pois é muito mais alucinante do que fumar mil baseados, quando experimento um sonho de forma consciente.

Em estado de vigília, tem ocorrido cenas do reino animal bastante grotescas e bizarras para o padrão de normalidade que sempre vivi: ao tomar banho, percebi que uma aranha pequena, porém corpulenta andava na parede. Outra aranha tecedeira estava na espreita, apesar da diferença de tamanho (umas três vezes maior e mais gorda), a aranha corpulenta pisou na teia e seu corpo ficou grudado. Rapidamente, a pequena aranha tecedeira se aproximou e envolveu o corpo da outra aranha através de suas finas patas e do conteúdo transparente que expelia pelo traseiro.

Os detalhes da cena ocorreram numa dimensão pouco visível para os meus olhos humanos, mas ao assistir um desenho, chamado “Jack e o pêssego gigante”⁵⁴, aprendi que algumas aranhas comem o cérebro da presa. A aranha tecedeira se aproximou do corpo que relutou em vão, cada vez mais coberto pela tecelagem habilidosa das patas em forma de agulha. Em algum momento, creio que realizou esta ação de ingerir a massa cerebral da presa aracnídea, pois hoje, percebi que o corpo da aranha comida já não está na teia.

Por outro lado, uma cena ainda mais bizarra ocorreu: enquanto eu lavava os pratos, ouvi o barulho de um objeto que caiu do céu na parte aberta da área de serviço. Quando olhei, percebi que era o corpo de um gato. Não era um felino adulto, mas já não era um recém-nascido. Estava

⁵⁴ JACK e o pêssego gigante. Direção: Henry Selick. EUA, Reino Unido: Allied Filmmakers, Skellington Productions Inc., Walt Disney Pictures, 1996. Animação (79 min), digital, son., color.

ensanguentado e com parte comidas. Ao olhar para o céu, observei aves gigantescas sobrevoando, creio que seus corpos eram maiores que o de um cachorro. Com as asas abertas, tornam-se gigantes.

O corpo do gato estava sem olho, com a fuça coberta de sangue e a barriga aberta. O nojo e repulsa não me fizeram averiguar detalhes da comilança das aves, apenas sai do local e refleti sobre que atitude tomar. Senti medo por minha gata, que pode se tornar vítima destes carnívoros voadores. Peguei uma pá e arremessei o corpo do defunto na mata ao lado da casa, para que os demais bichos finalizem o processo de decomposição.

Jamais imaginei que um dia veria um cadáver felino ser arremessado dos céus na varanda da casa em que habito. Sempre ouço sons no telhado, mas agora observo que existe esta prática de carnificina das aves que costumo admirar quando olho a vista do jardim. Fiquei chocado com a cena, ainda estou, creio que ela irá se repetir por algum tempo em minhas memórias, mas com o descarte do defunto, deixei para trás este acontecimento. Entretanto, ficarei temeroso em deixar minha gata sair por longos períodos, com medo de que se torne alvo da caça.

...

Ontem, estressado com a coceira e lambedeira de meu cachorro, disparei um texto com as fotos para a adoção. Hoje, meu ex-companheiro mandou uma mensagem dizendo que encontrou um lar amoroso. Perguntei quem seria e ele respondeu que ele mesmo iria o adotar. Fico feliz, pois ambos se conhecem, então não apresenta surpresas, nem novidades para qualquer parte envolvida neste processo de transferência de responsabilidade.

15h 15min. Sinto fome. Até agora estou de jejum. Só bebi água e café. Vou cozinhar.

1.10 VIPASSANA

Ilhéus - Bahia,

09/01/2019 – 20/01/2019.

Agora, devo relatar a experiência de meditação *vipassana* durante dez dias. No período do curso, estávamos dedicados a meditar 12h por cada dia. Com intervalos para alimentação e descansos, o primeiro sino tocava as 4h da manhã para iniciar a meditação às 4h 30min. No primeiro dia, lavei os olhos, escovei os dentes, bebi água e fui pra sala de meditação coletiva meditar na alvorada. Não havia lido o cronograma diário, que previa horas para meditar no quarto. Enquanto no salão de meditação a prática é realizada sobre uma almofada e um tapete de borracha, no dormitório, é possível sentar numa cadeira com recosto e até mesmo dormir, o que é improvável durante a meditação coletiva. No meu caso, preferi sentar sobre o colchão ortopédico no chão, que me foi concedido para dormir durante o curso, pois podia apoiar o corpo sobre a parede, que cobria com uma almofada, além de poder esticar as pernas em intervalos espaçados. Tive muita sorte em relação ao colchão. Eram vários, de variadas qualidades. O que me foi ofertado era tão pesado que, ao final do curso, foi preciso duas pessoas para o carregar, enquanto três colchões foram carregados de uma só vez por um dos participantes.

Nos desjejuns, foram oferecidos banquetes, dentro de uma variedade de alimentos, em maioria, veganos. Havia leite de coco, leite de aveia, chás quentes e gelados, vitaminas de banana e aveia, bolo, pão integral, grãos, raízes, salada de folha, tomate, pepino e germinados. Enfim, era uma grande diversidade de alimentos que estão dentro do repertório que busco adotar em minha rotina, oferecidos em abundância e diversidade. Entretanto, estavam disponíveis alimentos com açúcar, café, manteiga do leite da vaca, e aliáceos, como açafrão, gengibre e cebola. Desta forma, havia a opção de eleger uma dieta individual a partir de um cardápio inclusivo, na medida do possível e do repertório de crenças da cultura *vipassana*.

Comer era sempre um momento prazeroso, o alimento era oferecido em momentos anteriores ao da sensação de fome. Comia mais que o necessário diariamente, pensava em reduzir, mas a avidez avolumava o prato. Ao final do curso, alguns participantes relataram sensações desagradáveis ou compulsões expostas por conta da rotina alimentar desta iniciação, que previa para o jantar apenas duas frutas e leite de coco ou aveia e chás, com açúcar opcional. Contudo, para mim, a dieta foi densa dentro dos padrões de ingredientes que me alimentavam anteriormente, quando evitava aliáceos e raízes em geral, mas consumia café e maconha.

Durante o curso, não bebi café, nem comi manteiga, permaneci vegano, evitei açúcar, mas o comi em duas ocasiões. Para meditadores que já realizaram o curso anteriormente, apenas uma bebida de água com limão é sugerida à noite. Caso existam questões específicas sobre alimentação e medicações, o tema é analisado pela professora deste retiro: Valéria Koslovski.

Jejum não é permitido, não sei para os casos de quem vive de luz. A ideia é livrar o corpo de toxinas através de uma ingestão regulada pelos conhecimentos da cultura *vipassana*. A carne é um desafio para alguns, para outros, talvez o açúcar refinado em altas doses. A abstenção do consumo de vícios alimentares era um dos vários desafios sublinhados pela técnica: há de renunciar também a fala, o contato físico, o sexo, a troca de olhares, celulares, livros, papéis, canetas, enfim, é importante reduzir ao máximo a comunicação com o mundo exterior: toda a atenção objetiva deve estar voltada para as sensações do corpo.

A morada na ilha e os jejuns de sexo e maconha que realizei na Chapada Diamantina, suavizaram muitos desafios do *vipassana*, que não foram obstáculos durante o retiro. De certo modo, ansiava por esse luxo de viver dias de renúncia, concentrado na meditação.

Os quartos eram coletivos. Esta condição criou uma certa atmosfera que traz características sociais específicas, nem boas, nem ruins. O curso que participei foi realizado num método de produção traduzido como ocupações ciganas (*gypsy spaces*). Neste caso, alugaram o espaço de uma escola: as salas de aula se tornaram dormitórios, o pátio virou o salão de meditação. Além disso, havia cozinha, refeitório e banheiros. Esta estrutura cigana acomodou mais de 50, talvez 70 pessoas, não sei ao certo.

Durante o retiro, a única parte que me gerou aversão estavam relacionadas com limpeza dos banheiros. Por muita generosidade, a comida estava limpa e saudável, mas o ambiente de excreção alimentar, quando compartilhado por vários machos, torna-se um desafio para meu ego. Tanto em relação à timidez de excretar na presença de outros corpos humanos. Sobretudo, em relação às fezes, pois urinar é um gesto culturalmente mais exibatório para os machos no Brasil, onde é comum realizar excreção peniana na presença de outros machos e, por vezes, ao lado de centenas de pessoas, como no carnaval de Salvador. Porém, defecar é um ritual que gera hábito por ser diário. Como a minha biografia ofereceu banheiros domésticos para tais fins, lidar com a estética grotesca de banheiros coletivos, onde apenas um é o suficiente para causar estragos, foi uma forte sensação de aversão que precisei trabalhar durante o curso.

Em profundo silêncio, consegui conviver com esta condição sem externar minhas subjetividades, mas adoraria a possibilidade de ter um banheiro privado ou compartilhado por menos pessoas, ou qualquer outro método que trouxesse conforto para excretar. Tomar banho era mais tranquilo, pois haviam muitos chuveiros, mas realizava malabarismos para evitar

contato com partes do banheiro. Ao longo do curso, aprendi a lidar com essa aversão e meu corpo criou uma rotina para o uso dos instrumentos de higiene, que me oportunizou estar no espaço sem outras pessoas.

Alguns dias, usava o banheiro no meio da meditação matinal, quando o processo anal estava plenamente organizado para ser excretado. Interrompia a meditação por dez minutos para realizar esses atos e voltava limpo e desimpedido na linha espinhal. Sentia grande conforto ao recostar na almofada sobre a parede, sentado na cama, limpo e desenfestado, refrescado por um banho sem aquecimento da água, mas com temperatura amena para o calor do verão litorâneo da Bahia.

Os desimpedimentos intestinais traziam alento para o corpo sentado, assim, aumentava o potencial da meditação no aspecto das sensações sutis, que geram bem-estar. Contudo, as aversões compreendidas como dor muscular ainda eram desafiadoras para me manter estático. Trabalhar no quarto me ajudou bastante a fortalecer a determinação durante o período da sala de meditação coletiva, onde meditava sentado numa almofada, sobre um tapete de borracha.

Após o sexto dia, passamos a praticar a meditação em *adhitthana* (firme determinação), que sugere passar uma hora sentado, sem se mover, três vezes ao dia. Caso não conseguisse, busca-se diminuir a necessidade de se movimentar para aumentar o tempo de permanência em imobilidade. Nos três primeiros dias, coceiras, dores, ardências e várias sensações me fizeram mover, apoiar as costas, alongar, abrir os olhos em curtos espaços de tempo. Apesar das reações, sempre retornava para a meta da meditação *Anapana*, que propõe observar objetivamente a respiração e a região do nariz, com gradativa redução do tamanho do local observado. Esta é uma poderosa forma de concentrar a atenção para as sensações, através de um recurso incessante da vida humana: a respiração nasal, em seu ritmo natural, sem comandos de ação, como respirar profundo ou veloz ou por uma narina ou outra. Assim, busca-se a redução da intervenção no fluxo de entrada e saída de ar, ao lado do aumento da concentração nas sensações impermanentes dessa parte do corpo.

Neste momento, somos desafiados a não reagir aos estímulos considerados ruins, como dor, ações de insetos, barulhos, ou qualquer distração. Existem muitas distrações para convencer o corpo a sair da pose parada, do silêncio, para desviar a atenção do exercício de concentração numa parte específica do corpo, em constante redução espacial.

Associado às sensações, estão os pensamentos que não cessam, ou melhor, percebo que raramente atingi o estado de vazio mental durante o retiro. Entretanto, por vezes, estabelecemos momentos de concentração num único objeto: a sensação da parte escaneada. Nestes momentos,

são desligados os sons, as imagens e outros artifícios da imaginação mental. Ela se volta para sentir o que há no corpo presente.

No início da experiência, são sensações na superfície do corpo material, sensações mais grosseiras, como dor, coceira, calor, vento, arrepio, pressão, formigamento, enfim, sensações associadas à camada exterior do corpo. Cheiro, sons e imagens aparecem diante dos estímulos sensoriais emitidos pelos objetos dos espaços de meditação: se há pássaros ou um trio elétrico, existem elementos para conviver durante o ato de meditar.

Com a atenção focada nas sensações localizadas, distrações são obstáculos transponíveis, que podem ser associados às interpretações das memórias que submergem através das sensações percebidas. Assim, no quarto dia de retiro, após dedicar os três primeiros para aprender e praticar a técnica *anapana*, como meio de preparação para a meditação *vipassana*, sinto uma dor durante o trio elétrico que passou, enquanto aprendíamos a técnica de meditação *vipassana*. A música, a festa, poderiam produzir diferentes reações aversivas, como raiva, por atrapalhar a busca da concentração; ou uma avidez incontrolável, com força para me retirar da sala na direção de me juntar à liberdade de consumir as toxinas que desejar, dançar em vez de sentar, beijar, ouvir e cantar a música.

Estávamos confinados. Não poderíamos sair e deveríamos ser obedientes à rígida disciplina sugerida pela técnica. De fato, existem adaptações do método e poderíamos interromper o curso a qualquer tempo, mas este não era o propósito. Nem os organizadores do curso, nem os participantes almejavam esta perspectiva, então, entramos no jogo psicológico do aprisionamento. Tal condição me causou questões. Todos os dias variei entre a vontade de sair e de ficar, pois é uma experiência desafiadora, mas em vários momentos, sentia prazer e vontade de recomendar o retiro para muitas pessoas.

Um companheiro do curso de iniciação que viajou de ônibus para Vitória da Conquista ao meu lado, confessou que a confusão sobre o decorrer do calendário previsto o fez confabular um plano de fuga para sair e retornar no dia seguinte. Pelo que entendi, a motivação era ver uma super lua que iria nascer nesta data, além avisar a família, pois ele acreditava que havia informado o dia errado da saída do curso. Apesar dos planos, não consumou a imaginação.

Houveram outros relatos interessantes sobre a experiência dele: disse ter sentido o caminhar de insetos imaginários da mesma forma que sente as experiências reais, mas ao abrir os olhos, via que não havia insetos. Assim, acostumou-se com a sensação imaginária e parou de reagir. Entretanto, em certo episódio, reagiu às sensações do caminhar de uma formiga imaginária e sentiu a dor da mordida como real. Para este participante, tamanha era similaridade das sensações imaginárias do caminhar de um inseto material sobre a pele, que, certo dia, em

meditação, uma aranha caminhou em seu corpo e, por alguns instantes de reflexão, titubeou para abrir os olhos e averiguar se era um inseto real. De fato, era uma aranha preta pequena, mas não minúscula. Ele utilizou o *kit* de resgatar insetos para os liberar em áreas externas.

Algumas pessoas desistiram antes de completar o curso, mas foram poucas. A maioria foi até o final. Alguns saíram às pressas no último dia, antes e depois das últimas palestras. Também senti vontade de sair em diversos momentos do curso, inclusive, no último dia: antes do café da manhã de despedida, senti vontade de sair. Na hora de sair, senti vontade de sair. Porém, eram desejos impermanentes e variavam com a gratidão da experiência, junto com a vontade de repetir o retiro. Ambas as perspectivas eram sentidas nos extremos emocionais ao longo dos dias.

Ao observar os fenômenos com equanimidade, ou seja, sem avidez ou aversão, através do princípio da impermanência, nenhuma sensação é boa ou ruim: é neutra e vai passar. Tal programação de condicionamento mental reduz o papel do juiz interior egóico, que a toda percepção de realidade, atribui qualidades positivas ou negativas devido a uma sensação, que acompanha pensamentos e verbalizações.

Silêncio, olhos fechados, gestos contidos pela imobilidade do corpo sentado, desaceleram a mente, que se revela um dragão a ser domado. A esforçada dedicação de dez dias em meditação, por mais de onze horas diárias, não foi o suficiente para domar minha mente por completo: foi uma iniciação processual, por meio de uma técnica científica, advinda da Índia, há mais de 2.500 anos, através do Buda Sidarta Gautama, que a formulou após longas e rigorosas experiências de renúncia e meditação.

A técnica é complexa e sofisticada, além de exigir muitas palavras para contar toda a narrativa. Inclusive, ainda há muito para ser apreendido por meu corpomídia, tanto no aspecto teórico como empírico desta metodologia milenar. A trilha do saber sobre o *vipassana* é longa e promete a libertação completa do prisioneiro, que sofre com a sensorialidade material no mundo das ilusões reais. Neste sentido, a realidade sensorial é tida como parte onírica do estado de vigília consciente, mas também é o meio para o propósito final: a iluminação sobre a verdade.

As sensações grosseiras que causam aversão gritam e silenciam as sensações sutis, que podem gerar bem-estar, mas devem ser observadas sem a avidez de repetir a sensação, pois é impermanente. Através da observação equânime (*upekkhā*), dores, coceiras e insetos se tornam ferramentas para concentrar a mente nas sensações do corpo, sem reagir aos estímulos. Assim, a dor é observada e percebo que é uma ardência, com pontos centrais localizados. Já não busco sofrer pelo sinal bioquímico que emite sensações e pensamentos reativos, que julgam se um estímulo é traduzido como bom ou ruim e ativa comandos para o corpo realizar ações, a fim de

interromper a sensação de mal estar: levantar, coçar, secar, mover, comer, transar, beber, fumar, cheirar.

A reação viciada faz o corpo buscar as sensações de avidez, pois encontra uma repetição de impulsos eletromagnéticos tidos como informações de prazer. Quando interrompemos a mecânica dos impulsos motores e mentais, programados para reagir com ações e pensamentos aos estímulos sensoriais, a partir do repertório mnemônico do que é considerado bom ou ruim - qualidades estéticas apreendidas através das experiências socioculturais -, o corpo passa a cultivar o olhar equânime, que sente sem avidez ou aversão, pois percebe a situação como passageira e neutra.

A dor é uma sensação grosseira, que observada com maior atenção, é a expressão da memória que borbulha na superfície, desde as profundezas das raízes de sofrimento plantadas no ser. Passo a celebrar a dor como ferramenta para obter acesso à atenção sobre a sensação grosseira. Entretanto, o tempo de observação de uma dor localizada é limitado e o escaneamento prioriza outra área em seguida, que deve silenciar a sensação grosseira anterior, mesmo quando emite suaves estímulos e reações.

A concentração objetiva observa variadas sensações grosseiras simultâneas, mas, durante a meditação *vipassana*, as partes escaneadas disputam a atenção de forma subsequente. Conter a reação aos estímulos grosseiros fortalece a permanência na imobilidade. Por outro lado, revelam-se partes do corpo, por vezes “cegas”, ou seja, sem sensações aparentes. Através da observação persistente, contudo, ocorre uma sensibilização das áreas silenciadas.

Celebro as conquistas, reconheço os fracassos e as limitações superadas a cada passo dado na longa trilha desta técnica milenar. Lidar com o fracasso de não conquistar todos os fins que o *vipassana* propõe, é parte do aprendizado da humildade para o ego, pois é preciso reconhecer a distância do caminho entre um iniciante e um ser iluminado como Gautama Sidarta, que praticou por muito tempo, de forma ininterrupta.

A avidez para se libertar das ilusões sensoriais está acessível, mas exige árdua dedicação e esforço para chegar ao portal do conhecimento sobre a realidade da mente fora do mundo material. Após o silenciamento das expressões de partícula do corpo, revela-se o potencial de onda da existência do objeto. Levar a consciência a este estado de percepção é, ao meu ver, uma das propostas da técnica de meditação *vipassana*. O caminho segue as expressões das ilusões reais, com foco nas sensações localizadas, que refletem emoções e pensamentos. Neste sentido, o exercício purifica os resíduos acumulados nas matrizes de tais campos existenciais (sensações, emoções e pensamentos), que resultam em efeitos de bem-estar após as práticas. Entretanto, eu chorei sem controle no sétimo dia, após as práticas de meditação matinal. Além

desta ocasião em meu corpo, durante o intervalo entre as meditações, vi que outro participante chorava copiosamente. No penúltimo dia do retiro, antes de nos reinserir na sociedade, voltamos a falar e compartilhamos a experiência. Entre as conversas, recebi o relato de um dos mais dedicados participantes, sobre sua rotina de choros, acompanhados do sentimento de tristeza e depressão. Este rapaz que me relatou as maiores dores mentais entre todos os iniciados, foi o que expressou menor dor física. Com ele, aprendi que, às vezes, as dores mentais são o maior desafio para nos manter imóveis e atentos.

...

O gatilho disparado por uma expressão superficial está conectado com o inconsciente consciente e a esfera quântica da composição da matéria. Descobri, numa das palestras noturnas do curso, que, num segundo, as partículas subatômicas que compõem os corpos materiais, desaparecem e reaparecem trilhões de vezes. Esta compreensão sobre a realidade, que Buda alcançou após mergulhar em seu interior, foi reiterada pela pesquisa científica de Donald Arthur Glaser, laureado com o prêmio Nobel em 1960, por desenvolver a câmara de bolhas.

A realidade física está em constante transformação a cada momento. Foi o que o Buda constatou ao examinar a si mesmo. Com a mente profundamente concentrada, penetrou fundo na sua própria natureza e descobriu que toda a estrutura material é composta por minúsculas partículas subatômicas que surgem e desaparecem sem cessar. No estalar de um dedo ou no piscar de um olho, disse ele, cada uma dessas partículas aparece e desaparece muitos trilhões de vezes.

“Inacreditável”, poderá pensar quem observar apenas a realidade aparente do corpo, que parece tão sólido, tão permanente. Eu costumava supor que a frase “muitos trilhões de vezes” fosse uma expressão idiomática, não para ser levada ao pé da letra. Entretanto, a ciência moderna confirmou essa afirmação.

Há vários anos atrás, um cientista dos Estados Unidos recebeu o Prêmio Nobel de física. Durante muito tempo havia estudado e realizado experiências para conhecer mais sobre as partículas subatômicas das quais o universo físico é composto. Já se sabia que essas partículas surgem e desaparecem com grande rapidez em um processo de contínua repetição. Agora esse cientista decidiu desenvolver um instrumento capaz de contar quantas vezes por segundo uma partícula aparece e desaparece. Com muita propriedade, chamou o instrumento que inventou de câmara de bolhas e descobriu que, no decorrer de um segundo, uma partícula subatômica surge e desaparece 10 vezes elevado a 22.⁵⁵

Esta incessante impermanência da presença da matéria demonstra o conceito de *anicca*. As expressões da realidade irão passar, sejam boas ou ruins, passarão. Nada é bom ou ruim, belo ou feio, tudo é relativo à perspectiva da programação de crenças do observador. Adotar o

⁵⁵ HART, William. *Meditação Vipassana: A arte de viver segundo SN Goenka*. Pariyatti Publishing, 2012, p. 43.

princípio da equanimidade aumenta a aceitação da presença de estímulos que eu costumava reagir com aversão ou avidez. Assim, a dor, o calor e a coceira se tornam positivos, por abrir portas para a percepção das sensações. A tolerância cresce a partir da repetição persistente da atenção objetiva nas sensações, o que permite que as expressões sutis sejam percebidas. Cada passo é celebrado numa escalada desafiadora. O dragão mental está mais dócil, mas permanece selvagem e violento.

Ao decorrer do curso, a potência dos efeitos da técnica de *vipassana* demonstram diferenças abissais sobre a reatividade do corpo. Goenka, o palestrante dos áudios traduzidos para diversas línguas, utiliza a analogia de uma cirurgia médica sem anestesia, na qual somos os próprios cirurgiões com o bisturi. Desta forma, a metáfora da reprogramação funciona também para o caso da experiência de meditação *vipassana*: exercita-se uma profunda reprogramação da percepção cognitiva e sensorial, para reações de avidez e aversão. O meio são jejuns de estímulos e expressões viciadas, como o sexo, as mídias, alimentos, a fala, o movimento, o espaço limitado, contatos físicos e visuais. Através deste método, a consciência desperta de olhos fechados, assim, renuncia a faculdade da visão e foca a atenção em outras sensações.

Os olhos são requisitados em demasia pela programação cultural a qual pertencemos no presídio das ilusões reais. O simples ato de permanecer sem visão ocular em momentos de vigília reflete nos estados da mente. Em geral, fechamos os olhos para descansar, ou em momentos de extrema dor ou deleite sensorial, como no gozo genital e na satisfação da compulsão oral. Fechamos os olhos no clímax do prazer, ou da dor, para dar atenção as sensações latejantes do corpo em ato. Assim, podemos sentir aversão ou avidez sobre a sensação extrema, que logo, passa. Em geral, é comum buscarmos a repetição das experiências quando ocorre avidez e prazer, mas como as fronteiras humanas são difusas, ocorrem casos de busca pela reprodução das dores, que se tornam avidezes com gozo após o ato.

O longo período de olhos fechados durante as onze horas de meditação diária, modifica o padrão de percepção ao longo do tempo. É uma técnica psicoativa, a qual palavras sobre memórias não são capazes de descrever a experiência. O método, por outro lado, é científico, implantado através de uma fundamentação teórica e empírica, repetida com rigor técnico. Existem princípios que norteiam o curso há mais de 2.500 anos. As experiências, contudo, são individuais e subjetivas, em diálogo com o coletivo.

Os ensinamentos de *vipassana* foram mantidos por meio da transmissão oral e empírica do método cunhado por Gautama Sidarta, ou Buda. No século XX, ganhou um importante propagador da técnica que registrou os ensinamentos em diversas mídias e corpos discípulos

que professaram para os seguintes, que professaram os que professam, que professam os que professarão.

O *vipassana* não é uma religião, mas uma técnica sobre o controle da mente para a busca sobre o conhecimento além da matéria. O corpo-laboratório de Buda chegou a esta trilha do saber, mas podem existir outros caminhos, que a filosofia *vipassana* se abstém do julgamento. Contudo, sugere a renúncia de outras práticas durante o curso para seguir a metodologia proposta à risca. Os comandos são simples e diretos, mas a teoria é complexa.

Buda explica de modo sofisticado o comportamento da matéria no nível subatômico, evidencia conclusões de um corpomídia-laboratório com mais de 2.500, que contemplou as noções das atuais pesquisas quânticas antes do surgimento de aparelhos e salas de laboratórios. É mais um caso em que o corpo foi o laboratório, que, levado ao extremo da prática filosófica, atinge o estado de Buda, que está em latente presença em todos os tempos e espaços da história da Terra. Assim, Gautama Sidarta foi um dos Budas, que se destaca diante da quantidade de seguidores e consequências de suas ações, que geraram diversas redes de saber cultural, como o budismo e a técnica científica da meditação *vipassana*.

Durante as palestras gravadas, Goenka afirma a cientificidade do método, contudo, o reconhecimento acadêmico pode tardar em inserir esta aplicação de padrões tecnocientíficos para a erradicação do sofrimento, pois tem origem antiga, num tempo em que a conceitualização científica do método não era uma questão. Apesar da ciência ser uma noção recente, este campo do conhecimento ganhou o *status* para validar as conclusões epistemológicas e empíricas sobre a realidade, através da análise das repetições de padrões testados, e atestados, com redução máxima das variáveis e máxima repetição dos resultados para decifrar a universalidade dos fenômenos.

Alguns elementos são variáveis que alteram os fenômenos analisados, como o tempo, a localização do experimento e a impermanência da matéria. Mesmo quando medidos com o cuidado de repetir o método precisamente, há mudança do estado de presença a todo instante. Assim, tal universalidade do método científico é uma pretensão sem alcance num mundo regido pela lei da impermanência.

No sentido da repetição do método e dos efeitos, o *vipassana* é tão generalizante quanto qualquer disciplina científica moderna. Sobretudo, diante da amostra de corpos que experimentaram a tecnologia desta meditação que, há vinte e cinco séculos, desde sua formulação, é cultivada em diversos países. Contudo, apesar da repetição da metodologia do *vipassana*, há um enorme conjunto de variáveis nos experimentos, em relação ao tempo, local, recursos, mas principalmente, ao corpo subjetivo.

As noções do método científico, que empreendem os esforços na busca de padrões universais, é uma forma de observar o mundo, mas pode ser descartada como regime de verdade, pois se mostra improvável de atingir tal princípio epistemológico durante os experimentos subjetivos, diante da lei natural da impermanência. Entretanto, diante da amostragem da reprodução do *vipassana*, é possível o validar como método científico e, assim, ser assimilado por instituições formais, como os hospitais, escolas e presídios.

É provável que os resultados sejam distintos, até no caso em que o mesmo corpo repete o experimento *vipassana*, pois se trata de outro passo na trilha, no lugar da injeção de uma dose química. Obedientes a uma receita fixa, os cursos variam local, clima, tempo, língua, alimentação. Assim, os participantes não reproduzem um ritual programado, mas uma ação técnica com o objetivo de reprogramação do corpo e da mente, diante do conjunto de variáveis das ocorrências. Ou seja, o mesmo que ocorre numa cirurgia médica: há protocolos a seguir, mas vários elementos tornam aquela experiência única, sem possibilidades de repetição. Entretanto, a pretensão da universalidade conquistou uma redução da variação entre causa e efeito.

Pode-se determinar um espectro de probabilidades através da análise da variação entre os experimentos realizados. Desta forma, os resultados da intervenção técnica no corpo são previstos a partir dos padrões que alcançam a redução dos casos de exceção. O protocolo metodológico, portanto, é a superfície da experiência, pois a subjetividade entra em ação, dissolvendo os padrões universais das ocorrências. Assim, cada corpo, a cada instante, revela uma experiência, independente do esforço de aplicar o padrão metodológico com precisão cirúrgica.

...

O retorno ao mundo real é bastante inebriante. Os primeiros consumos de hábitos viciados, como celular, computador, compras, comidas, bebidas, fumos, falas, são factuais. No meu caso, evacuei desejos sem culpa, pois já venho de uma caminhada de renúncia anterior ao curso de *vipassana*.

A sensação de proibição é um dos desafios que geram culpa, quando a meta é corrompida. Declarar a renúncia de uma paixão exige forte determinação, pois o desejo é ávido pelo ato. Quando abdicamos de vícios habituais, o corpo reage com sensações de aversão para convencer a agir em busca da saciedade. A meditação *vipassana* auxilia no exercício de se manter imóvel ao impulso de reatividade viciada, pois passa a analisar o estímulo através das

sensações e pensamentos associados, assim, dissolve a avidez do desejo, em prol do esforço de permanecer sem se mover, com a atenção focada nas reações de partes estritas do corpo. Para tanto, é preciso conviver com o ruído que houver no espaço de meditação, sem desviar do propósito de manter a mente tranquila e atenta, através da perspectiva da equanimidade e da lei da impermanência (*anicca*).

Relatar a experiência do que ocorreu no passado, sempre oculta vestígios dos momentos vividos. Posso fazer o esforço de relatar cronologicamente, mas muito se desvinculou da minha memória consciente, racional, que me permite traduzir em palavras o que ocorreu. No confinamento, era proibido fazer qualquer anotação, ou ler conteúdos que não estivessem relacionados ao curso. Portanto, o formato de diário não pôde ser adotado. Parte do método de meditação impede o uso de mídias; falar apenas o necessário, com pessoas determinadas, além das outras proibições.

A restrição mais desafiadora foi a obrigação de permanecer até o fim do período do curso no mesmo local, sem autorização para sair. O confinamento me angustiou e causou um relevante sentimento de avidez pela liberdade. Essa prerrogativa do método implica em controlar a mente para cumprir o ciclo, sem abandonar o recinto e a prática. É inevitável celebrar a conquista de permanecer no curso até o momento final. Enfim, a liberação, após o pleno cumprimento da iniciação no método de meditação *vipassana*. Ao atravessar o portão, volto a navegar para o lugar onde escolhi estar, mas, na maioria dos casos, ocorre o retorno à rotina compulsória.

Um colega do retiro que conversou comigo sobre a própria experiência no processo de 21 dias do viver de luz, ofereceu-me carona até a rodoviária de Itabuna. Junto com sua simpática e falante esposa, sentei num banco confortável, com ar condicionado ligado, ao lado de outro iniciado que também vai para Vitória da Conquista. Coincidentemente, estávamos com o mesmo destino geográfico.

Conversamos um pouco com o casal, mas logo entraram em temas familiares que envolviam pessoas e assuntos que eu desconhecia. Assim, iniciei um diálogo com o iniciado que estava sentado ao lado. Relatou-me que cursava a terceira faculdade: biologia, agronomia e, agora, computação. Falamos sobre computação biomimética. Ele se interessou pelo assunto e a conversa deslanchou. Falávamos num fluxo intenso, após dias em silêncio.

Perto da rodoviária, o motorista falou que passaria alguns dias em Ibicoara com um grupo de amigos. Conversei animado sobre a possibilidade desse encontro, ainda atordoado com o cronograma da vida. Quando estrarei onde?

No momento, a meta era chegar em Vitória da Conquista. Comprei a passagem com meu companheiro de jornada e esperamos um pouco. Ambos, estavam serenos, mas sempre em diálogo. No ônibus, sentamos em cadeiras do corredor vizinhas, com a bagagem no assento da janela. Esse método ofereceu a possibilidade de viajarmos conversando, sem que as mochilas incomodassem. O ônibus estava vazio, então, seguimos assim por quatro horas.

Na última hora da viagem, descansamos da ação de falar e nos recolhemos em silêncio nas cadeiras. Ele informa ao motorista do ônibus que deseja saltar antes da rodoviária. Já estávamos próximos do ponto de parada. Despedida apressada, belas palavras de gratidão proferidas. Ele anota o número de telefone no folheto do curso, pois é o único papel que eu tenho na mochila. Peço que escreva o nome, pois conversamos sem que fossemos apresentados nominalmente. Ele corre para saltar do ônibus e já não sabemos quando cruzaremos a vida do outro. Contudo, descobrimos amigas em comum: as bruxas do Hostel de Ibicoara.

Salto na rodoviária e chamo um serviço de transporte de carro. Enquanto o motorista se dirige ao meu encontro, minha irmã me envia uma mensagem, na qual informa que é para a encontrar numa churrascaria, onde está almoçando com a esposa. Sigo feliz para encontrar as entes queridas. No caminho, os *outdoors* de publicidade chamaram a minha atenção. Há muito tempo não experimentava esta sensação mercantil. Na ilha não existem *outdoors*, tampouco em Ibicoara.

Ao chegar, abraço-as com muita disposição. Já haviam terminado de comer, mas me esperaram fazer um prato e me alimentar, mesmo sem a sensação de fome. Ao combinar o que havia disponível, fiquei feliz com a variedade de vegetais. Por acidente, confundi dois ovos de codorna pigmentados de roxo e verde, que aparentavam ser azeitonas. Como, não desperdiço, mas se iniciou um processo de reflexão sobre as proibições alimentares e de outras drogas, como mídias, café, bebida, açúcar, maconha, *ayahuasca*.

O *vipassana* afirma a necessidade de não consumir tóxicos, mas esta é uma qualidade relativa. As toxinas estão disponíveis por todos os lados, dentro e fora do corpo. O consumo delas são atos sociais e culturais. O que considero tóxico? Vou renunciar o consumo eternamente? Como lidar com a avidez do ato? Caso eu falhe, como devo reagir? Com aversão e culpa ou equanimidade?

Depois dos ovos coloridos, durante a noite do mesmo dia, comi pizza com o queijo de vaca confinada pela indústria até o fim da vida. Além da alimentação fora do protocolo, fumei uma maconha especial, livre do tráfico, direto da terra. A reação foi intensa. Meu corpo sentiu com força a presença da planta. Os olhos vermelhos denunciavam a profusão alquímica no corpo. Senti dificuldade para interagir com outras pessoas. A expressão da fala estava travada.

Pensava várias vezes antes de falar e algumas falas eram pela educação de oferecer palavras em retorno. Amorosamente, esta condição não fez diferença.

Bebi um pouco de cerveja, tomei café, assisti programas de televisão, mandei mensagens no telefone, fui ao *shopping*, intoxiquei o corpo com a realidade material. Entretanto, não comi carne, mas hoje, por pouco, não mordo o peixe empanado que minha irmã e minha cunhada não aguentavam comer. Resisti a reagir à avidez, então, elas dividiram e comeram todo o conteúdo. Fiquei feliz, pois não desejo voltar a comer animais mortos. Gosto da ideia de ser vegano e compreendo que há também alimentos do reino vegetal a serem evitados. Por vezes, tenho consumido ovo e leite, com certa culpa, que está em trabalho cada vez que fracasso nesse propósito de renúncia, ao mesmo tempo, celebro a manutenção dos hábitos veganos em processo de enraizamento.

...

Foram necessários dois dias, após o curso, para iniciar a escrita. Tento escrever de modo fluído, sem me sentir um personagem-escritor, como as vezes sou. Libero o fluxo de memórias e ideias. Não busco um propósito com este relato, somente escrevo. Sinto-me mais aterrado em comparação aos dias anteriores. Estou enfrentando os elementos da realidade para realizar escolhas para a vida no mundo da matéria, sem ignorar a existência dos fatores que causam sofrimento. Este foi um aprendizado do curso.

Nos últimos anos, tenho sido uma pessoa positiva que busca materializar realidades benéficas. Esta perspectiva trouxe um olhar sobre a vida que facilitava estar presente, feliz e em paz com a realidade do momento. Entretanto, escondia a dor num véu de insensibilidade. Ignorava a existência do sofrimento em nome da impermanência e do bem-estar. Reagia, portanto, com aversão de tamanha potência que me fazia enterrar a experiência para seguir em frente com galhardia. Creio ser um método positivo, pois a impermanência um dia demonstra que aquela experiência ocultada não é mais a dor que sentia após o trauma. Apenas, mais um momento da vida. Por outro lado, essa semente germina e ramifica para os pensamentos e atitudes. O estado de humor pode estar em vibração positiva, mas a memória do sofrimento permanece e causa reações bioquímicas no corpo.

Trazer a memória à superfície através da técnica de meditação *vipassana*, resultou num choro incontrolável seguido de pensamentos sobre a experiência na ilha. Este trauma havia sido enterrado profundamente, mesmo que seja um acontecimento recente. Assim, a saída da ilha após o assalto dos piratas, foi deixada para trás sem lágrimas derramadas.

Senti ressacas dolorosas nos dias que sucederam a invasão, mas suprimi e segui em frente. Apesar dos esforços, o ramo do medo brotou, o isolamento social adensou, mas mantive o bom humor quando possível. As coisas se desenvolveram ao ponto de eu estar aqui e agora, após um curso de meditação *vipassana* de dez dias. Percebo o longo caminho que há para trabalhar, enquanto sinto os efeitos da técnica.

Como tudo, o choro passou. Estados de alegria me envolveram e também passaram. Encarar o sofrimento enfraqueceu a pretensão de viver em permanente galhardia. Observei o que, de fato, considero sofrer. Nesta perspectiva, o caso do choro devido às memórias da ilha, passou da compreensão de sofrer para a de uma emoção forte, com sensações intensas e resultados gratificantes. A cura deste trauma pode não estar completa, mas evidenciou a mudança de abordagem sobre a reação ao sofrimento. Há de lidar com as dores sem anestesia.

...

Para a maioria dos participantes, a transição do silêncio para a fala foi um processo tão curto e imediato, após a liberação, que estranhei as barreiras que tive que romper para reaccessar o mundo da troca de palavras. Afastado, sentei no jardim e passei um bom tempo observando os diálogos. Em certo momento, sentei mais próximo das pessoas e um dos participantes puxou assunto. Quando contei sobre o processo da ilha, ele relatou que estava na Pedra do Sabiá quando ocorreu a constelação familiar para a ilha, além de também ter presenciado o assalto na Pedra do Sabiá. Ou seja, dias após a constelação do assalto na ilha, o local onde foi constelado passou por um assaltado.

Conversamos sobre as ocorrências na constelação e ele narrou o comportamento vampiresco de algumas pessoas que queriam sugar o cérebro do outro, entre outras performances nessa linha. Contudo, ao final da constelação, a energia obsessora ficou tranquila. Então, é possível que, através desta cena atuada no campo quântico, tenha-se solucionado o problema da energia obsessora.

Seguimos conversando sobre a experiência do assalto na Pedra do Sabiá. Ele contou que se manteve tranquilo e conseguiu dialogar com os assaltantes. Também realizaram uma constelação familiar para o assalto da Pedra do Sabiá e ele relatou a tristeza que sentiu ao representar o papel dos assaltantes. Essa longa conversa amenizou minhas reticências para falar após o árduo retiro.

No almoço, a conversa na fila era frenética. Um dos meus companheiros de quarto me agradeceu pelo esforço. Disse que eu o inspirava a tentar meditar nos momentos desafiadores

de sono e preguiça. Fiquei feliz com o comentário, estava obstinado durante a iniciação, mas sempre penso que posso ser melhor. Achar que algo poderia ser melhor do que foi no momento presente do ato, é uma fonte de sofrimento: tudo foi como tinha que ser.

Busco aproveitar os resultados, sem competitividade com os demais, mas em geral, a maior cobrança é interna. O oponente é si mesmo. Esse será um eterno fluxo de fracassos triunfantes. A expectativa, em si mesmo, frustra. Na trilha para a fuga do presídio das ilusões reais, percebi a distância dos caminhos a serem percorridos. Logo, pensei: não quero ser Buda. Quando me atentei aos árduos esforços da vida monástica, compreendi que desejo ser um leigo (termo utilizado para se referir às pessoas que não são monges).

Ser Buda é uma pretensão fantástica. Promete benefícios maravilhosos e, para o planeta, é muito bom que alguns humanos trilhem tais rotas, dedicados à busca do conhecimento sobre a vida. Entretanto, ser monge implica em diversos termos e regras de conduta.

De fato, é um privilégio viver numa frequência vibratória sintonizada com a paz, o amor e a felicidade, além de poder dedicar grande parte dos dias para a prática de meditação, contudo, há de obedecer e se privar compulsoriamente de diversas experiências mundanas. Esta perspectiva traz uma sensação de aprisionamento que não julgo negativamente, pois considero tal condição um benefício, um luxo para quem está disposto, inclusive, diante da impermanência da vida, pode ser que um dia eu venha a ser um monge, ou não.

Sei que neste curso de *vipassana*, o desejo de organizar a vida mundana ressurgiu com força. Antes de meditar, planejava ser um caminhante sem posses, conhecer lugares e mover o corpo incessantemente, para descartar o tédio da inércia: a perspectiva muda, as crenças limitantes enfraquecem, encontra-se felicidade e paz na simplicidade e na superação das faltas. Até julho do ano passado, minha vida possuía um planejamento, um projeto, uma base estabelecida e vínculos formados. Desde o assalto, estas perspectivas se dissolveram em soluções temporárias que chegaram ao ponto de incerteza sobre o passo seguinte. Existe um cronograma a seguir, mas a longo prazo, algo precisa ser programado, atento à falta de controle sobre a vida. Quero dizer que preciso escolher uma cidade pra morar, trabalhar, ou se irei peregrinar.

A iniciação no *vipassana* me beneficiou com um toque de realidade sobre a ideia de ser caminhante no Brasil. As partes menos românticas podem ser penosas. Um dos participantes do curso era um alemão que fala bem português. Ele dormia na cama ao lado, mas convivemos nove dias sem trocar palavras. Quando voltamos a falar, no último dia do retiro, o alemão me contou uma sinopse de sua história até chegar na estrada, na qual roubaram sua mochila e, por isso, ficou sem os chinelos para caminhar no asfalto quente.

Gosto da ideia de não ter planos, entregar-me para a incerteza, mas o que chegou à superfície da razão foi o desejo de dialogar com o mundo material como um leigo que está para servir ao propósito do bem comum para a sociedade. Pois, por mais louca que a realidade possa parecer, sigo preso ao fluxo coletivo da materialidade ilusória.

A relação com o sistema é um ato complexo, mas ser monge dentro de um monastério requer lidar com leis proibitivas, além de superar as renúncias de prazer material para alcançar o propósito final de um árduo caminho do saber, onde dei apenas os primeiros passos. Há muito para desvendar, talvez mais do que uma vida possa ensinar.

O esforço para executar a técnica de meditação *vipassana* retribui imediatamente. Voltei ao mundo real cometendo atos de indisciplina com os preceitos desta filosofia, mas até o momento em que eu estava no ônibus em direção à Vitória da Conquista, afirmava que não voltaria a fazer um curso de dez dias tão cedo, talvez só no próximo ano. Agora, penso que repetiria quando for possível, pois se cria um ambiente propício à dedicação esforçada e concentrada para a realização das práticas da metodologia *vipassana*.

Inserir a meditação na vida diária é complicado, já passo de um dia sem meditar. Quando cheguei do curso, aproveitava e criava diversas oportunidades para o exercício da prática. Esta situação demonstra a necessidade de atuar com firme propósito: se considero um hábito positivo, devo tentar ao máximo encontrar um espaço na rotina para a meditação.

Depois da iniciação no *vipassana*, ocorre um intenso choque senciante ao reencontrar a realidade do mundo exterior e seus derivados. Múltiplas questões exigem atenção, após dias, de olhos fechados, dedicados a observar com atenção às sensações localizadas.

A maior parte dos diálogos que escuto, informam assuntos relacionados a trabalho, política, vida diária ou problemas financeiros; aos poucos, tais programas são reativados. Os trâmites voltam a fluir, enquanto os pensamentos concentram a atenção nas questões da vida moderna. Apesar da densidade dos temas presentes na realidade objetiva, após a iniciação do *vipassana*, existe uma sensação de leveza difícil de ser abalada. No meu caso, que é o assunto desse texto, não senti desagradados, mas confusões, dúvidas, incertezas e culpa, eu senti. Contudo, os momentos em que ocorrem sentimentos aversivos, geram pouca reatividade, mesmo quando a solução está suspensa por dias a seguir.

Após o curso, na casa da minha irmã, assisti um filme-tóxico sobre um cenário pós-apocalíptico, em que um grupo de canibais usam o extremo da violência para comer estadunidenses expatriados. Os policiais deixam a menina num ambiente desértico, ao lado de uma cerca que divide o México com o território dos EUA, onde há todo o conforto. No deserto, estão os canibais e um local chamado “Conforto”, para onde os dissidentes vão em busca de

um abrigo protegido no deserto de canibais. O local é feito com reciclagem, então tem o aspecto do lixo, repleto de lsd e festas eletrônicas. A mocinha teve a perna e o braço comidos, em diferentes momentos. A carne dura mais tempo se o animal é mantido vivo. Mesmo amputada, ela escapa se arrastando com um skate sobre o solo argiloso, após se sujar com as próprias fezes: enquanto a captora a limpava, ela conseguiu a presa conseguiu a golpear com uma barra de ferro. O filme apresenta uma estética grotesca misturada com o romance heteronormativo hollywoodiano. Neste caso, entre um canibal e um corpo semi-comido. Assim, a realidade do mundo imaginário das mídias se expôs de imediato. Junto ao filme, vieram as notícias de política, *the voice kids*, músicas, livros e mais informações a todo instante.

Durante a meditação *vipassana*, o corpo continua a reproduzir as informações que possuem grande repetição de experiências ou que causaram forte impacto. Por vezes, são lembranças com aparências pouco sugestivas, mas quando analisadas, borbulham por terem marcado.

Em diversos momentos, realizei a parte final desta técnica de meditação, chamada *metta*, na qual irradiamos os sentimentos positivos que estamos vibrando, como paz, amor, felicidade e harmonia. Nesta etapa da meditação, as pessoas envolvidas nos pensamentos das meditações eram meus constantes alvos de *metta*. O alívio das feridas mentais cicatrizadas causa leveza e gratidão. Se uma memória me incomoda e consigo a desenterrar, trazer à superfície para purificar e replantar com amor e gratidão pela experiência que passou, bem-estar é uma das reações do corpo para o caso. A memória pode vir acompanhada de choro, mas, ao passar, sente-se o bem-estar, que passa para a chegada do novo estado, que se esvai, pois é impermanente, como a chuva que cai e cessa, em ritmo indefinido.

A depender da vida que se viveu, podem haver profundos sofrimentos, que geram seus próprios efeitos. Tenho sofrimentos profundos implantados, mas estou livre de muitos dos males mundanos, por este motivo, creio ter alcançado uma experiência suave e agradável, apesar dos árduos desafios. Algumas pessoas não sustentam o processo quando as feridas são expostas. Um dos participantes, que eu conhecia por conta das ocorrências da vida, desistiu no meio do curso: estava em sofrimento profundo, chorava sem controle, mas conseguia ficar parado uma hora na mesma posição. A dor mental dos sofrimentos era o desafio maior, que, para ele, foi insustentável nesta experiência de meditação *vipassana*. Ele pode ter abandonado por outro motivo, não sei ao certo, porque não conversamos. De fato, confabulei a possibilidade vivida por um dos participantes, que creio estar próxima da realidade.

Como relatei anteriormente, outro participante considerou que a dificuldade maior era mental e não física. Foi um dos que menos se movia por causa de dor muscular, mas foi um dos

que mais sofreram com tristeza e choros. É possível buscar padrões e constantes em processos subjetivos sob o método *vipassana*, entretanto, os corpos se comportam de modo distinto e o mesmo corpo varia em si mesmo.

No retiro, acompanhamos o crescimento da lua. Saímos do confinamento no dia da superlua, que desfrutei do nascer no céu roseado e arroxeadado do sol poente em Vitória da Conquista. A lua estava enorme, já em tom prateado, num céu digno de um filme de fantasia. Olhava pouco o mundo exterior durante os dias de meditação, mas duas ou três vezes, observei a lua: no início do crescimento, quando a vi se pôr, e nos últimos dias, quando se aproximava de uma esfera completa ao nascer. É uma forma mais agradável de contar o tempo. Diariamente, usava os números para contar os dias que faltavam para sair do retiro. Agora, penso em voltar. No fluxo da impermanência, voltarei, mas é bom entender o processo pós-cirúrgico, antes de mergulhar num novo procedimento intenso. Creio que a nova rota será em busca do jejum de 21 dias do viver de luz. De lá, estudo novos caminhos para a realização de experimentos com meu corpo.

...

Vivemos um momento histórico de implosão do sistema. O poder está putrefando e exala seu cheiro de morte. Políticos morrem, são presos sem provas, derruba-se avião, atira-se em guerrilheiros dos direitos humanos com as armas de fogo do poder paralelo das milícias. A narrativa é assustadora e já temos os primeiros exilados políticos brasileiros do século XXI, obrigados a abandonar o barco: decidiram viver em outro lugar diante das ameaças de morte. As guerras estão declaradas, batalhas em que nossos frágeis corpos não são capazes de confrontar fisicamente, pois a brutalidade da resposta é o golpe fatal.

A ditadura simbólica é uma ameaça. Já vivemos neste sistema ilusório de mídias desde o nascimento, mas a realidade que se vislumbra diante da política brasileira é a da caça às bruxas, ao lado da implementação da militarizada disciplina religiosa e da corrupção extrema, numa espécie de monarquia, regida pela multidão de príncipes, que vivem com seus corpos intocáveis.

A guerra pelo poder criou vários corpos que dominam por distintos meios: comunicação, financeiro, político, saber, bélico, etc. Agora, é o momento em que, para obter o controle do regime de verdade, a política luta com o principal oligopólio brasileiro de comunicação de massa: a Globo. Apesar do envolvimento, de ambos os lados, com atos ilícitos e com o crime organizado, nada acontece, apenas noticiam. O jogo da opinião pública continua.

No retiro do *vipassana*, quando meditava com a culpa de ter mandado o amigo de uma amiga “se fuder” num debate em redes sociais, refleti que política pública é um assunto técnico multidisciplinar, no qual a dhistória é um dos principais vetores para a tomada de decisão. O projeto único de nação é uma estrutura colonizatória evidente, diante da dimensão territorial de domínio de um único gestor.

Existem diretrizes dos direitos humanos que devem escrever leis universais para estabelecer princípios de proteção à vida, como os direitos relacionados às sexualidades, crenças, religiões, auto-gestão, acesso aos recursos básicos. O mundo precisa se ver como um só e respeitar as comunidades que querem se manter isoladas.

Quando voltei do *vipassana*, uma das primeiras frases tocantes que li, foi de um quadro de John Lennon. A primeira dizia que “um rei sempre acaba sendo morto por seus cortesãos”. Pensei no atual governo, pensei em mim mesmo, pensei num monte de representação midiática da vida de rei. Acima desta frase, havia outra que dizia que ele já havia estado em todos os lugares, mas só se encontrou em si mesmo. A seguinte pedia calma para a juventude que se droga para anestesiar a dor, pois afirma a presença da esperança. Enfim, lembro da frase de uma de suas músicas que nos pede para imaginar um mundo sem países ou religiões.

O *vipassana* é uma técnica que assimila o papel de unir religiões, culturas e territórios num método único de erradicação dos sofrimentos, por meio do controle da mente e das reações provenientes do mundo de sensações. Esta receita científica de mais de 2.500 anos, veio do Buda que nasceu e viveu na Índia, mas propagou uma legião de mestres e aprendizes da técnica de diversos países. A Birmânia cumpriu o papel de repetir com o máximo de exatidão a fórmula deste Buda. No século XX, o ensinamento chegou a grande parte do mundo através de Goenka, que nasceu na Birmânia. Inclusive, Goenka discursa para líderes religiosos em fóruns mundiais, sobre a necessidade de se unir em busca da libertação do sofrimento. O *vipassana* conduz o prisioneiro na trilha para a libertação do mundo das sensações, fonte das dores, em direção à percepção da existência para além da matéria – experiência que Goenka afirma ser impossível de expressar em palavras.

“O sucesso da técnica está na continuidade” é uma frase destacada no curso. Neste caminho, pois é preciso persistir para alcançar as fases propostas: *silla* (moral), *samadhi* (controle da mente), *pañña* (purificação), *Aranhat* (estado búdico). A última fase é a etapa em que o corpo desperta para a verdade por trás das ilusões reais. Esta jornada, que poucos se desafiam e persistem até chegar ao final, pode demorar vidas para acontecer, se é que vai.

A vida real é complexa e não se pode permanecer inerte diante dos estímulos. Problemas para resolver, planos para fazer, números para contar. Há de fazer escolhas para enfrentar o

mundo, sejam em relação a permanecer no sistema, ou fugir para a floresta. Ambas as escolhas exigem atenção e determinação para o exercício do ato. Gosto da ideia de conciliar as duas possibilidades, o que já é um sintoma de aceitação em relação aos desafios materiais modernos, pois cheguei no curso com vontade de abandonar as posses, no sentido dos ideais sobre casa, família e objetos. Planejava caber numa mochila e viver sem me preocupar.

Estou confuso sobre as duas asserções, pois ambas me agradam e me desafiam profundamente. A vida de renúncia traz imensos resultados positivos, seguramente, é um caminho para a libertação das ilusões materiais. Por outro lado, percebo uma voz de prudência que clama para que eu permaneça dentro do sistema urbano. Desta forma, o desafio é conciliar estas duas vozes interiores: a voz da permanência recruta a humildade de vivenciar uma realidade que não entendo a existência, enquanto a voz monástica é a de um buscador ávido por uma resposta sobre algo incompreensível.

A avidez é tão danosa como a aversão que sinto à opressão mundana. Entretanto, no lugar de enterrar no jardim da insensibilidade, é preciso enfrentar a realidade atento as reações programadas de avidez e aversão. Há duas rotas: a reclusão ou a inclusão. Está complicado simplesmente desejar um tipo de trabalho específico, todas as contas e problemas diários. O fluxo da existência me trouxe de volta ao sistema num piscar de olhos - tempo suficiente para abandonar um projeto de vida. Agora, qual caminho trilhar? Por onde seguir? Escapar ou se entregar? Entre todos os momentos, este é o de maior confusão e incerteza sobre o futuro. É bom por um lado, mas gera ansiedade devido ao sentimento de pisar fora das zonas de conforto que a cultura colonizatória determina como básicas para uma vida digna. De repente, o dilema financeiro volta a reinar em minha vida.

Gaiola de ouro: desejo de voltar à cela. Trabalho, dinheiro, apartamento. Num fluxo repentino, o plano de virar caminhante minou para o enraizamento. Aluguei um apartamento em Conquista. Encontrei uma possibilidade digna por um baixo custo. A depender, é mais barato morar aqui do que no mato ou na estrada. Numa cidade, posso trabalhar para conseguir mais dinheiro, para subsistir por mais tempo no sistema.

...

Quando cheguei do retiro *vipassana*, entrei num *freezer* para escolher uma cerveja artesanal. Era um pequeno espaço refrigerado que cabia quatro ou cinco pessoas, além das bebidas expostas. Estava atento às sensações vivenciadas pela primeira vez. Enquanto minha irmã pulava para se manter aquecida, vestida com casaco, eu estava de bermuda e camisa, mas

a experiência transcorria de modo muito interessante e agradável, pois estava em atenta observação sobre uma chave de sensação extrema. Assim, não senti aversão ao frio, agradei. Era uma sensação, causada por um objeto lúdico (*o freezer*), que logo, iria passar.

Não afirmo que vou para o Alaska sem camisa, mas digo que a técnica de meditação *vipassana* resulta na redução do sofrimento através do princípio da equanimidade, que abandona a perspectiva de aversão a priori, a um determinado estímulo físico grosseiro (frio, calor, dor, ofensas). Entretanto, a programação da observação equânime sobre as sensações deve ser instalada por meio da experiência, pois a razão é apenas uma das partes relacionadas aos efeitos da prática. Ou seja, apreender, exclusivamente, a filosofia do *vipassana* por meio do intelecto, reduz o potencial da aplicação da técnica no campo da percepção.

O *vipassana* é uma tecnologia fantástica: amplia o horizonte das crenças limitantes, enquanto os conceitos programados sobre a vida dissolvem seus princípios. Por meio desta cultura milenar, ocorrem ensinamentos verbais, mas sobretudo, empíricos e subjetivos.

Ainda não alcancei uma rotina de meditação após o curso. Dias sim, dias não, medito. Observo a comunicação do corpo para reacessar os elementos do mundo material, como comidas, bebidas, sexo, fumo, mídias, política, trabalho, mercado, dinheiro, urbanidade. Contudo, foi preciso reinserir os elementos da rotina ordinária de um leigo, aos poucos, pois a mente volta modificada após o curso de *vipassana*. Existe um entre-lugar, um espaço de transição, onde os objetos e assuntos mundanos parecem ser antigas novidades sem sentido.

Agora, observo que cheguei a um entre-lugar, um espaço além do muro das ilusões reais, mas no momento ocorrido, não percebi onde estava. Os temas do mundo real são muito distantes do que de fato é a realidade. Essa é a maior loucura da história. Estamos programados por múltiplos vícios automatizados. Nossa atenção vive dispersa pensando sobre os problemas da cotidianidade: contas a pagar, limpar, cozinhar, viver, sorrir, chorar, política, futebol, cerveja, remédios, dinheiro, trabalho, trabalho, trabalho, contas. No fluxo disperso de pensamentos, os corpos vagam no espaço, inebriados pelo cotidiano atarefado, sem refletir sobre a própria existência no universo.

O curso do *vipassana* impõe uma disciplina ao buscador iniciante. A dedicação é intensa, por muitas horas, uma espécie de prova de força física e mental extrema. Sem o curso, é raro uma pessoa se dedicar à rotina de meditação de 12 horas. O curso oferece um espaço temporário dedicado a esse propósito. Por isso, considero um luxo.

Sair da atenção dedicada às sensações foi um movimento progressivo. Não sei se é devido às incertezas, ou se é parte dos efeitos da técnica, mas sai do *vipassana* me sentindo desconectado da sociedade; por outro lado, lidava bem com as pessoas que cruzavam o meu

caminho. Não tive conflitos desde então. Estou um pouco mais simpático, talvez com menos medos, em fluxo impermanente, pois ainda sou antipático e medroso; e está tudo bem: faz parte do processo de aprendizagem da experiência.

Sinceramente, sofro pouco. Agradeço por isso. Tenho muita sorte. Entretanto, existe muito sofrimento no mundo e quando tiro o véu da insensibilidade egóica, que considera o outro parte distinta do Eu, há de dar atenção às questões públicas.

A primeira premissa é ter a noção de que as ações individuais são em pequena escala: grande escala é método de indústria e Estado, apenas centros de controle acessam esta prática. Pode-se infiltrar no sistema e piratear estilo *Robin Hood*, contudo, é preciso carregar apenas o peso que aguentar e fazer o que for possível para melhorar o universo em que habitamos, sem culpa e sem desculpa. Ser feliz é revolucionário num mundo em que somos intoxicados por mídias com conteúdos trevosos. Fato é que, enquanto permanecermos atados em narrativas ilusórias, a realidade está longe de ser experienciada, pois a percepção está atenta ao mundo da matéria e seus estímulos berrantes. Silenciar essa camada fenomenológica, considerada a parte central na cultura capitalista, é um meio de adentrar outros níveis de percepção sobre a realidade.

A realidade de quem se dedica à vida monástica é um desafio, que o sistema utiliza para nos sugar de volta. Entre os dois caminhos, escolhi rumar em direção ao sistema, carregando na bagagem as experiências passadas, as futuras trilhas e revisitações às tecnologias que cultivei durante a jornada. Talvez, buscar um caminho que toque os dois mundos. Não vejo um alvo preciso, pois há impermanência do foco e do olhar. O que escolho hoje, pode amanhã mudar. Entretanto, permanecer acalma a avidez de querer chegar a algum lugar e orienta em direção às profundezas da cotidianidade.

Antes do *vipassana*, eu fazia uma ode à cinética do corpo, como forma de pensar e perceber a realidade. Ainda considero o movimento importante para esse jogo das sensações e emoções, mas existem questões a ponderar na trilha. Bom é morar num lugar onde a pé, sai de casa e chega em lugares de natureza para caminhar. Acredito que onde estou será assim. Hoje, a caminhada é em estradas de asfalto ou barro.

Em viagem, dedicar tempo para a meditação e o trabalho é possível, mas sinto ser mais simples implantar a rotina que busco, num local de baixo custo, onde eu possa sustentar as necessidades do meu corpo de forma autônoma. Caminhar mundo afora, conhecer lugares, pessoas, comidas, músicas, línguas, é um projeto tentador e existe diferentes padrões financeiros de mochileiros. Eu estaria com algum recurso, mas gastaria mais do que no modo

de vida sedentário, além da dificuldade de obter recursos, pois não produzo dinheiro usando apenas o meu corpo, como uma cantora ou uma puta.

Nada está garantido ao corpo que se entrega a um caminho sem volta. As faltas vão aparecer e há de lidar com isso. As zonas de conforto são efêmeras e desiludem as expectativas. A cultura sedentária oferece as mesmas afirmações, mas garante o projeto de empreender uma vida com acesso ao que se considera básico, em troca do trabalho. Coloca-nos ao lado de pessoas que compartilham longos períodos da vida, no lugar dos encontros fugazes dos marinheiros.

Fico animado com a ideia de ter um pouso tranquilo, onde eu possa realizar a rotina diária em paz. Em nenhuma hipótese, a reurbanização do meu corpo enfraquece o desejo de caminhar nas florestas e viajar o globo. Vou buscar a convivência dessas culturas (nômade e sedentária).

Neste sentido, aceito o que o fluxo da vida me proporcionou no presente, para realizar as ações desejadas quando for possível. Assim, guardo os incessantes questionamentos sobre o que eu quero, o que me deixa feliz, o que me trará paz, para, no lugar, agir com tais sentimentos ao que vier. Desta forma, observo os passos dados até agora e sigo na busca para ser coerente com os ideais construídos em meu ser.

Depois de tanto navegar no mar de *Maya*, eu, o rato de laboratório, volto para a jaula das ilusões reais. Construirei outro castelo de areia, que ruíra na próxima maré ou tempestade, contudo, oferecerá a ilusão provisória de conforto e segurança. É um processo de autossabotagem que pode triunfar, caso eu me torne um vírus para o sistema. A casa cai, sinto molhar, mas reconstruirei a toca quando a água cessar. Caminhante ou sedentário, a impermanência dita a frequência dos fatos. Escolha correta ou errada, já não é uma questão. A depender do olhar, certos fenômenos se manifestarão. Assim, há de perceber a vida que se pretende cultivar, pois se planta abóbora, desta semente, milho não brotará.

10 lembretes para uma contínua descolonização do inconsciente:

- 1) Desanestésiar nossa vulnerabilidade às forças.
- 2) Ativar e expandir o saber eco-etológico ao longo da vida.
- 3) Desobstruir cada vez mais o acesso à tensa experiência da estranheza-no-familiar.
- 4) Não denegar a fragilidade do estado instável em que tal experiência nos lança.
- 5) Não interpretar a fragilidade e seu desconforto como “coisa ruim”.
- 6) Não ceder à vontade de conservação das formas de existências.
- 7) Não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora.
- 8) Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida.
- 9) Não negociar o inegociável.
- 10) Praticar o pensamento em sua plena função ético-estético-clínico-política.

Suely Rolnik (2019)

1.11 REPROGRAMAÇÃO DESCOLONIZATÓRIA

Depois de tudo o que ocorreu, parece simples a questão: estamos aprisionados numa esfera sensorial e cognitiva densa. Esta ilusão, proveniente do colapso de onda-partícula dos acontecimentos observados, é o que compreendemos como realidade objetiva. O observador humano utiliza a tecnologia do ego para compor a noção da presença do corpo em relação ao espaço-tempo. O nascimento do corpo material humano está acompanhado do ego-observador: um fator reduz a presença da outra faculdade, ou seja, quanto maior for a atenção para o ego, menor a observação do acontecimento e o mesmo para o contrário: maior observação dos fenômenos, menor ascensão do ego. A harmonia se encontra na dosagem precisa dos elementos alquímicos.

Quem pratica ações em função do bem-estar de si e do entorno, fortalece esta busca em tempo sombrios, pois o ser benevolente é insistentemente desafiado a sair da vibração da paz, do amor e do cuidado: assistimos à grupos de células humanas destruindo as belezas da vida, sejam culturais, naturais ou dhistóricas. A propagação de uma espécie conflituosa, tornou a violência (à si e aos outros) um fenômeno comum e rotineiro.

Os privilégios de ser um ego-rei me afastam dos conflitos diários, enquanto permaneço em minha cela, numa torre panóptica orgânica. Através do olho, eu vejo, mas nada podem enxergar além da minha retina. O conjunto de ideias formados em minha consciência ainda é inacessível. Por meio de imagens e palavras, busco sentido para o que expresso. A relevância é o impacto em si e no entorno. Se a mensagem conduz para a violência à determinada existência, busca-se silenciar: palavras podem ser drogas danosas para o meio ambiente. O carrasco e o juiz interior são tão ferozes com nossos seres, que invadimos o juízo alheio, devido à falta de controle racional em julgar, condenar e punir práticas que não nos dizem respeito.

O que esperar de um observador caótico, se não a materialização do caos? Enquanto nos distraímos com a densidade do mundo, cooperamos com o fortalecimento do campo mórfico para o colapso da probabilidade indesejada se tornar experiência sensível de fato. Tal afirmação não implica em ser alienado sobre os problemas sociopolíticos da humanidade, que atravessam milênios de violência e controle colonizatório sobre os corpos, com resultados e efeitos alarmantes na atualidade; mas de encontrar em si mesmo, uma chave de transformação quântica da matéria por meio da consciência, subconsciência e inconsciência.

A real impotência sobre o desenvolvimento da humanidade nos obriga a ser observadores-espectadores do sistema política, econômico, social, cultural em vigor. Tomar os espaços de poder é uma batalha homérica, na qual muitos padecem ou são exilados de suas

terras maternas. Até hoje, tais espaços se perpetuam entre poucas famílias que concentram e aumentam, progressivamente, o domínio sobre a Terra. A lógica é ganhar dinheiro. Em todos os níveis: pessoal, coletivo, empresarial, estatal. A missão dada aos egos é buscar o enriquecimento, entendido como acúmulo material. O que se tornou imaterial foi o dinheiro, as drogas e o exercício do poder sobre os corpos. Quando aplicamos o plano teórico ao campo da ação real, experimentamos, empiricamente, os bloqueios do sistema para a realização do ato desejado. Diante de tais barreiras, cabe medir a resiliência do corpo para seguir a derrubada desta parte do muro das ilusões reais.

Na ilha, encontramos uma realidade diferente das perspectivas planejadas, uma plena demonstração de que não há fora: há bolhas. E, enquanto há humanos adestrados pela cultura colonizatória, a bolha serve como uma colônia financeira, com privilégios ambientais e redução dos danos capitalistas, por meio do desenvolvimento técnico-socio-cultural-ambiental.

O sentimento de abundância não se encontra em meio à grandes volumes de objetos materiais, mas na sensação de ausência da falta, pois percebe que o que está posto é mais do que o necessário para estar feliz, satisfeito, de bem com a vida, mesmo diante das mágoas, rancores, ressentimentos, dores e outras ferramentas do ego.

Bugar o sistema biopolítico é reprogramar a subjetividade para a autonomia. Neste caso, trata-se da insubordinação em relação aos violentos implantes colonizatórios nos corpos dóceis, disciplinados para servir, atualmente, sobretudo, ao poder monetário. O capitalismo venceu as guerras com o uso da força bruta. A cultura do dinheiro estruturou arquiteturas subjetivas de modo de vida e percepção da realidade. O medo é a arma do imperador. O medo automatiza reações violentas para defesa. O medo paralisa. O medo faz andar para trás, ou correr atordoado no sentido oposto ao previsto. Seguir em direção aos medos é romper programações cognitivas e sensitivas.

Por um momento, posso dizer que quase escapei desta prisão das ilusões reais, mas onde iria eu chegar? Ao outro lado do jogo de ilusões ou ao nada. A expansão da consciência num salto quântico, é um desejo humano sincero. Há quantas perguntas sem respostas a desafiar a auto-observação? Um eu que busca compreender a existência de si mesmo, em meio à natureza universal, vaga por lumes do saber que apalavram soluções para a questão. A ciência, a religião, a filosofia, a arte, quando postas no lugar de métodos de pesquisa sobre as possibilidades de resposta para as questões existenciais complexas, tais escolas apresentam diversos caminhos de conhecimentos trilhados por nossos ancestrais na Terra.

Vagar entre lumes do saber é um meio para encontrar chaves de acesso para mundos desconhecidos, mas há o risco da fé cegar o observador com sua luz. Quanto mais se busca

adentrar no centro emissor da luz do saber, mais impactos ocorrem na retina do observador, que, atraído pela beleza do conhecimento, torna-se adicto e, gradualmente, a luz queima os olhos com visão monofocal. Quase queimei os olhos muitas vezes, mas nunca realizei o feito de Rittter de olhar o sol diretamente por vários minutos, sem piscar, através do auxílio de um aparato mecânico produzido pelo pesquisador do próprio *corpomídia-laboratório*.

...

Na direção da liberdade, só há caminho, sem ponto de chegada, tampouco de partida. Atada ao sistema biopolítico, a vida humana encena a paródia do prisioneiro que não sabia que estava preso. Sempre estar no meio do caminho desempenha a função de desmotivar seguir adiante, na perene busca para cruzar a fronteira do arco-íris e chegar ao portal sagrado da consciência cósmica que a tudo integra. No caminho, onde os símbolos são chaves de acesso para o conhecimento ancestral, tudo o que temos são pistas e incertezas. Assim, ressoam perguntas, no lugar das respostas: há quantos níveis de inteligência no universo? E, no humano, a qual escala estamos integrados na rede de memórias?

Existe as inteligências subatômicas, atômicas, moleculares, das bactérias, vírus, células e organismos multicelulares que resultam em vidas inteligentes complexas. Se pensarmos nas escalas de composição dos organismos: plantas, fungos, animais, expressam senciência de modos distintos, porém com ampla semelhança. Quando o animal humanoide implanta a compreensão de que sua categoria de espécie inteligente é a máxima na escala evolutiva da vida, tal estrutura aut'observadora transforma o que existe ao redor em recursos para si. O ego nasce na humanidade e exige o gozo para saciar o desejo de poder. O ego-rei dita as leis para a disciplina do corpo servil, dócil, obediente aos desejos sensuais, que injetam doses bioquímicas de estímulos ao cumprimento da ordem. O controle do seu império recorre ao medo, ao apego, à falta, à culpa, à dor, para orquestrar a crença no jogo corporal do estímulo neurológico ao ato servil. Por exemplo, fome, come. Assim, somos escravos das sensações.

Um dos principais métodos de encarceramento são as seduções lançadas pelas emoções densas, sensações grosseiras ou dolorosas, bem como as prazerosas, como a alegria e o gozo. Existir no mundo é muito complexo. Sentir e perceber como real um mundo de aparências problemáticas, que necessita de harmonizações no plano micro e macroscópico, além do alcance da visão objetiva do ser humano, é um desafio homérico.

Os esforços que realizei para reprogramar meu corpo foram, simultaneamente, superficiais e profundos, a depender da perspectiva. Diante de uma sociedade humana com

maioria adoecida por insensibilização da percepção sobre a existência, o recente caminho de experimentos que trilhei, ampliou os limites do meu sistema de crenças e, com isso, amplificou parâmetros fundamentais do sistema neurológico do meu corpo, em relação com o mundo material. O pequeno grande ganho de sensibilização mostrou o quanto eu sou automatizado e limitado por conta de uma programação cultural que dispara estímulos de dispersão a todo instante, seja na forma de áudio, vídeos, cobranças, culpas, julgamentos, rotinas, obrigações, desejos, necessidades, expectativas, violência.

Assim, o biopoder dita os hábitos e rotinas dos corpos colonizados. Tamanha é a interferência do biopoder que o mundo material, aqui disposto e determinado, possui a potência de privar a pessoa de liberdade, ou a condenar à morte, ou à escassez extrema por falta de acesso aos bens e serviços. Desta forma, durante a navegação no mar de *Maya*, é preciso desviar dos caminhos insólitos dos porões do Estado e seus tribunais necropolíticos.

Quando penso ser minha realidade um mundo de pessoas anestesiadas, sinto-me bastante sensível diante desta referência. Entretanto, os caminhos trilhados pelos Budas mostram que a percepção plena da verdade sobre a existência das coisas é uma situação impermanente que exige esforços colossais para alcançar o estado búdico. Diante da probabilidade de frustração devido ao fracasso, quando se é esperado algo que pode não acontecer com o buscador, como atingir o estado de Buda, sugere-se observar o presente e desfrutar do que o agora oferece. Curtir o caminho do autoconhecimento, sem a avidez de chegar ao fim ou mesmo a pontos determinados. Assim, torna-se risível a ideia de caminhar em busca de um objetivo pré-determinado, em oposição ao desfrute da percepção dos detalhes que aparecem pelos caminhos da busca, quiçá, inalcançável e fracassada desde o princípio.

A ciência é um grande trator que abre trilhas pela floresta do conhecimento. Deixamos os caminhos alternativos de lado, como a espiritualidade e a magia, pois são espinhosos, enquanto as estradas ensolaradas da ciência abrem clarões de conhecimento na selva do saber. Dhistoricamente, a brutalidade científica destruiu caminhos ancestrais que ali estavam presentes. A experiência de caminhar na estrada científica, entretanto, pode se tornar dolorosa, pois ao meio dia, não há sombras. Beiro a encosta da pista empoeirada, mas não encontro o conforto das árvores para barrar a força do sol. Com facão na mão, os espinhos são mais atraentes diante do sol escaldante dos caminhos científicos. Abrigo-me numa fina linha escura que, com o passar do dia, engorda e alenta o corpo. Quando adentro os caminhos alternativos da magia, percebo pistas discretas. Algumas levam à caminhos sem saída, mas a caminhada é mais agradável e menos hostil, repleta de belas paisagens, como rios, praias, cachoeiras, vales e montanhas do conhecimento. Há, para admirar, mais flora e fauna oculta nos caminhos

tortuosos do misticismo. Nesta floresta do conhecimento, a metáfora biomimética é um meio para entrelaçar a filosofia às expressões da natureza.

Artistas são como as flores da floresta babilônica, que mesmo no deserto, exibem impactante presença, por vezes, agigantada pela força da resiliência para resistir a um ambiente escasso. Na vida, aprendi a passarinhar para extrair das flores, o néctar da vida. Desta forma, enquanto pavoneio com Foucault, passarinho com Quintana.

...

As sociedades humanas são selvas que contêm diferentes espécies de animais na hierarquia da violência para sobrevivência. Ser o leão humano é estar no topo da cadeia produtiva, é vestir a imagem da dominação, ser temido e respeitado pelas classes subalternas. Uma zebra teme a presença da fera sanguinária que sobrevive por meio da ingestão da vida e morte de outros animais. O ego do leão grita em prol da sua permanência existencial, que, para si, possui maior importância e está acima da alteridade. Com o passar do tempo, a população dos leões aumentou a quantidade e o alimento se tornou eles mesmos. Para isso, é necessário se diferenciar entre os pares semelhantes. Um leão passou a se ver como diferente dos outros. O bicho pega. A derrota do rei invoca o caos pela disputa entre os alfas que rodeiam o trono.

A grande lição, contudo, é que mesmo o rei leão pode ser esmagado por uma manada de veados, que, em busca da sobrevivência, percebem o poder coletivo de destruir o que há pela frente, mas seguem sem reagir com violência ao domínio e controle do leão sobre a vida e a morte de suas presas.

A história sobre o prisioneiro que não sabia que estava preso, mas que ao descobrir sua condição de cárcere, tenta fugir pelas margens, demonstra que apesar dos esforços homéricos, o corpo em fuga não consegue escapar do presídio das ilusões reais: recapturado pela teia do poder, o prisioneiro percebe que, para transformar o presídio num lugar de proteção das liberdades, é preciso se infiltrar na macroestrutura do rizoma colonizatório, ou seja, numa geografia carcerária descentralizada. É possível realizar este paradoxo, sem ser contaminado pelo sistema?

Neste sentido, à frente, há o grande desafio de adentrar os campos hegemônicos do poder e rejeitar a sedução servil de entregar a energia vital para atingir os propósitos sistemáticos, e, assim, abandonar a intenção de reprogramar a estrutura carcerária. Essa deve ser a próxima missão: no lugar de escapar, destronar o poder.

Há uma situação global de violência política a ser resolvida. Como Gandhi, compreendo que a revolução é não violenta. Usar instrumentos violentos para solucionar o jogo da paz mundial, é contraditório, pois mantém o princípio do problema. Os fins não justificam os meios, Maquiavel. O que se deseja, deve ser aplicado no princípio da ação. Neste caso, o princípio pode ser visto como uma busca, ao invés de um fato dado a priori.

A história da humanidade demonstra que é preciso estabelecer mecanismos de proteção eficazes sobre os direitos fundamentais, pois humanos podem ser muito perigosos. A violência é uma questão de saúde pública que, por vezes, precisa passar por métodos de cura. Nesta perspectiva, a contenção, para tratar os infratores e os reinserir na sociedade, pode ser realizada de forma saudável, pacífica e com amor.

O atual momento político mundial demonstra a capacidade humana de criar e implantar nas subjetividades conjuntos de crenças e regimes de verdade díspares. Ou seja, pessoas veem a mesma situação com qualidades opostas e as mesmas qualidades são atribuídas a diferentes objetos observados. Assim, o mal e o bem, o certo e o errado, o feio e o bonito, o saudável e a doença, o herói e o vilão, o atraente e o asqueroso, a coerência e a incoerência, a violência e o amor, são reflexos sensoriais e cognitivos, incorporados por distintas vias do conhecimento para a construção de sentido, a depender do indivíduo.

Atualmente, a polarização ideológica demonstra as perspectivas do caleidoscópio de subjetividades, de modo cada vez mais explícito e distanciado da realidade do polo oposto. A partir do próprio ponto de vista, que julgamos ser o do pacificador, enxergamos a outra visão como bárbara. Do meu ponto de vista, sinto isso: não sou capaz de acessar a razão de quem defende a política para matar com arma de fogo, ou de quem priva jovens de liberdade, extermina a natureza e a diversidade cultural.

Creio ser incoerente usar violência como meio para conquistar a paz, contudo, a atual situação do mundo está maquiavélica: para um polo, os fins justificam os meios brutais das violências, enquanto o outro oposto, consiste no princípio da não-violência. Portanto, nesta última perspectiva, a solução para a paz se inicia de forma pacífica e passa por constantes atualizações para o aprimoramento dos processos de conversão dos gatilhos geradores de violência. Entretanto, fato é que conter o movimento de violência imposto por um dos polos, implica numa resistência que pode responder com ferocidade. Como conter, sem violência, uma espécie ideológica que te considera um verme sujo bebedor de sangue? Ou até mesmo, como resistir, quando se vive como uma barata na surdina, escondida silenciosamente no lar do assassino, ávido para esmagar meu frágil e achatado corpo monstruoso, quando me exponho em busca de migalhas para sobreviver?

Entocado, assisto o assassino se deliciar com a lambança da carne sangrenta dos cadáveres que ele, covardemente, ordena ao açougueiro a decapitação. Contudo, em seu ponto de vista, o sanguinário sou eu. A violência é o método que o assassino utiliza para lidar com o medo que sente ao ter contato com minha existência. Então, deseja a minha morte, antes que eu o mate. Porém, sou apenas uma barata, um verme sujo que vive de restos, assim, não causo riscos de vida para outros seres. O medo que o assassino sente quando me vê, não faz sentido, mas o transforma num temido exterminador das espécies que aprendeu a ser intolerante: não são apenas as baratas, os lúbricos e libidinosos ratos também sofrem com a perseguição necropolítica dos humanos-rei. Apesar de espertos, os transeuntes dos esgotos caem em armadilhas e fogem ao combate, quando os guarda costas felinos, com seus gigantes caninos vampirescos, apresentam-se para o confronto com covarde artilharia e sede de morte. Diversão (prazer) e ira (ódio) são os gatilhos da expressão violenta, orientada para o cumprimento de determinados comandos bioprogramados.

A solução para a violência e o sofrimento mundial não apresenta um padrão metodológico universal, capaz de compreender a multiplicidade de expressões humanas em todo o globo. Entretanto, é possível traçar princípios humanitários fundamentais para o exercício da liberdade. Sem tais garantias, os corpos se tornam prisioneiros do sistema hegemônico de poder.

O controle do corpo dócil, obediente, servil, disciplinado para a constante busca de saciar o fluxo de desejos, é conquistado por meio de um programa cultural colonizatório que rouba o tempo de vida e a atenção do observador senciente, aprisionado em fábulas sobre os caminhos a se seguir para conquistar o sucesso ao resolver os problemas das faltas materiais, ao custo da competição, onde percebemos que tudo vale. Desta forma, a fabricação dos desejos é o combustível da máquina de poder sobre os corpos disciplinados pelo sistema capitalista.

Neste contexto social, do ato lícito ao ilícito, moral ao imoral, para muitos, o que importa são os fins, que justificam os meios. Assim, assistimos, à autodestruição do sistema e dos egos falidos, em busca da sobrevivência num deserto de oportunidades, onde há muito na mão de poucos, que vendem, no lugar de compartilhar. Portanto, vivemos numa era em que o acúmulo material se tornou uma doença perversa.

Para reparar a dhistória dos anos de colonização da Terra, basta tratar toda a vida com dignidade, como um espelho que projeta a condição do outro em nossos corpos, que, com empatia, pode se perguntar: se eu estivesse neste lugar, sendo este ser, o que eu faria e o que eu gostaria que fizessem?

Assim, desejo para o outro o que desejo para mim, além de acolher com solidariedade o que sou incapaz de compreender sobre a experiência alheia. Neste sentido, busco escutar atentamente o que a alteridade tem a me dizer e sintonizar com as soluções amorosas, no lugar do conflito, para resolver os problemas infundáveis que coexistem com nosso momento dhistórico. Entretanto, o devir das sociedades pode ser esplêndido se interrompermos a política colonizatória.

Um conselho: desate as amarras das crenças limitantes. Estamos presos aos conceitos colonizatórios, que causam sofrimento e autodestruição. Não me julgo alienado, pois estou ciente das ocorrências dhistóricas de uma cultura violenta, mas não creio em culpa como solução, pois busco a vibração do amor e da paz. Há caminhos para revoluções silenciosas, que ocorrem sem que o império colonizatório perceba o processo de transformação. Tal possibilidade requer modificações coletivas para que a informação seja transmitida por meio dos campos mórficos. Nesta perspectiva, ser a transformação que desejamos para o mundo é uma ação válida tanto para a micropolítica, quanto para a macropolítica.

Dhistoricamente, a busca pela paz utiliza meios violentos para alcançar tal fim, desta forma, distancia-se do objetivo de desenvolver a tecnologia contrária. É mesmo caso de quando berro incessantemente para alcançar o silêncio. A paz e o amor, quando assimilados como princípios conceituais, orientam o processo do devir que torna o fim o a priori a ser experimentado. Ou seja, se temos um problema conflituoso, mas compreendemos que as soluções, a priori, devem ser pacíficas e amorosas, mesmo diante das diferenças de interpretações subjetivas, os esforços socioculturais atuam para reprogramar o pensamento e a ação, segundo a lógica da educação por autonomia, o que significa desenvolver no indivíduo a capacidade protetora de si e do seu entorno. Nesta perspectiva, a paz se torna o fim e o princípio do ato.

Cabe prever a ocorrência de potencias falhas cometidas no caminho da pacificação, através do descontrole de reações automatizadas, originadas por impulsos bélicos, implantados pela programação cultural colonizatória no prisioneiro amante da jaula. Contudo, a transformação da vibração sentimental se trata de uma importante etapa da libertação computacional do cárcere, pois o amor e o ódio são sentimentos que alteram as expressões e impressões das ilusões reais: o fim se torna princípio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2001: uma odisséia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, Stanley Kubrick Productions, 1968. Filme película (164 min), son., color.

60 MINUTES Australia. **Woman with 2,500 personalities says they saved her from shocking child abuse.** Youtube: 60 minutes Australia, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lsXFcbPbvI4>. Acesso em: 16 nov. 2020.

A CONSPIRAÇÃO da lâmpada (**The light bulb conspiracy**). Direção: Cosima Dannoritzer. Espanha, França: Arte France; Article Z; Media 3.14; Televisión de Catalunya (TV3); Televisión Española (TVE), 2011. DVD (75 min). son., color.

ACRYLIC, System; AETHER, System. **OUR INNER WORLD!! | Describing What's in Our Head.** Youtube: Acrylic And Aether, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H7xqobKSCSg&t=438s>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ACSELRAD, Gilberta. **Edição das seis.** Brasil: Globo News, 2010.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, p. 7-74, 2002.

A HISTÓRIA das coisas (**The story of stuff**). Roteiro: Annie Leonard, Louis Fox e Jonah Sachs. Direção: Louis Fox: Free Range Studios, 2007. Animação (21 min e 16 seg), digital, son., color. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/movies/story-of-stuff/>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

A HISTÓRIA das coisas (**The story of stuff**). Website. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/>. Acesso em: 10 out. 2020.

A HISTÓRIA dos eletrônicos (**The story of electronics**). Roteiro: Annie Leonard, Louis Fox e Jonah Sachs. Direção: Louis Fox: Free Range Studios, 2011. Animação (7 min e 46 seg), digital, son., color. Disponível em: <https://www.storyofstuff.org/movies/story-of-electronics/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

AHMAD, Rafiq *et. al.* Phytoremediation potential of hemp (*Cannabis sativa* L.): Identification and characterization of heavy metals responsive genes. In: **CLEAN - Soil Air Water.** Weinheim: 2015.

ALENCAR, Luis Carlos. **Bombadeira.** Documentário longa-metragem (76 min). Singra Produções, 2007.

ANTICO, Concetta. Bohemian Rhapsody – 2014?. Pintura. In: **Concetta Antico gallery.** Website. 2020. Disponível em: <https://concettaanticogallery.com/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ANTICO, Concetta. Uma fanfarra tetracromática (*A tetrachromat fanfare*)– 2014?. Pintura. In: **Concetta Antico gallery.** Website. 2020. Disponível em: <https://concettaanticogallery.com/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

AROONSRIMORAKOT, Sayam; LAIPHRAKPAM, Meena; METADILOGKUL, Orapun. Social, religious, recreational and medicinal usage of cannabis in India and Thailand. *Interdisciplinary Research Review*, v. 14, n. 4, p. 43-50, 2019.

A TRANSIÇÃO. Direção: Juliano Grafite. Brasil: Ganesh Filmes, 2014. Documentário (85 min), digital, son., color.

AUM, Oberom. **Viajando na luz**. Livroponto, 1ª edição, 2009.

AUM, Oberom. **No fluir da felicidade**: uma aventura sobre os passos santos. Editora Alfabeto, 2014.

A VIDA em mim (**Life overtakes me**). Direção: John Haptas e Kristine Samuelson. Documentário curta-metragem (40 min), digital, son., color. Suécia, EUA: Netflix, 2019.

DAHLKE, Rüdiger. **O jejum como oportunidade de recuperar a saúde**. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2017.

BAHIA de todos os santos. Direção: Trigueirinho Neto. Bahia, 1960. Documentário (100 min), película, son., pb.

BATAILLE, Georges. O Ânus Solar - 1931. In: ASSÍRIO e ALVIM. **O Ânus Solar (e outros textos do sol)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p.45-52.

BATAILLE, Georges. O Olho Pineal - 1967. In: ASSÍRIO e ALVIM. **O Ânus Solar (e outros textos do sol)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p.53-80.

BBC News. **'Blob'**: o que é a misteriosa criatura com 720 sexos e sem cérebro. BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50094773>. Acesso em: 18 out 2020.

BBC News. **Como descobri que sou psicopata e que venho de uma família com 7 acusados de assassinato**. BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51819755>. Acesso em 10 nov. 2020.

BBC News Brasil. **Por que civilizações antigas não reconheciam a cor azul?**. Website. BBC, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160221_civilizacoes_antigas_cor_azul_rb. Acesso em: 15 nov. 2020.

BENYUS, Janine. **Biomimética**: Inovação inspirada pela Natureza – 1997. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix. 2003. Cap. 6: Como armazenaremos o que aprendemos? Dança com as moléculas: computando como uma célula. p. 187–239.

BILHAR, David *et al.* A systematic review of the neuroanatomy of dissociative identity disorder. In: **European Journal of Trauma & Dissociation** 4. França: Elsevier Masson SAS, 2020.

BLACK Mirror. Criador: Charlie Brooker. Reino Unido: Zeppotron, House of Tomorrow, 2011 – 2020. Série de televisão, digital, son., color.

BLAVATSKY, Helena. **A doutrina secreta: síntese da Ciência, Filosofia e Religião** - 1888. Vol. 1. Consmogênese. São Paul: Ed. Pensamento, 1969.

BORGES, José Luis. A biblioteca de babel -1941. In: **Ficções**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BRANT, Sebastian. “A Nau dos loucos” (*Das Narrenschiff*) - 1499. Pintura. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Narrenschiff_\(Brant\)_1499_pic_0001.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Narrenschiff_(Brant)_1499_pic_0001.jpg). Acesso em: 13 dez. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza editorial, 2009.

CAZUZA; FREJAT, Roberto. Pro dia nascer feliz. In: **álbum Barão Vermelho 2**. Rio de Janeiro: Som livre, 1983. Música (4 min e 27 seg).

CLARKE, Arthur C. **Profiles of the future, an inquiry into the limits of the possible** - 1958. Toronto: Popular Library, 1977.

CLARKE, Arthur C. **2001: uma odisseia no espaço** - 1968. Aleph, 2015.

CHIANG, Ted. **História da sua vida e outros contos**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

CYSNEIROS, Adriano B. **Da transgressão confinada às novas possibilidades de subjetivação: resgate e atualização do legado Dzi a partir do documentário “Dzi Croquettes”**. Orientador: Djalma Thürler. 2014. 114 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014

DALVI, Maria Amélia. **A verdade é a coisa mais revolucionária que existe**. Vitória, 02 set. 2020. Facebook: Maria Amélia Dalvi.

DA VINCE, Leonardo. Comparação do couro cabeludo com a cebola (**Comparison of scalp skin and onion**) - 1489. Caneta, tinta e giz vermelho no papel, 203 x 152 mm. Disponível em: <http://leonardodavinci.cc/codice-windsor/>. Acesso em: 10 out. 2020.

DA VINCE, Leonardo. Estudos anatômicos: cérebro, cavidades e nervos/ aparelho urogenital masculino (**Anatomical studies: brain, cavities and nerves / Male urogenital apparatus**) - 1506/08. Caneta e tinta marrom no papel, 192 × 135 mm. Disponível em: <http://leonardodavinci.cc/codice-windsor/>. Acesso em: 10 out. 2020.

DEBSCHITZ, Uta; DEBSCHITZ, Thilo. **Fritz Kahn**. Taschen, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - 1995. v. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, São Paulo: Editora 34 Ltda, 2007.

DELL’ORTO, Pedro Marques. **Arqueologia da mídia na era Pós-mídia: o ‘nascimento’ e a ‘morte’ do cinema**. 2016. 197 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia.

EMOTO, Masuru. **Mensajes del agua: la belleza oculta en el agua** - 1999. Ed. La Liebre de Marzo, Barcelona, 2003.

ESTAMIRA. Direção Marcos Prado. Produção: José Padilha. Documentário (121 min), digital, son., color. Rio de Janeiro, 2005.

FLOR. **Flor comenta sobre o livro e dieta “viver de luz”**. Youtube: Pânico Jovem Pan, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Oo9hpkYEPs>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FONSI, Luis. Despacito ft. Daddy Yankee. In: **Vida**. Porto Rico: Universal Latin, 2019. Música (3 min e 47 seg).

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica** - 1972. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

GALLANT, Jack. **Human brain mapping and brain decoding**. TEDxSanFrancisco, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ecvv-EvOj8M>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GARBUS, Liz. **What Happened, Miss Simone?**. Eagle Rock entertainment, 2015.

GIMÉNEZ, Juan Carlos. Abecedario de las enfermedades de los ojos, letra T. In: **Site Instituto oftalmológico doctor Goménez – 20-?**. Website. Disponível em: <https://www.doctorgimenez.com/noticias/abecedario-las-enfermedades-los-ojos-letra-t/>. Acesso em: 20 set. 2020.

GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido**. Editora Record, 2014.

GOETHE, Johann. **Círculo cromático do livro Teoria das cores – 1810**. Ilustração. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_cores. Acesso em: 10 out. 2020.

GOGH, Vincent van. **Carta de van Gogh para seu irmão Theo - 1882**. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/letters/let253/letter.html>. Acesso em 12 dez. 2020.

GOGH, Vincent van. **Imagem do manuscrito original de van Gogh para Theo**. Disponível em: https://www.pinterest.co.uk/pin/99853316711146979/?nic_v2=1alfAORyn. Acesso em 12 dez. 2020.

GOMES, Gustavo Laet. **A química atomista de Leucipo e Demócrito no tratado *Sobre a geração e a corrupção de Aristóteles***. 2018. 266 f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil, 2018.

GONZALEZ, Amelia. **90% do lixo eletrônico são jogados em países africanos**. G1 portal de notícias: Grupo Globo, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/90-do-lixo-eletronico-do-mundo-sao-jogados-em-paises-africanos.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GONG, Wenlin, 2015 *apud* CHEN, Stephen, **Chasing ghost images: Chinese scientists report breakthrough in a quantum camera for satellite use**. South China Morning Post, 2015, tradução nossa. Disponível em: <https://www.scmp.com/tech/science->

research/article/1792816/chasing-ghost-images-chinese-scientists-report-breakthrough. Acesso em: 10 mai. 2016.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Soft Subversions**: texts and interviews 1977-1985. Los Angeles: Semiotext(e), 2009.

GUEDES, Cíntia. **Desejos desviantes e imagem cinematográfica**. Orientador: Leandro Colling. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

HALLIDAY e RESNICK. **Fundamentos de física**: óptica e física moderna. Vol. 4. Trad. Ronaldo Sérgio de Biasi. Cleveland, EUA: Jearl Walker, 2012.

HARBISSON, Neil; RIBAS, Moon. "**What's it like to be a cyborg?**". Talks at google, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rRU62Csr_jI. Acesso em: 22 maio 2018.

HART, William. **Meditação Vipassana**: A arte de viver segundo SN Goenka. Pariyatti Publishing, 2012.

HAWKING, Stephen. **O universo numa casca de noz** - 2001. Tradução: Cássio de Arantes Leite. 1º edição. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2016.

HISTÓRIAS cruzadas. Direção: Tate Taylor. EUA: DreamWorks SKG, Touchstone Pictures, 1492 Pictures, 2011. Filme (137 min), digital, son., color.

HORTA, Mauricio. **4 é demais**: as pessoas que amputados por opção. Super Interessante. Abr. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/amputados-por-opcao-4-e-demais/>. Acesso em: 27 nov. 2014.

HOWARD, Ian. **Perceiving in Death**: basic mechanism. v.1. Oxford University Press, Inc: New York, 2012.

IKEA Pede Para As Pessoas Fazerem Bullying Contra Uma Planta Por 30 Dias: O Resultado Nos Abre Os Olhos! In: **Olha que vídeo**. 2018. Website. Disponível em: <https://www.olhaquevideo.com.br/video/17120/ikea-pede-para-as-pessoas-fazerem-bullying-contra-uma-planta-por-30-dias:-o-resultado-nos-abre-os-olhos>. Acesso em: 21 jun. 2018.

INSTITUTO de Pesquisas Ambientais e Humanidades (IPAH). Website. Bahia: IPAH, 2021. Disponível em: <https://www.institutoipah.com/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

JACK e o pêssego gigante. Direção: Henry Selick. EUA, Reino Unido: Allied Filmmakers, Skellington Productions Inc., Walt Disney Pictures, 1996. Animação (79 min), digital, son., color.

JASMUHEEN. **Viver de luz**: a fonte de alimento para o novo milênio. São Paulo: Aquariana, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** – 1976. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

JULIO, Rennan A. In: **Revista Galileu**. Website. Globo, 2014. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2014/10/conheca-mulher-que-enxerga-100-vezes-mais-cores-do-que-uma-pessoa-normal.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

KAHN, Fritz. **O corpo humano**. v. 1, 4 ed. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, Bahia, 1960.

KAHN, Fritz. **O corpo humano**. v.2. 6 ed. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1966.

KEYES, Ken Jr. **O centésimo macaco**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1990.

KOSTUCH, Lucyna; WOJCIECHOWSKA, Beata; KONARSKA-ZIMNICKA, Sylwia. Ancient and Medieval Animals and Self-recognition: Observations from Early European Sources. **Early Science and Medicine**, v. 24, n. 2, p. 117-141, 2019.

KUNZRU, Hari. Genealogia Ciborgue - 1997. In: **Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). 2 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009.

LACAN, Jacques. **Escritos** - 1966. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário** – Livro 2 – O eu na teoria de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

LAMBERT, Johann. **Pyramide Farben** - 1772. Ilustração. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Lambert_Farbenpyramide_1772.jpg&oldid=477569332. Acesso em: 10 out. 2020.

LEHMAN-WILZIG, S.; COHEN-AVIGDOR, N. **The natural life cycle of new media evolution: Intermedia struggle for survival in the Internet age**. *New Media & Society*, v. 6, 2004. p.707-730.

LEONARD, Annie. **A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.

LEMEBEL, Pedro. **Manifiesto (Hablo por mi diferencia)**. 1986. Disponível em: <http://lemebel.blogspot.com.br/2005/11/manifiesto-hablo-por-mi-diferencia.html>. Acesso em: 30 set. 2017.

LEMONS, Gabriela; BORISH, Victoria; COLE, Garrett; RAMELOW, Sven; LAPKIEWICZ, Radek; ZEILINGER, Anton. **Quantum imaging with undetected photons**. *Nature*, v. 512, p. 409-412, 2014.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34 Ltda, 1996.

LEWIS, AMINI, LANNON. **A general theory of love**. Nova Iorque: Random House, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

MAIA, Helder Thiago. **Devir darkroom e a literatura Hispano-Americana**. Editora Multifoco, 1º ed., Rio de Janeiro: 2014.

MALTZ, Maxwell. **Psico-cibernetica**. México: Herrero Hermanos Sucesores, SA, 1960.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**. Creative Commons Licence. Nova York, Londres, Sidney, Nova Delí: Blumsburry, 2013.

MAO, Francis. **A mulher que criou 2,5 mil personalidades para sobreviver a abusos do próprio pai**. Website. Sydney: BBC News, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49610088>. Acesso em: 16 nov. 2020.

MARSHALL, Justin; ARIKAWA, Kentaro. Unvonvencional colour vision. In: **Current Biology**, vol. 24, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960982214013013>. Acesso em: 14 set. 2017.

MARTIN, Claire. EnChroma's Accidental Spectacles Find Niche Among the Colorblind. In: **The New York Times**. Website. Nova York, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/16/business/enchromas-accidental-spectacles-find-niche-among-the-colorblind.html/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MCCRACKEN, Melissa. **Pink Floyd, "time"** – 201-?. Pintura. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/04/artista-com-disfuncao-neurologica-ve-cores-nos-sons-e-pinta-suas-musicas-prediletas/>. Acesso em: 13 dez 2020.

MCCRACKEN, Melissa. **Cello Suite Nº. 1**. – 201-?. Pintura. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/04/artista-com-disfuncao-neurologica-ve-cores-nos-sons-e-pinta-suas-musicas-prediletas/>. Acesso em: 13 dez 2020.

MCCRACKEN, Melissa. **Etta James, At Last** – 201-?. Pintura. Disponível em: https://www.pinterest.ch/pin/571253533978723213/?nic_v2=1a1fAORyn. Acesso em: 13 dez 2020.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding Media) - 1964. Trad. Décio Pignatari, São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MEIRA, Luiz. **Iridologia** – 20-?. Website. Disponível em: <https://luizmeira.com/iris.htm>. Acesso em: 20 mai. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** - 1945. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MILTON, John P. **Nature quest** – 2017. Disponível em: <http://www.wayofnaturebrasil.org/Programas-2017>. Acesso em 20 fev. 2021.

MILTON, John P. The Twelve Guiding Principles of Natural Liberation. In: **Way of nature**. 2014 - 2020. Website. Disponível em: <https://www.sacredpassage.com/index.php/about-us/12-guiding-principles>. Acesso em: 20 dev. 2021.

MOOJI. **Imperdível**: Mooji, eu só quero saber quem eu sou. Youtube: Moojiji, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZrTWZ8i2QjE>. Acesso em: 30 out. 2020.

MORIN, Edgard *apud* LECOMPTE, Francis. As certezas são uma ilusão. In: **Fronteiras do Pensamento**, 2020. Website. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-as-certezas-sao-uma-ilusao>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MUCO. Direção: Oberom Aum. Documentário longa-metragem. Maha comunicações, 202-?.

MULLER, Henrique Reichmann; PRADO, Karin Braun. Epigenética: um novo campo da genética. **Rubs**, v. 1, n. 3, p. 61-69, 2008.

MUR, Diego Ignacio. **Las corporaciones Judías poseen el 96% de los medios de comunicación del mundo**, 2013. Disponível em: <http://bwnargentina.blogspot.it/2013/09/las-corporaciones-judias-poseen-el-96.html>. Acesso em: 13 nov. 2015.

NOBEL LECTURE: Yoshinori Ohsumi, Nobel Laureate in Physiology or Medicine 2016. Suécia: Nobel Prize, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Uu9feq0fR0>. Acesso em 20 jun. 2018.

NOBLE, Kim. **About** [20-?]. Website. Disponível em: <https://www.kimnobleartist.com>. Acesso em: 18 nov. 2020.

NUNES, Murillo Azevedo. **O paraíso é aqui**. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 1997.

OLIVEIRA, André Jorge. Pesquisadores comprovam existência de matéria escura na região central da Via Láctea. In: **Revista Galileu**, 2015. Website. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2015/02/pesquisadores-comprovam-existencia-de-materia-escura-na-regiao-central-da-lactea.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

O LUGAR. In: **Patrimônio do Matutu** - [20-?]. Website. Disponível em: <https://patrimoniodomatutu.com.br/o-lugar>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ORR, Leonard. **Physical immortality**: the science of everlasting life. Berkeley, EUA: Celestial arts, 1981.

OXFORD. **Dictionary Lexico**. Website. Reino Unido: Oxford, 2020. Disponível em: <https://www.lexico.com/definition/figment>. Acesso em: 26 nov. 2020.

PESSOA, Osvaldo Jr. **Conceitos de física quântica**. São Paulo: livraria da física, 2005.

PESSOA, Osvaldo Jr. O fenômeno cultural do misticismo quântico. In: FREIRE JR, O., PESSOA JR, O., and BROMBERG, JL., (orgs.). **Teoria Quântica**: estudos históricos e implicações culturais. Campina Grande: EDUEPB; São Paulo: Livraria da Física, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xwhf5/pdf/freire-9788578791261.pdf>.

PINK Floyd. **The Dark side of the moon** - 1973. Ilustração da capa do álbum. Disponível em: <https://www.ebay.it/c/1339262417>. Acesso em: 20 out. 2020.

PORTER, Eleonor H. **Poliana**. Tradução: João Sette Camara. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.

PRIBRAM, Karl H. **The form within: My point of view**. Westport: Prospecta Press, 2013.

PRIBRAM, Karl; MARTÍN, J. El funcionamiento holonómico del Cerebro. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 13, n. 2, p. 187-246, 1981.

ROBERSON, Debi; DAVIDOFF, Jules; DAVIES, Ian R. L.; SHAPIRO, Laura R. Colour categories and category acquisition in himba and english. In: BIGGAM, Carole Patricia; KAY, Christian; PITCHFORD, Nicola (Ed.). **Progress in Colour Studies: Volume II. Psychological aspects**. John Benjamins Publishing, 2006.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Pós-humanos – Por quê?**. Revista USP. São Paulo. n. 74, 2007.

SACKS, Oliver. **O que as alucinações revelam sobre nossas mentes**. TED, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SgOTaXhbqPQ&t=969s>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SCOLARI, Carlos. Media evolution. In: **International Journal of communication**. n.7. Califórnia, E.U.A: University of Southern California, 2013.

SCHIFFERMÜLLER, Ignaz. As cores florescendo (**Die Blühenden Farben**) - 1772. Ilustração. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ignaz_Schifferm%C3%BCller. Acesso em 10 out. 2020.

SETH, Anil. **Your brain hallucinates your conscious reality**. TED, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyu7v7nWzfo>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SHEHEITLI, Hiba; JIRSA, Viktor K. A mathematical model of ephaptic interactions in neuronal fiber pathways: Could there be more than transmission along the tracts?. In: **Network Neuroscience**, 2020.

SHELDRAKE, Rupert. **A ressonância mórfica e a presença do passado**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

SHELDRAKE, Rupert. **Part I: Mind, memory, and archetype: Morphic resonance and the collective unconscious**. Psychological Perspectives, 1987.

SISTEMA de cores. **Johann Heinrich Lambert** – 20-?. Website. Disponível em: https://www.colorsystm.com/?page_id=751&lang=de. Acesso em: 10 out. 2020.

STALLMAN, Richard M. In: MOTTA, Juliana. **Richard Stallman**: software proprietário é “colonização digital”. III Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica: Democratização, Emancipação e Sustentabilidade. Florianópolis, 2012. Disponível em:

http://2sitefmept.ifsc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=524:richardsta-llmann-software-proprietario-e-colonizacaodigital&catid=39:noticias&Itemid=222&lang=es. Acesso em: 15 nov. 2015.

STONE, Daniel. Na Ilha dos Daltonicos, o paraíso tem um tom diferente. In: **National Geograph**, 2018. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraíso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SZKLARZ, Eduardo. **Ele (quase) nasceu psicopata**. Website. Super interessante, 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-quase-nasceu-psicopata/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

TADEU, Tomaz. Nós ciborgues. O corpo elétrico e a dissolução do humano - 2009. In: **Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). 2 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009.

UNESP. **Sensores Ópticos: capítulo 1 – Noções Gerais de Ondas**. Ilha Solteira, São Paulo: UNESP, 2019. Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/Home/departamentos/engenhariaeletrica/optoeletronica/capitulo-1--nocoos-gerais-de-ondas05022019.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

URSINHOS Carinhosos. EUA: American Greetings, 1985. Animação, son., color.

VALDRIGHI, Ingrid. Os cinco corpos da yoga. In: **Anasakti Yoga**. Blogspot, 2016. Website. Disponível em: <http://anasaktiyoga.blogspot.com/2016/06/os-cinco-corpos-da-yoga.html>. Acesso em: 12 jan. 2021.

VALLERA, Maria Helena. Daltonismo. In: **Site Drauzio Varella**. Website. UOL, 20-?, Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/daltonismo/>. Acesso em: 20 set. 2020.

VAN LENGEN, Johan. **Manual do Arquiteto Descalço**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, Tibá Livros, 2004, p. 303.

VASCONCELOS, Mônica. **Pesquisador se descobre psicopata após analisar o próprio cérebro**. Website. BBC News, 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131223_psychopath_inside_mv. Acesso em: 10 nov. 2020.

VELOSO, Caetano. Sampa. In: **Muito (Dentro da Estrela Azulada)**. Phillips (CBD), 1978. 1 CD.

VERGANO, Dan. **"Spooky" Quantum Entanglement Reveals Invisible Objects**. National Geographic, 2014. Website. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/science/article/140827-quantum-imaging-cats-undetected-photon-science>. Acesso em: 20 de mai. 2016.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. 244f.

Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 2015.

VIPASSANA – o caminho da libertação. Direção: Daniel Labanca. Brasil: Sanfona filmes, 2018. Documentário (18min e 33seg), digital, son., color.

WATERS, Roger. Another brick in the wall. In: **The wall** - Pink Floyd. Estados Unidos, Inglaterra: Harvest Records, Columbia Records/Capitol Records, 1979. Música (8 min e 24 seg).

WATERS, Roger; GILMOUR, David. Wish you were here. In: **Wish you were here** - Pink Floyd. Estados Unidos, Inglaterra: Harvest, EMI, Columbia, CBS, 1975. Música (44 min e 28 seg).

WEISKRANTZ, Conrad. **Blindsight experiment – 1989**. Vídeo (4 min e 29 seg). GY, 1989. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wDt_Txi7pC0. Acesso em: 22 dez. 2020.

WEISKRANTZ, Conrad. **Blindsight experiment – 1989**. Website. Youtube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wDt_Txi7pC0. Acesso em: 22 dez. 2020.

WILDE, Sanne De. **A ilha dos daltônicos** – 2015. Fotografia. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2018/02/na-ilha-dos-daltonicos-o-paraiso-tem-um-tom-diferente>. Acesso em: 10 jul. 2019.

YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiografia de um Iogue** - 1946. Los Angeles, California, EUA: Self-realization fellowship, 2013.

YUKA, Marcelo. Minha alma (a paz que eu não quero sentir). In: **Álbum Lado B, lado A** – Banda O Rappa. Rio de Janeiro: Warner Music, 1999. Música (5 min e 2 seg).

ZIELINSKI, Ziegfried. **Deep time of the media**: toward an archeology of hearing and seeing by technical means, Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 2006, p. 30, tradução nossa.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. [... **After the Media**] **News from the Slow-fading Twentieth Century**. Minneapolis: Univocal, 2013.